O Marquez de Pombal

por

Antonio de Campos Jr.

O MARQUEZ DE POMBAL

Reservados os direitos do auctor

O MARQUEZ DE POMBAL

ROMANCE HISTORICO

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

VOL. II

EMPREZA DO JORNAL «O SECULO»
LISBOA

PQ
9261
C239AM3
1899
V.2

LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

SEGUNDA PARTE

A COMPANHIA DE JESUS

I

O HOMEM

Estamos no ultimo domingo de setembro de 1757. Sebastião de Carvalho é um homem essencialmente methodico e pratico. Não desdenha descer das mais altas questões da politica internacional ou da administração interna aos mais comesinhos problemas da fazenda e ás mais obscuras questões da segurança publica e dos serviços administrativos.

Tem cooperadores, carece de auxiliares, precisa da collaboração d'aquelles a quem hoje chamariamos os technicos; mas o seu prodigioso cerebro a todos subordina e dirige; mas o seu pulso de gigante a tudo imprime acção e vigôr, e é elle só o omnipotente impulsôr e o supremo arbitro de toda aquella enorme e complexa machina de homens e idéas, de paixões e interesses, de odios e privilegios, de instituições e agrupamentos sociaes, que se chamava a nação portugueza.

Não ha instituto mesquinho, nem obscura aldeia montezinha aonde não chegue a sua iniciativa reformadora, o assombro do seu nome, o terror da sua vontade inabalavel.

Na sua espantosa nevrose de luctador, de patriota, de precursôr de uma grande e fecunda evolução, podem deslumbral-o as proprias ambições, allucinal-o a febre das suas paixões pessoaes, exagerando o direito da propria defeza e endurecendo o coração no orgulho dos seus excepcionaes triumphos; mas o ideal da sua obra rehabilitadora é uma glorificação do progresso humano, mas o sentimento impulsôr das suas ambições reflecte os fulgores da velha alma portugueza. E' um homem a levantar uma nação!

E de tal maneira extraordinario, que o tempo lhe chega para ser o ministro dirigente de todas as secretarias de estado e o zeloso e directo administrador da sua propria casa! Mas do seu prodigioso tempo sómente reserva para os negocios da sua casa as manhãs dos domingos. Então verifica e dispõe as suas cousas particulares, feitôr e guarda-livros de si mesmo. (*)

Tem para si que não será grande administrador da fazenda publica aquelle que não souber administrar os seus proprios haveres.

(*) Vidè as *Recordações* de Jacome Ratton.

* * *

Tinha ouvido os caseiros e os mestres d'obras e estava concluindo as suas contas, quando o velho Manuel Bento, o seu amigo dedicadissimo, o seu mordomo honorario, lhe veiu annunciar que um sujeito bem trajado, já idoso e de maneiras fidalgas, pedia com instancia lhe concedesse uma audiencia, que não seria de longa demora.

—Nem estes dias me deixam para mim só! Não lhe disseste que aos domingos não costumo dar audiencia a ninguem?

—Isso lhe disse e repeti, mas tanto instou que viesse ter com v. ex.ª.....

—E não disse quem é?

—Disse que vinha de Inglaterra e que v.ª ex.ª o conhecia. Mas fala a nossa lingua como se fosse de cá.

—E' singular esse feitio de apresentação! Bem. Leva-o para a sala grande.

—Isso queria eu, mas ateimou em vir commigo e está ali na casa de espera, pois não quer que v. ex.ª se incommode, fazendo cerimonia com elle.

—Está bem. Que entre. E' talvez algum emprazador que eu tenho de aturar.

O Manuel Bento abriu a porta. Appareceu um velho muito pallido, um pouco alquebrado. Tinha aspecto distincto e apparentava mais de sessenta annos.

—O sr. secretario d'estado, Sebastião de Carvalho.....

—Eu proprio—respondeu o ministro de luneta em punho, cumprimentando-o. E logo disse de si para si: Talvez me conheça a mim; mas eu é que não o conheço a elle.

O velho fitou-o demoradamente, o olhar illuminado de jubilo e um sorriso de intimo consolo a entreabrir-lhe os labios.

—Queira assentar-se e dizer-me a quem tenho a honra de falar.

—Muito mudado estou então para que me não reconheça o glorioso primeiro ministro de el-rei de Portugal! Muito mudado ou muito esquecido por elle!

Sebastião de Carvalho olhou-o demoradamente.

—Não me recordo. Mas, provavelmente, dizendo-me o seu nome...

—Perdõe-me v. ex.ª este capricho de uma surpreza. Prefiro recordar factos a dizer um nome, que a memoria de v. ex.ª certamente já esqueceu, pois que de tantas outras coisas graves tem de lembrar-se na sua colossal tarefa. V. ex.ª dá-me licença—disse o recem-chegado indicando uma cadeira. Já nada pódem as minhas pernas de velho enfermiço.

—Pois não; queira estar á sua vontade.

—Venho de longe para cumprir uma promessa de ha muitos annos, e só agora, porque uma longa enfermidade me impossibilitou de vir mais cedo. As reminiscencias do coração são sempre mais duradouras que as da memoria. Ha trinta annos, n'essa mesma Lisboa, que o terramoto arrazou, um homem ainda novo, coração desfallecido de patriota, dizia commovidamente a outro, mais novo ainda, espirito de rara lucidez, moço de singular coragem e indomavel energia, a quem uma dôr immensa turvára o animo:

«Com a sua rija vontade, querer será poder.

«Aparto-me de si com saudade, mas vae commigo a esperança de ainda lhe ouvir o nome, sem ser na voz rancorosa dos seus inimigos. Até esse dia, Sebastião de Carvalho.»

E o ministro, que a pouco e pouco se fôra erguendo da cadeira muito commovido, exclamou, estendendo os braços para o velho.

—Paulo de Mendonça! Mas póde ser!

—Eu mesmo, como v. ex.ª é o *homem* de que Portugal precisava, o *homem* extraordinario que o meu descrido coração adivinhou.

—Rejeito esse tratamento cerimonioso. Rejeito-o agora, mais ainda do que ha trinta annos, agora para te poder abraçar como só se abraçam os amigos muito intimos, os maiores, os mais dilectos.

E abraçaram-se enternecidamente.

—Chefe dos *Capotes Brancos*, porque estonteadôras verêdas a gloria te ia seguindo até isto que és hoje, redemptor de uma nação que eu suppunha morta, ministro omnipotente que a Europa nomeia com assombro!

—Devo-te o que sou. Foram as tuas palavras de descrente que mais vivamente agitaram o meu coração de patriota, e foi a tua esperança no meu destino e o teu conselho de estimulo que me deram ener-

gia para abrir caminho, duro e aspero caminho...

—Que vae dar ás cumiadas da historia por onde as aguias vôam e o sol tem mais fulgôr.

—Palavras de amigo, que nos amigos é que eu tenho a minha maior fortuna. Tres ou quatro, se tanto, mas esses como ninguem os tem melhores. Assentêmo-nos. Que abençoada hora de consolo esta minha!

E attentando mais em Paulo de Mendonça, accrescentou:

—Se eu podia reconhecer-te, sem que me repetisses palavras, que só tu podias dizer! Depois, ha que annos deixámos de nos escrever! Tão apartados, em tão diverso destino! Lembrava-me de ti, dos teus vaticinios, tantas vezes os tenho lembrado! Mas depois da carta em que me dizias que tinhas de ir á America tratar de negocios de familia, nada mais soube de ti... a não ser um doloroso boato...

—Que tinha morrido na grande Antilha. Bem sei. Foi ha oito annos que esse boato chegou até cá. Estive á morte e nunca mais voltei a ter saude. Vinha de regresso em um navio francez, mas deu-nos caça uma fragata ingleza e fui dar a Inglaterra como prisioneiro de guerra. Ali demonstrei a minha qualidade de subdito portuguez e, graças aos bons officios do nosso ministro em Londres, fui posto em liberdade. Foi ha cêrca de um anno.

«Na legação portugueza soube do pavorososo terramoto e ouvi falar com assombro do grande ministro de Portugal, o *ministro Carvalho*, como por lá dizem. Tive o presentimento da verdade e perguntei quem era esse famoso ministro, de quem tanto se falava na soberba Inglaterra. Não me tinha enganado. Era o mesmo notavel ministro plenipotenciario que Portugal tivêra em Londres, o mesmo distincto enviado extraordinario que el-rei D. João V mandára á côrte de Vienna, antes de eu ter partido para as Antilhas.

«Nem preciso dizer-te o orgulho e o jubilo com que tal ouvi. Tinha eu tido ha trinta annos a rara fortuna de ser propheta na minha terra!

—Pois, meu amigo, são immensamente consoladoras para mim essas palavras de estimuto, mas a tua bocca não quiz dizer-me tudo. Lá tambem se ha de dizer muito mal de mim, porque eu faço absoluta distincção entre alliança e tutela, e vou rasgando conforme posso o vergonhoso tratado de Methwen.

—Sim, d'isso ouvi que se queixam por lá—volveu sorrindo Paulo de Mendonça. Admiram-te, são os grandes homens de estado da Inglaterra os primeiros a fazer-te justiça, mas percebi que não ficariam muito pezarosos se te vissem cair.

—Especialmente os homens das fabricas e os homens de negocio.

—Ouvi alguns com quem casualmente me foi dado conversar a respeito de Portugal. Falam apaixonadamente contra a quebra de certos privilegios que tinham em Lisboa, e contra umas companhias portuguezas de que eu não fiquei fazendo bem ideia, companhias privilegiadas...

—São as do Grão-Pará e Maranhão, e mais outras hão de apparecer ainda, para que o Brazil não seja uma possessão de Portugal, exclusivamente explorada pelos inglezes. E' uma companhia de monopolio, de privilegios, mas não havia outro recurso para oppôr ao açambarcamento inglez, n'um paiz sem iniciativas individuaes, sem capitães arrojados, marçano e recoveiro por conta da gente ingleza.

«O Brazil é um imperio, ainda semi-selvagem, mas muito maior e não menos rico do que a India que tivemos e nos tornou famosos. Se o tempo e a vida me chegarem, hei de fazer d'elle a grandeza e a força de Portugal. Não me convem que seja logradouro da Inglaterra nem viveiro dos padres da Companhia.

—Tambem se queixam amargamente de uns direitos que lhes impõem nas alfandegas de Portugal.

—Não é um novo direito, é um aggravamento de 4 0/0 sobre os direitos cobrados nas alfandegas do reino. Não podia haver excepção para elles.

—Chamam-lhe uma violação indirecta do tratado de Methwen.

—Fazem elles muito bem; mas é com esses 4 0/0 que nós vamos tendo dinheiro para reedificar Lisboa e para auxiliar a nossas fabricas, e d'isso é que elles ainda não sabem.

—Mas sem querer me fui alongando n'es

tas informações, tão descabidas n'este momento.

—Não; não; continúa, que me prestas um valioso serviço. Importa muito que eu saiba a opinião dos estrangeiros. Conta-me francamente quanto ouviste. As tuas informações são preciosas para mim. E's um informador de culto espirito e um amigo lealissimo.

«Não tenho outro assim, com largo conhecimento do estrangeiro. Fala desassombradamente, que nem tu imaginas o interesse immenso com que te escuto.

—Se assim o queres, da melhor vontade. Todas as conversas que te digam respeito me interessam tanto como se fosses pessoa que me pertencesse.

—Provavelmente disseram-te muito mada *Companhia dos vinhos do Alto Douro.*

—Disseram. Chamam-lhe um erro.

—Talvez seja, mas é bem intencionado. Tive de acudir a essa immensa riqueza da nossa agri cultura, que estava desacreditada e quasi perdida.

«E era isto o que fazia conta aos mercadores inglezes. Estavam comprando directamente aos pacovios dos lavradores, por dez mil réis, e até por seis mil réis, cada pipa de vinho generoso, que em outro tempo custava seis e dez vezes mais, emquanto os negociantes de cá iam desacreditando a mercadoria com umas estupidas falsificações.

«Ahi está porque lhes dóe. Era uma riqueza de milhões que se estava sumindo. Valem como se fossem de oiro os bagos d'aquelles vinhédos do Douro.

—D'isso não percebo eu absolutamente nada.

«Tambem se queixam muito do prejuizo que tens causado ás fabricas inglezas.

—E cada vez será maior, se o meu plano fôr ávante. D'isso me ufano eu. Portugal ha de produzir o que lhe seja indispensavel para viver.

—Que tens creado muitas fabricas. (*)

—N'isso exaggeram elles, infelizmente. Tenho auxiliado algumas, hei de promover a creação d'outras, mas, desgraçadamente, nem o tempo nem os recursos teem chegado para lhes tornar o dito verdadeiro.

«D'aqui a uns annos o poderão dizer com inteira verdade.

—E, provavelmente, tambem exaggeram nas suas queixas a falta de regalias que têem agora em Lisboa os seus commerciantes.

—Iguaes queixas fazem pela sua parte os francezes. O que elles queriam sei eu; mas isto mudou.

—E' verdade que pediram licença para formar um bairro áparte em Buenos-Ayres e lh'o não consentiste?

—E' verdade. Que vão morar para lá os que quizerem ir, mas bairro privilegiado de uma potencia estranha não o quero em Lisboa, capital de uma nação soberana.

—Pois já falam abertamente em reclamar a intervenção do seu governo, para que seja cumprido á risca o tratado de Methwen.

—E' já tarde. Cada vez o hei de rasgar mais. E não descanço emquanto não transferir para mãos de portuguezes o grande e o pequeno commercio de Lisboa, quasi todo ainda nas mãos d'elles. E' uma questão de tempo e de opportunidade. Plano para isso já eu tenho. Será violento, não duvido, mas, n'estas circumstancias excepcionaes, só violentamente se póde ganhar em alguns annos o caminho que se perdeu em mais de um seculo.

—Dizem então que estás faltando aos compromissos da nossa antiga alliança.

—N'isso é que elles mentem descaradamente. Emquanto não houver affronta á honra nacional, não quero outra alliança politica, nem elles encontrarão outra que mais lhes convenha. Mas transformado em povo de marçanos e de lacaios da Inglaterra este povo de navegadores, que lhes abriu a elles os caminhos da Africa e do Oriente, isso não, isso não quero eu. Teem-me feito a mim tentadóras promessas de alliança a Hespanha e a França, e não as acceito.

—Por tal motivo és duramente censurado em Paris.

—Não me espanta. De mais a mais, desde que saiu d'aqui o conde de Bachi.

(*) No mesmo exaggero caiu Saint-Julien, informando ao seu governo, em meados de setembro de 1757, que o *ministro Carvalho havia fundado um sem numero de fabricas e tratava de pôr a nação portugueza em estado de não depender dos estrangeiros, e que tal era o ponto que tinha, principalmente, em mira.* (*Quadro Elementar etc. Tomo VI.*)

—A esse mesmo ouvi eu asperas censuras em casa do conde de Merle.

—Esse conde de Merle é o embaixador que foi nomeado para representar a França em Lisboa, mas que ainda não veiu tomar posse. O outro foi d'aqui furioso contra mim.

—Isso percebi eu logo, e, para melhor fazer o meu juizo ácerca dos teus serviços, nenhuma objecção lhe apresentei, como alias tive tentações de fazer. Deixei-o falar desassombradamente.

—Ah! Então estiveste ha pouco em Paris?

—Estive. Ha quatro mezes. Lá tive de voltar por causa de uma complicada herança, a mesma que me levou as Antilhas.

—Mas disseste ao creado que vinhas de Inglaterra!

—Tive de voltar a Londres. E não estranhes que te não escrevesse; queria apparecer-te de surpreza.

«Contava chegar cá muito mais cêdo, mas a minha questão complicou-se nos tribunaes e em Londres se me aggravaram os padecimentos por tal fórma, que estive dois mezes de cama. Mas não vale a pena lembrar estas coisas minimas... Voltêmos ao conde de Bachi. Por quanto mal disse de ti avaliei eu a energia extraordinaria com que tens defendido a honra e os interesses de Portugal.

—Com sincera paixão os defendo.

—Elle a querer deprimir-te e eu a vêr-te cada vez maior. Houve um momento em que estive quasi a sacrificar o meu proposito de o deixar discorrer na sua linguagem vaidosa e attrabiliaria. Foi quando te pintou como um agente servil da Inglaterra, deante de mim, que tinha ouvido as queixas dos inglezes contra a altivez patriotica do teu caracter!

—Não te assombres. O Conde foi d'aqui levando de rastos o seu intoleravel orgulho, e é estrangeiro, é de uma nação que odeia a Inglaterra. Muito peor teem dito de mim alguns portuguezes, e mais ainda isto está em principio. Pondo de parte as antigas accusações de impiedade e de crueza, propria de quem tem *cabellos no coração*, o menos que me chamam é lacaio do rei, pois já me consideram ladrão dos dinheiros publicos!

—D'isso te não accuson a bocca damnada do Conde! Mas olha que me não pude contêr quando de escarneo te comparou a Sully e Cromwell, a Richelieu e Colbert. Não me contive e disse-lhe que a tua tarefa não era menos aspera, menos difficil e menos gloriosa, que a d'esses extraordinarios homens de estado, embora o orgulho das grandes nações iniquamente a julgasse mais humilde, porque ficava dentro dos estreitos limites de uma nação pequena.

—Quanto devo á tua generosa amizade!

—Era justiça. Travou-se então uma acalorada contenda, em que o Conde alludio ao atrazo, ao fanatismo, á educação jesuitica do povo portuguez, sem escolas, sem industrias, sem exercito e sem esquadras, com a terra inculta, o commercio em mãos estranhas e a consciencia aos pés dos padres da Companhia.

—N'isso, desgraçadamente, não exaggerou muito a sua má vontade contra nós. Mas tudo isso começou a mudar, mas tudo isso completamente ha de mudar, se me não faltarem a vida e a confiança do rei.

E Sebastião de Carvalho foi abrir um cofre de segredo, chapeado de ferro, e tirou d'elle um livro muito volumoso.

—Aqui está a resposta. Tenho aqui o meu plano, os apontamentos de quasi trinta annos, desde os meus primeiros estudos politicos no voluntario desterro de Soure até ás ultimas horas do meu serão d'hontem. O plano geral em poucas palavras se resume:

«Portugal entre as primeiras nações da civilisação, potencia de primeira ordem pelos seus dominios, vivendo na independencia do seu trabalho e dos seus recursos, sem os estupidos privilegios de tradição, sem a consciencia encarcerada em S. Roque e sem a bandeira estendida aos pés do estrangeiro.

—Grande, immensamente grande para mim, que o vejo atravez dos esmorecimentos de ha trinta annos!—exclamou Paulo de Mendonça com os olhos rasos de lagrimas.

—Immensamente difficil, meu amigo! Para levantar semelhante plano sobre o paiz que ia morrendo afogado no sangue de Alcacer-Kibir e deixava queimar nas fogueiras do Santo Officio a alma que os

iesuitas queriam amortalhar na sua rou pêta; para o fazer vingar n'esse Portugal guloso, ignorante e devasso, que D. João V nos legou, n'esse Portugal em que eu fui tambem um triste aventureiro; para o realisar na vida provavel de um homem, é preciso ir depressa, violentamente, revolvendo tradições, sepultando privilegios, esmagando sem piedade todos os odios e todos os interesses que se atravessarem no caminho. E' preciso um homem que não tenha coração senão para a sua obra, e não veja nos outros homens senão as pedras que se afeiçoam ou as pedras que se esmigalham para levantar do chão, em sólidos alicerces, o edificio de uma nacionalidade, que os infortunios e os erros dos homens pozeram em ruinas

—Para isso é que é preciso o *Homem* de quem eu te falava ha trinta annos; o *Homem* que tu és.

—Homem, que póde cair em meio do seu caminho, amaldiçoado de todos, carrasco para uns, ladrão para outros, inutil despota para os indifferentes, sinistro vencido para os inimigos. E os serviços que houver prestado hão de ficar enterrados com elle na lama das calumnias de que lhe fizerem jazigo.

—Mas acima de todos os odios, como o sol acima de todas as montanhas, a serena justiça da historia.

—A historia é escripta pelos que ficam, e tantas vezes pela mão parcial dos que venceram.

—Pessimista!

—Vejo as coisas como ellas são, para que a surpreza um dia me não esmague. Velho amigo lealissimo, o unico certamente que julgou possivel este destino de um brigão estroina, digo-te o que ainda a ninguem disse; vou confiar-te o que ainda a ninguem revelei.

«Aqui tens os apontamentos tomados dia a dia em tantos annos. São o producto do estudo que fiz no paiz; do que vi e observei em Londres e em Vienna. Aqui fui esboçando o que é preciso emprehender para que o meu plano vingue.

«Quando? Não posso dizer-t'o. A' maneira que as circumstancias m'o forem permittindo. E' impossivel fazer tudo ao mesmo tempo, especialmente no tocante ás instituições fundamente enraizadas na terra portugueza.

«Aqui tens o segredo do meu plano, que a ninguem disse e só a ti confio, por que foste para mim o inspiradôr de um novo destino.

—Vi e senti em ti a alma que ninguem mais soubéra vêr. Foi uma segura previsão, e creio bem que é na minha vida a coisa de que mais legitimamente me posso envaidecer.

—Mas eu não sei se estou abusando da tua benevolencia?

—Pelo amor de Deus! Dás-me uma prova de confiança tamanha e de tal modo assignalada, que o meu coração a recebe enternecidamente reconhecido. Tenho orgulho da tua obra, como se fosses um irmão meu.

«Sinto renascer em mim a crença de patriota, que ha trinta annos me parecia completamente apagada.

—Bem hajas. Tambem eu preciso desafogar com alguem que me comprehenda que sinta commigo e não seja capaz de envenenar os meus propositos.

«Não te cançarei com a indicação das mil coisas apparentemente pequenas que se têem feito e é indispensal completar. Parecem minimas e são essenciaes a esta grande e complexa machina de uma nacionalidade; pequenas molas, peças secundarias, rodêtas que nem todos vêem, coisas sem as quaes as outras maiores ficariam inuteis.

«Eu te resumo estes apontamentos nos seus traços capitaes.

«Começo por estes ramos de administraçao que, em meu entender, são a essencia da prosperidade e da força das nações, a primacial origem de toda a riqueza—a *agricultura*, a *industria*, o *commercio*.

«Já te indiquei qual tinha sido o meu pensamento creando a *Companhia geral dos vinhos do Alto Douro*. Hei de melhorar-lhe a organisação, os privilegios e os encargos. Levará a sua exportação até ao Brazil, que nos ha de valer mais do que a India, e tomará a obrigação de emprestar aos lavradores o dinheiro a 3 0/0, e não a 5 0/0, limite maior de juro que por lei se estabeleceu.

«Ja está beneficiada com privilegios e

isenção de tributos a plantação e cultura das amoreiras.

«Creio muito no futuro da industria da seda em Portugal. Tem saído para fóra muito oiro em pagamento das sedas para a gente rica e fidalga. Deixará de sair em proveito dos fabricantes.

«Hei de regular a cultura das terras, já que os proprios lavradores não teem tido o bom senso de as regular. O Ribatejo não da vinhos que possam competir com outros do reino, e Portugal tem de comprar todos os annos os cereaes que podia produzir.

«Começarei por ir desvinculando as terras, tornando-as livres pela extincção dos pequenos morgados, que de nada valem para a agricultura e são um viveiro de enfatuados preguiçosos. Essas terras irão passando para as mãos de quem trabalhe.

«Intento ajudar a creação de muitas fabricas para que o paiz não esteja na dependencia dos estrangeiros. Ajudal-as-hei, ainda que seja preciso dar-lhes isenções e emprestar-lhes dinheiro do estado. Fabricas de vidros, de cutelaria, de fundição de metaes, de relojoaria, de louças, de espelhos, de tinturaria, de cambraias, de tudo quanto vamos buscar lá fóra.

«Hei de accudir aos teares de lanificios da Covilhã, do Fundão e de Portalegre. Ha de tentar-se cá o fabrico da porcelana, e espero que o Brazil nos dê algodão para o fabrico dos pannos brancos.

«Tambem tenciono promover a creação de uma companhia de pescarias no Algarve. Será um augmento de riqueza n'aquelle reino, tão esquecido de todos.

«Tenho dedicado especial attenção á fabrica das sedas de Lisboa, e já no anno passado lhe decretou el-rei os respectivos estatutos.

«Hei de mandar construir casas baratas para os tecelões, ali para as bandas das *Aguas-Livres*, e estabelecer mais teares, que ajudem os da fabrica do Rato.

«E' grande e boa nobreza a do trabalho. Não vem de tradição, mas ha de começar agora. A fabrica será um solar privilegiado; a ferramenta um emblema heraldico. Os fabricantes de seda já têem no reino direito a concorrer a certos cargos, até aqui reservados sómente para os que tinham certas condições de nobreza. O mechanico deixou de ser um ente inferior, amarrado como um boi de nóra aos interesses e ao desprezo das classes privilegiadas.

—Soberbo! Soberbo isso!

—Quanto ao commercio alguma coisa se tem progredido e mais tenciono ainda conseguir. Não comprehendo uma nação de tamanhos dominios ultramarinos com o commercio nas mãos do estrangeiro. Já regulei a partida e torna-viagem das frotas e decretaram-se o anno passado os estatutos de uma junta de commercio.

«Hei de crear uma aula para o ensino da escripturação commercial. E' uma vergonha que os nossos negociantes tenham de mandar vir de Genova e de Veneza, a um conto de réis por anno, os guarda-livros e escripturarios para os seus estabelecimentos.

«E hei de conseguir levar lá el-rei para assistir aos estudos, para honrar a escola. E eu depois de el-rei; eu, sempre que os meus encargos m'o permittirem.

«Se as circumstancias me não adiarem muito esta ideia, creio bem que será a primeira aula de commercio estabelecida na Europa.

«E para completar a tarefa, embora dôa aos inglezes e cause estranheza ao conde de Bachi, decretar-se-ha, logo que as circumstancias o consintam, que nenhum subdito portuguez possa estar em loja aberta d'estes reinos, sem provar que tem parte nos lucros do estabelecimento.

—Mas isso é uma enorme violencia, que ha de levantar temerosos protestos!

—E' uma violencia, dizes bem; mas é o unico meio de transformar em socios dos inglezes, senhores do grande e pequeno commercio de Lisboa, esses pobres compatriotas nossos, que até agora teem sido apenas os seus caixeiros, a escravaria branca sem futuro, amarrada ao balcão estrangeiro.

—Fazes uma revolução!

—Antes que outros a façam. A revolução para edificar, feita pelo estado, é sempre mais fecunda e menos perigosa que a outra feita nas ruas pelo desespero.

«Quanto aos dominios do ultramar, bastante se tem regulado e muito mais é meu intento pôr em pratica.

«Está decretada a liberdade dos indios

do Maranhão; a liberdade de suas pesssoas e bens. Eram duramente explorados e opprimidos. Os do Pará teem já o direito de ser governados por seus naturaes. Ha de ser concedida egual regalia a todos os indios do Brazil. E já tentei lá o que o glorioso Albuquerque intentou em Goa: o cruzamento das raças pelo consorcio de portuguezes com mulheres indigenas.

«Quero fazer d'aquelle dominio uma terra portugueza; o segundo imperio de Portugal.

«Hão de regular-se melhor os serviços de justiça e de administração e hei de crear outras companhias portuguezas para Pernambuco e Parahyba.

«No intituito de fazer concorrencia aos inglezes e americanos, estou na resolução de fundar uma companhia para a pesca da baleia, industria de grandes interesses, se os maus administradores a não estragarem.

«Em Moçambique o commercio ficará nas mãos dos naturaes da India Portugueza. Em Angola não ha por'ora atravessadores estranhos.

«E para que a velha prosapia fidalga, que já não tem cruzadas nem conquistas, comprehenda que outro destino é agora o nosso, fez-se uma lei permittindo á nobreza que entre n'essas companhias e incitando-a a interessar-se n'ellas.

«Levanto a nova nobreza pelo trabalho e abro o caminho por aonde a outra de herança pode tornar-se util ao paiz.

—E' verdadeiramente uma transformação social!

—Que mais tarde ou mais cedo se ha de fazer lá fóra, e quem sabe com que maiores violencias e sobre que mar de sangue?

«Não quero tomar-te o tempo com minucias de regulamentação da justiça e da fazenda publica.

«Era tudo um cháos, um escandalo, um desperdicio! Tem-se reformado muita coisa, mas estou empenhado em tornar a justiça mais barata e mais ao alcance dos desprotegidos, em regular melhor a arrecadação dos dinheiros publicos e crear o erario régio, em que se concentre toda a contabilidade da fazenda e todo o producto dos tributos.

«Não temos exercito e não temos marinha de guerra. Aqui está outra urgente reforma, apenas imperfeitamente principiada.

«Estavam quasi ao abandono as velhas praças e castellos. Hão de ser restauradas e engrandecidas. Encontrei um exercito de dez a onze mil soldados miseraveis, sem instrucção, sem disciplina, mal pagos, alguns d'elles esfarrapados e pedindo esmola como mendigos. Os officiaes, fidalgos ignorantes e envelhecidos quasi todos elles.

«Ha de ser tres vezes maior, ha de poder hombrear com os melhores da Europa, embora, bem a men pesar, tenha de contratar no estrangeiro o organisadôr e os disciplinadores que não temos cá.

«Ha tres annos elevei-lhe a força a dezoito mil homens.

—Que miseria a nossa e que vergonha tamanha! N'essa penuria, n'essas deploraveis condições, soldados que foram sempre dos mais valentes da Europa!

—E na marinha de guerra desgraça ainda peor! Sem esquadra a nação que tem o maior imperio ultramarino, a nação que foi a soberba dominadora dos mares! No Tejo duas velhas naus armadas quando el-rei foi acclamado!

«Temos uma nau quasi prompta a ser lançada ao mar; em poucos annos haverá dez e outras tantas fragatas. Se fôr possivel, se viver, se governar, chegarêmos a ter nos mares trinta naus armadas. Mas talvez não seja possivel.

—Custam muito dinheiro e levam muito tempo a construir.

—Assim é; mas com metade do dinheiro que o sr. D. João V desbaratou, construiam-se e armavam-se oitenta.

«Quero mandar abrir estradas e canaes, levantar pharoes nos portos de maior importancia; abolir a odiosa distincção entre christãos novos e christãos velhos, tornar livres os escravos negros que viverem em Portugal ou desembarcarem em terras da metropole; apagar o desprezo que opprime os canarins e os mulatos, acabar com tanto frade, levantar em face das classes tradicionalmente superiores os mechanicos, os homens dos officios, os proprios comicos, porque o theatro póde ser tambem uma fecunda escola de civilisação.

—Decididamente, tu, o ministro da um

rei absoluto, queres ir mais longe e primeiro que esses philosophos sonhadores, que andam a agitar a consciencia da França!

«Conta-se que certa dama da côrte de Luiz XV disséra no paço: *Sopra um vento de philosophia que nos constipa.*

«Mas os antigos privilegiados de cá bem podem dizer que sopra um vento de revolução por cima do mar plebeu que tu levantas e em que elles se afundam.

—E não é tudo. Não descanço emquanto não arrancar de S. Roque a consciencia da nação e não rasgar a roupêta do jesuita á porta das escolas, das poucas e miserandas escolas que temos.

«Ha no paiz mais de oitocentos conventos; pois em poucos annos haverá mais de oitocentas escolas de primeiras lettras e humanidades para a gente pobre, para o povo.

«Tem havido tributos para tudo; ha de havel-os tambem para a instrucção. Crearei o *subsidio litterario.*

«O pobre mestre de ensinar a lêr, até aqui um humilde serventuario, hei de eu rehabilital-o, e será-o professor régio um cooperador dos progressos da nação.

«E não me esquecerei da nobreza que saiba e queira comprehender os seus novos encargos. Tenho em mente crear para ella um collegio de educação e ensino, que fique a par dos melhores da Europa.

—E na Universidade de Coimbra nada intentas reformar?

—Muitissimo, tudo; profunda reforma. Entrou lá a sombra do jesuita; engoiou-se, envelheceu, fez-se ridicula. E' das ultimas da Europa. Lá perde-se o tempo, está-se atrazado duzentos annos; não se estuda reflectindo; papagueiam-se velharias pueris. Com as suas *cadeiras grandes* e cathedrilhas, as suas horas canonicas de *prima, vespera, tertia* e *nôa*, as suas *postilhas* (*), a sua theologia que discute se Adão era hermaphrodita e se era branco ou vermelho o barro de que foi feito: a sua mathematica do tempo dos arabes e a sua medicina de Galeno e Avicêna, é bem uma grotesta mumia do tempo de D. João III.

—Realmente é uma vergonha! Com magua minha ouvi mofar do seu atrazo a um dos raros viajantes da França que teem vindo a Portugal.

—Pois ha de acabar essa vergonha. Hei de empenhar todos os possiveis esforços para que a Universidade de Coimbra fique a par das mais adeantadas da Europa.

«Para sempre fechados os collegios dos jesuitas e, a completar este plano de resurgimento pela instrucção, teremos imprensas regias em Lisboa e Coimbra, para a publicação de livros baratos, de livros de cá e de fóra, livros que hei de mandar traduzir e que até aqui nem os jesuitas nem a Inquisição deixavam passar.

—E a respeito da Inquisição? Deixas de pé essa monstruosidade?

—Não é possivel deitar a terra de uma vez todas essas instituições arreigadas no solo portuguez. Para ir a terra está outra primeiro, mais poderosa, essencialmente mais funesta.

«Mas a Inquisição já eu tenho açamada. Já não pode accender fogueiras, sem que lh'o permitta o governo do estado... Pelo menos, hei-de transformal-a n'um simples tribunal régio, e tirar-lhe a censura dos livros e o direito de os condemnar (*).

«Aqui tens resumido o meu plano. Se a vida me não falta, a vida e o rei, os filhos dos meus inimigos hão de encontrar em tudo, por toda a parte, um vestigio d'este *Sebastião José* que os paes odiaram.

«Poderei fazer tudo? Terei forças e vida para tanto? Não sei dizel-o. Nem sequer por que ordem irei emprehendendo tanta coisa. Hão de as circumstancias determinar-lhe a opportunidade.

«O que eu sei dizer-te é que para realisar tão profundas e complexas reformas, para as realisar em quinze ou vinte annos, e com maior delonga seria crêr demasiado n'uma excepcional velhice, é preciso ir para deante violentamente, correndo o risco das proprias experiencias.

«Se não esmagar os que me tomarem o

(*) *A postilha* era a veneranda mãe da *Sebenta.*

(*) Para avaliar melhor, serena e desapaixonadamente, o plano que Sebastião de Carvalho ligeiramente esboçou, têem os nossos leitores uma obra, que não reflecte a parcialidade de nenhum commentador. E' a *Collecção das Leys, Decretos e Alvarás* do reinado de D. José, nos seus enormes quatro primeiros tomos.

caminho, sou um homem irremediavelmente vencido. Se não segurar nas prisões os que na sombra me guerreiam, perderei, a luctar com elles, o tempo que é já escasso para levantar a nação.

«Dizem que me presumo de tudo emprehender sem auxiliares. Mentem. Não ha homem d'estado que possa conhecer todas as minucias e todos os complicados problemas da administração do estado. Tenho-o dito e já o escrevi. (*).

«Dizem que não tenho senão interesses meus e odios pessoaes a saciar. Paulo de Mendonça, calumniam-me! Tenho odios meus, rancores, defeitos, mas bem comprehendes que, só por estes estimulos pessoaes, para que era necessario empenharme em tão esmagadora tarefa? Podia parar agora, que tenho a confiança de el-rei, parar para vingar-me. Era coisa facil. E de que me serviam para isso as fabricas, a lavoura, o commercio, as escolas, a reforma das instituições sociaes, a revolução de uma sociedade, a pugna contra o orgulho estrangeiro, o engrandecimento do Brazil, a civilisação de um povo, o prestigio e a gloria do meu paiz?

«Para buscar maiores canceiras, para levantar maiores calumnias, para mover contra mim outros interesses hostis.

«Para anniquillar alguns homens não é preciso tamanha tarefa.

«Se a procuro, se n'ella apaixonadamente me empenho, é porque n'este coração calumniado tenho a ambição pessoal de ver o meu nome n'uma grande pagina da historia portugueza.

«Mas o mundo é assim. Ha de saber de cór os nomes dos que eu mandei prender, ha de chorar pelos que morreram na lucta, e terá esquecido o luctador nas fataes exigencias da sua propria defeza, nos perigos de cada hora da sua tormentosa existencia, quasi sósinho contra o mar revólto dos odios! Ha de ter de memoria as sentenças de morte, e não saberá ao certo quantas leis eu levei á assignatura do rei para que Portugal não fosse uma nodoa da civilisação e o escarneo da Europa.

«Hão de contar as gôtas de sangue que espadanaram em volta de mim, e talvez não saibam quantas affrontas arredei da santa bandeira de Portugal!

—Não; não digas assim!—exclamou Paulo de Mendonça, erguendo-se n'um impulso de enternecido assombro, a voz a tremer-lhe nos labios, os olhos marejados de lagrimas. Sinto que deante de ti resurge a minha alma de patriota, por tanto tempo descrida! Vejo-te ainda maior do que lá fóra te sonhava, desde que a admiração da Europa levantou a tua figura sobre as ruinas do terramoto, esse tragico pedestal da tua gloria!

«Comprehendo-te, e até me assombras pelo que se me afigura a incoherencia das tuas proprias idéas!

«Opprimes os homens e resurges a nação. Abates os privilegios tradicionaes...

—Porque são iniquos e estereis.

—E dás novos privilegios...

—Aos que trabalham, aos que podem ajudar-me a levantar a patria.

—Ergues mais alto o rei na sua absoluta soberania...

—E' a minha força para erguer tambem o paiz.

—Fazes do governo a dura tutela para uns, o amparo paternal para outros.

—E' assim que se governam as nações atrazadas e as nações decadentes. Precisam de tutela como a infancia e como a decrepidez.

—Em algumas reformas que te ouvi indicar irás adeante das nações mais cultas; da propria França, já agitada pelos philosophos revolucionarios.

—São essas as reformas que dependem sómente da energia de quem manda e não das circumstancias materiaes do paiz.

—Em outras, as de caracter economico, nos monopolios, nas companhias privilegiadas, vaes contra a corrente das idéas francezas.

—As nossas circumstancias são muito

(*) Carta a Martinho de Mello e Castro, ministro de Portugal em Haya, datada de Belem em 30 de agosto de 1753.

Eis um trecho: «*Ainda actualmente estou aprendendo, até de alguns dos mesmos officiaes da secretaria*, quando se apresentam coisas que eu antes não tinha praticado, e n'esta consideração tive por amizade procurar para v. s.ª o mesmo que sempre procurei, e ainda procuro para mim, com muitos mais annos de edade e no fim da carreira que v. s.ª ainda não tinha principiado.»

(*O Marquez de Pombal — Alguns documentos ineditos*, por J. F. Judice Bicker).

diversas. Não temos os recursos nem as illustradas iniciativas que tem a França. Um dia as poderêmos ter, e então talvez seja erro o que eu penso agora. Temos um grande imperio ultramarino, inculto e desaproveitado; o estado não póde fazer tudo e os particulares, dispersos e desajudados, não pódem fazer nada. Foi com uma grande companhia que a Inglaterra começou o seu imperio da India e a Hollanda o seu imperio do Oriente. E lá os têem ainda.

—Ah! mas como te julgariam todos, se tu podesses dizer á nação o que me tens dito aqui a mim!

—Não posso. Seria perder o meu plano. Todas estas coisas estão travadas com interesses e intrigas politicas, que mais facilmente se moveriam contra mim n'uma alliança esmagadora.

«Só a ti o disse; a ninguem mais o direi.

«Confio á tua lealdade segredos que seriam a total ruina da minha vida politica,

Paulo de Mendonça acercou-se do ministro

—Seja como fôr, és o *Homem* que eu sonhava. Não posso crêr que o povo, ao menos, te não faça justiça.

—Nem esse talvez. Será o primeiro a apedrejar-me no dia em que me vir vencido. Facilmente o levam como uma criança ou como um louco, e eu só tenho medo das crianças e dos loucos.

«Não posso viver tanto que elle chegue a comprehender a minha tarefa, e ha de julgar-me pelo que os meus inimigos lhe disserem.

se os meus adversarios os soubessem agora. O proprio rei se afastaria de mim atemorisado, se tudo isto conjunctamente lhe revelasse.

—Pois é um segredo que me enche o coração e que ha de morrer commigo. Pela minha honra...

—Conheço-a, Paulo de Mendonça. Ella me fará justiça, quando me souberes mais calumniado, ou quando a morte me levar antes de ter chegado ao cabo d'este asperrimo caminho.

—Não é preciso esperar tanto. Beijo-te as mãos fervorosamente em nome do glorioso Portugal que eu ha trinta annos julgava morto.

E ia para lhe tomar as mãos, mas Sebastião de Carvalho apertou-o nos braços commovidamente.

—E olha, meu amigo, mesmo depois d'estas reformas apparecerem, não estranhes que sejam attribuidas a el-rei. *Officialmente* quem tudo planeia, intenta e põe em pratica não sou eu; é o senhor D. José I.

—Bem sei—respondeu Paulo de Mendonça com um leve sorriso. O mundo é que não acredita n'esse mentiroso artificio official.

«Mas já não é mau que el-rei tenha o bom criterio de comprehender o teu plano.

* * *

—V. ex.ª dá-me licença?

—Que temos, Manuel Bento?

—Venho avisar a v. ex.ª que chegou agora o sr. padre Damião de Castro.

—Damião de Castro!—exclamou Paulo de Mendonça?!

—Sim; elle mesmo, o *santo jesuita*. Outro dos meus raros amigos.

—Que boa fortuna a minha! Como elle resistiu aos trabalhos do sertão!

—E cada vez mais santo! Manuel Bento vae dizer-lhe que o espero.

—Eu não lhe disse logo que entrasse, por não saber se v. ex.ª o podia agora receber.

—Posso; vae dizer-lhe que venha.

—Aqui está uma reliquia do tempo dos *Capotes Brancos*—disse o ministro, logo que o Manuel Bento saiu. Tem mais seis ou sete annos do que eu, mas é de boa tempera.

—E' o *creado antigo*, como os de outro tempo?

—E' outro amigo meu. Creado por dedicação. Bem tenho querido conserval-o ao pé de mim sem nenhuns encargos; elle é que não quer. E' dos que ficam até á morte!

Damião de Castro apparece á porta,

—Ora venha cá o meu velho missionario—disse-lhe Sebastião de Carvalho a sorrir. Tem aqui uma excellente surpreza.

Damião de Castro cumprimentou, relanceando um olhar investigadòr para Paulo de Mendonça.

—Tambem me não conhece!—disse o ex-official de marinha para o ministro.

—Damião de Castro, aqui tens aquelle valente official da batalha de Matapan, que ha quarenta e tantos annos conheceste em Lisboa; o nosso querido amigo Paulo de Mendonça.

—Paulo de Mendonça!—exclamou o missionario, indo para elle.

—Já muito velho, mas ainda com boa memoria dos amigos.

E abraçaram-se, dizendo commovidas palavras.

—Ora pódem gabar-se os dois—disse Sebastião de Carvalho, gracejando com os olhos rasos de agua—podem gabar-se de ter enternecido este coração, que dois milhões e meio de portuguezes, pelo menos, suppõem eriçado de rijos cabellos como focinho de bravio javali.

E depois de uma brevissima conversa, Sebastião de Carvalho perguntou ao missionario.

—Estamos em familia, podemos falar abertamente. E os noivos? Não te espantes, meu caro Paulo de Mendonça. Deu em casamenteiro o unico jesuita com quem eu queria ir para o ceu.

—Bom signal é que graceje o grande ministro de el-rei D. José.

—Queimavam-te vivo, se tal dissesses na *santa* casa de S. Roque.

—Não são tão maus como os suppões.

«Já lhes disse lá coisa parecida...

—Bem sei, e sepultavam-te vivo lá dentro, se lhes não causasse receio o homem que tem cabellos no coração. Mas deixèmos estas coisas graves e vamos lá a saber o que ha a respeito dos noivos.

—Está tudo prompto.

—E a respeito do segredo que sabemos?

—Completamente seguro.

—Então agora?

—E' coisa decidida e para muito breve, se a Deus aprouver que não venha algum inesperado impedimento. E até venho cá por causa de um pedido do rapaz...

—Fala desassombradamente.

—E' preciso combinar a desculpa que lhe havemos de dar. Sabe que tens

sido padrinho, até de pessoas bem humildes...

—O quê?! Metteu-se-lhe em cabeça que eu havia de ser o padrinho do casamento?!

—Exactamente. Comprehendo que não tem geito o pedido, mas isto lhe não podia eu dizer a elle, sem mais explicações. Considera-te o seu mais valioso protector, e escuda-se com os precedentes.

—Bem sei. Não ha ministro que tenha mais afilhados do que eu! Nem mais afilhados nem mais inimigos. Mas é preciso vêr como o havemos de dissuadir d'essa idêa. E já escolheu o outro padrinho?

—Tem vontade de escolher um dos seus amigos intimos, o filho mais novo da marqueza de Tavora, o José Maria.

—Que diacho de lembrança!

—Mas quer saber a tua opinião.

—Não tenho opinião a dar-lhe. Faça a escolha que entender melhor. Mas o José Maria reconhecerá Helena?

—Já a viu e já lhe pareceu que a havia reconhecido, porém Jorge Gustavo facilmente lhe desvanêceu similhante idêa, contando-lhe sinceramente a historia que sabes. Um e outro ficaram convencidos de que se tratava apenas de uma extraordinaria semelhança entre Helena e a outra.

—Pois sim, mas o José Maria póde ir contar isso mesmo ao tio, que é manifestamente tolo, e o frade cair em alguma inconfidencia.

—Não cairá, visto que esse caso da saída de Helena passou a ser um segredo do Santo Officio.

—Mas nós estamos com estas mysteriosas coisas deante de um amigo, para quem não podemos ter confidencias. Paulo de Mendonça, eu te conto em duas palavras do que se trata.

—Mas, por quem és, nenhuma estranheza me póde causar que tratem assumptos reservados deante de mim—observou Paulo de Mendonça.

—Não, não; parece que precisamos de guardar de ti algum segredo, e nenhum, absolutamente nenhum, podemos ter que te seja vedado. Algumas palavras bastam para ficares sciente do que se trata.

E contou-lhe resumidamente a historia de Joanna Richter e da filha.

* * *

—Comprehendes agora as razões de escrupulo que eu tenho para não acceder ao pedido d'esse intrepido rapaz, que é já um dos mais distinctos officiaes do exercito.

«Alguma coisa se poderia descobrir, quando menos o pensassemos, e os meus inimigos mais haviam de aggravar então o escandalo com o facto de eu ter sido padrinho do casamento.

—Mas pódes dar-lhe qualquer desculpa —observou Paulo de Mendonça. Por exemplo, que desejas interessar-te pelo seu adiantamento no exercito, e não querias que os maldizentes attribuissem a suspeito favor ao afilhado o que fosse tão sómente justiça aos meritos do official.

—Lembras bem.

—E se vês que a esse nobre moço de algum modo póde ser agradavel que te substitúa quem, á falta de outros titulos, tem, principalmente, o de ser teu amigo e devotado admirador, dispõe de mim francamente.

—Oh! mas isso é uma extremada gentileza da tua amisade!—disse Sebastião de Carvalho, apertando-lhe as mãos radiante de jubilo.

E logo accrescentou, sorrindo para o missionario:

—Meu santo casamenteiro, leva esta boa nova a Jorge Gustavo. E' de auspiciosa fortuna para o noivado. Dize-lhe que este padrinho que lhe offereço, amigo meu dilectissimo, tem um honrado nome e um grande caracter. Conta-lhe que foi um illustre official da inclita marinha portugueza e que, tão moço como elle é, se bateu heroicamente no estreito de Malaca e na batalha naval de Matapan—na fragata *Nazareth* contra os francezes, na nau *Santa Rosa* contra os turcos. Os fulgores de duas soberbas victorias lhe illuminaram a intrepida mocidade.

—Então, Sebastião de Carvalho!...

—Tenho, ao menos, boa memoria, meu caro Paulo de Mendonça. Nenhum padrinho melhor para o glorioso alferes do 1.º de novembro de 1755. Nenhum.

—Parece que está Deus em nosso favor! —exclamou Damião de Castro com o olhar illuminado de immensa alegria. Tens razão

Boa nova lhes levo.

E, dirigindo-se a Paulo de Mendonça, disse-lhe enternecidamente:

—As tuas mãos para as beijar por elle!

—Oh! por amor de Deus! Estás a engrandecer loucamente o serviço mais insignificante que eu posso prestar a Sebastião de Carvalho. Não se fala mais em similhante coisa, ou arrepender-me-hei do offerecimento.

—Pois seja como queres—disse o ministro. Não se fala agora mais n'essa captivante gentileza.

«Trouxeste familia?

—Não. Tenho um filho a estudar em Paris. Sou viuvo ha nove annos.

—Não sabia!

—Vim para cumprir a promessa que te fizéra.

«Talvez fique por aqui. Estou velho e quero acabar na minha terra. Apezar de todas as descrenças e desenganos, dóe-me o coração no receio de morrer na terra estrangeira.

—Conta com esta casa como tua.

—Mil agradecimentos.

—Quero pedir-te a honra de jantares commigo.

—Pois sim; com todo o gosto.

—E ficas para a noite. Reunem-se cá algumas familias das minhas relações. Espero tambem o encarregado dos negocios da França, com quem me dou excellentemente, politica áparte, é claro. E tu, Damião de Castro, fica tambem.

—Eu não; perdôa. Tenho de levar a boa nova. Ha quem esteja esperando por mim anciosamente.

—E' isto! Todo elle se consagrou á felicidade dos seus protegidos!

—Estou no meu dever de padre. Já não tenho coração para outro empenho, nem creio que haja algum de maior consolo do que ajudar os que muito soffreram.

E despediu-se dos dois carinhosamente.

—Alma de santo desamparada n'estes nossos tempos!—commentou Sebastião de Carvalho, quando o missionario saiu.

—Como elle se transformou!

* * *

Estava animadissima a reunião em casa do primeiro ministro. Affavel, gracejador, de esmerada cortezia, primoroso conversador, ninguem havia de dizer que era aquelle homem o tutôr extraordinario e tantas vezes cruel de uma nacionalidade, que as suas mãos de gigante levantavam no mundo!

D. Leonor Ernestina, a filha do conde de Daun, recebia com a gentileza e o superior donaire de uma princeza.

Dobravam o joelho deante d'ella como deante de uma rainha. Aquella dama da mais alta aristocracia da Austria engrandecia-se no prestigio excepcional do marido; curvavam-se em volta d'ella os cortezãos do ministro omnipotente (*).

Era, porém, uma côrte ainda muito reduzida. Algumas damas do corpo diplomatico, alguns altos funccionarios; senhoras e fidalgos de menos elevada categoria. Da primeira nobreza, ninguem.

Conversava-se animadamente na sala grande, que estava longe de ser opulenta. Sebastião de Carvalho era muito comedido em despezas de ostentação.

Na salêta contigua cavaqueavam—é o termo—o primeiro ministro, D. Luiz da Cunha, ministro nominal dos estrangeiros e da guerra, Saint-Julien e Paulo de Mendonça.

Davam 11 horas, quando o Manuel Bento veiu chamar Sebastião de Carvalho para negocio urgente.

—Que é?—perguntou-lhe já á porta da salêta.

—Chegou agora ahi todo afflicto o desembargador das prisões da Junqueira.

—E depois?

—Disse que precisava de falar já a v. ex.ª, pois se tratava de um caso grave. Mal se lhe entendia o que dizia. Mandei-o entrar para a sala de despacho.

—Temos desleixo certo! Não ha recommendações que valham para esta gente!

E foi direito á sala de despacho.

—Estou desgraçado, sr. secretario de estado! — rouquejou o desembargador, muito velado, a tremer muito, quasi disposto a ajoelhar-se-lhe aos pés.

(*) No seu livro de viagens em Portugal o duque de Chatelet conta, por informações que lhe deram em Lisboa, que a esposa do grande ministro chegou a ser tratada com as homenagens que só é costume prestar ás princezas e ás rainhas.

—Não perca tempo com rodeios. Por maiores que sejam as suas responsabilidades, seja homem. Diga.

—O preso Gaspar de Lemos evadiu-se da prisão.

—Isso é impossivel, se não faltou aos deveres que lhe impuz—disse o ministro asperamente, com um olhar tôrvo de colera. Das prisões da Junqueira não se foge, senão por desleixo seu ou por traição do carcereiro e dos guardas.

—Perdõe-me v. ex.ª, mas não foi por desleixo meu que elle fugiu. Desappareceu o moço da cosinha, que lá se tinha admittido ha dias, e suppõe-se que foi elle quem lhe preparou a fuga.

—Porque admitte para o serviço das prisões o primeiro que lhe apparece?! Tamanha inepcia mais me assombra que a propria fuga!

—O outro moço tinha adoecido... o serviço era muito, appareceu aquelle a offerecer-se, trazia boas abonações...

—Abonações de quem?

—Do capellão do forte.

—Estava peitado pela gente de S. Roque.

«Não póde haver maior imbecilidade! Quando julga então que se deu a fuga?

—Depois da hora da ceia.

—E só agora chega?!

—Andámos a correr tudo para ver se o encontravamos escondido lá no forte.

—Dignos todos uns dos outros! Quem deu pela falta do preso?

—O carcereiro, quando foi experimentar as grades do carcere.

—Mas em que vergonhosa relaxação tudo isso está por lá, que um moço basta para dar fuga a um preso com quem á sua vontade se combinou, sem que ninguem désse por tal! (*) E o capellão abonadôr do moço?

—Desde hontem á noite que não tornou a apparecer lá.

—Fico sciente. Mande immediatamente chamar, o Andrade, dê-lhe as indicações de que elle precisar, e ordene-lhe em meu nome que ponha já os seus espiões em busca de Gaspar de Lemos, do capellão e do moço.

«Quanto a si, aguarde no forte as minhas ordens.

«Eu saberei até onde vão as suas responsabilidades.

—Por quem é, sr. secretario d'estado!...

—Pode retirar-se. Sua magestade lhe fará a justiça que merecer.

O desembargador saiu estarrecido. Comprehendêra bem o sentido terrivel d'aquellas palavras do ministro.

* * *

Sebastião de Carvalho voltou á sala apparentando uma jovialidade, que era a penosa mascara do seu desespero.

Deixarem-lhe fugir o seu mais odioso inimigo, um agente dos padres de S. Roque, aquelle homem infame, que voltaria a ser uma nova e temerosa ameaça contra a pobre Joanna e a filha!

Começaram a sahir os convidados. Paulo de Mendonça, que tinha notado alguma cousa extraordinaria no semblante de Sebastião de Carvalho, foi-se deixando ficar para ser o ultimo a sair.

—Estás fingindo uma disposição de animo que não tens—disse-lhe puxando-o de parte.

(*) Annos depois, apezar das maiores recommendações e da mais apertada vigilancia, ainda o regimen despotico das prisões foi violado por um moço durante anno e meio. O caso vem assim singelamente narrado pelo segundo marquez de Alorna na sua memoria intitulada *As prisões da Junqueira durante o ministerio do marquez de Pombal:*

«No principio houve aqui um moço, chamado Domingos, natural de Traz-os-Montes, creado do desembargador, a quem este ministro tinha encarregado o trato dos presos, que era de um genio compassivo, e de uma bondade natural admiravel. Continuamente estava empregado em animar e consolar estes afflictos, e como a muitos d'elles os cuidados de suas familias era o que mais os atormentava, chegou a tanto a sua caridade, que aos mais angustiados procurou logo noticias dos seus parentes. O bom successo das primeiras emprezas o affoitou para outras maiores; todos os que tinham casa receberam d'este modo toda a casta de allivios; e assim dinheiro como coisas de comer, remedios, trastes, etc., de tudo tiveram n'esse tempo abundancia. Constava-lhe quanto lá por fóra se passava, alcançavam gazetas, folhetos e outros papeis publicos. Por este moço se communicaram todos os presos por escripto, e tambem depois se visitaram uns aos outros de noite, e nas occasiões em que o desembargador sahia fóra ou estava occupado com visitas».

«Alguma coisa te preoccupa desde que te vieram chamar. Não te peço confidencias; peço-te apenas que me tranquillizes.

—Deixaram fugir das prisões da Junqueira o meu mais rancoroso inimigo. Correm novos perigos Joanna Richter e a filha.

—Velarêmos por ellas. Dá-me a morada de Damião de Castro para ir já d'aqui levar-lhe aviso.

—Está na mesma casa de Joanna. Irêmos os dois. Sairei sob qualquer pretexto.

E depois de ter ido falar a D. Leonor Ernestina, foi para a ségc com Paulo de Mendonça.

—E' incrivel! Fugir assim de uma das mais fortes prisões do reino!

—Não assombra. Vi a Bastilha. E'uma lobrega cidadella. Muralhas enormes, fossos, pontes levadiças, sentinellas por toda a parte; dizem que é a mais segura e tenebrosa prisão de estado que ha na Europa, e até de lá tem havido quem fuja!

A ségc descia aos solavancos a longa ladeira da Ajuda.

II

O DIA DE ANNO BOM

Estamos no primeiro de janeiro de 1758, *dia do anno bom,* como se chama sempre ao primeiro dia de cada novo anno.

Dia de inverno formosissimo, como elles tantas vezes nascem e resplandecem no carinhoso ceu de Lisboa. As flôres morreram, os ninhos ficaram desertos, não têem alvorada de gorgeios aquellas frias manhãs, mas no docel de azul purissimo pousa o sol a sua cabeça de oiro e luz, como um rei phantastico das lendas.

A filha de Joanna Richter casára muito recatadamente em fins de outubro do anno anterior. Durava o seu idyllio como no primeiro dia d'aquella anciada ventura, que por tantas amarguras lhe andára fugindo.

Casára-os Damião de Castro na egreja do convento da Madre de Deus. Fôra madrinha Branca, a irmã mais velha de Jorge; um dos padrinhos fôra Paulo de Mendonça, e, por impedimento de José Maria de Tavora, que estivéra doente, fôra o outro padrinho o antigo companheiro de Sebastião de Carvalho nos *Capotes Brancos*, o Antonio Manuel de Noronha.

Casamento á capucha, como é costume dizer-se quando elles são muito sem apparato.

Viviam n'uma casa linda e nova, com arvores e jardim, janellas para a soberba amplidão do Tejo, no alto das Chagas. Um encanto; mesmo uma casa de noivos.

Ella então, noiva de peregrino encanto, nos seus jubilos ingenuos de criança, nos sens castos arroubamentos de mulher amante, como as noivas dos sonhos, cada vez mais linda!

Era o dia do novo anno, o dia do *Anno Bom*; estava a pé mais cêdo. Fôra acordal-a a madrugada nos primeiros alvôres, em beijos de luz, beijos suaves de irmã.

Se até havia sonhado com a festa d'aquelle dia, como sonham as crianças, aquella noivasinha de dezoito annos!

Dir-se-hia que tinha mêdo que o dia lhe fugisse, e levantára-se cantando como as avesitas no seu amor de mães, no seu amor de amantes, quando rompem as madrugadas de abril.

A festa andava de ha muitos dias planeada.

Festa muito intima, que havia de ser um encanto.

Ao jantar a mãe, a sua *linda velhinha,* como ella lhe chamava, as irmãs e a tia de Jorge; o santo jesuita, o padrinho Paulo de Mendonça, que promettêra vir, e *os dois.*

Os dois! Que delicioso poema de venturas, como nunca nenhum poeta sonhára, a resumir-se n'estas duas palavras: *Os dois.* Olhos confundidos no mesmo olhar, almas abraçadas no mesmo extase.

Até lhe chegava a parecer mentira, velha mentira de algum pesadelo de sonho, o muito que n'outro tempo chorára e soffrêra!

E quem sabia lá se para o outro *Anno Bom* não haveria tambem na festa mais alguem pequenino, a resumir a alma e os beijos dos dois?

* * *

—Jorge, vem vêr que lindo sol nós temos hoje. Nem a gente dá pelo inverno! Olha o rio que parece de prata.

E abrio a janella de par em par.

—Minha criança!—disse-lhe Jorge Gustavo, acercando-se d'ella e beijando-lhe os revôltos cabellos de oiro fulvo.

—Se alguem ouvisse! O meu gentil capi-

tão de vinte annos a chamar-me criança!

—Não, não, quasi vinte um, se me fazes esse favôr.

—Olhem a grande differença!... Mas escute, senhor preguiçoso, que até chega a ser vergonha um capitão dos exercitos de el-rei assim preguiçoso! Escute como os sinos cantam! Em quanto os passaritos não voltam, cantam elles.

—E tu, meu amor.

—Ai quem me déra cá as manhãs de abril. O quintal cheio de flôres, muito vivas, muito frescas de orvalho, e ali n'aquelle laranjal os doiditos dos rouxinoes a cantarem muito, a despedirem-se das estrellas, a dar os bons dias ao sol que vem rompendo d'além, tantos d'elles noivos como nós, porque havemos de ser sempre noivos, não é assim?...

—Doidos, doidos, n'este immenso amor que se não define, é que nós havêmos de ser sempre.

—Sempre? E até quando eu fôr velhinha, ainda mais do que a minha santa mãe?

—Até quando fôres muito velhinha.

—Então muda-se muito...

—Deixal-o. A minha alma ha de ver-te sempre como tu és hoje, assim linda, minha vida!

—E tu um velho mestre de campo general, a ralhar muito.

—O que ahi vae! Que impaciencia a tua de vêr longe, tão longe!

—Ah! mas deixa estar que ainda que sejas um general muito rabujento, eu hei de estar sempre a lembrar-me do meu gentil alferes, do meu bello capitão...

—Louquinha que tu és!—respondeu-lhe, beijando-a soffregamente.

—Pois sim, mas o que eu quero cá é o mez de abril, o mez dos teus annos. Ha de fazer-se uma grande festa, maior do que a d'hoje. Muitas flôres, e o passarrêdo ali no quintal a cantar em teu louvor, ao pé dos seus pequeninos... Dos seus pequeninos!

E de olhos baixos, córando muito, subitamente se calou.

—Minha invejosa!—disse-lhe Jorge sorrindo e annediando-lhe os cabellos.

—Ai, mas nós aqui a conversarmos e tudo n'esta casa a dormir, havendo tanto que fazer! E os dias d'agora são tão pequenos, tão pequenos!

E, n'um movimento infantil, soltou-se dos braços de Jorge.

—Sou eu quo os vou acordar a todos. Hoje não é dia para dormir tanto. Minha mãe primeiro. Vae tu acordar aquelle santo pregniçoso do nosso velho Damião de Castro. Não é assim que se começa o anno.

—Vem cá, doidinha. Para que os havemos de ir incommodar? E' tão cedo ainda.

—Vou. Tenha paciencia, sr. capitão, mas quem manda hoje n'esta casa não é v. s.ª; sou eu.

E, dando-lhe um longo beijo, saiu do quarto a rir n'uma grande alegria de criança.

Mas ia a atravessar a salêta quando a mãe lhe saiu ao encontro, sorridente.

—Deus abençõe a minha filha e lhe dê um novo anno cheio de venturas.

—Ai que foi traição!—disse Helena, beijando-lhe as mãos e as faces.

—Madruguei a pensar em ti, meu amor.

—E eu a julgar que estavam todos a dormir!

—Surriada—disse-lhe o marido á porta. A presumpçosa a julgar que ninguem n'esta casa tinha madrugado como ella!

E dirigiu-se a Joanna Richter.

—Mãe, a sua benção.

—Deus os abençõe a ambos, que são a minha felicidade, tamanha como eu nunca a sonhei ter.

—E muito boas festas.

—As vossas, meus filhos, que nem eu desejo outras.

—Ah! mas quem nós temos de ir acordar é o nosso bondoso protector—disse Helena a sorrir. Sempre quero perguntar ao sr. Damião de Castro se pelos sertões se dorme a manhã na cama, apezar dos mosquitos.

—Não dorme, não, senhora—respondeu o missionario, que parára á porta escutando as palavras de Helena. As noivas pretas é que são ás vezes mais preguiçosas que certas noivas brancas de cá, por muito que os mosquitos as persigam.

Vinha mais pallido o velho missionario; tinha os olhos mais cavados. O sorriso era contrafeito, e n'aquelle gracejo estava o penoso disfarce do seu coração, para não ensombrar os jubilos de Helena, a quem tomára affeição como se fôra de pae.

Tinham padecido tanto, ella e a mãe, que a doce felicidade de ambas bem merecia aquelle sacrificio de santa piedade.

—Ah! que veiu surrateiramente para me pilhar!—disse Helena, indo para elle infantilmente. Pois em desconto d'esse peccado tamanho, dê-me a sua benção, e oxalá que tenha um novo anno, tão bom que só o mereçam os santos.

—Assim eu o fosse, para que Deus me ouvisse na supplica de me descontar a mim nas suas graças as muitas que eu desejo para a esposa do capitão Jorge Gustavo.

Helena agradeceu a gentileza, beijando-lhe fervorosamente a mão, que elle inutilmente procurou retirar.

Trocaram-se affectuosas saudações e por alguns momentos ficaram conversando despreoccupadamente em varios nadas da vida.

Apezar dos gracejos como de pessôas sem cuidados, alguem havia ali que não estava tranquillo. Era Damião de Castro.

* * *

Helena e a mãe tinham ido preparar-se para sair. Era dia de missa obrigatoria e não queriam faltar ao preceito. Iriam á egreja mais proxima.

Damião de Castro puxou Jorge Gustavo para o vão da janella e disse-lhe baixo:

—Não tem sido possivel encontrar Gaspar de Lemos, e preciso de prevenir Sebastião de Carvalho para mandar outra vez vigiar esta casa.

—Vigiar porquê?!

—Hontem á noite, já tarde, observei da janella do meu quarto uns vultos suspeitos, que andavam como que a observar esta casa, especialmente das bandas do quintal.

—Mas com que fim?!

—Com algum desalmado fim, se é gente de Gaspar de Lemos.

«Conhece já um pouco a razão do odio de Lemos a Sebastião de Carvalho. N'este segredo, que por lealdade lhe confiei, encontra o meu amigo o fundamento dos meus receios.

—Mas, francamente, o que eu ainda não consegui explicar a mim mesmo é esse odio implacavel, só porque ha trinta e tantos annos um e outro, rapazes ambos, se bateram e Lemos foi gravemente ferido por Sebastião de Carvalho. Disse-me que tinha sido por causa de uns amores...

—Sim, disse.

—Altos amores, provavelmente?

—Não sei... não posso dar-lhe mais exclarecimentos... Odio velho não cança e depois de Gaspar de Lemos se bandear com os inimigos politicos de Sebastião de Carvalho, não admira que dia a dia se torne mais implacavel contra o antigo rival.

E logo, de si para si, accrescentou:

—Valha-me Deus com estas meias confidencias, com estes embustes!...

Damião de Castro revelára ao capitão, sob promessa de completo segredo, o duello entre o chefe dos *Capotes Brancos* e o seu immediato; mas disséra-lhe apenas que fôra por causa de uns amores e de offensas profundas de Gaspar de Lemos a Sebastião de Carvalho.

Fizéra-lhe esta confidencia nas antevesperas do casamento de Jorge, para de algum modo lhe explicar o odio de Lemos ao primeiro ministro, e os receios em que estavam de que o fugitivo da Junqueira lhes movesse alguma torpe vingança.

Do passado de Joanna Richter nada se atrevêra a dizer-lhe.

—Mas continúo a perguntar a mim mesmo, como ha dois annos, o que podem ter com esses odios Helena e a mãe? Porque as perseguio Gaspar de Lemos? Porque ha de perseguil-as ainda? Como se vinga elle do primeiro ministro, opprimindo duas pobres mulheres, que nada teem com Sebastião de Carvalho? Aqui está uma velha pergunta, para a qual ainda não alcancei resposta com que a minha razão se conforme.

—Valha-me Deus!—disséra comsigo Damião de Castro. Como esta mentira me opprime!

—Contei-lhe em tempo — respondeu o missionario muito embaraçado—que o pae de Helena, de quem fui amigo, tivéra fundas inimisades com Gaspar de Lemos.

—Lembro-me perfeitamente, mas não percebi então, como não percebo agora, em que essas inimisades se relacionam com o odio ao antigo chefe dos *Capotes Brancos*, hoje ministro?

—Não se relacionam; aggravam-se. Bem vê que eu protegia esta familia e sou seu amigo intimo, um velho amigo de Sebas-

tião de Carvalho e um padre odiado em S. Roque, onde Gaspar de Lemos é considerado um cooperador dedicado. Isto bastava para aggravar os rancores do Lemos. Mas ha mais ainda: o esposo de Helena, o genro de Joanna Richter, e assim foi sempre conhecida, mesmo em vida do marido, é um illustre official muito dedicado ao ministro, que lhe consagra um affecto quasi paternal.

«Ao duro e vingativo coração d'aquelle homem isto basta para que a todos nos odeie.

«Ha de procurar ferir o ministro em todas as suas affeições.

—Já que não o póde ferir a elle directamente!

—E' immensamente mais difficil. A elle e á familia. A casa de Sebastião de Carvalho está bem vigiada.

—Pois que se acautele o infame! Assim eu o encontre diante de mim! Não me fugirá das mãos como fugiu do carcere.

—Jorge!—chamou Helena á porta. Esperamos por ti. Não vens?

—Vou sim. Até logo, meu padre.

—E dê-me outra vez a sua benção, sim? —disse-lhe Helena carinhosamente.

—Deus os abençõe e proteja, meus filhos.

* * *

Damião de Castro ficára na salêta sósinho.

—Andam a queimar-me a consciencia estas mentiras! Deus m'as perdõe. A verdade viria talvez ensombrar a tranquilla felicidade dos que tanto soffreram!

«Preciso de ir falar a Sebastião de Carvalho. E' cêdo ainda. Irei dizer missa a Belem.

«Falar-lhe! Com que magua o faço agora!

«Estou a recear que se quebre esta amisade de tantos annos. Horrorisa-me o sangue que se derrama, e o meu coração falará alto deante do ministro omnipotente.

«Ando a opprimir-me, para que no rosto me não transpareçam os receios que viriam turvar a doce paz d'esta casa e os horrores que podem apartar de mim o homem que eu estimo como irmão.

«Tamanho e tão glorioso homem, mas agita-se em volta d'elle um mar de sangue, cujos limites a minha alma não sabe prevêr!

Damião de Castro referia-se á execução dos amotinados do Porto.

Já sabêmos da revolta que houvéra n'aquella cidade contra a *Companhia geral dos vinhos do Alto Douro.*

Tinham sido ouvidas 251 testemunhas; eram 478 os accusados.

O crime fôra considerado de lesa-magestade, com o fundamento de que as leis e os interesses do estado constituíam a essencia d'essa magestade, de que o rei era o symbolo e a personificação.

Vendo na revolta os symptomas de uma poderosa rebeldia, que na sombra instigára os amotinados do Porto e podia investir com os mais altos poderes do estado, o ministro delineára, por detraz da alçada julgadora e dos juizes da Relação, o primeiro acto da tremenda tragedia politica, em que os seus adversarios seriam a um tempo collaboradores e funebres protogonistas.

A 11 de outubro de 1757, havia menos de tres mezes, fôra proferida a crudelissima sentença. Condemnava á pena de morte vinte e um homens e cinco mulheres; a degredo, açoites, confiscação de bens e multas 199 homens e 38 mulheres. Foram soltos ou absolvidos 215 homens e 16 mulheres.

A sentença de pena capital fôra executada logo em 14 de outubro; mas oito dos condemnados tinham fugido para fóra do reino e uma das mulheres não foi sujeita á pena ultima por estar para ser mãe.

A noticia d'este horror enchêra de magua o coração piedoso de Damião de Castro.

Maguas de apostolo sinceramente christão; maguas de amigo ainda maiores.

Sabia como era sanguinaria a justiça do seu tempo, ainda mais barbaramente implacavel quando a serviam paixões politicas, ouvira falar de pavorosas execuções em outros paizes; mas amargurava-o que o nome, já immortal, do ministro seu dilecto amigo, refulgisse alto como os astros, n'uma atmosphera rubra de sangue.

—Senhor! que misericordiosa esmola a vossa, acabando com esta minha inutil velhice!

E assim opprimido se poz a caminho de Belem.

* * *

Estava tudo prompto para o jantar de festa.

Helena, doida de alegria, tinha infantilidades adoraveis com que Joanna se embevecia, em requintes de enternecimento.

Nunca Helena beijára tanto a mãe: era a cada instante e por qualquer pretexto.

E quando a mãe voltava costas e ficava só com o marido, abraçava-o n'uns arrebatamentos bruscos de criança.

—Bonito, sr. capitãosinho! Está ainda mais doido do que eu!

Chegaram as duas irmãs e a tia de Jorge.

Com que affecto Helena as recebeu! Como que era empenho seu repartir por todos um quinhão da sua immensa felicidade.

—Mas o que tem a minha encantadora madrinha?—perguntou Helena á irmã mais velha de Jorge, na salasinha chamada do toucador, para onde levára as duas.

—O que hei de eu ter?—perguntou Branca, esboçando um melancholico sorriso.

Helena e as irmãs de Jorge

—Que linda festa a nossa, Jorge! O nosso *Anno Bom!* Eu nunca senti o coração tão doido!

«Chega a parecer-me que todos os pezares da minha vida foram um sonho mentiroso, já muito distante, muito longe! Não reparaste ainda que estou alegre como nunca?

—Linda é que tu estás, mais linda do que nunca! Até tenho ciumes de que outros olhos, que não sejam os meus, te vejam assim, encanto da minha vida!

—Saudades d'alguem; ora ahi está—respondeu, beijando-a.

«Eu tenho um dedo que me adivinha tudo. Mas fique sabendo a minha linda que eu hoje não dou licença a ninguem para estar triste n'esta casa.

—Que remedio senão dar-me licença a mim. Vim para lhe fazer a vontade, por ser muito sua amiga; mas não ha ninguem que entristeça por querer estar triste Ma-

guas bem sei que se disfarçam, mas nem sempre a gente as pode disfarçar.

—E todos cheios de lagrimas estes grandes olhos negros, tão formosos, de tanta meiguice! Má, má, que me quer entristecer tambem!

«Se pode lá haver razão para isto?—perguntou para a outra irmã de Jorge, a mais nova.

—Quem é feliz—acudiu Branca tristemente—nem chega a acreditar no que os outros soffrem!

—Louquinha! Se eu não sei o que é padecer?!

«Ninguem mais ditosa do que eu sou agora, parece que tudo em volta de mim é um sonho côr de rosa, mas antes d'esta immensa ventura, que lagrimas e que soffrer! Era uma noite cerrada, tamanha noite, tamanha! Nem quero que me lembre! Morria de mêdo, se me lembrasse que esse tempo havia de voltar!

E cingindo carinhosamente o busto esculptural de Branca, beijou-lhe os negros cabellos opulentos, em que o rosto de neve, tocado de um meigo fulgôr de alvorada, gentilmente se emmoldurava.

—Ora desabafe commigo a minha linda Branca. Houve alguma novidade que eu não saiba?

—Houve. O José appareceu-me esta manhã muito contrariado, porque a mãe soube que elle ia a nossa casa e quer prohibil-o de lá voltar!

—De lá voltar porquê?!

—Porque o Jorge é muito do ministro Sebastião de Carvalho, a quem deve a patente de capitão.

—Não foi favor; foi o premio da sua coragem. Mas favor que fosse, era razão para prohibir que José Maria de Tavora tivesse convivencia com Jorge e com os de sua familia?!

—Não era, não; mas tenho ouvido que a Marqueza é muito orgulhosa e não pensa senão em casar o filho com alguma grande senhora da côrte.

—Pois não é porque fosse muito feliz com o casamento do outro filho, se é certo o que eu tenho ouvido dizer.

—Pois sim, mas a gente que rodeia a Marqueza creio que não póde vêr o ministro Sebastião José, como lhe chamam.

«Bem vê, Helena; bem vê a esperança e a alegria que eu posso ter!

—Não; não, meu amor. O caso ainda não é para desanimar. O José Maria ha de encontrar meio de dissuadir a mãe de similhante idéa.

«Bem inferior era a minha condição, pobre e sem nobreza, e a vossa santa mãe, minhas irmãs, consentiu no meu casamento com Jorge.

—A minha santa mãe!—exclamou Branca a chorar. Essa não era soberba, como dizem que é a Marqueza.

—Mas o José Maria ainda hontem aqui esteve com Jorge.

—Elle disse-m'o e tambem affirmou que desobedeceria á mãe, se tanto fosse preciso. Mas de que serve? Se ella não consente no casamento, nem a mim me fica bem, nem Jorge ha de querer que estes amores continúem. Malfadados amores!

—Helena!—chamou Jorge Gustavo, quasi á porta. Venham, que já chegou o sr. Paulo de Mendonça.

—Ahi vou; ahi vamos já.

—Por ora não diga nada ao Jorge, não? —pediu-lhe Branca, muito em segredo.

—Não digo, não. Mas agora é preciso disfarçar.

* * *

Esperava-se por Damião de Castro.

—Como elle tarda!—disse Helena baixo ao marido. Deus permitta que não seja por lhe ter succedido algum mal.

Paulo de Mendonça conversava com Joanna Richter e com uma senhora de bastante idade, tia de Jorge. Era em casa d'esta senhora que viviam as irmãs do juvenil capitão, desde que a mãe lhes morrêra.

—Não achas Branca tão triste?—perguntou Jorge á esposa.

—Não admira. Falta-lhe aqui *alguem*...

—Que, provavelmente, apparecerá por ahi á noite, conforme hontem me prometteu.

—Sim? Pois vou dizer-lh'o já... Que, demais a mais, ella não está tão triste como te parece.

«E' dos teus olhos acostumados a ver a doida alegria com que eu tenho andado hoje.

Damião de Castro appareceu á porta.

—Ora, bem vindo seja!—exclamou Hele-

na radiante, indo para elle. Julguei que se tinha esquecido de nós, e já nos estava dando cuidado.

—Perdôem-me, perdôem-me por quem são—disse Damião de Castro com a voz a tremer-lhe nos labios e a fazer um enorme esforço para apparentar boa disposição de animo.

—Indulgencia plenaria. Deite-nos a sua benção e vamos para a meza—disse-lhe Helena com adoravel jovialidade.

E emquanto Damião de Castro cumprimentava a tia e as irmãs de Jorge e Paulo de Mendonça, a quem havia dias não tinha falado, Helena dizia em segredo, rapidamente, á mortificada Branca:

—O José vem cá logo. Disse-m'o Jorge, que já reparou na tua tristeza.

Foram para a meza. Um regalo de jantar á velha moda portugueza, na mais doce e captivante familiaridade.

Votos fervorosos por um novo anno de venturas, saudes affectuosissimas, uma alegria suggestiva, sincera, sem pretenciosas etiquêtas, n'uma intimidade encantadora.

Paulo de Mendonça era um cavaqueador delicioso.

Só ali havia alguem atormentado pelo proprio disfarce de algum angustioso pesar.

No fim do jantar a benção e as orações tradicionaes pelos ausentes bem amados, pelos queridos ausentes que nunca mais podiam voltar.

Foi o venerando missionario quem lançou a benção e pediu as orações. Tinha o aspecto de um santo patriarcha antigo.

Por alguns momentos os risos e os jubilos se mudaram em prantos de saudade.

* * *

Acabavam de se levantar da meza, quando o creado veio trazer uma carta para Jorge.

—O portador disse d'onde vinha e ficou esperando a resposta?

—Não, meu senhor. Disse que era urgente e retirou-se.

—Concedam-me licença — disse Jorge Gustavo, e afastou-se para o vão de uma janella.

Abriu; procurou a assignatura. Encontrou este nome: Gaspar de Lemos.

Empallideceu e sentiu que a vista se lhe turvava.

—Que nova infamia será?—perguntou a si proprio.

No vago presentimento de alguma coisa inquietadôra, Damião de Castro afastára-se um pouco disfarçadamente e não desfitava o moço official.

Paulo de Mendonça conversava com as senhoras e Helena escutava-o com immenso interesse.

A carta dizia assim:

«Apezar dos rafeiros que Sebastião José deitou atraz de mim, estou tão descançado e seguro, que posso mandar este aviso ao capitão José Gustavo, sobrinho do fallecido conde de S. João de Riba d'Anta.

«Fique sabendo que tem sido vilmente enganado pelo ministro seu protector, pelo falso jesuita seu amigo e pela mulher a quem deu a honra de tornar sua sogra.

«Só com uma certidão falsa podia ter casado.

«Sua mulher é filha adulterina de Sebastião José e d'essa mulher solteira, que foi amante do ministro que o favorece e se chama Joanna Richter.

«Joanna é filha illegitima de um hollandez; andou aos baldões como comediante de bojigangas e exerceu a industria de feiticeira por alguns annos, n'esta cidade de Lisboa.

«O velhaco de Damião de Castro sabe de tudo isto, mas é da panellinha de Sebastião José e tem razões para se interessar pelo capitão Jorge Gustavo. Foi o seductor da condessa de Riba d'Anta, que morreu em um convento, louca de magua por ter infamado o marido.

«Mas não basta ainda: Leonor de Riba d'Anta, prima do capitão Jorge Gustavo, falleceu mortificada no mosteiro de Odivellas, onde o Conde a encerrára para vêr se a livrava assim do libertino, que é hoje o carrasco de uma nação e o sabujo de um rei.

«Se o sobrinho de conde de Riba d'Anta vê bem em que lamaçal enterrou o seu brazão, não tem senão uma honesta resolução a tomar: pôr fóra de casa a feiticeira e a filha e atirar á cara do sogro, primeiro ministro, a carta patente com que elle o infamou,

«Fica prevenido de que tudo isto se ha de saber com escandalo publico, assim que as coisas mudarem.»

Jorge mal pudéra lêr as ultimas linhas d'esta carta. Turvára-se-lhe o olhar e como que o coração lhe parára de pulsar. Teve um instante de absoluto desalento e encostou-se á janella, immensamente pallido.

—Se isto será verdade?!—murmurou. Se tudo isto não é apenas uma torpissima calumnia?

—Tem alguma coisa, Jorge?—perguntou-lhe muito baixo Damião de Castro, que lhe lia no rosto o mixto de raiva e de angustia que o atormentava, e a pouco e pouco se fôra acercando d'elle.

—Tenho o coração afogado de vergonha e de desespero!—respondeu Jorge seccamente. Preciso de lhe falar a sós, immediatamente. Está mais tranquillo do que eu. Veja se lhe occorre um pretexto para sairmos.

—Qualquer serve

E dirigindo-se ás senhoras e a Paulo de Mendonça, disse-lhes:

—Queiram conceder-nos licença, ao sr. Jorge Gustavo e a mim para os deixarmos por alguns instantes.

«A carta que lhe trouxeram ha pouco trata de assumpto que me diz respeito e que os dois precizamos de resolver immediatamente. Não é coisa de grande importancia, mas de desagradavel surpreza para mim.

Jorge Gustavo conseguira dominar um pouco a sua profunda commoção e approximára-se, dizendo em voz mal firme:

—E' demora de pouco tempo.

Paulo de Mendonça percebeu na voz e no semblante dos dois que alguma coisa grave se disfarçava n'aquellas mentirosas palavras.

Helena acercou-se do marido,como levada pelo vago e indefinivel presentimento de um perigo.

—Jesus! como estás pallido!—disse-lhe baixo, rapidamente. Jorge, que tens?

—Não é nada. Nós voltamos já. Era melhor ir para a sala.

—Pois sim, vamos—disse Joanna.

E foram. pouco depois de Jorge e Damião de Castro haverem saido.

Paulo de Mendonça reatou a conversa no intuito de apagar as inquietadoras duvidas, que já estavam transparecendo no olhar e na subita tristeza de Helena e de Joanna Richter.

Inutil empenho. Mãe e filha estavam opprimidas pelo mesmo receio de algum desconhecido pesar.

* * *

Entrêmos no quarto de Damião de Castro, o mais afastado da sala de jantar. Tinham fechado a porta.

—Se tudo isto quanto aqui escreveram não é um infamissimo tecido de calumnias, então sei eu agora a mysteriosa historia que o *generoso coração* do vossa paternidade não quiz contar-me!

«Queira ter a benevolencia de lêr.

Damião de Castro tomou a carta e leu-a a tremer, como nunca tremeu.

—Então que me diz? E' mentira, é calumnia tudo isso?

—Não é.

—Ah! mas então, padre, em que podemos acreditar no mundo?

—N'aquelles que sinceramente nos amam, porque esses só mentem em favor do que suppõem a nossa felicidade.

—E', pois, verdade que Helena é filha bastarda do primeiro ministro e que a mãe foi uma comediante, uma feiticeira?

—Uma grande desditosa é que ella foi. Humilde, plebeia, pobre creança ao desamparo, andou na lama e ficou pura como os anjos; fez-se mulher e teve heroismos de abnegação como as santas! Como os anjos até que um immenso amor a desvairou, como as santas até mesmo quando os monstros brazonados da craveira de Gaspar de Lemos podiam chamar-lhe a amante de Sebastião de Carvalho.

E Damião de Castro contou singelamente toda a historia de Joanna Richter, tal como d'ella propria a soubêra e como antes lh'a contára o antigo chefe dos *Capotes Brancos*.

Mas disse-a com tão commovida admiração e com tal eloquente simplicidade, que Jorge Gustavo tinha os olhos cheios de lagrimas.

—Tive no mundo um nome fidalgo, sr. capitão Jorge Gustavo; pois julgar-me-hia honrado chamando irmã a essa mulher de tão singulares virtudes, a essa mãe de tão excepcional abnegação!

—Mas, por Deus, padre Damião de Castro! Era o meu amigo, o meu conselheiro, o meu protector, porque lhe não mereci então essa confidencia, que me teria

precavido o animo contra as investidas dos diffamadores?

«Apartar-me-hia de Lisboa, para bem longe, com a esposa que o meu coração escolhêra.

—Perdão. Tem o direito de ser o meu juiz, e tenho eu o direito de ser escutado na minha defeza.

«Hei de sair d'esta casa; quero arrancar-me ao resto de affeições que ainda tenho no mundo. Do seu coração é que eu não quero sair infamado. Queira ouvir-me.

«Podia e comprehendo bem que devia de contar-lhe a verdade no dia em que apaixonadamente me declarava que não queria saber de qual origem provinha Helena. E até o disse bem mais nobremente do que eu o saberia repetir. Falava o seu grande coração, falavam os seus dezoito annos enamorados, no enlevo e na admiração da linda e immaculada Helena. Nenhuma eloquencia igual.

«Podia e devia de contar-lhe tudo, porque acreditava nas suas palavras e lia na sua alma, como v. s.ª acreditava na pureza de Helena, na sua virtude, que nenhuma sombra offuscava, n'estas coisas sublimes, que se não recebem de herança e que tantas vezes se apagam nos appellidos de mais altivo passado.

«Mas o segredo não era sómente meu e hesitei em lh'o revelar. Faltei ao meu dever de padre e de homem leal. Faltei porque receava destruir a felicidade do sobrinho do conde de Riba d'Anta e da pobre filha de Joanna Richter.

«Acreditava no seu coração, mas tinha mêdo d'elle pela hora em que os preconceitos fidalgos lh'o assoberbassem ou lh'o envenenasse a perversidade infamadôra.

«Não me enganava. Ha dois annos dizia-me: Ainda que Helena viesse da infima ralé, fosse ella embora a filha de um carrasco, e querel-a-hia para esposa.

«Que importa ao joalheiro saber em que profundezas do mar se encontra a perola que o fascina e quem pergunta d'onde vieram as estrellas de mais suave fulgôr?

«Perdõe, se a minha memoria de velho não pôde guardar fielmente as suas palavras de ha dois annos.

«O pensamento era assim. Pois agora que um perverso lhe revela a historia de Joanna Richter, a criança ao desamparo, a honesta rapariga forçada ao exercicio de uma industria condemnavel, a desditosa amante, que se perdeu e se resgatou no seu immenso amor de mãe, mais alta do que outras nos degraus de um throno, santa como ellas são raras nas paginas dos velhos nobiliarios; agora sente-se affrontado por essa mulher de infima origem e talvez pela esposa amantissima, que não é a filha legitima de um carrasco, mas a filha bastarda do mais glorioso homem que tem hoje este paiz!

«Disseram-lhe, e perturbou-o saber, em que lama plebeia nasceu a peregrina perola e de que baixa origem vem a fascinadora estrella!

«Bastarda! E, todavia, capitão Jorge, a sua nobilissima espada tem-se abatido em continencia aos bastardos, que estão em volta de um throno, infantes illegitimos cobertos de honras, filhos sacrilegos de uma monja de Odivellas!

«Agora, capitão, siga o conselho de Gaspar de Lemos. Atire a sua carta patente á cara de Sebastião de Carvalho e expulse de sua casa a feiticeira e a filha. Irei adeante d'ellas, para que não vá a calumnia encontral-as sósinhas.

—Não, não. Isso nunca!—exclamou Jorge Gustavo, n'um arrebatado impulso do coração.

«Tudo isto me opprime! Eu podia lá apartar-me de Helena?! Amo-a perdidamente. Endoidecia, morria de desespero, se a perdesse!

«Fui injusto, desvairou-me esta envenenada surpreza que me arremessaram contra o coração, na hora de celestial felicidade que eu tinha sonhado.

«Perdão! Perdão, meu generoso amigo. Peço-lh'o de joelhos como um grande peccador.

—Jorge Gustavo, o reu sou eu. Ainda tenho outra falsidade a confessar. Helena esteve nos carceres da Inquisição; arrojou-a para lá Gaspar de Lemos, denunciando-a como filha de feiticeira, cumplice da mãe.

«Soffreu horrorosamente a pobre criança. Fui eu lá buscal-a, graças á poderosa intervenção de Sebastião de Carvalho.

«O que lhe contei, o que ella contou, foi uma piedosa mentira, para que não se at-

tribulasse ainda mais a alma da mãe, que tantas dôres tinham mortificado.

—A minha amada Helena!

—Cheia de resignação como as martyres, a chorar pelos seus perdidos sônhos, anjo torturado n'aquelles sinistros horrores.

—Mas deixe-me beijar-lhe essas mãos de santo.

—Jorge Gustavo, não profane essa grande palavra, applicando-m'a. Releia a carta de Gaspar de Lemos. Falta ainda uma accusação a derimir, e d'essa me não posso eu defender.

«Sou um homem ralado de remorsos. A minha mocidade morreu, por mim propria amaldiçoada, e amortalhou-se n'esta roupêta.

«Gaspar de Lemos disse a verdade. Amei a condessa de Riba d'Anta. Jorge Gustavo, tinha vinte annos e envelheci a chorar! Sou agora n'esta casa uma affronta para si.

E chorava.

Jorge Gustavo acercou-se d'elle commovidamente.

—E' n'esta casa um dedicado amigo. Era Deus quem podia perdoar-lhe e piedosamente lhe perdoou, dando-lhe essa grande alma de santo.

—Filho dilecto da minh'alma!—soluçou o velho, abraçando-se ao moço official. Veja que principio de anno para mim! Este profundo desgosto a pouco intervallo d'outro...

—Meu Deus, que me ouviste—supplicou, afastando-se de Jorge Gustavo e pondo as mãos—perdôa me as palavras que não foram humildes e lembraram-os peccados e a deshonra dos que a tua justiça terá julgado!

Damião de Castro e Jorge Gustavo

* * *

Tinha anoitecido.

—Jorge! Jorge!—chamava Helena á porta do quarto onde se tinham fechado o missionario e o marido.

—Que é, meu amor?—perguntou Jorge Gustavo, indo á porta.

—Jesus, que demora! Chegou agora uma carruagem com o secretario d'estado Sebastião de Carvalho.

—Com Sebastião de Carvalho?!—veiu á porta perguntar o missionario.

—Elle mesmo. Disse que precisava de falar urgentemente a vossa paternidade.

E foram para a sala, profundamente surprehendidos por aquella inesperada visita.

Sebastião de Carvalho cumprimentára cerimoniosamente as senhoras e estava falando com Paulo de Mendonça.

Joanna empallidecêra e ficára muito trémula.

Branca tinha outra vez entristecido. José Maria de Tavora não vinha, como promettêra a Jorge Gustavo.

O ministro falou com extremado affecto ao capitão e ao missionario.

—Sr. secretario d'estado, permitta-me v. ex.ª que lhe apresente minha esposa.

—Minha senhora — disse Sebastião de Carvalho, commovidamente—bem haja a boa fortuna que me da ensejo de lhe apresentar as minhas homenagens. Vejo confirmado o muito bem que me tinham dito dos seus dotes.

—Mercê de v. ex.ª—balbuciou Helena muito enleiada.

Joanna baixára os olhos cheios de lagrimas.

—Damião de Castro—disse o ministro quasi em segredo—és da casa; pede licença para nos afastarmos d'aqui por alguns instantes.

O missionario estava cada vez mais surprehendido. Primeiro pela estranheza da visita, e agora por aquella indicação de uma conferencia reservada, depois de uns factos que de manhã se tinham dado em casa do ministro e que muito profundamente lhe haviam maguado o coração.

—O sr. ministro quer falar-me em particular, disse para Joanna e Helena—e encarregou-me de lhes pedir licença para nos retirarmos por alguns instantes.

—Pois não—respondeu Joanna a tremer —S. ex.ª...

E disfarçou n'um cumprimento o enleio em que a phrase se lhe truncara.

Ao mesmo tempo, Sebastião de Carvalho disséra a Paulo de Mendonça:

—Da-me alguns momentos. Preciso de falar comtigo e com Damião de Castro.

—Pois sim. Completamente ás tuas ordens.

—Capitão, desculpe-me se vim interromper os jubilos da sua festa do *anno bom*.

—V. ex.ª será sempre bem vindo a esta sua casa.

—Obrigado. Tenho-o na conta de meu dedicado amigo.

E seguio Damião de Castro, acompanhado de Paulo de Mendonça.

* * *

Assim que chegaram ao quarto do missionario, o ministro disse:

—Tenho aqui os meus dois maiores amigos... ha outro, muito humilde, mas a esse o considero eu como pessôa de familia.

«Estão aqui aquelles em quem eu mais confio, os que melhor me comprehendem, os lealissimos depositarios de meus segredos.

«Magoei hoje um d'elles, venho apresentar-lhe as minhas explicações. Já que tenho a felicidade de encontrar os dois aqui, um será testemunha e juiz da homenagem que devo ao outro.

—Sebastião de Carvalho!—exclamou Damião de Castro, cada vez mais surprehendido—eu não sou homem a quem tenhas de dar explicações!

—Pois aos meus adversarios, aos meus inimigos, é que eu não as dou. E' preciso que me escutes.

E logo, voltando-se para Paulo de Mendonça, manifestamente maravilhado por aquellas palavras do ministro, cuja razão de sêr nem sequer podia sonhar, disse-lhe:

—Damião de Castro foi levar-me esta manhã as suas boas palavras, sempre consoladoras, sempre de amigo devotadissimo, e com ellas o aviso das suas desconfianças ácerca de gente suspeita que surprehendêra em volta d'esta casa.

«Succedeu, que no decurso da conversa, alludi eu ás execuções do Porto. Desconhecedôra dos encargos de quem governa, afastada d'este mar de odios politicos em que até o coração dos santos se afogaria ao peso de tantos rancores, a sua alma generosa inspirou-lhe palavras de piedade para os justiçados e de lastima para o ministro responsavel.

«Tinha desgostos profundos que me tur

vavam o animo e não me lembrei então do santo visionario que elle é.

«Minha mulher tinha recebido, logo de manhã cêdo, uma infamissima carta, revelando-lhe os meus amores de outro tempo com Joanna Richter e a minha protecção a Helena e ao marido.

«Vi chorar Leonor Ernestina e as suas lagrimas cairam me no coração como se fossem de fogo. A carta vinha firmada por um nome odioso, ignobil—Gaspar de Lemos.

«Não podem suppôr a tempestade de cóleras que me agitava, vendo perdida para os meus inimigos aquella tremenda lição do Porto!

«Incorrigiveis e cada vez mais audazes!

«E era exactamente na hora em que eu pensava no castigo enorme do infame, que hade voltar aos carceres da Junqueira, ou morro eu primeiro do que elle, era então que o meu, o nosso dedicadissimo amigo, tinha para mim palavras de amarga lastima, que mais me opprimiam por serem d'elle!

«Esqueci-me de quem me falava—com magua o confesso—e repliquei em desabridas palavras ao venerando homem, que por mim, o *impio*, como dizem os tantos que me odeiam, tem sacrificado a tranquillidade da sua alma immensamente justa!

«Paulo de Mendonça, saiu de minha casa a chorar, este velho, este santo, este amigo excepcional!

—Sebastião dé Carvalho!—exclamou o missionario enternecidamente.

—Paulo de Mendonça! Que infernal remorso o meu! Estava-me afogando a ancia de vir pedir-lhe perdão. Parecia que as suas lagrimas me pesavam no coração como rochedos enormes!

«Damião de Castro—accrescentou, abrindo os braços para o missionario—perdôa-me. Por ti me perdôa, embora me não possas perdoar pelos outros. Isto é uma ladeira em que já não é possivel parar. Por muito que eu admire os sonhos da tua alma, não posso deixar que me esmaguem n'esta lucta, que só Deus sabe como e quando virá a terminar.

«Ha circumstancias em que só pelo terror se póde governar e vencer (*)

—Mas eu nada tenho que te perdoar! Eu a ti!—allegava Damião de Castro commovidamente.

—Ministro omnipotente!—disse Paulo de Mendonça—n'esta hora ainda me pareces maior!

—Boa hora consoladôra esta minha! Agora voltêmos á sala, que eu tenho de sair já.

—Ainda uns instantes—pediu Damião de Castro. Preciso dizer-te que veio tambem uma carta de Gaspar de Lemos para Jorge Gustavo.

—Contando-lhe tudo?

—Tudo.

—Bem me parecia a mim—pensava Paulo de Mendonça—que alguma coisa grave opprimia Damião e Jorge Gustavo.

—E depois?

—Jorge Gustavo, desvairado pela denuncia, chamou-me aqui e interrogou-me. Atormentava-me já tanta mentira e disse-lhe toda a verdade.

—E' uma revelação que profundamente me contraria e que talvez venha a causar-me graves dissabores.

—Era impossivel conservar o segredo commigo, em semelhantes circumstancias.

—E elle?

—Conformou-se com a situação, tal qual ella é, e prometteu-me guardar todas as reservas necessarias.

—Pois seja assim. Faze-me o favor de o chamar aqui. A elle e a Helena.

Damião de Castro foi chamal-os.

Assim que os dois entraram no quarto, o primeiro ministro dirigiu-se logo a Jorge Gustavo:

—Sabe já toda a verdade, capitão. Conte commigo como se póde contar com um pae extremoso.

—E deixe v. ex.ª que lhe beije a mão, como um filho beijaria a mão de seu pae.

Sebastião de Carvalho não lh'o consentiu e apertou-lhe a mão affectuosamente.

—Capitão Jorge, logo, a sós, tranquillamente, conte o segredo á sua gentil esposa.

(*) Trinta e cinco annos depois seria este o principio ovante da maior revolução democratica de todos os tempos.

Maximiliano Robespierre exporia então a sua theoria de governo, quasi pelas mesmas palavras de Sebastião de Carvalho.

Helena, muito afogueada, perguntava a si propria, n'um grande deslumbramento de assombro e de sonho, o que vinham a dizer as extraordinarias palavras do ministro.

—Tenho tambem um pedido a fazer-lhe —disse carinhosamente Sebastião de Carvalho, approximando-se mais de Helena.

—V. ex.ª manda.

—Peço. Peço-lhe que me considere o maior amigo de seu marido e que diga a sua mãe o segredo que Jorge lhe revelar; que lh'o leve n'um beijo do seu immenso amor e do seu legitimo orgulho por aquella santa. Mães como ella são justificadamente o orgulho dos filhos. E perdôem ambas a *alguem* que não as esqueceu nunca.

Helena titubeou umas palavras de enternecido agradecimento que ninguem ouviu. Não sabia perceber bem aquellas referencias, mas o que percebia é que todos tinham lagrimas nos olhos. O proprio ministro, aquelle homem formidavel de quem tanta gente tinha mêdo!

* * *

Sebastião de Carvalho saía instantes depois.

José Maria de Tavora encontrou-se na escada com o ministro. Chegava tarde, mas não faltára á sua promessa.

Vinha triste aquelle esbelto mancebo de pouco mais de vinte annos. Branca recebeu-o com o coração opprimido de receios.

Nas suas impaciencias de saber o grande segredo, morta de curiosidade, Helena fizéra varias disfarçadas tentativas para que o marido lhe dissesse, ao menos, uma parte da confidencia.

—Curiosa!—respondia-lhe o marido com um melancholico sorriso. Logo te direi tudo.

Depois, o José Tavora apartou-se com Jorge Gustavo para o vão de uma janella. Era o dia das confidencias.

Paulo de Mendonça e Damião de Castro conversavam com a tia e as irmãs de Jorge. Branca estava mais opprimida e cada vez mais triste.

—Tem razão a sr.ª Marqueza, tua mãe—respondia Jorge quasi em segredo. Minha irmã é pobre e eu fiz um casamento desegual, de que me não arrependo. Sou, de mais a mais, um amigo dedicado do primeiro ministro. Deves de obedecer a tua mãe. Importa que ámanhã regulêmos o assumpto.

—Mas, Jorge, olha que foi por lealdade que eu vim contar-te isto. Eu não posso cumprir um dever que me opprime o coração.

—E' preciso cumpril-o, com magua o digo por ti e por ella. Agora é um dever de honra para ti e para mim. Apartêmo-nos d'aqui. Hão de notar esta demora.

José Maria de Tavora estava immensamente pallido. Os grandes olhos negros de Branca fitaram-n'o rasos de lagrimas.

Uma criada veiu chamar Joanna para qualquer resolução do serviço domestico. Helena aproveitou o ensejo de seguir a mãe, que já lhe havia feito de relance varias perguntas, a que não pudéra responder.

E logo no corredor, sósinha com ella, lhe disse baixo:

—Não comprehendi as palavras do ministro. O que eu sei é que vou conhecer um grande segredo, que o Jorge me ha de contar, segredo que hei de levar a minha mãe, n'um beijo de immenso amor e de legitimo orgulho pela minha santa. Foi isto o que o ministro me pedio.

—Elle!

—Elle proprio. Parece que ainda o estou a ouvir. «Mães assim são o justificado orgulho dos filhos.» Não me deu novidade nenhuma, não deu, mas o meu coração gostou de ouvir estas palavras da bocca d'aquelle homem, que dizem ter mais poder do que o rei, e decorou-as. E estavam todos com lagrimas nos olhos. Até elle!

«Mas tambem a minha santa está chorando!

—Filha, tenho mêdo que esse segredo me roube uma parte do teu amor!

—Isso não rouba, não. Seja o que fôr. Verá logo a minha querida, em eu o sabendo, como vou a correr levar-lh'o n'um beijo, tamanho como nenhum dos tantos que lhe tenho dado. Assim.

E beijou-a fervorosamente.

—Filha, meu amor! Tambem olha que morria, se tu mudasses para mim!

* * *

Tinham saído as visitas. Damião de Castro retirára-se para o seu quarto depois de ter dito a Joanna Richter:

—Jorge sabe tudo.

—Meu Deus! — murmurou ella angustiadamente.

«Se a minha propria filha ainda virá a ter vergonha de mim?!

Helena veio dizer-lhe infantilmente:

—Jorge vae contar-me o grande segredo. Não se deite. Eu venho logo a correr dar-lhe o beijo que o famoso ministro m encommendou.

E' de notar que Helena tambem estava intimamente receosa do tal segredo que fazia chorar e que parecia ter impressiodo profundamente o marido, bem que elle simulasse uma certa despreoccupação, desmentida afinal em pallidos sorrisos.

Estava receosa, mas disfarçava-o n'aquelle tom de gracejo, por um requinte do seu inexcedivel amor filial.»

—Pobresinha! — ficou pensando Joanna. —Matas-me, se não vieres; matas-me, se eu perceber que te causo vergonha!

Instantes depois, Helena dizia ao marido, beijando-o:

—Então, vamos a saber o tal grande segredo.

—Não; primeiro has de perdoar-me.

—Perdoar-te?! Porque meu bem amado?

—Porque já hoje iniquamente esqueci que não póde haver para mim surprezas, que não fiquem offuscadas pelos teus encantos, minha vida!

—Não percebi, Jorge. Não percebi, mas deixal-o.

«Vae o perdão que me pedes n'este beijo tão grande, tão grande, que até me parece que toda a minha alma vae com elle.

E tanto o enfeitiçou n'aquelle beijo, que Jorge lhe foi contando, com singulares escrupulos de delicadeza, uma parte do passado de Joanna Richter.

Deu vulto e tocou de luz as virtudes e a abnegação da linda feiticeira de outro tempo, mas as desgraças, essas deixou-lh'as na penumbra do quadro, suavemente esbatidas.

Ainda assim, a surpreza era tamanha, tão dolorosa, tão rudemente estonteadora, que, apezar do artificio generoso de Jorge Gustavo e dos seus requintes de carinho, Helena soluçava, o collo de neve a arquejar violentamente, as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos.

—Helena, como tu soffres!

—Tenho mêdo do teu coração!

—Mêdo! Louca, louca!

—Um dia terás vergonha de mim, se não a tens já.

—Vergonha de ti, que eras pura como os anjos! Fecho-te nos meus beijos essa bocca peregrina que taes heresias póde dizer.

—Jorge! Se tu me desprezasses, se o teu amor me faltasse...

—Isso não; isso nunca! Não consinto que me repitas similhante desvario. Confesso que me opprimio a extranheza da revelação, porque o infame denunciante torpemente occultou quanto havia de abnegação e de virtude nos infurtunios de tua mãe. Agora faço minhas as palavras do ministro: «Mães como ella são o justificado orgulho dos filhos.

—Oh! como tu és generoso e bom!—exclamou Helena, abraçando-o a tremer. Como eu te admiro! Parece que todo este meu immenso amor se torna em gratidão para ti, e se faz maior, como se ainda fosse possivel ter coração para mais!

«Nem de rastos aos teus pés...

—Helena!

—Hei de repetil-o em cada dia, meu adorado Jorge.

«Agora dás-me licença, sim? Deixas-me ir traquillisar aquella mãe que tanto tem soffrido?

—Vou comtigo.

—Tu!

—Vou. A minha morreu-me; tenho-a a ella.

—Meu Jorge! Meu amor!

E foram os dois ter com Joanna, que rezava a chorar diante do seu oratorio.

—Minha santa!—disse-lhe Helena beijando-a e ajoelhando ao pé d'ella.

—Minha segunda mãe, sois das mães que são o orgulho dos filhos—e tomou-lhe docemente a mão, beijando-lh'a.

—E perdôam-me ambos, os meus filhos!? —perguntava Joanna a soluçar e a sorrir. Ambos!

A'quella mesma hora, no seu quarto, de joelhos diante do Christo crucificado, Damião de Castro acabava assim a sua supplica:

—Tu assim o prometteste, meu divino Jesus. *Bemaventurados os que choram porque elles serão consolados.*

III

CONTINUANDO A LUCTA

Estava linda aquella manhã de abril. Habitualmente madrugadôr, Sebastião de Carvalho trabalhava na sala de despacho desde as 6 horas.

Eram pouco mais de 7 horas quando o Andrade da policia o foi procurar.

—E d'ahi? Que informações temos de Setubal?

—O Malagrida vae continuando os exercicios de Santo Ignacio e enche-se-lhe a casa das missões de fidalgas, que lá vão em romaria para ouvir contar os milagres e as visões do *santo*.

—Percebo. Depois das fidalgas irão os fidalgos *para os exercicios de Santo Ignacio*. Não tem emenda esse velho jesuita! Estou a vêr que, depois de tantos milagres que lhe teem attribuido, será incapaz de fazer o *milagre* de me tirar estas sobejas razões que eu tenho para o desterrar para mais longe de Lisboa.

Expliquêmos a origem d'estas palavras do ministro.

A propaganda dos desalentos feita em Lisboa pelo *santo jesuita* dominava já o coração das senhoras da nobreza e até as ingenuas multidões.

Nas suas prophecias de novas e mais horrendas calamidades, nas suas allusões ao Anti-Christo, personificação do primeiro ministro, e no seu conselho para que aos trabalhos de reconstrucção da cidade preferissem os exercicios espirituaes, unico remedio salvadôr da nação, a propaganda de Malagrida poderia ter perigosissimas consequencias, abalando os mais altos interesses sociaes e politicos.

Toda a colossal energia que Sebastião de Carvalho empenhára na obra do resurgimento da cidade se annullaria miseravelmente, se o funesto propagandista com os seus ares de propheta e de thaumaturgo, continuasse livremente a prégar o desanimo, a infamar de impiedade o ministro reformador e conseguisse levar comsigo para os exercicios de Santo Ignacio, opprimidos de pavôr, quantos, pelo sacrificio dos seus haveres ou pelo esforço do seu braço, eram necessarios á tarefa immensa da reedificação de Lisboa.

Com a sua fama de santo a deslumbrar a turba dos fanaticos, Malagrida impune alcançaria levantar afinal a revolução da resistencia contra o plano gigantesco de Sebastião de Carvalho. Seria a revolução pelo pranto das mulheres e pelo terror dos crédulos, revolução ridicula na sua origem pueril, revolução formidavel nas suas previstas consequencias.

Passariam então por entre a cidade em ruinas as procissões de penitencia, na sua marcha triumphal, e sobre a Casa de S. Roque a profanada roupêta de Loyola fluctuaria como um pavilhão ovante, negro pavilhão de um povo que morria a cantar os mysticos villancêtes de Gabriel Malagrida, para não ouvir casquinar sobre a sua prodigiosa historia os risos de escarneo de uma civilisação.

Era Malagrida um doido visionario? Seria. Mas a nobreza e as crédulas multidões iam atraz d'elle como atraz de um santo, como se elle fosse o lucido propheta de Deus.

Era apenas um agente da Companhia? Talvez. Mas então occultava sacrilegamente nas suas palavras de vidente, nas suas visões de inspirado, a quem Deus falava e a Virgem apparecia; occultava n'estes sacrileges embustes o plano de interesses e

odios politicos de uma communidade religiosa contra um ministro do estado.

Em proveito da sociedade, os loucos isolam-se; em homenagem a Deus, os sacrilegos punem-se.

E como se lhe não bastasse a propaganda pela palavra falada, o velho Malagrida fizéra tambem a propaganda pela palavra escripta e publicára um folheto intitulado *Juizo da verdadeira causa do terramoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1.º de novembro de* 1755.

Attribuía o terramoto ás coleras do ceu e só via remedio, para evitar outra calamidade maiòr, nos piedosos exercicios e nos soccorros dos sacramentos.

O folheto de Malagrida, bem escripto dado o seu objectivo, era uma réplica a um outro que Sebastião de Carvalho mandára publicar para realentar os animos na affirmação de que a catastrophe procedia apenas de causas naturaes e não da intervenção de um Deus vingativo.

O opusculo de Malagrida fôra largamente distribuido e o proprio auctor mandára offerecer exemplares á familia real e a Sebastião de Carvalho.

A contextura do folheto podia revelar um fanatico ou um velhaco; não um louco. Era uma obra de propaganda, clara e reflectidamente escripta.

Prevendo as perigosas consequencias de tal doutrina, Sebastião de Carvalho reclamou do Nuncio o castigo de Malagrida, e com tal energia e ponderosos fundamentos, que Acciajuoli, muito contra sua vontade, conveio no desterro do jesuita para Setubal.

Mas ali mesmo o quasi septuagenario milagreiro proseguia na sua mania ou no seu plano.

Não era, principalmente, a gente humilde do povo que ia assistir aos exercicios espirituaes do propheta. Era a gente fidalga que lá ia, e, por *singular coincidencia*, os que mais odiavam o *impio* Sebastião José!

E tal era a affluencia de devotos que o *santo* escrevia: «Ha oito mezes que vivo sequestrado n'este canto do mundo, e em meio das minhas tribulações exulto! Que felicidade ver tantas almas arrancadas á garganta do inferno pelos exercicios! Que espectaculo esta casa de retiro em que as principaes damas da côrte passam os dias no silencio e na oração, enclausuradas como freiras!

«Que direi d'esta affluencia de grandes personagens que vem para o retiro espiritual!» (*)

Não é a carta de um louco. Da plebe, da gente reles não falava. Parece que não era essa a que mais interessava á sua *loucura*!

E no P. S. accrescentava: «A' ultima hora chega com bandeira alçada uma nova turba, e transpõe o limiar da nossa santa casa!»

* * *

—E que mais?—perguntou o ministro ao Andrade.

—Por uma velhota com quem me entendo, e que é muito de casa dos Tavoras, vim a saber que a Marqueza já tem ido algumas vezes a Setubal.

—Era de prevêr. Não resiste aos exercicios de Santo Ignacio com o *milagroso* Malagrida.

«E essa velha não saberá nada do que por lá se diz nos intervallos dos exercicios?

—Pouco sabe. Foi lá uma vez acompanhando a Marqueza, em fins de setembro do anno passado.

«Falou-se então muito de terem sido postos fóra do real paço os jesuitas confessores. Disse-me que foi lá um alarido espantoso. Malagrida dava gritos contra o Anti-Christo.

—Faço idéa—commentou Sebastião de Carvalho a sorrir, e logo disse de si para si: «Maluco, e dá-me o honroso papel de Anti-Christo! Dizem que está doido, mas como elle percebe de que lado está o vento que faz estremecer a Companhia!

—Disse-me tambem a velha que foi um choro desabalado e que o Malagrida soluçava tanto, como se fosse aquella a maior dôr da sua vida.

—Onde lhe dóe sei eu. Mas você, Andrade, que é homem perspicaz, não achou extraordinario que a um *santo* enlevado nas coisas de Deus ou a um doido, como querem outros, todo entregue ás suas celestiaes

(*) Este trecho da carta de Malagrida vem transcripto no livro de Camillo Castello Branco —*Perfil do Marquez de Pombal*.

visões, tanto lhe importasse e doêsse que tres ou quatro padres da Companhia estivessem ou deixassem de estar dentro do paço, fossem ou não fossem os confessores de sua magestade e da sua real familia?

—Saberá v. ex.ª que em tudo isso percebo eu que anda jogo de cá, mas ainda o não sei explicar bem.

—Pois vá empregando todos os meios possiveis para saber o que se passa em Setubal, e depois poderá explicar a razão porque o *santo* e as fidalgas choravam assim desabaladamente, só porque suas magestades e altezas mudaram de confessores, como se os padres de outras congregações religiosas não fossem tambem ministros da Igreja!

«Pode retirar-se.

—Com licença de v. ex.ª

* * *

—A aranha negra vae apertando a teia e não percebe que eu a estou a vêr! Pois creio bem que está tecendo a sua propria mortalha.

E continuou a examinar varios papeis. A's 8 horas vieram chamal-o para o almoço. Pouco depois das 9 horas estava outra vez na sala de despacho.

Tinha agora mais tempo disponivel. El-rei e a côrte, ainda de luto pela morte do infante D. Antonio, tinham ido para Salvaterra.

—Sua s.ª o sr. Paulo de Mendonça—annunciou o creado.

—Ora bem vindo sejas—disse-lhe alegremente Sebastião de Carvalho. Já me fazias falta. Hontem não appareceste!

—Fui convidado por Saint-Julien para ir jantar com elle. E' uma das minhas antigas relações de Paris.

—E' um homem com quem me tenho dado excellentemente.

—Parece-me que te é affeiçoado e tive o gosto de lhe ouvir hontem as mais justas palavras a teu respeito.

—Pois é para agradecer essa excepção. O teu filho?

—Bem. Esteve tambem commigo em casa de Saint-Julien. Hade cá vir despedir-se de ti.

—O quê! Volta para Paris?

—Volta. Instancias dos tios; mas conto em breve tel-o cá para ficar.

—E do conde de Merle, esse embaixador que está ha uns poucos de mezes para chegar, e não chega? Ouviste alguma coisa a Saint-Julien?

—Disse-me que tinha recebido um despacho do secretario de estado conde de Bernis, communicando-lhe que o embaixador devia de chegar a Lisboa no proximo verão.

—Verêmos. Falaram muito da politica, já sei. Era de esperar.

—Falámos. E até de factos já velhos. Uma coisa me disse elle a teu respeito, que eu não sabia. Falando dos serviços diplomaticos que prestastes em Vienna de Austria e do alto conceito em que eras tido na côrte imperial, resumiu-me as palavras elogiosas de um despacho de Blondel, embaixador da França, despacho que teve occasião de ver em Paris, na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros.

«E' realmente uma levantada homenagem ás qualidades de um homem e aos meritos de um diplomata! (*)

—Pois livra-te de contar isso aos nossos *grandes homens*. Ou suppõem que o despacho é falso, ou dizem que o Blondel era um pedaço d'asno e um impio como eu.

«Mas d'essas negociações de Vienna algumas coisas me lembram com desvanecimento. Recordo com gratidão a plena confiança que em mim depositou a grande rainha e imperatriz Maria Thereza, dando-me plenos poderes para formular,

(*) O despacho de Blondel é de 10 de janeiro de 1750 e vem extractado nas *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith.

Depois de indicar as duas importantes questões em que Sebastião de Carvalho foi medianeiro, por parte de el-rei de Portugal, o embaixador francez diz ao seu governo:

«N'estes dois negocios deu provas de habilidade, prudencia, rectidão, moderação e especialmente de grande constancia, e conciliou, não sómente a benevolencia de todas as partes interessadas, mas igualmente de todos os ministros estrangeiros e das pessôas distinctas que residem n'esta cidade. E' nobre em tudo, sem ostentação; sabio e muito prudente; possuido de sentimentos e principios de honradez, não aspira senão ao bem geral. Tão bom cidadão como integro caracter, deixou saudades na côrte e n'esta cidade.»

E' esta a traducção que se encontra na versão portugueza da obra de John Smith.

assignar e authenticar com o sello das suas armas, na propria secretaria particular do seu gabinete, o memoravel tratado de 12 de março de 1747, que sanou a discordia entre o imperio e o pontifice Benedicto XIV.

«E no outro conflicto de 1748, por causa do arcebispo de Moguncia, fui eu tambem o medianeiro em nome do senhor D. João V. Pois a chancellaria imperial declarou categoricamente ao nuncio que nenhumas negociações acceitava que não fossem por intermedio do ministro de Portugal.(*)

«Tinham-me lá em melhor conta os principes do imperio, os prelados, a soberba nobreza de Vienna, do que na minha terra uns certos fidalgos ignorantes e rancorosos e uns padres velhacos e maus.

—Não é pelo que elles dizem que a historia te ha de julgar.

—Talvez seja, mas embora. E as impressões de Saint-Julien a respeito das coisas de cá?

«E' claro que te não peço confidencias.

«Apenas opiniões que possas dizer-me, sem offensa do teu caracter. Saint-Julien é um homem perspicaz e leal, cuja opinião me não póde ser indifferente.

—Não tenho duvida nenhuma em te dizer, sob reservas que perfeitamente se justificam, algumas opiniões que elle me expoz e que, provavelmente, se absteria de te manifestar, attenta a sua situação especial.

—Podes confiar-m'as desassombradamente.

—Receia que na lucta com a Companhia de Jesus te encontres isolado na Europa.

—Desde já talvez; mas alcançada a primeira victoria, estou certo de que hei de encontrar alliados.

«E que não encontre. Para traz é que eu não volto.

—E Roma?

—Hei de falar de modo que lá me entendam.

—E el-rei?

—Seguirá o meu conselho.

—Crês que te saiba comprehender?

—Creio. E' mais intelligente do que ahi o suppõem e tem plena confiança na minha dedicação. Sabe, alem d'isso, que não sou dos ministros que intentam fazer sombra aos reis. Só falo da minha iniciativa aos amigos como tu e como Damião de Castro. Para os outros falo sempre em nome de el-rei, como se fôra elle só quem tudo resolvesse e mandasse.

—E não temes que movam contra a tua influencia certos amores antigos do sr. D. José?

—Já tive receio d'isso. Hoje não. Agora o que eu mais temo é alguma cilada contra el-rei.

—Corre que elle vae de noite a casa da Thereza Tavora.

—Vae, e é d'essas visitas que eu tenho mêdo.

—Pois Saint-Julien vê as coisas de modo diverso. Receia que a Tavora possa vir a influir no animo de el-rei.

—Não é mulher para isso. São de ha largos annos as suas relações amorosas com o sr. D. José, e nunca tentou tornar-se a favorita do rei. Se fosse a cunhada e sogra, a Marqueza, então o perigo era evidente.

—Foi extraordinariamente linda!

—E é assombrosamente ambiciosa.

—Dizem que na India, quando o marido era vice-rei, tinha em Pangim a sua côrte e tomava uns ares de verdadeira rainha.

—Assim m'o contaram tambem.

—Tenho idéa de ouvir dizer que o sr. D. José, ainda principe...

—A requestára?

«Ouvi falar d'isso, mas affiançaram-me tambem que fôra apenas um breve galanteio, provocado pela sua peregrina formosura.

—São ás vezes perigosos esses galanteios dos reis.

—Quando os reis são como Luiz XIV ou como Luiz XV. O senhor D. José não se parece com elles, nem procura os faceis amores plebeus como o pae.

«Vae para tres annos, em Salvaterra, tive receios de alguma complicação, quando percebi que el-rei requestava a Tavora, mulher do duque d'Aveiro. Felizmente,

(*) Estes factos, de que Sebastião de Carvalho legitimamente se gloriava, allegou-os elle por escripto, muitos annos depois, em defeza do seu caracter, rudemente infamado.

Temos presente um precioso livro manuscripto em que vem a copia d'essas allegações, a que mais tarde nos haveremos de referir.

logo se me desvaneceram, porque o sr. D. José não insistiu nos seus galanteios.

—E o Duque percebel-os-hia?

—Nem podia deixar de perceber. Os ciumes da rainha déram vulto ao escandalo.

—Pois então se o Duque é o homem rancoroso que toda a gente por ahi diz, decerto não esqueceu nem perdoou essa offensa. (*)

—Talvez; mas, apparentemente, o que mais o enraiveceu foi o negocio das commendas e a recusa de el-rei a dar-lhe licença para casar o filho com a Margarida Cadaval.

—Sabes que eu acho singular essa predilecção de el-rei pelas Tavoras! Ainda bem que não tem tido consequencias politicas, pelo menos até agora. E n'este ponto vejo que são infundados os receios de Saint-Julien. Avaliou D. José pelo seu rei Luiz XV.

—Dominado por essa amante que toda a Europa conhece.

—A sr.ª Joanna Antonieta Poisson, marqueza de Pompadour, a rainha da moda, a musa protectora das artes e das lettras, a verdadeira rainha de França, fundadora da dynastia dos *cotillons*, como lhe chamou o rei Frederico.

—Era casada, não era?

—Legitima esposa do sr. Leonormand d'Etiolles, um pobre rendeiro, que ha de ficar na historia por conta da mulher.

«Dobram-se diante da gentil Marqueza os mais altivos fidalgos da França, escrevem-lhe as rainhas, nomeia e demitte ministros, tem a sua côrte de poetas, de philosophos, de artistas, recebe uma pensão official de duzentas mil libras e calcula-se que tem tido annos em que dispende a bonita somma de um milhão e quinhentas mil libras! Quando eu saí de Paris o povo de algumas provincias tinha fome!

—E' espantoso!

—E' verdadeiro. Francisco Maria Arouet, um antigo pagem do marquez de Chateauneuf, actualmente um philosopho atheu, poeta e philosopho que hoje se chama Voltaire e é amigo do rei Frederico da Prussia, foi um dos protegidos da marqueza de Pompadour.

«Conta-se em Paris que foi ella quem metteu a França na desastrosa guerra contra a Prussia e a Inglaterra, assim como attribuem á sua influencia a nomeação do ministro Rouillé, que substituiu Maurépas.

«Vê tu que immenso perigo para os teus grandiosos projectos, se el-rei D. José fosse como Luiz XV, e alguma das Tavoras quizesse ser em Portugal o que é em França a sr.ª Joanna Antonieta Poisson, marqueza de Pompadour!

—E o que diz Saint-Julien d'essa temerosa guerra que se está alastrando por toda a parte?

—Lamenta-a como bom patriota que é. Vê os inglezes victoriosos nos mares, aniquilando na India o imperio fundado por Dupleix; destruidas as feitorias francezas das Antilhas e do Senegal, o Canadá em perigo de cair nas mãos da Inglaterra e, a despeito de algumas importantes victorias das armas francezas e dos seus alliados austriacos, russos e saxonios, a espada de Frederico da Prussia fulgindo ovante contra a soberba colligação continental.

—A espada de Frederico da Prussia e por detraz d'ella o oiro inglez. Está a fortuna com a Grã-Bretanha. Sobre as ruinas do nosso imperio da India fundou ella o seu; augmentou-o á custa da Hollanda; completa-o agora á custa da França.

E logo accrescentou tristemente apprehensivo:

—Receio bem que essa deploravel guerra venha ainda contender comnosco e perturbar a continuação do meu plano. E' necessario que eu me vá precavendo, enthesourando dinheiro e pensando nos recursos essenciaes á defeza de Portugal, sem que estranhos o percebam.

«De um momento para o outro póde apparecer o pretexto para nos envolverem na guerra. A Hespanha está-se encostando muito á França; ha de querer arrastar-nos comsigo.

«Bem a meu pezar terei de mandar vir de fóra quem organise e discipline o pobre

(*) Referindo-se aos exercicios espirituaes de Malagrida em Setubal, escreveu Camillo Castello Branco no seu livro *Perfil do Marquez do Pombal:*

«O duque d'Aveiro, homem de consciencia cancerada por velhos delictos, não podia faltar áquelles exercicios depurantes. E não faltaria a duqueza, sua esposa, *que dois annos antes tinha acceitado a côrte do rei em Salvaterra,— a côrte á moda de D. José, com furiosos ciumes da rainha.*

exercito que outros deixaram enfraquecer e quasi inutilisar.

«E as minhas fabricas, as minhas escolas, tantas das reformas que projecto, serão postas de parte, até outro ensejo melhor, se nos arrastarem para a guerra!

«Hei de evital-a; hei de evital-a, emquanto m'o permittirem a honra e os interesses da nação.

«Entretanto, continuarei na minha tarefa de paz e na guerra cá de dentro, que é preciso acabar, antes que venha a outra.

Ia guardando uns papeis que tinha sobre a meza.

—Tinha resolvido ir vêr hoje as obras da cidade. Ficará para ámanhã.

—Por minha causa, não.

—Sim; podemos ir ambos. Ser-me-ha muito agradavel ouvir a tua judiciosa opinião.

—Pois sim. Estou completamente ás tuas ordens.

* * *

Bradou ás armas a sentinella de granadeiros da guarda do *paço das damas*, que era, como já dissémos, a residencia do primeiro ministro.

Uma sége metteu pela ladeira abaixo (calçada da Ajuda). Era seguida por duas ordenanças de dragões.

Bateu pela Junqueira, tomou para a Pampulha e d'ali foi direita ao largo do Conde Barão, d'onde seguiu para a rua Formosa.

Estava em obras a capella de Nossa Senhora das Mercês, da qual eram padroeiros os Carvalhos da rua Formosa.

—Ora aqui tens—dizia Sebastião de Carvalho a Paulo de Mendonça—a minha dilecta igreja.

—Tambem o terramoto a não poupou. Tinham-me dito que os edificios que te pertenciam n'esta rua nenhum abalo haviam soffrido.

—Exaggeros, que me conveio deixar correr sem embargos. O que ficou de pé foi a casa do morgadio, aquella onde então residia. Tenho aqui na rua outros predios, que ficaram muito abalados e que em parte se derruiram, quando foi dos subsequentes tremores de terra.

Depois seguiram para o Loreto.

—Olha, como estão quasi concluidas as obras de S. Roque! Teem andado depressa os reverendos padres. Não ha um rifão popular que diz: *Ninho feito, pêga morta?*

—Creio que sim.

—Pois então o caso agora será: Ninho refeito, pêga morta, se suas paternidades não tomarem juizo.

Atravessaram o Largo das Duas Igrejas para o Chiado.

—Como vês, já se tem feito bastante, mas que muito falta ainda! E se eu deixasse o Malagrida por aqui á sua vontade, cresceriam as ortigas por entre as ruinas, e o terreiro de S. Roque estaria atulhado de gente inutil a cantar lôas.

Das obras de um predio de esquina do Chiado, logo abaixo da egreja dos Martyres, atravessou um homem, que veio direito á sége, de chapeu na mão.

—Sr. secretario d'estado, um creado de v. ex.ª—disse n'uma grande reverencia.

—Pára lá—ordenou o ministro ao boleeiro, e inclinando-se para fóra, disse com jovial familiaridade:

—Adeus, Bertrand. A sua obra vae andando depressa. Está aqui está com a loja de livros aqui installada.

—Ainda ha de levar seu tempo, sr. secretario d'estado. Se v. ex.ª quizesse darme a honra de vir ver o estado em que estão os trabalhos...

—Não, agora não. Fica para outra vez. Adeus, Bertrand. Bôa fortuna.

—Muito obrigado a v. ex.ª, sr. secretario d'estado—respondeu o Bertrand, commovidamente, fazendo uma grande reverencia.

A sége começou a descer o Chiado.

—Quem é este homem? perguntou Paulo de Mendonça.

—Um francez intelligente que fazia negocio de livros. O terramoto causou-lhe perdas enormes. A elle, como a outros que o merecem, homens uteis á cidade, mas que tudo perderam, tenho eu mandado fazer pequenos emprestimos dos dinheiros que se vão juntando para a reedificação.

«N'estas circumstancias espantosamente extraordinarias, é preciso que o estado vá dando a mão aos que podem concorrer para os progressos da capital.

«Obrigar uns, ajudar outros, tutelar e incutir alento a todos elles, eis o systema para levantar a cidade em poucos annos.

«E coisa identica tenho ja feito a algumas fabricas e hei de fazer á agricultura e a quantas industrias me parecer que podem emancipar Portugal da dependencia em que tem vivido.

«Assim é preciso. Carecem de amparo para andar as crianças e os velhos; estão n'este caso, como creio que já tive occasião de te dizer, as industrias nascentes ou as que estavam decrepitas. (*)

«Tenho chegado a aconselhar a fundação de estabelecimentos, que julgo necessarios n'uma cidade culta. Eu te mostrarei um novo botequim, que abriu ha pouco, e aonde fui almoçar logo no primeiro dia, para que o meu exemplo animasse a tentativa. E creio que tem tido bom exito.

«Como sabes, havia d'antes uns raros botequins, que eram ignobeis espeluncas aonde nenhuma pessoa medianamente decente se atreveria a entrar.

—Lembro-me perfeitamente.

—Vae mudando de aspecto tudo isto!—disse Sebastião de Carvalho jubilosamente.

«Se te não incommoda, apeêmo-nos.

—Pois sim.

O ministro ordenou ao boleeiro que seguisse devagar com a sége e metteu por uma das novas ruas já abertas, em direcção ao Terreiro do Paço. De um e outro lado estavam já promptas algumas edificações.

—Fica larga esta rua, observou Paulo de Mendonça.

—Tem sessenta e seis passos de largura.

—Paris não as tem mais largas!

—Ha de chamar-se *Rua Augusta* e aquella que lhe fica parallela *Rua Aurea*. Quero que as artes, os negocios e as industrias tenham os seus arruamentos especiaes. Aqui os mercadores de lã e seda, n'aquella os ourives de oiro, os relojoeiros e volanteiros. Ali em baixo, onde era a antiga Rua Nova, hão de ficar os mercadores de capella, de loiças da India, de chá e outras mercadorias.

«E para todos estes melhoramentos vão tambem contribuindo os estrangeiros, que exploravam isto como feitoria sua e, nomeadamente, os nossos amigos inglezes, que ainda teem nas suas mãos quasi todo o grande e pequeno commercio da cidade. De tudo quanto mandam vir de fóra, ainda bastante, infelizmente, pagam nas alfandegas os 4 % que sabes, destinados a reedificação da cidade.

—Por isso elles se queixam.

—Fica-lhes esse desafogo. Dizem tambem mal de mim? Paciencia. Ainda hão de dizer muito peor, quando lhes cair em casa aquella providencia que sabes.

Sebastião de Carvalho alludia ao seu pensamento de decretar que nenhuma loja de negocio podesse estar aberta, sem que o proprietario provasse que os seus empregados de balcão tinham participação nos lucros do estabelecimento. Era uma ideia despotica do socialismo do estado, que visava especialmente os commerciantes inglezes, cujos empregados portuguezes não passavam de uns miseros marçanos.

—Pois sim, mas por isso o Saint-Julien anda desconfiado de que os mercadores inglezes se querem entender com os padres jesuitas (*)

(*) Volvido muito mais de um seculo, em nossos dias, o proteccionismo do estado triumpha em quasi todos os paizes da Europa e da America, recorre-se novamente ás grandes companhias coloniaes de prerogativas soberanas e largos privilegios, como as que fundára Sebastião de Carvalho. Bismarck ensaiou o socialismo do estado, que o grande ministro portuguez esboçára na sua assombrosa tarefa reformadôra.

Houve quem o suppozesse tristemente atrazado do seu tempo, quanto a principios de economia politica. Parecia, porque elle se não deixava arrastar por uma certa escola economica, então muito em voga. Applicava a Portugal os processos que lhe pareciam mais adequados ás especiaes e extraordinarias circumstancias do paiz. Não era um servil imitador.

O futuro deu-lhe razão. Cem annos depois da sua epoca, Oliveira Martins dizia que as industrias nascentes, como as crianças, precisavam de que as amparassem nos primeiros passos.

(*) Não era infundada esta supposição. No tomo XVIII do *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, encontra-se a paginas 369, este extracto de um officio do representante da França em Lisboa:

«Na opinião do ministro de França, os subditos britanicos que residiam em Portugal esta-

—Pois cáiam n'essa, que eu lhes direi. E depois então sou eu que vejo os jesuitas por toda a parte, como dizia o conde de Bachi!

Haviam dado a volta ao Rocio. Era ensurdecedôr o ruido das obras. Chocavam-se nos ares com o som musical das cantarias que estavam afeiçoando para os cunhaes, com a cega-rega das serras, com a vibração secca dos martellos e o quasi silvo das plainas sobre as tabuas, os cantares melancholicos dos artifices e operarios nos resguardos das obras ou empoleirados nos andaimes e nos urdimentos de madeira.

—N'aquella, tambem das mais largas, e que ha de chamar-se *Rua Bella da Rainha*, hão de ser arruados os ourives da prata e os livreiros, que já d'antes lhes ficavam visinhos.

«E assim nas outras ruas e travessas se irão arruando os mercadores de fancaria, os quinquilheiros, os doiradores, os algibebes, os bate-folhas, os latoeiros de lima, os retrozeiros, os correeiros e outros homens de officio. (*)

Tinham chegado ao antigo Terreiro do Paço.

—D'isto hei de eu fazer uma das maiores e mais bellas praças, superior ás melhores que vi em Londres, em Munich e em Vienna. Será a nossa praça do commercio. Assim a fortuna me não desampare e a vida me chegue... a minha e a de el-rei.

—E' a tua obra gigantesca!

Tomaram para o moderno largo do Pelourinho.

—Olha, ali tens o primeiro luxuoso botequim de Lisboa—disse o ministro apontando para um recanto do largo.

«A casa é apenas provisoria. Ha de mudar para outra, em as obras estando aqui concluidas. Casa de madeira, que não é de má apparencia. Tem excellente mobilia e bons espelhos, que vieram de fóra. Um dia se hão de fazer cá tambem.

«O dono estava com um mêdo diabolico de abrir o estabelecimento; resolvi-o eu e ali inaugurei a casa almoçando chá e torradas.

«Caprichos de tyranno, disseram por ahi, mas d'estas pequenas coisas carece tambem o meu plano.

E foram passar por defronte do novo botequim.

Estava cheio de freguezes. Um homem que se achava á porta disse para dentro o que quer que fosse que produziu um estranho reboliço, e o dono, o sr. Marcos Filippe Campodonico, veiu logo para a rua, fazendo grandes reverencias ao ministro.

—Então, Marcos Filippe, que tal lhe vae correndo o negocio?

—Perfeitamente, sr. secretario d'estado; perfeitamente. V. ex.ª foi a boa fortuna que entrou n'aquella casa; nem eu me arriscava a este negocio, se não fosse a sua abençoada promessa. Foi saberem que v. ex.ª aqui tinha vindo, e logo a casa a encher-se-me de gente grada!

—Pois ainda bem, Marcos Filippe.

—E saiba v. ex.ª que a mesma fortuna teve o João Thomaz. Não tinha real para levantar a casita, que era toda a sua fortuna, e agora já tem quem lhe empreste dinheiro para as obras. Bom palpite foi o d'elle quando veio aqui pedir a protecção de v. ex.ª Assim que os homens de dinheiro o viram aqui no largo e por essas ruas ao lado de v. ex.ª, que ia a falar com elle como se fosse pessôa de representação, logo lhe offereceram auxilio. Até os proprios que antes lhe tinham voltado as costas e não seriam capazes de lhe emprestar cinco ou seis moedas para fazer uma barraca!

—Estimo isso deveras. E você, Marcos Filippe, vá juntando para outra casa melhor.

—Não me descuidarei, meu senhor. E Deus Nosso Senhor dê a v. ex.ª e a toda a sua familia a boa sorte que eu todos os dias lhe peço, pelo grande bem que me fez.

—Obrigado, Marcos Filippe.

Os freguezes do botequim vieram todos para a porta, assim que perceberam que o ministro se afastava.

---

vam descontentes e murmuravam muito por se perseguirem os jesuitas, com os quaes tinham grandes e proveitosos negocios commerciaes.»

(*) Todas estas indicações se encontram no tomo II da *Collecção de Leys, Decretos e Alvarás* do reinado de el-rei D. José, na parte relativa ao anno de 1760.

—Bravissimo, seu Marcos Filippe!

—A falar de mão a mão com o homem que governa tudo e mette mêdo a toda a gente!

—D'aqui a pouco nem o diabo o póde aturar!

—Ha de dar-nos chá refervido, ratafía de agua chilra, manteiga rançosa e pão duro de Meleças, e ninguem terá animo de abrir bico.

—Freguez que chiar, catrapuz, prisões da Junqueira com elle.

—Pudera! De mais a mais deu ao sr. secretario de estado, *que Deus guarde*, o melhor almoço que tem feito em dias de sua vida!

—Apanha tratos de polé o desavergonhado que ousar dizer mal das torradas de Marcos Filippe.

—Pois sim, pois sim, meus senhores. O caso é que ainda não appareceu cá outro homem igual. Quem lh'as faz, paga-lh'as com lingua de palmo; mas tambem tem posto isto a direito, fala forte aos estrangeiros, que d'antes nos punham o pé no cachaço, e tem dado a mão a muita gente.

—Canta-lhe assim, Marcos Filippe. Canta-lhe assim. Cada um canta da festa como lhe vae n'ella. Vão as torradinhas rendendo, e que lhe importa a você com os que têem morrido esganados ou estão de casa e pucarinho com as ratazanas do forte da Junqueira?

—Sciu! Olha que podem ir metter-lhe tudo nos ouvidos!—observou um dos freguezes a meia voz.

—Isto é por brincadeira—objectou outro.

—Ah! n'esse sentido estão enganados commigo—disse o Marcos Filippe com ares de offendido. Hei de pugnar por quem me faz bem, mas lá ir denunciar o que os meus freguezes aqui dizem, isso é que não.

—Pois decerto, isso sabemos nós—disse um dos trocistas, pondo a mão no hombro do botequineiro. Nem isto passa de brinquêdo comsigo, Marcos Filippe. Aqui ninguem disse coisa que possa desacatar o sr. secretario d'estado.

—Hão de perdoar, mas tambem em tal não consentiria eu cá dentro de minha casa.

—E faz muito bem.

—Mas livre-se você—acudio de dentro outro freguez—de vender aqui os seus bolos de especie e as suas torradas a algum padre jesuita. Nem os cães lhe aproveitavam os ossos!

—Bem, bem. Ponha-se ponto na galhofa —aconselhou um dos mais prudentes.

—E diz bem. Façam favor de me deixar passar, que eu tenho de ir tratar da minha vida—disse o Marcos Filippe, recolhendo-se para casa.

—O' diacho! Tenham cautela—recommendou quasi em segredo aquelle que se pronunciára contra a galhofa. Bem sabem que o Marcos Filippe é um homem honrado, incapaz de nos ir denunciar, mas as paredes teem ouvidos e os espiões andam ahi disfarçados por toda a parte. E' preciso mais cuidado com a lingua.

—E' preciso. é—confirmou outro.

N'isto um freguez, que se não levantára e estivéra como a dormitar encostado a uma meza, no canto mais escuro do botequim, levantou-se e, desviando brandamente os que atravancavam a larga porta do estabelecimento, reuquejou umas palavras em hespanhol.

Trajava o fato tradicional dos feirantes andaluzes e trazia a cara entrapada e cingida por um lenço de seda.

Tomou para as bandas do Terreiro do Paço.

—Quem demonio será este hespanhol de queixos atados?

—Não sei. Já estava aqui quando eu entrei e apenas uma vez por outra gemia e rosnava uma praga.

—Talvez esteja mal dos dentes. Adivinhasse eu que elle não estava aqui por bom e eu o teria alliviado da dentuça com dois murros.

—O' Marcos!—chamou para dentro um dos do grupo.

—Que manda?

—Você conhece o hespanhol que d'aqui saiu?

—Nunca o vi mais gordo. Entrou logo de manhã, disse que vinha tratar de negocios, mas que estava doido com dôres. Abancou ali, almoçou leite e miolo de pão, pagou logo e ahi se ficou sem dizer palavra.

—Está bem—disse o que interrogára o Marcos Filippe, e, logo que elle voltou costas, accrescentou baixo para os do grupo

—Não seja o estafermo algum espião!

—Não duvido nada. O cão do Sebastião José é capaz de os ter até de Castella!

Vamos nós seguindo o hespanhol. Metteu para os lados da Conceição Velha, depois embrenhou-se pela Alfama, tomou para a Mouraria, e ao cabo de muitas voltas foi dar a uma pequena casa contigua ao Collegio de Santo Antão dos padres jesuitas, (onde é hoje o hospital de S. José).

Extraordinario aquelle hespanhol, que tanto caminho torcia pelos labyrinthos da Alfama e da Mouraria, como se quizesse desnortear quaesquer pesquizas e como se tudo aquillo fosse muito seu conhecido!

E entrou para a tal pequena casa visinha ao collegio.

* * *

E' já noite fechada. Discute-se na *secretaria reservada* da Casa de S. Roque.

As portas estão cuidadosamente fechadas, mas nós podêmos saber quem lá está e o que se discute.

Estão com o Provincial os cinco definidores, entre os quaes Miguel Nogueira, e os ex-confessores da familia real José Moreira, João de Mattos, João Alexandre e Timotheo de Oliveira.

Está falando Miguel Nogueira, cheio de rancorosas energias, a despeito da sua avançada edade.

—Não podêmos prender-nos a escrupulos e receios. Mãos á obra, ou deixamos matar a Companhia covardemente, aos pés do lacaio, feito valído do rei.

«Perseguidos na America, expulsos do paço, por toda a parte espionados, dia a dia opprimidos de novas injurias, forjadas pela imaginação infernal do despota, o que podemos nós esperar de braços cruzados, que não seja o assalto de nossas casas, um carcere na Junqueira, o descredito e a destruição da Companhia?

«Cada vez mais impio e mais soffrego de sangue, o monstro creará novos alentos á medida que nos fôr percebendo mais hesitantes. Redobrará de audacia, se lhe dermos a entender que lhe tomámos medo.

—Mas sem contar com seguro auxilio de Roma—observou o Provincial—parece-me temeridade intentar a lucta com esse homem odioso, que dispõe de todos os poderes do estado.

—Roma parece ter-se esquecido de nós! —replicou Miguel Nogueira—E já não podêmos esperar por ella. Do Geral apenas temos recebido vagas promessas.

«Esperar será morrer. Sebastião José conhece já uma parte dos nossos designios e não desiste dos seus, por mais que nos aquietêmos humilhados.

«Está excavando brutalmente as profundas raizes que a Companhia creára no Brazil e no Paraguay; espedaçou iniquamente as que tinhamos em volta do throno; falta matar-nos aqui de rojo, para que o bandido-mór veja triumphante a sua obra de impiedade!

«Eram nossos baluartes para a santa missão o confessionario e as escolas. Já não são da Companhia os confessores de el-rei, já fomos banidos da Universidade de Coimbra, já não é exclusivamente nossa, como foi, a universidade de Evora. Diz-se que o despota intenta oppôr aos nossos outros methodos de ensino, que lhe teem sido preconisados por Luiz Antonio Verney.

«Vède o que podemos esperar! E por cima do nosso poder passará a onda da impiedade, agitada em França pela philosophia dos atheus e por esses phariseus que se chamam Voltaire, Rousseau, d'Alembert, os flagellos da egreja!

E sentou-se offegante.

—Estou muito velho—continuou; pouco posso viver. Não me deixeis a magua de ver aos pés de um torpe e estupido dictador, como um capacho, a gloriosa roupêta de Santo Ignacio.

—E' cheia de luz e de verdade a vossa palavra, douto e veneravel irmão nosso—volveu-lhe o Providencial; mas com que alliados podemos contar para uma tamanha e perigosissima lucta?

—El-rei está agora absolutamente nas mãos de Sebastião José—observou José Moreira.

—E a rainha nada pode já no animo do marido—accrescentou João Alexandre.

—Pois vamos direitos agora ao nosso fim — replicou Miguel Nogueira levantando-se—ou estamos irremediavelmente perdidos.

—Mas com que auxilio a nosso lado? — perguntou João de Mattos —se a propria Inquisição já se dobrou humilhada e de dentes partidos a lamber os pés do lobo sanguinario?

—Bem quiz eu pôl-a do nosso lado, mas não o consentio a má fortuna. O valido atravessou-se no nosso caminho—disse Miguel Nogueira. Mais uma razão para não perdermos tempo, antes que se combinem melhor os nossos inimigos.

—Mas lucta a peito descoberto?—perguntou o Provincial.

—Seria rematada loucura — respondeu Miguel Nogueira. Lucta na sombra, e deante de nós os auxiliares, como fazia Carthago com os seus alliados.

—Mas quaes auxiliares?

—O mais poderoso e o mais offendido dos nobres?

—Qual?

—O duque d'Aveiro.

—Só elle, mal visto da côrte e do povo, só elle o que vale?

—Muito. E' bastante rancoroso e bastante soberbo. Não olhará para traz, a contar os que o seguem. Ravaillac tambem ia só sinho e a *coisa fez-se.*

—Mas o nosso inimigo maior não é o rei

—Ha dois. O *outro* e Elle. O criminoso e o cumplice. Não estejamos com rodeios. Falêmos aqui uns aos outros como á nossa propria consciencia. Quem derribar o valido, fica sujeito á vingança do rei. Não é

O p'ano de Miguel Nogueira

preciso *pensar* nos dois. Um cairá com o outro.

«E quando o obstaculo está n'um homem, outro basta para o arredar. Desvairado pelo oiro, pela ambição, pela fé, pouco importa, porque o essencial é que seja um desvairado, e esse tal só póde ser o Duque. Basta empurral-o.

—Mas n'um lance tudo podemos perder —objectou o Provincial, muito pallido.

—De braços cruzados é que tudo se perde. Nem nós carecemos de correr o risco do primeiro lance. Esse pertence ao Duque. Excitêmol-o, preparêmos a derrocada cautelosamente e mostrêmos-lhe o throno, sem que o mundo veja a mão que lh'o aponta.

«Se o lance falha, perde-se elle sósinho com os seus sequazes; se vinga, vencêmos nós tambem, que o ajudámos na sombra e apparecêmos então para quinhoar o triumpho. Quer subir ao throno? Deixal-o, se nós disfarçadamente podermos subir com elle, para reconquistar o que temos perdido.

—Mas não sei—objectou o Provincial—não sei se o Duque se atreve a levantar olhos para tão alto.

—Bem se percebe que vossa paternidade o não conhece bem! Aqui estão os nossos veneraveis irmãos Timotheo d'Oliveira, José Moreira, João Alexandre e João de Mattos, que melhor o conhecem. Hão de ter-lhe ouvido o que eu uma vez lhe ouvi.

«Falando-me da grandeza da sua casa, da sua alta posição na côrte, disse-me, a disfarçar n'um gracejo a sua immensa ambição: *Agora já não tenho mais para onde subir, senão para o throno, sendo rei.*

—Isso lhe ouvi uma vez—confirmou João Alexandre—e tambem em tom de gracejo.

—Ora ahi está porque não podemos prescindir d'elle. Pertence-lhe abrir o caminho e tem o direito de escolher a victima.

—Pois sim, mas apezar de todas as suas ambições, de todos os seus odios, hesitará deante de tamanho arrojo.

—Talvez não hesite, se o soubermos empurrar.

—E se fosse mal succedido, pol-o-hiam a tormentos e denunciar-nos-hia.

—Mas toda a nossa tarefa está em o empurrar, sem elle dar por isso, em lhe falar ao odio e ás cobiças, sem lhe deixar a impressão de que somos seus cumplices. Facil tarefa para nós, que sabemos como essas coisas se fazem, e, mais facil ainda por se tratar de pessoa em quem o orgulho da alma excede muitissimo a lucidez do entendimento.

—Ficaria Sebastião José—objectou o Provincial.

—Não ficava. Todos seriam contra elle, desde que lhe faltasse debaixo dos pés a peanha do throno, e iria a terra e iria ao garrote vil como o peor dos malfeitores e o mais ignobil dos facinoras que tem tido esta terra!

—Está vendo as coisas pelo aspecto melhor. Não confio muito no Duque. Lembre-se que foi elle um dos nossos maiores inimigos.

—Inimisade herdada do alarve do tio frei Gaspar. Mas as coisas mudaram e os inimigos que mudam para nós, ao sabor dos seus interesses, são sempre os nossos melhores alliados. A inversa tambem é verdadeira. Nenhuns adversarios mais perigosos do que os amigos que se malquistaram comnosco.

—Assim é, mas não me parece que o Duque se atreva sósinho...

—Pois se não se atrever, tambem se me não afigura difficil levar-lhe ao caminho alguns auxiliares, se os soubermos procurar entre os mais ambiciosos e os mais descontentes, e talvez se encontre alguem que tenha o direito de vingar a propria honra ultrajada e aproveite o ensejo de ganhar uma corôa ducal, emquanto o José Mascarenhas procura uma corôa de rei.

—Os Tavoras?!—perguntou o Provincial, cada vez mais receoso do plano de Miguel Nogueira.

—A esses me referia.

—Mas bem sabeis que não podem vêr o Duque.

—O interesse os ligaria. E' da fraqueza humana.

«Nunca Deus me dê maior tarefa do que essa de os congraçar. A Marqueza domina completamente o marido e conta com a absoluta obediencia dos filhos. Toda a sua malquerença ao Duque provem do despeito de não ter como elle uma corôa ducal. Prometter-lh'a seria subjugal-a. Póde

prometter-lh'a o Duque, e seria a primeira das suas *régias mercês*.

—Assusta-me o tom de confiança em que falaes n'essas coisas!—objecton o Provincial.

—Não falo propriamente de ambições da Companhia—retorquiu velhacamente Miguel Nogueira—mas das que andam escondidas na alma do Duque e cautelosamente podêmos fazer sair do esconderijo.

«O menos que elle acceita—ia jural-o—é o supremo valimento e governo do reino, pondo o pobre infante D. Pedro no throno, casado com a sobrinha, a princeza real D. Maria, muito da nossa Companhia.

«Seja elle o rei, ou seja o valído, em qualquer dos casos subirêmos nós com elle.

«E se a empreza se mallograr, ficam as perdas e damnos por conta do Duque, e nós onde estamos agora.

—Se não formos arrastados por elle.—observou o Provincial.

—Depende da habilidade e boa prudencia com que o soubermos metter a caminho, sem elle dar por isso e sem lhe ficar o direito de se escudar com a Companhia.

—Olhae que Sebastião José é astuto e cruel, e a qualquer confissão feita pelo Duque nas dôres dos tratos, facil lhe seria perceber de quem era a mão occulta que movêra o regicida.

—Jesus! Que mêdo em todos! Que receio d'esse homem de baixa estofa, ignorante e estupido, que só pela malvadez e pelo instincto da rapina se tem tornado formidavel!

«Pois, ao menos, padre Provincial, dê-se liberdade aos que se quizerem sacrificar pelo futuro da Companhia, ameaçada de morte.

«Por mim estarei com os que se não arrecearem do perigo. E penso que posso contar com o nosso reverendo padre José Perdigão, actualmente em excellentes relações com o Duque.

—Podeis tambem contar commigo—disse João Alexandre.

—E commigo — accudiu João de Mattos.

—Como vêdes, padre Provincial, não nos faltam boas vontades e seguras dedicações, e, valendo por muitos, o nosso glorioso padre Gabriel Malagrida.

«Não sei se o vosso animo ainda hesita.

—Como Provincial hesito. Não tenho auctorisação expressa do Geral para arriscar a communidade em tão grave commettimento.

—Padre Provincial, por ora apenas se trata de uma certas *diligencias espirituaes*, sob o mais absoluto segredo e em favor da Companhia.

«O commettimento será para o Duque e seus adherentes. Se elle tiver mêdo e recuar, não teremos nós arriscado senão algumas palavras confidenciaes, que lhe agitem as ambições, sem que o espirito lhes comprehenda claramente o sentido reservado.

«Creio que me percebeis bem. O Duque não é homem para surprehender subtilezas de phrase, nem para descobrir recatados intuitos em palavras disfarçadamente ingenuas. Mas ha de sentil-as o seu coração ambicioso, sobresaltar-se com ellas, adivinhar-lhes o alcance, como se fossem o ecco das suas proprias cubiças.

—Percebo—respondeu lentamente o Provincial. O meu coração irá comvosco, mas as minhas responsabilidades ficam ao arbitrio do Geral. Elle dirá o que é dever meu fazer.

—E não vos oppondes a que, no sentido expresso, tratêmos de salvar a Companhia, pelos nossos bons intentos e responsabilidades pessoaes?

—Não posso oppôr-me ao que *legitimamente desconheço*. O superior da provincia de Portugal nada sabe dos vossos designios e nenhuns encargos póde, portanto, tomar agora ou de futuro em nome da Sociedade.

—Pois bem. Darei eu o plano e alguem haverá que vá com elle até ao fim. Só de vós reclamo e espero o mais inviolavel segredo.

—Como Provincial não posso revelar o que *desconheço*, e como simples padre, vosso irmão em Jesus Christo, é dever meu não violar os segredos d'esta Casa, quaesquer que sejam. E' o dever do meu voto e é um encargo do meu coração.

«Pedirei a Deus que vos illumine e ajude, padre Miguel Nogueira.

—E eu prometto-vos que será salva em Portugal a casa de Santo Ignacio. A Companhia vencerá. Sobre os hombros do duque de Aveiro ou da princeza do Brazil, a roupêta ficará por cima dos arminhos reaes, em nosso pleno poder os confessio

narios e as escolas; o Geral maior do que o Papa, e o *Tigre*, rebolado a pontapés pelos degraus do throno, será cedido por por nós ás fogueiras do Santo Officio, como ultimo favor feito aos inquisidores que lhe teem lambido os pés, cheios de mêdo.

«Queimar Sebastião José, o mais abjecto dos impios, será, por imposição nossa, a derradeira gloria da Inquisição.

E de novo se assentou offegante.

O Provincial, os definidores e os padres que tinham sido expulsos do paço relancearam uns para os outros olhares de assombro e de receio.

Deslumbrava-os a suggestão de tamanho triumpho e tinham mêdo d'aquelle audacioso plano.

Passava-lhes deante dos olhos a visão da Companhia outra vez omnipotente, mas por detraz d'ella, na sua grandeza immensamente tragica, surgia-lhes a figura do ministro que cercára de forças as ruinas de Lisboa e atirára ás mãos do carrasco os amotinados do Porto.

* * *

Miguel Nogueira receava a derrocada da Companhia, mas não sentia ainda debaixo dos pés os primeiros estremeções do *terramoto* preparado por Sebastião de Carvalho.

Era já tarde para uma lucta ardilosamente sustentada. O ministro odiado andára mais depressa do que o velho jesuita suppunha e soubéra guardar e impôr o segredo das suas negociações em Roma.

As accusações contra a Companhia, espalhadas em publicações avulsas e opusculos, por directa e secreta iniciativa de Sebastião de Carvalho, andavam já traduzidas e extractadas por diversos paizes da Europa e tinham sido apresentadas ao proprio Pontifice.

O Resumo da conducta e ultimas acções dos jesuitas no Paraguay, e das suas intrigas na côrte de Lisboa, preparára a opinião para o golpe final. As negociações em Roma apressavam-no.

Pouco depois da expulsão dos confessores da familia real, Sebastião de Carvalho mandára expedir, por intermedio de D. Luiz da Cunha Manuel, titular da pasta dos negocios estrangeiros, como se diria hoje, umas instrucções especiaes a Francisco d'Almada de Mendonça, ministro de Portugal em Roma, ácerca do negocio dos jesuitas.

Foram expedidas em 8 d'outubro de 1757. Era um libello accusatorio para ser apresentado ao pontifice Benedicto XIV. Iam acompanhadas das copias authenticas de varios documentos officiaes.

Mas o Pontifice não tomára nenhuma resolução, e em 10 de fevereiro de 1758 eram expedidas novas instrucções a Francisco d'Almada, revalidando as anteriores accusações e formulando outras, que iam instruidas com extractos das cartas que tinham enviado do Brazil o general Gomes Freire d'Andrade, Francisco Xavier de Mendonça e o bispo de Grão-Pará, e com uma copia da sentença da alçada do Porto, proferida contra os que se haviam amotinado n'aquella cidade.

Carvalho accusava os jesuitas de instigadores do motim, cujo enorme processo enchêra *quatro mil folhas de papel*.

O plano de primeiro ministro era obter do Pontifice uma breve para a reforma da Companhia de Jesus em Portugal. A reforma implicava o reconhecimento dos abusos e crimes de que eram accusados os jesuitas, e seria o completo desprestigio e o primeiro passo para a destruição d'aquelle instituto religioso.

E obteve-o. Sebastião de Carvalho tinha um excellente auxiliar no cardeal Passionei, um dos secretarios particulares do Pontifice e um dos mais ardentes adversarios da Companhia (*)

N'aquelle mesmo dia em que em S. Roque se discutia o plano de Miguel Nogueira, Benedicto XIV, quasi moribundo, sancionava na sua camara do Vaticano, um *Breve* em que o cardeal D. Francisco de Saldanha (prelado da confiança de Sebastião de Carvalho e por elle certamente indicado) era constituido *visitador e reformador geral da Companhia de Jesus nos reinos de Portugal e dos Algarves e em todos os seus dominios*. (**)

O Breve dava ao Cardeal plenissimos

(*) Vide *O Marquez de Pombal—Cem annos depois da sua morte*, pelo sr. conde de Samodães, pag. 69.

(**) *Historia do reinado de El-Rei D. José*, por Luz Soriano. Tomo II, documento n.º 20.

poderes para *visitar e reformar por uma vez* as provincias da Companhia de Jesus de Portugal e de todos os seus dominios, com as egrejas, casas professas, noviciados, collegios, hospicios, missões, institutos ou logares de qualquer nome, quaesquer que fossem os seus privilegios e isenções, comtanto que pertencessem á Companhia.

Por si ou por delegados seus, directa ou indirectamente, o Cardeal podia inquirir da vida e costumes dos membros da Companhia, fosse qual fosse a categoria que tivessem na communidade, dos ritos e disciplina, e da observancia das doutrinas evangelicas e dos sagrados canones, das resoluções dos concilios geraes e dos preceitos das bullas e breves, etc.

Tinha a faculdade de punir, de transformar, de mandar e resolver, de motu proprio e sem appellação nem embargos de qualquer outra auctoridade ecclesiastica.

Este breve era o raio fulminadôr que Benedicto XIV punha nas mãos de Sebastião de Carvalho, por intermedio do cardeal D. Francisco de Saldanha.

Miguel Nogueira nem sequer podia sonhar que, talvez poucas horas antes d'aquella em que elle incitava os seus á lucta, Passionei havia escripto por baixo do terrivel breve esta formula da pragmatica pontificia:

Dado em Roma em Santa Maria Maior, debaixo do annel do Pescador ao 1.º de abril de 1758, e decimo oitavo do nosso pontificado.

Nunca ninguem attentára assim contra o podêr formidavel da Companhia de Jesus e nunca ninguem de tal modo se atrevêra a humilhar aquella potentissima sociedade, que fazia sombra ao solio pontificio e zombava das bullas dos papas!

A Companhia ia ficar opprimida e submissa nas mãos do cardeal Saldanha, delegado de um pontifice, que transigia a hora da morte, agente de um ministro que havia de ser o demolidôr da obra de Loyola.

IV

OS EXERCICIOS DE SANTO IGNACIO

Estava preparada uma nova romaria a Setubal. Iria a Marqueza com outras damas da nobreza. O padre Camara levaria o pendão com a imagem de Santo Ignacio.

Ostensivamente apenas uma piedosa romaria de senhoras, para não levantar perigosas desconfianças.

Mas o velho Miguel Nogueira, a lidar apaixonadamente pelo seu plano, com uma energia que era o prodigio dos seus extraordinarios setenta e oito annos, conseguira que disfarçadamente, por alta madrugada, houvessem partido tambem para Setubal os marquezes de Tavora D. Francisco d'Assis e Luiz Bernardo, acompanhados de João Alexandre. O filho mais novo de D. Francisco, o José Maria, esse não fôra convidado para os exercicios de Santo Ignacio.

O *negocio* estava ainda muito verde para metterem n'elle um rapaz de tão pouca edade.

Que nem mesmo o irmão e o pae iam ainda no segredo do plano. A Marqueza, instigada por umas vagas confidencias de Miguel Nogueira, exhortára-os a irem áquelles piedosos exercicios. Faziam bem ao corpo e á alma. Accederam por obediencia e por curiosidade. A Marqueza era d'aquellas mulheres que teem o dom de subjugar.

Como certos astros de primeira grandeza e soberbo fulgôr, tinha a sua immensa orbita de attracção e em volta de si apenas giravam satellites.

Havia relances de aguia nos seus bellos olhos de mulher. Levantassem-n'a sobre os degraus de um throno, e seria extraordinaria como a grande Maria Thereza d'Austria, sua contemporanea, o *nosso rei*, como os hungaros lhe chamavam, tal era a altivez do seu espirito e a firmeza do seu animo.

O auctor do plano iria tambem, mas a outra hora, acompanhando o duque de Aveiro, a quem preparára o animo para uma reconciliação com os Tavoras. Levaria comsigo o padre Perdigão e João de Mattos.

Como propositadamente se tornou publica a romaria das damas, a espionagem tomou todas as suas disposições para observar a saida das devotas e tomar nota das que iam, e não desconfiou sequer d outra romaria clandestina dos Tavoras e do duque d'Aveiro com os seus mentôres da Companhia.

Em disfarces de creado tinha ido com os Tavoras um homem, a quem Miguel Nogueira muito recommendára de vespera:

—Não se exponha a ser reconhecido, que se póde perder e perder-nos. Já aquellas cartas com a sua assignatura foram uma terrivel imprudencia! Olhe como os sabujos de Sebastião José redobraram de vigilancia!

—Ora, já tenho passado por elles sem me conhecerem. Ainda na semana passada estive no botequim de Marcos Filippe a ouvir tudo o que lá se dizia, e por signal que até ouvi certas coisas curiosas ácerca do bandalho, que ainda não está farto de sangue e de ladroeiras.

«Tive-o a bem pequena distancia de mim, e juro-lhe que senti tamanha onda de sangue na cabeça, que nem sei como tive mão n'este meu odio!

«Se me não lembrasse da Companhia, á qual posso prestar algum serviço, quando fôr preciso *pôr a procissão na rua*, ti-

nha saltado para fóra do botequim e enterrava-lhe n'aquelle coração damnado o punhal que trazia commigo.

—Era um desastre. Talvez o não matasse, e nem talvez o deixassem chegar ao pé d'elle; prendiam-no, martyrisavam-no e perdiamos nós um grande e lealissimo amigo, sem nos vermos livre do monstro, que havia de querer cevar as suas furias na Companhia.

—D'isso me lembrei, e fiz um immenso esforço para me contêr.

—E ainda que o matasse, cá ficava o *outro* para vingar o lobo que morde por conta d'elle. Erra o alvo quem começar por Sebastião José. Pelo *outro* é que é preciso principiar. Mas seja cauteloso. Em qualquer hora o podem surprehender n'essas imprudencias.

—Sei disfarçar-me bem; melhor do que eu suppunha. No botequim todos me tomaram por um verdadeiro feirante da Andaluzia.

—Mas olhe que já uma vez caiu nas mãos dos espiões, apezar do disfarce.

—O caso era outro. Estava mettido na armadilha. Contavam commigo.

—Como já contam comsigo para os lados da casa da concubina velha. Sei que está cercada de espiões.

—Eu os deixarei descuidar. Isso é ajuste de contas para um dia, que não virá tarde.

«Não póde haver odio egual ao meu contra ella e contra o devasso que a fez sua amante.

—O meu é ainda maior — disse Miguel Nogueira por entre dentes, de si para si.

«Mas saiba esperar, meu querido amigo. Outros ha que tambem esperam e talvez com sacrificio maior e de ha mais tempo. Eu, por exemplo, que ando a ter mêdo que a vida me falte e o coração se me cance de arrastar esta pesada velhice.

«Não se exponha, e olhe que não é por minha vontade que vae a Setubal. Precisamos agora de muita moderação, de requintada astucia, para que ao lobo não dê o faro da presa. Tudo se póde perder desgraçadamente n'um momento de imprevidencia.

«Tenho mêdo dos arrebatamentos do seu genio.

—Fique tranquillo. Saberei conter-me. Podia ficar, mas que quer? devora-me esta ancia de vêr o caminho que vamos seguindo. Morria de desespero, se me visse inutil n'esta consoladora hora de vingança. Quando todos hesitassem, iria eu para deante sósinho.

—Não se impaciente. Ha de chegar a hora para todos. E já que é sua vontade ir, que Deus o acompanhe, e lá nos encontrarêmos.

Miguel Nogueira procurava disfarçar os seus intimos desesperos e impunha tenazmente á sua dura velhice maiores e mais rapidos esforços em prol do plano que dois mezes antes lhe ouvimos indicar na secretaria reservada de S. Roque.

Tinham-se dado espantosos acontecimentos, e os da Companhia presentiam acabrunhados que a derrocada não podia tardar.

Comprehendiam que era preciso precipitar o desenlace da lucta, mas precipital-o sem comprometter abertamente a Companhia na mais temerosa crise da sua existencia de dois seculos.

Alentado pelo odio.era agora Miguel Nogueira o jesuita de mais altivo e arrojado animo.

Esboçêmos o que se havia passado desde o 1.º de abril até agora, 8 de junho.

O terrivel *Breve* de que tratámos no capitulo anterior chegara a Lisboa em fins de abril.

Investido dos excepcionaes poderes de *visitador e reformador* da Companhia de Jesus, o cardeal Saldanha nomeou para seu secretario a Estevão Luiz Magalhães, monsenhor da Patriarchal, distincto erudito e insigne canonista.

A 2 de maio o Breve foi intimado aos padres da Companhia e d'este facto se lavrou o respectivo auto. Ficaram como fulminados os dirigentes da casa superior de S. Roque.

Parecia-lhes pesadelo de um sonho terrivel aquella ousadia inesperada, aquella humilhação sem precedentes! Nenhum Pontifice se atrevêra nunca a semelhante audacia contra a Companhia.

Parecia-lhes que a férrea mão de Sebastião de Carvalho havia redigido aquelle assombroso *Breve* sobre a tiára do papa moribundo.

O padre provincial e o procurador da India reconheceram o visitador e foram prestar-lhe obediencia.

A visita de reforma começou pela casa de S. Roque.

A 15 de maio o cardeal Saldanha expedia da sua casa da Junqueira um *Mandamento* em que declarava os padres da Companhia réus de torpes mercancias e lhes prohibia o escandaloso commercio que faziam no reino e seus dominios.

Intimava-os para que no praso de tres dias fossem declarar as negociações de cambios de dinheiro e as mercancias em que se achavam empregados os seus cabedaes, as acções representativas dos seus haveres, e apresentassem os livros, cadernos e papeis de negocio que tinham em seu poder ou guardados em mãos d'outrem.

Era evidentemente a destruição da Companhia pelo descredito e pelo escandalo.

Comprehende-se bem com que ancia Miguel Nogueira se não empenharia agora pela rapida execução do seu plano.

* * *

Juntou-se muita gente a vêr embarcar as damas. Os espiões tomaram conta de todas as pessoas que iam.

Seriam dez horas quando o Andrade dos serviços da policia se metteu n'uma sége de aluguer e bateu para Belem, a levar informação do facto a Sebastiao de Carvalho.

O ministro tinha saído. Foi o Manuel Bento quem lh'o disse.

Pediu lhe indicasse o logar onde poderia encontral-o, ou, ao menos, se teria grande demora.

—Vieram ahi hontem convidar s. ex.ª para ir assistir a não sei quê, lá para as Necessidades, hoje ás 10 horas. E' uma coisa que começa assim por *arcada*.

—Ah! já sei o que é. Uma especie de academia, que se reune nas Necessidades e a que dão o nome de *Arcadia*.

—Isso, isso. E disse-me s. ex.ª que talvez viesse tarde, porque da tal coisa... já não tenho lingua para essas palavras novas...

—Arcadia... Ficou-me de ouvido, porque preciso de tomar sentido n'estas coisas...

—Pois s. ex.ª disse-me que depois de sair da tal Arcá... dia, tencionava ir ver as obras da cidade.

—Bem. Verei se lhe posso falar, ao menos á saída.

E metteu-se na sége em direcção ás Necessidades.

Havia grande borborinho no largo; varios grupos discutiam acaloradamente.

Deu-lhe o faro de caso extraordinario. Mandou voltar a sége para traz, apeou-se, pagou ao boleeiro e entrou no portal de uma velha casa fronteira á egreja do Sacramento.

Ali tirou rapidamente da grande algibeira interior da casaca uma peruca (pequena cabelleira redonda) e uns enormes oculos escuros, que trazia de prevenção para qualquer subito disfarce, e tornou para o largo das Necessidades com uns ares de curioso que procura um pasmatorio.

Convinha-lhe ouvir, sem despertar desconfianças,

Notou que era n'uma loja de barbeiro, que ficava ao topo da rampa que vae para o convento e paço das Necessidades, que mais acaloradamente se discutia.

Approximou-se da porta, confundido n'um grupo de ouvintes.

—Uns bisborrias! Uns asnos!—bramia um homem idoso, que fôra presidente da velha academia dos *Esdruxulos*, uma das muitas que tinham florescido no tempo de D. João V, e da qual o leitor ouviu falar em casa das meninas Lampreias e n'um *ouleiro* em Odivellas.

Hão de estar lembrados de que em casa das Lampreias e em Odivellas, appareceram com as primas *Assizes* os namorados d'estas meninas, que eram academicos esdruxulos e um d'elles, por signal, muito gago.

Pois, já casados e durazios, temol-os agora aqui na loja de barbeiro, ao lado do seu antigo presidente.

—Corja de bolonios! Não se lhes metteu em cabeça reformar as musas e mudar a poesia!

—Isto é para macaquearem *o outro grande*, que tudo reforma. Mas um olho dariam elles ao diabo para saberem fazer sonetos e decimas, acrosticos e odes como a nossa academia os sabia fazer.

—E que odes!—exclamou do canto da loja um velho septuagenario, ainda vigoroso. Odes! Nunca tive geito para as fazer, mas soavam-me bem ao ouvido as que se faziam ha trinta annos. Bons tempos, que já não voltam!

O velho que assim fala é tambem um conhecido nosso. E' o insigne tocador de viola, o delicioso capitão Manuel Thomaz, galã chronico de uma das meninas Lampreias, que Deus haja.

Estava já fóra do serviço, coisa que elle não perdoava a Sebastião de Carvalho. Havia chegado a sargento-mor e enfeitava-se para deixar correr os annos a esperar os postos, quando, em 1754, o secretario de estado dos negocios da guerra poz fóra das fileiras os ginjas inuteis.

Havia capitães de setenta annos e coroneis de oitenta! Em 1753 o governador da praça de Elvas era um macrobio de mais de cem annos! Tão incapaz, que não pôde comparecer á recepção do embaixador da França, que entrara em Portugal pela fronteira de Badajoz. (*)

—Tudo teem mudado!—continuou o Manoel Thomaz.—Deu o vento da maluqueira em toda a gente! Agora ha para ahi capitães de vinte annos, ainda a cheirar as fraldinhas e a pedir rólha d'assucar.

Riram na loja perdidamente.

—Não é por me gabar, mas capitães sérios e maduros como os do meu tempo é que eram precisos na tropa. Agora querem tambem reformar as odes; pois se a reforma fôr com a da milicia, podem limpar as mãos á parede, que fazem obra asseada!

—São uns pedantes!—exclamou o ex-presidente dos Esdruxulos.—Fazem chacota das nossas academias d'outro tempo e veem então para cá os toleirões com a sua *Arcadia*.

—Que eu nem sei bem o que quer dizer Arcadia—observou um dos ouvintes.

—Arcadia—explicou eruditamente o antigo academico do Pote das Almas—era o nome de uma provincia da Grecia, habitada de pastores. Os poetas antigos figuraram a Arcadia um paiz de innocencia, de poesia, de suave felicidade.

—E vae então aquelles maduros...

—A' imitação do que já se fez em Roma, dão o nome de Arcadia aquella *academia reformadora*, sob o patrocinio dos padres da congregação do Oratorio e com o *padroeiro* que nós sabemos.

—Pudéra. Não que os padres oratorianos, desde os tempos de D. João V que fazem sombra aos da Companhia no ensino das suas escolas.

—Ora ahi tem o motivo porque o *Homem* veio ouvir a versalhada dos pedaços d'asnos da Arcadia.

—Pois sim—volveu-lhe o outro em segredo—mas que se não fiem muito n'elle. Em lhe não andando a geito, ferra-lhes com os ossos na Junqueira ou nas Pedras Negras.

—E que se ponham lá a fazer odes—rosnou o Manuel Thomaz, que se havia approximado dos dois, e ouvira o segredo.

—E' uma farcolada tudo aquillo—disse alto o ex-presidente dos Esdruxulos.

«Sabem como elles chamam á casa onde estão reunidos e que lhes foi cedida pelos padres das Necessidades? O Monte Ménalo!

—Isso é monte que ha de ficar lá p'ráas bandas da Galliza—commentou o Manuel Thomaz.

Grande risota.

—E' um monte grego—elucidou o erudito.

«E o symbolo que elles tomaram? Um lyrio. E o emblema? Meio braço com um pendão e este distico latino *Inutilia truncat*.

—Meio braço é ratão! —observou o Manoel Thomaz. Ao menos, os da irmandade de S. Francisco teem os dois meios braços.

Novas risadas.

—E os nomes que elles inventaram? O Antonio Diniz é *Elpino Nonacriense*, o Negrão, *Almeno Sincero*, o Garção, *Corydon Enymantheo*...

—Raios de nomes!—interrompeu o Manuel Thomaz. Macacos me mordam, se não são nomes turcos! Esses estafermos nunca hão de vir a fazer odes que gente christã possa entender.

(*) Em janeiro de 1753 o conde de Bachi participava ao ministro dos negocios estrangeiros de França a sua chegada a Elvas, *cujo governador lhe mandou pedir escusa de o não ir visitar, cousa que era assaz legitima, pois que tinha mais de cem annos*. (*Quadro Elementar, etc. Tomo VI*).

—Eu tenho lá em casa dois filhos—bradou um dos primos das *Assizes*.

—I... i... i... eu... tres .. tres—interrompeu o esdruxulo gago.

—Desanco-os, se lhes dá a venêta para serem arcadicos.

—I... i... i... *idem*.

Vem a proposito contar que estes dois ex-academicos estão casados vae para vinte e oito annos com as respectivas primas *Assizes*. Foi muito antes do fallecimento das Lampreias. Ainda o *Dioguinho* lhes foi á festa do noivado.

* * *

A primeira Arcadia, fundada em 1756 por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho, teve uma alta e lucida influencia na litteratura portugueza e não foi uma congregação de poetastros, como diziam os despeitados e invejosos das comicas academias do tempo de D. João V.

Aos fundadores se agrnparam depois outros homens de talento, que deixaram o seu nome vinculado em paginas de immortal fulgôr.

Antonio Diniz da Cruz e Silva é um dos maiores poetas humoristicos das litteraturas europêas; Francisco Antonio Correia Garção e Domingos dos Reís Quita não foram dos menos illustres que teem tido as lettras portuguezas, e Francisco José Freire (Candido Lusitano) era u n alto espirito e um notabilissimo erudito.

Nunca nos tempos de D. João V appareceram homens de tão elevada esphera litteraria.

A despeito das suas preoccupações de pretencioso classicismo,apezar do seu *Monte Menalo* e dos seus pseudonymos, tantos d'elles extravagantes, a Arcadia assignála uma fecunda evolução litteraria, n'este pobre paiz, onde as boas lettras se haviam abastardado e descido até á pieguice e á forma sonorosamente grotesca.

A sua primeira reunião solemne effectuára-se a 19 de julho de 1757 em uma sala da real casa das Necessidades.

* * *

Os socios das diversas academias de pataratas, ainda existentes ou já extinctas, tinham sabido d'aquella reunião e haviam combinado uma grande assuada aos arcades, que publicamente mofavam dos poetastros infamadôres da poesia nacional. Vates do reinado da marmellada chamavam aos outros os da Arcadia.

Os offendidos juraram estrondosa vingança e aproveitavam aquelle ensejo. A' saida dos arcades a troça havia de ser falada. Até havia garotos contratados para formarem uma musica infernal de panellas velhas.

Estava-se n'um seculo de luctas formidaveis e de luctas grotescas. Luctas de preponderancia social, luctas de revolução politica, luctas de religião, luctas de escola na philosophia e na litteratura. E não raras vezes a tragedia sanguinaria dava o braço ao baixo entremez.

Uma surpreza opprimia o animo dos trocistas. Não contavam que o terrivel ministro fosse assistir á reunião da Arcadia.

—Mas deixa-se que saia o *Homem*—alvitrava na loja do barbeiro o erudito da assemblêa.

«Os pastores do Monte Menalo não hão de sair logo atraz d'elle. Depois do *Papão* se ter afastado é que é cascar-lhes com a surriada.

—Então é que elles se hão ver *gregos!*

Fóra da loja foi correndo o alvitre de bocca em bocca.

—A coisa fica para depois de Sebastião de Carvalho se ir embora.

—Hão de dar ao diabo a cardáda.

—E vamos-lhes ao pello, se se fazem pimpões.

E dentro o ex-academico gago observava um pouco receoso:

—Mas... mas... se... se... será bom dei...xar ir lon...longe...us... us...dra... dra...gões.

O gago tinha um mêdo aos cavallos que se pellava. E não lhe escapara que as ordenanças do ministro estavam á espera a um recanto do edificio das Necessidades.

O Andrade ouvira o sufficiente para perceber de que se tratava. Afastou-se, guardou os oculos, foi direito ao porteiro do convento, disse-lhe quem era e entrou para ir avisar o ministro.

A sessão estava acabar. Um dos arcades agradecia ao ministro a honra que lhes concedêra, e, n'um arrebatamento de lisonjeadôra apologia, lembrava a entrada de Sebastião de Carvalho na Real Academia de Historia, enaltecendo-lhe o discurso em

que elle se comparára a Prometheu, e qualificando de admiravel o elogio historico do Marquez de Louriçal, escripto em Londres pelo grande ministro.

Lisonjeadora mentira! O discurso academico de Sebastião de Carvalho em 1733 era uma empola da detestavel rhetorica do seu tempo e o elogio do marquez de Louriçal era dos peores escriptos do poderoso estadista.

Sebastião de Carvalho escrevia muito; registava todos os grandes acontecimentos; tinha a paixão da epistolographia, escrevia longas cartas politicas aos ministros portuguezes no estrangeiro; tinha esboçada uma historia dos judeus, um estudo intitulado *Mechanismo Politico*, offerecido á mocidade portugueza, escrevêra largas considerações ácerca da situação politica e economica do paiz antes do terramoto e bosquejára a *Deducção chronologica e analytica*. libello contra os jesuitas, que havia confiado a José de Seabra, para elle completar e revêr.

Mas, como tem succedido a outros homens illustres, a sua fórma escripta era sempre muito inferior ás suas qualidades de orador politico e de conversador captivante, expontaneo, cheio de vivacidade, e, não raras vezes, de graça e de caustica ironia. Era outro.

Dava-se este dualismo na sua individualidade litteraria como na sua individualidade moral se dava o dualismo do seu coração de estadista e do seu coração de chefe de familia. (*)

Era a quinta essencia da crueldade para os inimigos que se atravessavam no caminho dos seus objectivos; amoravel nas horas tranquillas do lar, jovial e affavel para os humildes que se acolhiam ao seu patrocinio ou para os leaes collaboradores da sua obra.

* * *

O Andrade saiu das Necessidades e mandou seguir para baixo a sége do ministro. Elle desceu para Alcantara. Obedecia a um plano.

Os mais afastados notaram apenas o movimento da sége e não repararam em que as ordenanças tinham ficado de cavallos á mão para o lado da igreja.

—Já lá vae o *Homem*.

—Já se foi o papão.

—Agora é que é fazer sair as abelhas do cortiço.

—Vamos aos arcades!—clamou o erudito, saindo da loja do barbeiro. Agora é que o *Elpino Nonacriense* vae apanhar inspiração para uma ode pindárica. Até os ratos do *Monte Ménalo* vão ficar assombrados.

E a um signal seu rebentou no largo uma assuada medonha.

Os garotos assobiavam e batiam nas latas velhas furiosamente.

—Fóra os poetas do lyrio!

—Salta p'ra rua!

—Sús! academicos do meio braço!

E figuravam o emblema escandalosamente.

—Se querem odes a murro, vamos a isso. —gritou o Manuel Thomaz.

Mas n'isto vibraram por entre aquella inferneira as vozes em grita dos que iam na frente dispostos a entrar no edificio, e agora recuavam contra os outros.

—O secretario d'estado!

—Sebastião de Carvalho!

E os mais altos viram distinctamente a soberba figura do primeiro ministro, de rosto avincado, encarando a multidão.

Appareceram as ordenanças.

—Ai que estamos pilhados!

E uma das *Assizes*, a que estava casada com o gago, da janella do 1.º andar do barbeiro, para onde fôra no intento de disfructar a troça, gritava esganiçada para o marido:

—O' menino. recolhe-te! Olha os dragões a sacarem das espadas!

E o barbeiro a querer fechar a porta da loja e o gago a gritar desesperadamente:

—Us... us... us... ca... ca... vallões!

Com o susto, associára na mesma idéa os dragões muito altos e os cavallos muito grandes, e disse *cavallões*.

Sebastião de Carvalho determinára ás or

(*) José Estevão, orador parlamentar de soberbos improvisos e de prodigiosos fulgóres, o maior que ainda teve a tribuna politica em Portugal, escrevia com difficuldade e era quasi sempre inferior a si mesmo escrevendo.

Fontes Pereira de Mello, parlamentar fluente, energico, dominador, um dos maiores triumphadores na tribuna politica, era escrevendo o pallido reflexo do seu notavel talento politico.

denanças que dispersassem os manifestantes.

Os soldados metteram os cavallos aos saltos por entre a multidão, que foi fugindo ennovellada para a rua do Sacramento e para a Pampulha.

Fervia a espadeirada no costado dos academicos protestantes e respectivos adherentes, e o rapazio, a pinchar como os macacos, ia gritando esganicado:

—Sêbo nos calcanhares! Anda a rabiar o peixe espada!

* * *

—Fujam!

Um soldado mais audaz trazia já enfiada na espada a peruca de um velho sonetista da academia dos *Vergonhosos*.

Ouviu-se o tropel da cavallaria a trote. Era um piquete que o Andrade fóra chamar ao proximo quartel do regimento de Alcantara, do qual era tenente-coronel o *Marquez novo*, Luiz Bernardo de Tavora, que tinha ido clandestinamente a Setubal para os exercicios de Santo Ignacio.

—Fujam, que ahi vem mais cavallaria!

—Já não ha portuguezes!—bramia o Manuel Thomaz, aos murros á multidão espavorida, que o levára de roldão até á Pampulha.

O Andrade tinha voltado e falava confidencialmente com o ministro.

—Veem ahi os poucos soldados que foi possivel encontrar no quartel—disse a Sebastião de Carvalho. Para um aperto maior, estavamos bem servidos!

—Coroneis fidalgos, tenentes coroneis marquezes e os regimentos ao Deus dará! —disse de si para si o ministro.

—Como não estava nenhum dos chefes e encontrei á porta um cabo de esquadra que está ao serviço do sr. marquez...

—Bem sei—interrompeu o ministro—Um tal Braz José, que esteve na India com o Marquez velho.

—Diz v. ex.ª muito bem. Perguntei-lhe pelo tenente-coronel, e respondeu-me que tinha saído para fóra de Lisboa, hoje de madrugada, a fazer uma visita.

—No mesmo dia em que a mãe foi para Setubal, em romaria ao Malagrida!—pensava o ministro.

«No mesmo dia em que o Duque manda pedir desculpa a el-rei de não ir ao paço, allegando incommodo de saude!

E carregou o sobr'olho, reflectindo.

—Sr. secretario d'estado!—disse o sargento commandante dos dezoito soldados que fôra possivel encontrar no quartel. Recebo as ordens de v. ex.ª

—Siga com a sua gente a dispersar esses arruaceiros que as ordenanças correram aqui do largo. Prenda sómente os que resistirem.

O sargento metteu a trote com a sua gente para as bandas da Pampulha.

—Isto havia de ser encommenda dos jesuitas!—commentava Sebastião de Carvalho.

«Andrade, deixe um homem de confiança que o substitúa, e parta já para Setubal.

«Estou em crêr que houve tambem romaria de homens que você não viu. Vá, mas antes escolha dois espias para observarem quando volta o tenente coronel Luiz Bernardo.

«Veja se me sabe ao certo lá em Setubal quem assiste aos exercicios de Santo Ignacio. Vá disfarçado para não dar nas vistas.

—Em menos de duas horas terei embarcado.

—Ia apostar—dizia de si para si o ministro—que o illustre marquez de Tavora, pae, mestre de campo general e director geral da cavallaria, e o *infeliz* tenente coronel, seu filho, foram tambem para os exercicios do Malagrida.

E, desfranzindo um sorriso de terrivel sarcasmo, foi direito aos da Arcadia, que estavam á porta, ainda enfiados de susto.

—Vossas mercês sáem commigo—disse-lhes.

«Quero dar-lhes este publico testemunho do apreço em que tenho os seus meritos

—Tamanha honra para nós, sr. secretario d'estado!—exclamou commovidamente Antonio Diniz da Cruz e Silva, o futuro auctor do *Hyssope*, o mais formoso poema comico da litteratura portugueza.

—Os senhores é que honram o paiz com o seu engenho.

E desceu para a rua do Sacramento, entre os arcades.

A cavallaria tinha varrido toda a Pampulha e ia já a Santos, levando deante de si algumas dezenas de trocistas, que se lhe

iam mirrando pelas travessas e pelas portas.

* * *

Vamos ver em que tinham dado os exercicios de Santo Ignacio.

Entrêmos no collegio de S. Francisco Xavier da villa de Setubal.

Fôra fundado pelos padres da Companhia em 1655 no local denominado Palháes. Havia sido ampliado em 1703. A egreja foi destruida pelo terramoto de 1755. Desde então os jesuitas celebravam os officios divinos em uma capella da invocação de S. Francisco Xavier.

Era n'aquelle collegio e n'aquelle recanto formosissimo do *paraizo terreal*, segundo a expressão de um poeta dinamarquez do nosso tempo, era ali n'aquelle *tentão das laranjeiras noivas*, como lhe chamou Antonio Feliciano de Castilho, que estava *degredado* o propheta, o thaumaturgo Malagrida, desde novembro de 1756.

Depois da missa e das rezas na capella, á porta fechada, deante da imagem do fundador da Companhia, o santo Malagrida levára os seus devotos para uma casa grande do pavimento superior, onde havia uma imagem de marfim do Christo na cruz.

Era aquella casa destinada aos exercicios especiaes com as devotas escolhidas, os quaes começavam sempre por uma homenagem lyrica de Malagrida, que era tam-

Devoções

bem poeta. O *santo* cantava de joelhos deante da imagem, acompanhado por um pequeno orgão. (*)

Todos de joelhos piedosamente. O Duque, os dois marquezes de Tavora, o conego José Maria de Tavora, a marqueza D. Leonor com outras damas da sua intimidade, os padres jesuitas que já indicámos no principio d'este capitulo e mais o procurador geral de S. Roque, José Perdigão, os padres Jacintho da Costa e Timotheo de Oliveira, do collegio de Santo Antão, o padre Manuel Ignacio, capellão do Duque, Antonio José Leitão, escudeiro da Marqueza, a creada particular d'esta e o falso *creado de acompanhar*, como então se dizia, e nós já sabemos que é Gaspar de Lemos.

As damas estavam n'um indefinivel consolo de extase. Nunca tinham sentido tanto encanto na musica melancholica do orgão e nos villancêtes italianos do *santo prophela*.

E Malagrida, de joelhos, olhos em alvo, a voz ligeiramente velada e tremula, cantava:

Perdon, caro Gesù
Pietà, mio Dio;
Prima di peccar più
Morir voglio.

Perchè siete, ó Signor,
Bontà infinita,
Detesto l'impio error,
L'impia mia vita.

Uma delicia! Apezar dos seus quasi sessenta e nove annos, Gabriel Malagrida não deprimia as tradições lyricas da patria italiana. (**)

As damas foram beijar as mãos e a roupêta do *santo*.

Depois, Miguel Nogueira falou em segredo com a Marqueza, foi combinar alguma coisa confidencial com Malagrida e saíu.

—Meu santo missionario—disse-lhe a Marqueza—conte a estas senhoras aquelles grandes milagres que eu nunca me canço de lhe ouvir.

—Contarei, sr.ª Marqueza. V. ex.ª manda.

—Peço, peço é que é. Vão ver que prodigiosos milagres foram!—disse para as damas

—Favores de Deus ao seu humilde servo! —volveu Malagrida modestamente.

O Duque e o falso criado tinham saído com o padre Nogueira, surrateiramente.

Os Tavoras, os jesuitas e o escudeiro Leitão estavam agrupados por detraz das senhoras, sentadas em tamborêtes rasos, antigos.

Malagrida, de pé, preparava-se theatralmente para narrar os seus milagres.

N'isto, voltou Miguel Nogueira.

—Queiram perdoar-me — disse. — Sr.ª Marqueza, está ali fóra uma afflicta mulher, que chegou de Lisboa e muito deseja falar em particular a v. ex.ª, e, ao que disse, em negocio de muita urgencia para ella.

—Valha-me Deus! O que será?

—Disse-me que era uma desditosa a quem v. ex.ª tem protegido—respondeu Nogueira, trocando olhares de intelligencia com os outros padres.

—Que pena tenho!—acrescentou a Marqueza.

«Mas o meu santo missionario perdôa-me, não é assim?

—Oh! sr.ª Marqueza, o que posso eu perdoar a v. ex.ª?

—Mas espera-se que a sr.ª Marqueza volte—alvitrou uma das damas.

—E'verdade, espera-se—confirmou outra.

—Não, isso não, que póde ser coisa de demora. Eu não me canço de ouvir...

—Mas como estas senhoras ainda não ouviram—acudiu Miguel Nogueira—é natural que estejam anciosas de conhecer os

(*) A paginas 210 do seu livro *Perfil do Marquez de Pombal*, Camillo Castello Branco escreveu, baseando-se nas interessantes *Memorias do Bispo do Pará*, ou, o que vale o mesmo, guiando-se pelo testemunho de um prelado que perfeitamente conheceu Malagrida:

«Confessava elle que, se não fosse padre, certamente se teria perdido arrastado pela ambição que dominava com o habito. Era poeta de villancêtes ao divino, que se cantavam com musica,»

E transcreve das indicadas memorias alguns versos de Malagrida.

(**) Era filho de um medico italiano (Diogo Malagrida) e nascêra na villasita de Managgio, que fica nas margens do lago de Como, a 18 de setembro de 1689.

Ha uma historia de Gabriel Malagrida, que foi escripta pelo padre Mury e está traduzida em portuguez por Camillo Castello Branco.

prodigios com que Deus tem honrado este glorioso missionario da Companhia.

«Salvo melhor opinião, queria parecer-me que o nosso bom irmão Malagrida lhes podia ir contando os seus grandes serviços á santa igreja catholica, em quanto a sr.ª Marqueza vae abrir o seu piedoso coração á pobre infortunada que a está esperando.

—Assim me parece bem—opinou Malagrida.

—Pois então, concedam-me licença—disse a Marqueza, e saiu acompanhada de Miguel Nogueira.

Fôra de ante-mão combinado aquelle embuste. Era preciso illudir as damas e deixal-as entretidas, emquanto se tratavam assumptos que não convinha revelar-lhes.

* * *

Emquanto Malagrida conta como uma vez déra fala a um mudo e curára milagrosamente uma filha de D. Antonio do Amaral Sarmento; emquanto elle narra por que milagroso mysterio, durante as suas missões no Brazil, as barbas se lhe fizeram todas brancas e os cabellos se lhe conservaram loiros, vamos nós ouvir o que se diz á porta fechada em uma cella proxima.

Estão lá dentro a Marqueza, o Duque, Miguel Nogueira e o falso creado, ou, como se dissessemos, Gaspar de Lemos.

—Sr.ª Marqueza—dizia Miguel Nogueira—o sr. duque d'Aveiro deu-me a honra de ser o seu interprete e intermediario perante v. ex.ª. A conjunctura é tão grave e afflictiva para a santa egreja, para a nação e para a mais preclara nobreza d'estes reinos, que não podem continuar desavindas duas das mais illustres familias de Portugal, afastadas do throno por um despota ignobil.

«Rudemente feridas nos seus direitos, nas suas susceptibilidades e até na *sua honra*, cabe a essas duas insignes familias a tarefa salvadora d'esta pobre terra, que Deus, na sua infinita misericordia, não deixará desamparada nas mãos sangrentas de um *Impio*.

«Dando ouvidos contrictos ao seu coração de bom catholico e de bom portuguez, o sr. duque d'Aveiro renega antigas desavenças e põe as suas homenagens aos pés da nobilissima dama, que, segundo opiniões de auctoridade, tem direito de ser *Duqueza de Tavora*, junto de quem póde ser o primeiro poder nos degraus do throno . . . ou sentado n'elle.

A Marqueza fez-se muito pallida. O Duque, afogueado e commovido, curvou-se deante d'ella e beijou-lhe a mão, branca e trémula.

Olhos que foram sempre lindos, e tinham ainda singular fulgôr, busto esculptural que nenhum grande estatuario desdenharia para modelo das suas peregrinas figuras de mulher, D. Leonor de Tavora, a despeito dos seus cincoenta e oito annos,

A Marquez de Tavora (Em 1730)

era ainda uma das mais formosas damas da côrte.

Agora dêem áquelle occaso de belleza femenil um ar altivo de princeza, as scintillações de um espirito superiormente culto, a excepcional firmeza de uma luctadora, a energia febril de uma alma devorada de ambições, e ahi teem completa essa extraordinaria figura de mulher.

Baixo, grosseiro, olhar tôrvo a espelhar um espirito mediocre, accendido em insaciaveis cobiças, o Duque, dobrado deante d'ella, dava a impressão de um famulo que vae ajoelhar-se aos pés de uma rainha!

Aquella reconciliação estava de ante-

mão preparada; por parte de Malagrida no animo da Marqueza e, por influencia de Miguel Nogueira, no coração rancoroso do Duque.

Tinham lisonjeado as ambições da Marqueza; acceitou o alliado que lhe offereciam, mas sem que na sua alma se lhe dissipassem as repugnancias que sempre sentira por aquelle estranho favorecido da fortuna, feito duque e milionario com o expolio de uma herança litigiosa.

Desaffeiçoado de todos, caracter antipathico, accusado de sórdidas cobiças, animo quebradiço, que só na sombra ousava sonhar rebeldias e desafogar rancôres, D. José Mascarenhas não poderia ser nunca o chefe intrepido e prestigioso de uma conjuração.

Dizia-se até que para os familiares, seus dependentes, tinha miseraveis sovinices e iras brutaes, que se desafogavam em lucuções de reles plebeiismo.

A Marqueza conhecia-o bem e só o seguiria de olhos fechados, para não reparar n'elle, com a alma esquecida de tudo no deslumbramento dos seus sonhos de grandeza e de vingança.

* * *

Tinham conversado largamente.

—O sr. marquez D. Francisco e seu filho, sr.ª Marqueza—dizia Miguel Nogueira—estarão decerto com v. ex.ª, logo que tenham seguro conhecimento d'essa affronta á sua honra.

—Muito claramente favorecida pelo infame Sebastião José—accrescentou Gaspar de Lemos, rancorosamente.

—Esse Sebastião José tambem precisa de levar uma *fumaça* (*). Tem feito o que tem podido contra mim e contra a minha casa—disse o Duque na sua rustica linguagem.

—A v. ex.ª pertence a resolução e a escolha e certamente ha de querer fazer as coisas com metnodo, a começar de cima. O braço de Deus tambem pune implacavel quando chega a hora da justiça Não raras vezes a divina sabedoria tem escolhido na terra aquelles que hão de abrir caminho aos santos principios.

(*) Depois saberêmos o sentido em que o Duque empregava esta palavra.

E pondo os olhos na Marqueza, accrescentou solemnemente:

—O sangue de Holophernes não pôde macular as mãos de Judith, a mulher forte da Escriptura.

A Marqueza percebeu a allusão e fez-se muito pallida.

—O mestre de Aviz—continuou Nogueira—rei como nenhum outro igual na terra portugueza—tambem houve de fazer justiça por suas mãos, justiça de sangue no amante da rainha Leonor Telles, valído quasi no throno, e o mundo chamou ao matador—o rei de *Boa Memoria*.

Esta passagem historica era consagrada ao Duque.

No proposito de exacerbar os resentimentos da Marqueza contra o real amante da nora e cunhada, Gaspar de Lemos interveio desastradamente na conversa com esta allusão brutal:

—Nem todos teem bôjo para seguir a lição do primeiro marido de D. Leonor Telles, aquelle João Lourenço da Cunha, que resumiu a resignação de uma enorme deshonra, pondo na gorra os doirados emblemas do seu infortunio. (*)

Afogueou-se o rosto de D. Leonor de Tavora e o peito arquejou-lhe violentamente.

Miguel Nogueira percebeu o effeito da crua referencia do Lemos, e preparou a conclusão da conferencia.

O primeiros lineamentos do plano estavam traçados. Era ainda cêdo para tratar de pormenores.

—Temo-nos demorado muito—disse. Parecia-me prudente que voltassemos á sala dos exercicios espirituaes. As senhoras que acompanharam v. ex.ª, sr.ª Marqueza, não sabem ainda do segredo d'este *negocio*, e hão de ter estranhado tamanha demora.

—Diz bem, padre Nogueira—respondeu D. Leonor.

—Agora, sr.ª Marqueza, em minha casa, ou em casa de v. ex.ª, como combinármos?

—Sim, Duque. Isso se combinará depois.

(*) Conta-se que este fidalgo, sabendo-se infamado pelo rei Fernando I, apparecêra com duas pontas de oiro na cabeça.

—Pela nossa parte, nós os padres da Companhia—disse Miguel Nogueira—havemos de trabalhar tambem pela santa causa, mas precisamos de proceder com certos resguardos por causa d'esse reles *cardeal reformador*, que é outro sabujo de Sebastião José.

Chamava-se a isto *sangrar-se em saude*. Miguel Nogueira empurrava os conspiradores, mas procurava salvar as responsabilidades da Companhia.

* * *

Malagrida contara primeiro o milagre feito a um mudo. Fôra no Brazil. O pobre homem procurára-o acompanhado de um menino, que lhe servia de interprete. O pequeno disse ao jesuita que o vinham procurar para alcançar em suas rezas o patrocinio da Senhora das Missões em favor do infortunado mudo, muito devoto d'aquella Senhora.

Malagrida encarou-o, fez a sua supplica mental, e o mudo exclamou logo: *Jesus!*

Depois narrára o outro milagre da cura de uma filha de D. Antonio do Amaral Sarmento. Estava já desamparada dos medicos, irremediavelmente perdida e, com um bocadinho de pão que lhe deu, completamente a curou!

O auditorio estava pasmado de puro assombro e cada uma das damas punha no pensamento o milagre que mais lhe conviria pedir ao santo, em occasião opportuna.

—Agora o tal das barbas brancas—solicitou uma velha morgada.

—Ai esse ha de ser muito lindo!—acudiu outra dama.

—Mas o nosso *santo* talvez esteja cançadinho...—observou uma que tinha estado reclusa em Odivellas, morêna de olhos negros e buço, ainda muito bem conservada.

—Não estou, não, minhas filhas. Eu conto já. Deixem ver se me lembro bem. Já lá vae tanto tempo!...

«Foi tambem no Brazil...

—Ai muito se demora a Marqueza!—cochichou a morgada velha para a outra que estivéra em Odivellas, e que accrescentou logo com um malicioso sorriso:

—E o Duque ausentou-se tambem! Elles lá se entendem. Foram acudir á *mulherzinha*. Historias!

—E nãe se faz velha!

—Scio! Scio!

—Ora oiçam, minhas filhas. Andava eu uma vez divagando n'uma floresta, quando me surgiu em forma humana uma alma do Purgatorio.

—Crédo, Santa Maria purissima!—interrompeu a morgada velha. E, ó meu bemaventurado padre, era alma fêmea ou macha?

—Está bem de ver que havia de ser fêmea—accudiu a esposa de um fidalgo da Academia Real de Historia. As almas são todas fêmeas.

E a trigueirota de buço dizia comsigo a sorrir:

—No meu tempo as que appareciam na cêrca de Odivellas eram todas machas, de calção e meia.

—Mas como vinha em fórma humana—replicou azeda a morgada velha—logo pelos trajes...

—Vinha envolvida n'um grande manto negro — acudiu Malagrida, para evitar aquella inconveniente *questão prévia*, como se diria na linguagem parlamentar do nosso tempo.

«E a gemer e soluçar, que fazia dó, pediu-me que tivesse piedade d'ella e a consolasse com as minhas orações.

—Coitadinha!

—E disse-me a chorar: «Rogo-vos que só cesseis de implorar para mim a clemencia de Deus, quando as vossas barbas se fizerem brancas. Este será o signal de que estou redimida. E logo desappareceu.

«Fiz o que ella tanto me pediu, orei de todo o coração, e, pouco depois, a minha barba embranquecia de repente e os meus cabellos continuavam loiros! (*)

—Bemdictas barbas! — exclamou a morgada n'um extase...

A mulher do fidalgo, socio da Academia Real de Historia, não queria ficar atraz da morgada no tocante a louvôres ás barbas do *santo* e desfechou-lhe esta amabilidade:

—O senhor meu marido já uma vez falou das barbas de D. João de Castro na Academia Real de Historia; pois, barbas

(*) Os milagres que deixamos indicados, e ainda outros, veem largamente referidos na Historia de Malagrida pelo padre Mury, obra que, como já dissemos, foi traduzida por Camillo Castello Branco. (1875)

por barbas, as de vossa paternidade não são menos reaes nem menos historicas que as do tal viso-rei da India, e são barbas milagrosas, e d'essas é que o outro não tinha.

«Ha de o meu marido falar d'ellas na Academia, que lh'o hei de eu dizer.

—Oh! senhora minha, mas eu não mereço tanta distincção!

—Ah! isso merece. E pelo meu voto todos os clerigos haviam de andar de barbas.

—Pois sim— objectou a morgada—mas nem todas as barbas são milagrosas.

—Deixal-o. Ainda que não fosse senão para se differençarem da rapada carranca d'esse excommungado Sebastião José!

—Figas!—exclamou a morgada, fazendo-as.

Malagrida persignou-se; as damas seguiram-lhe o exemplo. Os Tavoras cochichavam entre si. O escudeiro Leitão mordia os beiços para não desatar a rir.

* * *

A Marqueza entrou. O Duque, Miguel Nogueira e Gaspar de Lemos entraram pouco depois.

—Ai sr.ª Marqueza!—disse a que tinha estado reclusa em Odivellas. Que lindo! Que lindo o milagre das barbas!

—Sr. padre Malagrida—chamou da porta o leigo porteiro do Collegio. Com perdão de vossa paternidade e de toda a companhia.

—Tem alguma coisa a dizer-me em particular?

—Em particular, não senhor. Deram-me agora lá em baixo um recado para os srs. duque de Aveiro e marquezes de Tavora.

—Para mim!—exclamou o Duque empallidecendo.

—Para nós?—perguntou D. Francisco de Tavora, relanceando para o filho um olhar de estranheza.

—Mas quem trouxe o recado e de quem? —interrogou Miguel Nogueira.

—Quem era é que eu não sei dizer bem a vossa paternidade. Vinha em trajes de lacaio e entrou no portão a perguntar-me se cá estariam o sr. Duque e os srs. Marquezes.

—E você respondeu-lhe? — perguntou Miguel Nogueira, fazendo-se livido.

—Disse-lhe que me parecia que sim

—*Diavolo di béstia! Animalesco!*—resmungou Malagrida, empallidecendo.

—Devia de responder-lhe que não sabia. Era a sua obrigação—admoestou o padre Nogueira, muito irado.

—Mas elle disse-me que trazia um recado urgente e de muita circumstancia.

—Vá chamal-o aqui.

—Deu-me o recado e foi-se embora, dizendo que tinha de embarcar já para Lisboa.

—E que recado foi?—perguntou Miguel Nogueira, já desorientado.

—Que seu amo...

—Qual amo?

—Não m'o disse.

—Que estupidez a sua!

—Mas que recado foi?—perguntou o Duque.

—Que se não demorasse muito o sr. Duque, porque el-rei já tinha perguntado se sua ex.ª estava melhor... E o pobre diabo muito atrapalhado pela má catadura com que lhe falavam, relanceava para todos uns olhares de aparvalhada timidez, por não perceber em que podia ter desagradado áquella gente, quando aliás lhe parecia ter cumprido um dever.

—El-rei!—disse o Duque apprehensivo.

—Vamos e que mais?—instou Miguel Nogueira.

—E que o sr. secretario d'estado Sebastião de Carvalho muito estimava falar aos srs. Marquezes, assim que tivessem voltado dos exercicios do sr. Santo Ignacio.

—Mas Sebastião José não sabia que tinham vindo para aqui!—disse baixo a Marqueza para o marido e para o filho.

—Teve denuncia—murmurou o velho marquez.

—Algum espião nos seguiu!—rouquejou Luiz Bernardo de Tavora.

—Estou a comprehender que esse lacaio era um espia do villão—segredava Miguel Nogueira ao Duque. O recado foi canalhice para nos assustar. Pois engana-se; quanto mais apertar, mais depressa irá a terra.

Os outros jesuitas estavam enfiados. As damas do séquito da Marqueza e o escudeiro é que não percebiam a razão d'aquelle espanto.

O rosto de Gaspar de Lemos tomára uma expressão tôrva de raiva.

Miguel Nogueira tivéra o presentimento da verdade. O que elle, porém, não podia saber era como Sebastião de Carvalho suspeitára da vinda a Setubal do Mascarenhas, dos Tavoras e, muito menos, que o fingido lacaio era, nem mais nem menos, que o Andrade da policia de espionagem.

* * *

Appareceu á porta muito enfiado um dos jesuitas do collegio.

—Padre Malagrida!—exclamou. Não acabam sobre nós os ultrajes dos impios.

—Dizei o que foi!—accudiu Miguel Nogueira.

—Estão a affixar nas portas das egrejas um edital do patriarcha, suspendendo-nos do exercicio de confessar e prégar!

—E' monstruoso!—bramiu Miguel Nogueira.

E Malagrida cruzando as mãos sobre o peito, disse:

—*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum*! Assim disse o santo rei David. O meu coração está prompto. Senhor, o meu coração está prompto!

«Prompto para os maiores soffrimentos.

—E á nossa porta o affixaram tambem, para maior affronta!—respondeu o recem-chegado.

Effectivamente, á porta do collegio um numeroso grupo de gente do povo ouvia ler com assombro este edital do patriarchado:

JOSÉ, CARDEAL-PATRIARCHA DE LISBOA

«Por justos motivos, e muito do serviço de Deus e do publico, havemos por suspensos do exercicio de confessar e prégar, em todo o nosso patriarchado, aos padres da Companhia de Jesus, por'ora em quanto não ordenarmos o contrario.

«E para que chegue á noticia de todos, mandámos passar o presente edital, que será fixado nas partes publicas d'esta cidade e patriarchado.

«Dado no palacio da nossa residencia sob nosso signal e sello, aos 7 de junho de 1758.—*José, Cardeal Patriarcha.* (*)

(*) Vem reproduzido a pag. 387 e 388 do tomo II da *Historia do reinado de El-rei D. José*, por Luz Soriano

V

EM CASA DO DUQUE

—O' Manuel da Costa, o sr. Duque está cá?

—Não está, sr. José Manuel. Saiu com o sr. conego José Maria, e ainda não voltou.

Manuel da Costa Calheiros, homem de cincoenta e tres annos, era o porteiro da sala, e a pessoa a quem respondia era o estribeiro José Manuel da Silva Bandeira.

—Pois cá vou indo e esperarei lá dentro que elle volte — disse o Bandeira entrando para uma casa de espera.

E surprehendendo o guarda-roupa do Duque, homem de trinta e quatro a trinta e cinco annos, a dizer gracejos a uma creadasita de dezoito annos, muito galante, exclamou:

—Tá, tá, tá, sr. Manuel Alvares Ferreira, olhe que essa já tem dono.

—Estava de brincadeira—allegou o Ferreira muito córado.

—Bem vi. A fazer o seu pé d'alferes.

—Lá está o senhor já a deitar p'ra mal! — disse a creadita. Pois fique á sua vontade.

—Venha cá, venha cá, Marianninha. Olhe que esse palminho de cara é muito lindo, mas é preciso guardal-o aqui do sr. guarda-roupa.

«O Salvador póde saber e desconfiar.

—Não tem nada que saber — respondeu muito espevitada a menina Marianna Thereza, a linha creadinha das filhas do Duque.

—Ah! não....

—Está visto que não. Nem elle tem nada commigo.

—Olhe que eu falo!

—Deixe lá a pequena. Está sempre com vontade de a ralar

—Eu rato-a e você faz-lhe tagatés. Mas não é por te querer mal, Marianninha, que eu te digo estas coisas. Ora, o que eu sei!

«E estou caladinho que nem um rato!

—Tambem o senhor, um homem casado e já com um filho casadoiro, andar sempre a metter-se com as raparigas!—allegou a Marianninha.

—O' filha, isso prova que ainda não sou veterano de pé de castello. Mas não te enxofres commigo, que eu sou homem de segredo.

—Ai, mas póde falar. Em boa hora o diga, nunca andei nas boccas do mundo.

—Mas andas no peito do Salvador José Durão, creado particular de fr. Antonio Alla, morador na rua de S. Jeronymo d'este sitio de Belem; rapaz de appetite, que tem os seus dezenove annos, mais coisa menos coisa. Vês como te dou com baldas certas?...

—Baldas!—disse a creadita já muito atrapalhada mas sem querer dar o braço a torcer. Baldas são as do sr., sempre a metter-se com as moças cá da casa. Se o sr. Duque soubesse, ia ahi tudo pelo pó de gato.

—Tontinha! O que não faria elle então se lhe fossem dizer que a mocinha das filhas se carteia com certo rapaz cá do sitio e lhe vae dar gargarejos de noite no muro do jardim, defronte da ponte de madeira que está nas obras?

—Crédo! O sr. sempre levanta cada uma! —respondeu a Marianninha, muito vermelha. Com sua licença, que tenho lá muito que fazer dentro—e deitou a correr.

—Bem sei; não te fazia conta ouvir o resto. Veiu cá para casa uma caturrita e

está de se lhe tirar o chapeu! Dezoito annos de truz e uma boquita vermelha que parece um morango de Cintra!

—O melhor *peixe* cá de Belem.

—Bem sei, por isso você anda a vêr se lhe deita a rêde.

—Eu sim! Isso é dos seus olhos.

—Diga-lhe que é dos meus olhos.

«Dois beliscões lhe deu você em quanto eu dava dois passos da porta para aqui. Mas olhe que se o Salvador o sabe, faz-lhe uma espera e põe-lhe os ossos n'um feixe.

«Tenho ouvido dizer que o rapazola é atrevido e bebe os ares pela cachopinha.

—Isso hão de ser contos. Eu não acredito que a rapariga lhe vá falar ao jardim.

—Assim você lhe falasse, e até eu! Olhe, nos fins de junho levantei-me logo de madrugada para ir á quinta de Camarate e lá fui esbarrar com elles. O Salvador encarrapitado no muro aos beijos a ella. E eram beijos cantadinhos!

«O maroto parecia que estava ao desafio com os ronxinoes do laranjal! Não me conheceram, mas eu conheci-os a elles perfeitamente.

—Mas então é preciso avisar o sr. Duque.

—Menos essa. Já você está com dôr de cotovello! O segredo é meu e não levo a bem que o vá dizer, seja a quem fôr. Faça-lhe o seu pé de cantiga, mas cale-se com o jogo e deixe amar quem ama, que o mundo não se inventou para outra coisa.

O Manuel Alvares e a Marianninha

E, vendo o relogio, o José Manuel accrescentou:

—O Duque demora-se! Anda agora muito saído!

—Anda, anda!

—Ha tres dias que cheguei de Camarate e tenho estranhado tudo isto. Psíu! Chegue-se para aqui, que ás vezes até os demonios das paredes teem ouvidos.

E chamou o Manuel Alvares para o vão de uma janella.

—Você bem sabe que eu sou amigo do

Duque e devo muitas obrigações á sr.ª Duqueza.

—Então não sei.

—Pois por ser amigo d'elle é que me tem custado ouvir certas coisas. Fala-se muito por ahi nas pazes d'elle com os Tavoras—que se não podiam vêr, você bem o sabe—e n'umas idas a S. Roque e ao collegio de Santo Antão, e elle para lá e os padres para cá.

«Já hontem um patife, que é muito de Sebastião José, me disse em ar de escarneo: «Então agora os padres da Companhia vão mudar de S. Roque.» Para onde?—perguntei-lhe eu de boa fé? «Não se faça de novas—respondeu-me. Para o palacio do Duque, está bem de vêr.

—E olhe, isto aqui para nós, muito em segredo...

—Pode falar; dou-lhe a minha palavra d'honra que pode falar á sua vontade. Nem eu o puxava para esta conversa, se não fosse dedicado ao Duque de corpo e alma.

—Olhe que esse tal que lhe falou tem sua razão. Tambem a mim me dão cuidado essas coisas. Ha dois mezes para cá, desde que nosso amo fez as pazes com os Tavoras em Setubal, é todos os dias, por vida e por lei: os jesuitas para cá á formiga e elle para S. Roque, para Santo Antão e, uma vez por outra, até Arroyos, para a casa que lá tem a Companhia.

—Isso é o demonio! E muito me admira que os sabujos do Sebastião José não andem já de ventas no ar a farejar em volta d'esta casa!

—Tambem eu me tenho admirado!

—Olhe que é porque o velhaco a traz fisgada.

—E o sr. Duque, n'aquella sua teima de mostrar que não tem mêdo, anda com estas visitas muito ás claras e o boteeiro que o acompanha não tem bom olhar e não me parece boa rez.

—E o Duque tem muitos inimigos?

—Muitos!

—Até talvez cá dentro de casa?

—O diabo o jure! Mas agora parece que se vae entendendo melhor com alguns fidalgos. O conde d'Obidos, o da Ribeira, o de Athouguia . . .

—Bem sei. D. Jeronymo d'Athaide; conheço-o muito bem. E' capitão do regimento de cavallaria do Cáes e das guardas de el-rei.

—E mais o marquez de Alorna (filho) e D. Manuel de Sousa Calhariz.

—Oh' diacho! Esse caiu no desagrado de el-rei e foi desterrado para a sua quinta de Bemfica!

—Pois lá o tem ido visitar á quinta!

—Valha-me Deus, mas não sei em que o Duque se anda a metter! As voltas que isto tem dado em dois mezes que estive em Camarate!

—E o peor é que ninguem póde dar conselhos ao nosso amo. Com aquelle genio que tem, quem se atreve a tal? Só lh'os podiam dar os padres jesuitas, mas são esses que o puxam para as visitas e que não o largam aqui, sempre em segredos e em conversas á porta fechada.

—E aquelle grande amigo do Duque, o D. Paulo da Annunciação, de S. Vicente de Fóra?

—Esse é *Maria vae com as outras* e a tudo lhe diz *amen*, sempre a apertar-lhe as mãos, a chegal-as muito ao coração, e a dizer que não tem no mundo outro amigo maior.

—Desconfio muito d'esses diabos assim! São pela fórma de Judas. Estão a atraiçoar aquelles a quem beijam... Ainda o não vi depois que vim de Camarate. Meu irmão conhece-o muito bem, e não lhe faz boas ausencias.

O irmão a quem o estribeiro se referia era D. Manuel José da Silva Bandeira, religioso da Divina Providencia. Estava quasi sempre na quinta de Camarate, onde o estribeiro tinha a familia e residia durante o verão.

—Pois é esse D. Paulo um dos maiores amigos do sr. Duque!

—Emfim, talvez lhe seja leal, e oxalá. E' verdade, vim cá encontrar duas novidades:

«Seu irmão Antonio deixou de ser guarda do Jardim do Tabaco, e seu cunhado José Polycarpo está agora ao serviço do Duque, segundo ouvi E' verdade?

—E' verdade—respondeu Manuel Alvares Ferreira, empallidecendo. O sr. Duque mandou-o chamar para tomar conta n'umas obras que vae mandar fazer.

—Ah! sim... E olhe que me pareceu tel-os visto ambos a conversar, hontem á

noite, ali ao cimo da calçada grande da Ajuda. Estava um luar claro como o dia. Elles, assim que me sentiram, embuçaram-se logo nos capotes e metteram para as bandas da *Quinta do Meio*. Não posso jurar que fossem elles...

—Ah! isso não eram com certeza. Hontem á noite estiveram no meu quarto até tarde—disse o Manuel Alvares, manifestamente embaraçado.

—Então fui eu que me enganei... —respondeu o estribeiro, reparando na perturbação do Manuel Alvares Ferreira.

«Quando eu fui em junho para Camarate, vivia o José Polycarpo nos Olivaes com a mulher e a familia.

—Ahi vem o sr. Duque—disse para dentro o porteiro da sala.

—Vamos a vêr de qual catadura elle está hoje—observou o guarda-roupa, indo ao encontro do amo.

* * *

O Duque vinha acompanhado do padre José, alcunhado o Perdigão. O conego José Maria de Tavora tinha ficado em Lisboa.

—Oh! Manuel da Costa—disse para o porteiro—toma bem sentido nas recommendações que te tenho feito. Os reverendos padres João Alexandre, João de Mattos e Miguel Nogueira, da casa de S. Roque e Jacintho da Costa e Timotheo de Oliveira, do collegio de Santo Antão, teem entrada franca, sempre que ahi venham. Repara bem. Só estes e o sr. D. Paulo da Annunciação é que podem entrar, sem me darem aviso.

—Fique v. ex.ª descançado.

—Vê lá bem; já andas um pouco matuto. Leva-te o diabo, se fazes asneira.

—V. ex.ª não ha de ter razão de queixa.

—E caluda! Do que se passa aqui nem pio.

—Essa é a minha obrigação, sr. Duque.

—Bem.

E foi entrando a falar com o guarda-roupa.

—E' preciso que estejas sempre prompto para qualquer recado urgente. Já dei ordem na cocheira para terem um cavallo arreado.

—Ah! estime que você cá esteja Bandeira—disse para o estribeiro, que vinha ao seu encontro. Disponha as suas coisas, que não vae para Camarate Preciso cá de você, por causa de uns cavallos... Falarêmos depois n'este negocio.

—V. ex.ª manda e tem em mim o seu mais dedicado servo.

—Manuel Alvares, o sr. João de Tavora já voltou?

—Ainda não, meu senhor.

—Bandeira, você veja se aconselha aquelle patife d'aquelle boleeiro a não me fazer cançar a paciencia.

—O Manuel da Fonseca?

—Não; esse é o boleeiro da sr.ª Duqueza. O meu, aquella bestiaga do Francisco da Costa. Tem sempre que rosnar. Já me apanhou agora uma bofetada. E dou-lhe uma sóva, se não se emenda. Diga-lhe isto mesmo, a vêr se evita que eu lhe ponha as mãos a valer.

E encaminhou-se para o seu quarto de vestir.

—O' padre José, vossa paternidade queira esperar ali no meu gabinete, que eu vou já.

—Pois não, sr. Duque. Estou completamente ás ordens de v. ex.ª

* * *

—Sabes, Manuel Alvares—dizia o Duque, emquanto o guarda-roupa o ajudava a mudar de fato—sabes que não estou nada contente com teu irmão e com teu cunhado?

—Não sabia, sr. Duque, e muito sinto que elles tenham desagradado a v. ex.ª

—Já umas poucas de vezes foram lá para cima á espera de certa sége, e nada! Veem então enganar-me, dizendo que não a viram passar. Pois sei que tem passado. Elles é que teem mêdo, os covardões!

«Estão enganados commigo. Eu não falto ao que prometti. E' preciso que elles não faltem ao que contrataram. Mas eu um dia metto-os a caminho, toco-os para deante como se faz aos cães de caça, e quer queiram, quer não...

—Elles hão de fazer a vontade a v. ex.ª —disse o Alvares muito enfiado.

—A sr.ª Duqueza perguntou alguma coisa?

—A mim nada me perguntou. Falei-lhe logo que v. ex.ª saiu. Tinha o parecer muito mudado.

—Tem andado doente. Esta noite não saio.

«Observa-me se em volta do palacio apparecem pessoas suspeitas. Os espiões andam ahi por toda a parte.

«Has de mandar que levem uma meza e umas cadeiras para a *barraquinha*.

—Para aquella que fica da banda de fóra do jardim, do lado das terras do Galvão?

—Sim. E manda-lhe pôr fechadura na porta. Bem forte.

«E' preciso guardar lá umas coisas. Bem; vae tratar d'isto, e muito cuidado com a lingua.

—Tenha v. ex.ª a certeza de que por mim se não ha de saber nada.

O Duque foi ter com o padre Perdigão, e o Alvares saiu, no intento de falar com o irmão e o cunhado.

—Não o fiz esperar muito, pois não, meu padre?—disse o Duque, entrando no gabinete e fechando a porta por dentro.

—Não perdi o tempo, sr. Duque. Tenho estado a pensar na nossa *obra*. E' preciso fazer certa a prophecia do santo Malagrida.

—O padre Miguel Nogueira não gostou d'ella, e parece-me que teve razão. Estar a fazer prophecias de grandes mudanças no reino para o proximo mez de setembro é estar a pôr de aviso esse canalha de Sebastião José.

—Isso é verdade, mas talvez não faça caso d'esta prophecia, visto que se não realisou a outra de um novo terramoto no anno de 56.

—Verêmos. Então, o padre Jacintho da Costa ficou de cá vir esta noite?

—Assim m'o prometteu.

—E ainda está aferrado á opinião de acclamar o infante D. Pedro e casal-o com a princeza D. Maria?

—Não admira. Bem vê v. ex.ª que elle tem sido sempre a creatura intima do sr. D. Pedro.

—Mas elle já falou do negocio ao Infante?

—Ainda se não atreveu.

—O mais prudente será não lhe dizer nada. Olhem que isso é caso sério. Os dois irmãos não se pódem vêr bem, mas d'ahi a entrar D. Pedro n'um accordo para acabar com o outro vae uma differença tremenda.

«Recommende ao padre Jacintho que nem por sonhos lhe fale de similhante coisa, ou a todos nos póde perder.

—O intento d'elle é esperar até que as coisas estejam feitas e sondar então o Infante, mas para isto muito desejava saber primeiro o que v. ex.ª pretende.

—Duque, senhor da maior casa do reino, que demonio posso eu desejar que o Infante me possa conceder? *Já não tenho para onde subir senão para o throno, sendo rei.*

—E com muito bons auspicios.

—Sim, mas o principal é trambolhar um; o outro cairá com elle e ha de chegar-se-lhe tambem uma fumaça.

«Isto não póde continuar assim: o patife tem andado a levantar a ralé para nos atirar com ella á cara. Dá regalias de gente limpa a individuos de classes réles e auctorisa e incita a nobreza a entrar na *ladroeira* da Companhia do Maranhão. (*)

—Quer rebaixar tudo ao nivel d'elle. Anda então a fingir que se interessa pelas fabricas e pelo commercio do reino.(**)

—E o *outro* que lhe faz costas, tão bom como elle.

—E' verdade, ouvi hontem que anda doente, melancholico, muito magro?

—Anda. Anda a chocar o mêdo. Talvez lhe haja feito mal o sangue que o valído tem derramado em seu nome. (***)

Bateram á porta de modo especial.

—Quem é?—perguntou o Duque levantando-se.

—Paulo da Annunciação, o maior amigo e o mais devotado servo...

—Ah! viva o nosso D. Paulo—disse o Duque abrindo. Este é dos amigos velhos...

—Que não mudam. Amigos como irmãos, leaes até á morte.

(*) Lei de 5 de janeiro de 1757, *que dá faculdade a toda a nobreza para que possa negociar por meio da Companhia do Maranhão.*

(**) Estatutos da fabrica da seda e dos mercadores de retalho—6 de agosto e 13 de dezembro de 1757.

(***) Saint-Julien participava ao seu governo, em fins de julho de 1758, que El-Rei D. José andava *doente sem saber de quê*, magro e melancholico. (*Quadro Elementar. Tomo VI*).

—Até a morte de um; que em a morte vindo, logo a amizade se desfaz.

—Casos ha em que não é assim. A's vezes vae até além da morte do amigo dilecto que se perdeu. Tem a memoria a imagem d'elle, e chama-se então saudade o affecto que sentimos pelo nosso querido morto. E Nosso Senhor permitta que seje eu o primeiro.

—Oh! D. Paulo, mas não falêmos d'essas coisas de ruim agoiro.

—Decerto, decerto; tratêmos dos grandes assumptos. Mas bons olhos vejam o meu bom padre José. Amigo tambem dos bons, não é assim?

—Com muita honra, sr. D. Paulo.

—Então já sabem da grande prophecia do nosso *santo* Malagrida? Mudança de tudo isto para setembro. O javardo de Sebastião José está a estas horas como uma bicha. Tambem ha de ter o seu terramoto aquelle Nero de cabelleira. Elle e mais *alguem*. Abençoado tiro n'aquelle lobo e que nos mande Deus *um D. José II*.

E voltou-se para D. José Mascarenhas, fazendo-lhe uma saudação como de vassallo para o seu soberano.

—Então, D. Paulo!—disse o Duque estonteado por aquella lisonja.

—Em 1640, para salvar a nação, foi preciso matar um homem—Miguel de Vasconcellos, e fazer rei um Duque—D. João de Bragança.

—Mas tenha cuidado com as suas palavras, D. Paulo, não vá cair n'alguma imprudencia fóra d'aqui!

—Oh! meu caro Duque! Fóra d'aqui nem que me puzessem a tratos me arrancavam uma palavra que podesse comprometter o meu maior amigo. Isto é segredo que ha de morrer aqui dentro. Iria eu denunciar-me como calumniadôr do mais leal dos homens, se tivesse a desgraça de cair em alguma inadvertencia de palavras.

«Horrorisa-me a simples idéa de similhante monstruosidade! Deante do proprio Sebastião José seria capaz de jurar que nada sabia e, com o perdão de Deus, sobre os Santos Evangelhos, se não bastasse affirmal-o *in verbo sacerdotis*.

Deixêmos agora os tres nos sonhos de um tragico plano e vamos saber o que se passa entre o guarda-roupa Manuel Alvares Ferreira, seu irmão Antonio e o cunhado José Polycarpo de Azevedo.

* * *

Estão á porta fechada e falam muito em segredo.

—Acautelem-se—dizia o guarda-roupa. O Duque está desgostoso com vocês e desconfia que o têem enganado nas espéras que lhes mandou fazer.

—Que vá pr'o diabo que o carregue!—volveu José Polycarpo. Quem é que é tolo? Tu bem sabes para o que elle nos convidou. Que era para lhe guardarmos as costas, porque andava ameaçado e já lhe tinham atirado um tiro. Esta foi a primeira mentira. Depois, lembrou-se de nos dizer que nos queria para o livrarmos de uma pessoa muito sua inimiga e deu-nos os signaes de uma sége que havia de passar de noite pela calçada da Ajuda. Era outra endrómina. Para aquellas bandas logo entendemos que se tratava de uma das *duas pessoas* que nós sabemos.

—Scio!—recommendou o guarda-roupa. Mais baixo, que me pareceu ouvir passos ali ao pé da porta.

E foi escutar.

—Não oiço nada. Talvez fosse engano meu. Mas, pelo seguro, vamos falar ali para o vão da janella. As coisas andam mexidas e toda a cautela é pouca para salvar a pelle.

—Ora ahi é que me dóe—acudiu o José Polycarpo.

—E' que nos dóe—accrescentou o Antonio Ferreira. Eu não saí do Jardim do Tabaco para andar a arriscar o corpo, sem saber para quê.

—E só ao cheiro de meia duzia de moedas com que elle nos anda a fazer negaças... Dissesse logo a verdade, mas não quiz, para nos trazer enganados.

—E para vêr se lhe faziamos a coisa mais barata — observou o Antonio Ferreira.

—Fazia-lhe conta convencêr-nos de que se tratava de estoirar qualquer. E depois da *obra* feita, elle ficava-se lambendo, mettia-nos nas mãos uma triste miseria, e nós que nos aguentassemos no balanço. Julga-se muito esperto, mas é tapado como uma porta.

«Ha outros mais espertos do que elle.

—Mas ha coisa de um mez deu-me a entender—contou o Manuel Alvares—que se queria livrar do bandalho do Pedro Teixeira, que é o alcaiote do rei e o seu companheiro nas visitas de noite a casa da D. Thereza Tavora.

—Historias da vida!—observou José Polycarpo.

«Que lhe importa a elle com essa mazella dos Tavoras?

—Fizeram as pazes. Andam agora unha com carne.

—Bem sei; mas ainda mais me ajudas.

«Não foi por causa de Pedro Teixeira, o sargento-mór alcofinha, que elle se poz de bem com os Tavoras, a quem não podia ver.

—E elles pagavam-lhe na mesma moeda —observou o Antonio Ferreira.

—Com os Tavoras e com os padres jesuitas. Então é por causa do Pedro Teixeira que andam agora muito uns por casa dos outros? Esta gente graúda a imaginar que os pequenos são cegos e não percebem nada!

«Para estafar a pelle ao alcaiote do rei qualquer maltez servia, com oito ou dez moedas nas unhas. A *coisa* é muito p'ra cima.

«Upa! Upa!

«E ainda mesmo que o Duque esteja agora a doêr-se por conta do Luiz Bernardo, depois de tantos annos d'aquelle escandalo publico e notorio, o que remediava elle em dar cabo do Pedro Teixeira?

«Logo apparecia outro que lhe tomasse o logar, emquanto o rei se não enfastiasse. Aquillo lá em cima paga-se bem.

«Ora, não lhe mordesse outra mosca, estivesse o *homem da Ajuda* por todos os ajustes de contas, e vocês veriam como tudo ficava n'um céu aberto. Até era uma honra ter D. José preso pelo beiço, e o Luiz Bernardo que se conformasse com a sua sorte.

—Oh! cunhado, isso agora lá me parece de mais! Olhe que o Pedro Teixeira já uma vez disse uns atrevimentos a respeito da Duqueza e da filha mais velha.

—Sim? Tu ainda te fias muito em cantigas!

«Pensas que se não sabe tudo? Não ha cão nem gato em Lisboa que não rosne d'esses amores da Thereza Tavora, e ha que tempos, homem de Deus! Foram p'ra India e deixaram cá a menina á sua vontade.

«Voltaram da India, a coisa já notoria, e elles a fazerem tagatés no paço. Até se chegou a dizer que a mãe do Luiz Bernardo ia ser feita duqueza e que o nosso bello patrão apanhava posta choruda.

—Isso eram ditos do povo—objectou o guarda-roupa.

—Eram sim. Dize-lhe que eram ditos do povo. Ouviu-o eu dizer a pessoa muito chegada á gente do paço.

—Deixal-o, mas olha que a respeito dos negocios do rei com a D. Thereza tenho ouvido que nem o Marquez velho nem a Marqueza sabiam de nada.

—Custa a acreditar, mas emfim...

—E já me affirmaram que o Luiz Bernardo ainda não tem a certeza.

—Esse é que me não admira tanto... Mas deixa-te de historias, Manuel, se o alma do diabo do Sebastião José se não tem atravessado, a coisa ia n'um sino, e o *homem* lá de cima da Ajuda que fosse gosando a vida, que são dois dias.

«Olha, toda a gente sabe que o rei arrastou a aza á Duqueza, vae para tres annos em Salvaterra, que a rainha deu por paus e por pedras com dôr de cotovêllo, e sua ex.ª continuou a ser mordomo-mór da casa real, todos os dias de cócoras por lá!

—Mas então talvez o Duque se queira desfazer de Sebastião José—lembrou o guarda-roupa.

—Hum! Não é por ahi que o gato vae ás filhozes. O Sebastião José não vae a Alcantara de noite, na sége do Pedro Teixeira, disfarçadamente, para casa de certo tenente coronel de cavallaria.

—Então já tu sabes!

—Ora, sei o que toda a gente sabe no sitio de Belem e o que dizem os visinhos do tenente coronel. Então eu sou algum pacóvio que me vá metter ás escuras n'um negocio de vida ou de morte!

«Nem eu nem teu irmão. Emquanto o Duque pensa que nos embaça e nos ha de pagar com dez réis de mel coado, temos nós andado a farejar o caso.

«O alma de cantaro não perde o amor ao dinheiro, senão quando joga. e quer então que por umas moedasinhas a gente se entale e elle ao largo. Está muito enganado.

—Mas então vocês não teem feito as espéras?

—Temos, a fingir. Já vimos passar uma vez a sége de Pedro Teixeira, mas foi como se não a vissemos. Quem é que é tolo? A gente bem percebe o negocio. A bolsa mais aberta e uma cabeça de duque mettida tambem na festa; de outro modo não arriscamos a pelle. As cabeças dos duques seguram-se melhor. E depois, não é com uma chumbada de matar pardaes que se atira a um gavião real.

—Assim mesmo é que é!—apoiou o Antonio Ferreira.

—Mas que demonio hei de então dizer ao Duque?—perguntou o Mannel Alvares.

—Dize-lhe que sim, que é verdade termos feito as esperas, mas que não temos visto a sége e que muito desejamos que elle vá certificar-se com os seus proprios olhos. A caçada merece bem a pena de s. ex.ª entrar n'ella.

«Ah! e dize-lhe mais que soubemos por um creado do paço—e isto é a pura verdade—que el-rei tem estado doente. E assim se lhe dá a razão porque não temos visto... o Pedro Teixeira.

E, voltando-se para o Antonio Ferreira, accrescentou em tom de mofa:

—Muito esperto é o nosso Duque! Pagava-nos a chumbada no Pedro Teixeira, e *o outro* ia d'esta para melhor vida, por engano.

—Valha-me Deus!—exclamou o guarda-roupa. Parece-me que a Duqueza tem razão para andar triste e chorosa e a abraçar-se nos filhos, como se tivesse mêdo de alguma desgraça. Não sei em que tudo isto dará!

—Pois por isso mesmo é que nós queremos o Duque mettido na *obra*. Tu bem percebes que não é por causa do alcaiote que anda tudo tão mexido n'esta casa.

«E's creado do Duque, mas tens teu irmão embrulhado n'esta meada e com elle estou eu, que sou teu cunhado. Põe-te do nosso lado, que primeiro estão os nossos.

«Ou vamos todos de cambolhada, ou o Antonio volta para o seu emprego e eu torno para os Olivaes.

Bateram á porta.

—Quem é?—perguntou o guarda-roupa muito enfiado.

—O' sr. Mannel Alvares—disseram de fóra. O sr. Duque manda-o chamar.

—Ahi vou já.

—Não te assustes, homem—disse-lhe o José Polycarpo. Conta-lhe a pêta, vae puxando por elle, assim como quem não quer a coisa, e deixa o resto por minha conta.

* * *

Sentado em um banco de pedra por detraz de um renque de buxo, alto e espesso, no pequeno terreno ajardinado, fronteiro á cocheira, o boleeiro Francisco da Costa enxugava os olhos com os punhos cerrados.

—E precisar a gente do pão d'um alma do diabo que trata os servos como cães! Maus tratos e má paga! Nem os pretos!

«E não dá um estupôr n'aquelle maldicto! Mas deixa estar que ha mais marés que marinheiros, e *inté* ao lavar dos cêstos é vindima.

«Tens muito, calcas a gente aos pés, mas um dia cae a casa. Homem p'ra homem, eu te diria.

«Estoirava-te como quem estoira um sapo.

E poz-se de pé n'um impeto de raiva, simulando calcar alguem.

Ouviu relinchos de cavallo, vozes e passos para o lado da cocheira.

Tornou a sentar-se no banco e espreitou por entre duas grossas pernadas de buxo.

—E' a bestiaga e o cunhado—disse de si para si.

Referia-se ao Duque e a João de Tavora. que estava em trajes de jornada, porque n'aquelle mesmo dia tinha de partir para Chaves, a apresentar-se no seu regimento.

A' porta da cocheira estavam arreados dois cavallos, que um criado segurava a mão.

A conversar baixo, o Duque e o cunhado tinham-se afastado da cocheira para o lado do pequeno jardim.

Estavam quasi encostados ao renque de buxo.

—Então, não te esqueças de me escrever—disse João de Tavora. Olha que hei de estar lá impaciente.

—Não será por muito tempo. Principios do mez que vem, o mais tardar.

—E lá se vão os *dois*.

—Em faltando um, o outro está certo em terra.

—E a viuva e a filha mais velha?

—Não terão remedio senão resignar-se.

—E o Pedro?

—Esse é um pobre diabo, que se põe de lado.

—E lá de fóra?

—Ora, hão de dar graças a Deus.

—O diabo são os loiros das casacas encarnadas!

—Historias. Tomaram os negociantes que elles cá têem que o javardo vá abaixo. Eu bem sei as queixas que teem feito.

—Pois que seja quanto antes, e adeus.

—Adeus, João.

—Até breve—disse-lhe o Tavora, pondo-lhe a mão no hombro.

«E *agora, Duque, d'aqui para rei.* (*)

(*) Muitas indicações d'este capitulo e até algumas phrases constam de um documento judiciario, que ao deante havemos de citar com lar as referencias.

—Scio!—disse o Duque, pondo-lhe a mão na bocca.

E afastaram-se.

João de Tavora e o creado montaram a cavallo.

—Boa viagem, João.

—Boa fortuna, Duque.

—Deixa-me ir safando d'aqui, não vá o diabo querer que elle aqui venha—dizia de si para si o boleeiro, mirrando-se pé ante pé por detraz do buxo.

Instantes depois, sósinho no seu quarto, o Francisco da Costa commentava:

—Não entendi, mas aquillo não póde ser coisa boa... *Agora, Duque, d'aqui para rei...*, e o outro poz-lhe a mão na bocca!

E de beiços franzidos e palpebras semi-cerradas, o boleeiro fazia um esforço violento de reflexão para vêr se entendia a phrase

VI

O PRIMEIRO FILHO

la uma alegria doida em casa de Jorge Gustavo.

A tépida alvorada do dia 10 de agosto tinha illuminado a alma de Jorge como nunciadora de uma divina aurora de outro immenso amor, ainda inexperimentado.

Rompêra o sol pela cumiada das montanhas distantes, e Helena adormecia docemente no sonho e no consolo do seu primeiro beijo de mãe.

Cá fóra do quarto mergulhado em sombras, em volta de um berçosito, a lembrar um ninho que se houvesse feito da plumagem branca das pombas, Jorge Gustavo e Joanna Richter estavam no enlevo e na adoravel contemplação da pequenina.

Miniatura de duas almas que o mesmo sonho enlaçára, n'uma hora d'amor, floresita que parecia feita de neve e oiro, como certas pequeninas flôres de abril que nascem á luz carinhosa das estrellas e desabrocham aos beijos da alvorada, aquella creancita era para Jorge Gustavo como que o penhor adoravel de outro novo sonho e de outra paixão indefinivel.

Tinha ali um abençoado quinhão da sua vida, e n'aquelle minusculo peito pulsava um coração que nascêra do seu.

Que immenso encanto e que indefinivel desvanecimento!

Joanna então beijava soffregamente a pequenina. Amor de avó; para a sua alma, duas vezes amor de mãe.

E devaneava com os olhos fitos n'ella. Havia de crescer, havia de ser linda e meiga, havia de brincar com ella no collo, como quinze annos antes com Helena, e assim muitas vezes se esqueceria dos seus cabellos brancos.

E tanto se illudia, que até lhe estava parecendo já o vivo retrato de Helena.

Tinha medo que o proprio ar lh'a desfizesse como um sonho, ciumes de que a luz a beijasse mais do que ella.

A sua neta! Ninguem havia de amal-a com mais carinho, com maior ternura. Ninguem. Até já sentia pena de não poder viver tanto que a visse mulher.

Mas tambem se a pequenina morresse!... Jesus, nem a mãe teria dôr maior!

Adoraveis pieguices d'aquella avó de tão grande coração para amar e para soffrer.

* * *

Faltava n'aquella casa alguem a compartilhar tamanhos jubilos. Faltava Damião de Castro.

Havia mais de um mez que o dominára a febre do ascetismo, a ancia da solidão e do isolamento.

Fôra desligado da Companhia, como pedira, e trocára a roupêta de jesuita pelo burel de monge. Apezar das amoraveis solicitações de Joanna e Helena, das instancias de Jorge, de Paulo de Mendonça e do proprio Sebastião de Carvalho, insistíra em se ir isolar do mundo entre os monges da serra da Arrabida.

—Deixo-os felizes, meus filhos—disséra áquelles amantes que tanto protegêra. Isto vae-se avisinhando do fim e é preciso que me prepare para a ultima jornada. Lá, mais longe das paixões do mundo, será de maior desafogo a minha contricção e Deus ouvir-me-ha melhor.

«Não os esquecerei nunca. Não me esqueçam tambem nem me deixem no desamparo das suas noticias. Digam-me as suas bôas ou más venturas, que ainda hei

de ter coração para as bemdizer ou para as chorar.

«Se a má fortuna voltar, e Deus tal não permitta, então voltarei eu tambem.

E apartou-se d'elles com os olhos cheios de lagrimas.

Depois, fôra despedir-se de Sebastião de Carvalho e disséra-lhe:

—E' um amigo desnecessario que se afasta, deixando-te grande e poderoso. Cada um de nós tem o seu caminho; o teu, já immenso, para a historia; o meu, todo cheio da sombra de um remorso, em busca da infinita misericordia de Deus.

«Da nossa velha amizade levo commigo o dever de voltar, se te souber no infortunio, e o direito de vir ajoelhar-me no teu caminho, quando suppozer que alguma grande sombra póde cair sobre a gloria do teu nome.

Sebastião de Carvalho ainda fez um derradeiro esforço para o dissuadir, mas Damião de Castro estava inabalavel no seu proposito.

Explica-se. A torturada consciencia impunha lhe o ascetismo; a sua alma de apostolo buscava-o como um refugio.

Via bem a ladeira tragica por onde o grande ministro ia subindo, descobria-lhe as presas implacaveis sob a sua envergadura de aguia, antevia as sangrentas batalhas de odios que em volta d'elle iam travar-se, e receava que nas suas lagrimas de protesto para sempre se apagasse aquella velha amisade de quarenta annos.

Sem nenhum dominio sobre o duro animo do homem de estado, afastava-se d'elle, para que a propria consciencia o não accusasse de pôr aos pés d'aquelle ministro de crueis energias, como um renegado do Evangelho, a roupèta que arrancára dos hombros,

Afastava-se para não ver, para não saber. Ia talvez illudido. Os eccos dos grandes acontecimentos haviam de chegar tambem ás selvaticas asperezas da Arrabida.

* * *

Tinham passado vinte dias. Já andavam nos preparativos para o baptisado da pequenina, de dia para dia a fazer-se mais linda.

No quarto de Helena estava reunido uma especie de conselho de familia. As duas irmãs de Jorge, a tia e Joanna, a desvelada avósinha.

Quem havia de ser a madrinha?

—Branca—propoz Helena, que estava com a pequenina deitada ao pé de si.—E com o nome d'ella, que é muito lindo.

—Não, eu não—respondeu Branca tristemente.

«Se as madrinhas podem dar boa ou má fortuna, não me escolham a mim.

E, indicando a irmã mais nova, accrescentou:

—Aqui está a Julia. Tomára ella ter uma afilhadita. E o nome de Julia tambem é bonito.

—Eu gostava de ser madrinha, gostava —acudiu logo a Julia.—Mas se me querem a mim, eu ponho á menina o nome da avósinha, o nome de Joanna.

—Obrigada, minha linda—disse-lhe Joanna, beijando-a commovidamente. Obrigada pela intenção, mas antes o seu.

—Pois então será a Julinha—decidiu Helena a sorrir. E tem a minha pequenina uma linda madrinha.

«A Branca já é minha madrinha, a minha encantadôra madrinha do casamento.

E com um gesto chamou Branca para junto de si:

—Então, meu amor, cada vez mais triste!—segredou-lhe. Que dó eu tenho de ti! Todos aqui tão alegres, e só tu como a noite, como as lindas noites que tambem ás vezes parecem chorar!

E, emquanto no vão da janella a avó da pequenina e a futura madrinha com a tia de Jorge discutiam umas coisas puerís, que ellas achavam encantadôras, Helena, puxando a cunhada mais para si, perguntou-lhe:

—E não o tens visto? Não lhe tens falado?

—Tenho. Tres ou quatro vezes depois d'aquelle dia, mas ás escondidas, de fugida, por causa de Jorge—respondeu Branca, e as lagrimas soltavam-se-lhe dos olhos como fios de grandes perolas.

—Não digas por causa de Jorge. Isso não. Por causa da Marqueza é que é. Jorge fez o seu dever.

«Não quer que a orgulhosa da Marqueza se persuada que lhe querem prender o filho, que ella guarda talvez para alguma filha de duque; nem que te levantem algum falso testemunho, meu anjo.

—Pois sim, mas seja por culpa de quem fôr, a desditosa sou eu!

«Toda a razão de queixa da Marqueza é por causa de Sebastião José.

—Deixa lá falar. Isso são imposturas. O que ella quer é uma nóra com titulo e riquezas, embora tenha a má sorte da outra.

—Será assim, será, mas Deus me perdõe, que até eu começo tambem a ter raiva a esse ministro de quem tanta gente tem mêdo!

—Não digas isso, menina. Que culpa tem elle d'essas coisas?

—O José tambem eu percebo que não o pode vêr.

—Ora, isso é por causa da mãe.

—E anda tão mudado, tão triste!

—Não te mortifiques assim. Ainda te hei de vêr ditosa como eu sou.

—Como tu!... Talvez nunca.

E, debruçando-se para a creancita, a reprimir os soluços, beijou-a enternecidamente.

—Ora até que emfim temos uma carta do nosso abençoado monge—disse Jorge, entrando com uma carta na mão.

—Está bem? Manda a sua benção de santo á nossa pequenina?—perguntou Helena commovidamente.

—Manda.

—Faz-nos falta aqui—observou Joanna enternecidamente.

—Lê, Jorge, lê-nos a carta do santo Damião de Castro.

—Reflecte bem a sua grande alma!—disse Jorge Gustavo. Ora oiçam:

«Meu dilecto amigo. Já me tardavam as boas noticias, quando hontem, ao descahir da tarde, me chegou ás mãos a sua carta de 8 do corrente.

«Abençoou-lhe Deus esse tamanho amor e concede-lhe no primeiro filho o maior lenitivo que podiam ter as lagrimas dos seus amargurados dias de outro tempo.

«Receben-lh'as a misericordia divina, e agora lh'as devolve nos sorrisos da sua pequenina.

«Nossa Senhora lhe vele por ella e o doce Jesus das creancitas lhe dê no berço a bemaventurada aurora de um piedoso olhar dos seus.

«Trouxe-me a sua carta uma grande e suavissima hora de felicidade. O meu coração de velho, ainda tão preso ao mundo por umas derradeiras affeições que hão de morrer com elle, pulsou mais vivamente como ha quarenta annos, como se tambem soubesse comprehender e sentir essa ventura ineffavel que nunca lhe foi dado ter!

«Já hoje pedi pela pequenina nas minhas orações da tarde, lá em cima, sósinho, nas asperas penedias da serra, ao pé da velha cruz dos monges, que o sol ainda doirava a sumir-se no mar.

«Com o perdão dos meus peccados pedi ao Jesus da infinita clemencia a boa fortuna da sua filhinha, dando-lhe o santo coração da avó, a graça o o casto encanto da mãe.

«Estou d'aqui a sonhar e a vêr os adoraveis jubilos de ambas. Adivinho-lh'os atravez do sonho antigo da minha infancia, illuminado pelo carinhoso sorriso de minha mãe, sonho que ha tanto saudosamente se apagou como o sol se está apagando além, distante, na immensidade dos mares.

«Pede-me a benção para a sua filhinha. Se é por ser a benção de um velho, d'um amigo leal, ahi lh'a mando com os mais affectuosos votos da minha alma.

«E irei beijar-lh'a um dia, quando menos o esperar. Quebrarei por ella este meu voluntario e tranquillo desterro.

«Meu dilecto amigo, queira apresentar as minhas homenagens, etc., etc.

Damião de Castro.

—Santo!—exclamou Joanna a chorar.

—Santo!—repetio Helena a beijar a pequenina. Manda-te a sua benção, meu amor!

Uma creada veio dizer á porta:

—Está ali um velho a procurar por v. s.ª

—Quem será?—perguntou Joanna sobresaltada.

—Não perguntou quem era?—disse Helena.

—Não, minha senhora.

—Pois é uma coisa que bastante se lhe tem recommendado—observou Joanna.

—Bem. Vou eu vêr quem é—disse Jorge saindo.

* * *

—Ah! é o sr. Manuel Bento!

—Um creado de v. s.ª O sr. secretario

de estado manda-me cá saber como está a sr.ª D. Helena e perguntar se esta noite póde vir aqui procurar a v. s.ª

—Mas vou eu ter com s. ex.ª

—Pelo que eu percebi, o sr. secretario d'estado deseja visitar v. s.ª. E não póde vir de dia, porque está com negocios urgentes do estado.

—Com todo o gosto. Diga o sr. Manuel Bento a s. ex.ª que terei a maior honra em o receber n'esta sua casa. Quanto a minha mulher, queira informal-o de que é quasi completo o seu restabelecimento.

E' desnecessario observar que Manuel Bento é o velho e dedicadissimo creado antigo de Sebastião de Carvalho, o do tempo dos *Capotes Brancos*.

Elle a sair e Jorge a ir dar a grande noticia.

—Então, quem era?—perguntou Helena.

—Grande curiosa! Dou-te uma prenda se adivinhares.

—Eu posso lá adivinhar... Era o padrinho Paulo de Mendonça.

—Ora, a esse conhece-o bem a creada. Quente, quente...

—Não sei; não sei.

—Então lá vae. Era o sr. Manuel Bento, o creado antigo do primeiro ministro.

—Do primeiro ministro!—repetiu Helena córando.

—Exactamente. Veiu saber da tua saude e prevenir-me de que s. ex.ª tenciona visitar-me esta noite, visto que negocios urgentes do estado o impedem de vir cá hoje de dia.

Joanna tinha no olhar os fulgores de uma grande e enternecida consolação e murmurou de si para si:

—Vem disfarçadamente para ver a filha e a netinha!

—E nós vamo-nos chegando até casa—disse a tia de Jorge.

—Não; jantem cá. Porque não hão de cá jantar—disse Helena.

—Pois está claro que jantam—affirmou o capitão.

—Estão á espera do ministro...—observou Branca timidamente.

—Isso não é razão para nos deixarem—replicou Jorge, attentando muito na perturbação da irmã.

«Comprehendo-a — accrescentou de si para si.

«Aqui não pode chorar. Soffre! Que immenso dó eu tenho d'ella!

E foi beijar-lhe os cabellos, dizendo-lhe affectuosamente:

—Se eu dispensava hoje a minha Branca, a minha querida madrinha! Isso não! Ha de jantar comnosco.

«E vamos lá a saber: Quem é então a madrinha da pequenita?

—Sou eu; sou eu!—disse a Julia a pular de contente.

—Muito bem; uma excellente madrinha, a minha Julita. Mas repara que tens uma afilhada muito dorminhôca. Olha para ella, que longo somno o seu.

—E a sorrir, coitadinha! Dizem que os meninos pequenos, quando sorriem a dormir, é porque Nossa Senhora está a falar com elles—contou a Julia na candida ingenuidade dos seus quinze annos. Quem m'o dizia era nossa creada velha, que Deus haja.

Jorge fôra para junto de Helena e debruçára-se para a pequenina.

—*Elle* ha de querer vêl-a—disse-lhe Helena em segredo, muito cheia do seu adoravel orgulho de mãe.

Elle era o famoso ministro.

* * *

O jantar deitára a tarde. Depois desceram para o jardinzito contiguo ao quintal. Menos Joanna, que fôra para o quarto da filha fazer-lhe companhia.

Era quasi sol posto quando foram dizer a Jorge que o procurava o capitão José Maria de Tavora.

Branca fez-se muito pallida.

—Ahi vou já. E' estranho! Raras vezes o tenho encontrado e desde fevereiro que me não tornou a procurar!

«Ha de trazel-o aqui algum caso de importancia. E foi para dentro sem ter reparado na profunda commoção de Branca.

* * *

—Perdôa, se te sou importuno—dizia o moço Tavora para Jorge Gustavo.

—Nunca o foste para mim.

—Apezar da frieza apparente das nossas relações, não encontrei no coração outro nome de amigo a quem viesse pedir o desafogo de alguns instantes e o conselho da sua honra e da sua lealdade.

—Pareces profundamente perturbado!

—Profundamente, dizes bem.

—Podes falar confiadamente.

—Aqui não. Tenho a fazer-te uma confidencia gravissima.

—N'esse caso vem commigo.

E levou-o para o quarto que fôra occupado por Damião de Castro.

—Aqui pódes dizer desafogadamente o que quizeres—observou-lhe, fechando a porta por dentro. Assenta-te.

—Não posso. Deixa-me estar assim. Trago alguma coisa em mim que me suffoca. Posso contar com a tua lealdade, com o segredo do que te vou dizer, segredo seja para quem fôr?

—Pódes. Bastaria dar-te a minha palavra d'homem de bem, mas vou jurar-t'o pelo que eu agora mais préso no mundo; juro-t'o pela vida e pela fortuna de minha filha.

—Tens uma filha?

—Tenho, uma pequenina, que é parte da minha vida.

—Pois Deus a proteja tanto, Jorge, que nunca o mundo possa dizer d'ella o que eu tenho de dizer d'outra, em palavras que me deixam queimado o coração antes de me sairem dos labios.

Jorge Gustavo julgou perceber uma referencia á irmã e fez-se horrosamente pallido.

—Vaes referir-te a alguem que me pertença?

—Não; venho referir-me a alguem que me pertence, que é do meu sangue e tem o meu nome.

—Ouvir-te-hei.

—Antes de mais nada o teu voto de homem pundonoroso.

«Admittes algum caso em que um marido infamado na sua honra deva de hesitar em desaffrontar-se, ainda mesmo que vá bater com o coração despedaçado contra os degraus de um patibulo?

Jorge hesitou cheio de estranheza e como que subitamente opprimido pela noção de um facto, que lhe parecia tragicamente mascarado nas palavras de José Maria de Tavora.

—Fala; pela tua honra fala—instou o Tavora.

—Nenhum caso admitto.

—Fosse quem fosse o infamadôr?

—Mas não comprehendo a que vêem essas extraordinarias perguntas e com que fim pretendes saber o meu modo de sentir a respeito de tão estranha hypothese!

—Tu comprehenderás. Podes responder desassombradamente. Não venho escutar o coração de um homem pundonoroso para o prender a mim na cumplicidade de extranhos desaggravos; mas para fortalecer o meu, duramente perturbado e cheio de sombras.

«Não tenhas receio. Não póde comparar-se a responsabilidade do que tu me disseres, em face de uma hypothese, com o que eu venho dizer-te, opprimido por uma affronta.

«Creio nos teus sentimentos de honra; espero que ainda confies nos meus. Aqui não ha delatores. Fala por piedade a quem precisa de saber que ainda lhe fica no mundo uma consciencia para o honrar... e para o absolver.

—Fazem-me pavôr as tuas palavras, José Maria!

—E mais não sabes ainda a infernal vergonha a que ellas servem de mascara!

«Não ha senão uma noção d'honra, não é assim, Jorge? Para um marido, lacaio ou rei, a mesma immensa affronta, se a um ou outro lhe aviltaram o lar. Sobre a adultera, collareja ou rainha, a mesma torpe infamia, e na expiação, perfeitamente a par os que surdiram de uma alfurja ou desceram de um throno para a deshonra de uma familia.

«Não te inquietes, Jorge. Isto são palavras que o teu coração ha de guardar para me fazer justiça e que ficam gravadas a fogo no meu, de tal maneira que nem a morte as saiba lêr. Não te inquietes. Não ha verdugo nem tortura que me faça repetir o que te digo aqui.

—Mas, por Deus, não vejo que a tua honra...

—Trata-se da honra dos meus. E' para mim, como seria para ti, um caso absolutamente egual.

«Tu has de saber de ha muito o que eu só hontem soube por uma carta anonyma, confirmada esta manhã pelas confidencias de minha mãe.

«D. Thereza de Tavora e Lorena, a irmã de meu pae, a esposa de meu irmão, é ha largos annos a amante do rei.

«Só desde hontem o sei e era o escarneo de toda a gente! Tinha sobre mim esta ignominia e não a sentia!

«O mundo rirá de mofa, chamando embuste de cortezão ladino a esta surpreza que me tortura a alma e me faz córar do meu proprio nome!

«E, todavia, Jorge, que horroroso supplicio de confidencia!

«Nenhum verdugo seria capaz de inventar outro maior!

«Minha mãe a confirmar-me a infernal vergonha, e cada uma das suas palavras a cair-me no coração e a dar-lhe tamanha dôr como se fossem as tenazes esbrazeadas com que se atormentam os grandes criminosos, esses que affrontam os altares e assassinam os reis!

—José Maria, como a tua razão desvaira!

—Jorge, é a minha honra que fala. Se tu tambem acreditarás n'ella, atravez de tantas apparencias que parecem desmentil-a!

—Como na minha propria honra.

—Abençoado sejas! Talvez ninguem mais faça justiça igual á minha consciencia... ou á minha memoria.

E abraçou-se n'elle a soluçar.

—Precisava d'este desafogo para não morrer de desespero, quem tem o direito de morrer de vergonha. Dão-me força as tuas palavras. Ha de fazer-me justiça alguem. Tu, fidalgo sem macula.

—Mas repara que em tantas illustres familias...

—Não continúes. Agradeço a benevolencia do teu coração de amigo, mas, n'este ponto, prefiro ouvir a tua consciencia de homem de bem.

«Não sei para que destino sairei daqui!

«Não sei. Já não pertenço a mim proprio. Arrasta-me a fatalidade de uma familia. Se ouvires que José Maria de Tavora foi no rasto de quaesquer alheias ambições e disfarça em tardio pundonôr qualquer desvairada cobiça, desmente a calumnia perante os teus sentimentos de justiça, embora saibas que fiquei emmudecido.

«Mas se te disserem que morri, sem afastar de mim responsabilidades que me não pertenciam, então acredita.

—Tenho mêdo por ti!

—Não tenhas. Veiu subitamente uma noite immensa sobre os meus vinte e dois annos.

«Agora concede-me ainda outra mercê.

«Dize a Branca, a tua candida irmã, que eu não era digno d'ella.

—E' uma calumnia de que eu sou incapaz.

—Era uma explicação. Levo-a n'um canto da minha alma aonde não chegam sombras de tamanha vergonha.

«A' tua casta esposa pede-lhe um dia que perdõe á marqueza de Tavora, por que no seu orgulho fidalgo a julgou de condição inferior á *outra* que lhe deshonrava o filho.

—José Maria!—disse Jorge abraçando-o commovidamente, as palavras a estrangularam-se-lhe na garganta. Tenho medo de adivinhar o teu intento! Dize-me que designios tens. A nossa amisade dá-me o direito de te pedir que reflictas e o dever de me oppôr a essa allucinação do teu pundonor.

—Seria infamar-me ainda mais. Já te disse que não pertenço á minha propria vontade.

«Adeus, nem eu sei até quando. Disse-te o que nunca mais direi. Não te faço a offensa de recordar o que juraste, mas peço ao teu animo que saiba disfarçar o encargo d'esta confidencia, quaesquer que sejam os acontecimentos.

«E é preciso começar já. Temos de sair d'aqui como dois amigos que tranquillamente estiveram discutindo varias coisas vulgares da vida.

—Meu desventurado amigo! Que magua immensa a minha!

—Desventurado, disseste bem. Vamos lá.

E ainda uma vez se abraçaram a chorar.

*

Era já noite. Jorge Gustavo foi acompanhal-o até á porta.

Apeava-se da sége Sebastião de Carvalho, que mal poude disfarçar a contrariedade do encontro.

O Tavora tornou-se livido; Jorge Gustavo fez-se muito pallido.

—Sr. secretario d'estado!—disse o marido de Helena, curvando-se.

—Tenho a honra de esperar as ordens de v. ex.ª—rouquejou o moço Tavora, procurando disfarçar na continencia militar a sua immensa perturbação.

—Nenhumas ordens tenho a dar-lhe, sr. capitão—respondeu o ministro friamente, fitando-o muito.

—Jorge, adeus!—disse José Maria, mais perturbado ainda pela frieza do secretario po' tado.

—A surpreza de encontrar aqui v. ex.ª o faria talvez mudar de côr. E não me parece que o José Maria tenha feitio para ir ás reuniões do padre Malagrida.

—Ira a outras peores. Dizem-me que tem seus devaneios de heroe de novella e não será difficil que a mãe o leve preso ás suas vontades.

E olhando em volta de si, e vendo que só estava ali um creado negro que espe-

O ministro inclinou se para a pequenina

—Adeus, José Maria—respondeu Jorge tristemente.

E logo se approximou do ministro, que estava falando baixo com o boleeiro.

—Está desfigurado este rapaz!—observou Sebastião de Carvalho entrando. E é singular que tanto elle como o irmão e o pae mudam de côr quando me encontram, desde que principiaram a ser mais concorridos os exercicios espirituaes do Malagrida em Setubal!

rava no alto do patim com uma luz, accrescentou quasi em segredo:

—Seja como fôr, dou-lhe um conselho: Veja se põe cobro aos amores d'este rapaz com sua irmã.

—Já acabaram.

—E abstenha-se de viver em intimidade com elle. Os Tavoras teem caído no desagrado de el-rei.

Subiram. Foi uma visita apparentemente cerimoniosa. Joanna, muito tremula,

falava ao ministro como se raras vezes o tivesse visto.

Jorge, percebendo que o desejo de Sebastião de Carvalho era vêr Helena, procurou um pretexto para se afastar com elle, evitando assim qualquer justificada extranheza da tia e das irmãs.

—Em v. ex.ª querendo dar-me a honra de tratar do assumpto reservado que me indicou, ficarêmos a sós n'esta sala.

—Mas Deus me livre de incommodar estas senhoras...

—Nenhum incommodo nos pode causar v. ex.ª—disse Joanna muito commovida.

E com um gesto convidou a tia e as irmãs de Jorge a irem com ella para a casa da costura, que era a mais afastada do quarto de Helena

Instantes depois, o homem que tinha cabellos no coração beijava enternecidamente nos braços de Helena a sua neta pequenina—a primeira.

E Helena, a tremer de jubilo, com o coração doido, n'aquelle adoravel desvanecimento. que é o santo orgulho das mães!

Alguem espreitava por detraz do reposteiro. Era Joanna Richter, que, por qualquer frivolo pretexto, viera pé ante pé da casa de costura para ver como o seu adorado amante de outros tempos, o homem immensamente grande e formidavel, mais poderoso do que o rei, acarinhava a neta pequenina da pobre feiticeira ruiva.

E viu; a tremer, a chorar, n'um extase de indefinivel amor.

VII

A FAVORITA DE EL-REI

Entrêmos em casa do marquez Luiz Bernardo de Tavora, tenente coronel do regimento de cavallaria de Alcantara.

E' ao entardecer do dia 2 de setembro.

Na sua camara de toucar, D. Thereza, esposa de Luiz Bernardo, fala com singular vivacidade a uma formosa mulher de trinta annos, sua creada particular e dilecta confidente, chamada Margarida Ramos.

A Marquezinha, como ainda a denominavam, está sentada em um amplo coxim de marfim lavrado, com almofadas de seda bordada da India. Era um presente que o marido lhe trouxéra de Pangim.

Na janella cortinados de finissima seda de Bombaim. O toucador era uma obra prima da industria veneziana e sobre elle refulgiam, nas suas mil deslumbradoras scintillações, crystaes preciosos de Saxe e da Bohemia.

A Marquezinha fôra e ainda era uma das mais gentis damas da côrte.

Sem ser a peregrina belleza que trinta annos antes havia sido a altiva Marqueza, sua sogra e cunhada, talvez menos formosa que a duqueza d'Aveiro, D. Thereza de Tavora era, ainda assim, justamente considerada uma das mais lindas mulheres da alta nobreza.

Justificava-se a paixão do rei. Eram de estonteadôr encanto os olhos da Marquezinha, tentadôr o seu alto collo esculptural, em cujas carnes palpitantes brilhavam soberbas perolas, que o velho marquez D. Francisco de Assis de Tavora, seu irmão e sogro, lhe trouxéra de Goa e foram talvez offerta de algum poderoso rajah.

Dizia-se que ainda muito nova era notada pela sua febril desenvoltura e por umas casquinadas de vibração argentea, muito suas.

D. Thereza de Tavora e Lorena, filha do segundo conde de Alvôr, nascêra em 9 de agosto de 1723. Fizéra 35 annos.

Casára aos dezenove annos, em 9 de julho de 1742, com Luiz Bernardo, quarto marquez de Tavora, seu sobrinho, que nascêra em 29 de agosto de 1723 e era, portanto, da mesma idade d'ella.

Parece que D. José a requestara, ainda muito moça. Amores passageiros, que só se reavivaram, e então com notorio escandalo, de 1749 para 1750; havia, portanto, uns oito annos.

Foi por aquelle tempo que o irmão e sogro, D. Francisco d'Assis, 3.º marquez de Tavora, partio para a India, a tomar conta do seu cargo de vice-rei.

Levou comsigo a esposa e, como seu ajudante d'ordens, o filho mais velho, Luiz Bernardo.

Thereza Tavora ficou em Lisboa, entregue aos caprichos do seu temperamento e aos arrebatamentos dos seus vinte e seis annos insubmissos.

N'aquelle anno de 1749 o cunhado D. José de Mascarenhas tinha já as relações interrompidas com a familia da mulher e andava muito absorvido pela demanda, que n'esse mesmo anno venceu e o poz na posse da casa opulentissima dos duques de Aveiro.

Favorecido por uma estranha fortuna, a sua devoradôra ambição mais se esfaimava quanto mais a sorte se comprazia em lhe augmentar as grandezas. Filho segundo, uma aventura amorosa do irmão mais velho, marquez de Gouveia, que se expa-

triára raptando uma senhora casada (D. Maria da Penha de França, esposa de D. Luiz d'Almada), déra-lhe de herança a casa, o titulo do marquezado e a mordomia-mór do paço. A demanda com Ponce de Leon, vencida graças á influencia do tio fr. Gaspar da Encarnação, o *sinistro arrabido*, ministro e valido de D João V, entregou-lhe a casa dos duques de Aveiro.

Assim, poderoso e feliz, que lhe importava a elle a honra de Thereza Tavora, ineptamente deixada na côrte pelo marido e pelo irmão?

Requestava-a D. José, tornava-a el-rei a sua amante, a sua favorita? Pois que lhe fizesse muito bom proveito.

Valido e primeiro ministro do novo rei é que elle queria ser, como fôra o tio frade nos ultimos annos de D. João V. Se era tolo que se afastasse do paço para não ser o cortezão de quem lhe infamava a cunhada!

E quando o odiado Sebastião José se lhe atravessou no caminho, outra cobiça o dominava: encabeçar no ducado as commendas de que era simples administrador, apanhar os prasos de Margaride aos Tavoras ausentes e englobar outro ducado na sua fortuna immensa, casando o filho, o *marquezinho* de Gouveia, com a Margarida Cadaval.

D. José tinha uma bella amante de facil conquista, e o Duque, mordomo-mór, dia a dia beijava de joelhos a régia mão que esbofeteava a honra dos Tavoras, seus parentes.

O que devéras o opprimia era o predominio de Sebastião José e o negocio perdido das commendas e da casa Cadaval.

Um anno antes do terramoto, o velho Marquez voltava da India trazendo na lamina da sua espada os fulgores das victorias contra o Canajá, contra os Mahrattas e contra o rei de Sunda.

Era um honrado velho, que foi, provavelmente, o ultimo a saber da notoria deshonra da irmã.

Ninguem se atreveria a dizer-lh'o, por um sentimento de respeito ou por um sentimento de dó.

Luiz Bernardo talvez fosse tambem dos derradeiros a saber da sua immensa vergonha.

Com o seu espirito perspicacissimo e o seu instincto de mulher, a velha Marqueza devia de ter percebido a affronta, logo que chegou a Lisboa.

Se não a tinha adivinhado antes, ou lh'a não mandaram dizer para a India, e ella a occultou comsigo, n'um impulso de piedade pela desgraça do filho e pelos cabellos brancos do marido.

Depois, interpuzeram-se os ciumes pelas grandezas do duque de Aveiro, os despeitos pelo esquecimento dos serviços do ex-vice-rei, os pavores do terramoto, e a vergonha pela nóra só tornou a agitar o coração da Marqueza, quando em volta de si sentiu os primeiros rumores da lucta contra o despota omnipotente.

O agosto d'este anno de 1758 fôra um mez de festas em casa de Luiz Bernardo de Tavora. Em 9 os annos de D. Thereza; em 29 os annos d'elle.

Parece que foi á saida do baile do dia 29 que o velho Marquez soube da deshonra da irmã.

Contava-se que ao subir para a sége, um maltrapilho lhe entregára uma carta anonyma, revelando-lhe tudo.

* * *

—E o que tens tu sabido pelo Braz José?

—Pouco, sr.ª Marqueza, coisa de nada. O Braz José gosta de mim e, em eu o levando por boas maneiras, descoze-se que é um regalo. Já o tenho experimentado, e elle que me não tem dito nada é porque nada sabe.

—Sabe, sabe. E' muito de teu amo, deve-lhe o que é, ha de saber. Talvez fosse elle quem fez a denuncia.

—Ah! isso talvez não fôsse.

—Talvez não fôsse porquê, se ha mezes tu propria me contaste que elle tinha visto a sége de Pedro Teixeira uma ou duas vezes e te déra a entender umas certas desconfianças?!

—Mas eu arranjei-lhe uma pêta e todas as desconfianças se lhe desvaneceram.

—Pois sim, mas o que tem isso com o tu entenderes que não foi elle quem fez a denuncia?

—Porque não podia denunciar o que não sabia.

—E crês então que não sabe porque te não disse nada? Valha-te Deus! Pois olha

que é d'elle de quem eu mais desconflo. Hontem e ante-hontem foi umas poucas de vezes a casa de meu irmão e já notei que anda muito de viseira caída.

—Pois a mim, senhora Marqueza, tem-me falado com o mesmo agrado, muito risonho.

—Isso póde ser disfarce. Elle não tem feito perguntas a meu respeito?

—Algumas, mas de tão pouca importancia que nem eu me lembro d'ellas. A's vezes as perguntas d'elle são um pé de conversa.

«Deixe a minha senhora vêr se me recordo. Ah! esta manhã estava-se a falar das festas que houve em Queluz e perguntou-me se a sr.ª Marqueza não gostava de ir ás festas da côrte.

—Vês? Foi com malicia que o perguntou!

—Isso sim, minha senhora!

—E tu que lhe respondeste?

—Que me parecia que não gostava. E elle, então, disse-me que era pena, porque, sendo v. ex.ª tão formosa, havia de metter a rainha n'um chinello.

—Ahi tens o velhaco!—exclamou a Marqueza, levantando-se muito nervosa. Fiate n'elle. Parece-me que tu andas a suppôr que lhe puxas pela lingua e é elle que te vae experimentando!

—Não me parece, minha senhora. Acho-o muito simplorio. Ainda hontem o boleeiro estava a dizer que el-rei andava doente e que já se rosnava que lhe tinham dado alguma coisa...

—E o Braz José o que disse?

—Que só se lh'a tivessem dado por causa do secretario d'estado Sebastião José, pois por outra causa não acredita que el-rei tenha quem lhe queira mal. Nem saía ao pae, que era dado a extravagancias e tinha mulheres nos conventos e em toda a parte.

«E teimava que do sr. D. José nada constava.

—Foi para vos experimentar que tal disse!

—Seria, minha senhora, mas fique v. ex.ª sabendo que ninguem lhe deu troco. Só o boleeiro é que se poz a assobiar o *lundum* da Bahia, mas esse é um mariola, um descarado que em tudo deita maldade.

—O que eu admiro é o desafogo com que a creadagem se põe a falar d'essas coisas, em vez de tratar das suas obrigações! Maldizentes e madraços! E tu a ouvil-os!

—Mas a minha senhora é que me tem dito que ande a experimentar n'elles, para os ouvir!

—Pois sim, mas não convem ter aqui similhante gente. O parlatorio ha de acabar em tudo isto mudando, e ha de ser mais cêdo do que cuidam.

E passeava ao longo da salasita, a relancear os olhos, de quando em quando, para o grande espelho de Veneza e a repetir comsigo:

—Isto assim não póde continuar!... Hei-de fazer-me velha, sem ter sido o que outras foram nas minhas condições.

—Bem; retira-te—disse para a creada. Eu te chamarei.

—Sim, minha senhora. Com sua licença.

E, ao fechar a porta, ia dizendo comsigo:

—Anda o coração a adivinhar-lhe tramoia.

* * *

—Tenho sido uma grande tola!—murmurava a Marqueza moça, como tambem alguns lhe chamavam para a differençar da sogra e cunhada.

E muito encostada ao toucador, olhos cravados no espelho, brincando machinalmente com um bello annel de esmeraldas, foi dizendo:

—Nada, isto ha de mudar. Elle que arrisque tambem alguma coisa, já que eu tudo arrisquei, e nada sou. Que perca os receios aos ciumes da rainha... Por cá tambem se sabe o que faz el-rei de França... A Pompadour, mulher da ralé, casada com um João Ninguem, foi feita marqueza pelo rei seu amante e é uma favorita a valêr.. Quem governa é ella. Tem a sua côrte, a verdadeira rainha é ella... Ninguem tem estado em Paris que não o saiba...

«E eu aqui, só favorita para o descredito! Elle vassallo de Sebastião José e eu mesquinha amante de um rei que não governa!

«Tem tudo isto de mudar quanto antes...

«Quanto antes, que este coração não me anda a adivinhar coisa boa... Meu irmão sabe tudo ha quatro dias e não apparece

Luiz Bernardo cala-se, disfarça, mas eu bem vejo que alguma idéa o traz preoccupado.

«Minha sogra muito com o Mascarenhas, elles que se não podiam ver! Luiz Bernardo a ir jogar quasi todas as noites para casa de meu cunhado, que era o maior inimigo da nossa familia!... Os padres da Companhia muito com elles... Andam a preparar alguma coisa, que eu não sei adivinhar!

«E *elle* sem de nada querer saber! Todo nas mãos do outro, que tambem não vê nem receia outra coisa que não sejam os jesuitas!

E n'um repellão dos seus nervos insubmissos, quebrou entre os dedos o pequenino annel de esmeraldas que Luiz Bernardo lhe trouxéra do Oriente.

—Mas deixa estar, Sebastião José—dizia deixando-se cair como extenuada entre as almofadas do seu canapé dourado. Ainda estou a tempo de te tirar das mãos o real tutelado.

«Ainda não envelheci, nem tão pouco valho, que não consiga o que os jesuitas não foram capazes de alcançar.

E ficou-se quebrada do corpo, olhos semi-cerrados, no embevecimento de um altivo sonho.

Pobre Marquezinha! Como a enganava aquelle tardio devaneio da sua vaidade feminil!

Para aquelle seu plano faltavam-lhe *apenas* o talento e a intrepida ambição da outra envelhecida marqueza, que fôra a mais encantadora dama da côrte de D. João V.

* * *

—Sr. Marqueza!

—Que é, Margarida—perguntou D. Thereza Tavora, acordando do seu ephemero sonho.

—O Braz José chegou agora do Cruzeiro da Ajuda, de casa do sr. marquez D. Francisco, e traz esta carta para v. ex.ª

—Para mim!—exclamou a Marqueza, pegando na carta, muito tremula.

«E' lettra de Luiz Bernardo!—disse comsigo.

Abriu-a e leu-a com singular avidez e justificada extranheza.

—Andam a turvar-se os ares!—commentava a creada.

Luiz Bernardo escrevêra-lhe apenas isto:

«*Thereza.*

«Não esperes por mim. Fómos agora convidados pelo Jeronymo Athaide, meu pae e eu, para uma caçada em Salvaterra. Partimos já. Foi um convite de surpreza e com tanta instancia, que me não atrevi a recusal-o.

«Desculpa-me. Depois de ámanhã, terça-feira, sobre a madrugada, contamos estar de volta.

«Não te inquietes.

«O Braz José deve de sair ámanhã à noite com uns cavallos que emprestei ao José Mascarenhas.

«Até terça-feira, e guarda segredo, porque não tenho tempo de ir solicitar licença para sair de Lisboa.

«Se do regimento mandarem perguntar por mim, os criados que respondam que talvez esteja em casa de meu pae. Se aqui vierem, dir-lhe-hão outra pêta.

«Depois da caçada te darei maiores explicações.

Teu

Luiz

—Bem; pódes retirar-te.

E logo que a Margarida saiu, voltou a lêr a carta:

—E' extranho isto! Do Cruzeiro d'Ajuda pouco se demorava em chegar aqui! Escusava de escrever. Provavelmente a caçada é pretexto para irem combinar alguma coisa fóra de Lisboa.

«Seja para o que fôr, está seguro. Aproveitarei ámanhã a occasião para outra caçada melhor. Isto não póde continuar assim.

«E' preciso mandal-o prevenir d'esta ausencia e pedir-lhe que venha cá. A'manhã será o mais seguro. Hoje ainda poderia haver qualquer contratempo, e desistir da caçada.

«A côrte está de luto... é ámanhã o terceiro dia de nojo... Melhor assim... Sabe-se que *elle* está encerrado nos seus aposentos e ninguem suspeitará que saia de noite.

«Mando recado ámanhã ao Pedro Teixeira.

E voltou ao seu tardio sonho de favorita. Não lhe saía da idéa aquella marqueza de Pompadour, a rainha illegitima, cuja fama chegára até Lisboa.

E agora nitidamente se recordava d'uma conversa que ouvira em tempo á esposa de um dos secretarios da embaixada de França.

Era como se estivesse a ver o que ella então contára. Os salões da favorita resplandecentes de oiro e luz; como cortezãos da sua grandeza os maiores fidalgos da França, os prelados, os ministros de estado, os embaixadores, os membros do parlamento! E o rei ao lado d'ella, sem se esconder de ninguem, sem andar a occultar-se nas sombras da noite, sem receio de mostrar ao mundo que era aquella a rainha dilecta, ainda mais poderosa de que elle!

E era. Dobravam-se-lhe aos pés como famulos submissos os poetas, os philosophos, os artistas de genial grandeza, protegidos seus. Amante reconhecida do rei, soberana imposta pela sensualidade de um homem e acclamada pela subserviencia de uma nação, influia na paz ou na guerra, e o seu leque, symbolo do capricho feminil, pesava na balança politica da Europa como a espada de Brennus sobre a balança da velha Roma vencida.

Algumas vezes se convocou o conselho de estado para a sua ante-camara de favorita; indicava os ministros, amparava-os ou fazia-os cair a sua mão seductora de cortezã; escreviam-lhe as rainhas, como se o thalamo da adultera fosse tambem um throno, e para os esplendores d'aquella *dynastia dos cotillons*, na phrase sarcastica de Frederico da Prussia, espalhava em volta de si as duzentas mil libras da sua pensão official e os secretos subsidios do thesouro, em alguns annos avolumados até á somma estonteadora de milhão e meio de libras.

Oiro feito de migalhas n'um paiz acabrunhado pela guerra e, em muitas das suas provincias, opprimido pela fome!

E emquanto o seu real amante, na ebriedade dos prazeres, podia dizer n'um regalado cynismo de Falstaff: *Depois de mim o diluvio*; a que fôra simplesmente Joanna Antonieta Poisson, mulher do pobre rendeiro Leonomand d'Etiolles, tinha o direito de affirmar, no impudôr do seu fastigio: Está sobre o meu toucador de peccadora a soberba corôa de França.

Quasi tudo isto se sabia em Lisboa. E que espantoso contraste entre a radiosa Marqueza plebeia e a pobre Marquezinha illustre, sem nenhum predominio, amante de um rei, que a desacreditava na sombra!

Nem era de admirar. D. Thereza Tavora não tinha o engenho, a superioridade de espirito, a energia de ambições, a arte deploravelmente dominadôra da Pompadour, nem D. José—póde a justiça da historia affirmal-o—podia descer ao baixo nivel moral de Luiz XV.

* * *

Era já ao entardecer quando D. Thereza Tavora recebeu a visita da irmã D. Leonor Thomazia, duqueza d'Aveiro.

—Não te esperava, Leonor! E assim n'esse disfarce de viuva!

—Para não ser conhecida. Preciso de desabafar comtigo e de te fazer um grande pedido.

—Sim?! Mas como tu vens mudada! Parece que choraste!

—Muito.

—Houve alguma novidade?

—Eu te conto. Mas vê lá se alguem nos póde ouvir!

—Aqui não vem ninguem. Espera; para ficares mais descançada, fecha-se esta porta. Agora vamos ali para o vão d'aquella janella e podes falar sem receio.

—Teu marido?

—Saiu de manhã cêdo.

—Tambem o meu! E não voltará por ahi agora?

—Não. Mandou-me dizer que ia para uma caçada.

—Para uma caçada! Com quem?

—Com o pae e o Jeronymo Athaide.

—E acreditas?

—Parece-me estranho! Mas não digas nada, que elle não quer que isto se saiba.

—Fica descançada. Valha-me Deus! Tantas coisas que eu não sei explicar!

—Mas como tu estas a tremer, Leonor! Fala.

—Falo, sim; para isso aqui venho. Ando muito mortificada, Thereza! Não sei o que me está adivinhando o coração, que todo elle se me opprime e escurece, quando vejo os meus filhos! O que eu tenho chorado sósinha!

—Mas porquê? Dize.

—E ainda tu me perguntas porquê! Pois não tens notado nada que te sobresalte? Não desconfias de coisa nenhuma?!

—De que hei de eu desconfiar?!

—Theresa, pelo amor de Deus, não estejas n'esse disfarce commigo, que t'o não mereço! Olha que até tenho medo de pensar em tantas coisas que vou notando e que não sei explicar! Ainda hontem á noite me disse o capellão, muito em segredo, que tinha visto nosso irmão e que parecia desenterrado! Sabe tudo desde o baile dos annos do Luiz.

«E o José Maria? Se tu o visses! Appareceu-me lá ante-hontem, triste como a morte, elle que ainda não fez vinte e dois annos! Tem o olhar pasmado de um doido, olhos rasos d'agua, como o olhar dos doidos que choram!

—Pois, sim, Leonor. Mas o que queres tu que eu faça agora? E' tarde para voltar para traz.

—Thereza, nunca é tarde para a gente mudar de caminho errado. Não acredites n'essa caçada de que teu marido te deu noticia. Olha que vão fazer alguma grande loucura, alguma terrivel loucura! — ninguem m'o disse, mas o meu coração está a advinhal-o!

—Por minha causa?

—Sim, Thereza, por tua causa será. Eu não sei nada, mas até tenho medo de pensar no que póde succeder!

—Sente-se então affrontada a honra dos Tavoras, e a de teu marido tambem?

—Pois certamente.

—Tem oito annos essa affronta a que alludes—replicou D. Thereza Tavora muito pallida.

—Eu só te dei a entender os meus receios e a causa d'elles.

—Pois sim, minha irmã; seja como fôr.

«O caso é este, Leonor, e tem paciencia pela franqueza com que te vou falar: O caso é que o sr. Duque, teu marido, tem levado quasi nove annos para córar d'essa affronta. Pensou nas commendas, andou entretido na questão dos *Prazos de Margaride* . . .

—Thereza, que me estás offendendo!...

—Perdôa-me. Falou-se da minha honra compromettida; tenho eu o direito de falar da honra d'aquelles que a deixaram comprometter.

«O sr. duque de Aveiro, por orgulho e por interesse, guerreava os Tavoras, em quanto el-rei ia requestando livremente a irmã da Duqueza, sua mulher. Voltava as costas á esposa de Luiz Bernardo de Tavora, desamparada em Lisboa pelo irmão e sogro, vice-rei da India, pela sr.ª Marqueza, vice-rainha e pelo marido, ajudante do illustre general que partíra.

«Mordomo-mór do paço, o sr. Duque beijava todos os dias a mão de el-rei, beijava-lh'a e não córava de uma affronta, que o póde levar agora a essa terrivel loucura, que tanto receias, minha pobre irmã !

«Já sei o que me vaes dizer. Estou a adivinhal-o. Defendesse-me eu; era o meu dever.

«E' facil e é bonito dizel-o.

—Não era isso o que eu queria dizer-te.

—Julguei; embora me pareça que, pela tua propria experiencia, deves saber que nem sempre é coisa facil fugir aos galanteios de um rei, a quem ninguem se atreve a pedir contas das suas audacias.

«O que serias tu hoje, Leonor, se teu marido te houvesse abandonado em Salvaterra, onde el-rei te requestava?

«Não te abandonou, e mesmo assim quantas pessoas haverá em Lisboa que te supponham isenta d'aquelle passageiro peccado?

«A primeira a duvidar da innocencia d'aquelles galanteios foi a rainha; bem o sabes tu perfeitamente. (*)

«E o sr. Duque, teu marido, não pensou então n'uma terrivel loucura, como tu receias que pense agora por causa da pobre Thereza de Tavora!

—Minha irmã! Minha irmã!

—Leonor, agora já que se começou, isto tem de ir até ao fim.

«Sabes tu o que se pensou e disse quando os nossos foram para a India? (**)

(*) No tomo XXIX da sua «Histoire des Français», Sismonde de Sismondi dá a duqueza de Aveiro e a «filha» (?) como tendo sido amantes de el-rei D. José.

(**) Mezes depois o ministro da Inglaterra em Lisboa, mr. Hay, escrevia ao seu governo:

«Como sua magestade (Jorge II) deseja que o informem de todos os pormenores d'esta conspiração, ha por isso a referir uma circumstancia que parece terem occultado d'um modo en-

«Que era coisa combinada para deixar á vontade o principe real.

«Uma calumnia, Leonor. D. Francisco de Assis não acceitaria similhante coisa. Luiz não tinha notado os galanteios do principe, e José Maria era uma creança. Mas tinha-os surprehendido a sr.ª Marqueza, a orgulhosa senhora, e partiu para ser, ao menos, rainha em Pangim.

«Voltou; a *affronta* era notoria e nunca deixou de ir ao paço, na esperança de vir a ser duqueza como tu.

—Oh! Thereza, minha irmã, com que tamanha crueldade tu tens dito essas coisas! Mas não pensêmos em tudo isso, que já não tem remedio—disse-lhe a Duqueza, tomando-lhe as mãos carinhosamente. Vê se evitas a desgraça de todos os nossos, porque eu tenho o presentimento de uma tremenda desgraça! Tenho. Os meus sonhos de hontem. Que horriveis sonhos!

—Mas que desgraça receias tu? Julgas que vão pedir contas a el-rei, ou que por minha causa abandonem o paço?

—Não sei; não sei. Desconfio de tudo e nada percebo claramente!

—Socega, minha pobre illudida, e perdôa-me a dureza com que eu preciso falar-te. Se alguma coisa andam a tramar...

—Eu não disse que andam a tramar... Receio, tenho mêdo!... Nem eu sei explicar bem o que é!

—Mas se alguma coisa tramarem, não será contra el-rei, não será por mim. O que affronta o Duque, o que opprime a Marqueza, não é a deshonra de Thereza Tavora, é a sombra de Sebastião José, esse que, segundo crêem, aconselhou o rei contra a concessão das commendas, contra a permissão para o casamento de teu filho com a irmã do Cadaval, contra a graça de um titulo de duque.

—Não sei; não sei! Minha pobre cabeça!...

«Ajuda-me, Thereza. Tem dó de mim e dos meus filhos!

—Mas o que hei de eu fazer?!

—Retira-te d'aqui. Vem commigo; irêmos para uma das nossas quintas. Já não haveria pretexto para alguma loucura.

—Loucura é isso que dizes, minha pobre irmã!

«Ia comtigo. E depois? Se é a honra da familia que elles querem vingar, de que valia retirar-me agora?

«Mas se é por causa de Sebastião José, como creio, sera um passo inutil sairmos de Lisboa. Hão de fazer a loucura da mesma fórma.

«E loucura será, pois, que para deitar abaixo o valido, mais pódem talvez as mãos de uma mulher do que todos os esforços juntos de teu marido, da Marqueza e dos padres da Companhia.

—Mas tendo tu saído, el-rei não viria cá e... Não faças caso. Nem eu sei o que digo. Mas pelo amor de Deus, Thereza, não contes a ninguem estes meus receios!

«A ninguem. Podias perder-nos a todos. Thereza, por alma de nossa mãe, jura-me que nada dirás; pelos meus filhos t'o supplico, de joelhos.

E a chorar convulsivamente ia para se lhe ajoelhar aos pés.

—Leonor!—exclamou a Marquezinha levantando-a nos braços, commovidamente. Essa injuria é que eu te não mereço! Tudo pódes julgar de mim; menos que eu seja capaz de denunciar os meus! Isso não; isso nunca!

«Juro-t'o. E vae tranquilla, que talvez as coisas mudem de modo que teu marido se acalme.

«A tal *loucura* não se prepara assim do pé para a mão, e em alguns dias poderá haver grandes mudanças no paço. Vae convencida de que teu marido não tem outro fito que não seja o primeiro ministro, e esse póde ir abaixo por qualquer capricho *d'alguem*.

—Nossa Senhora nos valha e tenha dó de nós!

—Vae, Leonor; vae descançada. Vae beijar os teus filhos, e perdôa-me tu. Tem-se perdoado no mundo a outras peores. A's que se perderam nos braços dos lacaios, e eu fui empurrada para os braços do rei.

«Vae—disse-lhe beijando-a—Preciso de

---

genhoso, sem que por este motivo seja menos acreditada, e que é a unica que se julga ter dado causa á perfida conducta dos Tavoras—é pois as relações que o rei entretinha com a esposa do joven Marquez, as *quaes principiaram no tempo em que o general era vice-rei da India e que duraram desde então. (Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 95.)

estar só e tranquilla para pensar muito, muito. Como nunca!

A Duqueza enxugou os olhos e desceu o longo veu negro de disfarce, que lhe dava o aspecto de uma viuva.

Viéra em uma sége de aluguer acompanhada apenas de uma velha criada, sua confidente.

* * *

A Marquezinha deixára-se cair no canapé como extenuada. Chorava, soluçando alto, n'uma violenta crise nervosa.

—E assim se perde e envelhece uma mulher!

«Ninguem me perdoará, Ninguem. Faltava agora que a minha deshonra servisse de joguete ás ambições e aos odios dos que me abandonaram, quando era dever seu que me defendessem!

E depois, n'um repellão de energia, accrescentou:

—E' preciso que eu lhe fale ámanhã que elle venha aqui. E' tempo de ser afinal o que teem sido outras. Ou tudo isto muda, ou irei acabar n'um convento.

Levantou-se e foi direita ao espelho.

—Porque segredo outras teem sabido dominar?

«Que feitiço de encantos haverá sido o d'ellas, que eu não tenha?... A Pompadour, filha da ralé, como rainha da França, a designar ou a repellir de si os ministros do seu real amante... E eu?...

O espelho podia responder-lhe que já era tarde,e a historia explicar-lhe que supremo talento de cortezã era o da Pompadour e que devasso e effeminado galã era o discipulo do cardeal Dubois.

Mas os espelhos nem sempre sabem desilludir a vaidade feminil e a historia não tinha entrada nos aposentos da Marquezinha.

VIII

A EMBOSCADA

No dia 1.º de setembro havia chegado de Madrid um postilhão com cartas para el-rei e um officio para o governo, dando noticia do fallecimento da rainha de Hespanha, D. Maria Barbara de Portugal, irmã de D. José.

El-rei encerrou-se nos seus aposentos, onde resolveu conservar-se por oito dias, e determinou que a côrte tomasse lucto por quatro mezes.

Ficaram, portanto, interrompidas as recepções quotodianas, mas o lucto rigoroso de dois mezes não dispensava os altos dignitarios da formalidade de ir ao paço.

Estava n'este caso o mordomo-mór, D. José Mascarenhas, duque d'Aveiro. Não ficava no paço, como os fidalgos de serviço, mas tinha de ir lá todos os dias e demorar-se esperando as ordens de el-rei.

Nos ultimos dias o Duque levantava-se mais cedo para tratar dos seus negocios e poder estar na Ajuda á hora do costume. Bem sabia que o encerro do rei nos seus aposentos, durante os dias do nojo, era uma das varias pêtas officiaes da pragmatica, pêta para uso externo, solemnemente divulgada na *Gazeta de Lisboa*.

Apezar da *magua*, sua magestade poderia notar que o Duque apparecesse mais tarde na real camara, e, apezar do *encerro*, muito bem poderia succeder que saisse para fóra dos seus aposentos, sonegadamente, pelo menos de noite, e D. José Mascarenhas tinha empenho em que não notassem que ia mais tarde e interesse em observar se alguma coisa se dispunha para qualquer clandestina escapadela do seu real amo.

Estamos no dia 3 de setembro. São pouco mais de 5 horas da manhã. Ceu de puro azul, uma aragem fresca a ramalhar nas arvores e a sacudir as folhas que o estio crestára.

O passarêdo canta pelos ramos e pelas balseiras amarellecidas a sua enternecida alvorada, cheia de uns grandes tons de saudade, porque não tarda o outono e será necessario partir.

Vem rompendo o sol.

Por detraz do vasto jardim do Duque, para a banda das *Terras*, e a pequena distancia de uma longa calçada, entre o muro da quinta real chamada de Baixo e as casas e terras de Antonio José Galvão, official-maior da secretaria dos negocios estrangeiros, tinha D. José Mascarenhas mandado fazer uma barraca pequena, que denominavam a *Barraquinha*.

Não ficava a grande distancia d'uma grande barraca, chamada do *Conde de Rezende* porque este titular a mandára construir depois do terramoto.

Entre o jardim do Duque, de grandes muros, e a *Quinta de Baixo* (quasi contigua á *Quinta do Meio*) havia um caminho transversal por onde facilmente passava uma sége. Parece que por varias vezes D. José Mascarenhas metteu por ali, quando de noite voltava de Lisboa, preferindo assim apear-se á porta do jardim a ir á porta principal do palacio, certamente para não dar maior rebate aos coscuvilheiros da visinhança. N'essas occasiões, e para maior disfarce, vinha para casa em sége de aluguer.

Estava então em obras o lanço de um muro fronteiro ao jardim e, para dar passagem do lado das Terras, se fizêra um

passadiço de madeira, a que davam o pomposo nome de *ponte*.

A *Barraquinha* estivéra a principio sem mobilia e como que abandonada; mas em principios de agosto o Duque mandára levar para lá umas cadeiras, uma meza e esteira para cobrir o chão. A porta fôra reforçada e tinha já uma segura fechadura.

Havia quem dissesse que na *Barraquinha* se guardavam coisas de importancia e que algumas vezes de noite, ou sobre a madrugada, o Duque se mettia lá dentro á porta fechada com pessoas da sua propria casa ou com outras que vinham de fóra, disfarçadamente.

A verdade era que o Duque não largava a chave da sua mão e, quando lá estava com alguem, sempre o João Miguel, um dos seus criados de acompanhar, como então se dizia, criado e confidente, ficava a rondar cá por fóra, como se andasse por ali distrahidamente, sem nenhum proposito.

Deixêmos a passarada a chilrear no jardim por cima das pyramides de buxo, mais altas do que um homem, sobre os porticos e as grutas de murta ou empoleiradas nos golfinhos de marmore e no grande tritão esverdinhado do amplo tanque, e vamos vêr quem está na *Barraquinha*.

* * *

Cá anda por fóra o João Miguel na sua disfarçada ronda. Vejâmos quem lá está dentro.

O Duque sentou-se junto d'uma grosseira meza. De pé, defronte d'elle, o estribeiro Bandeira, o guarda-roupa Manuel Alvares Ferreira, o irmão Antonio Alvares e o cunhado José Polycarpo de Azevedo.

—Não posso saber ao certo quando a *coisa* poderá ser—dizia o Duque a meia voz—mas não tardará e é preciso ter tudo prevenido para o primeiro aviso. De um momento para o outro póde ser necessario dar conta do negocio.

—Você, José Manuel—accrescentou voltando-se para o estribeiro—tome bem sentido. Tudo preparado. Hoje devem ahi chegar dois cavallos de casa do sr. marquez Luiz Bernardo. Não façam chamatão com isso. Sempre arreados e promptos á primeira voz, os dois cavallitos, as duas *facas Palhavã* e *Coimbra*, que o Antonio Alvares comprou. Tambem arreados o *Serra* e o meu, o *Guarda-mór*. Entenda-se em segredo com o moço das cocheiras; o Padilha é ganhão; prometta-lhe alguma coisa.

«No sota Manuel do Nascimento não se pode confiar muito; é um sota cavallariço muito no calçado velho com os seus sessenta e seis annos, mas o moço da estrebaria que esteja álerta. Parece-me que se pode confiar n'elle.

—Assim me parece, sr. Duque. O Antonio Martins, o *Pagador*, conforme a alcunha por que mais o conhecem os outros creados, é homem seguro.

—Bem; pode retirar-se e não se esqueça das minhas recommendações, nem se me afaste de cá.

—Fique v. ex.ª descançado—respondeu o estribeiro.

Abriu-lhe a porta o Manuel Alvares.

—Agora nós—disse o Duque, assim que o guarda-roupa tornou a fechar a porta. Antonio Alvares, as armas?

—Estão já promptas, carregadas com grossa munição, pederneiras novas e boas escorvas.

—Que será necessario renovar na occasião. Vê lá não esqueça.

—Não ha de esquecer, se Deus quizer.

—Onde as guardaram?

—Ali, áquelle canto, dentro de um caixote, que está enterrado debaixo d'aquella esteira.

—Diabo! Certo se lhe hão de estragar as escorvas.

—Põem-se-lhe outras.

—Mas pode esquecer na occasião.

—Fique v. ex.ª descançado, que não esquece.

—Muito tento com a escorva da minha clavina, que o demonio já uma vez me errou fogo n'uma montaria aos lobos. Quando vinha para mim um lobo grande, desfechei e errou fogo a desavergonhada! Morria nas unhas da féra, se me não acodem. E tu, José Polycarpo, que arma levas?

—Levo a minha espingarda de caça.

—E será de confiança!

—Ah! sr. Duque, aquella não errou nunca.

«Ja uma vez tombou um páto real a tanta distancia como é d'aqui á quina do jardim.

«E metti-lhe carga para lobo grande.

—E as pistolas? Com as minhas não contem. Teem o meu brazão de prata nas coronhas. Se alguma se perdesse...

—Já estamos remediados—respondeu o José Polycarpo. Compraram-se duas. Uma de alcance e outra mais curta para levar no cinto.

—Mas foram compral-as a qualquer?!

—Isso sim, sr. Duque! Nós sabemos fazer as coisas. Uma foi comprada fóra de Lisboa e a outra a um estrangeiro.

—Vejam não se esqueçam de as levar—disse o Duque baixando mais a voz. Para a coisa ser mais segura, na primeira espéra baldeia-se o boleeiro, e na segunda, os dois, tu e o teu cunhado, deitam os cavallos atraz da sége, desfecham-lhe as *clavinas* contra o espaldar, o mais proximo possivel, depois ladeiam-na e pelas janellas, bem á queima roupa, disparam para dentro as pistolas. Não vá o diabo querer que os dois não fiquem logo bem aviados com as primeiras chumbadas. Assim até nem será precisa a terceira espéra.

—Ah! isso creio bem que não. Só se Belzebuth me cegar ou as bruxas me chorarem sobre a escorva da espingarda.

—Bem. E estás agora mais satisfeito?

—Pudéra, sr. Duque. Agora já não vou ás cégas. Já sei a *caça* que hei de matar—respondeu o José Polycarpo.

—E o promettido é devido. As quatro moedas que te dei foram apenas de *signal*. Receberás mais e virás a ser reposteiro do paço, que é boa posta e excellente arrimo para a velhice.

—E a ti, Antonio Alvares, já se te acabou o dinheiro que te dei para as compras?

—V. ex.ª deu-me dez moedas por uma vez e dezeseis por outra; ainda cá tenho uns restos.

—Pois receberás bem mais do que isso, e deixa estar que te não has de arrepender. Podem sair.

E sairam, mas metteram para as Terras, e não para o lado do palacio do Duque.

—Já está o sol fóra—disse D. José Mascarenhas para o guarda-roupa. Vamo-nos tambem d'aqui. Fecha bem essa porta e dá cá a chave.

E apontando no alto da Ajuda os barracões reaes, já doirados pelo sol nascente, accrescentou:

—Vou logo lá para cima. Não arrédes pé d'aqui, pois de um momento para o outro posso mandar aviso para a coisa se fazer. O João Miguel que esteja prompto para levar qualquer recado ao Cruzeiro da Ajuda.

—Hão de ser cumpridas as ordens de v. ex.ª.

—Vae tu dar a volta disfarçadamente e entra pela porta grande do palacio. Eu entrarei pelo jardim. E olho vivo com algum espião.

—Não tenho dado fé de nenhum.

—Nunca fiando.

* * *

Debruçada do muro do jardim, a creadinha das filhas do Duque, aquella formosa rapariga de dezoito annos, que já tivemos occasião de conhecer em outro capitulo, estava falando para baixo com Salvador José Durão, um rapaz de 19 annos, que é creado de fr. Antonio Alla, morador na rua de S. Jeronymo de Belem. Já ouvimos referencias a este rapaz e aos seus amores com a menina Marianna Thereza.

—Recebeste a minha carta, Marianninha? —perguntou o Salvador, procurando occultar-se com o passadiço de madeira.

—Recebi sim, e vim aqui de fugida, emquanto as meninas não acordam...

—Para me mandares um beijo, já que eu não posso ir buscal-o.

—Scio! Seu doido!

—Pudéra não estar maluco de todo. Pois se o teu palminho de cara cada vez está mais lindo, e esses olhos mais feiticeiros! Que até mettes um homem no purgatorio, Marianninha!

—Olha que eu vou-me embora!

—Ai, isso não vaes, que eu salto atraz de ti que nem um gafanhoto. Olha, Marianninha, olha ali n'aquelle beiral dois pombos a beijarem-se tanto! Ai! E se eu agora tambem fosse pombo e tivesse azas?

—Crédo! Cada vez estás mais maluco!

—Chama-lhe malunqueira, que eu cá lhe chamarei outra coisa. Amor, amor é que é.

«Olha, eu já uma vez sonhei que era pombo e tu a minha pombinha, muito branca, e nós ambos no telhado, e eu muito emproado a arrastar a aza... *rru.. rru... rru...*

E o garoto do Salvador, a altear os

hombros e a agitar os braços, como se fossem azas, ia imitando o arrulhar dos pombos.

A Marianninha estava-lhe a achar graça, mas entendeu que era dever do seu pudôr reprehendel-o e córar, e disse-lhe com os olhos a desmentirem-na, muito toldados d'agua:

—Jesus! T'arrenego! Estás mesmo descarado de todo!

—Ai lindo amor! Perdido por ti é que eu estou. *Rru... rru.*

—Olha que póde ouvir alguem, e se te não calas com isso vou-me já embora!

—Então, quem tem sete Marianninhas, que se querem ir embora?!... Manda-me um beijo nas pontinhas dos dedos, e não sejas má. Olha que eu, em paga, boto-te uma cantiguinha que armei hontem á noite á tua *reveria.* Fica sabendo que está de truz.

«Vá. faça o biquinho, e atire p'ra cá...

—Ai que sinto passos! Adeus!

—O' lindo amor, mas adeus até quando?

—Até á noite... depois das 11 horas; aqui.

E deitou a correr para o palacio, emquanto o Salvador se mirrava por detraz do muro em obras.

Era tempo. O Duque, muito embuçado, caminhava direito á porta do jardim.

* * *

Vamos agora a outra casa de fidalgos onde tambem se madrugou muito n'aquelle dia.

Encaminhêmo-nos para o Cruzeiro da Ajuda e entrêmos na casa onde reside o velho marquez de Tavora.

Não fomos justos dizendo que se madrugára n'aquella casa; ali quasi ninguem dormira.

Ali não havia precauções a tomar, como em casa do Duque. Ali dominava uma grande e tragica dôr, que se impunha a todas as ambições, a todos os despeitos, aos proprios sentimentos de uma legitima vingança.

Um general de 56 annos, pundonoroso e intrepido, e um capitão de 22 annos, loiro sonhador, animo cavalheiresco de paladino, soffriam ha quatro dias a mais desesperadora tortura moral que o coração de um homem podia supportar.

D. Francisco d'Assis de Tavora e José Maria de Tavora eram n'aquella casa as pessoas que mais tarde tinham tido noticia dos illegitimos amores de D. Thereza de Tavora. As unicas certamente que só o tinham sabido quatro dias antes.

A Marqueza mãe sabia de ha muito d'aquella affronta, mas o seu espirito superior conhecia o livro negro das côrtes europeias, e o seu coração de mulher mais escutava o grito revôlto do orgulho e do despeito do que os protestos de honra contra uma injuria de tantos precedentes.

Luiz Bernardo de Tavora, o tenente coronel de 36 annos affrontado na sua honra de marido, tinha, provavelmente, de ha tempo a desconfiança d'aquella deshonra, mas era o mais fraco dos Tavoras e tornou-se um resignado. incapaz de alguma vingança directa, cavalheirosa, excepcional. Era apenas um cumplice á mercê do primeiro ambicioso que o quizesse levar comsigo contra o homem privilegiado que o infamára,

Opprimido pela medonha magua da sua deshonra, maior, mais pungente, em cada hora que passava, o general peorára dos seus antigos soffrimentos physicos e tinha horrorosas suffocações asthmaticas.

Nas tres ultimas noites apenas sobre a madrugada conseguira adormecer, cançado de afflicções.

Durante a noite de 2 para 3 as suffocações tinham sido mais violentas e ia já rompendo a manhã, sem que o general houvesse tido um momento de allivio, que não fosse para espedaçar a alma em brados de desespero.

A Marqueza acudia-lhe então com os seus carinhos de mulher.

Luiz Bernardo passeava fóra da camara, desorientado, opprimido, hesitante, e José Maria, o filho dilecto, ora levava o general amparado nos braços até á janella, aberta de par em par para ver se elle podia respirar melhor; ora, nos curtos momentos de allivio, o ajudava a sentar e se ajoelhava ao pé d'elle, a beijar-lhe as mãos e a chorar silenciosamente.

Em um d'esses momentos de allivio em que os dois ficavam sósinhos, o general inclinou-se muito para o filho extremecido e disse-lhe baixo, a voz a tremer-lhe muito:

—José, como tu me comprehendes bem! Filho, nós sentimos a honra de outro modo! A nossa vingança terá de ser outra, ou não será nenhuma!

—Frente a frente para morrer. E' sempre a solução, quando o infamado não tem os privilegios do infamadôr.

—Isso mesmo, filho. Isso mesmo! A minha honra não vae atraz das ambições de ninguem, como um reles sicario... Mas tanto acabou tudo para mim n'esta immensa macula, que podem levar para o sacrificio o meu nome enlameado... e contar com o meu silencio para morrer.

—Pae, e com o meu tambem.

—Filho, tu, não; não! Afasta-te de tudo isto.

«E's moço, corajoso, teus deante de ti a vida, o mundo, os sonhos dos vinte e dois annos... Tu és differente.

—Tenho o mesmo nome infamado, o mesmo brazão sobre o qual podem cuspir as mulheres honradas dos lacaios!

—Filho, que ainda mais me torturas!

—Perdão, perdão!

—E' preciso ter dó de tua mãe... de teu irmão.

«Filho, foge d'aqui, para longe; chega bem para ti o que temos. Pede á tua alma e á tua espada outro nome sem macula. O mundo é grande e tu, tão novo, havias de ter pena de morrer. Eu não.

—Pae, nem eu. Verá, se fôr preciso. Nem eu!

—E ha tanto tempo esta lama sobre os meus cabellos brancos... Ah!... Suffoco!... A' ja... nella... Ar!

E a rouquejar muito, a bocca escancarada, os olhos esbugalhados e sanguineos, as faces congestionadas, levantou-se violentamente direito á janella, a cambalear como um ébrio.

O filho amparou-o. O general debruçou-se muito para fóra da janella, a sorver doidamente o ar fresco da manhã, como um sequioso no deserto esbrazeado sorveria a esmola providencial de alguma gotta d'agua.

E n'aquella ancia, n'aquelle esforço pavoroso, tinha arrancos a similharem rugidos de animal selvatico.

Acudiram a Marqueza e Luiz Bernardo.

Volvidos momentos, n'aquella desesperadôra afflicção, o general começou a respirar um pouco mais facilmente.

A manhã rompia linda. Da janella do quarto viam-se os barracões reaes da Ajuda.

Encheram-se de lagrimas os olhos do general.

Lembraram-lhe os seus dias magnificentes da India e murmurou de olhar cravado nos barracões:

—Como eu o acclamei na India e como elle me infamava cá! (*)

Era já sol fóra quando o Marquez se pôde deitar.

A Marqueza foi encostar-se. Não tinha pregado olho em toda a noite.

Luiz Bernardo saiu para casa do Duque.

José Maria recolheu-se ao seu quarto.

O moço official não podia dormir. A febre queimava-lhe o sangue. Foi encostar-se á meza da escrevaninha, defronte da janella que dava para o jardim.

—Emboscadas, não—dizia comsigo. Outros que as façam. Não lhes quero nenhum quinhão do triumpho, mas *podem contar com o meu silencio para morrer*. O filho seguirá a lição do pae. E foi encostar-se a janella.

—Pobre sonhador que eu fui! A luz, a vida, o amor em tudo! Agora em volta de mim a noite!

«Minha pobre Branca! Ilas de crêr que te esqueci como um galã voluvel, e nem tu sonhas em que mar de lama o meu coração se afoga!

«Visão angelica, ficas-me tu, ao menos,

(*) A noticia da acclamação de el-rei D. José foi festejada em Pangim com extraordinarios e brilhantissimos festejos, promovidos pelo Marquez, então vice-rei da India (1750-1754), e por sua esposa.

Jantares, bailes, espectaculos lyricos e de declamação, illuminações e até um simulacro de batalha entre as tropas da guarnição.

No theatro, que fôra improvisado na palacio de Pangim, representou se uma tragedia de Corneille, cantou-se uma opera portugueza, imitada do italiano, e foi por fim á scena uma comedia hespanhola. E' tudo isto por iniciativa e sob a superior direcção da Marqueza, vice-rainha.

No grande banquete, que rematou os quatro dias de magnificentes festejos, os brindes eram acompanhados a salvas de artilheria.

Vem resumida a noticia d'estas festas no «Perfil do marquez de Pombal», por Camillo Castello Branco.

como a derradeira saudade immaculada dos meus vinte e dois annos!

«Já não podia vêr-te sem córar de vergonha, mas aqui, sósinho com esta affronta, o teu nome esvoáça-me nos labios como um celestial consolo e os meus olhos estão a vêr-te, como n'um lindo sonho que se desfaz em lagrimas!

«Animo. E' preciso ir, nem eu sei para onde, no funesto destino dos meus; preso a um brazão de familia como a uma grilheta de galé.

E voltou a assentar-se á escrevaninha. Abriu uma gaveta e tirou de um pequeno cofre umas cartas e um laço de fita escarlate.

—As suas cartas! A fita que uma vez caiu dos seus cabellos negros e eu guardei como santa reliquia!

E beijou-a fervorosamente.

—E como santa reliquia andarás agora commigo n'estes dias de tôrvo infortunio. Unica memoria d'um casto amor, que se perdeu... que para sempre se perdeu!... Para sempre? Refugio de uma esperança, assim eu te podesse encontrar!

«Sonhêmos, ao menos. Tambem é lenitivo sonhar.

E foi relendo as cartas da irmã de Jorge Gustavo. Relia-as chorando.

* * *

Luiz Bernardo havia saído para casa do Duque n'uma sége de aluguer, disfarçadamente.

Lá se conservaria occulto nos aposentos baixos do palacio, como fôra combinado.

Era preciso manter o embuste da caçada, que já conhecemos do capitulo anterior. Se a adultera se aproveitasse da supposta ausencia, acabar-se-hia o *negocio* n'aquelle mesmo dia.

Tudo dependia de se saber ao certo se o *homem da Ajuda* tinha aviso da amante e aproveitava a occasião, apezar do lucto. Era coisa que só o Duque na Ajuda alcançaria saber pelos meios indirectos de que podia dispôr.

Luiz Bernardo ainda encontrou o Duque em casa e com elle se fechou por algum tempo n'uma camara interior dos aposentos baixos, a que já nos referimos.

Eram horas de ir para o paço. O Duque chamou o guarda-roupa, que o estava esperando n'uma casa contigua.

—Ninguem vae áquelle quarto senão tu. Trarás tu proprio o jantar e tudo quanto o sr. Luiz Bernardo quizer. Dirás ao cosinheiro que é um hospede que está aqui muito em segredo.

«Que a sr.ª Duqueza nem sonhe sequer quem é.

—Pode v. ex.ª ir descançado.

A' porta encontrou-se com o conego José Maria de Tavora.

—E então?—perguntou-lhe o conego.

—Vamos a vêr quando se ha de pôr a procissão na rua. Cá vou para o fadario. *Cada vez que tenho de ir ao paço é como se me cortassem as pernas*, mas agora assim é preciso.

«Se houver novidade, virá aviso.

Momentos depois, a sége do Duque rodava para a Ajuda. Seriam 9 horas.

Ainda não eram 10 quando o particular Pedro Teixeira veio annunciar ao Duque mordomo-mór que sua magestade se dignava recebel-o nos seus aposentos.

—Bom dia, Duque—disse-lhe o rei friamente, dando-lhe a mão a beijar. Que sabe de novo?

—Nada de importancia, meu senhor.

—Está doente? Noto-lhe o parecer tão mudado!

—Meu senhor, passei mal a noite por causa do meu rheumatismo—respondeu o Duque, fazendo-se mais pallido.

—Pois entenda-se com o Brandão. Tem feito boas curas de rheumatismo.

O rei referia-se ao cirurgião-mór do reino, Antonio Soares Brandão.

—Dispensei-o de cá vir hoje, pois que, graças a Deus, me não é preciso agora. Mas, se quizer, vá consultal-o. Tem licença minha para sair.

—Beijo as augustas mãos de vossa magestade, e, se me sentír peor, irei então á Junqueira, procural-o a casa.

«Vossa Magestade quer que fique aguardando aqui as suas reaes ordens?

—Não. Eu o mandarei chamar, se me fôr preciso.

O Duque foi para a sala onde estavam reunidos os dignitarios de serviço e os frades confessores da familia real.

Decididamente D. José Mascarenhas não era homem para grandes lances. Se alguem desconfiasse d'elle, a physionomia denunciava-o.

Pouco depois, chegava Sebastião de Carvalho, acompanhado de José de Seabra.

Fez um cumprimento cerimonioso, attentou friamente no Duque, e foi para os aposentos do rei com o Seabra.

Teriam passado cerca de duas horas. Estavam resolvidos os negocios de estado.

D. José foi entreter-se para a sua pequena officina de torneiro, que ficava nos aposentos reservados, e o primeiro ministro separava-se de José de Seabra e ia ter com o particular Pedro Teixeira.

—El-rei pareceu-me hoje bem disposto.

—Tambem o achei mais animado. Custou-lhe a morte da irmã, mas vae-se resignando. No dia em que chegou a noticia é que elle ficou esmorecido de todo. Não fazia senão dizer com os olhos rasos de lagrimas: «Pedro, quando chegará a minha vez? Talvez mais cedo do que se julga. Tenho muitos inimigos, muitos inimigos, por causa de Sebastião de Carvalho.

—E tem, mas ai d'elles, se ousarem!...

—Pois olhe v. ex.ª que ninguem tira da cabeça a el-rei que a sua ultima doença em todo o mez de julho e agosto, aquella doença que se não sabia o que era, foi de coisa que lhe deram em Salvaterra.

—Tambem o cirurgião-mór andou com essa desconfiança. D'essa monstruosidade seriam capazes os inimigos d'elle e os meus!

«Seja, porém, como fôr é preciso andar precavido.

«E' necessario ter alguem de absoluta confiança que observe bem o que se faz na cosinha e na cópa.

—Lá tenho dois homens ladinos e fieis como cães.

—Ha venenos que não matam logo, mas fazem definhar lentamente ou produzem graves enfermidades de que se não escapa nunca.

—Assim tenho ouvido dizer.

—Mas do que eu ainda mais receio é das visitas a casa da Tavora. Pódem armar-lhe alguma cilada.

—Com a doença deixou de ir lá e apenas se teem carteado.

—Pois oxalá que de todo se deixe d'isso.

—Agora não é provavel que lá vá, emquanto durarem os oito dias de nojo...

—Eu sei lá, Teixeira!

—Não me parece. Demais a mais, já todos os Tavoras sabem da coisa e *ella* anda muito receosa de ser apanhada lá com sua magestade.

—Seria terrivel, seria um desastre que tal succedesse!—disse Sebastião de Carvalho com a physionomia completamente transtornada.

«Pagariamos todos essa loucura e ficariam a governar o reino os jesuitas e o Duque, se el-rei fosse victima de alguma traição!

«Pedro Teixeira, é necessario tomar as maiores precauções. Previna-me sempre que desconfie de alguma coisa, ou que el-rei tencione sair de noite, para eu mandar pôr a postos os espiões da policia. Não se esqueça.

—Mas el-rei não faz outra coisa senão recommendar-me que nada diga a tal respeito, principalmente a v. ex.ª!

—Deixal-o. N'esse ponto é preciso desobedecer-lhe. Eu prevenirei as coisas, sem que elle o saiba.

«E veja bem: Tenho de ir esta tarde á legação de Inglaterra e é provavel que passe lá uma parte da noite; mas se lhe parece que el-rei sairá, então não vou e mando aviso ao Andrade da policia.

—Não me parece. Quasi podia jurar que sua magestade não sairá hoje. El-rei já sabe as desconfianças que ha por lá e ainda esta manhã me disse que as coisas iam mudar.

—E se ella lhe mandar pedir que vá?

—Anda receosa do marido. Só se o tivesse seguro fóra de casa.

—Ou a enganassem, dando-o seguro.

«Podia succeder. Como é costume sairem?

—El-rei vae n'uma carruagem de aluguer e eu na sége que tenho para o meu serviço.

—Já isso faz desconfiar.

—Ah! mas eu já cá tenho a minha idêa para quando fôr preciso. Ou el-rei commigo na minha sége ou n'uma carruagem de aluguer e, mettendo ahi pelas portas das quintas reaes, para disfarçar.

—O melhor seria que el-rei não voltasse lá.

«Seja como fôr, Pedro Teixeira, confio na sua discreção e na sua lealdade.

—Póde v. ex.ª ir descançado.

—Pense no que succederia, se el-rei fosse victima de alguma emboscada.

Sebastião de Carvalho saíu do paço dizendo comsigo:

—E toda a minha tarefa, trinta annos de trabalhos, de luctas, de esforços, o meu nome, a minha força, os destinos de uma nação, tudo isto dependente de uma cilada, de um capricho amoroso do rei!

«Com que requintada crueldade me não haviam de esmagar a mim, se o matassem a elle!

«Torturas para o déspota, fogueira para o impio, um jazigo feito de calumnias para o ministro, e n'um poste do cadafalso, como triumphadôra bandeira do futuro, a negra roupêta da Companhia!

E, depois de uma terrivel contorsão de repugnancia, balbuciou enternecidamente;

—Pobres filhos! Pobres amigos meus!

* * *

Ao principio da tarde o Pedro Teixeira foi chamado á porta do palacio.

Uma mulher toda de preto, espesso veu a cobrir-lhe o rosto, procurava-o com urgencia.

—Mau, que temos asneira!—disse de si para si o Teixeira, como se adivinhasse de que se tratava.

Foi ao encontro da mulher velada e com ella se afastou para um recanto do paço.

Não notou, porém, que um creado disfarçadamente o seguira e fôra occultar-se por detraz de um tapume.

—Que pretende?

—Sou a creada particular da pessôa que sabe. Trago esta carta urgente.

E levantou um pouco o veu para se dar a conhecer.

—Anda o demonio a tecêl-as!

—Não tenha receio. O sr. Luiz Bernardo está fóra de Lisboa. Foi hontem para uma caçada.

—Mas *Elle* está de nojo, encerrado nos seus aposentos.

—Não tem duvida. A senhora diz que esta carta é muito urgente.

—Bem. Fica entregue.

—E não se poderá saber se á noite... para se prevenirem as coisas...

—Olhe, vá descendo ahi pela calçada e espere ali em frente da travessa do Guarda-mór da Saude... Sabe onde é?

—Sei.

—Espere-me lá, que eu lhe levarei a resposta.

A rapariga tomou para a calçada da Ajuda (*) e o Teixeira subiu as escadas dos aposentos reservados do rei, murmurando:

—Aquelle demonio de Sebastião de Carvalho parece que adivinha as coisas!

Minutos depois, o creado, que estivéra escutando por detraz do tapume, falava com o Duque, mordomo-mór, no seu quarto do paço.

Reproduzio-lhe as palavra que tinha podido escutar.

—Bem. Segredo e toma lá estas duas moedas de oiro. Não ha de ficar por aqui a paga dos teus serviços.

«Saio, mas pouco me demoro. Se mandarem perguntar por mim, dize que fui com licença de sua magestade procurar á Junqueira o cirurgião-mór do reino e que não posso tardar.

D'ali a pouco. emquanto o Duque mettia açodadamente pela calçada do Galvão, ia o Pedro Teixeira descendo a calçada da Ajuda, de muito mau parecer, falando comsigo:

—Não resistiu ao pedido! Lábia de mulheres! E eu que arrisque a pelle por conta d'elle! E a teima de não querer que se previna o Sebastião de Carvalho! Diz então que sou eu que tenho medo... Pois eu lhe mostrarei que se engana. Sua alma, sua palma.

A mulher velada esperava á esquina da travessa do Guarda-mór da Saude.

—Olhe—segredou-lhe o Teixeira, depois de se assegurar de que ninguem os observava—a pessoa que recebeu a carta não responde por escripto, mas manda-lhe dizer que sim, por volta das 9 horas.

—Lá darei o recado, e passe muito bem.

* * *

—Luiz Bernardo—chamava o Duque no quarto onde tinha escondido o moço marquez de Tavora.

«Venho aqui de fugida. E' preciso pôr tudo a postos. Parece-me que a *caçada* pode ser hoje. Se fôr, ámanhã já o alma do

(*) Chamada n'aquelle tempo *Calçada grande* para a differençarem da outra calçada, a do *Galvão*.

diabo de Sebastião José terá mudado do *paço das damas* para o peor carcere da Junqueira.

«Por impio, traidor, sanguinario e ladrão lhe havemos nós de mandar fazer o que fizeram a Damiens, o tal com que elle nos queria metter mêdo.

«E não demorará muito depois que o *outro* entrar em S. Vicente de Fóra.

Luiz Bernardo, muito pallido, sempre o mesmo animo, fraco e hesitante, apenas rouquejou umas palavras que se não perceberam.

O que menos lhe importava a elle era o ministro Sebastião de Carvalho.

—Animo, homem!—disse-lhe o Duque, batendo-lhe no hombro. Isto é uma questão de honra. Hão de saber como os Tavoras se vingam.

«Vou prevenir tudo, volto para o paço e regressarei á noite, quando a *coisa* estiver averiguada.

«Até logo.

—Até logo.

E assim que o Duque saíu, Luiz Bernardo atirou-se para cima de um canapé, a chorar.

—Thereza! Thereza! Como eu te queria e como tu me atraiçoavas!... Maldicta hora em que te deixei! Maldicta!

E na casa contigua, D. José Mascarenhas dizia baixo ao guarda-roupa:

—Teu irmão e teu cunhado aqui, logo á bocca da noite. O João Miguel que vá dizer ao Braz José que não falte com os cavallos. Na cocheira tudo prompto á primeira voz. As escorvas das clavinas e das pistolas que não esqueçam. O Antonio Dias que vá de meu mando ao Cruzeiro da Ajuda convidar a sr.ª Marqueza, o Marquez e o filho para uma *serenata* esta noite e depois que vá tambem a casa do sr. conde de Athouguia fazer igual convite.

E como se o contrariasse uma subita idêa, considerou de si para si:

—Diabo!... A côrte está de lucto... Ora, se a coisa falhar, eu pedirei desculpa... era um entretenimento de familia... afastará suspeitas... E se não falhar, não terei a quem dar satisfações.

—Bem—disse alto ao guarda-roupa. Toma bem sentido. Ah!... Manda chamar aquelles tres musicos da real camara que estiveram cá na serenata do mez passado. A's 8 horas accesos os lustres da sala grande e as janellas bem abertas.

«Eu direi á sr.ª Duqueza que podem começar, ainda que eu não tenha chegado do paço.

«Vae já tratar de tudo.

—Vou já sem demora, sr. Duque.

D. José Mascarenhas subio aos aposentos da esposa, pensando:

—Tenho gente de sôbra para as tres espéras.

«Nem que tivesse o diabo por si, escaparia de alguma d'ellas.

«O ponto está que o *gerdalhuço* não falte a ir vêr a...

—Leonor—disse entrando na camara da Duqueza.

—Ah! Não esperava que viesses tão cêdo do paço!—volveu D. Leonor Thomazia encarando-o muito.

—Vim dispôr umas coisas e volto. A' noite temos *serenata* cá em casa.

—Com a côrte de lucto e el-rei de nojo!

—Bem lhe importa a elle o nojo. A elle e a mim.

«Está de nojo e desconfio que irá visitar tua irmã.

—José!

—Para que havemos de estar com disfarces?

«Elle tem caprichos? Tambem eu, e dou uma serenata.

—Mas não me tinhas prevenido!

—Resolvi a *coisa* esta manhã.

—José, tenho mêdo! Tenho mêdo, porque tu não me dizes tudo!

—Digo o que é preciso dizer. A duqueza de Aveiro não tem de que ter mêdo.

—José, pelos nossos filhos!

—Teriam vergonha de saber que a Tavora, sua mãe, chorava de mêdo deante de um brazão infamado.

«Tardo no paço. Voltarei á noite. Já mandei fazer os convites, mas não esperem por mim.

E saiu rudemente.

—Mãe de Jesus, vela pelos meus filhos! —soluçou a Duqueza de joelhos deante do oratorio.

«Não me dizem a verdade, Senhora, e os meus sonhos têem sido de morte... de muitas mortes!... Os sinos a dobraram e eu n'um mar de sangue, a querer salvar

os meus filhos e a ouvir os gritos da gente que morria! Gritos que faziam pavôr, e que eu trago no coração, sem saber porquê!

«Piedade, Senhora! Piedade! Livrae-nos do mau caminho, a nós todos.

«Eu irei de rastos cumprir a promessa que vos fiz.

«De rastos, mas livrae-nos d'estes perigos que eu ando a adivinhar!

* * *

Estava uma noite clara de setembro. As estrellas a tremeluzirem muito brancas no céu, uma aragem fresca a esvoaçar das bandas da serra de Monsanto.

No terreiro da Ajuda estava parada uma sége com as lanternas apagadas.

De uma pequena porta, que dava para os aposentos do rei, sairam dois homens embuçados.

«Foram direitos á sége. Um d'elles entrou logo, e o outro falou baixo ao boleeiro e entrou pouco depois.

A sége rodou a passo para o portão da Quinta de Cima e ali parou. Um dos embuçados apeou-se e abriu o portão. A sége seguiu pela quinta fóra até á outra chamada do «Meio», metteu ao arco e foi dar a volta pela calçada do Galvão; passou ao lado do jardim do Duque, depois em frente do palacio e deitou a trote para o caes grande de Belem e rua da Junqueira, na direcção de Alcantara.

Um homem embuçado, que saira de um recanto do paço, havia seguido a sége até á Quinta de Cima, depois rodeára o muro até á outra do Meio, seguira cautelosamente pela calçada do Galvão e parára á esquina do palacio do Duque.

Quando a sége passára defronte d'aquelle palacio, um dos que iam dentro disséra para o outro:

—O Duque tem a sala illuminada e as janellas abertas!

—E musica de rabeca lá dentro, apezar do lucto!

—Parece um desacato!

Entretanto, o embuçado da esquina dizia comsigo:

—Lá vae nas horas de estalar! Grandes rodeios para disfarce. Espera-lhe pela volta.

E entrou pela porta grande do palacio.

Dois ou tres curiosos, que tinham saído do *pasteleiro dos arcos*, foram para defronte do palacio do Duque ouvir a musica.

Era um consolo. O salão profusamente illuminado, as janellas da varanda abertas de par em par.

Os rabequistas estavam tocando um trecho repassado de melancholia, de inspiração dolente, d'uma vaga tristeza de sonho funerario, como na musica moderna em certos *Nocturnos* de Chopin.

Era composição de um maestro da Italia.

—Até as rabecas parece que estão a chorar!—commentava um dos ouvintes que tinham saído do pasteleiro.

Quem lá em cima estava a chorar, torturado de receios, era o coração de D. Leonor Thomazia, duqueza d'Aveiro.

Aquella musica dolente como que tinha gemidos e lastimas que a sua alma comprehendia mortificada!

E, de quando em quando, com o coração mais apertado de lugubres presentimentos ou com os olhos mais afogados de lagrimas, a Duqueza assomava ás janellas para respirar melhor ou para enxugar os olhos furtivamente.

Os rabequistas haviam terminado o dolorido trecho e estavam afinando os instrumentos.

—Bons artistas! — observou um dos curiosos que se tinham occultado um pouco n'um recanto d'onde se descobria bem o palacio.

—Mas parece que está lá pouca gente —indicou outro.

—Eu ainda não descobri senão tres senhoras—disse um terceiro.

—Olhe, aquella é a Duqueza.

—Foi uma linda rapariga. Tambem por isso *certa pessoa* lhe arrastou a aza em Salvaterra.

—Em Salvaterra e... Cala-te bocca.

—Hum! Isso são contos do patife de Pedro Teixeira, que tem uma lingua damnada!

—Da outra, da Therezinha Tavora é que se não tem agora rosnado nada!

—Ora, por que a *tal pessoa* tem estado doente, e depois, tanto se falou do caso, que já ninguem lhe dá importancia.

—Repare, repare. Aquella que está agora a falar com a Duqneza é a Tavora velha.

—Velha! Tomaram muitas novas chegar-lhe aos calcanhares! Ainda é bonita. Olhe aquella cabeça. Parece uma rainha!

—O marido é que eu ainda não vi! Nem o filho, o Luiz Bernardo, o triste enganado.

—Historias da vida. Tem que comer e passa vida folgada.

—O mais novo, o José Maria, tambem o não vi ainda.

—Mas que volta elles deram! Ainda não ha muitos mezes andavam a ferro e fogo os Tavoras e o D. José Mascarenhas, que nunca foi boa rez! Agora unha e carne!

—Elles lá se entendem.

—Já me contaram que as pazes tinham sido feitas pelo Malagrida.

—E pelos outros da *Companhia*. Eu aqui na rua é que tenho observado. Os jesuitas andavam n'um formigueiro para ali. Agora ha uns tres ou quatro dias é que me tem feito especie não ver nenhum por cá!

—Aquillo são passaros bisnãos!—commentou outro assobiando baixo, lentamente, com os labios muito franzidos. Provavelmente, tiveram mêdo do gavião ali de cima, que tem unhas dannadas para elles.

—E uma gaiola de seiscentos demonios ali na Junqueira.

—Olhem, olhem; aquelle que chegou agora a janella é o D. Martinho, o filho do Duque, o marquezinho de Gouvêa.

—E' um bello rapazote.

—O pae é que eu ainda não vi.

—Talvez ainda esteja no paço.

—Hum! Ja passa das nove.

—E são horas de nos irmos recolhendo a *valle de lençóes*.

—Repare. La entrou agora alguem. Macacos me mordam, se não é o Duque.

—Sem tirar nem pôr. Tambem parece que abriram as janellas todas para a gente os ver bem.

—Pois que se vão divertindo. A vida está para elles. Quem m'a déra a mim.

—Homem, quem sabe lá? Grande nau, grande tormenta. Tambem ás vezes apanham cada pontapé da sorte!

—Isso é verdade. E hão de morrer como nós. Ao menos na morte todos somos eguaes.

—Menos essa. Nem na morte. Elles teem tumulos, e cá para nós ha apenas uma rasa campa, onde todos se misturam por fim de tempo.

—Pois sim, mas morrem. Que importa depois para onde lhe levam as cinzas? Para S. Vicente de Fóra ou ali para o mar, como fazem aos que são queimados, tanto vale.

—Para o mar é só cá para a gente miuda.

—Queira desculpar, mas ja tenho ouvido contar que é tambem para os graúdos, se calha...

—Isso sim. Veja lá se sabe d'algum! Em elles sendo taludos, nem a Inquisição lhes péga, com mêdo de quebrar os dentes.

—Não é tanto assim. A coisa é conforme quem está de cima. Até aos duques. Contava um tio que eu tive, muito entendido em historias, que já houve um rei que por suas proprias mãos matou um duque, depois de ter mandado um outro á degolla. E esses eram de sangue real.

—Bem sei. Esse rei foi D. João II. Mandou cortar a cabeça ao duque de Bragança e matou elle proprio o duque de Vizeu. E D. João IV mandou enforcar o duque de Villa Real.

—Crédo, que enfiada de duques chacinados, e que tristeza de conversa! De *déo em déo* veiu a conversa a esbarrar n'estas historias de gente morta!

—As palavras são como as cerejas; vão umas atraz das outras.

—Escutem, escutem. Lá estão a tocar outra vez.

—E o demonio da musica a levar a gente para as coisas tristes! Os da rabeca parece que escolheram musicas de enterro. T'arrenego!

—Até os cães do Duque estão a uivar lá no pateo.

—Isso é que é uma cousa com que eu tenho mau agoiro!

—Olhem, ja dez horas ali nos Jeronymos!

—Cada coelho á sua toca. Sanctas noites.

—Sanctas noites.

E apartaram-se, embuçando-se nos capotes, apezar da amenidade da noite.

* * *

D'ali a meia hora saíam os musicos de casa do Duque e pouco depois partiam duas carruagens do pateo grande do palacio. Provavelmente levavam pessôas que ti-

nham assistido á *serenata*. Uma tomou para o *Cruzeiro da Ajuda*, a outra seguiu para Lisboa.

O salão continuava illuminado, mas agora com as janellas semi-cerradas.

—Leonor—dizia D. José Mascarenhas para a Duqueza na ante-camara. Vae descançar e não te inquietes.

—José, eu não comprehendo isto!—soluçava a pobre senhora. Vê o que intentas. Cada vez tenho mais mêdo de tudo o que vejo e me causa estranheza!

—Loucura, receios de mulher. Vae-te deitar.

—E tu?

—Eu tenho de ir tratar uns negocios urgentes no escriptorio com o José Manuel. Dorme em paz.

—E as luzes da sala?!

—Eu as mandarei apagar quando vier para cima.

—Jesus!

—Já disse. Vae-te deitar.

—O tempo ámanhã ha de estar mudado —accrescentou, passando por defronte da janella. Bem mudado. Boa noite. Leonor.

E saiu, fechando a porta por fóra.

A Duqueza foi para o seu quarto a soluçar. Ajoelhou deante do altar e poz-se a resar febrilmente, as mãos postas a tremerem-lhe muito, as lagrimas a cairem-lhe dos olhos, seguidas, uma a uma, lentamente, como contas de um rosario que as amarguras estivessem desfiando.

O Duque foi apressadamente para o seu quarto de vestir.

—E d'ahi, Manuel Alvares? — perguntou ao guarda-roupa.

—A porta da Quinta do Meio ficou apenas cerrada.

—E' signal de que voltam por lá. Teu irmão e teu cunhado?

—Já foram lá para cima, para o Arco.

—E o Antonio e o outro?

—Esses foram para as bandas da Quinta de Cima, como v. ex.ª determinou.

—Esses são para o *não chega*. A terceira espera não ha de ser precisa. Nós iremos para a primeira. O Braz José?

—Chegou com os cavallos eram pouco mais de nove e meia; o Antonio Dias levou os cavallitos para meu irmão e para meu cunhado.

—Bem. Vão sendo horas. Dá-me cá a borjaca encarnada, a cabelleira de bolsa e o capote escuro.

E, em quanto vestia o amplo casacão denominado *borjaca* ou *burjaca* e punha a cabelleira chamada de bolsa em razão do seu feitio, perguntava:

—O sr. Luiz Bernardo?

—Ja esta lá para o jardim.

—Bem. São 11 horas. Has de trazer no braço aquelle meu capote forrado de pellucia, a peruca e a mascara de seda.

O guarda-roupa foi buscar os objectos indicados.

A peruca era uma pequena cabelleira redonda.

—Sera bom acautelar com outro disfarce—pensava o Duque.

—Vamos lá—disse para o creado. Aquelles estupôres d'aquelles cães não fazem senão uivar!

—E' por se verem presos.

* * *

Tinham dado 11 horas. A Marianninha andava nos ares a espera que todos estivessem bem adormecidos para ir ao jardim falar ao Salvador.

E' que ja se estava bem na hora. Emquanto houve musica tinha ella estado a uma das janellas que deitavam para o lado dos Jeronymos a fazer signaes ao Salvador, muito alapardado a uma esquina do palacio.

Depois teve de ir deitar as meninas e estava-se-lhe já a fazer tarde.

Chegou a uma das janellas que deitava para o jardim e aspirou com ancia a brisa inebriadóra que vinha das montanhas.

—Que lindeza de noite! Tão amorosa! Até parece que as estrellas estão tambem á janella á espera d'alguem, assim como se fossem as creadas do céo.

«Agora ja elle lá esta á minha espera... Ai que eu tenho de ter cuidado com aquelle menino!... E' muito bom rapaz, mas e tão atrevido!... Sóbe pelo muro acima que nem que fosse um gato!...

«Ai Nossa Senhora! Inda agora eu reparo! A porta do jardim parece que está aberta. E um vulto... sentado no poial. Querem vêr que o grande maroto arranjou chave falsa para a porta e me quer falar dentro do jardim!

«Ai mas vae ouvil-as! Lá essa confiança é que eu lhe não dou.

E retirou-se da janella muito perturbada, o coração a palpitar-lhe doidamente.

Dir-se-hia que no seu intimo a Marianninha não levava muito a mal o supposto atrevimento do Salvador.

E tamanha era a sua perturbação, que nem deu por um leve ruido como de uma porta que fosse cautelosamente aberta.

Não deu por tal e foi segnindo pelo corredor ás apalpadellas, a tremer muito, parando de momento a momento.

Desceu a escada para a porta de vidraça que dava para o jardim. Até os demonios dos sapatos a mortificavam, chiando como ratazanas.

Parou á porta offegante. Parecia que tinha feito uma longa jornada.

A noite estava bastante clara; não tanto, porém, que as cousas se podessem distinguir nitidamente.

Depois as pyramides e os renques de buxo muito alto e as grutas de murta davam de noite um aspecto lugubre ao jardim, tomavam o aspecto de phantasmas.

A Marianninha encostou o rosto á vidraça da porta.

—Faz mêdo este buxo assim alto! Podia ali estar escondida uma quadrilha d'homens!... E os cães esta noite a uivarem tanto!

Benzeu-se e procurou abrir a porta mansamente.

Sentio passos e vozes; ouviu o relincho de cavallos.

—Nossa Senhora me valha, que está gente no jardim!

E sem ter animo de fechar a porta, ficou a tremer, de joelhos por detraz da vidraça.

De uma das ruasitas do jardim destacaram-se tres embuçados.

—Raios os partam, que lhes deu agora para relincharem!—disse um dos embuçados a meia voz.

A Marianninha ainda mais se occultou, confrangida de mêdo.

Os embuçados esconderam-se n'uma gruta coberta de murta, cuja abertura ficava em frente da porta de vidraça.

—Abre lá a lanterna e allumia-me para ver isto.

Quem deu esta ordem desembuçou-se e levantou uma clavina, que cruzou á altura do peito. O outro que recebêra a ordem abriu uma pequena lanterna de furta-fogo e ergueu-a a altura da clavina.

Apezar de opprimida de mêdo, a Marianninha reconheceu bem o Duque e poz-se então quasi de rastos.

—Vamos a vêr bem este diabo—dizia D. José Mascarenhas a meia voz, mansamente, abrindo a caçoleta da clavina e examinando-lhe a escorva. Levanta mais a luz.

«Está bem cheia. Pena foi que te não lembrasses de avivar mais estas arestas da pederneira ou de lhe pôr outra... Sempre era melhor.

E deu duas fortes palmadas na coronha da clavina, acima do delgado, como para sacudir a escorva contra o ouvido do cano.

—Vamos lá, que não podem tardar. Fecha a lanterna.

Sairam da pequena gruta.

O Duque reparou demoradamente para as janellas do palacio. Estavam todas ás escuras e não percebeu nada que se lhe tornasse suspeito.

Os cães latiam no pateo.

—Excommungados! Sentem gente.

—E esta aqui está a nascer a lua.

—Hum. Ao nascer pequena claridade poderá dar.

—Para atirar certo, melhor seria que trouxesse muita luz, mas seria peor para quem espera. Vá.

E os tres homens metteram pela ruasita central do jardim, direitos á porta do muro.

Na cascata do tanque maior a agua cantava a sua interminavel melopêa.

Ja se esbatia no ceu um claráosito branco. Era a lua que vinha surgindo.

—Ai! Nossa Senhora me valha!—soluçava a Marianninha, erguendo-se lentamente, muito trêmula. — Era o sr. Duque e o Manuel Alvares! O outro é que eu não conheci. Valha-me Deus! Para que será aquillo, aquella arma?! Eu já não tenho animo de sair... E o Salvador, coitadinho, á minha espera! E se fosse por causa d'elle?! Podia o maldicto do estribeiro ter contado tudo... Nossa Senhora esteja na sua guarda.

«Tenho medo de ir ao jardim! Não sou capaz de ir lá.

E muito pallida, o coração a pulsar-lhe violentamente, os olhos espavoridos, a bater o queixo como se tivesse uma sesão, a pobre rapariga pensava em ir ver se podia observar alguma coisa da janella do seu quarto, janella alta que dava para os lados do jardim.

Subio as escadas quasi de gatas, tranzida de susto.

E mal podia adivinhar que o garoto do Salvador, tão amedrontado como ella, estava escondido debaixo da *ponte de madeira*, (passadiço das obras), a tremer de medo, sem saber explicar o que tinha visto e sem animo para sair do esconderijo. Tolhido de pavôr!

E a imaginação a labutar-lhe doidamente para comprehender o que significava tudo o que forçadamente observára: os embuçados que entraram no jardim e sairam falando baixo, e montaram a cavallo e os outros que tinham passado para as Terras, dando assobios de signal, que lhe faziam arripiar os cabellos!

A'quella hora, deante do seu grande oratorio de prata doirada, a Duqueza resava, ainda soluçando.

—Divina mãe, misericordiosa mãe, tem dó dos meus filhos!

E os cães a uivarem lugubremente no pateo.

* * *

Vinha uma sége correndo das bandas do Altinho. Na direcção da praça do palacio de Belem metteu a passo e tomou por detraz do jardim do Duque.

—Ainda ha luzes na sala do Mascarenhas—disséram dentro da sége.

—Deitou-lhe para tarde a festa!

—E' preciso abrir o portão—disse a meia voz o boleeiro Custodio da Costa, fazendo parar a sége. Estavam defronte da Quinta de Baixo.

Pedro Teixeira desceu apressado para ir abrir o portão. Quiz metter a chave e não pôde.

—Quem seria o bebedo que entupio a fechadura?!

E com um punhal procurou desobstruil-a.

—Isso sim! Havia eu de apanhar o engraçado que fez isto!

—Custodio, que é?—perguntaram de dentro da sége.

—Não se póde abrir a porta!

Ouviu-se um prolongado assobio para cima, do lado das Terras.

—Mau! — resmungou o Teixeira, interrompendo os esforços para abrir o portão. Temos gente ahi para cima e se o assobio não é signal, parece-o.

«Pois lá pela calçada grande é que nós não vamos.

—Não a póde abrir?—perguntou o boleeiro.

—Não posso—respondeu o Teixeira, afastando-se do portão e relanceando olhares de suspeita para um e outro lado.

Approximou-se muito do boleeiro e fez-lhe signal para o ouvir em segredo.

O Custodio da Costa inclinou-se muito para elle.

—Estou desconfiado de coisa! Mette a passo ali por entre o muro da quinta e as terras do Galvão, ladeira acima; pouco ruido e olho vivo.

—Então?—perguntaram impacientemente de dentro da sége.

—Não se póde abrir o portão—respondeu baixo o Teixeira, subindo para a sége. Mas vamos ali pela calçada entre a quinta e as terras do Galvão.

«Custodio, segue.

—E' estranho isso! Quem entupiria a fechadura?

—Brincadeira de algum valdevínos. Mas tranquillize-se Vossa Magestade, que o caminho é bom e a noite cada vez está mais clara.

A sége ia devagar.

D. José pensava na sua extraordinaria entrevista com a Tavora. Nunca a tinha visto assim blandiciosa, nem lhe surprehendêra as insensatas ambições de ostentação e predominio que n'aquella noite lhe revelára!

—Pobre louca!—ia o rei dizendo comsigo.

«Quem lhe metteria em cabeça que eu podia ser como Luiz XV e ella como a Pompadour?

«Seria a orgulhosa da sogra? Seria o José Mascarenhas? O diabo o jure. Se assim foi, perderam o seu tempo.

N'estas suspeitas el-rei formulava uma hypothese absolutamente falsa, mas que os antecedentes de certo modo tornavam acceitavel. O Duque e a Marqueza tinham sido pretendentes das régias graças, co-

nhecendo os amores do rei com a Thereza Tavora.

O Teixeira ia de ouvido á escuta como raposa que presente perigo.

Estava a sége a dobrar a esquina para o arco, ao norte da Quinta do Meio, quando o boleeiro viu surgir tres vultos a cavallo e ouviu um ruido secco como de uma arma que desfechassem e errasse fogo

—A unhas de cavallo que se nos escapa! —disse um dos da segunda espera, surprehendido pela carreira do vehiculo e por não ter ouvido os tiros da primeira emboscada.

E dois homens correram sobre a sége e dispararam quasi simultaneamente dois tiros, um sobre o boleeiro e o outro, a poucos passos, contra o espaldar do carro.

Desfecharam contra a sége

—Ah! cães!—exclamou o boleeiro muito pallido, atirando com a parelha para a frente, doidamente.

—Valham-te os diabos, que quando eu te quero não serves!—rouquejára o homem mascarado, a quem a clavina errára fogo.

A sége ia á desfilada. Tinha escapado da primeira espera.

Ouviram-se dois gritos, um de pavôr, o outro de desespero.

—Agora as pistolas, p'ra dentro!—disse um dos que tinham disparado as armas.

—Agora a fugir, e os outros que façam o resto.

E metteram os cavallos para baixo n'uma carreira desabalada.

O boleeiro, muito ferido, a escorrer san-

gue, mal podia aguentar-se na sélla e fazia esforços desesperados para segurar os animaes espavoridos.

—Vossa Magestade está ferido?—perguntava Pedro Teixeira, livido de terror, inclinando-se para o rei.

—Muito!

—Então para o paço á desfilada.

—Não. Para a Junqueira, para casa do cirurgião-mór... sem perda... de tempo... Deus me valha!

—Custodio, mette para a calçada grande, direito á Junqueira, a casa do cirurgião-mór do reino.

—Se eu puder, que estou aqui crivado e a escorrer sangue.

—Custodio, pela vida de nosso amo, que está muito ferido.

—Emquanto me puder segurar... Emquanto puder...

E metteu a parelha á desfilada para a calçada da Ajuda.

Pelas Terras e pela calçada do Galvão corriam homens a cavallo, fugindo doidamente.

Cruzando da travessa do Guarda-mór da Saude para a rua da Junqueira, passaram dois embuçados a todo o galope de dois pequenos cavallos, duas *facas*.

Eram José Polycarpo e Antonio Alvares, que fugiam para Lisboa.

—Lá vem acima uma sége á desfilada. Aperta mais—disse o José Polycarpo ao cunhado, cravando as esporas nos ilhaes do cavallo.

O boleeiro fazia milagres de esforço para se sustentar na sella.

El-rei ia gemendo muito, quasi deitado nos braços de Pedro Teixeira. Queixava-se de violentas dores na espadua direita, no hombro e no braço até ao cotovello.

—Não queria apparecer assim no paço... Ai!... Ai!...

«Era demora maior... Manda chamar logo... Sebastião de Carvalho.

O espaldar da sége ia como um crivo. A clavina carregada de *grossa munição*, zagalotes e chumbo grosso, fôra desfechada apenas a quatro ou cinco passos de distancia, de modo que toda a enorme carga se empregou n'aquelle seguro alvo.

A repugnancia de ir alarmar a rainha e a gente do paço, tornando notorio o escandalo d'aquella excursão nocturna, devendo estar encerrado nos seus aposentos n'aquelle terceiro dia de nojo, conforme as declarações officiaes, e mais ainda o receio de que fosse grande a demora do cirurgião, que seria preciso mandar chamar á Junqueira, tinham inspirado ao rei uma resolução que o livrou de cair na terceira espéra, onde, provavelmente, ficaria morto.

N'aquelle lance duas vezes o favoreceu a fortuna. A primeira, quando o Polycarpo e o Alvares, aterrados da sua propria obra, deitaram a fugir, sem animo de executar a parte do plano combinado, que consistia em metter as pistolas pelas janellas da sége e desfechar para dentro. A segunda foi aquella salvadora idéa de voltar para a Junqueira, em vez de seguir para a Ajuda.

* * *

Pedro Teixeira bateu violentamente á porta de Antonio Soares Brandão, cirurgião-mór do reino.

Por fortuna o Brandão estava ainda a pé. Passára o dia em Lisboa em casa de uns parentes e voltára havia coisa de um quarto de hora.

Veio á porta um creado.

—Teu amo que venha cá abaixo. Serviço urgentissimo de El-Rei.

Appareceu logo o cirurgião, muito surprehendido.

—Mande retirar o creado—disse-lhe baixo Pedro Teixeira. Segredo de estado.

Cada vez mais surprehendido, o cirurgião mandou retirar o creado.

—Como vem desfigurado sr. Pedro Teixeira! O seu fato manchado de sangue!

—Depressa. Não se trata de mim. El-rei está ali dentro de uma sége, muito ferido. Temos nós ambos de tratar d'elle.

—El-Rei ferido!—murmurou o cirurgião correndo para a porta.

A este tempo o boleeiro caía da sella sem sentidos.

—Meu Deus! Que é isto?!

—Veja quem está dentro da sége. Este já não podia mais—respondeu o Teixeira, indicando o Custódio da Costa, estendido no chão, horrivelmente ensanguentado.

—Meu senhor!—exclamou o facultativo, tornando-se horrivelmsnte pallido.

—Acóde-me, Brandão. Acóde-me!

—Já, meu senhor.

Entretanto, o Teixeira, receoso de que a parelha se espantasse, levando comsigo a sége sem governo, tinha posto uma grande pedra a travar uma das rodas, e foi logo para junto do rei.

Elle e o Brandão ampararam D. José e levaram-no para dentro de casa.

—Agora um quarto, uma casa onde haja uma cama e onde sua magestade esteja resguardado de vistas indiscretas—disse o Teixeira.

—Aqui mesmo em baixo. Este quarto da direita, que tenho de reserva para algum hospede. E' mesquinho...

—Não podemos perder tempo. Entrêmos.

O rei foi deitado em um alto leito, sobre o lado esquerdo. Gemia muito.

Ficara um rasto de sangue do patim até á cama.

—Tamanhas dôres!...

—Tenha vossa magestade resignação—disse-lhe o facultativo compassivamente.

—Ai, meu Deus!—gemia o rei.

—Mas o que foi isto? — perguntou o cirurgião rapidamente ao Pedro Teixeira.

—Deram uns tiros contra sua magestade... Mas depressa... Por quem e depressa.

—Vou immediatamente buscar tudo o que se me torna preciso.

E emquanto o cirurgião foi preparar quanto era indispensavel ao primeiro curativo e chamar quem o ajudasse, Pedro Teixeira tacteava o pulso do rei, que perdêra os sentidos, por effeito de grande derramamento de sangue.

—Quem ouvira Sebastião de Carvalho?!—dizia comsigo o particular do rei. Se *elle* morresse, bem servidos ficavamos os dois, o ministro e eu!... Esta alagado em sangue!

Voltou açodadamente o cirurgião.

—Vamos a isto.

—Perdeu os sentidos.

—Estão ali fóra os meus dois criados para me ajudarem. Teem de entrar aqui á maneira que forem precisos...

—E' necessario evitar que reconheçam el-rei.

—Quando entrarem collocar-nos-hemos os dois de modo que elles lhe não vejam o rosto. Vamos a isto. Tem perdido muito sangue.

E, ajudado pelo Teixeira, o cirurgião-mór começou a despir ao rei a casaca de *droguete de castor preto, forrada de gorgorão de seda da mesma côr.*

* * *

O curativo foi longo e doloroso. O rei tinha seis ferimentos, todos do lado direito. Nenhum, porém, era de morte.

Não lhe tinha sido possivel extrahir um dos zagalotes que penetrára mais fundo. Ficaria a extracção para outro curativo, pois que o rei tinha soffrido muito e estava profundamente abatido de forças e já a arder em febre.

—Quero ser sacramentado...—supplicava a espaços. Mandem chamar Sebastião de Carvalho... quero falar-lhe.

O Brandão e o Teixeira combinaram mandar chamar primeiro o ministro. Depois se trataria de ir procurar um padre, que muito em segredo lhe viesse ministrar os sacramentos.

—Se aqui não sou preciso—disse o Teixeira; se vê que el-rei não está em perigo, vou eu mesmo chamar o secretario de estado.

—Pode ir tranquillo. Fico eu velando por sua magestade.

—Então vou eu, que é melhor.

Era mais de 1 hora. O boleeiro Custodio da Costa havia sido transportado para um quarto dos creados e recebêra os primeiros curativos, logo depois do rei. O seu estado era grave.

Por entre os gemidos e os desvarios da febre, D. José instava repetidas vezes pelos sacramentos e por que fossem chamar o primeiro ministro.

—Descance vossa magestade. O sr. secretario de estado não pode tardar.

—E os sacramentos?—perguntava debilmente, de olhos cerrados.

—Tambem não devem de tardar, meu senhor.

Voltou Pedro Teixeira.

—E d'ahi, Sebastião de Carvalho?—perguntou-lhe em segredo o cirurgião-mór.

—Chama-o ali fóra. Quer falar com v. s.ª, antes de vêr el-rei. Eu fico ao pé de sua magestade.

—Pois sim.

Sebastião de Carvalho esperava no patim. Estivêra examinando a sége rapida-

mente. O Manuel Bento acompanhára-o e ficára á porta.

—Sei já o que succedeu—disse o ministro, mal que vio o cirurgião-mór.

E puxando-o de parte, accrescentou baixo:

—Rapidas informações, sejam quaes forem; claras, sem rodeios. Tem algum ferimento de morte?

—Nenhum.

—O seu estado?

—Melindroso. Está muito abatido de forças, um tanto quebrado d'animo e com bastante febre.

—Não lhe parece então que a sua vida esteja em perigo?

—Não me parece. Mas póde sobrevir alguma inesperada complicação...

—Examinou bem os ferimentos?

—Attentamente. *Tem umas feridas combustas e dilaceradas, feitas com arma de fogo, evidentemente carregada de grossa munição, desde a espadua direita, descendo pelo hombro e braço abaixo até ao cotovello pela parte posterior, comprehendendo o peito da mesma parte, no qual encontrei seis orificios. A maior força da carga feriu a parte superior do braço sobre a articulação e perto do musculo Delloide.* (*)

—Tem continuado a insistir pelos sacramentos?

—Repetidas vezes.

—Suppõe que haverá inconveniente em satisfazer desde já essa vontade?

—Não supponho.

—Ninguem o viu e reconheceu, a não ser v. s.ª ?

—Ninguem.

—Segredo absoluto. Comprehende?

—Perfeitamente.

—D'aqui a uma hora ou duas poderá ser transportado em sége?

—Com os devidos resguardos, sem nenhum perigo.

—Póde dispensar-me aquelle criado que está ali fóra tomando conta na sége?

—Está completamente ás ordem de v. ex.ª

—Manuel Bento, vae com esse criado que ahi está fóra e recolham a sége na cocheira velha da nossa casa. A chave fica na tua mão.

—Vão ser cumpridas as ordens de v. ex.ª

—Olha. Depois, o mais depressa possivel, volta na minha sége.

E em segredo accrescentou:

—Sem espalhafato, sem alarme lá em casa. E nem palavra de tudo isto.

—V. ex.ª bem sabe que pode ficar descançado a tal respeito

—Sei, sim; vae.

Sebastião de Carvalho dirigiu-se novamente ao cirurgião-mór e segredou-lhe:

—Pedro Teixeira já está prevenido e a v. s.ª faço egual recommendação. O sr. D. José deu uma desastrosa quéda nos seus aposentos e foi sangrado. Por ora é isto o que é preciso dizer a todos. A todos, em toda a parte, sem excepção de ninguem... sem excepção da propria rainha.

—Pela minha parte observarei escrupulosamente as determinações de v. ex.ª Mas o padre que vier ministrar-lhe os sacramentos?

—Eu mandarei buscar ás Necessidades um sacerdote em quem tenho plena confiança.

Appareceu Pedro Teixeira pé ante pé.

—Que ha?—perguntou Sebastião de Carvalho.

—Já perguntou duas vezes por v. ex.ª

—Eu vou. Fiquem aqui. Talvez me queira confiar algum segredo.

Sebastião de Carvalho entrou no quarto modificando a dura e torva expressão de energia que lhe trazia ensombrado o rosto, extraordinariamente pallido.

O proprio olhar, em que até ali tinham relampejado sanguineas ameaças, se lhe tornou mais calmo e suave.

Assim se mascarava para falar ao rei.

—Meu senhor—disse brandamente, inclinando-se para D. José.

—Quem me fala?—perguntou o ferido como despertando de um lethargo.

—Sebastião de Carvalho—respondeu o ministro commovidamente.

—Louvado Deus!—disse o rei abrindo

(*) As palavras em italico foram mais tarde reproduzidas pelo mesmo cirurgião mór do reino, Antonio Soares Brandão, na certidão que passou e serviu de base ao respectivo auto de corpo de delicto.

N'aquelle documento affirma que em sua casa viu e curou el-rei, depois das 11 horas da noite do dia 3 de setembro de 1758.

muito os olhos e deixando transparecer no rosto uma grande expressão de allivio.

«Quizeram matar-me!

—Eu sei, meu senhor.

—Ouve. Estamos aqui sósinhos?

—Sósinhos, meu senhor.

—Ouve.

E o ministro inclinou-se mais para elle, certamente no intento de lhe escutar melhor a confidencia.

Fóra da porta do quarto o cirurgião-mór perguntava baixo a Pedro Teixeira:

—E como ficou elle, quando lhe deu a noticia?

—Tornou-se horrorosamente pallido e o seu olhar fazia mêdo! Mas quando lhe disse que o sr. D. José não corria perigo de vida, ficou-se a reflectir uns instantes, recobrou o seu admiravel sangue-frio, e pozse logo a caminho, como se tivesse tomado uma resolução.

—Que será terrivel; ia jural-o, sr. Pedro Teixeira.

—Assim o creio. Lia-se-lhe bem no olhar.

—Não é de bom agoiro aquelle plano de occultar agora a noticia do attentado.

—Não é, não, e parece-me que já estou a adivinhar para onde elle deita as suas vistas.

—Ai d'aquelles de quem elle desconfiar!

—Nem as cinzas se lhe aproveitam, e tambem se não perderá grande coisa—respondeu o Teixeira com brutal crueza.

* * *

Eram tres horas quando el-rei foi confessado e sacramentado por um padre das Necessidades, muito da confiança de Sebastião de Carvalho.

Fôra-o buscar de sége o Manuel Bento com uma ordem escripta do ministro.

Veiu sem nenhum apparato, entrou sem que o vissem os criados do cirurgião-mór, e ao acto piedoso, que o rei reclamára n'um exaggero de receios do seu coração devoto, apenas assistiram o ministro, o cirurgião e Pedro Teixeira.

Sebastião de Carvalho, pegára em um pequeno cirio que o padre tinha trazido das Necessidades. A mão do ministro omnipotente, do féro e inabalavel luctador, tremeu n'aquelle momento como se fosse a mão de uma criança espavorida!

—Se o matassem—pensava—teria sido este o derradeiro dia da minha vida politica!

E com os olhos na chammasita melancholica do cirio, miniatura das sinistras luzes de um funeral, considerava opprimido como toda a sua obra gigantesca dependia da vida d'aquelle rei, vida a final tão facil de apagar como a pequenina luz de um cirio!

Davam 4 horas da madrugada quando o rei foi levado para o paço da Ajuda, sobre um colchão, dentro da sége do primeiro ministro.

Ia ao lado de D. José o cirurgião-mór Brandão.

Atraz da sége, que subia a calçada muito vagarosamente, seguiam a pé Sebastião de Carvalho, Pedro Teixeira e o Manuel Bento.

—E' preciso entrar pela porta reservada dos aposentos de el-rei—dizia o ministro ao particular.

«E esses fatos de sua magestade guarde-os bem de sua mão, que hão de ser precisos mais tarde—accrescentou indicando a casaca e a vestia ensanguentadas que o Teixeira levava dobradas no braço.

Ao cimo da calçada o ministro adiantou-se da sége e foi dar-se a conhecer a uma das sentiuellas que estava do lado dos aposentos do rei.

Mandou-a afastar para outro lado.

Levaram o rei nos braços para a sua camara, pela escada particular. Sebastião de Carvalho disse ao Manuel Bento.

—Vae para casa. Eu fico aqui. Quando a senhora se levantar, dize-lhe que el-rei deu uma quéda grave e que por isso fui chamado ao paço de madrugada e estou velando sua magestade.

O Brandão ficou á cabeceira do rei. O Teixeira foi preparar umas coisas que o cirurgião lhe indicára.

O ministro ficou sentado a uma meza, na ante-camara.

—Queriam matal-o para me derribar a mim! E' cêdo ainda. Precisam de mais sangue. Hei de fazer-lhes a vontade, e hão de pagar o d'el-rei por um medonho preço! Depressa esqueceram o terrivel supplicio de Damiens!

«Um regicidio como de sicarios, posto

em execução, de emboscada... Em Portugal!

«Nenhum precedente assim n'esta terra. «Pois tambem a punição não ha de ter precedentes.

«Salve Deus el-rei e viva eu, que os regicidas hãode apparecer... Ainda que a Companhia os podesse esconder debaixo dos altares...

E foi encostar-se á janella a scismar, olhando vagamente para o grande vulto da cidade distante, que os primeiros clarões da alvorada coroavam de luz.

IX

DISFARCES

Logo de manhã se espalhou no paço que el-rei déra uma quéda desastrosa, em consequencia de uma vertigem que tivéra, quando ia a descer a escada de um corredôr dos seus aposentos.

Explicava-se que por este motivo Pedro Teixeira mandara aviso ao primeiro ministro e este fôra buscar o cirurgião-mór do reino na sua propria sége e com elle viéra para o paço ainda de madrugada.

Para justificar a hora do desastre, contavam que o rei passára mal a noite e ainda antes do romper d'alva se levantára e fôra então que lhe déra a vertigem.

Dizia-se tambem que D. José não só pisára muito o braço direito, mas até o fracturára.

A rainha e os filhos foram vêl-o, mas o cirurgião-mór pediu-lhes que não tentassem falar com o doente, em razão do seu abatimento de forças. Já tinha sido sangrado duas vezes. Qualquer excesso ou funda commoção o podia prejudicar gravemente.

D. Marianna Victoria pareceu desconfiar do caso e inquirio de má sombra porque não tinham ido logo avisal-a.

Explicou Pedro Teixeira que tal não fizéra para não ir sobresaltar o coração de sua magestade a rainha, emquanto se não podia avaliar ao certo a importancia do desastre.

A rainha ouviu a resposta com uma grande expressão de desprezo, voltou as costas ao particular, relanceou um olhar rancoroso ao cirurgião e saiu da camara real, sem olhar sequer para o primeiro ministro.

O infante D. Pedro mostrou-se muito pesaroso pelo desastre que o irmão soffrêra, mas não foi vêl-o, allegando que não desejava incommodar o enfermo. Os dois irmãos não eram positivamente uma boa lição de amor fraternal.

Pela sua parte, Sebastião de Carvalho installára-se n'uma salêta contigua aos quartos do rei, e d'ali se dispunha a não sair.

Ali mesmo resolveria os negocios do estado e d'isto mandou aviso aos dois collegas.

O porteiro da camara real recebeu ordem expressa de não deixar entrar ninguem, fosse quem fosse, no quarto de sua magestade.

—Absolutamente ninguem, sem minha auctorisação—disséra o ministro.

—E o sr. cirurgião-mór e o sr. Pedro Teixeira?—perguntou o porteiro.

—Era desnecessaria a pergunta. Esses estão aqui em serviço permanente e só teem de sair ou entrar em razão das suas obrigações.

—Porem queira v. ex.ª dizer-me o que hei de fazer, se fôr sua magestade a rainha ou suas altezas...

—Então vem chamar-me, para eu ter a honra de lhes dizer que o cirurgião-mór recommendou muito o mais completo silencio na real camara.

Depois, foi fazer novas recommendações ao cirurgião-mór e a Pedro Teixeira.

—E' necessario que não saiam ambos ao mesmo tempo. Importa estar precavido contra qualquer tolice ou desleixo do porteiro da camara.

«Eu não sairei do paço, emquanto sua magestade não estiver melhor.

«Pedro Teixeira, queira prevenir lá fóra que sou eu quem recebe as pessoas do

corpo diplomatico e da côrte que venham saber da saude de el-rei.

* * *

A noticia espalhou-se rapidamente pelo sitio de Belem e correu com singular presteza de extremo a extremo da cidade.

Acreditaram-na todos os que não tinham razões especiaes para saber ou suppôr que outra era a causa da doença do rei.

Logo de manhã cêdo a Marianninha apparecêra a uma das janellas do lado dos Jeronymos, como se esperasse ver passar alguem. Estava muito pallida e tinha fundas olheiras.

Pelas 7 horas passava o Salvador, muito enfiado, com cara de quem havia tido uma pessima noite.

A Marianninha fez-lhe signal para ir de volta, por detraz do jardim. Estava morta por lhe falar.

Desceu as escadas surrateiramente, espreitou se estava alguem no jardim e, como não visse ninguem, metteu-se por entre os renques mais altos de buxo e foi debruçar-se do muro onde um massiço de murta a encobria das janellas.

—Ai Nossa Senhora, que medo eu tive hontem!—disse para baixo ao Salvador, com a voz muito abafada.

—E eu ali, debaixo d'aquella maldicta ponte, á tua espera!

—Ai nem tive animo de vir aqui ao jardim, mesmo depois d'elles sairem! Nem sei como não morri de susto! E com tanta pena de ti, coitadinho! Até imaginei que era para te fazerem mal!

—Eu até tenho medo de dizer o que vi e ouvi!

E o Salvador relanceava para um e outro lado uns grandes olhares de terror.

—P'ra que seria tudo aquillo, Virgem Santissima? E eu no quarto a tremer muito, a rezar muito e os cães a uivarem no pateo! Depois, ouvi uns tiros!

—Foram ali p'ra cima!

—Tu ainda aqui estavas?!

—Pudéra. Depois do que tinha visto e escutado, sentia medo de sair ali debaixo da ponte. Só de madrugada, quando tudo socegou, é que tive alma p'ra me arrastar d'ali para fóra! Entrei em casa mais morto do que vivo e não fui capaz de pregar olho!

—Nem eu. E quando ouvi os tiros, embrulhei-me na roupa da cama, para não ouvir mais, e a tremer que nem que tivesse maleitas!

«Depois de passar algum tempo, comecei a tomar animo, accendi a luz e puz-me a rezar. Senti passos em baixo e d'ahi a instantes quiz-me parecer que ouvia a voz da sr.ª Duqueza e uns grandes soluços. Aquillo nem se deitou em toda a noite!

«Já estou levantada ha mais de duas horas. Tinha o coração opprimido por tua causa. Logo que me ergui, andei a escutar pelos corredores para saber se poderia vir aqui e se tinha a fortuna de te vêr.

«As meninas, coitadinhas, dormiam a somno solto. No quarto do sr. Marquezinho não havia nenhum rumôr. Escutei á porta do quarto da senhora; ouvi chorar; havia de ser ella.

—E o Duque?

—Senti passos no quarto d'elle, assim como se andasse a passear de um lado para o outro.

—Oh! diabo! Não appareça elle por ahi!

—Depois deixei de ouvir passos. Naturalmente deitou-se.

«Oh! Salvador mas porque seria todo este reboliço cá em casa?!

—Oh! Marianninha, deixa-me cá! Olha que até tenho pavôr de me lembrar d'isso!

—Eu ainda vi os homens embuçados que estavam aqui no jardim! A dois conheci eu bem.

«Ai Senhora da Boa Morte, que até ia perdendo a fala!

—Pois eu vi esses... e outros... a cavallo, com mascaras... e a cochicharam uns com os outros. Um de calções brancos esteve mesmo ao pé de mim. Até tapei a bocca para me não sentirem a respiração, e o coração cá dentro a bater, a bater! Depois dos tiros, ouvi cavallos á desfilada e tres dos embuçados vieram parar aqui e estiveram a falar. Um bateu com uma clavina n'uma pedra e disse muito desesperado: Logo vi que este diabo havia de errar fogo! Embora, que senão morreu, morrerá.

—Jesus! Morrerá quem?

—Eu sei lá, Marianninha! O que eu sei é que vieram depois outros, muito esbaforidos!

«Mas levaram os cavallos á mão, além para os lados da cocheira, e outros entraram ahi para o jardim. E vae então, como não ouvi mais rumôr, lá tive animo para sair d'ali, que nem sei como se me não fizeram os cabellos brancos!

—E tu conheceste quem elles eram?

—Olha, menina, o melhor é não falarmos mais n'estas coisas, não vá o diabo querer que até as pedras tenham ouvidos. Olha se elles hontem podessem adivinhar que estava alguem a ouvil-os aqui?!

—Mas para que seria? Coisa bôa não foi. A sr.ª Duqueza que tem estado a chorar...

—Sciu! Cala-te, que sinto passos ali na travessa. Adeus, o que eu queria era vêr-te.

—E eu a ti.

Os passos approximavam-se e os dois ainda viram um homem embuçado, que vinha andando lentamente como um passeante despreoccupado.

A Marianninha retirou-se rapidamente e o Salvador safou-se para o lado dos Jeronymos.

O embuçado viu-os e disse comsigo:

—Bom. Dois pombinhos madrugadores. A pomba é cá da casa, creada provavelmente. O pombo eu saberei quem é. Não será mau ouvil-os d'aqui a dias.

E poz-se a examinar o terreno attentamente.

—Pégadas de cavallos, recentes como além nas Terras! Já não é mau indicio para começar. Haviam de ser uns poucos... estas de cavallo grande... estas aqui mais pequenas... Como as outras lá em cima!

E a espaços olhava para um e outro lado como para observar se alguem o podia ver.

Foi examinando o terreno e parou ao pé de uma grande pedra, que estava a pequena distancia da ponte de madeira. De subito, fixou a attenção n'um pequeno objecto, junto da pedra.

—Olá!—disse baixando-se. Uma pederneira! Póde muito bem ser de arma de fogo.

«Sempre é bom guardal-a... ainda que não seja senão como lembrança.

«Emfim, já tenho alguma coisa a contar ao secretario d'estado.

Guardou a pederneira e tomou para o lado das cocheiras do Duque.

Encostado á hombreira da porta o boleeiro Francisco da Costa assobiava um estribilho muito em voga.

—Ora guarde-o Deus—disse o embuçado.

—Viva.

—Bello palacio este!

—Isso é.

—Cheguei do Ribatejo ha mais de um mez e ainda não tinha vindo para estes sitios! Este palacio vem a ser?

—Do sr. duque d'Aveiro.

—Ah! esse é um grande fidalgo, segundo tenho ouvido dizer.

—E' sim—respondeu o boleeiro, voltando a assobiar o estribilho.

—Dizem que é a casa mais rica de Portugal.

—Assim dizem.

—Vocemecê queira perdoar, se o estou importunando.

—Não, senhor, não me importuna

—E que tamanha cocheira! Ha de ter lá dentro muitos cavallos?

—Olhe—disse o Francisco do Costa afastando-se da porta. Tem todos aquelles que ali vê. Todos, minto; estão ahi dois que são dos Tavoras e vieram para cá nem eu sei para quê, segundo me disseram ha bocado, que eu não estava cá quando elles vieram.

—Eu lá no Ribatejo tenho creação d'este gado nas minhas terras. Mas aqui ha de havel-os como eu nunca os vi em dias da minha vida... Se me désse licença...

—Póde vêr á sua vontade— respondeu o boleeiro mais attencioso, por suppôr que estava tratando com algum grande lavrador do Ribatejo.

—Boa estampa este grande!

—Esse é do patrão. Chamam-lhe o *Guarda-mór*.

—Bonito bicho! Mas parece que chegou de jornada ha pouco tempo!

—Não me consta.

—Tem o pello empastado de pó e suor, os cascos sujos de terra...

—Pois reparou n'uma coisa que eu ainda não tinha visto! Tambem não admira. Eu não sou o moço da cocheira; sou o boleeiro do sr. Duque. Nem tenho cá estado. Cheguei hoje de madrugada.

—Ah! não tem cá estado?!...

—Andei ahi mais de um mez a pedir licença p'ra ir a Mafra ver uns parentes, mas o sr. Duque nunca me quiz fazer a vontade. Antes de hontem é que se resolveu a deixar-me ir lá, mas logo com a condição de estar cá hoje de madrugada.

«Elle cá p'r'os servos é muito esquerdo...

—Sim?... Mas repare bem; olhe que este bonito animal apanhou estafa—disse o desconhecido batendo na anca do *Guarda-mór*. E cada esporada! Ainda aqui tem os signaes... Veja, sangue mal secco.

—E' isso, é. Então é que saiu, mas a ordem do patrão é para limparem logo os animaes, assim que elles chegam de fóra.

—Talvez chegasse muito tarde... á pressa...

—Mas ahi ha uns poucos de homens. O sota cavallariço está já velho, mas temos um moço de estribeira e outro dos arreios. E os almas do diabo não apparecem! São capazes de estar lá para dentro ainda a dormir!

—Talvez se deitassem tarde. E não foi outra coisa. Olhe os arreios no chão, aqui ao pé da mangedoura. E estes são arreios bons. Coldres com pistolas...

—Não mexa; tenha cautela com isso, que o diabo deu fogo com uma tranca.

—Esteja descançado, que lhe não mexo, e ainda que mexesse. Tenho lidado muito com armas de fogo.

E foi examinando surrateiramente as coronhas das pistolas, como á procura do brazão ou monogramma que era frequente encontrar-se gravado em umas pequenas chapas de prata, embutidas nas coronhas, quando, como n'este caso, se tratava de um possuidor fidalgo e abastado.

—E aquelle ali tambem é um bonito bicho!

—A'quelle chamam-lhe o *Serra*.

—E olhe que tambem saiu—disse o desconhecido afagando a cabeça do animal. Vê-se logo. Parece que houve uma cavalgata.

—*Nemja* que eu saiba. *Serenata*, ou que demonio é, foi que me disseram que tinha havido cá hontem á noite. Disseram-m'o logo que cheguei, ali no pastelleiro dos arcos, que é aonde eu vou matar o bicho.

«Mas bem arranjada estava esta malta da cocheira, se o patrão por aqui apparecesse agora.

—Tem mau genio?

—Se tem! Não se pinta muito para bater n'um servo como quem bate n'um cão.

—Já está ao serviço d'elle ha muito tempo?

—Vae para um anno.

—Mas, ao menos, ha de ser patrão de boa paga.

—Ora, muito se engana quem cuida!

—Pois olhe, eu sei de uma casa boa lá dos meus sitios que precisa muito de boleeiro e não dá menos de uma moeda de soldada, boa cama e meza farta.

—Quem déra! Isso não recebo eu aqui, e tenho de aturar maus tratos.

—Sim? E fazia-lhe conta sair de cá?

—Ah! isso fazia!

—Pois estimo bem saber isso. Talvez eu lhe arranje a ir para a tal casa. Boa gente e pouco serviço. Ha de dar-se muito bem. Não direi que venha a ser já, já, mas olhe que me parece negocio feito. E d'aqui a uns dias nem eu terei duvida de lhe adiantar tres ou quatro mezes de soldada, se vocemecê precisar.

—Muito obrigado, e em boa hora passou por aqui—disse o Francisco da Costa radiante de alegria.

Nós conhecemos já este boleeiro. Sabemos que o Duque dias antes lhe déra uma bofetada e o mandára ameaçar pelo estribeiro e ouvimol-o vociferar contra o patrão, por detraz dos renques de buxo d'aquelle recanto ajardinado que fica defronte da cocheira. Por signal que foi d'ali mesmo que elle ouvio depois a despedida de João de Tavora, que ia para Chaves, e que disse a D. José Mascarenhas esta phrase singular que o boleeiro não sabia perceber: *Agora, Duque, d'aqui para rei.*

—Não tem de quê—volveu-lhe o desconhecido, cujo olhar revelava uma intima satisfação. A boa hora foi para mim.

«E nós até havemos de tratar do caso com mais vagar. Talvez se lhe arranjem mais uns pósinhos de soldada.

«Olhe, as noites estão boas e talvez eu cá dê uma saltada ainda esta noite. Agora só posso dispôr das manhãs e das noites, por causa de uns negocios da minha casa que tenho de tratar em Lisboa.

—A's suas ordens e com todo o gosto,

mas aqui é que não convem que nos vejam conversando. Podia o patrão desconfiar...

—Ah! elle é desconfiado?

—Ui! Então desde que anda de gôrra com os jesuitas e os Tavoras, que d'antes não podia vêr, até os dedos lhe parecem espiões. Se o visse agora aqui ou lh'o fossem dizer, mandava-me logo chamar para eu lhe dizer com quem tinha estado a falar. O que vale é que estão ainda todos deitados.

—Não sabia.

—E tem ahi ha coisa de tres mezes, se tanto, dois marmanjos que tomou ao seu serviço e que lhe vão metter tudo nos ouvidos.

—Creados?

—Isso sim. Elles têem andado p'ra *hi* de costas direitas e ninguem sabe p'ra que serviço elles vieram! E o caso é que um vivia nos Olivaes com a familia e por cá se ficou e o outro deixou o emprego que tinha no Jardim do Tabaco!

—Então é porque o Duque lhes offereceu boa paga.

—Talvez offerecesse, mas eu inda estou p'ra saber que serviço é o d'elles! Olhe, duas vezes os topei eu ali na *calçada grande*, já bem de noite. Estavam a conversar. Passei rente d'elles e embuçaram-se logo! Já por ahi se disse que vieram para guardar as costas ao patrão.

—Se o Duque andava ameaçado...

—Alanzoou-se por ahi que o patrão andava com receio que um tal Pedro Teixeira, o creado particular de el-rei, lhe mandasse fazer uma espera e por isso chamou p'ra cá aquellas duas péças.

«Historias da vida! Bem me fio eu em contos.

«A coisa é que elles têem cá dentro de casa quem lhes dê a mão.

—Isso então muda de figura.

—Pois está bem de vêr. Um d'elles é irmão e o outro é cunhado de Manuel Alvares, o guarda-roupa do Duque.

—Ah! então...

—Olhe, falae no mau, apparelhae o pau. Faça favor de disfarçar, indo ali para os lados do convento, como quem vae passeando. Lá veem os dois. Eu vou cá pr'a dentro chamar esta gente. Os demonios ficam hóje a dormir!

—A' noite cá venho. Por volta das 8. Ali ao pé da egreja do convento.

—Lá me tem, se não houver serviço de maior, e Deus o acompanhe.

O Francisco da Costa entrou para dentro da cocheira.

—Alma do diabo, até engordo sem comer, se me vejo livre de ti!—ia dizendo o boleeiro.

«E onde quer que um dia te possa fazer a cama, fica certo que has de pagar a bofetada e os maus tratos.

Pela sua parte o desconhecido, em vez de seguir para o lado dos Jeronymos, como lhe disséra o Francisco da Costa, tomou pela frente do palacio do Duque para passar junto dos dois, a quem o boleeiro se referira.

Eram Antonio Alvares e José Polycarpo de Azevedo.

O desconhecido olhou para elles disfarçadamente e disse comsigo:

—Veem de má catadura. Parecem desenterrados!

O Alvares e o Polycarpo relancearam para elle um olhar de desconfiança e a poucos passos entraram no palacio do Duque.

—Passaram a noite fóra de casa. Vae a coisa bem principiada. O secretario de estado poz as suas suspeitas para estes lados e eu vou-lhe dando com o rasto da caça. O boleeiro ha de ter mais que contar, o caso é saber puxar-lhe pela lingua, e parece-me que não será difficil, vista a má vontade que elle tem ao patrão.

«Agora uma saltada até ao pasteleiro dos arcos, para ouvir os palradores... Por aqui não me conhecem bem... e, ainda que me conhecessem, o disfarce não está mau.

E o intitulado lavrador do Ribatejo entrou na loja do pastelleiro e pediu um copinho de ratafia de pecego (licor), para *matar o bicho*.

Falava-se já do desastre succedido ao rei.

—Pois el-rei creio que está em maus lençóes—dizia um creado da rainha.

—Sim?—perguntava um velho archeiro, que estava fóra do serviço.

—Já foi sangrado duas vezes!

—Se lhe parece, uma quéda n'uma escada... assim gordo como elle é! Aquillo,

se lhe não tirarem muito sangue, pode-lhe subir alguma *postêma* á cabeça—observou solemnemente o archeiro, dando-se ares de entendido.

«Ora! Ora! Onde quer apparecem os trabalhos!

—E o Sebastião de Carvalho lá está de sentinella a elle e desde a madrugada que não voltou a casa!—informou o creado da rainha. E pelos modos faz tenção de lá comer e dormir.

—Pudera! Tem mêdo que a morte lh'o queira levar, e está lá para bater o pé á morte—disse o archeiro gracejando.

—E se a morte se fizer atrevida,manda-a metter nas prisões da Junqueira.

—Não, que se el-rei fallecesse, estava elle logo de ventas em terra e os jesuitas em riba d'elle como corvos.

—Os jesuitas, e mais alguem que eu sei —accrescentou o archeiro com ares mysteriosos. Pois ia ahi tamanha mexida, que nem no dia do terramoto!

—Mas olhe, tio João—disse o creado da rainha, confidencialmente, puxando para si o archeiro. Veja lá como se levanta um falso testemunho! Eu havia de jurar que el-rei tinha saído hontem á noite!

«Andava cá por fóra á cóca de uns amoricos, que não vêem para o caso, e vi sair da porta particular dos aposentos de el-rei dois embuçados e um d'elles parecia mesmo o sobredito, assim gordo... O outro quiz-me parecer que seria o Teixeira. E entraram os dois n'uma sége, que foi para os lados da Quinta de Baixo.

—Ahi está como a gente se engana! Você futurou logo que o *homem* ia p'ra casa da Tavora, dando as taes voltas que a gente sabe, p'ra fingir que não é p'ra lá que elle vae?

—E' verdade! E o que tem mais graça é que hoje, logo ao romper da manhã, estive a falar com um soldado da guarda, que tinha estado de sentinella ás 4 horas da madrugada e viu chegar uma sége, que se encostou muito á tal porta que vocemecê sabe. O Sebastião de Carvalho deu-se a conhecer, mandou arredar a sentinella, e lá entrou para dentro com não sei quem.

—Essa agora é que eu não percebo! P'ra que diabo seriam essas cautelas?

—Eu sei lá, tio João! Elles lá se entendem.

Entrou um homem de meia edade, grosseiramente vestido. Era o caseiro da Quinta do Meio.

—Ora guarde-os Deus!

—E a vocemecê, sr. compadre—disse-lhe o velho archeiro. Então já sabe a novidade?

—Quê, já se sabe contra quem foram os tiros?!—perguntou o caseiro com interesse.

—Os tiros?!

—Sim, homem! Julguei que era essa a novidade de que vocemecê me falava.

—Mas quaes tiros, homem de Deus?!

—Dois tiros que deram lá ao pé da quinta, p'ra riba do arco.

—Mas quando?

—Hontem,ahi por volta das 11 e meia p'ra meia noite. Até acordei com o estrondo. A minha mulher ficou estarrecida. Ergui-me, fui á janella e vi uma sége á desfilada a metter p'r'as bandas da *calçada grande*. E ouvi uma grande *tropeada* de cavallos p'r'os lados das terras do Galvão!

«Já não fui capaz de pregar olho, e assim que principiou a luzir a manhã, atirei-me p'ra fóra da cama e fui vêr se estaria por ali alguem morto.

—E d'ahi?

—Um tudo nada arriba da quinta, onde faz mais largueza, ao pé do muro que está por acabar, topei muitos pingos de sangue no relvado e, mais p'ra baixo do arco, pégadas de cavallo.

—Essa agora, compadre!—exclamou o archeiro. Dois tiros e uma sége á desfilada, ali n'aquelle sitio, áquella hora!

—Tiros de boa carga! Cada berro! Dois, desfechados um atraz do outro.

—Contra quem seria? Eu se fosse a vocemecê, compadre, ia dar parte d'isso.

—Homem, eu sei lá a quem hei de dar parte!

«Nem eu estou agora p'ra me metter em trabalhos.

«O que eu sei é que já ha uns dias andava desconfiado de uns certos embuçados, que logo á noite fechada me andavam por lá a rondar a quinta.

«Contei isto ha bocado ao pedreiro que trago lá nas obras e que móra ali á Junqueira e quer vocemecê saber o que elle me disse?

«Que tinha visto de madrugada os crea-

dos do cirurgião-mor Brandão, que é visinho d'elle, e mais do Marquez de Angeja, ali ao pé do forte do Altinho, a lavarem as lages da soleira da porta, que estavam todas sujas de sangue. Pozse a puxar-lhes pela lingua e elles descozeram-se.

O archeiro e o creado da rainha acercaram se mais do caseiro, que tomava ares de quem ia fazer uma confidencia.

O supposto lavrador do Ribatejo, que disfarçadamente havia estado a escutar a conversa, foi-se chegando para a porta a assobiar distrahidamente, mas sempre de ouvido attento.

Ficava assim mais proximo do grupo e, mal que o caseiro começou a falar, encostou-se á hombreira da porta e deixou de assobiar.

—Que por volta da meia noite tinham lá entrado dois feridos, mas que a um d'elles lhe não poderam vêr o rosto e que tinham vindo n'uma sége que estava toda cheia de sangue. Até a alimaria da sella estava suja de sangue! Depois veiu outra sége com o secretario d'estado...

—O Sebastião de Carvalho, já se vê?—perguntou o archeiro.

—Está visto que sim. E na tal dita sége do secretario de estado é que foi o ferido que elles não poderam vêr.

—P'ra onde?

—P'ra calçada grande.

—E o outro ferido?

—Esse está ás portas da morte e ficou em casa do Brandão.

«Mas por amor de Deus. vejam lá, não dêem com a lingua nos dentes, que o homem pediu-me muito segredo.

—Oh! compadre, isso é pedra que caiu n'um poço.

—Nem ao confessor — accrescentou o creado da rainha.

E o caseiro, baixando ainda mais a voz, tanto que o lavrador do Ribatejo o não pôde ouvir, accrescentou:

—O que ficou em casa do Brandão é o boleeiro de el-rei, o Custodio da Costa!

—Tá, tá—disse o creado da rainha para o archeiro. Então não me tinha eu enganado! Ahi tem vocemecê a quéda e as sangrias e o outro de sentinella a elle!

—Oh diabo!—replicou o archeiro. Mas o que não gruda é o *homem* vir cá p'ra baixo curar-se para tornar a ir lá p'ra cima!

—Pois talvez grude, que o Brandão é todo de Sebastião de Carvalho e *d'elle*. E' caixinha dos segredos dos dois.

—Homem, me mêlem se eu percebo o que vocemecês estão p'ra *hi* a discorrer! —disse o caseiro muito intrigado.

—Pois vae já perceber—respondeu-lhe o creado da rainha. E começou a contar-lhe o caso da doença do rei.

—Com esta é que o *grande homem* não contava!—dizia de si para si o do Ribatejo, saindo da loja do pastelleiro. D'aqui a pouco está tudo em pratos limpos e ninguem acredita na tal pêta da quéda.

«Tudo em pratos limpos e o Mascarenhas enterrado até ás orelhas!

Esclareçâmos agora o caso obscuro d'este curioso lavrador do Ribatejo, em quem o leitor não acreditou.

Pouco depois de ter chegado ao paço com o rei, Sebastião de Carvalho escrevêra um bilhete chamando o Andrade da policia clandestina. Acompanhou-o um dos sargentos da guarda, que fôra buscal-o n'uma sége da casa real.

Ainda não eram 6 horas da manhã e já o Andrade estava em conferencia com o primeiro ministro.

Sebastião de Carvalho indicou-lhe os pormenores do attentado, conforme a narração de Pedro Teixeira, e ordenou-lhe:

—Vá d'aqui examinar já o local onde se deu o monstruoso attentado. Veja tudo bem, sem despertar suspeitas, e leve as suas investigações até ao palacio do mordomo-mór de el-rei.

Minutos depois, o Andrade tomava um disfarce dos diversos que Pedro Teixeira tinha no seu quarto, e dirigia-se para os lados de Quinta do Meio, que fica a pequenissima distancia da Ajuda.

A's sete e meia estava já na *Travessa da Guarda-mór da Saude* e pouco depois interrompia a entrevista do Salvador com a Marianninha.

Cêrca das nove horas ainda observou que de casa do Duque saiu um homem apressadamente e tomou para a calçada da Ajuda.

O que o Andrade não sabia era que esse homem se chamava Manuel Alvares Ferreira e exercia o cargo de guarda-roupa de D. José Mascarenhas.

O que o homem da policia não podia adivinhar era que o Manuel Alvares levava um recado urgente do Duque para casa dos Tavoras, ao Cruzeiro da Ajuda.

.....

Eram 10 horas quando uma carruagem parou á porta do jardim do Duque.

O boleeiro Francisco da Costa viu que se apearam tres pessoas e entraram logo muito recatadamente no jardim.

Não as pôde vêr bem, mas conhecia perfeitamente o boleeiro, o José Antonio, que estava ao serviço da marqueza de Tavora.

—Logo de manhã e com tantas cautelas!—commentava. Anda moiro na costa!

D'ali a pouco appareciam por detraz do palacio, a conversar, muito chegados um ao outro e sempre de olhares desconfiados, o José Polycarpo e o Antonio Alvares.

—Oh! que duas rezes! E sempe a cochicharem um com o outro!—disse o Francisco da Costa, mettendo-se para dentro da cocheira.

—Que tal está o alma do diabo?!—disse o José Polycarpo muito baixo ao cunhado. Ainda não ficou contente com as chumbadas!

—Queria que desfechassemos as pistolas para dentro—accrescentou o outro parando e acercando-se muito do Polycarpo.

—Fosse elle lá. N'aquella occasião quem é que tinha sangue frio para isso?

—Não queria que fugissemos logo

—O bruto imagina que atirar a um homem d'aquelles é o mesmo que atirar a qualquer maltez!

«E elle, quando a clavina lhe errou fogo, porque não deitou a mão á arma que o João Miguel tinha posto á cara sem ter animo de desfechar?

—Eram tiros perdidos. A sége arrancava nas horas de estalar.

—Historias! E' que os dois ficaram atrapalhados assim que a clavina falhou.

—O João Miguel diz que ainda chegou a pôr o dedo no gatilho.

—Pois sim, mas o Duque lá lhe estava a dizer que o viu a tremelicar que nem canniço em dia de vento.

«Depois da occasião todos contam muitas lérias. O proprio Duque tambem se faz pimpão agora.

«Bem ou mal, quem chumbou os dois fomos nós.

E assim, conversando de modo que ninguem os podesse ouvir, foram seguindo pela *Travessa do Guarda-mór da Saude.*

* * *

Seriam 11 horas, e acabava o primeiro ministro de ouvir secretamente o Andrade da policia, quando o Duque mordomo-mór entrou no paço e se dirigiu aos aposentos de el-rei.

Appareceu-lhe Sebastião de Carvalho.

—Sr. Duque!

—Sr. secretario d'estado!

«Corre em Belem, e soube-a ha pouco ainda em minha casa com profunda magua, a ruim nova de que el-rei, nosso amo, soffrêra esta madrugada um grave desastre.

—Desgraçadamente assim é, sr. Duque. O nosso augusto amo soffreu um desastre, que podia ter funestissimas consequencias, e que, ainda assim, ha de encher de pesar os corações de todos os seus bons vassallos, como já encheu de magua os dos seus fieis servidores, e v. ex.ª entre os primeiros, sr. Duque.

D. José Mascarenhas empallideceu e replicou:

—Mais cêdo teria vindo e primeiro encontraria aqui essa lamentavel noticia, se não tivesse succedido deitar-me tarde...

—Eu sei, sr. Duque. V. ex.ª teve hontem uma serenata no seu palacio.

—Mal podia eu adivinhar o lamentavel desastre que estava para succeder!

—D'isso e do profundo pesar de v. ex.ª estamos todos convencidos, e o nosso augusto amo certamente como nós.

D. José Mascarenhas tornou a fazer-se muito pallido. Parecia-lhe de mau agouro aquella affabilidade do ministro, seu inimigo, tinha mêdo d'aquella estranha serenidade, sentia uma inexplicavel crueza n'aquellas macias palavras que se lhe cravavam no coração como se escondessem as garras de uma féra matreira.

Estava a opprimil-o o olhar de Sebastião de Carvalho, frio, prescrutador, insistente, e lá dentro ouvia a consciencia a gritar-lhe que as palavras d'aquelle homem implacavel podiam bem ser o sarcasmo e o disfarce de alguma occulta crueldade.

Se alguma cousa desconfiaria já, elle

que tudo sabia e parecia ler no coração e na consciencia dos outros?

Fosse como fosse, era-lhe preciso continuar a fingir, embora sentisse que a mascara se lhe abria no rosto, como se o olhar oppressór do ministro lh'a estivesse rasgando.

—Mas não seria por me deitar mais tarde do que o costume que eu viria a esta hora, se de madrugada me não houvessem atormentado as minhas dores rheumaticas.

—Mas por quem é, sr. Duque! Parece que v. ex.ª me está dando a mim explicações, que nosso amo decerto rejeitaria por desnecessarias!

O Duque e Sebastião de Carvalho

—Sempre é bom esclarecer o que a má vontade poderia desfigurar.

«Mas, emfim, o que importa agora é que eu saiba do estado de sua magestade, que o veja e, sendo possivel, lhe apresente o testemunho do meu pezar.

—De tudo isso, sr. Duque, só uma coisa é possivel agora: saber do estado de sua magestade.

«Terei eu a honra de informar v. ex.ª, affirmando-lhe que el-rei, nosso amo, está bastante enfermo, mas que a sua preciosa vida não parece correr perigo immediato, conforme a opinião do cirurgião-mór do reino.

«Depois do infortunio, que a todos nos amargura, vale esta informação por um lenitivo, que o coração de v. ex.ª decerto

receberá commovidamente. O perigo subsiste, mas pode o sr. Duque ficar tranquillo na esperança de que a Divina Providencia se amerceará de nós, afastando do reino a temerosa calamidade que v. ex.ª e todos os fieis vassallos de el-rei mais podêmos recear.

—Agradeço as informações de v. ex.ª, mas insisto em ver el-rei.

—E' impossivel.

—Na minha qualidade de seu mordomo-mór, ninguem, primeiro do que eu, tem o direito de estar ao lado de sua magestade—retorquio o Duque n'um repellão de orgulho e já esquecido do proposito com que até ali tinha ouvido o ministro.

—Assim é em outras occasiões. N'esta lamentavel conjunctura esse direito, sr. Duque, pertence exclusivamente a outra pessoa.

—A qual!!

—Ao cirurgião-mór do reino. A respeito de sua magestade manda elle agora e sou eu, secretario d'estado, quem vela pela observancia das prescripções do facultativo assistente.

«Recommendou que ninguem fosse falar com el-rei, que nenhuma pessoa fosse perturbar o socego da camara real; ninguem, seja quem fôr, irá lá.

—Com excepção de v. ex.ª!

—Exactamente, sr. Duque. Eu vim logo depois do *desastre* e fiquei, para evitar que alguem desobedeça ás indicações do cirurgião-mór.

«Entretanto, se v. ex.ª deseja saber pormenores do lamentavel acontecimento, estou completamente á sua disposição.

—Ouvi-os lá fóra. E já que ao mordomo-mór do paço se não permitte a entrada na camara do seu rei...

—A ninguem, tive eu a honra de dizer a v. ex.ª, sr. Duque.

—Irei solicitar permissão a sua magestade a rainha para me retirar do paço, até que o meu augusto amo possa dar-me as suas ordens.

—Como v. ex.ª entender. A cura tem de ser, infelizmente, demorada, mas creio bem que pouco viverá quem não vir sua sua magestade fazer inteira justiça aos sentimentos de lealdade e dedicação de v. ex.ª

«Por dever me vejo obrigado a ser-lhe agora desagradavel, sr. Duque; porém, v. ex.ª virá a saber que não faltei a informar el-rei da *profunda magua* de v. ex.ª pelos perigos que ia correndo a sua preciosa vida e da *solicitude com que desejava certificar-se do seu estado.*

Completamente desorientado por estas palavras de Sebastião de Carvalho, cuja reservada significação lhe causava pavôr, D. José Mascarenhas retirou-se cortejando o ministro precipitadamente.

—Este alma damnada é capaz de ter o rei á morte e negal-o, para ganhar tempo e pôr em pratica algum dos seus infernaes planos!—ia o Duque dizendo comsigo.

«Mas com que fim espalha elle aquella mentira da quéda do rei?!

E pela sua parte Sebastião de Carvalho ficára pensando:

—Não te destinou Deus para conspirador, José Mascarenhas! Sabe-se tudo e lê-se claramente no teu perverso coração! Illudiram-se comtigo os da Companhia.

«Perdias-me, se matassem o rei; vencerias tu, se elle morresse... vences, se elle morre... e pode morrer!

«Por'ora, esta comedia em que tu representas peor do que eu. Mas se el-rei se restabelecer, Duque, a tragedia será medonha!

* * *

Pela tarde adiante foram acudindo ao paço todos os altos representantes da nobreza e do clero, generaes, officiaes superiores das tropas da côrte, membros do corpo diplomatico e dos tribunaes, deputações do senado da camara da cidade, da *Junta do Commercio* e da *Casa dos Vinte e Quatro.*

Iam saber do estado de el-rei e apresentar a expressão da sua magua por aquelle lamentavel desastre.

Entre os generaes e os officiaes superiores não podiam faltar, sem se tornar estranha a sua falta, o mestre de campo general, director geral da cavallaria, marquez de Tavora e Luiz Bernardo, tenente-coronel do regimento de cavallaria de Alcantara.

José Maria de Tavora teve de ir tambem na sua qualidade de ajudante de ordens do pae.

A pedido do Duque, a Marqueza havia

insistido com o marido e com os filhos para irem.

A todos recebeu Sebastião de Carvalho serenamente e a todos deu noticia do *desastre*, representando admiravelmente o seu papel n'aquella comedia que elle proprio ideára.

No dia immediato Saint-Julien participava ao seu governo que el-rei D. José déra uma quéda, indo de um quarto para outro, e soffrêra uma contusão n'um braço, pelo que fôra sangrado.

Pela sua parte o ministro inglez communicava para Londres em 13 de setembro:

«Quando fui ao paço saber da saude de el-rei, disserem-me que elle, na noite de segunda-feira, 3 do corrente, na occasião em que passava por um corredor dirigindo-se ao quarto da rainha, tivéra a infelicidade de cair e fracturára o braço direito.

«Já oito vezes foi sangrado e, como é gordo e corpulento, os medicos o teem aconselhado a que não faça uso d'aquelle braço e se abstenha dos negocios publicos por algum tempo, para n'elle evitar qualquer juncção de humores (*).

Como se vê, havia divergencia quanto aos pormenores do *desastre*.

Mas a esse tempo já o caso do attentado se contava á bocca pequena, e tanto que o ministro inglez accrescentava áquella informação do seu officio:

«O que relativamente ao incommodo de D. José acabo de dizer foi exactamente o que no paço me disseram, mas a verdade é esta: Indo sua magestade na noite de segunda-feira, 3 do corrente, acompanhado do seu particular, visitar uma senhora (costumando n'estas occasiões ir o rei n'uma sége e o particular n'outra, mas, infelizmente, n'aquella noite iam ambos em uma só) foi aggredido por tres homens mascarados, a cavallo, os quaes, tendo deixado passar os batedores, atacaram o resto, atirando um ao boleeiro e os outros dois á sége. O rei ficou ferido no braço direito e dizem tambem que no lado esquerdo, mas livre de perigo. O particular e o boleeiro ficaram muito feridos, sendo as feridas d'este mortaes.» (*)

Vê-se que a respeito do attentado corriam diversas versões.

O encarregado dos negocios da França contava o facto com algumas variantes. Participando o estado do rei, em officio de 12 de setembro para o ministro conde de Bernis, attribuía a quéda de D. José a uma vertigem e affirmava que todos os dias ia ao paço saber da saude do monarcha, mas logo em cifra accrescentava: que «era com horror que dava parte da verdadeira causa d'aquella doença, sobre a qual se guardava o maior segredo, sendo que a supposta contusão era uma ferida no braço e espadua direita occasionada por dois tiros de bacamarte que atiraram á carruagem d'el-rei, á sahida de Alcantara, a meia legoa de Belem, ás onze horas e meia da noite de domingo para segunda-feira. Que segundo se dizia eram seis os assassinos, bem que fossem só tres os bacamartes; o primeiro destinado para o boleeiro não fez fogo; os dois outros foram disparados sobre a carruagem, que ficou crivada de balas. Os assassinos estavam a cavallo. El-rei, por felicidade, não recebeu senão uma ferida no braço, etc.» (**)

Saint-Julien referia ainda outras versões que vogavam na cidade.

A verdade era que a historia do crime estava feita nos boatos da opinião publica, embora fossem contradictorios os pormenores do facto.

Houvéra uma tentativa de regicidio; era incontestavel.

Mas Sebastião de Carvalho impozéra a *comedia official*, da qual era simultaneamente auctor e protogonista; impozéra-a com a sua inabalavel firmeza de vontade, e no paço, os embaixadores, os cortezãos, os lacaios dizíam alto e fingiam acreditar que el-rei déra uma quéda.

(*) *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 90.

(*) *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 90 e 91.

(**) *Quadro Elementar* etc., Tomo VI, pag. 115.

X

DURANTE A DOENÇA DO REI

A rainha fôra nomeada regente do reino, attenta a impossibilidade de el-rei resolver os negocios do estado.

O primeiro ministro era o encarregado da execução do decreto que nomeava a regente, cujas funcções se limitavam á assignatura dos diplomas regios.

O verdadeiro regente do reino era o *rei Sebastião*, como diziam baixo os seus inimigos politicos.

A comedia continuava. Ninguem sabia precisamente com que fim e muitos agouravam que seria para encobrir algum plano do formidavel ministro.

Era impenetravel aquelle extraordinario homem, e d'isso se queixavam aos seus governos os diplomatas estrangeiros.

O duque de Aveiro não realisára o seu proposito de pedir á rainha que o dispensasse de ir ao paço, emquanto el-rei não estivesse restabelecido. A regencia de D. Marianna Victoria, embora nominal, fizera-o mudar de tenção e continuava no exercicio do seu cargo de mordomo-mór, bem que uma ou outra vez se dispensasse de ir ao paço, sob o pretexto dos seus achaques rheumaticos.

Os Tavoras, visinhos do paço, não podiam faltar, sem despertar suspeitas, que já andavam a transparecer nos boatos em circulação.

Segredava-se que tinham sido apaniguados do Duque os que haviam dado os tiros no rei, e não faltava quem explicasse o attentado como desaggravo de honra por causa dos amores da Thereza Tavora com D. José.

Os ministros estrangeiros iam frequentes vezes ao paço e o encarregado dos negocios da França ia lá todos os dias, por indicação do ministro dos negocios estrangeiros do seu paiz, o cardeal conde de Bernis. Era que o sensual Luiz XV pedia agora noticias circumstanciadas da doença do rei de Portugal com a mesma insistencia com que antes exigira informações ácerca dos escandalos da côrte de Lisboa e dos amores illicitos de D. José.

Sebastião de Carvalho continuava na Ajuda e raras vezes e muito de fugida ia ao *paço das damas*.

* * *

Era em uma noite dos fins de outubro. O Pedro Teixeira introduzira o Andrade da policia pela escada secreta dos aposentos do rei e levára-o ao gabinete onde Sebastião de Carvalho despachava os negocios do estado.

—Andrade, entre

—Com licença de v. ex.ª

—Vá para junto do el-rei, Pedro Teixeira. Eu o mandarei chamar, se me fôr preciso.

O Teixeira saiu e o ministro fez signal ao Andrade para fechar a porta.

—Corra bem o reposteiro. Assente-se ahi, e vá dizendo circumstanciadamente o que tem podido apurar.

—Contra o Duque e os homens de quem já falei a v. ex.ª os indicios são cada vez maiores. Não ha testemunhas de vista, nem é provavel que as haja n'estes casos, mas é como se as houvesse.

—A questão é saber-se em quem recáem as suspeitas. Depois se verá o meio de os obrigar a dizer o que fizeram.

—Ah! n'esse ponto fique v. ex.ª descançado.

«Em me dando auctorisação para lhes

applicar uns *tratos espertos*, eu os farei falar.

—Isso fica para mais tarde. Vamos lá a saber: Dos Tavoras o que ha?

—Só desconfianças. A respeito d'esses é que bem pouco se tem apurado, embora quasi todos os boatos sejam contra elles.

—Pois é d'esses exactamente de quem el-rei tem maiores suspeitas. Não sabe ainda quem era aquella senhora, toda de preto, que foi a casa de D.Thereza Tavora na tarde do dia 3?

—Ainda o não consegui saber. A creada particular de D. Thereza viu a tal senhora, sabe que ella esteve a conversar muito tempo em particular com a dona da casa, mas não a conheceu por causa de um espesso veu que lhe occultava o rosto.

—Pois é essencial saber isso. Foi n'esse dia que se deu o attentado e sei da propria bocca de sua magestade que D. Thereza Tavora lhe manifestou ideias e ambições de predominio que nunca até então lhe revelara.

«Parece que alguem lhe mettêra em cabeça que podia ser uma favorita á moda da côrte de França. Ora essa dama velada esteve com a Tavora algumas horas antes da entrevista da mulher do Luiz Bernardo com el-rei. Quem era? Eis o que é preciso indagar, guardando as maiores cautelas, porque isto é um segredo de estado que eu lhe revelo apenas para o elucidar nas suas pesquizas. A ninguem o deve dizer, nem mesmo no intento de colhêr informações.

—Pode v. ex.ª ficar descançado.

—E nas suas indagações abstenha-se de alludir á ida de el-rei a casa da D. Thereza. Isso nada importa para apurar como se praticou o sacrilego attentado e por quem foi praticado.

«Quizeram matar el-rei no seu regresso ao paço; não é necessario, e seria até inconveniente, confirmar d'onde sua magestade vinha.

—Quasi toda a gente o diz por ahi á bocca pequena.

—Deixal-o. E' dever nosso não esclarecer esse pormenor e muito menos ratifical-o. Tambem toda a gente diz por ahi á bocca pequena que el-rei foi ferido com uns tiros e eu quero que por emquanto, *officialmente*, se diga que el-rei deu uma quéda.

«Mas veja-me com empenho se consegue saber quem era a tal dama vestida de preto e de rosto velado. Seria a Marqueza velha?

—Já houve quem disfarçadamente fizesse tal pergunta á creada particular de D. Thereza, e respondeu afoitamente que não era, porque a Marqueza mãe é muito mais alta do que a outra. Mas eu continuarei as indagações.

—E aquella caçada do Athouguia e do Luiz Bernardo?

—Foi falsidade. Isso apurei eu, ou antes quem o apurou foi um dos meus homens que se metteu de patuscada com o cabo de esquadra Braz José, o criado de confiança de Luiz Bernardo de Tavora, e quando o apanhou embriagado, lhe foi puxando pela lingua.

—Então já sei para que foi o embuste.

—Para enganar a D. Thereza e persuadil-a de que podia receber sua magestade mais a seu salvo.

—E' isso. Combina com a informação de Pedro Teixeira. Não podemos, porém, aproveitar-nos d'esse esclarecimento. E' preciso fazer de conta que não o sabemos. Serve para as nossas suspeitas; mas de nenhum modo para se tornar publico.

«Nada tem a justiça com o que el-rei fez antes de ser assaltado por um bando de assassinos.

«E dos cavallos que levou para casa do Duque, o que disse Braz José?

—Segurou-se, apesar de bebedo. O meu agente disse-lhe em conversa que o tinha visto na noite de 3 levando uns cavallos pela redea pela rua dos Jeronymos, e o Braz José respondeu-lhe que havia de ter sigo engano.

—Ainda ha muito que averiguar, antes de se entregar a devassa á gente da justiça e de se declarar o crime officialmente. E' preciso ter o caminho aplanado e esclarecido. Quando se instaurar o processo já havemos de saber quem são as testemunhas a inquirir e os réus a julgar.

«Importa aproveitar bem o tempo em quanto el-rei se não restabelece. Depois será preciso ir depressa.

—Creia v. ex.ª que não perco um momento.

—E os Tavoras teem continuado a ir a casa do Duque?

—Depois do dia do mez passado, poucas vezes. Andam receosos de que os sigam.

—E a Marqueza mãe?

—Foi antes d'hontem ter com o padre Malagrida.

—A Setubal?

—A' Arrabida.

—A' Arrabida? Houve quem a seguisse?

—Um dos meus homens, que foi lá disfarçado em penitente.

—Juntaram-se lá só a Marqueza e Malagrida?

—Só os dois. Depois da Marqueza se retirar é que appareceu ao Malagrida aquelle jesuita que era muito da casa de v. ex.ª

—Damião de Castro, bem sei. E depois?

—Apartaram-se para uns fraguêdos e o meu homem, o fingido penitente, lá se foi mirrando com o matto até ficar onde os podesse ouvir.

—E o que ouviu?

—O pobre diabo é astuto, mas não sabe resumir conversas que não estejam ao alcance dos seus minguados conhecimentos. Só me soube dizer algumas palavras que lhe ficaram de memoria.

—Lembram-lhe algumas?

—Lembram-me estas. «Olhe que se perde... Estão a accender odios... Mar de sangue em que a Companhia se afoga... Eu irei pedir perdão...

«Pelo que o meu homem entendeu, estava a dar conselhos ao outro.

—Ainda bem!—disse comsigo o ministro, como se o coração se lhe houvesse desopprimido. Sempre o mesmo santo visionario!

—E Malagrida?

—Poz-se a clamar, falando no Anti-Christo...

—Sou eu—disse o ministro comsigo.

—E a dizer que o fogo do ceu queimaria o Impio.

—Se o da terra o não queimar primeiro a elle—commentou Sebastião de Carvalho, de si para si.

«E do attentado contra el-rei nada disseram?

—O meu agente nada ouviu.

—E de casa do Duque?

—O boleeiro Francisco da Costa tem notado que a Duqueza anda muito triste e que o Duque algumas vezes se junta á porta fechada com o guarda roupa, o Antonio Alvares, o José Polycarpo e o creado de acompanhar, João Miguel.

—E nada tem ouvido do que elles dizem?

—Como eu lhe tenho untado bem as mãos e elle não pode vêr o patrão, tem feito a diligencia por escutar.

—E d'ahi, ouviu algumas palavras que valham tanto como as que disse o João Tavora, quando foi para Chaves?

—Ainda melhores, ao que me contou hoje de manhã!

«O Duque falava muito baixo, porém, o boleeiro ainda pôde ouvir: «Assim como foi por uma parte, se fosse pela outra, não escapava.»

E depois disse mais: «Caluda, que nem o demonio o saberá, se vocês o não disserem.»

—Bem. Essas duas phrases valem ainda mais do que a outra do João Tavora: «Agora, Duque, d'aqui para rei.»

«Esse boleeiro é uma testemunha indispensavel.

«Tenha-o seguro com boas promessas, e aconselhe-o a continuar em casa do Mascarenhas até que a justiça tome conta do caso.

—Assim tenho feito. A raiva que elle tem ao Duque é tamanha que dirá tudo, sem que o puxem muito.

«Tambem me parece que hão de ser boas testemunhas aquella creadita, de quem já falei a v. ex.ª, e o rapaz com quem ella tem amores.

«A elle já eu tive quem o sondasse. Estava para falar á rapariga na noite dos tiros. Foi esperal-a ao pé do muro do jardim, mas não lhe pôde falar, porque vio uns homens embuçados.

«Ha de saber mais, mas enche-se de tanto susto quando fala n'isto, que ainda não houve meio de lhe apanhar mais esclarecimentos.

«Elle dirá o resto. E' um rapazola de dezenove annos, muito inexperiente, muito timorato; mais dia menos dia cairá na armadilha sem dar por isso.

—Os padres da Companhia têem ido a casa do Duque?.

—Não teem lá ido. Consta-me que frequentaram muito o palacio em julho e agos-

to, mas que nunca mais appareceram lá desde a ante-vespera do attentado.

«Andam muito esmorecidos e receosos de alguma novidade grande. Percebe-lh'o a gente na cara, por muito que elles o disfarcem.

—Raposas velhacas! Metteram os lobos ao caminho e foram-se alapardar nos covís á espreita.

«Pois hão de vêr o desfecho da tragedia e hão de entrar n'ella. Contavam salvar-se com a morte d'el-rei. Perderam o jogo.

«A proposito da Companhia: De Gaspar de Lemos nem um indicio sequer?!

—Não tem sido possivel encontral-o!

—E' singular! Importa redobrar de pesquizas.

«Quero esse homem preso, custe o que custar.

—Temos-lhe feito a diligencia.

—Pois é preciso empenhar novos esforços. E a casa do capitão tem sido vigiada?

—Tenho por lá tido sempre de ronda dois ou tres homens.

—E' pouco.

—Mas não entra lá viv'alma de que eu não tenha conhecimento. Ainda hoje de manhã eu soube que tinha lá estado hontem de tarde José Maria de Tavora.

—Hontem de tarde?! E o capitão Jorge Gustavo?

—Estava em casa. O Tavora demorou-se coisa de meia hora. Ia de casaca preta e meias côr de perola. Estavam lá as irmãs do capitão, e quando o Tavora saiu, uma d'ellas ficou-se a espreital-o por detraz de uma vidraça. O capitão tinha estado a despedir-se do Tavora á porta da rua.

«Aqui tem v. ex.ª como tudo é attentamente vigiado em volta da casa do capitão.

Sebastião de Carvalho ficou reflectindo por alguns instante, o sobr'olho franzido, o rosto avincado.

—Preciso de intimar a Jorge Gustavo —resolvia comsigo o ministro—a minha prohibição de manter convivencia com o Tavora.

«Só assim o poderei salvar de alguma perigosa suspeita.

—Bem, disse para o Andrade. Póde retirar-se e não me largue de mão as indagações que hão de servir de guia á devassa judicial.

—Nem um momento, sr. secretario de estado. Vou já fazer mais indagações.

O Andrade saiu.

* * *

—El-rei como está?

—Um pouco mais socegado. O cirurgião-mór ainda o não considera isento de perigo.

—Nem eu, Pedro Teixeira. Nem eu. El-rei tem falado na Thereza Tavora?

—Commigo e quando a febre o aperta mais. Ninguem lhe tira da idéa que ella sabia da emboscada.

—N'isso creio eu que sua magestade se engana.

—Tambem eu. Já não direi o mesmo das suspeitas de sua magestade a respeito da marqueza velha e do marquez D. Francisco e dos filhos.

—Mau é isso para elles, mas bom será que el-rei se não esqueça da Companhia, que foi decerto a alma damnada do attentado, como o José Mascarenhas havia de ter sido o braço principal do nefando crime.

«O tempo me dará razão.

—E' verdade. Ainda não mostrei a v. ex.ª uma carta que D. Thereza Tavora me mandou esta tarde. Estava na idéa de lh'a mostrar, quando entrou o Andrade.

E Pedro Teixeira tirou uma carta da algibeira.

—O que diz?

—Pede-me que lhe dê noticias de el-rei e diz-me que está muito mortificada e receosa do marido.

—Tarde lhe chegaram os receios!

—Fala-me em fugir para um convento, pois tem mêdo que o marido a mate.

—Não mata. Não o fez quando era explicavel que o fizesse; agora é tarde. Matal-a seria confirmar as suspeitas que ha contra elle. Preferia matar el-rei.

«Rasgue essa carta, Pedro Teixeira. E' perigoso trazel-a comsigo; pode sumir-se-lhe. Rasgue-a, e nunca fale d'ella a el-rei.

—Será como se nunca a tivesse visto— respondeu Teixeira, rasgando a carta:

Vieram annunciar ao ministro que o esperavam para lhe falar D. Luiz da Cunha e Antonio José Galvão.

* * *

Sebastião de Carvalho conferenciou primeiro com o collega D. Luiz da Cunha.

—E' preciso mandar apressar a vinda das tropas da provincia—dizia-lhe o primeiro ministro.

—O regimento de dragões de Aveiro chegou hoje de manhã e o regimento de infanteria de Campo-Maior já está em marcha.

—Bastam esses com os outros reforços de tropas que já chegaram. (*) E convém ir espalhando que esta concentração de tropas na capital é para ter bem preparada a defensa da cidade contra alguma violação da neutralidade de Portugal, por parte das nações belligerantes.

«E de Roma recebeu mais algumas informações?

—Este officio de seu primo Francisco de Almada, acompanhando uma traducção do Memorial apresentado a Sua Santidade pelo Geral da Companhia de Jesus.

—A respeito de quê?

—Do procedimento do cardeal Saldanha, visitador e reformador da Companhia em Portugal.

—Isso ha de ser curioso. Deixe-me vêr, D. Luiz.

E passando o documento pela vista, accrescentou:

—De 31 de julho e só agora, ao cabo de tres mezes, Francisco de Almada manda a traducção de tão importante documento!

—Diz-me em officio que só nos principios d'este mez póde obter uma copia, que mandou traduzir.

«E para tal intento houve de valer-se dos bons officios do cardeal Achinto e dos espiões que tem na Curia.

«Parece que nem o Papa nem o secretario de estado, cardeal Torregiani, estão dispostos a dar conhecimento d'este importantissimo documento ao ministro de Portugal em Roma!

«Se não fossem os bons officios de Achinto e os agentes secretos, ficariamos ignorando a existencia d'este *Memorial*.

—Elles se arrependerão—respondeu friamente Sebastião de Carvalho.

E foi desdobrando o Memorial.

—«Beatissimo Padre—começou a ler alto. «O geral da Companhia de Jesus, prostrado aos pés de Vossa Santidade, representa muito humildemente a extrema dôr e sentimento, que experimenta a sua religião (*)...

—A religião d'elles, bem sei—commentou o ministro. Mas como o poderoso Geral pede humildemente e como elles sabem pôr-se de rastos quando algum perigo os ameaça!

E continuou a lêr para si o longo *Memorial*.

—Bem—disse volvidos minutos. O Geral supplica providencias para que os innocentes se possam justificar, os réos, é d'ellé o termo, tenham seguro caminho de emenda e o credito de toda a religião se mantenha e salve.

«O credito da religião é como quem diz o credito da Companhia.

«Tambem o Geral se affligiu com o credito do Patriarcha, por ter prohibido aos jesuitas o exercicio do confissionario e do pulpito, e muito o opprime o receio de que o cardeal Saldanha nomeie delegados seus, que sejam inimigos dos padres da Companhia.

«Percebe-se. O essencial era rasgar o Breve e suspender a visita e reforma da casa de S. Roque e das outras. E como Benedicto XIV falleceu, abraçam-se aos pés do novo Pontifice, Clemente XIII, que, todavia, não se atreverá a rasgar o Breve do seu glorioso antecessor.

«Engana-se o Geral, e ou os jesuitas do nosso tempo são menos astutos do que os d'outr'ora, ou o mundo está muito mais velhaco.

«E' tarde para voltar atraz. Ainda que o Papa accedesse ás supplicas do Geral, Sua Magestade el-rei de Portugal não cederia ao Papa.

«Demais a mais, as coisas mudaram muitissimo. Em abril bastava a reforma da Companhia; desde 3 de setembro é preciso *mais alguma coisa*.

(*) Em officio dos principios de outubro de 1758, Saint-Julien participava ao ministro conde de Bernis que tinham chegado a Lisboa muitas tropas da provincia, *o que causava grande admiração a toda a gente* (*Quadro Elementar*, etc. Tomo VI.)

(*) Historia do reinado de el-rei D. José, por Luz Soriano. Tomo II, documento n.º 21.

D. Luiz da Cunha, o obscuro secretario d'estado nominal dos negocios estrangeiros e da guerra, olhou para o primeiro ministro, sem comprehender o que mais podia planear contra a Companhia, desacreditada e abatida, aquelle extraordinario e duro inimigo dos jesuitas.

Mas Sebastião de Carvalho não explicou a phrase e perguntou ao collega:

—E sabe-se o que no Vaticano responderam a este Memorial?

—Francisco d'Almada manda-me aqui um extracto do parecer da congregação dos cardeaes, á qual o Santo Padre mandou consultar a respeito da supplica do Geral da Companhia.

—E o que disse a congregação?

—Contesta os fundamentos da supplica e os receios do Geral.

—Muito bem.

—O parecer considera o Memorial sob dois aspectos—o das desculpas e o das supplicas.

«Quanto ao primeiro caso é significativo este trecho que Francisco d'Almada obteve na integra e que passo a lêr-lhe:

«A's desculpas se lhes deve dar aquella fé e peso que se dá a similhantes memoriaes de réus, sabendo-se muito bem a grande difficuldade que padecem os homens em se confessarem delinquentes, e mais não se desculpando no fôro da consciencia, principalmente, quando as desculpas que se allegam são a um soberano que não tem formado processo, nem este se acha em alguma parte instruido.» (*)

—E' esmagador e é verdadeiro! E quem tal escreveu não foi o *impio Sebastião de Carvalho*; foram os cardeaes da Curia! Talvez os patifes de cá digam um dia que eu comprei e metti mêdo á Curia em peso!

«E quanto ás supplicas?

—Diz o parecer que, no tocante ao receio de que os innocentes sejam castigados e tolhida aos delinquentes uma util e justa emenda, não viam fundamento plausivel por estar o caso provido *ipso jure* e attendendo ao juiz *incorrupto e illustrado, a quem esta causa se acha commettida.*

«Relativamente á reputação da Companhia diz o parecer textualmente: «Quanto ao terceiro ponto de se attender pelo credito da Companhia, esse ficará nas mãos dos religiosos, especialmente dos prelados, os quaes, se concorrem com toda a sinceridade a esta reforma, recuperarão o credito, que n'este tempo teem perdido entre os judiciosos, como se observa de tantos centos de livros; porém, se absolutamente o impedem, ou retardam, será possivel enganar alguns poucos: porém, não ao publico: e assim se desacreditará mais que nunca a relegião da Companhia.»

—Bem feita essa distincção entre a religião da Companhia e a outra.

«Decididamente, uma parte dos eminentisssimos cardaes está commigo. E verá que não hão de faltar por cá engenhosas pessoas a dizer que fui eu que mandei de Lisboa o rascunho d'esse parecer. Sou eu o lobo damnado contra as *innocentes ovelhas* de Santo Ignacio.

«Só eu!

—E' tambem curiosa esta parte do parecer a respeito de lhes ser vedado o pulpito e o confessionario. Eu leio: «Pelo que respeita ao edito, que suspende a faculdade de prégar e confessar aos jesuitas, ignorando-se os motivos d'esta suspensão, pede toda a prudencia que se perguntem ao sr. Nuncio e ao novo Patriarcha, que averiguarão com novas diligencias a verdade ou verosimilidade. E se, entretanto, se quizer conjecturar a verdadeira causa, se poderá dizer que, havendo-se pelo decreto do cardeal visitador *publicado authenticamente o universal e certo commercio, que exercitavam aquelles padres, com o que manifestavam não fazer caso dos preceitos divinos, nem das doutrinas dos santos padres, dos canones, concilios, nem bullas pontificias; julgaria o senhor patriarcha não poder fiar as almas dos fieis de quem, «non consulebat animae suae»* (*) *e de quem se podia dizer: «Medice, cura te ipsum»* (**)

—Mas n'esse trecho—disse Sebastião de Carvalho com o rosto illuminado de jubilo—sente-se uma ironia subtil que deve de queimar a pelle aos degenerados sectarios de Loyola!

(*) *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano. Tomo II, documento n.º 23.

(*) Não consultava a sua consciencia.

(**) Medico, cura-te a ti proprio.

«Parece de encommenda! E' precioso esse documento e hei de mostral-o a el-rei, logo que tenha a felicidade de o vêr restabelecido.

«E agora, meu caro D. Luiz, aqui tem uma prophecia minha:

«Se o mundo ainda tiver jesuitas depois da minha morte, elles e os seus adherentes hão de julgar-me nas profundas do inferno, e na eterna gloria os eminentissimos cardeaes, que deram nos padres da Companhia essa tareia em sonoroso latim.

D. Luiz da Cunha riu do gracejo.

—Bem—disse-lhe Sebastião de Carvalho; se não precisa de mim para qualquer assumpto, dê-me licença que mande chamar o Galvão, com quem preciso de falar particularmente.

—Nada mais tenho a tratar. El-rei vae melhor?

—Tem tido melhoras.

—Até ámanhã.

—Até ámanhã D. Luiz da Cunha. Se encontrar o nosso collega da marinha, diga-lhe que preciso pedir-lhe umas informações urgentes.

—Não veiu cá hoje por sentir-se adoentado.

—Pois sim, mas faça-me o favor de o prevenir.

—Boa noite.

* * *

Entrou Antonio José Galvão, official maior da secretaria dos negocios estrangeiros e da guerra.

Como já sabemos, residia em uma casa que ficava na calçada, que ainda hoje se designa pelo seu appellido.

Fôra elle nos ultimos tempos encarregado por nomeação régia do *exame das correspondencias suspeitosas*, ou como se dissessemos do *Gabinete da abertura* ou *Gabinete negro*.

—Do *Correio-mór* teem-lhe mandado as cartas suspeitas?—perguntou o primeiro ministro.

—Algumas; poucas.

—Pois é preciso recommendar no correio que lhe mandem todas as que parecerem suspeitas.

«No desespero de verem as suas casas de negocio e haveres de mercancia já sequestrados, (*) é natural que os padres da Companhia mandem as suas lastimas e queixas para o estrangeiro.

«E' de esperar que se refiram tambem á enfermidade de el-rei, e é preciso que eu tenha conhecimento do que elles escrevem.

—Tirei copia de uma carta do provincial João Henriques para um jesuita de Roma.

—Diz alguma coisa de importancia?

—Trago-a commigo. Queixa-se das enormes humilhações que lhe tem imposto o cardeal reformador, nosso actual patriarcha, e tem estas palavras de maior significação: *Vae continuando a tormenta com maior violencia.* (**)

—Tem razão o padre provincial de S. Roque.

«A tormenta vae continuando e ninguem sabe ainda a que mares irá dar a barca de Loyola.

«E que mais?

—Uma carta de Malagrida.

—Diz alguma coisa de novo o *santo?*

—Sempre com as suas visões. Eu leio a v. ex.ª uma das passagens mais importantes.

«Esta manhã me appareceu o demonio, debaixo de horrivel fórma, e me ameaçou a mim e á Companhia com perseguição cruel. Se não cessas, me disse elle, de dar exercicios, perseguir-te-hei sem treguas até á morte. E eu lhe respondi: Sáe d'aqui miseravel! (***)

—Galvão, que juizo faz d'essa carta?

—Acho que é uma das muitas maluqueiras de Malagrida.

—Diga-lhe que é maluco e fie-se n'elle! Essa carta refere-se a mim.

—A v. ex.ª?!

(*) Em 22 de agosto de 1758 Saint-Julien participava em officio ao seu governo «que acabavam de ser sequestradas todas as fazendas que os jesuitas tinham depositadas nos seus armazens, e que se esperava que se achassem privados de todos os haveres, para reduzil-os á sua primitiva instituição, que fôra a de mendicantes, etc. (*Quadro Elementar* etc. Tomo VI.)

(**) A copia d'esta carta, como a de outras, foi depois junta ao celebre processo denominado dos Tavoras, ao qual nos havemos de referir mais largamente.

(***) Esta carta vem na Historia de Gabriel Malagrida, pelo padre Mury.

—Sim. Tenho eu a honra de ser, figuradamente, o demonio que lhe appareceu a ameaçar a Companhia, debaixo da *horrivel fórma* de secretario de estado.

«O Malagrida é engenhoso n'essa linguagem figurada. Em elle se referindo ao Anti-Christo e ao demonio, já todos os da Companhia sabem que o caso é commigo.

«Muito cauteloso esse padre a quem julgam malinco; e os da Companhia entendem-no admiravelmente!

«Olhe, o final d'essa carta é bem uma exhortação aos outros para que se não intimidem.

«Não cessar os exercicios quererá dizer não cessar as *diligencias* contra mim. E, apezar da ameaça de o perseguir até á morte, o intrepido jesuita responde: *Sáe d'ahi miseravel!*

«Os outros que aprendam n'esta lição e que façam o mesmo.

«Eu, então, se gostasse do estylo figurado e tivesse tempo que desperdiçar em futilidades, tambem lhe podia descrever a elles o meu sonho.

«Mas não me chega o tempo para essas coisas.

«Por hoje mais nada. Não se esqueça da minha recommendação.

—Fique v. ex.ª descançado. A'manhã cêdo já eu vou ao correio-mór instar pelo exactissimo cumprimento das ordens de v. ex.ª—disse despedindo-se.

Veiu Pedro Teixeira prevenir o ministro de que o Andrade pedia licença para lhe falar.

—Mande-o entrar já, com as precauções do costume. E el-rei?

—Mais animado. Ainda não ha uma hora que esteve a falar muito commigo. Disse-me que havia de recommendar a v. ex.ª que andasse bem acautelado, pois lhe poderiam fazer o mesmo que lhe fizeram a elle.

—Talvez já não tenham tempo para outro commettimento, nem os facinoras nem os seus velhacos instigadores.

—E está no intento de mandar que v. ex.ª, nas suas visitas a cidade, se faça acompanhar sempre de uma companhia de dragões.

—Grandes mercês devo á paternal amisade de el-rei, mas não será preciso que eu me previna com tanto alarde, a não ser em certos casos especiaes. E mesmo assim, tanto bastará para que os meus inimigos espalhem que eu ando tranzido de medo e já não dou um passo que não vá com toda a cavallaria atraz de mim.

—Capaz d'isso serão elles. Ah! é verdade, sua magestade já me perguntou hontem se tinham começado a devassa contra os Tavoras. Ninguem lhe tira da idéa que foram elles os cabeças e principaes executores do abominavel crime.

—Eu irei logo falar com el-rei e informal-o de quanto se tem podido averiguar. Os cabeças estão na Companhia de Jesus; os principaes executores hão de encontrar-se lá em baixo no palacio do José Mascarenhas, o que não quer dizer que os Tavoras estejam absolutamente isentos de culpa. A Marqueza mãe havia de estar no segredo da conspiração, por estimulo proprio e instigação dos jesuitas, e o marido e os filhos iriam para onde ella quizesse.

«Os tiros contra el-rei eram indirectamente para mim.

«A Marqueza não me pode vêr, mas o Duque e a Companhia têem-me um odio de morte.

«Se el-rei succumbisse, estava eu nas mãos d'elles, para subir ao patibulo, emquanto elles subissem os degraus do throno.

«Era um jogo de morte; perderam. Está nas minhas mãos a conta do jogo.

«Quem ficou com el-rei?

—O Marquez de Angeja.

—Bem. Esse não tem duvida. E' amigo devotadissimo de sua magestade e está no segredo do attentado,

«Agora, Pedro Teixeira, mande entrar o Andrade para aqui.

* * *

—Então Andrade, que mais averiguou?

—Que todos os indicios são contra o Duque, e até os pretextos de doença que elle dá para não vir ao paço e os receios com que anda, e que bem se lhe lêem no rosto, ainda mais o compromettem.

«Aquelle boleeiro Francisco da Costa foi um achado. Tem-me dado preciosas indicações.

«Ha dois dias metteu-se de patuscada com o Salvador Durão, o rapaz que tem amores com a creada do Duque; fez-se conhecedôr do que se passou na noite de 3 de setembro, e com muitas promessas de

segredo lhe apanhou a confissão de quanto vio e ouvio.

«Se elle disser no tribunal o que disse ao boleeiro, nem Santo Antonio salva o Duque.

—Mas o que foi que disse?

—Disse que estava á espera da creada para lhe falar ao pé do muro do jardim, quando vio uns poucos de homens embuçados, que entraram para o jardim, depois outros a cavallo, que subiram pela calçada do Galvão. Cheio de mêdo, escondeu-se debaixo de uma pontesita de madeira que ha nas obras de um muro, por detraz de umas pedras. Passados momentos vieram dois creados com uns cavallos á mão e ficaram á espera.

«O Duque saiu com o guarda-roupa e outro homem de calções brancos, que não pôde conhecer. A noite estava clara, viu bem o Duque de capa escura e borjaca encarnada, trazendo na mão uma clavina. Pozeram umas mascaras, montaram a cavallo e metteram tambem pela calçada do Galvão acima. Depois, ouvio uns assobios como de signal.

«Teve mêdo de saír do esconderijo, e ficou-se de ouvido á escuta. Sentio rodar uma carruagem; passado tempo, ouvio uns tiros e em seguida tropel de cavallos.

«Coisa de um quarto d'hora depois, vinham dar á porta do jardim dois ou tres cavalleiros á desfilada. Apearam-se, e tiraram as mascaras.

«Já tinha nascido a lua; via-se como de dia. O Duque bateu trez vezes com a clavina n'uma pedra e disse: *Valham-te os diabos, que quando eu te quero não serves!*

—E as horas?

—Não as sabe dizer ao certo; mas parece-lhe que se metteu no esconderijo depois das 11 e meia e que seria mais de meia noite, quando elles voltaram.

—Mas o depoimento d'esse rapaz com o do boleeiro constituem, a bem dizer, a historia do crime!

—E a rapariga, creada do Duque, tambem ha de saber alguma coisa. E, quando chegar a occasião, o estribeiro Bandeira, o guarda-roupa Manuel Alvares, o irmão Antonio Alvares e o cunhado José Polycarpo e mais o moço João Miguel e os da cocheira tambem ha-de falar, se os apertarem bem.

«Já hoje me disse o Francisco da Costa que se não passa dia em que o Duque se não feche á chave a conversar com os cinco. E lá tem ido varias vezes o cabo de esquadra Braz José, provavelmente da parte de Luiz Bernardo de Tavora.

—E a respeito dos padres da Companhia, o que tem dito o boleeiro?

—Que até uns dias antes de 3 de setembro iam muito a casa do Duque e este visitava frequentes vezes as casas de S. Roque e de Santo Antão e algumas vezes foi á casa dos jesuitas de Arroyos.

—E sabe os nomes dos que mais frequentavam a casa do Duque?

—Nomeou-me uns poucos, de que eu trago apontamento para v. ex.ª vêr.

—Dê cá.

E leu avidamente o papel que o Andrade lhe entregou.

—Exactamente os que eu suppunha! Andrade, que excellente serviço você tem prestado! Admiravel! A devassa tem-na feito você sósinho!

—E ainda não disse tudo a v. ex.ª. O Duque mandou pedir ao boleeiro Francisco da Costa que não contasse a ninguem que o tinha levado na sége ás casas dos jesuitas. Aos moços da cocheira tem recommendado que não falem na saída dos cavallos na noite de 3 de setembro e digam que o viram voltar do paço n'aquella noite, perto das 10 horas, e que depois da serenata não saíra do palacio.

—Desastrado conspirador! Muito se enganaram com elle estes *santos varões* da Companhia!—exclamou o ministro pondo a mão sobre o papel que lhe déra o Andrade.

—E v. ex.ª já sabe que o Duque vae ámanhã com toda a familia e creadagem para a sua quinta de Azeitão?

—Não sabia!

—Disse-m'o ha pouco o Francisco da Costa, que é um bom espião que elle leva comsigo. E, segundo o boleeiro ouviu, foi sua magestade a rainha quem lhe deu licença para sair da côrte.

—Perfeitamente. Sua Magestade a rainha está regendo o reino. Não vae para longe o Mascarenhas. Podia ter fugido para Hespanha, como fez certo duque traidor que houve na casa de Aveiro. Preferiu Azeitão; elle voltará.

«E entre o povo o que se diz?

—Põem as culpas aos Tavoras todos os que não acreditam em certos disparates que para ahi inventaram e que nem eu me atrevo a dizer a v. ex.ª

—Diga. E' preciso que eu saiba tudo.

—Inventaram que foi v. ex.ª que mandou fingir o attentado... V. ex.ª queira perdoar.

—Fale, conte o que ouviu.

—Que mandou dar os tiros para metter mêdo a sua magestade e comprometter os padres jesuitas e os Tavoras.

—Essa deveria de ser invenção dos padres de S. Roque, se não fosse tão estupida!

«E, n'esse caso, como explicam a noticia da quéda de el-rei?

—Dizem que é disfarce de v. ex.ª em quanto não resolve sua magestade a mandar criminar os jesuitas e os Tavoras.

—Está claro! Para metter medo a el-rei e obter d'elle uma certa concessão, corria o risco de o mandar matar, o que podia muito facilmente succeder por qualquer precipitação ou engano dos executores!

«De que tolices é capaz a imaginação humana!

—Tambem ha quem diga que os tiros foram dados na ponte d'Alcantara contra a sége de Pedro Teixeira e que os mandára dar o Duque, em vingança de certas offensas de palavras, que em tempo recebêra do particular de el-rei.

«E' contam então que uma vez, aqui no paço, o Duque deu uma ordem que o Teixeira não quiz cumprir e que então D. José Mascarenhas, assomadiço como é, lhe chamára alcaiote e o Teixeira replicára que já o tinha sido da Duqueza e da filha.

—E para dar cabo do Teixeira era então preciso todo aquelle espalhafato de homens a cavallo e de mascarados!

«E depois, o Teixeira escapou e el-rei é que está doente?!

—Dizem que era el-rei que ia na sége com o Teixeira e por engano levou os tiros.

—Boa novella para idiotas. E nada mais inventaram?

—Outros dizem que nem houve tiros nem sua magestade está doente, e tudo tem sido fingimento para depois accusar do attentado os padres da Companhia.

—Essa é que talvez seja inventada por elles. Bem; o caso é que está descoberto o principal executor do crime e já conhecemos os seus instigadores. Tudo o mais são pataratas de soalheiro para entreter os tolos.

—V. Ex.ª determina alguma coisa?

—Não. Espere. Mande espionar a quinta de Azeitão e mantenha relações com o boleeiro Francisco da Costa.

—Isso tinha eu já combinado com elle.

—Volte agora as suas pesquizas para o lado dos Tavoras. Mas depressa, porque o julgamento não pode tardar.

—Vou immediatamente cumprir as ordens de v. ex.ª

—Em poucos dias receberá a condigna retribuição dos seus valiosissimos serviços.

* * *

Sebastião de Carvalho ficou relendo o apontamento indicativo dos jesuitas que mais tinham frequentado a casa do Duque.

—Padres—dizia com os olhos fitos n'aquelles nomes — comprehendo esse desespero e esse odio contra mim, mas as vossas roupêtas hão de chegar para amortalhar a Companhia.

«Talvez se vos não prove o crime de alliciadores como a chatinagem se provou. Deixal-o. Respondeis uns pelos outros; pelos que empurraram D. Sebastião para Alcacer-Kibir e pelos que se rebellaram contra D. José nas terras do Paraguay. Está sobre vós o libello de dois seculos. Eu serei na historia o vosso coveiro.

«Ainda contáes com o patrocinio de Roma—disse erguendo-se—e nem Roma vos pode valêr.

«Templarios negros, para vos excommungar em nome de uma nova civilisação, o pontifice agora sou eu.

XI

A CAÇA AOS REGICIDAS

Já em convalescença, el-rei passou da sua camara para um gabinete contiguo, na tarde do dia 9 de dezembro, ou mais de tres mezes depois do attentado contra a sua vida.

Sebastião de Carvalho estava com D. José desde manhã.

Vieram apresentar-lhe as suas homenagens os altos dignitarios do paço, a principiar pelo marquez de Angeja, com a sua chave doirada de gentil-homem da camara.

Estavam presentes os secretarios de estado D. Luiz da Cunha Manuel, que, como como já sabemos, era o ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, e Thomé Joaquim da Costa Côrte-Real, ministro da marinha e negocios ultramarinos. Acompanhava-os José de Seabra da Silva, um dos melhores collaboradores de Sebastião de Carvalho, e a bem dizer um sub-secretario d'estado.

El-rei, muito emmagrecido e pallido, falou-lhes affectuosamente na sua voz ainda fraca e muito cortada de cansaço. Pareciam um pouco avelhentados os seus quarenta e quatro annos, talvez por effeito da barba crescida, na qual de onde em onde luziam alguns cabellos brancos.

Durou alguns minutos apenas a recepção. Sebastião de Carvalho ficou sósinho com D. José.

—Disseste-me que o José Mascarenhas tinha ido para Azeitão com licença da rainha.

—Disse, meu senhor.

—Ainda lá está?

—Tenho razões para poder affirmar a vossa magestade que ainda hontem á noite lá estava.

—Pois é preciso mandar-o avisar de que retomei eu o governo d'estes reinos, e quero que o meu mordomo-mór esteja no paço.

—Se vossa magestade quizesse permittir que elle estivesse lá por mais alguns dias...

—Para quê?!

—Para vir mais seguro, e não já como mordomo-mór, senão como réo do mais nefando crime que um portuguez podia intentar.

—E tu a não quereres ver... outro criminoso!

—Perdão, meu senhor. Vejo outros, os perversos jesuitas que o instigaram...

—E os Tavoras, os Tavoras!—interrompeu o rei, afogueando-se. Não os desculpes... não os esqueças!

—E esses tambem, meu senhor, bem que sejam ainda insignificantes os indicios contra elles.

—Eu sei bem o que a Marqueza velha disse uma vez á nora... Quando D. Thereza me pedia, com grande espanto meu... pois nunca a ouvira falar assim... quando me pedia, n'aquella funesta noite, que lhe desse valimento na côrte, que fizesse d'ella o que a Pompadour é em França, a razão que me dava era que isso faria calar a sogra e abrandar-lhe os despeitos... na esperança de obter... n'essa maré de predominio, o seu desejado titulo de duqueza...

E el-rei interrompeu-se cançado.

—Mentira da Thereza Tavora—dizia comsigo Sebastião de Carvalho—mentira e allegação estupida, que lhe tiraria o direito de ser uma sombra sequer da Pompadour.

—Mas tu não vês senão o Mascarenhas e os jesuitas!

—Senhor, eu hei de acatar e cumprir, como sempre, as ordens de vossa magestade, mas peço licença para observar lealmente que podemos ter provas testemunhaes esmagadoras contra o Duque e que temos já abominaveis indicios da cumplicidade moral, clandestina, de certos padres da Companhía.

«E quer vossa magestade saber a denuncia que recebi ainda hontem?

—Dize.

—Que o padre Malagrida prophetisava de Setubal que em certo dia do mez de setembro da era de 1758 succederia em Lisboa uma terrivel catastrophe, que seria de lucto e espanto.

«Era a morte de vossa magestade que elle prophetisava, a morte resolvida nos infernaes conciliabulos de S. Roque e do palacio do Duque!

«E tanto com isso contavam, meu senhor, que um companheiro do *santo* Malagrida narrava a outro padre da Companhia um significativo sonho, que vem exposto n'esta carta. Só ha dias foi casualmente encontrada no forro da batina de um noviço, que á saida de Setubal fôra preso por suspeito e se conservava em custodia havia cerca de quatro mezes.

«Se vossa magestade m'o permitte, eu leio.

—Lê.

E o ministro leu pausadamente a carta que tirára do bolso.

«De todo me conformo, meu veneravel irmão, com o vosso parecer de obrigar o Santo Officio a accender fogueira para o *Impio,* logo que o *Maior* acabe.»

—Na linguagem figurada do companheiro de Malagrida—explicou Sebastião de Carvalho—o *Impio* sou eu; o *Maior* é vossa magestade. Mas eu continúo:

«E parece que a propria Virgem e o seu Menino me deram a visão das vossas resoluções, n'este meu sonho que tive hontem e passo a contar-vos:

«Vi jazendo em sangue o que podia ser arbitro de um povo e era açoite da santa igreja nas mãos de um impio. Um arauto annunciava a catastrophe e os cirios ardiam em volta de um alto catafalco.

«Depois, surgiu nos ares a bella imagem de Santo Ignacio, com a sua roupêta constellada de angelicos fulgores, e appareceu uma grande praça, que muito se assimilhava ao Rocio de Lisboa. O *Impio* ia passando de carocha na cabeça, o sambenito sobre os seus trajes de gala, a bocca opprimida n'uma dura mordaça, para que ninguem lhe podesse ouvir as blasphemias, e assim o queimaram e lhe lançaram as cinzas ao mar, que as vomitou em convulsões de nojo para o abysmo aberto do inferno, onde estava ardendo a alma do que fôra seu esteio e cumplice.

—Isto basta. Não canço mais a benevolencia de vossa magestade.

«O sonho é claro, meu senhor.

«Se matassem vossa magestade, atirar-me-hiam a mim para uma fogueira do Santo-Officio.

«E' a condemnação que me reservam, para quando vencerem, e hão de vencer, se ficarem impunes. Escorregam-nos debaixo dos pés como as serpentes.

«Só vejo um meio de os deixar em paz, sem vossa magestade ficar em perigo.

—Qual?

—Despedir-me el-rei do seu serviço, depositar os sellos do Estado em S. Roque, e mandar a sua carta de saudação ao Geral Lourenço Ricci.

—Sebastião de Carvalho!

—Perdão, meu senhor. Figurei apenas uma hypothese, que é absurda, porque é vossa magestade o rei de Portugal.

«Na indignação com que a repellis, Senhor, vejo eu a comdemnação da Companhia.

—Mas tu proprio me informaste que os Tavoras estavam tambem muito com os jesuitas e se tinham congraçado com o Duque!

—Informei a verdade a vossa magestade.

—Já vês que não foi por bons que elles assim procederam.

—Cairá sobre todos a justiça de vossa magestade.

«Maior sentença e maior patibulo.

—E a devassa?

—Tem já o caminho aberto.

—Quando começa então o processo?

—Se vossa magestade quizer, dentro de quatro dias.

—Quanto antes.

—Com tal resolução contava, meu senhor, e por isso trago uns decretos para vossa magestade ver, e rubricar se merecerem a sua approvação.

—Dá cá. De que trata este tão extenso?

—E' a declaração official que vossa magestade se digna de fazer aos seus vassallos, revelando-lhes o torpe e sacrilego attentado contra a sua augusta pessoa. Aqui se allude á nefanda prophecia de que a vida de vossa magestade não seria duradoura e não iria além do mez de setembro. Resumida a execranda conspiração, estabelece-se que todas as pessoas que descobrirem ou denunciarem os réos e seus cumplices serão premiadas conforme suas categorias e serviços.

«Promette vossa magestade que os denunciantes plebeus serão feitos nobres, e os que já o forem, obterão maiores fóros, titulos, regalias e proventos.

«Os declarantes que forem cumplices serão perdoados. Aos que capturarem os réos serão concedidas mercês correspondentes ao valor do serviço prestado.

«Para tornar mais facil a prisão dos criminosos se dá especial jurisdicção aos magistrados do reino e seus dominios, sem excepções de logar e de privilegios, e se concede que qualquer particular os possa seguir e capturar, seja onde fôr, comtanto que depois de presos os leve logo á presença do ministro da vara branca do logar em que se effectuar a captura.

«E' encarregado o dr. Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira (*) de dar execução e fazer affixar o decreto por edital em todos os logares publicos de Lisboa e seu termo e de remetter copias para o mesmo fim a todas as cidades e villas do reino. (**)

—E' datado d'hoje—disse o rei olhando para o final do decreto.

—E' sim, meu senhor, mas, se vossa magestade não mandar o contrario, só no dia 13 se tornará publico.

—Porque?

—Por causa de umas precauções que é necessario tomar, antes que os suspeitos réos tenham aviso de que se vae proceder contra elles.

—Basta a rubrica?

—Basta, meu senhor.

—E este?

—E' o decreto em que vossa magestade ha por bem crear um tribunal especial para o julgamento de taes abominaveis crimes.

«Designar-se-ha—*Suprema Junta da Inconfidencia.* Será constituido desde já pelos tres secretarios de estado, na qualidade de presidentes sem voto, do desembargador Cordeiro Pereira, que será o juiz relator, e do desembargador Oliveira Machado, escrivão com voto.

«Depois, será necessario nomear outros juizes adjuntos, dois para os desempates e um procurador para os réos.

«Eu terei a honra de trazer a vossa magestade o decreto d'essas nomeações.

O rei rubricou o decreto creando a *Suprema Junta da Inconfidencia.*

—E este?

—E' o decreto de nomeação dos magistrados que hão de ir prender os suspeitos criminosos.

—Todos no mesmo dia?

—Todos, meu senhor.

—E se o Duque ainda estiver em Azeitão?

—Lá mesmo será preso.

—Aqui não se trata dos padres da Companhia?

—A respeito d'esses vossa magestade se dignará ordenar que as casas da *Sociedade* sejam cercadas de tropa no mesmo dia em que se fizerem as prisões, e n'ellas fiquem retidos até ulterior determinação.

El-rei sentia-se fatigado e abatido.

—Estou ainda muito fraco. Vou descançar. Chama o Pedro Teixeira.

Veio o creado particular e elle e o ministro ampararam o rei até á camara de dormir.

D'ahi a algumas horas reuniam-se na casa de despacho dos secretarios d'estado, no paço da Ajuda, os tres ministros e os dois desembargadores já nomeados.

Foi resolvido que os processos seriam *verbaes e summarissimos* e a respeito d'el-

(*) Era do conselho de estado, deputado da *Mesa da consciencia e ordens* e chanceller da *Casa da Supplicação.*

(**) Vide *Historia do reinado de el-rei D. José*, Tomo II, documento n.º 13.

les se guardaria *segredo absoluto e inviolavel.* (*)

No dia seguinte eram apresentadas ao incompleto tribunal todas as indicações colhidas pela policia clandestina, as quaes constituiriam a base fundamental da devassa.

* * *

Sobre a madrugada do dia 13 de dezembro, gélida e torva madrugada de inverno, notava-se em certas ruas de Lisboa e, especialmente em Belem e na Ajuda, um estranho movimento de tropas de cavallaria e infanteria.

Fortes destacamentos de infanteria para as bandas de S. Roque, da Cotovia e de Santo Antão; uma companhia de dragões mettia a trote pela estrada de Arroyos; um grande troço de cavallaria embarcava em faluas no *Caes dos Soldados*, com destino á Outra Banda; escoltas de dragões acompanhavam a passo carruagens, que eram seguidas de pequenas forças de infanteria.

Mal tremeluzia a madrugada. Os soldados iam enregelados de frio, bafejando as mãos; recortavam-se na penumbra como sombrias figuras, movendo-se com uma regularidade mechanica de automatos.

Raros madrugadores assomavam ás janellas, muito embuçados, attrahidos pelo ruido dos cavallos e pelo passo cadenciado da infanteria.

Viam-se luzes no paço da Ajuda. Os secretarios de estado estavam reunidos na sala de despacho.

Em baixo, no palacio de Belem, tambem havia luzes. Em volta do edificio rondavam patrulhas de cavallaria. Uma companhia de dragões e outra de infanteria estacionavam defronte da porta d'arco do chamado *Pateo dos Bichos*.

Muitos dos antigos monarchas de Portugal tinham tido nos paços reaes jaulas com animaes ferozes de estranhas regiões. Nos paços da Alcaçova houve uma casa onde estiveram leões africanos; nos paços da Ribeira uma *casa dos bichos*, na qual existiram certamente excellentes exemplares da fauna asiatica e americana. (*)

No palacio que fôra dos condes de Aveiras e se denominava agora *real paço de Belem* tambem havia um pateo dos bichos. Viéra-lhe este nome de ali terem estado em jaulas alguns exemplares da fauna colonial.

No pateo havia luzes. Alguns carpinteiros completavam apressadamente umas divisorias e assentavam portas em compartimentos, que desde a vespera tinham começado a fazer, sem saberem explicar com que fim.

Caía uma tenuissima claridade sobre o rio de aguas barrentas e revôltas; ouvia-se ulular o mar das bandas da barra; as estrellas iam morrendo lentamente no ceu e as montanhas da Outra Banda esbatiam-se no horisonte sob os timidos alvores da madrugada.

De espingardas descançadas, o couce das coronhas firme no chão, a bocca do cano muito encostada ao hombro esquerdo, os soldados de infanteria desinteiriçavam as mãos esfregando-as. Em grupos os officiaes segredavam commentarios.

De cabeças pendidas os cavallos dos dragões pareciam dormitar. De quando em quando, algum mais impaciente escarvava o solo ou erguia a cabeça, resfolegava energicamente, levantando um como

(*) São estes os precisos termos do *Processo dos Tavoras*, conforme a denominação vulgar.

No archivo do ministerio da justiça existe encadernado um volumoso livro manuscripto que tem este titulo: *Traslado authentico do processo crime que tem por objecto o execrando insulto da infausta noite de 3 de setembro de 1758.*

O original existia, ao que parece, no archivo da Casa Real.

O processo encerrou-se com 387 meias folhas.

Sendo ministro da justiça, o sr. conselheiro Julio de Vilhena obteve permissão de el-rei D. Luiz para mandar tirar o traslado authentico a que nos referimos, e que nos foi possivel ler e examinar n'aquelle ministerio, graças a uma insigne fineza do primoroso escriptor e illustre academico sr. conselheiro Silveira da Motta, director geral d'aquella secretaria d'estado.

Poucas pessoas terão visto o primitivo processo. Não o viu o sr. Simão José da Luz Soriano, como se deprehende de um trecho de paginas 366, do tomo I da sua *Historia do reinado de el-rei D. José.*

Quando esta obra se publicou ainda não estava feito o traslado que nos foi dado consultar.

(*) A'cerca d'este assumpto é interessantissimo o artigo que o illustre escriptor e notavel erudito sr. dr. Souza Viterbo publicou recentemente na *Revista Colonial e Maritima*, sob este suggestivo titulo: *Os leões de D. João I.*

farrapósito de neblina em volta das ventas dilatadas e cortava a modorra da madrugada com um relincho estridente de insoffrido animo.

Ia-se repetindo o cantar dos gallos á maneira que a manhã se avisinhava.

Para as bandas do palacio do duque de Aveiro os cães latiam desesperadamente.

Os carpinteiros davam as ultimas marteladas lá dentro do *Pateo dos Bichos*.

Estavam promptos os cubiculos, pouco maiores do que jaulas.

Para quê? Para quem?

Alguns segredavam que seria para encerrar ali os Tavoras, que tinham dado os tiros no rei.

Já se falava na criminalidade do duque de Aveiro, mas o povo assignalava o crime, como depois assignalou o processo, com este unico distico, porventura iniquo: *Os Tavoras*.

* * *

Está cercada de infanteria e de um cordão de cavallaria a casa do marquez D. Francisco de Assis, no Cruzeiro d'Ajuda. A' porta parára uma carruagem. Junto d'ella falavam baixo dois homens. Um d'elles está envolvido n'uma grande capa e parece um alto magistrado da justiça, o outro, veste o uniforme de official superior do exercito.

Entrêmos em casa do velho Marquez.

A chegada das tropas fôra percebida momentos antes. Contêmos como.

D. Francisco de Assis havia sido convidado para um baile em casa de uma familia ingleza e ainda não tinha voltado.

Attribulada de receios, sempre na suspeita de alguma temerosa cilada, que os disfarces no paço pareciam encobrir e que os boatos do povo andavam a justificar, a Marqueza não se deitára, e ficou esperando o marido, ora a dormitar n'uma grande poltrona antiga, ora de joelhos no seu genuflexorio de marfim e almofadas de veludo lavrado do Oriente, ante o oratorio de prata de uma imagem da Senhora dos Afflictos, ingenua esculptura de marfim que lhe haviam offerecido na India.

No seu quarto, José Maria de Tavora velára até alta noite e adormecêra afinal encostado á meza, a chorar sobre a ultima carta de Branca, apertando contra o coração a fita escarlate que n'outro tempo cingira os negros cabellos da linda irmã de Jorge Gustavo.

Eram já cinco horas quando a Marqueza, cançada de rezar, se foi sentar na poltrona, encostando ao largo espaldar estofado o seu busto, ainda gentil.

Dormitava.

Estranha successão de sonhos lhe agitava o espirito irrequieto.

Era a vice-rainha da India. De rojo a seus pés, como cortezãos, os rajahs magnificentes. Em festa, inundadas de luz, as salas do palacio de Pangim, e, nas suas molduras doiradas, os velhos viso-reis, uns que tinham sido heroes e gigantes, outros que foram apenas satrappas e chatins.

E um sorriso de orgulho desfranziu os labios d'aquella que fôra a mais extraordinaria formosura da côrte.

Mas logo o sorriso se lhe apagou e uma expressão de triumphal soberba lhe endureceu os tons suaves do rosto.

El-rei morrêra dos tiros. Tinham acabado as exequias; o fêretro real fôra encerrado na crypta de S. Vicente de Fóra. Voltaram á Ajuda. D. José Mascarenhas recebia as saudações da côrte, nos hombros o manto resplandecente, e dizia-lhe:

—Senhora Duqueza de Tavora, tendes um logar ao pé do throno.

Como nas rapidas mutações de um theatro, aquelle sonho desappareceu e outro veiu substituil-o, tragico, funéreo, horroroso.

Com um sorrir de infernal escarneo o ministro odiado apparecia ao lado do rei, tôrvo de coleras. Depois, rompiam-se umas nuvens negras, listradas de sangue, e via-se uma longa praça onde a multidão gritava:

—Foram os Tavoras! Foram elles que deram os tiros em el-rei.

Muito pallida, os labios crispados, o seio arquejante, a Marqueza rouquêja, agitando os braços;

—Mentira! Mentira!

E a multidão afastou-se gritando sempre:

—Os Tavoras! Fôram os Tavoras!

Viu então um patibulo, os verdugos, e lá em cima do tablado o ministro, com a estatura maior, o olhar mais torvo e cruel.

—D. Francisco de Tavora! José Maria de Tavora!

Pareceu-lhe que por estes nomes chamava o carrasco e outra vez rouquejou:

—Não foram! Não foram elles. Se é preciso matar alguem, aqui me têem. Eu saberei morrer como os homens que não têem mêdo da morte.

E o carrasco a repetir

—D. Francisco de Tavora! José Maria de Tavora!

De subito, escutou. Sentia-se tropel de cavallos, o ruido cavo de muitos passos, o rodar de uma carruagem.

Foi para a janella cambaleando. Espreitou pelas vidraças, vinham a pouca distancia muitos vultos, homens a cavallo e a pé, atraz uma carruagem.

—Senhora dos afflictos! São soldados! Estão a cercar a casa! E Francisco sem chegar!

Correu como louca para o quarto do filho e baten-lhe á porta de manso, repetidas vezes.

A Marqueza avisando o filho

E ouviu tropel de cavallaria e viu o marido e o filho entre as alas dos soldados, no caminho do patibulo.

—Não foram! Não foram!—suppunha gritar, e apenas lhe saiu da garganta um lugubre rouquejar como de estertôr.

Despertou a tremer muito, o coração a bater-lhe doidamente, os olhos cegos de lagrimas.

—Valha-me Nossa Senhora, que pavôr de sonho!

—José! José! Estamos perdidos, filho!

—Mãe, que afflicção é essa?!—perguntou-lhe o filho, levantando-se.

—Soldados... a cercarem a casa! E teu pae que ainda não voltou!

José Maria de Tavora foi á janella.

—Assim é. Mãe, é preciso ter animo. Recolha-se ao seu quarto.

—E tu, filho?

—Eu irei saber o que pretendem de nós.

«Se um homem bastar á vingança dos que nos odeiam, eu sou o que faz menos falta.

—Isso não, filho! Tu estás innocente, como nenhum!

—Irei como se fosse o unico dos Tavoras. Direi o que elles quizerem que diga.

—Filho, pelo amor de Deus! Peço-te, imploro-te que tal não faças! Nem tu, na tua edade, terias animo para tanto. Dize que estás innocente, e Nosso Senhor te dê coragem para nada revelares.

—Isso lhe juro eu, mãe; ainda que seja preciso morrer.

Ouviram-se fortes e repetidas pancadas na porta. Dois ou tres soldados batiam rudemente com as coronhas das espingardas.

—Estão com pressa. Mãe, peço-lhe: vá para o seu quarto. Isto ha de ser questão só com os homens.

E beijou-a dizendo comsigo.

—Talvez o ultimo beijo!

—Vê lá, José! Não tenhas receio por mim.

—Mãe, vá tranquilla. Feche por dentro a porta do seu quarto e queime algunpapeis que lhe pareçam perigosos.

Bateram novamente com mais violencia.

E logo que a mãe saiu, livida, hesitante, os passos vacillantes, José Maria de Tavora, correu á meza.

—Eu só tenho estes para queimar—e foi juntando á ultima carta de Branca as outras que tinha n'um pequeno cofre.

Queimou-as rapidamente. As mãos a tremerem-lhe, as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos.

Novas coronhadas á porta. Sentiam-se os passos dos creados. Um d'elles perguntou para fóra:

—Quem bate?

—Abram em nome de el-rei!

—Acabou-se tudo!—dizia em cima José Maria de Tavora. E chega a ser pena que a vida se não acabe assim depressa, como estes pedaços de papel!

«Branca, está desfeito em cinzas o meu pobre sonho, meu adorado amor!

—Meu senhor—tartamudeou um creado á porta. Está a casa cercada de soldados; mandam abrir em nome de el-rei!

—Abre. Accendam luzes na sala grande. A madrugada ainda está escura.

Relanceou um olhar para as cinzas e outro para a meza.

—Não, isto não fica, nem se queima—disse pegando na fita escarlate. Irá nos meus cabellos como a imagem d'ella vae na minh'alma.

E atou a fita nos seus cabellos louros.

Sentiam-se muitos passos e vozes na escada, o bater das espingardas nas lages do pateo.

—Vamos lá, conjurado de vinte e dois annos, que nem sabes a tua culpa. Vamos lá, e talvez para nunca mais voltar!

Poz machinalmente a espada, mas logo, como arrependido, desapertou o talim e arrojou-a ao chão.

—Ficarás no espolio. E's um movel mais para o sequestro; não uma insignia de honra que eu vá entregar aos esbirros.

E foi para a sala grande. Já lá estavam o desembargador, o official superior, dois officiaes da escolta e um meirinho com dois pares de algêmas.

As luzes do lustre faziam realçar o preto brilhante da toga do juiz e as guarnições doiradas dos uniformes militares.

—Tardam!—extranhava o desembargador. Terá esta casa algum esconderijo ou caminho subterraneo por onde possam fugir?!

—Os Tavoras que vem prender não fogem!—disse altivamente da porta da sala o moço capitão.

Produziu um grande movimento de surpreza esta apparição theatral do juvenil capitão de cabellos de oiro, como os archanjos, varonilmente formoso e soberbo, como se fosse o derradeiro representante de uma raça patricia.

—Por ordem de sua magestade el-rei, nossó senhor, venho prender e levarei sob custodia ao marquez D. Francisco de Assis de Tavora, mestre de campo general, e a seu filho José Maria de Tavora, capitão e ajudante de suas ordens.

—Meu pae não está. Foi a um baile; ainda não voltou. Elle se irá dar á prisão.

—A sua espada?—perguntou-lhe o official superior.

—Para a não humilhar entregando-a, deixo-a entre os moveis da casa.

—Sua mãe, a sr.ª Marqueza?—perguntou o desembargador.

—Está nos seus aposentos. E' tambem para ella a ordem de prisão?!

—E'; mas ficará aqui sob custodia

O meirinho algemou José Maria de Tavora, e d'ali a instantes o metteram na carruagem e levaram para o *Paleo dos Bichos*.

A mãe soluçava no recato do seus aposentos e só enxugou os olhos e readquiriu a sua altivez de rainha, quando o meirinho lhe bateu a porta da camara, para lhe ser intimada a ordem de prisão.

* * *

A'quella mesma hora haviam tambem sido cercadas as casas de Luiz Bernardo de Tavora, de D. Jeronymo de Athaide, conde de Athouguia, de Manuel de Tavora, conde de Villa Nova, de D. João de Almeida Portugal, marquez d'Alorna, de D. Manuel de Assis Mascarenhas, conde de Obidos, de D. Guido Augusto da Camara, conde da Ribeira Grande, de D. Manuel de Sousa Calhariz, do desembargador Antonio da Costa Freire, e todas as casas conventuaes da Companhia de Jesus.

O troço de cavallaria, que alta madrugada estava embarcando no Cáes dos Soldados, foi transportado para Aldeia Gallega e d'ali seguiu, simulando tomar o caminho de Evora. Iam com o regimento o desembargador da *Casa da Supplicação*, José Antonio de Oliveira Machado, e o escrivão Luiz Antonio Leiros.

A cavallaria havia de cercar a quinta do do duque de Aveiro em Azeitão. O desembargader Machado prenderia o Duque e os seus familiares que levava designados em uma relação.

* * *

São quasi 9 horas da manhã. Os frequentadores da *pastellaria dos arcos*, em Belem, estão ouvindo lêr dois longos editaes, um d'elles enorme, que acabaram de affixar nos pilares da arcada. O maior contem o decreto em que el-rei torna publico o attentado de regicidio e faz as promessas de premio, de que já temos indicação, aos que denunciarem ou prenderem os suspeitos implicados no crime.

O outro comprehende um decreto datado d'aquelle mesmo dia 13, prohibindo que qualquer subdito portuguez saia do districto do seu domicilio, sem ter provado a sua identidade de pessôa perante o respectivo magistrado, que só lhe permittira a saida depois d'aquella prova e de saber o destino que toma, o fim da jornada, o caminho que intenta seguir e o tempo provavel da demora; indicações que serão registradas no respectivo passaporte.

—Bonito arranjo!—commentava a meia voz um dos leitores do segundo edital. Então se eu tiver fóra d'aqui uma cachópa que me dê trêla, tenho de ir declarar para onde vou, com que fim, porque caminho e com que demora, e tudo *p a pá Santa Justa*, escarrapachado no passaporte!

E se o juiz ou qualquer patife de qualquer meirinho da terra para onde fôr se lembra de pedir o papel, lá fica a rapariga desacreditada para todos os dias da sua vida!

—E você com os ossos n'um feixe, se o meirinho é parente ou adherente da cachópa—commentou um a rir.

—Pois eu cá—observou outro, que tinha acabado de ler o primeiro edital—se apanho á mão algum dos malvados que deram os tiros em sua magestade, filo-o, sem mais *tirte nem guarte*, levo-o ao ministro da vara branca, e zás, trás, fazem-me logo nobre d'estes reinos.

—E se apanhaes dois, compadre Thomaz Repolho, são capazes de vos fazer marquez.

—E não era um titulo feio. *Marquez de Repolho* ficava bem.

Grande risota.

—Vocês riem-se—admoestou um velho—mas outros a esta hora estão a chorar. Já passaram uns poucos para as Torres, e dizem que além, no *Paleo dos Bichos*, estão aferrolhados os *Tavoras* quasi todos!

—Então? Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

—Os soldados andaram esta madrugada n'um corrupio. Olhem vocês: Nunca vi tanta tropa junta ali na praça!

—O macacão do Duque é que se escapulio p'ra Azeitão, por causa das duvidas.

—Passa lá o Natal.

—Isso passa elle. Se não dá ás de Villa Diogo p'ra Castella, deitam-lhe as unhas, tão certo como estarmos nós aqui.

—E os jesuitas? Tive de ir esta madrugada para as bandas de S. Roque, e encontrei a casa dos padres toda cercada de soldados!

«E elles a apparecerem ás janellas á laia de grillos que estão a vêr se podem fugir da gaiola!

—Pois agora que se ponham a cantar, que o homem da cabelleira lhes dará alface.

—Aquillo é que é *homem* de fêveras damnadas! Quando faz as coisas, é logo assim de estalada, que vae tudo raso!

E assim, entre assombrado e facêto, ia o povo commentando os extraordinarios acontecimentos d'aquella manhã.

* * *

Vamos ao paço da Ajuda. Na sala de despacho estão com os dois secretarios de estado, D. Luiz da Cunha Manuel e Thomé Joaquim da Costa Corte Real, os desembargadores Dantas Pereira, Cunha e Araujo, José de Seabra, Tavares de Sequeira, Novaes e Campos, Pedro de Carvalho, Oliveira Brandão e o corregedor Lagôas.

Eram estes os magistrados que haviam sido encarregados de effectuar as prisões.

Tinham informado Sebastião de Carvalho dos resultados do seu encargo e aguardavam ordens.

Na sala contigua esperavam tambem os officiaes do exercito, que os tinham auxiliado, e quaes eram os brigadeiros Sousa e Garcez Palha, o coronel Mattos, os tenentes coroneis Lagos e Bastos, o sargento-mór de cavallaria Domingos Correia, e os capitães Pereira do Lago e José Miguel.

Entrêmos na camara de el-rei. D. José estava sentado ao pé do leito. Levantára-se havia apenas alguns minutos. De pé, junto d'elle, o Pedro Teixeira.

Sebastião de Carvalho informava-o das prisões.

—Estão presos os Tavoras e os seus familiares. As casas ficaram cercadas de tropas e vigiadas interiormente por numerosas setinellas. Logo que vossa magestade o determine, começarão as buscas domiciliarias.

—Quando te parecer conveniente. E o Duque?

—A esta hora estará tambem preso.

—Se de cá lhe não foi algum aviso e não fugiu para Hespanha.

—Era vigiado. Não terá fugido. Em poucas horas espero receber informações de Azeitão.

«Foi para lá o desembargador Machado e conto que terá cumprido o seu dever.

—As duas marquezas de Tavora?

—Estão presas em suas praprias casas com sentinellas á vista. Vossa magestade mandará o destino que hão de ter.

—Qual é o teu parecer?

—Que desde já sejam recolhidas em mosteiros.

—A Marqueza velha tambem?!

—Assim me parece, meu senhor, emquanto no processo se não apuram as suas culpas.

—Em que mosteiros?

—Já tinha pensado no assumpto e trago aqui o apontamento para submetter á resolução de vossa magestade.

—Dize lá.

—Para o convento de Santos a marqueza nova, D. Thereza de Tavora.

—Está bem.

—Para o convento do Grillo a Marqueza mãe.

«A condessa de Athouguia poderá ir para o de Marvilla e a marqueza de Alorna para o de Chellas.

—E a Duqueza?

—Logo que chegar, irá para o convento do Rato, se vossa magestade não resolver outra coisa.

—Está bem. Depois, a respeito dos Tavoras, eu te darei ordens especiaes.

—E como sempre, meu senhor, serão fielmente cumpridas.

—O Luiz Bernardo?

Está no *Paleo dos Bichos* com o pae, o irmão e o conde da Athouguia. O Duque irá para lá, mal que o tragam de Azeitão.

—Ao marquez D. Francisco prendi-o eu proprio.

—Tu!

—Eu, meu senhor. De madrugada D. Francisco recolhia de um baile, quando encontrou a casa cercada de cavallaria.

«Percebeu que se tratava de assumpto grave, e não quiz entrar em casa. Mandou rodar a carruagem para o paço e aqui me

appareceu, estranhando que se tivessem movido as tropas de cavallaria, sem seu conhecimento, sendo ahás o director e inspector geral d'aquellas tropas, e dizendo-me que, se a sua casa estava cercada para o prenderem a elle, aqui vinha apresentar se as ordens de vossa magestade.

—Falso como Judas! Vinha apparentar innocencia!

—Approvei-lhe a resolução e dei-lhe a voz de preso em nome de vossa magestade. Fez-se muito pallido e entregou-me o espadim e o bastão, que passei ás mãos de D. Luiz da Cunha, e do conde de Soure, (*) que estavam presentes.

—Fizeste bem. E o processo?

—Póde começar já.

—Brevidade n'isso.

—De dia e de noite se ha de trabalhar; a vossa magestade o prometto. E desde já peço licença para a *Suprema Junta da Inconfidencia* funccionar na sala maior da *Quinta do Meio*. Fica bem proxima do logar onde se commetteu o infamissimo attentado.

—Pois sim.

Despedio-se do rei, beijando-lhe a mão, e foi ordenar aos magistrados que fossem immediatamente proceder ás buscas domiciliarias em casa dos presos, á apprehensão e exame dos papeis que lhes parecessem suspeitos.

A' noite era preciso que tudo estivesse concluido.

* * *

Já noite cerrada desembarcava no cáes de Belem uma forte escolta de tropa com o Duque, a Duqueza, as filhas, o *marquezito de Gouveia* e quasi todos os familiares de D. José Mascarenhas.

Conforme as ordens já dadas, o Duque foi mettido no *Paleo dos Bichos* com os familiares de quem havia maiores desconfianças. Ficavam isolados em pequenos cubiculos. A Duqueza foi conduzida logo para o convento do Rato, as filhas para outros recolhimentos, o marquezito para o forte da Junqueira.

Notou-se que a ordem para a recepção dos presos não combinava completamente com a relação que o desembargador Machado levára para Azeitão.

O desembargador ficou amargurado e foi logo açodadamente ao *paço das Damas* para falar a Sebastião de Carvalho.

—Sr. Desembargador. Já sei que v. s.ª vem informar-me que estão cumpridas as ordens de sua magestade.

—Venho participar a v. ex.ª que o duque d'Aveiro está já no *Paleo dos Bichos*. A Duqueza lá foi lavada em lagrimas para o mosteiro do Rato. Muito lhe custou a apartar-se dos filhos! O *Marquesito* foi escoltado para o forte da Junqueira.

—Fez-se então a diligencia sem maior novidade?

—Exactamente como estava planeada. Simulámos seguir o caminho de Evora, e, percebendo nós que na quinta haviam ficado tranquillos, a cavallaria voltou para traz a galope e o capitão Moreira pôz logo cerco á propriedade.

«Entrámos, e o meu escrivão Leiros approximou-se do Duque, que estava muito enfiado e tremulo, e deu-lhe a voz de preso. D. José Mascarenhas tentou resistir; deitou as mãos á espada do escrivão e chamou em seu auxilio o guarda roupa Alvares, e decerto o seu intento seria fugir. Mas ia eu prestar soccorro ao escrivão, quando appareceu á porta o capitão Moreira, com quatro dragões.

«O duque então esmoreceu e entregou-se á prisão. Percebi que antes de chegarmos tinha estado a jogar.

—E os familiares que iam designados na relação foram todos presos?

—Todos os que iam na relação; mas houve uma grande falta, da qual só ha pouco tive conhecimento.

—O que foi?!

—Na relação deixou de ser mencionado José Polycarpo d'Azevedo!

—Um dos maiores culpados! Póde lá ser! E não foi preso?

—Não ia na relação e eu apenas muito por alto conhecia as indicações da espionagem ácerca dos cumplices.

—E' deploravel semelhante esquecimento! Portanto, José Polycarpo fugiu?

—Assim o creio. Provavelmente ficou escondido na quinta e depois de sairmos se teria posto em fuga.

—E' preciso averiguar se a omissão foi

(*) Era marechal de campo.

propositada ou casual! Admira que o boleeiro Francisco da Costa lhe não desse aviso de tal esquecimento! Tem razão para saber que José Polycarpo é um dos compromettidos, um dos que deram os tiros.

—Encontrei-o á esquina da quinta, quando iamos fazer as prisões. D'esse me tinha dado v. ex.ª sufficientes indicações. Elle proprio se me apresentou dizendo quem era e accrescentando: *Lá os encontra a todos*. Mandei-o guardar por dois soldados, fóra da quinta, e não mais lhe tornei a falar.

—Foi uma leviandade, um erro! A relação devia de ter sido verificada.

—Com a precipitação da saida...

—E quando entrou, quem viu ao pé do Duque?

—Apenas um homem novo, que declarou ser o guarda roupa Manuel Alvares Ferreira.

—Então já o Polycarpo teria fugido.

—Provavelmente.

—E' preciso mandal-o procurar por todo o reino, immediatamente. Póde retirar-se, sr. Desembargador. A'manhã cêdo tem v. ex.ª de comparecer no paço, para se começarem os trabalhos do corpo de delicto.

O ministro ficou de sombrio aspecto e o desembargador saiu ainda mais attribulado do que entrára.

Ainda n'essa mesma noite Sebastião de Carvalho mandou expedir ordens terminantes a todas as auctoridades para procederem a buscas nas casas dos parentes de José Polycarpo e em quaesquer outras suspeitas e empenharem constantes diligencias para a captura do fugitivo. Estas ordens eram acompanhadas de uma indicação dos signaes caracteristicos de José Polycarpo, conforme as informações do Andrade da policia e do boleeiro Francisco da Costa, retido na quinta do paço de Belem.

No dia seguinte se expediriam rogatorias para Hespanha e França, no mesmo sentido e pelas vias diplomaticas, e se fazia publica a promessa de um premio de dez mil cruzados a quem o capturasse em Portugal e do dobro a quem o prendesse em paiz estrangeiro.

* * *

Na provincia tinham-se effectuado varias prisões de pessoas da familia dos Tavoras e do Mascarenhas. Quasi todas se haviam realisado no mesmo dia 13, em virtude de ordens anteriores secretas e sem indicação do motivo, para acautelar a possibilidade de alguma inconfidencia.

Annunciára-se por editaes que a sége em que el-rei fôra ferido estaria patente nas cocheiras reaes. Houve para lá uma romaria constante de curiosos.

No dia 14, de manhã, o desembargador e conselheiro da fazenda João Marques Bacalhau foi buscar a Marqueza mãe, á sua casa do Cruzeiro da Ajuda, onde estava custodiada, e levou-a para o convento de freiras do Grillo. D. Thereza Tavora foi levada para o mosteiro das commendadeiras de Santos; a condessa de Athouguia para o de Marvilla e a marqueza de Alorna para o de Chellas.

Cercavam as casas dos jesuitas fortes guardas de infanteria, que haveriam de ser rendidas dia a dia. O mesmo succedia nas casas e institutos da Companhia nas provincias, em resultado de ordens secretas expedidas com a precisa antecipação, para que no mesmo dia em todo o reino tivessem egual execução.

Por ordem do cardeal visitador D. Francisco de Saldanha, que já então era patriarcha, por ter succedido ao cardeal D. José, fallecido mezes antes, ficaram os jesuitas prohibidos de sair de suas casas e de ter qualquer communicação com pessoas extranhas á communidade.

Pela meia noite de 14, os membros do corpo diplomatico recebiam copias do decreto de 13, ácerca da tentativa de regicidio, que lhes eram enviadas por D. Luiz da Cunha. (*)

As tropas estavam de prevenção nos quarteis, promptas a sair á primeira ordem.

No dia 15 expedio-se um decreto ao conselho de guerra mandando considerar vagos os postos militares dos fidalgos presos e exigindo parecer ácerca do respectivo provimento.

A todos os tribunaes foi enviado outro decreto para consultarem quanto ao modo de se punir o sacrilego crime contra el-rei.

(*) Officio de Saint-Julien para o duque de Choiseul, pag. 119 do tomo VI do *Quadro Elementar*.

N'esse mesmo dia, el-rei recebia o corpo diplomatico, que lhe foi apresentar as suas homenagens.

No dia seguinte, anniversario natalicio da princeza real, havia beija-mão no paço, ao qual concorreram os ministros estrangeiros.

Saint-Julien notou que el-rei estava magro, mas parecia não ter lesão no braço. (*)

Foram enviadas cartas régias aos prelados do reino para mandarem cantar solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo milagre que salvára a vida do rei.

Depois do beija-mão, era recebido o juiz do povo, o mestre oleiro Antonio Rodrigues Almada, que em nome dos procuradores dos mestéres da *Casa dos Vinte e Quatro* ia apresentar a el-rei uma mensagem, em que era verberado o *sacrilego insulto, sem exemplo n'este reino, contra um ungido do Senhor,* e se faziam as seguintes espantosas solicitações:

Que se admittissem *denuncias em segredo*; que se mandasse *dar tortura* aos que fossem *legitimamente indiciados d'este sacrilego insulto* e que se declarassem logo por *peregrinos e estrangeiros* os que fossem convencidos e julgados réos d'aquella *inaudita atrocidade.*

Assignavam a mensagem todos os procuradores dos officios e mestéres.

Firmaram, decerto por subserviencia, aquelle documento, que talvez mão occulta redigira, preparando assim a justificação de um processo monstruosamente arbitrario, que não seria, infelizmente, uma excepção d'aquelle seculo nem um precedente sem imitação, cincoenta e nove annos depois, na supposta conspiração de Gomes Freire (1817), ou em nossos dias n'esse ruidoso processo que tem agitado a França e provocado o assombro do mundo.

Entretanto, a *Suprema Junta da Inconfidencia*, ainda incompleta, preparava noite e dia os seus secretissimos trabalhos.

Uma deputação da colonia franceza foi ao paço felicitar el-rei. Os italianos mandaram cantar um *Te-Deum* em acção de graças. O mesmo fizeram os francezes e os catholicos allemães.

Saint-Julien informava o duque de Choiseul que *toda a gente estava admirada de ver as promptas e efficazes providencias que dava o ministro Carvalho em um acontecimento tão importante, posto que não faltasse quem o attribuisse ao proprio ministro.* (*)

Reproduzia, como se vê, um boato absurdo, provavelmente espalhado pelos proprios que estavam compromettios na tentativa de regicidio.

* * *

Entrára o mez de janeiro de 1759.

Estava feito o auto de corpo de delicto, que tinha por base a certidão do cirurgião-mór do reino Antonio Soares Brandão. El-rei confirmára e authenticára o auto.

Em 3 fizéra-se o exame legal á sége, á casaca e véstia que el-rei trazia, quando foi ferido.

Só no dia immediato foram nomeados para completar a constituição do tribunal os juizes Pereira de Vasconcellos, Marques Bacalhau, Ferreira de Lima e Ferreira Souto.

Para os desempates, nomearam-se os corregedores do crime, côrte e casa, e do crime da côrte Dantas Pereira e Antonio Alvares da Cunha e Araujo.

Na mesma data, e em decreto dirigido ao tribunal, era nomeado para a defeza de todos os réos, como seu unico procurador, o dr. Euzebio Tavares de Sequeira.

Entretanto, vibravam pelo reino fóra os hymnos congratulatorios, e o fumo dos thuribulos esvoaçava pelas naves das velhas cathedraes.

Até as academias burlescas, herança do reinado anterior, celebravam o restabelecimento de el-rei em saraus lyricos e serenatas.

A *Gazeta de Lisboa* registrou a deliciosa festa da *Academia dos Preclaros*, da cidade de Braga.

Foi uma coisa estupenda, segundo a *Gazeta*.

Propozeram-se no sarau *problemas* soberbos como este: Se os jubilos dos portuguezes pelas completas melhoras do rei eram *producto do amor ou do dever.*

Os *Preclaros* fizeram lindos discursos e chegaram á conclusão enternecedora de que

(*) *Quadro Elementar*, pag. 119, tomo VI.

(*) *Quadro Elementar*, etc., tomo VI, pag. 120.

os jubilos eram o producto dos dois sentimentos unidos, e passaram então a celebrar o caso n'uma serenata lyrica e epica, admiravelmente adequada áquelle amor e áquelle dever de bons e inexcedidos vassallos.

E desataram a dizer versos como uns damnados!

XII

O PROCESSO DOS TAVORAS

As primeiras sessões da *Suprema Junta de Inconfidencia* haviam-se effectuado no paço da Ajuda, ainda nos meados de dezembro, só com os tres secretarios de estado, presidentes sem voto, com o desembargador Cordeiro, relator, e com o desembargador Machado, escrivão do processo com direito de voto.

Tudo ali era anormal e arbitrario! O tribunal estava incompleto e os reus não tinham ainda defensor nomeado!

A primeira testemunha inquirida, ou antes o primeiro declarante, foi o sargento-mór Pedro Teixeira, o companheiro de el-rei na noite do crime.

Depois ouviram o Salvador Durão, o rapaz que namorava a Marianninha, a creada das filhas do Duque. Foi um depoimento importantissimo o d'elle.

A menina Marianna tambem foi ouvida, muito perturbada na confissão indirecta dos seus amores com o Durão. A tremer, muito, cheia de medo, olhos no chão, foi dizendo a custo o que vira e percebêra na noite de 3 de setembro e nos dias seguintes.

Não a puzeram em liberdade,para evitar que fizesse revelações imprudentes ácerca do seu depoimento.

Levou umas poucas de noites a sonhar com as vestes negras dos dois juizes e com a enorme cabelleira encanudada do temeroso ministro, que por mais de uma vez surprehendêra a miral-a com a sua enorme luneta de aro de oiro.

Mas, a despeito de todos os terrores, tambem sonhou coisas alegres. Capricho dos sonhos!

—Está quêdo, Salvador!—dizia a sonhar alto, na noite immediata ao seu depoimento.

«Não te faças atrevido! Olha o da cabelleira grande com os olhos pregados em mim!... Tenho tanto medo d'elle!

E figurava-se-lhe que o Salvador, sempre gaiato, estava imitando o arrulhar dos pombos e queria roubar-lhe um beijo, como no muro do jardim. Disparates dos sonhos.

E o bréjeiro do Salvador:

—*Rru, rru, rru!*

E ella:

—Cala-te, demonio! Olha que elle está a deitar para cá o *vidro* do olho e é capaz de nos mandar metter no Pateo dos Bichos!

Mas logo este sonho estravagante dos seus buliçosos dezoito annos se transformou n'outro de horrendo pavôr.

Estava tudo de luto e a Duqueza, a chorar muito, com as filhas em volta de si.

—Ah! Marianna, o que tu foste dizer! Desgraçaste os meus filhos!

E a Marianna a julgar que se desculpava, respondendo-lhe:

—O da cabelleira grande não tirava os olhos de mim, e eu tinha tanto medo d'elle! Tanto, senhora Duqueza! Diziam que iria a morrer quem não falasse a verdade... e por isso eu disse tudo! Perdôe-me pelas chagas de Christo!

E acordou a chorar, muito cheia de terror, no quarto isolado em que a tinham retida na quinta de Belem.

* * *

Depois da Marianninha foi ouvido um tal João Ferreira, que morava em uma casa da Ajuda e ia trabalhar a quinta de

Camarate, onde residia o José Manuel Bandeira, estribeiro do duque.

Fez umas declarações insignificantes.

Era ainda das testemunhas que falavam expontaneamente, como o boleeiro Francisco da Costa.

Mas havia outras que, provavelmente, havia de ser preciso fazer falar e por isso o tribunal foi installado em uma casa da *Quinta do Meio*, que uma forte guarda de infanteria vigiava dia e noite.

Ainda incompleto, reduzido a dois juizes, mas fez a mudança armado com um decreto que o auctorisava a dar tratos ás testemunhas e aos réos.

A 27 de dezembro, já installado na *Quinta do Meio*, ouviu o depoimento do estribeiro Bandeira. Ainda não estavam, portanto, nomeados todos os juizes que haviam de julgar os réos nem sequer o seu unico defensor!

Entrêmos na casa onde funcciona o tribunal.

Em volta de uma grande mesa estão apenas os dois secretarios de estado Sebastião de Carvalho e Thomé Corte Real, o juiz Cordeiro, relator e interrogante, e o desembargador Machado, escrivão do processo.

O ministro D. Luiz da Cunha não pôde comparecer.

Sobre a meza um livro dos Evangelhos de grandes fechos de latão.

Está de pé, defronte dos juizes, algêmas nos pulsos, um homem de cincoenta annos, pallido, acabrunhado, olhar espavorido. E' o Bandeira.

A' porta da sala o Andrade da policia; na casa contigua os homens que dão os tratos.

—Então repare bem,—dizia o desembargador Cordeiro ao Bandeira. Não tem dito o que sabe. Ha de ter mais a depôr ácerca do que presenceou e ouvio em casa do Duque, ou lhe havia de ter constado.

«Alludio a frequentes praticas entre os marquezes de Tavora D. Francisco e Luiz Bernardo com o Duque, em casa d'este e á porta fechada. Disse que o Duque deixára o jogo havia dois ou tres mezes,por causa das referidas praticas.Falou da serenata em casa de D. José Mascarenhas na noite do crime, mas não esclareceu o caso dos cavallos arreados e promptos para o attentado,e de tal facto é evidente que teve conhecimento.

«Das relações entre o Duque e os padres da Companhia e das visitas á casa de S. Roque e ao collegio de Santo Antão, visitas frequentes, segundo o testemunho de outras pessoas que teem sido ouvidas, nada tem referido,apezar do muito que ha de saber, e por seu juramento e dever de lealdade é obrigado a revelar.

—Nada mais sei. Nada mais posso dizer.

—Obstina-se então no seu desleal e criminoso silencio?

—Não tenho mais que dizer.

—Irêmos ver—respondeu friamente o desembargador, e logo segredou o que quer que fosse aos dois presidentes e ao desembargador Machado, que se poz a escrever nos autos.

—*Visto o decreto de sua magestade*—leu alto o Machado—*pelo que é servido mandar se possam dar tratos*, etc., determinam que ao sobredito José Manuel Bandeira se *dêem dois tratos espertos*. (*)

—O sr. cirurgião Domingos Monteiro Ramalho queira verificar se este homem tem enfermidade que seja impedimento á applicação dos tratos—ordenou o juiz interrogante.

O Ramalho era o cirurgião dos carceres secretos da Inquisição. Examinou rapidamente o Bandeira e declarou que lhe não achava enfermidade ou impossibilidade de receber os tratos.

Então o desembargador Machado começou a escrever a fórmula preambular do *auto dos tratos*, para ir adeantando. *Diligencia dos tratos dados*, etc.

O Cordeiro tinha feito signal ao Andrade, que entrou com dois homens de sombrio aspecto. Levaram o Bandeira, livido como um defuncto. Foram tambem o juiz interrogante, o cirurgião Ramalho e o desembargador Machado.

Desalgemaram o estribeiro.

—Eu não sei mais nada!—allegou o Bandeira com a voz a estrangular-se-lhe na garganta.

Deitaram-no sobre o banco de pôtro e começaram a apertar-lhe as cordas.

(*) As palavras em italico estão reproduzidas no *Traslado authentico* do processo, que já citámos.

Cada *trato* era dividido em tres graus; havia padecentes que não resistiam a dois graus.

Mas aquelles tratos haviam de ser *espertos*, ou como quem diz violentos, e o Bandeira, logo ao primeiro grau, dava gritos horrorosos.

—O do rapaz, do Salvador Durão, em grande parte confirmado pelas declarações da creada Marianna, basta a esclarecer a culpabilidade do Duque.

—A esclarecel-a e a proval-a — disse Sebastião de Carvalho em resposta ao collega. E em breve teremos de ouvir o bo-

A Mariannina perante o tribunal

—Por amor de Deus! Por piedade! Não posso mais! Digo tudo. Tudo! Seja o que fôr!

Abrandaram-lhe as cordas. Não tinha resistido a um trato completo!

Entretanto, na sala do tribunal, os dois secretarios de estado falavam a respeito dos depoimentos anteriores.

leeiro Francisco da Costa, que, segundo as averiguações da policia, sabe cousas esmagadoras, até a respeito das visitas dos jesuitas ao Duque e d'este a S. Roque, a Santo Antão e á casa de Arroyos.

Voltaram da casa dos tratos. O Bandeira trazia os olhos sanguineos e as faces entumecidas. Andava a custo.

—Disse bastante — informou o desembargador Cordeiro a meia voz para os dois presidentes.

«As suas declarações mais importantes foram: Que ouvira dizer ao Duque: *Assim como foi por uma parte, se fosse pela outra, não escapava.* Que estando a escutar atraz de um reposteiro, ouviu estas palavras ao Luiz Bernardo: *Cá pelo homem não escapava.*

«Deu esclarecimentos a respeito do plano e das esperas.

—E ácerca dos jesuitas? — perguntou Sebastião de Carvalho.

—Apenas declarou que iam mais frequentemente a casa do Duque o padre José Perdigão e mais dois cujos nomes não sabe, mas que um d'elles é baixo, refeito de corpo e alvo da cara.

—Bem. Outros dirão o resto.

O Machado completava o auto dos tratos e redigia as declarações do Bandeira, segundo os apontamentos que tomára.

* * *

E assim, por aquella fórma inquisitorial, continuaram de dia e de noite as sessões do ominoso tribunal.

Em seguida ao estribeiro, foram ouvidos o irmão D. Manuel José da Silva Bandeira e o filho José Maria da Silva Bandeira.

Depoimentos insignificantes. D. Manuel declarou ter ouvido ao irmão, na quinta de Camarate, que o Duque disséra: Se o rei seguisse o seu caminho, não escapava. Accrescentou que ouvira attribuir os tiros aos Tavoras.

Não foram sujeitos a tratos. Não succedeu o mesmo ao porteiro da sala do Duque (Manuel da Costa Calheiros) e ao sota cavallariço Manuel do Nascimento. O Calheiros nem chegou a supportar o 1.º grau do primeiro trato, e o sota-cavallariço aguentou apenas os tres graus do primeiro trato esperto.

Contaram logo o que sabiam, o que tinham ouvido dizer e, provavelmente, quanto o juiz interrogante lhes quiz insinuar. Envolveram os Tavoras, e o porteiro designou como grandes frequentadores do palacio do Duque os jesuitas Timotheo de Oliveira, João de Mattos, Jacintho da Costa e José Perdigão.

O depoimento do boleeiro Francisco da Costa é que foi verdadeiramente esmagador, como era de esperar. (*) Não foi preciso sujeital-o a tratos.

Antonio Dias, moço de acompanhar e supposto confidente do Duque, foi torturado e confirmou as declarações dos outros, accrescentando pormenores completamente inverosimeis.

Depois dos interrogatorios ao moço da estribeira Antonio Martins, foi chamado o moço de acompanhar, João Miguel, suspeito de ter estado na primeira espera com D. José Mascarenhas. Homem de insigne coragem, resistiu a dois tratos completos, sem que as dores o forçassem a qualquer insignificante revelação!

Interveio por fim o cirurgião Ramalho, declarando que o paciente não podia supportar mais!

* * *

Estamos agora deante de um abjecto exemplo de ingratidão e deslealdade.

Lembram-se de D. Paulo da Annunciação, do convento de S. Vicente de Fóra, aquelle *grande amigo* do Duque? Recordam-se dos protestos de devotadissimo affecto que elle fizéra a D. José Mascarenhas e das palavras rancorosas com que se referiu a *Sebastião José?*

Nem posto em torturas seria capaz de comprometter o seu dilecto amigo, affiançára ao Duque.

Pois foi dos primeiros denunciantes que teve a *Suprema Junta da Inconfidencia!* Espontaneo, sem solicitações, nem ameaças de ninguem!

Denunciou-o por escripto ao juiz relator, contando tudo o que podia comprometter o *amigo* accusado e preso, e, como se esta infamia enorme lhe não bastasse, escrevêra em 15 de dezembro uma carta a Sebastião de Carvalho, resumindo a torpe declaração e renegando a sua amisade ao Duque, sob juramento aos Santos Evangelhos!

Principia assim a torpissima carta:

Jesus, Maria, José.—Illm.º e Exm.º Sr. Meu Senhor, a Virgem Nossa Senhora assista a Vossa Excellencia com a saude e felicidades que lhe desejo.

Sacrilegamente hypocrita e hediondamente repugnante!

(*) Encontra-se no *Appenso 6.º* do processo.

Foi tambem uma das testemunhas inquiridas.

O guarda roupa Manuel Alvares Ferreira confessou quanto sabia e o mais que, provavelmente, d'elle exigiram, depois de uma tortura que o cirurgião Ramalho não deixou completar.

O irmão, Antonio Alvares Ferreira, esse respondeu de joelhos e expoz quanto sabia, declarando que queria *descarregar a consciencia e salvar a alma.* (*) Não foi sujeito a tratos.

Fôra preso por um quadrilheiro do bairro da Ribeira.

Depois foram interrogados o cabo d'esquadra Braz José Romeiro, mais dois familiares do Duque, e, da casa do Marquez D. Francisco, o escudeiro da Marqueza, um boleeiro, um moço de acompanhar e um sota-cavallariço. Depoimentos insignificantes, arrancados certamente pelos *tratos espertos.*

Luiz Bernardo de Tavora fraquejou logo aos *tres quartos* do primeiro trato. Disse quanto quizeram que elle dissesse, e foi tamanha a sua covardia, que envolveu no crime o pae, a mãe e o irmão José Maria! Ninguem mais tão claramente incriminou o moço capitão. Depois d'elle, só o Duque!

Do depoimento das testemunhas nenhum seguro indicio é possivel apurar contra o pundonoroso José Maria de Tavora, que soffreu dois tratos sem esmorecer e sem denunciar quem quer que fosse!

—Diga a verdade. Confesse — instava o juiz.

—Nada tenho a confessar; nenhuma cousa a dizer.

E de rosto congestionado, olhos rasos de lagrimas, dentes fincados nos labios ensanguentados, reprimia intrepidamente e disfarçava n'um ronquejar de agonisante aquelle infernal soffrimento, que não queria desafogar em gritos lancinantes.

A alma de um valente!

A tortura não acabou para elle porque se rendesse a dôr ou a alguem houvesse implorado piedade. Acabou porque o cirurgião disse que já não podia supportar mais.

E até para a tortura levou atado nos seus cabellos louros a fita escarlate que n'outro tempo cingira as negras madeixas da sua bem amada Branca!

Corajoso como elle, o pae, o velho Marquez! Nem uma palavra de lastima, nem uma declaração, nem uma supplica!

Deliberaram applicar-lhe dois tratos. Ao fim do primeiro o cirurgião, que lhe estava observando os effeitos da tortura, interveiu, dizendo:

—Suspendam! Não póde supportar mais. Velho, asthmatico, rendido, morrerá, se continuarem.

* * *

O Duque fôra interrogado depois de D. Jeronymo de Athayde, conde de Athouguia, que logo ao primeiro trato respondeu affirmativamente a quantas perguntas lhe fizeram.

D. José Mascarenhas oppoz a principio formaes negativas a todas as accusações, mas depois começou a fraquejar (naturalmente porque o sujeitaram a tratos que o processo não registra) e caíu em grosseiras contradicções.

Attribuíu o crime aos Tavoras e negou ainda o conluio com os jesuitas.

—Mas que razão entende que teriam os Tavoras para tal execrando crime?

—Razão d'honra, por causa das faladas relações entre sua magestade e a Marqueza moça.

—Essa razão é inadmissivel—objectou o juiz relator. Dado que esse caso fosse verdadeiro, de ha muito seria notorio de todos.

—D. Francisco d'Assis só podia tomar despique depois da noite de 29 de agosto do anno a findar, pois que só então, em casa do filho, teve noticia d'aquellas notorias relações.

—E póde em sua mente cabêr a *idea do despique com sua magestade?*—acudiu o desembargador indignado. Tal não é possivel admittir, *porque nem no fôro politico houve até agora offensa capaz de produzir empenho e duello, senão entre particulares, de uns para os outros, porque achando-se todos na mesma linha de vassallos, se dá, entre elles, ou absoluta ou respectiva competencia; nem até agora intentou vassallo algum em toda a Europa concorrer com a suprema magestade em similhantes casos pela razão de se achar o throno muitas*

(*) São as palavras que lhe attribuem no *Appenso* 12 do processo.

espheras acima da competencia e da temeridade dos vassallos; nem a historia d'este reino, antiga e moderna, é esteril, mas antes muito fecunda de casos similhantes, succedidos com familias muito mais opulentas e de maior vulto, assim no reino como fóra d'elle, sem que de taes casos se seguissem outras algumas consequencias, que não fossem, ou o sacrificio de um profundissimo silencio ou. quando mais, a dissimulação de um prudente e decoroso retiro.

O Cordeiro expozéra lenta e solemnemente esta extraordinaria doutrina ácerca dos vassallos, a quem os reis se dignam de infamar na sua honra de maridos.

O Machado fôra reproduzindo a tirada nos autos. textualmente.

Ia escrevendo e mordendo o beiço para se não rir de uma doutrina. que imporia ao Tavora trahido pela mulher a obrigação de se calar (o sacrificio de um profundissimo silencio), ou de abalar para onde não fosse estorvo á adultera (a dissimulação de um prudente e decoroso retiro).

Competencia com o throno em nenhum caso; nem mesmo para defender d'elle a honra da propria esposa!

O Duque foi sujeito a quatro interrogatorios e soffreu, provavelmente, os *tratos espertos* de que o processo não faz menção, ou, pelo menos, a ameaça de o sujeitarem a elles.

A's primeiras confissões,disse que as fazia por *descargo de sua consciencia* e foi attribuindo o seu desvario a *illusões do demonio.*

Profundamente abatido, deixou-se guiar pelo interrogante. Considerava-se um homem irremediavelmente perdido.

Confessou que as suas razões de queixa contra o rei provinham de elle lhe ter recusado a posse das commendas que administrava e a licença para casar o filho com a Margarida Cadaval.

A's segundas perguntas, *germinação das primeiras*, como diz o processo, confessou as relações que tivéra com os jesuitas e alludiu a João de Mattos, José Perdigão, Jacintho da Costa e Timotheo d'Oliveira.

O auto declara que, *por se achar incommodado, se lhe não fizeram mais perguntas.*

Está a gente a perceber a especie de *incommodo* que o Duque soffreu.

A's terceiras perguntas, novamente falou dos jesuitas, incluindo João Alexandre e Gabriel Malagrida, e envolveu outra vez os Tavoras, especialmente a Marqueza mãe, e José Maria, cuja supposta má vontade ao rei attribuía a descontentamento por não ter ainda passado de capitão!

No quarto interrogatorio deu mais pormenores ácerca do crime e confirmou a cumplicidade do conde de Athouguia e de José Maria de Tavora! (*)

Os dois primeiros interrogatorios realisaram-se em 24 e 25 de dezembro, o terceiro e o quarto em 28 e 29.

Como já sabemos, os decretos nomeando os juizes adjuntos, os de desempate e o defensor teem a data de 4 de janeiro!

A Marqueza mãe, incluida entre os cabeças da conjuração contra a vida do rei, não foi interrogada e nem sequer teve intimação da nota de culpa!

E' de observar que antes, dos tratos, algumas testemunhas evidentemente manifestaram o proposito de nada revelar do pouco ou muito que sabiam, chegando a declarar-se ignorantes de pequenos factos que, pelas suas condições especias, necessariamente haviam de ter presenciado, tomando parte n'elles; mas, depois da tortura, outras houve que disseram cousas inverosimeis ou confessaram ter ouvido o que racionalmente se comprehende que

(*) E' o que nos revelam os suspeitos autos do processo, e quem sabe lá o que o Duque na verdade disse ou por que fraqueza d'animo e desengano do mundo tanta coisa grave declarou?

E' verdade que até nos processsos mais correctos do nosso tempo, com outra jurisprudencia mais humana, sem juizes suspeitos e de nomeação occasional pelo proprio accusador, sem um tribunal de excepção,secreto e arbitrario,sem denuncias clandestinas, postas a premio, sem a monstruosa usurpação do direito de defeza, sem as torturas e as formulas inquisitoriaes do processo dos Tavoras, se encontram exemplos de reos que, n'um lance de desespero ou n'um movimento de contricção, revelaram do seu proprio crime muito mais do que depozeram as testemunhas de accusação.

Duvidas plausiveis. enormes, envolvem de tragicas sombras aquelle espantoso processo, affronta da justiça humana, não isolado, infelizmente, na historia d'aquelle seculo e do nosso!

Os interrogatorios ao Duque e as suas respostas constituem o «Appenso» 18 do processo.

não poderiam ouvir, por não ser provavel que os implicados no crime andassem a dizer uns aos outros palavras de gravissimo compromettimento, que até os infimos familiares lograssem escutar.

Tribunal de excepção, tribunal secreto, oppressivo e iniquo, parecia modelado pelos do *Santo Officio*, embora com muito menos variedade de torturas preparatorias.

Não lhe fazia sombra o que, dois annos antes, julgara em Paris o regicida Damiens.

Havia, porém, esta differença enorme: «Nenhumas duvidas quanto ao réo». Damiens praticára o crime em publico, sem disfarces, e fôra preso em flagrante delicto.

D. José não levára uma pequena canivetada como Luiz XV; fôra gravemente ferido, estivéra talvez em perigo de vida, mas faltavam as provas bastantes contra os accusados.

Um tribunal moderno, que não fosse como esse que primeiro julgou Alfredo Dreyfus, talvez condemnasse D. José Mascarenhas por todos os gravissimos indicios que o incriminavam; mas aos Tavoras tel-os-hia absolvido por falta de provas.

Contra os jesuitas que frequentavam a casa do Duque nenhum tribunal do nosso tempo encontraria bases para uma accusação criminal, embora em todos os espiritos ficasse a suspeita plausivel de que houvessem sido elles, na sombra, os ardilosos instigadores do crime, por interesse proprio e em defeza da Companhia, que viam a dois passos da ruina.

Não se oppunham a tal suspeição os precedentes historicos da Sociedade em dois seculos de existencia no mundo. Quem incitava a rebeldia armada do Paraguay, e está provado que foram elles os incitadores e os dirigentes, não teria escrupulo de animar a conspiração do Duque de Aveiro.

Simplesmente, em nossos dias, a provavel cumplicidade moral dos padres da Companhia de Jesus promoveria contra elles a vigilancia da policia e importaria a sua expulsão do paiz.

Entretanto, é justiça confessar que, em todos os tempos e em todos os paizes, se ensombraram de monstruosas iniquidades e de rudes violencias os julgamentos dos altos crimes contra a segurança do estado ou contra a vida dos reis. Se até no julgamento dos crimes ordinarios, livre e amplamente produzida a prova testemunhal, exercido com desassombro o direito de defeza, insuspeita a auctoridade dos juizes, liberrima a consciencia do jury, não têem sido raros os erros judiciarios, infelizmente irremediaveis nos paizes que teem a pena de morte e que são todos os do mundo, com excepção apenas de Portugal e de alguns cantões da Suissa! (*)

* * *

Em 11 de dezembro, Malagrida fôra chamado a Lisboa pelo cardeal patriarcha D. Francisco de Saldanha, Levaram-no para o collegio de Santo Antão e ali continuou serenamente os seus exercicios espirituaes.

Tinham-lhe apprehendido todos os papeis e entre elles uma carta escripta para certa dama do paço, avisando-a de que uma voz intima lhe dizia que a vida de el-rei estava em perigo.

Depois dos interrogatorios ao Duque, recebeu o cardeal Saldanha um aviso de Sebastião de Carvalho para lhe mandar apresentar Malagrida, que estava recluso e guardado á vista como os outros jesuitas dentro das suas casas conventuaes.

Foi a 28 de dezembro.

—E elle a vêr se nos illude com estes seus feitios de propheta!—dizia Sebastião de Carvalho, sósinho na sala do tribunal da inconfidencia, de olhos fitos na carta encontrada entre os papeis de Malagrida.

«Uma *voz intima* lhe dizia que a vida de el-rei corria perigo; escreve esta carta de aviso e não a manda ao seu destino!

«E' bem da Companhia! Fez-se esta carta para poder ser apanhada na prevista busca dos seus papeis insignificantes. Os outros graves sumio-os ou queimou-os elle a tempo, como os de S. Roque sumiram ou queimaram os seus, que ninguem encontra!

«Artificio de dois bicos! Um para o salvar

(*) Portugal só tem a pena de morte no seu codigo de justiça militar, pena ainda não posta em pratica e, porventura, reservada para os delictos graves nas condições excepcionaes do tempo de guerra.

a elle e á Companhia,-n'esta prova de interesse pela vida d'El-rei; o outro para encobrir o Mascarenhas e os seus sequazes, attribuindo a *voz intima*, a inspiração prophetica, o que elle sabia dos conciliabulos!

«Matavam el-rei; inutilisava-se a carta, que não fôra ao seu destino. Escapava el-rei, appareciam as suspeitas contra os *exercicios de Santo Ignacio* e o Duque fazia alguma confissão imprudente: procuravam-se muito plausivelmente os papeis do *santo*, e encontrava-se esta carta a demonstrar que não estava no conluio e antes se interessava pela vida do rei.

«Para louco é velhacaria de mais. mas para jesuita é previsão de menos. E' contar muito com a patetice ou com a ingenuidade do resto da humanidade.

«Vamos a vêr como elle explica o facto de não mandar a carta ao seu destino.

Momentos depois vieram annunciar-lhe que tinha chegado Malagrida. Viéra n'uma carruagem escoltada por soldados do regimento de dragões de Aveiro, que, com outras tropas, tinha vindo reforçar a guarnição de Lisboa.

O jesuita foi introduzido na sala. Trazia uma expressão de serena intrepidez.

Sebastião de Carvalho fitou-o demoradamente. Os olhares do padre desviaram-se dos seus e apagaram-se-lhe sob as palpebras semi-cerradas.

—Padre Malagrida, queira approximar-se —disse-lhe o ministro estendendo para elle o papel que tinha nas mãos.

«Veja. E' sua esta carta encontrada entre os seus escriptos?

—Responde por mim a assignatura— disse firmemente.

—Podia ser uma falsificação.

—E' minha.

—Sabia então que se tramava contra a vida de el-rei?

—Uma voz intima andava a dizer-me que a vida de el-rei corria perigo.

—Nos seus sonhos de propheta não tomaria por voz intima o que era apenas a voz do duque de Aveiro?

—Disse a verdade—respondeu um pouco turvado.

«Não é dos homens a voz que fala em minha alma, revelando-me os segredos do futuro.

—Pois segundo as confissões de D. José Mascarenhas, grande frequentador dos exercicios de Santo Ignacio, um d'esses segredos do futuro era simplesmente um segredo d'elle, confiado a vossa paternidade e a outros reverendos padres da Companhia.

—D. José Mascarenhas não podia ter faltado á verdade—retorquiu Malagrida empallidecendo.

—Talvez não podesse, mas disse-o, declarando que era para descargo da sua consciencia.

—Terá então dito o que o obrigaram a dizer.

—Padre! Está affrontando a justiça de el-rei!

—Que é afinal a justiça dos homens, sempre sujeitos a paixões e rancores.

—Isso se averiguará mais tarde. Voltêmos a este ponto restricto. Com que intento escreveu esta carta?

—Para precavêr el-rei.

—E porque lh'a não enviou, se a vida de sua magestade corria risco?

—Era meu intento mandar-lh'a opportunamente.

—O que havia então de marcar essa opportunidade?

—A certeza de encontrar quem a fizesse chegar fielmente ao seu destino.

—E entretanto ia fazendo prophecias de grandes mudanças no reino em setembro! Singulares incoherencias! Previa que el-rei corria perigo de vida, indicava-o disfarçadamente n'aquelle vaticinio de grandes mudanças no reino, queria precavêr el-rei e deixava ficar essa carta entre os seus papeis á espera de uma opportunidade, que as suas previsões de propheta lhe estavam indicando para os primeiros dias de setembro!

«Nunca pensei que a *sinceridade dos santos* podesse embrulhar de tal modo os crimes dos homens!

«O duque de Aveiro díz as coisas mais claramente. Vossa paternidade prophetisou o caso para setembro e o Duque não quiz desmentil-o.

«Se era leal o seu desejo de prevenir el-rei, porque não mandou a carta a um dos secretarios d'estado?

—Porque desejava que ella fosse entregue *fielmente* a sua magestade.

—Atreve-se a falar-me assim!—exclamou o ministro, erguendo-se n'um assomo de colera.

—Para o que estamos dizendo não faz ao caso que v. ex.ª se levante.

—Levanto-me para o expulsar d'aqui!

Agitou a grande campainha da escrevanhinha, entraram os guardas, e Malagrida foi levado d'ali para a carruagem que o trouxéra e o conduziu ao collegio de Santo Antão.

* * *

Estava-se em uma das ultimas sessões do tribunal da Inconfidencia. Corrêra o processo com vertiginosa rapidez. No dia 8 de janeiro interrogaram-se as ultimas testemunhas, sempre com a violencia dos *tratos espertos*. No dia immediato fizeram-se os autos conclusos á meza das ordens para a exauctoração dos reus que eram cavalleiros, e n'esse mesmo dia se lhes fizeram summarios.

Só em 10 foram entregues os autos das culpas ao dr. Euzebio Tavares de Sequeira. Era o procurador nomeado por decreto de 4. Fixaram-lhe vinte e quatro horas para examinar os autos e produzir a defeza dos onze reus!

Foi, como era de esperar, uma allegação por descargo de officio, frouxa, pueril, inutil. Allegação escripta, que está no processo como affronta enorme da justiça humana!

Nem lhe consentiram que fosse outra cousa. E para a Marqueza nem sequer aquelle revoltante simulacro de defeza!!

No dia 11, a *Mesa das Ordens* proferiu a sentença de exautoração e degradação das ordens em que os reus eram professos.

O Duque era da ordem de Santhiago.

Entretanto, o desembargador Machado já estava rascunhando a sentença, que, pelos seus calculos, não levaria menos de vinte e quatro folhas de papel.

A defeza era uma formalidade hypocrita, nem sequer bem fingida n'aquelle lance grotesco de uma temerosa tragedia.

Havia, porém, no rascunho umas lacunas que só podiam ser preenchidas depois de sabidas as resoluções de el-rei.

Era pela tarde do dia 11. O relator tinha ido ao paço com a minuta da sentença.

Na sala do tribunal estava apenas o dr. Machado a adiantar trabalho.

Havia chegado instantes antes a sentença da *Mesa da consciencia e ordens* exautorando e degredando os réos que eram cavalleiros professos das ordens militares e entregando-os á real justiça.

—Bem—disse o Machado depois de a ter lido. Agora que el-rei decída quanto aos Tavoras e estará a coisa prompta, bem que ainda me leve toda a noite a copia da sentença.

Entrou o dr. Sequeira com a sua triste defeza escripta.

—Aqui está a vergonha a que me sujeitaram—disse o procurador entregando os autos das culpas e as allegações escriptas. Era mais honroso dispensar esta comedia de defeza.

—Manda quem póde.

—Mas ficamos todos amarrados a este pelourinho ignominioso!—disse o Sequeira muito afogueado. Todos!

—Tenha cuidado, Sequeira! Estamos aqui sós; em mim póde confiar, mas está gente ali fóra e ha espiões de ouvido finissimo.

—E' assombroso!—commentou o Sequeira, baixando mais a voz. Vinte e quatro horas para a defeza de onze réos! E para quê, se não ha recurso?

—Homem, bem sabe como estes processos costumam ser em toda a parte. Veja lá o que foi o processo do duque de Bragança em tempo de D. João II.

—Era outra epoca.

—Ah! mas tem outro bem proximo. Outro de ha dois annos. O de Damiens em Paris.

—Levou tres mezes e as provas eram evidentes.

—Tres mezes a inventar a pena mais afflictiva e a esperar que a faculdade de medicina de Paris désse parecer ácerca do *maximum* de tormentos que podia supportar um homem!

—Pois sim, mas o crime de Damiens estava claramente provado, não admittia uma sombra sequer de duvida, que nenhuma podia haver, e n'este? Que provas ha contra os Tavoras?

—Indicios, referencias das testemunhas, depoimentos em que são indicados os cumplices; as proprias confissões do Mascarenhas e do Luiz Bernardo.

—Não lhe estou falando como procurador dos réos; falo-lhe como velho amigo;

não me responda como juiz do processo. Nós bem sabemos como se obrigam as testemunhas a dizer o que o interrogante quer que ellas digam, e como se transmudam os gritos de insupportaveis dôres em espantosas confissões dos réos.

«Fui falar com o José Mascarenhas, e sabe o que elle me declarou? Que tinha a consciencia opprimida por ter envolvido os Tavoras n'um crime de que não eram culpados; mas que, se tal infamia praticou, foi por ter esmorecido á simples vista do pôtro e lhe haver luzido a esperança de que por tal apparente denuncia o alliviariam a elle.

—Historias! Effectivamente, o José Mascarenhas acovardou-se logo, mas não creio que fosse para vêr se alliviava as suas culpas que elle fez a denuncia.

«Ignorava que os Tavoras estavam presos e quiz arrastal-os comsigo, temendo que os deixassem livres. Ha de ser sempre o mesmo!

«Nem era preciso pôl-o a tratos. Para o condemnar basta o que as testemunhas disseram.

—Sujeitas a tratos.

—Ha tres ou quatro que não os soffreram.

—Eram denunciantes.

—Mas olhe, aqui tem marcadas n'estes papeis apprehendidos em casa do Duque duas cartas que plenamente o incriminam. Veja esta:

«Li o plano que v. ex.ª me remetteu sobre o *grande negocio*, que está bem arranjado; se a execução fôr conforme o projecto, parece-me impossivel que falhe».

—Isso é muito vago. Podia ser qualquer outro grande negocio.

—Pois sim, mas aqui tem n'esta a explicação do caso. Olhe: *Approvo o designio de v. ex.ª; debaixo das circumstancias actuaes não ha escolha. Para acabar com a auctoridade do rei Sebastião, é preciso anniquillar a do rei José*». (*)

«Parece que não deixa duvidas.

—Que estupido conspirador aquelle! — dizia comsigo o dr. Sequeira. Deram-lhe tempo de sobra para queimar os papeis compromettedores e fugir, e deixa-os ficar e não passa de Azeitão!

E, como para se não dar por completamente vencido, disse para o collega:

«E a Marqueza? Ouvi que é accusada de principal cabeça do crime e alliciadora dos réos, mas provavelmente não é assim, porque ninguem a ouvio, ninguem lhe intimou nota do crime de que era arguida e o seu nome não está n'estes autos das culpas!

«Serão capazes de a condemnar tambem?

—Ha contra ella suspeitas e indicios gravissimos—respondeu o desembargador Machado, perturbando-se. Não sei o que a Junta resolverá.

—Pois será uma atrocidade condemnal-a! Emfim, eu nada posso, e cumpro o meu doloroso encargo com o coração opprimido de magua.

«Aqui fica este miserando arremêdo de defeza. Escrevi-a com o rosto queimado de vergonha!

«Não lhe quero tomar tempo. Oxalá que Deus nos possa perdoar e que nunca olhos humanos saibam ler esse processo.

E saiu como um homem acabrunhado de remorsos.

—Pois sim—commentou o Machado de si para si, logo que o Sequeira se retirou—se cá estivesses dentro, havias de obedecer julgando,como obedeceste defendendo.

E poz-se a lêr a defeza.

—Tempo perdido e palavras inuteis! Falas mais arrojadamente do que escreves, meu pobre Sequeira!

«Mas bem pódes ter cuidado,que, se dizes a outra pessoa metade do que me disseste aqui a mim, és um homem irremediavelmente perdido.

«O Duque está condemnado pelas provas e os Tavoras pelo rei.

N'isto chegou do paço o desembargador Cordeiro.

—Aqui tem o rascunho da sentença—disse para o dr. Machado. Fiz as alterações

(*) Este trecho e o anterior encontram-se nas *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 93.

(*) Na sua *Historia de Portugal* escreveu Pinheiro Chagas:

«Sabemos que existem ordens positivas de D. José a Sebastião de Carvalho, em que lhe recommenda que seja severissimo com os Tavoras e na escolha dos condemnados aos ultimos supplicios reconhecem-se, principalmente, as antipathias pessoaes do soberano.»

que me foram ordenadas e preenchi o que tinha ficado em branco. (*)

«Dos Tavoras, os que escapam á morte ficam nas prisões.

—A Marqueza tambem?

—Tambem. Irá ao cadafalso com baraço e pregão. Depois de degolada será queimada; as cinzas lançadas ao mar.

—E o marido?

—A mesma pena do Mascarenhas. *Rompido* vivo, quebradas as cannas dos braços e das pernas, rodado, queimado, as cinzas lançadas ao mar. Confiscação completa dos bens, nos termos do livro V, titulo 6.º, § 15.º da Ordenação, arrazados todos os seus predios e salgado o chão em que foram edificados.

—Os dois filhos e o Athouguia?

—Pena de morte afflictiva, assim como para Braz José Romeiro, João Miguel e Manuel Alvares. O irmão Antonio Alvares é que tem outra pena peor.

—Qual?

—Será queimado vivo, por ser elle um dos que feriu el-rei.

—O outro, o José Polycarpo, esse é que se não apanha.

—Esse ha de ser queimado em estatua.

—Ahi está uma pena que não o hade affligir muito, se ainda vive!

—Dizem que vive. Ha quem affirme que anda fugido por Hespanha e quem segrede que está escondido no reino; mas o caso é que ainda não foi possivel dar com elle, e não faltará quem tenha vontade de lhe deitar a mão.

—Decerto. O premio promettido é de tentar.

—Mas olhe para aqui—disse o Cordeiro, mostrando-lhe umas entrelinhas no rascunho da sentença.

«Temos mais este accrescentamento.

—«Mandam—começou o Machado a lêr—que nenhuma pessoa, de qualquer estado ou condição que seja, possa,da publicação d'esta em diante, usar do appellido de *Tavora*, sob pena de perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, e desnaturalisação d'estes reinos e senhorios de Portugal, e perdimento de todos os privilegios que lhe pertencerem como naturaes d'elles.»

—Isso é bem mais do que picar os escudos d'armas do duque d'Aveiro.

—E para quando é precisa a sentença passada a limpo?

—Para amanhã, infallivelmente. Já mandei avisar para a ultima sessão. A execução ha de effectuar-se no dia 13.

—Não tenho tempo a perder.

E começou a copiar:

Accordão os do conselho e desembargo de el-rei Nosso Senhor...

—E' verdade—disse interrompendo a escripta. D'onde se data?

—Do palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em junta de..... a data de ámanhã.

—Deixa-me já pôr aqui na minuta: 12 de janeiro de 1759.

E continuou a copiar:

«Vistos estes autos, que na forma da lei e decretos de sua magestade se fizeram summarios aos réos José Mascarenhas, que foi duque de Aveiro.....

—E a seguir a este?

—Aqui está á margem: *D. Leonor de Tavora, que foi marqueza d'este titulo...*

«Ah! não esqueçam os pregões—lembrou o Cordeiro.

—Ja aqui tinha feito o do Mascarenhas, que esse era certo Olhe.

E o Cordeiro leu:

Justiça que manda fazer El Rei, Nosso Senhor, n'este Homem, que, havendo sido portuguez e duque d'Aveiro, foi desnaturalisado e condemnado por se ter feito monstro da sociedade civil com as suas atrocissimas culpas de conspiração, alta traição e parricidio...

—Perfeitamente.

—Agora para a Marqueza D. Leonor em termos identicos, já se vê.

«Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor n'esta Mulher, que havendo sido portugueza e marqueza de Tavora, etc.

—Sim; nos mesmos termos. E vou deixal-o em paz, que tem muito que escrever.

* * *

O desembargador Machado ficou a escrever a longa e horrorosa sentença.

Sobre a madrugada—a chuva a bater lentamente nas vidraças e nas pedras da calçada, ao longe os uivos agoirentos de um cão—o desembargador, excitado pela vigilia n'aquella actividade febril,começou a sentir um vago pavôr supersticioso e como que se lhe ia figurando deante dos

olhos a terrivel punição que estava escrevendo.

Poz de parte a penna já cançada. Aparou outra.

Ia escrever a ultima parte da sentença: a condemnação de D. Leonor de Tavora.

Conhecêra-a ainda nova, quando era formosissima. Parecia-lhe que a estava agora vendo como ella fôra, a olhar muito para elle, os olhos maguados, cheios de pranto.

Muito impaciente e febril ia escrevendo: *ao mesmo cadafalso, e que n'elle morra morte natural para sempre, sendo-lhe separada a cabeça do corpo.....*

Passou-lhe nos olhos a visão de um collo adoravel de mulher, gentil como um collo de cysne, em que de um golpe se embebia o cutelo de branco e gélido fulgór, como a luz da madrugada que vinha entrando pelas frinchas das janellas.

—E' singular! Que demonio de piegnice a minha! Está-se-me a representar tudo isto na imaginação! Nunca tal me succedeu! E' uma vergonha!

E, reagindo contra aquella estranha sentimentalidade, continuou a escrever o fecho da sentença.

E a penna de escura plumagem a arrastar-se-lhe no papel insubmissa e a lembrar-lhe um gemer dolente como se fôra de magua.

—Maldicta! Parece que está chorando!

Atirou-a para o lado, muito supersticioso, e foi com outra penna que escreveu a data de 12 *de janeiro de* 1759.

XIII

PERDÃO

Jorge Gustavo soubéra com immenso dó da prisão do moço Tavora. Era um amigo dilecto, um grande e nobilissimo caracter, que estava talvez irremediavelmente perdido.

Logo que se divulgára a noticia do attentado contra el-rei, comprehendeu claramente Jorge Gustavo a tragica significação da confidencia que o desditoso moço lhe havia feito dias antes.

Começaram a attribuir o crime aos Tavoras e José Maria nunca mais lhe appareceu.

—Sacrifica-se—pensou o marido de Helena. Cumpre o que me disse. Morrerá pelos seus, emmudecido na sua heroica dôr! Ia jurar que não foi dos da emboscada, mas, se de tal o accusarem, pagara o crime que outros commetteram.

«E nada posso dizer em seu favôr, que não seja uma quebra do juramento que lhe fiz ou não pareça uma inclinação desleal do meu caracter por esse official, suspeito cumplice de um regicidio!

Algumas vezes falára com Helena ácerca da prisão dos Tavoras, sem todavia lhe dar a perceber a confidencia que o desventurado amigo lhe fizéra.

—Não imaginas, meu amor, o que me tem amargurado esta dolorosa surpreza! Eu posso lá crer que o José Maria se bandeasse com os malvados que de emboscada intentaram assassinar el-rei!

—Tambem a mim me parece impossivel —respondia-lhe Helena tristemente. Se póde lá ser! Tão nobre, tão pundonoroso, de tão altos sentimentos!

—E ando com immenso receio de que o sacrifiquem os odios que relampejam alto contra a familia dos Tavoras!

«E nada posso, desgraçadamente; nada posso em favor d'esse valente e cavalheiroso sonhador de vinte e dois annos! E' desesperador!

—E Branca, a tua pobre irmã, coitadinha?!

«Que amargura a sua! E que sacrificio para que ninguem perceba, para que tu não sonhes sequer, como o coração se lhe anda a espedaçar de dôr!

—Comprehendo o seu tormento, lastimo-o do fundo d'alma; mas o sacrificio d'esse amor era preciso, ainda que o José Maria não houvesse sido preso.

«A orgulhosa Marqueza oppôr-se-hia tenazmente ao casamento, e haviam de infamar a honra de minha irmã, a sua e a minha, os rancorosos adversarios do ministro, meu amigo.

—E meu pae—accrescentou Helena n'um murmurio, com adoravel desvanecimento.

—E a esse nem me atrevo a falar-lhe de similhante coisa. Mais desassombradamente falaria a el-rei.

—Se tu ouvisses hontem a tua linda e casta irmã, se ouvisses a magua com que ella me dizia: Não fosse Jorge, o seu nome, os seus brios, e era eu capaz de ir supplicar de rastos ao terrivel ministro de el-rei o perdão de José Maria de Tavora; ainda que depois morresse de vergonha.

—Louca! Uma santa louca essa pobre creança!

«Mas a sua paixão é mais profunda do que eu suppunha, e é preciso evitar que faça algum desvario.

«Vê se a aconselhas a resignar-se.

—Isso tenho eu feito. Mas são mentirosos conselhos.

«Nos bem o sabemos, Jorge. Quando se ama assim alguem, não é possivel mudar de uma para outra hora, só porque nos dizem que é prejudicial esse amor.

—Mas nota-lhe que o ministro é implacavel para os que suppõe inimigos seus ou d'el-rei.

«Dize-lhe que tem o coração duro como o bronze, quando se trata de algum crime politico, e não ouviria supplicas, ainda que fossem dos proprios filhos.

—Não será tanto como suppões. Olha que elle tinha os olhos rasos d'agua quando lhe mostrei a nossa pequenina.

—Para os seus, fóra do caminho da politica, é outro homem differente.

—E se o santo Damião de Castro, o seu velho amigo, lhe fosse pedir?

—Nem a esse ouviria, se está convencido de que o José Maria entrou na conspiração contra o rei.

—Mas talvez não entrasse, talvez esteja innocente.

—Disso estou eu convencido; mas de nada lhe valerá contra os odios de cima.

—Ai Jorge, e o que por ahi se conta á bocca pequena! Deus nos livrasse que Branca soubesse metade do que se diz! Faz pavor!

«O Duque e os Tavoras estão presos no *Pateo dos Bichos!*

—Como soubeste essas coisas?!

—Foi o que ahi contou uma velhita de Belem, que é tia da creada de dentro.

«Disse tambem que do *Pateo dos Bichos* os levam a perguntas á Quinta do Meio, que está toda cercada de soldados. E que os põem lá em torturas! Conta a velha que os gritos são ás vezes tamanhos, que muitas pessoas os teem ouvido cá fóra!

—Isso ha de ser exaggero.

—Ai Jorge, estas coisas nunca se dizem sem algum fundamento!

E, encostando-se-lhe muito ao hombro, accrescentou mais baixo:

—E olha, sabes? Tenho tanta magua de tudo isto! Porque todas estas coisas se attribuem ao poderoso ministro, áquelle homem de tanta gloria, que é meu pae!

«Pois não seria possivel que um homem assim governasse os outros, sem tantas prisões, sem tanto sangue?!

—Tu comprehendes lá, meu amor, que terrivel coisa é essa de governar os homens, atravez dos odios de classe e sob o dominio das paixões politicas, na desvairada lucta de oppostos interesses? Fazem-se os homens como féras, e não ha vinganças que não sonhem, nem sangue que os farte!

«Houve em Portugal outro grande homem politico, grande e extraordinario como teu pae. Esse era rei. Foi dos maiores, chamava-se D. João II e denominou-o a historia o *Principe Perfeito.*

«Pois encheu as prisões, transformou-as em tumulos dos seus inimigos, mandou matar, matou elle proprio, e poz uma tarja de sangue na pagina do seu reinado, que é, todavia, das mais gloriosas da historia portugueza!

—Pois sim, mas antes meu pae não fosse como esse grande rei. Antes o queria obscuro, como tantos outros.

—Não é com esses que se levantam as nações.

«Tambem eu deploro a necessidade ou o excesso que põe tantas manchas de sangue, tantas sombras de crueldade na historia de teu pae, já de tamanha grandeza e gloria, que assombra os proprios estranhos!

«Mas eu sei lá o que seria d'elle e da sua espantosa tarefa, se hesitasse um momento deante dos seus poderosos inimigos e levasse para essa medonha tormenta de tantos odios um coração menos duro que o seu? Eu sei lá, Helena! Esmagavam-lh'o aos pés, a bradar victoria, esses que lhe não perdôam, que lhe não hão de perdoar nunca!

—Pois olha, tenho eu pedido a Deus que o afaste de tal caminho. Quem me déra a mim vêl-o abandonar todas essas coisas, que só lhe criam inimigos.

—Não póde. Homens, como elle é, não podem parar no seu caminho, senão para cair, ou para morrer.

«E nós a falarmos d'estas coisas, Helena!

—Veiu tudo isto á conversa por causa do desventurado José Maria! Olha, se não parecesse mal, atrevia-me eu a ir pedir clemencia para elle.

—Louca! Não escutas senão esse coração de santa que Deus te deu! Não penses em similhante passo!

—E Damião de Castro? Pedir-lhe a elle que fosse falar ao seu grande amigo...

Sim, porque tu não pódes fazel-o. Tens sido muito de José Maria e podiam suspeitar que sabias tambem do segredo e o encobrías, sendo official dos exercitos de el-rei.

«Isso não. Podiam prender-te, meu adorado Jorge! Prender-te e pôr-te em tratos, como aos outros, para que confessasses o que não sabes, como se fazia na Inquisição! Porque a verdade é que tu nada sabes.

—Nada—respondeu a custo Jorge Gustavo. E como que lhe estava opprimindo o coração a confidencia que lhe fizéra José Maria de Tavora, embora não houvesse ido além de uma vaga e nebulosa allusão a um possivel desforço, em que o pobre moço não passaria de resignado cumplice.

—Tu, de modo nenhum! Até o coração se me aperta só n'esta idéa de que podiam suspeitar de ti!

«E o edital que puzeram ali á porta da egreja, e que eu li hontem, quando saí da missa, lá diz que para denunciar os criminosos nem os paes devem encobrir os filhos, nem os filhos os paes!

«Não; tu de modo nenhum! Punha-me eu de joelhos diante de ti, para que não fosses!

—E como tu te mortificas, meu amor, só porque te lembrou uma coisa sem fundamento!

E beijou-a enternecidamente.

—Mas Damião de Castro é que póde vir implorar clemencia para José Maria, e sou eu que lh'o vou pedir com todo o segredo. Do piedoso monge, seu amigo, é que... meu pae não poderia suspeitar.

—Nada se conseguirá, desgraçadamente!

—Se elle não estivesse muito culpado, ao menos lhe não dariam a morte.

—Mandavam-n'o sepultar n'uma prisão.

—Mas das prisões póde a gente sair um dia perdoado. Tambem eu saí dos carceres da Inquisição.

—Havemos de pensar n'isso... Deixa-me reflectir n'esse passo...

«Escuta. Ouves? E' a nossa pequenina que chora por ti.

E foram os dois para junto da extremecida filhita, que chorava no seu formoso ninho de rendas, alvas de neve.

* * *

Dias depois, a 10 de janeiro, um lindo dia de inverno, um guia encaminhava para as asperezas da serra da Arrabida um mancebo de pouco mais de vinte annos e uma senhora ainda mais moça.

O mancebo ia ajudando a sua juvenil companheira a vencer as selvaticas verêdas da serra.

—Tem uma historia e uma lenda de amores esta soberba serra—dizia o mancebo.

—Sim?

—Era dos duques de Aveiro. Por aqui vagueou suspirando infortunios de amor o primeiro Duque.

—Já aqui tinhas vindo?

—Já, uma vez, no anno do terramoto, em julho.

«Olha, ali em baixo, aquelle penêdo.

—Chamam-lhe o *Penêdo do Duque*—observou o guia. Pelos modos, segundo contam os velhos cá dos sitios, era ali que um duque muito antigo se ia assentar a pescar á linha.

—Aqui ha uma gruta encantadora com uma santa, disse o mancebo.

—Ha, sim senhor... Fica lá em baixo ao pé do Portinho. E' onde lhe chamam a *Santa da Lapa*.

«Está lá a milagrosa imagem da Senhora Santa Margarida. *Até* o mar lá entra dentro em cachões, mas quêda-sa logo aos pés do altar, a desdobrar a sua toalha de rendas brancas, toda feita de espuma!

«Tem lá a modo uns pilares que parecem todos de vidro e reluzem que nem um resplendôr! Appareceram ali por milagre, pois nunca ninguem para lá os levou e ninguem sabe quem os fez!

O ingenuo guia referia-se ás soberbas estalactites e estalagmites da gruta.

—Lembro-me bem de tudo quanto aqui vi ha tres annos!—ia contando o mancebo á sua companheira, muito enlevada nos selvaticos encantos d'aquelle soberbo trecho alpestre.

«Vê para além que penedias e como o sol faz luzir aquelles marmores! Nunca vi tanto alecrim e rosmaninho como por esta serra.

«De lá de cima vê-se a nossa linda Lisboa, como se estivesse a sumir-se em neblinas, o Tejo como uma longa fita reluzente, o mar a perder-se de vista. Para aquelle lado, Setubal no seu ninho de la-

ranjaes, as areias de Troya, o Sado, o formoso valle de Azeitão.

—E *inté* se avista a grande quinta do sr. duque de Aveiro—disse o guia. Lá o foi prender a tropa, vae p'ra um mez. Disse-me um rapaz d'aquelles sitios que os soldados d'acavallo eram tantos que *inté* faziam tremelicar o chão!

«D'ali deu ás de Villa Diogo um que desfechou os tiros no senhor rei. Chamam-lhe o *Zé Polycarpio*. (*)

—E é muito grande esta serra?—perguntou a dama.

—Desde a barra de *Setuble*—respondeu o guia—que é onde começa a raiz da serra, *inté* ao Cabo de Espichel, ha de ter as suas quatro leguas bem puxadas, das taes que a velha mediu a dar ao chinello. (**)

—Olha, capellinhas feitas nas fragas!—observou a dama para o companheiro.

—Aquillo eram dos monges e ermitães antigos—explicou o guia. Que elle ainda por *hi* andam alguns que não fazem vida no convento. Veiu p'ra *hi* um ha uns poucos de mezes. E' um pedaço de um *home*, com umas barbas muito compridas, muito brancas! Fala á gente com muito carinho e, quando lhe calha, vae por essas terras fóra, e o rapazio todo ao redor d'elle a pedir-lhe a sua *bençoa*.

«Já dizem por *hi* que faz mais milagres que o Malagrida, que esteve em *Setuble*. *Nemja* que eu visse.

«P'ra prégar sermões é que dizem as velhas e os frades que não tem grande geito. *Nan* faz chorar e lá metter mêdo ao povo co'as penas do inferno, isso *tó carocho!*

«Agora, ha uns poucos de dias, que não o *tópo* por aqui.

—Estará doente?—perguntou a dama.

—Não se me consta. Mas muita saude não *tará* elle, que anda sempre da côr da cêra.

—Não sabe onde fica a sua grula?—perguntou a dama.

—Já me disseram que era lá muito p'ra riba, p'r'ó topo da serra.

(*) *Polycarpio* lhe chamam tambem no processo as testemunhas que a elle se referiram.

(**) Vinte e cinco kilometros. A altitude média da serra é de 250 metros acima do nivel do mar.

* * *

Estavam a poucos passos do convento. Encontraram um frade arrabido, a quem pediram informações ácerca do monge das barbas brancas.

Desde os meados do seculo XVI que na Arrabida se haviam estabelecido varios ermiterios. O convento, edificação modesta e irregular, aninhado entre frondoso arvoredo, fôra fundado no seculo XVII por um dos duques de Aveiro.

—Conheço—disse o frade. Hontem de manhã veiu aqui ao nosso convento, e esteve a ouvir contar a um dos nossos irmãos, que chegára de Lisboa, as coisas horrendas que por lá se dizem a respeito do processo dos Tavoras, e de subito começou a achar-se mal e saltou com elle tamanha febre, que teve de ficar no hospicio.

—Valha-me Nossa Senhora!—disse a dama em segredo, muito pallida.

—E será coisa de perigo?—perguntou o mancebo.

—Isso não sei. Hoje de manhã ainda estava de cama.

—Seria possivel falar-lhe?

—Parece-me que sim. Como elle está fóra do convento, ali, n'aquella casa que é o hospicio destinado aos peregrinos e devotos que veem aqui fazer as suas promessas, não haverá difficuldade em lhe falar. Vejo que o conhecem.

—Somos seus...parentes.

—Ah!... Diziam por ahi que elle era sósinho no mundo! Coisas inventadas.

—Se vossa reverencia quizesse ter a bondade de nos auxiliar para o podermos ir vêr...—solicitou o mancebo.

—Da melhor vontade—respondeu o frade. Queiram vir commigo.

E encaminhou-os paça o pequeno hospicio.

—Queiram esperar aqui alguns momentos, em quanto eu vou falar ao irmão enfermeiro. Quem hei de dizer que procura o monge?

—Bastará que vossa reverencia diga que desejam vel-o Helena e Jorge Gustavo.

O frade entrou no hospicio.

—Doente, e quem sabe se em perigo o nosso abençoado protector! Jorge, não nos quer Deus ajudar!

—Agora és tu a primeira a esmorecer!

—Vinha tão cheia de esperança! Sempre assim!

—Deixa vêr. E' preciso não desanimar.

E foi para o guia, a quem recommendou que os esperasse ali.

—Podem entrar—veiu dizer o frade. Está mais alliviado, e até os olhos se lhe encheram d'agua, quando lhe disse os seus nomes.

Helena amparou-se ao braço de Jorge Gustavo, a tremer de commoção.

—Meu padre, Deus vol-o pague—disse o capitão, cortejando o frade.

—Elle vos acompanhe, senhor.

Os dois entraram no hospicio. Era uma casa terrea, humilissima, onde havia apenas quatro pobres catres.

—Podem estar á sua vontade—disse-lhes a meia voz o frade enfermeiro.que viéra ao seu encontro. Eu voltarei d'aqui a pouco. Não o deixem falar muito, que a febre foi desabalada e está ainda abatido.

Não estava no hospicio outro doente.

Helena correu logo para o catre de Damião de Castro; ajoelhou, e poz-se-lhe a beijar as mãos e a fital-o muito com os olhos cheios de lagrimas.

—Bemdita filha da minha alma!—exclamou o monge muito commovido. Como adivinhou que eu padecia e como Deus teve piedade de mim!

«E Jorge?—perguntou, procurando erguer-se um pouco.

—Aqui tambem, meu grande e santo amigo, mas disposto a não lhe dar licença que faça imprudencias. Recoste-se; é preciso que esteja tranquillo. Póde fazer-lhe mal.

—Isto não é nada, meus filhos. Foi um doloroso abalo com que a minha velhice fraquejou. Em tres dias, se tanto, estarei capaz de me arrastar por esta serra fóra.

«Mas o que os trouxe aqui, com tanto incommodo? Olhem como ella está cançada!

—Queriamos vêl-o, e mal poderiamos adivinhar que estava doente!—disse Helena.

—Achaques de velho, que em breve passam. E a sua menina?

—Cada vez mais viva, mais meiga, a sorrir sempre, e nós, o Jorge e eu, cada vez mais doidos por ella.

«Nós e a avó, que não vê outra cousa no mundo.

—E ella como vae? Aquelle coração de santa!

—Excellente. Com a pequenina até parece que remoçou!

—Ainda bem. Jesus é infinitamente misericordioso, e sua mãe padeceu tanto, que nem Deus podia esquecel-a.

«Pois, meus filhos, o *homem põe e Deus dispõe.*

«Estava hontem resolvido a metter-me a caminho para Lisboa, tinha saudades de os ver; mas vim aqui ao convento e taes noticias ouvi, de tanta magua, que saltou comigo a febre, a minha velha companheira do sertão africano, que em todas as afflicções me visita, e aqui me fiquei.

«E Sebastião de Carvalho?...

—Ha uns poucos de mezes que não o vejo—respondeu Helena, relanceando um olhar para o marido.

—Estive com elle ha uns quinze dias—disse Jorge Gustavo. Sempre muito occupado em negocios do estado, cada vez mais graves e complicados.

—Graves, horrorosamente graves... Grande ministro! Como nenhum ainda houve igual n'esta nossa terra! Assim Deus lhe tocasse o coração... A elle e aos seus inimigos. Por culpa de todos, tanta crueldade e tanto sangue!

—Meu amigo, não fale em coisas que o podem mortificar—solicitou Jorge Gustavo.

—E nós bem sabemos o que lhe succedeu hontem—accrescentou Helena carinhosamente.

—Ah! já lh'o disseram!

—Disseram — respondeu Helena—e não queremos, não deixamos que se torne a affligir assim.

—Foi a surpreza das ruins novas que me fez fraquejar. Agora estou já de animo refeito para falar d'aquelle horroroso assumpto e para cumprir o meu dever de padre e de leal amigo.

«Dois ou tres dias para esta velhice retomar alento, e lá irei a Lisboa pagar-lhes esta consoladora visita, meus filhos.

—Então vae a Lisboa?!—perguntou He-

lena, olhando de relance para o marido.

—Vou, a não ser que Deus m'o prohiba, tirando-me as forças. Preciso de ir falar a Sebastião de Carvalho.

«Estava resolvido a ir a Lisboa, principalmente, para os vêr e á sua pequenina, mas agora, perdõem-me, irei lá, especialmente, para falar ao ministro. Quando me apartei d'elle, disse-lhe que trazia commigo o dever de voltar, se o soubesse no infortunio, e o direito de me ir ajoelhar no seu caminho, quando suppozesse que alguma grande sombra iria cair sobre o seu nome glorioso.

«E' este o caso. Velho amigo lealissimo do grande ministro, não vou lá pela Companhia, que abandonei, nem pelos Tavoras, que apenas conheci de vista; vou defendel-o de joelhos, contra elle proprio, em nome da sua immensa gloria.

E estas ultimas palavras do monge vibraram trementes e como repassadas de pranto.

—Então!—disse Helena supplicante. Então, que se torna a mortificar!

—Não é nada, minha filha. Eu só fraquejei hontem por que me tinha já desacostumado de soffrer por outra coisa, que não fosse uma velha saudade que se tornou em remorso. Mas agora que um santo dever me agita, voltei ao que fui; sinto a energia de outro tempo; a alma arrastará o corpo.

«Jorge Gustavo, o que se diz a respeito do andamento do tenebroso processo chamado dos Tavoras?

—Corre que está muito adeantado—respondeu Jorge tristemente.

—Valha-me Deus! Mas não é provavel que antes de tres ou quatro dias cheguem ao fim... Ouvi que são tantos os réos a julgar... Réos? Deus sabe quaes são os verdadeiros réos!

«José Maria de Tavora tambem está na conta dos criminosos, ao que ouvi hontem?

—Tambem... segundo me disseram. Pobre moço!

—Um dos seus dilectos amigos, Jorge!... Desditosa Branca!

—Se a visse!—disse Helena a reprimir as lagrimas. Se a podesse ouvir!

—E eu quasi podia jurar que José Maria de Tavora está innocente, mas não me atrevo a incorrer nas desconfianças de Sebastião de Carvalho, indo pedir-lhe pelo desventurado rapaz... Amigo d'elle, julgar-me-hiam suspeito; official dos exercitos do rei, causaria assombro e havia de parecer um crime o meu pedido em favor do supposto regicida.

—Diz bem. O pedido ha de ser meu

—Como é bom e misericordioso o meu santo protector!—disse Helena a beijar-lhe as mãos.

—Receio muito do coração do ministro em tudo o que se refira aos negocios do estado e aos seus inimigos politicos; mas irei pedir-lhe clemencia, supplicar-lhe que, ao menos, mande apurar bem a verdade, sem os hediondos processos do Santo Officio.

«Se condemnarem innocentes, se os levarem ao supplicio e á morte, a mácula de sangue na historia não cairá sobre o rei que mandou executar as sentenças, mas sobre o grande ministro, que tudo póde, e não quiz segurar a mão vingadôra do rei.

«Irei eu, e assim Deus permitta que não vá tarde e que as forças me não faltem!

—Mas não será imprudencia, no seu estado?—observou-lhe Jorge Gustavo.

—Perde-se a vida por um dever. Com que direito havia de eu ficar-me aqui no receio de arriscar as forças?

«Irei.

E depois de uns momentos de reflexão, perguntou a Jorge Gustavo:

—Ouviu contar lá em Lisboa que haja intenção de fazer ao Duque e aos Tavoras o que em França fizeram ha dois annos a um regicida, cujo nome me não occorre agora?

—Damiens?

—Isso.

—Nada ouvi a esse respeito. Correm por lá muitos boatos; cada um os vae inventando ou augmentando, segundo a sua phantasia; mas d'esse não tenho o menor conhecimento.

—Pois esse ouvi eu hontem ao arrabido que veiu de Lisboa, e foi o que mais me horrorisou.

«E o frade contava as coisas com uma tão má vontade a Sebastião de Carvalho!...

«Que fôra o ministro quem lembrára o supplicio de Damiens—dizia—e era elle quem aconselhava el-rei a mandar fazer

ao Duque e aos Tavoras o que em Paris fizeram a esse desvairado que deu uma canivetada em Luiz XV. Que até a propria Marqueza mãe e o filho mais novo haviam de soffrer o terrivel supplicio! As mãos cortadas, o corpo chagado com tenazes em braza e em cada chaga aberta jorros de chumbo derretido; depois estiraçado por quatro cavallos e por fim lançado ao fogo. Martyrio e agonia de nove quartos d'hora, para cada um, como Damiens!

—Jesus, que tamanho horror!—exclamou Helena, muito pallida.

—Que tudo isto em Lisboa se dava como certo e que o proprio Sebastião de Carvalho o affiançára, disse o frade.

—Ha de ser falso!—protestou Jorge.

«Acredito que dêem morte afflictiva aos que julgarem criminosos, e possivel que vão os innocentes com os verdadeiros culpados, mas não ouvi similhante boato e não creio n'elle.

—Não digo que o inventasse o arrabido, homem chão e ingenuo, mas sera falsidade espalhada pelos inimigos de Sebastião de Carvalho, para lhe ennegrecerem o caracter.

«Entretanto, Jorge Gustavo, os odios politicos são terriveis conselheiros, e os maus exemplos de fóra são sempre os que mais avidamente se imitam.

«Barbaros e tremendos supplicios são já o garrote e a roda, na dôr e agonia de um instante ou de alguns minutos, para que se queira levar a tragica ferocidade até esse hediondo martyrio d'horas, a que sujeitaram Damiens!

«Não; se tal fôr o intento, hade o ministro levar-me de rastos atraz de si, a supplicar-lhe que não imite cá esse monstruoso supplicio.

—Que Paris presenceou e applaudiu, affrontando o supplicado e acclamando o rei, segundo ouvi em casa de Saint-Julien!

Voltou o frade. Mudaram de conversa e d'ahi a instantes Helena e Jorge Gustavo despediam-se enternecidamente do velho Damião de Castro

No dia immediato, em Lisboa, Jorge Gustavo ouviu dizer vagamente que o processo dos Tavoras estava acabado e que já n'aquelle dia nem os presos nem as testemunhas tinham sido levados á *Quinta do Meio*.

—Estou a vêr que nem Damião de Castro chegará a tempo de fazer a sua generosa supplica... embora inutil!—dissera Jorge Gustavo, de si para si, com profundo pezar.

* * *

E' de manhã cêdo. Estamos a 12 de janeiro. Sebastião de Carvalho trabalha na sala de despacho da sua residencia, que, como bem sabemos, é ao cimo da *calçada grande*, a calçada da Ajuda.

Estão com elle o desembargador Cordeiro, José de Seabra e o official maior da secretaria dos negocios estrangeiros, Antonio José Galvão.

Este ultimo despedia-se.

—Então não se me descuide de examinar bem as cartas que vierem para os padres da Companhia. Elles de cá já estavam escrevendo a medo, cautelosamente. Aquellas cartas que transcreveu, e cujas copias estão no processo, pouco adeantavam e talvez fossem manhosamente feitas para se terem. (*)

—Fique v. ex.ª certo de que nenhuma communicação para os padres da Companhia hade passar do correio-mór, sem que v. ex.ª tenha conhecimento d'ella.

—E o que fazem em Roma, (**) em Madrid, em Paris e em Londres—explicou Sebastião de Carvalho. Tenho a certeza d'isso. Em Roma de ha muito. E tanto eu sei que as cartas de officio da secretaria de estado dos negocios estrangeiros são abertas lá fóra, que muito tenho recommendado a D. Luiz da Cunha que só mande em extra o que for mais importante e, por enviado especial, o que tiver maior gravidade.

«Assim os governos estrangeiros só poderão lêr o que nos convier que elles sai-

(*) Estavam effectivamente no processo, como se vê do *Traslado authentico*, existente no ministerio da justiça e já aqui citado.

(**) Foi em Roma que Alexandre de Gusmão teve conhecimento do *Gabinete de abertura*, e lá aprendeu o processo de abrir as cartas e officios sem deixar vestigios da violação.

O processo começou a ser applicado em Lisboa nos ultimos tempos do reinado de D. João V.

Alexandre de Gusmão communicou o segredo a Sebastião de Carvalho em 1750—*Historia da guerra civil* etc., por Luz Soriano, documento n.º 5.

bam por este modo indirecto e occulto. Finge-se que é segredo nosso o que muito importa dizer-se-lhes, mas que as praxes diplomaticas e as responsabilidades do estado não permittem que directamente se lhes communique. (*)

—E assim se tem feito.

—Bem—respondeu, despedindo o Galvão.

Depois foi ter com o juiz Cordeiro.

—E a sentença, prompta?

—Aqui a trago para v. ex.ª vêr. A Junta está avisada para reunir ás 11 horas, conforme v. ex.ª ordenou.

—Queira deixar ficar. Eu a levarei logo para ser lida e assignada. Ainda esta tarde ficará rubricada por sua magestade. No resto do dia e em toda a noite se hão de preparar as coisas para a execução, que hade ser amanhã.

—V ex.ª quer dar-me as suas ordens?

—Até logo, lá em cima no paço. A sentença foi datada da Ajuda?

—Como v. ex.ª determinou.

—Bem. Até logo.

* * *

—José de Seabra, não ha provas formaes contra os jesuitas, mas ha indicios da sua cumplicidade moral. Empurraram os outros e ficaram escondidos na sombra. Eu os puxarei cá para fóra.

«Agora, a nossa contenda tem de ser em Roma.

«Falta-nos Benedicto XIV, aquelle grande e glorioso Pontifice, que foi o mais brilhante facho da Egreja. (**) Clemente XIII é muito dos jesuitas, o seu secretario de estado, esse cardeal Torregiani, a quem eu ainda hei de dar uma lição, é creatura muito da Companhia, mas eu sei já como os cardeaes se compram e como a curia se dobra.

«Os jesuitas hão de sair de cá e a Companhia ha de cair no mundo. Está o negocio por minha conta, José de Seabra.

«Não os condemna a supplicios o tribunal da Inconfidencia, mas já a historia os condemnou no mundo.

«E' preciso continuar o libello, José de Seabra, e mandar dizer para Roma tudo quanto lhes póde fazer carga.

—Sem esquecerem aquellas *boas lembranças* com que o sr. D. João III obteve o estabelecimento da Inquisição.

—Os presentes, bem sei. Compra de auxiliares na Curia, e agora para bom fim, em proveito da civilisação. Ainda se não acabaram cá os diamantes para os anneis. Podem fazer-se outros, como os que se mandaram a Passionei e Achinto. (*)

(*) Assim procedeu constantemente, e ao diante saberemos como por este meio insinuou ao governo inglez o que elle devia de fazer em certa conjunctura grave da politica europeia.

Disse em officio ao ministro portuguez em Londres o que seria vaidade importuna expôr directamente ao gabinete inglez. Sabia perfeitamente que o officio havia de ser aberto pela policia dos correios no *gabinete negro*.

(**) Macaulay chamou-lhe o *mais santo e o melhor dos cento e cincoenta successores de S. Pedro*.

O sr. conde de Samodães no seu livro—*O Marquez de Pombal—Cem annos depois da sua morte*, chama a Benedicto XIV *um dos homens mais eruditos do seu tempo e espelho de todas as virtudes*.

Tem-se dito que o Breve *In Specula Supremae dignitatis*, que encarregou o cardeal Saldanha da reforma da Companhia em Portugal, fôra redigido por Passionei, sem conhecimento de Benedicto XIV, então quasi moribundo.

Talvez fosse, mas bastantes annos antes, a 20 de dezembro de 1741, o mesmo santo e glorioso Benedicto XIV, na plenitude do seu rutilo talento e da sua prestigiosa soberania espiritual, publicára a bulla *Immensa Pastorum Principis*, que era bem uma formidavel censura ás mercancias e aos conluios politicos dos jesuitas.

(*) O ministro de Portugal em Roma, Francisco d'Almada e Mendonça, escrevêra a Sebastião de Carvalho:

Não se esqueça de me mandar para Passionei e Achinto dois anneis de diamantes, e alguma outra coisa que se ache digna de lhes ser offerecida.

Este trecho vem transcripto no livro do sr. Conde de Samodães, que já tivemos occasião de citar.

E' uma prova das torpes corrupções de Roma n'aquella epoca. Como argumento, deixa-nos a seguinte suspeita: se os diamantes do governo portuguez compravam cardeaes contra os jesuitas, os *presentes* da Companhia riquissima bem poderiam ter comprado cardeaes a favor.

Coisa parecida ao que succedeu com os judeus. No mesmo mercado dois compradores adversos.

«Agora o principal é dispersal-os para os enfraquecer. Expulsaram-nos de Veneza e de França, e voltaram lá. E' preciso matar as raizes todas.

«Olhe, Seabra, aqui tenho já apontadas as providencias que se hão de seguir á execução de ámanhã, e a minuta de um parecer que hei de apresentar a sua magestade d'aqui a uns dias. Ha de ser assignado por mim e pelos desembargadores da junta.

«Cartas régias a todos os ministros do judicial na côrte, provincias e ilhas, mandando proceder a sequestro geral de todos os haveres da Companhia.

«Os bens sequestrados ficam sob a fiscalisação de depositarios idoneos e os valores em dinheiro darão entrada em cofres de tres chaves, que se conservam nas mãos dos depositarios. Superintendera n'este serviço de sequestro e deposito o desembargador Cordeiro.

«Cartas circulares aos prelados participando-lhes a sentença contra os criminosos, de quem os jesuitas foram instigadores, e convidando-os a publicar pastoraes contra as *perniciosissimas doutrinas e calumnias venenosas dos jesuitas*.

«Mandar fechar as escolas da Companhia em Coimbra e Evora, ou em qualquer outra povoação.

«As camaras que ponham editaes para o provimento de mestres de latim, de ler, escrever e contar.

«Paga-se aos mestres pelo cofre dos sequestros, e as camaras que os escolham conscienciosamente, pois que havera recurso para a *Mesa do desembargo do Paço a favor dos oppositores mais capazes que se considerarem preteridos por injustos empenhos*. (*)

«No collegio das artes de Coimbra, as aulas todas a concurso; aquillo não pode continuar a ser viveiro de padres.

«Para a universidade de Evora, outro reitor e aulas de maior utilidade do que a de *Theologia Escolastica*, absolutamente inutil. Uma aula de historia e outra de *Disciplinas Ecclesiasticas* é que são la precisas.

«E acaba-se com aquelle vespeiro da Companhia.

«Isto, emquanto se não podem tomar outras providencias, para a completa reforma dos estudos. Um dia será.

Bateram a porta brandamente.

—Quem é?

—Queira v. ex.ª perdoar—disse o Manuel Bento, entre-abrindo a porta.

—Que temos?

—Com licença de v. ex.ª

E foi até junto do ministro, a quem disse baixo:

—Chegou n'uma sége uma senhora toda embiocada. Está na sala de espera e pede permissão para falar a v. ex.ª em particular e com muita urgencia.

—Não disse quem era?

—Quando lh'o perguntei, responden-me que não era preciso, e que v. ex.ª a conheceria, logo que a visse. Parece que o seu maior cuidado é esconder o rosto. A voz é muito velada, mas parece de mulher ainda moça. Toda ella tremia quando me estava a falar.

—Bem. Dize-lhe que entre para aqui—disse Sebastião de Carvalho em voz alta.

—E eu retiro-me—disse José de Seabra, já de pé—se v. ex.ª m'o permitte.

—Adeus. Logo esteja lá em cima na Ajuda.

* * *

Sebastião de Carvalho fôra sempre galanteador, e deante das senhoras de todo se esquecia d'aquelle impertinente anno de 1699 em que nascêra.

Dava-lhe um certo alvoroço aquella entrevista, com taes recatos, com tal mysterio.

Uma dama velada, ainda moça, como suppozera o Manuel Bento, quem poderia ser?

E se fosse alguma parenta do Mascarenhas ou dos Tavoras, que viesse pedir-lhe clemencia?

Podia ser, mas, n'este caso, teria de a afastar de si, porque a sorte do Duque e dos Tavoras estava já escripta. Para o Mascarenhas, seu figadal inimigo, braço homicida da Companhia, nem sombra de clemencia do primeiro ministro, e aos Tavoras não perdoaria el-rei.

A dama entrou muito trémula e, sem levantar o espesso véu negro que tornava

(*) Palavras textuaes do parecer que foi lavrado na Ajuda, em junta de 18 de janeiro de 1759, e depois apresentado a el-rei.

impossivel conhecel-a e até perceber-lhe as feições, rojou-se aos pés do ministro.

—Venho implorar a piedade de v. ex.ª

E apezar de tremente e um pouco apagada, a sua voz tinha um timbre suavissimo e um grande encanto de juventude.

—Por quem é, senhora! Assim de joelhos... seja quem fôr. E procurou levantal-a.

—Assim de joelhos é que se pede perdão,—disse a dama insistindo—assim, humildemente.

—Perdão de quê?! Perdão para quem?!—perguntou o ministro com dura estranheza, como se visse confirmada a suspeita de que fosse uma parenta do Duque ou dos Tavoras a dama que assim lhe falava.

—Um momento de dó! Por piedade! Pelos seus filhos! Dizem que v. ex.ª não tem coração para escutar supplicas, e eu creio que tem.

—Supplicas de perdão, para faltas ou crimes publicos, fazem-se a el-rei; não a mim.

—Mas v. ex.ª tudo póde!

—Não sei a quem estou falando... mas não posso consentir que esteja de joelhos.

—Deixe-me assim, até lhe ouvir uma santa palavra de misericordia.

—De misericordia para quem?

—Para os. . Tavoras que estiverem innocentes, para os Tavoras que forem menos culpados!

—Senhora! Os Tavoras são réos de sacrilega traição contra a sagrada pessoa de el-rei. Tentaram o mais abominavel crime, tão monstruoso e nefando que excede o parricidio, e quem pede por elles, senhora, chama tremendas suspeitas sobre si e sobre todos os seus, incorre em funesto desvario, torna-se cumplice d'aquelles desnaturados!

—Sobre mim!... sobre todos os meus!—soluçou a dama, a tremer muito, cheia de pavôr.

—E' uma parenta dos Tavoras?!

—Perdão! Perdão!

—Para elles, que intentaram matar o seu rei!

«Presidente do tribunal que os está julgando, intimo-a, senhora, a declarar o seu nome, que em pouco repetira ante a Suprema junta da inconfidencia.

«Tavora que pede perdão para os regicidas, precisa de ser ouvida e julgada.

E ia a encaminhar-se para a porta.

—Piedade!—ronquejou a dama, arrastando-se de joelhos. Eu digo quem sou. Perdão para mim!... perdão!...

E, levantando o veu, accrescentou quasi n'um murmurio:

—Meu pae!

—Helena!—exclamou Sebastião de Carvalho n'um movimento de assombro. Que loucura! Que espantosa loucura esta!

—Perdôe-me!—soluçou. Tantos a terem medo do seu coração, e só eu a contar com elle!

—Mas o que poude trazer aqui a esposa do capitão Jorge Gustavo?

—O dó por outra mulher que muito soffre.

—Qual?

—Branca, a irmã de Jorge.

—A requestada de José Maria de Tavora. E sem reflectir, n'um doido impulso do coração, vem fazer-me um pedido, que, se mais alguem o ouvisse, nem eu a poderia salvar d'este funesto passo!

«E seu marido soube d'este desvario?

—Jorge nada sabe. A culpa é toda minha.

—Commetteu um grande erro!

—Tanto me aterrou o que tenho ouvido dizer, tamanha magua me causa a pobre Branca, tamanha, que nem pensei, nem sabia o mal que vinha fazer!

«Perdôe-me, v. ex.ª Por minha mãe, pela minha pequenina.

—Helena, levante-se—disse-lhe o ministro, estendendo-lhe os braços profundamente commovido. Corações feminis, o que seria o mundo, se elles o governassem!

«E póde suppôr que eu, um secretario d'estado, havia de ir pedir a el-rei clemencia para os proprios que o quizeram matar! Que desvarin o seu!

«Mas assente-se aqui, tranquillise-se. Não chore. Supponhâmos que tudo isto foi apenas um mau sonho. Esqueça-o. Não o diga, nem mesmo a seu marido, já que deu similhante passo, faltando ao devêr de o consultar.

—Jorge não consentiria.

—Era o seu dever. Agora vá serena-

mente para sua casa. Quem a acompanhou?

—Minha mãe, que me espera na sége.

—Outro grande coração, perigoso como o seu nos exaggeros da sua bondade.

«Vá, Helena.—O duro coração do ministro não podia ouvil-a.

Bateram á porta. Sebastião de Carvalho foi vêr quem era.

—Chegou agora um recado do paço para v. ex.ª—disse-lhe o Manuel Bento.

—Manuel Bento—chamou Acompanha esta senhora até á sége que a está esperando.

* * *

Duas horas depois estava sanccionada na Ajuda a sentença de morte affrontosa contra os regicidas.

Ao entardecer, duas companhias do regimento de dragões de Aveiro impediam que a multidão dos curiosos passasse para o cáes de Belem.

A supplica

—Para quê?

—Sua magestade manda chamar a v. ex.ª

—Vou já. Espera aqui.

E voltando para dentro, disse carinhosamente para Helena:

—Guarde o seu coração para os santos amores em que não podem entrar os odios dos homens. Eu tambem guardo o meu para os meus filhos, principalmente para elles. Desça o seu véu, Helena. Vá beijar a sua pequenina... por si e por mim.

A sentença estava publicada. A execução havia de começar ao outro dia, de manhã cêdo.

Em toda a tarde os carpinteiros serraram e martelaram para as bandas do cáes. E continuaram em toda a noite á luz de archotes.

Estavam a construir um patibulo grande.

As ordenanças de cavallaria cruzavam-se a galope na calçada da Ajuda, levando ordens e trazendo communicações.

Em uma das casas baixas do paço de Belem, a poucos passos do Pateo dos Bichos, um homem estava cobrindo de baêta preta uma cadeirinha de muitas douraduras, que trouxeram do palacio do duque de Aveiro, cujos bens tinham sido sequestrados.

Era um carpinteiro de caixões funerarios quem fazia a obra.

E, em quanto ia repuxando e pregando a lugubre baêta, assobiava a toada gaiata de uma cantiga de amores.

—Voltas que o mundo dá!—commentou, interrompendo a musica de assobio.

«Se tivesses fala—disse repregando uma ponta da baêta na porta da cadeirinha—muita coisa havias de contar d'outros tempos! Mal sonhavas então o officio que hasde ter ámanhã, minha triste recoveira!

«Tens de te mexer! Um duque, dois marquezes, um conde, o rapazote de cabello de *saraphim*... Marqueza é que has de levar só uma. A outra, a nova, fica por cá a gozar a vida; essa não levas tu. E' caça do couto real; é Tavora fóra da conta.

«E'-na que martellada no cáes! Está a preparar-se a *coisa* p'r'as visitas que tu vaes fazer ámanhã.

E, apalpando as almofadas da cadeirinha, accrescentou:

—Bem se vê que eras para gente rica. Fofinha que é um regalo! Rica a valer!

«E quem se lamberá com a baixella de prata que o teu Duque mandou vir de França, quando queria casar o filho?

«Não ha de ser nenhum da minha *igualha*, essa te juro eu.

E, depois de ter falado assim á luctuosa cadeirinha, poz-se outra vez a assobiar.

XIV

HORRIVEL!

Estava uma neblina cerrada dos lados da barra. O Tejo regougava tòrvamente. De quando em quando, corriam no ceu, como esquadrões de cyclopes na vertigem de uma carga, nuvens de escuro azul e de caprichosas fórmas, que toldavam a luz fria e tremente das estrellas.

Caia de tempos a tempos uma chuva minda, intensa; a gélida aragem da madrugada cortava como o gume de um cutelo. Ouvia-se distinctamente o oceano a ullular lá fóra da barra.

A espaços escutava-se o escarvar impaciente ou o relincho insoffrido dos cavallos dos piquetes de dragões, que estacionavam em volta da praça.

A chamma vermelha dos archotes dava um aspecto phantastico aos homens que trabalhavam em cima do estrado, e fazia destacar da escuridão os soldados embuçados em longos capotes, dormitando sobre os cavallos, como se fossem figuras apenas esfumadas n'uma téla de sinistra penumbra.

Os carpinteiros levaram toda a noite a martellar e a beber aguardente, para resistir ao frio.

Não que o cadafalso era enorme e a obra devia de estar concluida ao romper da manhã.

Um estrado de sete palmos de altura com vinte e sete de largo e trinta e seis de comprido, com escada larga de corrimão e em cima os postes, as rodas, as cruzes em aspa, tudo isto não era obra que desse para vagares, mesmo n'aquellas immensas noites de janeiro.

Enchia a meia laranja do cáes; era tablado para uma enorme tragedia de onze personagens.

Tinha sido labór sem descanço. Apenas por volta da 1 hora houvéra uma interrupção brevissima, de pura curiosidade.

Uma carruagem, seguida de soldados de dragões, viéra de batida dos lados da Junqueira, e parára diante do portão do *Pateo dos Bichos*.

Alguem se apeou e foi conduzido para dentro do Pateo. Quem seria?

Formularam-se mil supposições, mas logo appareceu quem désse a explicação do caso.

Um dos carpinteiros havia ido fazer uma pergunta ao mestre da obra, que estava a conversar com um embuçado junto do paço. Viu então casualmente a pessôa que saiu da carruagem e veiu contar aos outros o mysterioso caso.

—Era a Marqueza velha—disse.

—Hum!

—Vi-a eu com estes que a terra ha de comer.

«Conheço-a como os dedos das minhas mãos. Logo depois do terramoto grande andei eu a trabalhar em casa d'ella p'ra riba de quatro mezes.

—Mas inda não ha tres dias me disseram que estava presa no convento das *Grillas*.

—E' que veiu de lá agora.

—P'rá chacina de ámanhã!

—Vinha mais brancado que uma defunta!

«Traz uma capa alvadia que tem uns ares de mortalha. Mal que saiu da carruagem, deitou os olhos cá p'ra este lado e logo os tapou com as mãos, tal como a gente quando a luz lhe fére a vista.

—Foi então a luz dos archotes.

—Depois levaram-na p'ra dentro, e en-

trou com ella um embuçado, que estivéra a falar com o mestre.

—Quem seria?

—O carrasco—respondeu o informador baixando a voz.

—Madrugou o maldicto!

—Já ahi está desde a meia noite. Elle é que ha de ver se esta obra fica bem feita.

—Mas eu já ouvi dizer que veem uns poucos.

—Veem os outros que o hão de ajudar.

—E a Marqueza velha nem tugiu nem mugiu?

—Quando eu cheguei ao portão, já ella estava lá dentro. Deu tamanho grito, que nem que lhe tivessem arrancado a alma!

—Isso *antão havéra* de ser quando viu os filhos e o marido.

—Que toda a noite teem estado a ouvir esta martellada.

—E a sentil-a no coração, que não ha ninguem que não tenha pena de morrer.

—A outra, a Marqueza moça é que se escapa.

—Pudéra. Lá está no convento de Santos, e já me disseram que tem vinte moedas de oiro por mez, que lhe manda dar *certa pessoa*. (*)

—Tá, tá; não ponha mais na carta.

—Sciu! Cautela, que vem ahi o mestre.

Martellaram então com mais energia.

—Eh! lá—disse o mestre ja em cima do estrado.

«Este poste aqui quer-se mais seguro. Abana que nem doente de maleitas.

E com a mão fez oscillar o poste de uma roda.

—Reparem bem, olhem que duas aspas não têem trave ao meio—recommendou o mestre aos carpinteiros que estavam concluindo as cruzes em fórma de X. São para os dois graúdos que têem maior carga: o Marquez velho e o Duque. P'ra esses não ha encôsto; o tormento será maior.

—Ja estão ali promptas. E' só erguel-as.

(*) Mezes depois o embaixador da França dava informações ao seu governo acerca da situação em que ficára a Marqueza (D. Thereza de Tavora), e escrevia que *El-Rei lhe mandava dar uma mezada de 500 francos para seu sustento, mas que não a tornára mais a vêr*, etc.

(*Quadro Elementar*, etc. Tomo VI, pag. 156.)

* * *

Mais sobre a madrugada, os gallos já a cantarem muito, surgiu a lua por entre nuvens com uns tons de luz baça e livida.

—Ora viva!—disse um dos operarios em guisa de cumprimento. Podia ter vindo mais cedo e escusava de se queimar tanto archote.

—E a cara que ella traz!—observou outro. Parece que vem do *Pateo dos Bichos!*

—E não tardará a encobrir se, *cons'ante* reza a Folhinha.

«Olhem, meu dito, meu feito. Lá está já a tapar a cara. (*)

Sentiu se tropel de cavallos das bandas da Junqueira e uma vibração aguda de clarins.

—Ahi vem mais cavallaria—explicou um dos carpinteiros.

—E mais chuva—disse outro.

Emmudeceram os clarins; ouviram-se vozes de commando.

O regimento de dragões de Aveiro e o de cavallaria do Cáes formavam em massa do lado da Junqueira e da calçada da Ajuda.

Depois destacaram-se tres companhias, uma para defronte do paço de Belem; duas para a embocadura da rua dos Jeronymos.

Dirigia a distribuição das tropas o general marquez de Marialva, á frente dos seus ajudantes d'ordens.

Iriam algumas patrulhas para as embocaduras das ruas adjacentes.

Ouvio-se o toque de caixas de guerra cadenciando a marcha da infanteria e em seguida o borborinho e o ruido confuso de vozes. Appareciam luzes nas janellas.

A povoação de Belem despertava. Andavam já nas ruas os mais ávidos d'aquelle tragico espectaculo. Os madrugadores de Lisboa vinham acompanhando a tropa.

Chegaram dois regimentos de infanteria: o de Campo-Maior e um dos da guarnição de Lisboa.

O general ordenou que metessem em linha em volta da praça. Os granadeiros do regimento da côrte ficavam mesmo defronte da escada do cadafalso.

A' frente d'essa companhia, espantosa-

(*) Houve, effectivamente, n'aquella manhã um eclipse da lua.

mente pallida, um capitão de vinte e dois annos, que se chama Jorge Gustavo.

—Eh! lá! Que pasmatorio é este aqui?! —dizia o mestre da obra, lá de cima do cadafalso, reprehendendo uns carpinteiros que tinham interrompido o trabalho para observar o movimento das tropas.

«Vem a romper a manhã e isto ainda não esta acabado!

E vinha. Fria, livida, sinistra aquella manhã, de 13 de janeiro de 1759!

Ja se viam luzir as espadas e os canos das espingardas.

O marquez de Marialva mandou as suas ultimas instrucções aos commandantes dos regimentos e encarregou o do regimento da côrte de o substituir no mando das tropas ali reunidas.

O Marquez, muito embuçado, metteu a galope, a caminho de Lisboa. Não queria assistir á medonha tragedia, em que alguns dos mais notaveis fidalgos do reino iam ser justiçados, de mistura com os seus cumplices da ralé plebeia.

Jorge Gustavo estava a pequena distancia do commandante e ouviu bem as ultimas ordens do general. Viu-o depois metter a galope na direcção da Junqueira.

—Foge d'isto!—disse comsigo. Só eu não posso fugir d'aqui, d'este horroroso supplicio da minha alma!

As ordens dadas na vespera de tarde tinham sido terminantes. Levariam a sua força total os regimentos que iam para Belem; nenhum official dispensado, sob que pretexto fosse; os que se declarassem doentes seriam logo examinados pelos cirurgiões. Especial severidade para os officiaes da nobreza que pretendessem escusar-se.

Foram feitas recommendações similhantes aos outros regimentos da côrte, que ficavam de prevenção e debaixo d'armas nos quarteis.

Na saudação da manhã os sinos tocavam as badaladas para as Ave Marias nos Jeronymos e nas outras egrejas de Belem..

Os operarios interromperam os trabalhos, descobriram-se e rezaram.

Vibraram as vozes de ordenança mandando descobrir os soldados. A cavallaria tinha as espadas perfiladas; a infanteria as armas firmes no hombro.

Tocaram os clarins a alvorada; as caixas de guerra rufaram soturnamente.

As gottas de agua do ultimo chuveiro escorriam como lagrimas dos postes das rodas e dos braços das aspas.

* * *

Eram seis horas e quasi tres quartos. O sol não podera romper as nuvens.

O carrasco e os ajudantes estavam já em cima do cadafalso.

De gorro negro e longa capa tambem negra, entre as aspas e as rodas, o verdugo tinha o que quer que fosse de sinistro espectro, que a noite deixasse ali de pé.

A aguas tôrvas do rio faziam dançar contra o caes uma falúa abarrotada de achas de pinho e de barricas de alcatrão.

Multidão enorme em volta da praça, nas janellas, nas aguas-furtadas, nos telhados das casas mais proximas.

Abriu-se o portão do *Pateo dos Bichos*.

Anciedade immensa; de curiosidade em quasi todos, de magua e do n'alguns raros corações misericordiosos.

Avança um piquete de dragões. Atraz, a cavallo, os ministros do crime dos bairros de Lisboa, e o corregedor de crime da côrte e casa. Esquadrão negro, luctuoso esquadrão, togas e capas a palpitarem sob a aragem da manhã, como azas de vampiros côr da noite.

Entre dois padres da congregação de S. Vicente de Paulo, de sobrepelliz e estola, soluçando rezas, vem lentamente a funeraria cadeirinha.

Apeia-se o esquadrão negro e sóbe para o estrado patibular.

A cadeirinha chegou ao pé da escada. Abriram-lhe a porta.

Move-se a multidão; sente-se o rumor de muitas vozes segredadas; alguma coisa que lembrava o ramalhar de uma floresta que uma lufada de vento subitamente agitasse.

Opprimido de magua, á frente da sua companhia, Jorge Gustavo desviára para o lado do rio os olhos turvos de lagrimas. Não queria vêr aquelle horroroso espectaculo.

Vinha entrando um cahique de velas empavezadas. Fixou-o instinctivamente, a simular curiosidade, a fingir indifferencas. Inutil disfarce. Afinal até o navio se lhe

apagava entre a neblina de pranto dos seus olhos!

Saíra da cadeirinha uma dama. Cabellos brancos, cabeça de rainha, todos a conheceram logo. Era a marqueza de Tavora, a que fôra prodigiosamente linda.

Uma capa alvadia, um vestido de setim azul claro, um lenço de seda no pescoço; laços de fita nos cabellos, brincos de diamantes; tal como fôra presa. Nunca mudára de vestido.

Ajoelhou no primeiro degrau do cadafalso e confessou-se. Longa confissão de cincoenta minutos. Lá em cima os carpinteiros continuavam a martellar.

Estavam acabando as rodas para os regicidas da plebe.

O padre confessor lançou a absolvição á Marqueza e ajudou-a a levantar. Elle e o outro a quizeram amparar na escada, mas D. Leonor de Tavora subiu com febril energia, como se tivesse pressa de morrer!

Vieram recebel-a os carrascos. Era para lhe fazerem as honras do cadafalso, sinistros cortezãos da morte.

Depois foram mostrar-lhe os instrumentos do supplicio e explicar-lhe o fim a que eram destinados, assignalando a cada um a victima que devia de pertencer-lhe. Davam-lhe assim a visão da morte afflictiva que haviam de ter o marido e os filhos!

Fraquejou então a Marqueza. Não podia chegar para tanto o seu animo. Aquillo era um requinte de pavorosa crueldade.

—Vamos—disse ao carrasco, sem, todavia perder a sua altivez de rainha. Mata-me depressa. Isto é insupportavel!

E as lagrimas saltavam-lhe em fio dos olhos e escorriam-lhe pelas faces immensamente pallidas.

Depois o pregoeiro leu gritando:

Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor n'esta mulher, que havendo sido portugueza e marqueza de Tavora, foi desnaturalisada e condemnada por se ter feito monstro da sociedade civil, com as suas atrocissimas culpas de conspiração, alta traição e parricidio.

E emquanto o porteiro dos concelhos de Lisboa ia bradando o pregão, a meio do cadafalso o carrasco desembaraçava-se theatralmente da sua longa capa negra, deitava fóra o gorro negro, e tirava dos hombros da Marqueza a capa alvadia com que viéra da prisão.

Tinha amarradas as mãos brancas e finas de patricia. Retomára a sua altiva coragem aquella mulher excepcional.

—Ha coisa de trinta annos não havia cá outra mais linda!—dizia um velho que estava nas primeiras filas dos curiosos, contidas pelos soldados de infanteria.

O carrasco dobrou-lhe a capa e pôl-a sobre um banco de pinho em guisa de almofada. Fêl-a sentar. A Marqueza levantou-se um pouco para compôr o vestido. E ficou de olhos baixos, o seio arquejante, um tremôr convulsivo de frio em todo o corpo.

Os ajudantes do carrasco amarraram-na ao banco, cingida pela cintura e pelos pés.

Silencio profundo. A multidão sentia-se opprimida. Só o escarvar ou o relincho de algum cavallo impaciente perturbava aquelles instantes de funebre espectativa.

O carrasco vendou-a e desatou o lenço que lhe velava o pescoço e o seio.

—Não me descomponhas!—rouquejou a Marqueza, n'um estremecimento de pudôr.

E os seus labios esmorecidos agitaram-se n'uma grande tremura. Estava rezando a sua oração derradeira.

Por detraz d'ella o carrasco ergueu o cutelo de sinistro fulgôr e de um golpe lhe decepou a cabeça, aquella soberba e gentil cabeça de rainha, que lhe pendeu sangrenta sobre o peito, ainda toucada de diamantes e segura apenas pela pelle da garganta!

Sentiu-se um estranho rumôr na multidão, como feito dos suspiros de muitas almas condoídas.

O carrasco arrancou a cabeça e mostrou-a á multidão, segura pelos cabellos.

No rosto do verdugo, extranhamente contrahido, lia-se ao mesmo tempo, n'uma espantosa incoherencia, a fereza do seu instincto de officio e o dó do seu coração de homem.

Rumorejavam na multidão rezas e palavras de piedade, ais de mulheres que desmaiavam.

Ao menos a populaça de Lisboa não er capaz d'aquella crueza infame com que a de Paris, dois annos antes, apupára e cobrira de injurias o miseravel Damiens, a

rugir de dôr, com as carnes a fumegarem, queimadas pelas tenazes em braza e pelo chumbo fundido, nos cinco quartos d'hora do seu supplicio maior.

Ao contrario. Tinha uma uncção de lagrimas sinceras aquella mulher justiçada e nos grupos mais afastados do cadafalso mulheres a chorar pediam a meia voz:

—Um Padre Nosso e uma Ave Maria para que Deus Nosso Senhor dê o seu perdão áquella alma.

—Eh! lá? P'ra traz, seu barbaças!—clamou um granadeiro.

—Sou um padre. Por amor de Deus deixe-me ir ajudar... os que vão morrer.

Aquella voz fez extremecer Jorge Gustavo, que estava de olhos cravados no chão, immensamente pallido.

Voltou-se; reconheceu o monge.

—Damião de Castro!—exclamou.

—Capitão Jorge, deixa-me passar.

No cadafalso

* * *

Vindo de um recanto das praias da Junqueira, onde desembarcara, por estar impedido o caes de Belem, um velho monge, alto, pallido, de longas barbas de neve, conseguia atravessar por entre a multidão e pretendia passar para além das filas de soldados da companhia de granadeiros do regimento da côrte.

—Ai meu Jesus, que cheguei tarde!—exclamára o velho monge com os olhos cheios de pranto.

—Deixae-o passar—ordenou Jorge Gustavo.

—Chego tarde!—disse pondo os olhos no cadafalso. Por mal dos meus peccados, tão tarde!

N'aquelle momento o carrasco atirava para o tablado a cabeça da marqueza de Tavora; os ajudantes desamarraram o corpo da morta e cobriram com um panno de tafetá preto aquelles despojos da mais formosa mulher que tivéra a côrte de D. João V.

—Jesus, que horrivel coisa a justiça dos homens!—soluçou Damião de Castro.

E deu um passo para a escada do patibulo.

—Onde ides?—perguntou-lhe Jorge Gustavo, segurando-o pelo habito.

—Ali para cima—respondeu tragicamente. E accrescentou, baixando muito a voz: «Já que cheguei tarde para supplicar clemencia em favor dos menos culpados... ou dos innocentos, vou pedir de joelhos a cada um dos que vão morrer... que perdõe ao que foi o meu maior amigo... ao ministro mais glorioso e mais cruel que ainda teve este paiz!

—O que eu tenho soffrido aqui!—disse-lhe Jorge em segredo.

—E foi elle quem o obrigou?

—Não; isso não! Tive de obedecer a uma ordem geral.

* * *

Passava já das oito e meia. Entre a escolta dos dragões a lugubre cadeirinha tinha voltado ao Pateo dos Bichos.

Esperava-se o segundo condemnado. Voltou a cadeirinha ladeada de dois padres, como da primeira vez. Eram dois frades arrabidos.

Parou ao pé da escada do patibulo. Apeou-se um mancebo de cabellos loiros, rosto de varonil formosura, immensamente pallido. Trazia as mãos amarradas.

Vinha muito desfallecido, elle que intrepidamente soffrêra os tratos sem denunciar ninguem!

Morrer aos vinte e dois annos, (*) morrer assim infamado, é tão horrivel transe que, para ali chegar d'animo seguro, talvez lhe não bastassem a suprema coragem dos heroes e a excepcional resignação dos martyres!

Sonhos d'amor do seu coração juvenil, sonhos de gloria da sua alma de soldado, eram agora os seus pobres sonhos perdidos, os seus lindos sonhos desfeitos n'aquella tenebrosa noite da morte, que não se acaba nunca!

Os arrabidos ampararam-no condoídamente nos braços. Mas ainda como um galã para aquella hora final! A contrastarem com o seu fato preto, o laço escarlate nos cabellos de oiro, (**) as meias de seda côr de perola!

—José Maria!—murmurou Jorge Gustavo n'um arranque d'alma.

E levantou o punho da espada á altura dos olhos, a disfarçar, para que os soldados não vissem que chorava, para que as mãos lhe enxugassem as lagrimas n'aquelle movimento de simulada indifferença.

José Maria de Tavora levantou o seu olhar apagado para os soldados. Era um olhar de saudade.

Quantos d'elles não viriam a morrer honradamente, o sangue na febre de uma audacia, o coração na ancia de uma victoria, nos campos de batalha, nas muralhas de um baluarte, a sacudil-os a vibração dos clarins, a embriagal-os a fumaceira da polvora, a palpitar alto, como se estivesse nas suas dobras o coração de todas as mães, a bandeira das velhas glorias, a santa bandeira da terra portugueza?!

E elle, o capitão exauctorado, ali, para ir morrer lá em cima, nas mãos do verdugo, coberto de perpetua infamia!

Reconheceu Jorge Gustavo e logo lhe acudiu a imagem de Branca.

—Para sempre, adeus!—rouquejou.

Mas n'isto um dos arrabidos que o amparavam lacrimosos, o mais velho, septuagenario alquebrado, caíu com um deliquo.

—Venha d'ahi alguem que o ampare—disse o juiz que superintendia na execução.

—Aqui está um padre—acudiu Damião de Castro, que, a tremer, se tinha abeirado da escada.

E foi amparar carinhosamente o desventurado José Maria de Tavora.

Foram subindo a escada lentamente.

O condemnado nem havia reparado no monge.

Entretanto, Jorge Gustavo, a quem tinham faltado as forças para o disfarce, tornava-se livido e encostou-se a um soldado.

—Que é isso, capitão?—perguntou o coronel.

—Um esvaecimento de cabeça—titubeou Jorge Gustavo. Do frio da manhã...

—Era amigo intimo de José Maria de Ta-

(*) Nascêra a 9 de setembro de 1736; fizéra, portanto, os vinte e dois annos seis dias depois do crime em que o julgavam cumplice.

(**) Contra o uso do seu tempo, José Maria de Tavora raras vezes trazia cabelleira. Preferia os seus bellos cabellos louros.

vora—segredou commovidamente ao coronel o ajudante das ordens (como então se dizia), que estava a cavallo ao lado do coronel.

* * *

Lá de cima do cadafalso os carrascos mostravam ao povo o formoso filho da marqueza de Tavora.

—Mães!—balbuciou José Maria a custo, —que os vossos filhos... não morram como eu vou morrer... sem culpa... Perdoae-me...

E não poude mais. A sua voz debil e apagada poucos a poderam ouvir, mas não houve certamente olhos de mãe que não chorassem por elle, nem coração de mulher juvenil onde a imagem d'aquelle moço louro e pallido, que ia morrer, não ficasse como visão de um maguado sonho.

Depois o pregoeiro começou a lêr:

Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor n'este homem, que sendo portuguez...

Entretanto, Damião de Castro ajoelhava ao pé d'elle a chorar.

—José Maria de Tavora—chamou muito baixo.

—Vós aqui!—exclamou o condemnado fitando-o muito. Sois o padre que estava em casa de Jorge Gustavo... Vou morrer sem culpa.

—Perdão, perdão para os que vos mandam matar.

—Sois o amigo de Sebastião José!...

—Sou o missionario de um Deus misericordioso. Creio na vossa innocencia... Perdoae-lhes, José Maria de Tavora. A Elle e ao *outro* que reina.

—Que lhes perdõe Deus, se puder.

—Perdoae-lhes vós.

—Padre, levae o meu ultimo adeus a Jorge Gustavo. Tirae-me este laço do cabello e deixae-m'o beijar.

Damião de Castro desprendeu-lhe o laço dos cabellos e deu-lh'o a beijar.

—Faz-se a ultima vontade aos que vão morrer. Levae-o a Branca, a irmã de Jorge, com o meu ultimo beijo.

«Dizei-lhe que morri a dizer o seu nome...

E suffocou-se em choro.

Approximaram-se os carrascos, estenderam-no sobre os braços da aspa, amarraram-no e prepararam a corda para o garrote que lhe havia de tornar mais breve o supplicio, matando-o pela asphyxia, antes que lhe tivessem partido as cannas dos braços e das pernas com os macêtes de ferro.

—Vamos a isto—disse o carrasco.

—Um instante—supplicou Damião de Castro.

E inclinou-se a tremer sobre a fronte de José Maria de Tavora.

—Jesus vos receba na sua infinita misericordia—soluçou, beijando-o. Perdoae.

—Deus perdõe a todos... Branca!

O carrasco afastou Damião de Castro, que ficou de joelhos, olhos espavoridos, a soluçar.

Puxaram o laço do garrote, mas a corda quebrou, e os ajudantes do verdugo foram esmigalhando os ossos do desventurado com os macêtes de ferro, sem que a morte pela asphyxia o houvesse poupado áquelle martyrio horroroso.

Eram lancinantes, medonhos, enormes os gritos do suppliciado.

—Horrivel, meu Deus, horrivel!—dizia Damião de Castro n'um gemido e ia-se arrastando de joelhos pelo cadafalso para se approximar da escada.

«Não posso, não posso mais!

Lá em baixo, á frente da sua companhia, no tremendo supplicio moral do seu dever de soldado, Jorge Gustavo tinha olhares espavoridos de loucura e ás vezes se apoiava a espada para não cair.

—Olhem aquelle verdizella d'aquelle capitão!—commentava escarninho um velho, que estava mais proximo dos soldados. Tinha-se-lhe endurecido o coração no espetaculo das execuções capitaes. Não sabia a conta das que tinha visto.

—Vão vêr que lhe dá algum fanico! E mettem d'aquelles meninos chorões no exercito!—continuou a dizer para outro. Bom animo ha de ser o seu para entrar em fogo e dar animo aos soldados!

—Está enganado—acudiu um antigo sargento, que estava fóra do serviço.

«Foi dos mais valentes no dia do terramoto, quando quasi todos fugiram.

* * *

Voltou a cadeirinha com o marquez Luiz Bernardo de Tavora, o marido deshonrado.

Luiz Bernardo quiz falar á multidão; não

lh'o consentiu o juiz da execução e ameaçou-o de o mandar amordaçar.

O carrasco arrancou-lhe a cabelleira.

Foi immensamente mais feliz que o irmão. A corda do garrote não quebrou e morreu logo pela asphyxia. Os algozes esmigalharam apenas os ossos de um cadaver.

Depois D. Jeronymo d'Athayde, conde d'Athouguia. Subiu ao cadafalso n'uns impetos de desespero e de revolta. Morreu rapidamente, sem longas angustias, como Luiz Bernardo.

Manuel Alvares Ferreira, guarda-roupa do Duque, João Miguel, creado de acompanhar, e Braz José Romeiro, o cabo de esquadra ao serviço de Luiz Bernardo, vieram tambem na cadeirinha, mas em camisa e calções, os pés descalços. Eram da plebe. Foram sujeitos ao supplicio da roda, vulgarissimo n'aquella epoca. (*)

Deu meio dia. Houve um intervallo na lugubre tragedia.

Os carpinteiros foram serrar a parte do cadafalso que ficava para o lado do rio e estenderam as aspas destinadas ao Marquez velho e ao duque d'Aveiro. Eram as taes que não tinham taboa ao meio, *encosto*, como disséra o mestre da obra.

Os tambores dos dois regimentos receberam ordem para tornar lassas as cordas das caixas de guerra, *destemperando-as*.

Voltou a sinistra cadeirinha entre dois carmelitas descalços. Trazia D. Francisco d'Assis de Tavora, que fôra o 3.º marquez de Tavora, o 6.º conde de S. João da Pesqueira, o 3.º conde de Alvôr, o ex-vice-rei da India, que venceira o Canajá, o Bounsuló, os Mahrattas, o rei de Sunda.

Os tambores rufaram destemperados como n'uma continencia de escarneo ao exauctorado mestre de campo general.

Vinha vestido de lemiste preto e subiu serenamente as escadas do patibulo, como um homem que sabe encarar a morte.

Mostraram-no os algozes á multidão. Aquelle velho saberia morrer como um bravo.

Mas como se aquella nobre coragem opprimisse o juiz da execução ou como se houvesse alguma secreta incumbencia para quebrar o animo áquelle velho que estava sobre o tablado do patibulo como sobre o terraplêno de uma cidadella, em que só elle se não rendia, mandaram que os carrascos lhe fossem mostrar os cadaveres sangrentos da esposa e dos filhos e o elucidassem ácerca do seu proprio supplicio!

Iam levantando os pannos que velavam os cadaveres e contando-lhe como os desditosos tinham morrido.

O velho chorava e ia cambaleando como um ébrio.

Capitulava deante dos carrascos o seu animo de soldado. Aquella atrocidade era superior á coragem humana.

—Mas depressa! Onde é que eu tenho de morrer?—perguntou n'um ultimo repellão de energia.

Levaram-no para deante da aspa em que havia de ser suppliciado. A morte custava-lhe immensamente menos do que vêr e sabêr como os seus tinham acabado.

O carrasco explicou-lhe como havia de morrer.

—Sim; seja como fôr, é morrer, e D. Francisco de Tavora nunca teve medo da morte—disse ajoelhando ao pé da aspa.

«Padre, ouvi-me de confissão—pediu a um dos carmelitas.

Breve confissão. Beijou um braço da aspa e deitou-se em cima d'ella sereno, corajoso, stoico.

O algoz tirou-lhe a cabelleira, os ajudantes ligaram-no á aspa.

Começou o supplicio. Descarregaram-lhe sobre o peito uma grande maça de ferro de dezoito arrateis e com os macêtes lhe quebraram as pernas e os braços.

Gemeu dolorosamente. Em poucos minutos de todo se lhe extinguiu a vida. Quando lhe descarregaram a maça enorme sobre a cabeça era já cadaver.

Pozeram-no em cima da roda e cobriram-no com um panno de hollandilha preta. Eram 2 horas da tarde.

Chegou a cadeirinha com o duque d'Aveiro. Vinha entre dois carmelitas descal-

(*) A proposito d'estas execuções escreveu Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*: «O supplicio da roda, que tanto nos horrorisa, era um castigo banal em pleno seculo XVIII. Foi rodado em plena praça de *Grève* o conde de Horn, que roubára e matára um agiota; muitos dos criminosos, condemnados á pena ultima, soffriam esta morte dolorosa, etc.»

ços. Vestia roupão encarnado e trazia cabelleira redonda, exactamente como fôra preso na quinta de Azeitão.

Haviam-lhe segurado um crucifixo entre as cordas que lhe ligavam as mãos.

Teve o mesmo supplicio do velho marquez, mas soffreu mais, porque o verdugo, talvez já cançado, não lhe vibrou bem a maça contra o peito, e descarregou-lh'a sobre o ventre. (*)

Foi uma tortura mais duradoura e horrivel! Os seus gritos lancinantes reboavam no ar medonhamente, mas tiveram apenas uma repercussão de ephemera piedade nos corações da multidão. (**)

Voltou a cadeirinha com o ultimo—o Antonio Alvares Ferreira, o que ferira el-rei.

Em camisa e calção, algemado, pés nús, um capote pelos hombros, Antonio Alvares subiu a tremer, entre dois padres de Rilhafolles (congregação de S. Vicente de Paula).

Para este um supplicio especial. Seria queimado vivo, como no Santo Officio eram queimados os grandes herejes.

No extremo do patibulo, para as bandas do Tejo, estavam erguidos dois altos postes; um era para Antonio Alvares, o outro para a estatua, para o grotesco manequim de José Polycarpo, o regicida foragido.

Amarraram Antonio Alvares ao poste apertaram-lhe a cintura com uma grossa cadeia de ferro e puzeram-lhe ao pescoço um sacco cheio de breu e enxofre.

Entretanto foram descarregando da falua, que se balouçava junto do cáes, os combustiveis com que tudo aquillo se havia de queimar na derradeira scena d'aquella tragedia horrorosa.

Aos pés do condemnado armaram uma pilha de lenha alcatroada. Levaram tempo aquelles lugubres preparativos! E o miserro regicida livido de pavor!

Deitaram fogo á lenha. Crepita a fogueira. As labaredas enroscam-se no corpo do padecente como serpentes vermelhas e vão incendiar o sacco de breu que tem ao pescoço.

Solta rugidos de dôr indescriptiveis. O fumo havia de suffocal-o depressa.

Não suffocou! O acaso collaborava n'aquella ferina execução! Antonio Alvares tinha o rosto voltado para o norte, d'onde soprava n'aquelle momento uma fresca viração que, desgraçadamente, lhe estava realentando a vida e prolongando o supplicio! Em volta do rosto a aragem esfarrapava a fumaceira, deixava-o respirar mas ainda mais ateava as labaredas que lhe estavam devorando o corpo!

Os padres a chorar diziam-lhe palavras de resignação, mas as cordas com que o

(*) Para augmentar o horror do espectaculo, a impressão nos assistentes, era velha praxe levar os supplicios até além da morte do suppliciado. Assim se comprehendia a queima depois da morte do justiçado por meio do garrote, como em certos casos se fazia nos autos de fé, ou depois de estrangulados na forca, tal como ainda se fez em 1817.

Era um supplicio posthumo; uma crueldade meramente espectaculosa.

Assim, o quebramento das cannas dos braços e das pernas dos dois Tavoras filhos, do Athouguia e dos creados havia de realisar-se em acto continuo á morte pelo garrote, com o soffrimento de alguns segundos.

José Maria de Tavora soffreu muito, porque se partiu a corda do garrote.

D. Francisco durou apenas instantes depois da pancada sobre o arcaboiço do peito. Ao Duque deveria de succeder o mesmo, se a pancada lhe não fosse dada sobre o ventre.

(**) «O seu corpo foi *depositado* na nona toda pelas duas horas e meia da tarde, acabando assim a vida um homem que, pelo seu caracter altivo, nem gosava da estima da côrte, nem dos moradores da cidade. Posto que em geral o não reputassem assassino, poucas pessoas o tinham na conta de homem de bem.

«Carecia de todos os requisitos pelos quaes um individuo se póde tornar bemquisto aos seus concidadãos». (*Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano. Tomo I, pag. 349).

Mezes depois da execução, o embaixador francez dizia em officio ao seu governo: «que o duque d'Aveiro era geralmente detestado, e que ninguem se compadecêra da sua sorte, mas que não acontecia o mesmo com os da casa de Tavora, por se achar aquella familia entroncada com toda a nobreza do reino, e que o genio brando e as maneiras agradaveis e pólidas do pae e dos dois filhos haviam conquistado o suffragio geral da nação; o que não obstante, eram aquelles fidalgos réos de grande crime, e que el-rei os não podia perdoar senão por effeito de uma bondade de que não havia exemplo, etc. (*Quadro Elementar*. Tomo VI, pag 147).

amarraram estavam já queimadas, mas as cadeias da cintura estavam quasi em braza, e a morte não chegava!

Dez minutos n'aquelle inferno, tão dolorosos decerto como os *setenta e cinco minutos* da queima de Damiens a ferro em braza e a chumbo derretido, por ter dado uma cannivetada em Luiz XV.

Emfim, fez-se o regicida n'um punhado de cinzas.

* * *

E Damião de Castro?

Depois da morte horrorosa de José Maria de Tavora arrastára-se quasi de joelhos para a escada e desceu a chorar, olhos pávidos, a tremer de horror.

Faltára-lhe o animo para assistir ao mais.

Curvado sobre a espada, nos olhos uma névoa de lagrimas, Jorge Gustavo nem deu por elle.

—Fugirei d'aqui—pensava o velho monge. Vou a casa de Sebastião de Carvalho, ainda que tenha de morrer-lhe á porta a clamar contra esta pavorosa atrocidade!

Tentou atravessar para o lado da Ajuda, mas não poude. Os soldados repelliram-no de si contra a multidão, e esta impelliu-o contra um dos portões do paço de Belem.

Ali se viu forçado a ouvir os gritos e gemidos dos justiçados, e ali ficou de mãos postas, a balbuciar rezas, nos extremeções da febre, os olhos cerrados para não vêr aquelle pavór.

Eram 4 horas da tarde. Notou-se um grande movimento na multidão. As labaredas de uma fogueira enorme da banda do cáes feriram brutalmente os olhos cerrados do monge.

Tinham lançado fogo ao tablado d'aquella espantosa tragedia.

Olhou em volta de si. Estavam proximos os juizes, o meirinho, os carrascos, assistindo áquelle derradeiro espectaculo.

Vinham cair proximo d'elles as faulhas da enorme fogueira, como chuva de fogo. As altas labaredas do cadafalso davam um tom phantastico aos soldados e a multidão, punham rubras scintillações nas espadas nuas da cavallaria, illuminavam sinistramente o triste crepusculo d'aquelle nubiado dia de inverno.

Vibraram os clarins, bateram a marcha as caixas de guerra. Os regimentos regressavam aos quarteis, abatidos por aquella fadiga de onze horas a pé firme, de nove d'aquelle hediondo espectaculo de morte.

—Misericordioso Jesus! Se tu lhe poderás perdoar!—ia dizendo comsigo Damião de Castro, arrastando-se pela calçada da Ajuda acima.

«Se haverá na sua historia glorias que cheguem para o desconto d'esta espantosa crueldade?!

* * *

Anoitecia.

Damião de Castro foi introduzido por Manuel Bento na sala de despacho, onde o primeiro ministro estava trabalhando sósinho.

O velho monge entrou e, como se repentinamente o alento lhe faltasse, caiu sobre uma alta cadeira a soluçar.

—Damião de Castro!—exclamou o ministro, erguendo-se muito pallido e indo para elle.

«Tu aqui?! Que tens? Por que choras?!

—Venho de Belem. Vi tudo! Choro de magua sobre a tua gloria, Sebastião de Carvalho!

—Sobre o meu dever, melhor dirias, Damião de Castro!

—Não ha dever para tamanha crueldade!

—Com egual ou maior crueldade se punem lá fóra os crimes de regicidio, e os regicidas apparecem!

—Mas ali morreram innocentes! Ouvi a confissão de José Maria de Tavora. N'aquella hora não se mente. Morreu sem culpa!

—E foste tu confessal-o?!

—Fui. Fui para lhe pedir perdão.

—Perdão de quê?!

—Perdão para o ministro omnipotente, para o glorioso ministro que o mandou matar — respondeu o monge erguendo-se.

—Damião de Castro! As sentenças de morte não as profere nem as sancciona o ministro que vens accusar. Profere-as um tribunal; sancciona-as el-rei.

—Tu pódes tudo; o tribunal obedecente; el-rei é como vassallo teu. Pódes tudo; só não podeste ser clemente!

—Faltava-me essa injustiça! E vem de ti, Damião de Castro! El-rei mandou, e quando elle quer, todo o meu poder se lhe dobra, porque d'elle provem.

«Condoêram-te os gemidos d'esses jus-

tiçados? Primeiro ouvi eu os de el-rei, gravemente ferido n'uma emboscada de covardes facinoras.

—Tantos tormentos, tantas vidas, pela vida de um homem!

—Que symbolisa um principio, e póde ter nas suas mãos o destino de um povo.

«E por que argumentas assim contra a justiça dos homens, e não clamas contra a justiça que os falsos apostolos attribuem a Deus, justiça vingadora, summaria, colérica, abrangendo povos, cidades, a humanidade, justos e peccadores, na mesma cumplicidade e na mesma expiação?!

«Dizem-te que Deus puniu o mundo pela perversidade de muitos homens, o mundo com todos os que eram innocentes, e crês e emmudeces!

«Dizem-te que uma tribu d'Israel crucificou Jesus, esse divino Jesus que perdoou aos seus proprios matadores, ouves attribuir á justiça do ceu a desgraça, a dispersão, o perpetuo desterro de toda essa raça, que os Pontifices mandavam espoliar, opprimir de tormentos, queimar sem piedade em nome do Divino Mestre, e guardas para mim os horrores do teu coração de santo!

«Para mim, ministro de um rei, homem d'estado que lucta e se defende de outros homens em nome de interesses politicos, odio por odio, sem a infinita misericordia, que tantas vezes negam a Deus, e sem a resignada clemencia, que tantas vezes falta aos missionarios de Jesus!

«Como se o tribunal da inconfidencia podesse tornar-se mais clemente que o do ceu, e as *Ordenações*, que eu não inventei, tão amoraveis e misericordiosas como o Evangelho de Christo, violado em Roma sob o sólio dos Pontifices, violado no mundo sobre os degraus dos altares!

«Não estranho nem condemno essas lagrimas, meu pobre santo!

monge

«Sou incapaz de pedir á tua amisade que me absolva; mas tenho o direito de esperar que o padre Damião de Castro me não condemne a mim, nos requintes da sua piedade pelos outros, sem perguntar primeiro á sua consciencia qual terá sido mais cruel se o *impio* Sebastião de Carvalho, levando á sancção do rei a sentença de morte afflictiva para dez regicidas, se o Pontifice que poz nos altares, canonisado, o inquisidor Pedro d'Arbués, esse que mandou atormentar e queimar dezenas de pessoas denunciadas, se o outro Pontifice que louvou o zelo religioso de Carlos IX, o rei que mandou assassinar os Huguenotes á traição, barbaramente, de emboscada.

«Conheces o facto. Em um só dia dois mil assassinados!

«E os sinos da egreja de *Saint-Germain l'Auxerrois* a chamarem á medonha carniceria a plebe catholica de Paris, e o proprio rei, como um sicario, desfechando o arcabuz da janella do paço, contra os espavoridos huguenotes!

«O *santo* Arbués considerava inimigos seus os que não eram da sua fé e matava-os por simples denuncia.

«E sou eu o ministro maldicto, por que odeio os que me odeiam, por que esmago os que se atravessam no meu caminho, e levei á sancção do rei uma sentença de morte tormentosa para os que o feriram no intento de o matar!

Damião de Castro ouvira-o acabrunhado, na lucta intima, angustiadôra, entre a sua alma piedosa de evangelista e o seu commovido coração de amigo.

Sebastião de Carvalho passeava ao longo da sala n'uma grande agitação d'animo. O monge chorava silenciosamente.

—Guarda algumas d'essas lagrimas para o homem cruel que tanta gente calumnía e odeia!

«Talvez careça de uma santa esmola de prantos na hora incerta do seu infortunio, ou no dia final da sua historia.

«Se tivessem morto el-rei, o justiçado em infernaes torturas seria eu. Era coisa resolvida.

«E fosses tu lá pedir-lhes perdão para mim; fosses lá chorar pelo ministro, que muito haverá errado, mas alguns serviços tem feito ao seu paiz!

«Mandar-te-hiam pôr fóra pelos lacaios, se te não mandassem encerrar n'uma prisão.

—Como tu podes fazer agora.

—Damião de Castro!

—E não te amaldiçoaria como os teus inimigos.

«Pordoava-te, e havia de morrer a lembrar esta profunda amisade de tantos annos.

—De tantos!—disse commovidamente Sebastião de Carvalho, indo para elle.

«Se te afastam do ministro escrupulos do teu coração piedoso, santo, recorda ao menos, o rapaz que ha trinta e quatro annos confiava as suas desesperanças e as suas maguas ao carinhoso interesse da tua amisade.—E abraçou-o.

XV

ODIO ANTIGO

A impressão de horror, pela tragedia de 13 de janeiro, não foi tão duradoura e profunda como naturalmente suppõem as pessoas do nosso tempo. Aquelle espectaculo fôra horrivel, mas os povos estavam tão acostumados aos requintes de crueldade da justiça social, que nem já lhes causavam estranheza taes scenas de sangue, embora lhes inspirassem um sentimento de ephemera piedade. (*)

Quando inspiravam, pois que algumas vezes a propria turba dos curiosos collaborava com os verdugos na hedionda crueldade, como succedeu uma vez em Lisboa com um justiçado do Santo-Officio, a quem apedrejaram barbaramente, em quanto se estorcia na fogueira, e como aconteceu em Paris em 1757, com o regicida Damiens, coberto de insultos e de improperios da canalha.

O ministro da Inglaterra e o encarregado dos negocios da França participam aos seus governos a execução dos regicidas, sem uma palavra sequer de commiseração ou de estranheza!

Saint-Julien descreve friamente os supplicios com alguns erros de pormenores e refere-se d'este modo a José Maria de Tavora, *moço de 21 annos de edade, cuja presença de espirito e coragem toda a gente admirava e até os proprios juizes*:

«Este moço, que era mui bem parecido, tinha muito talento; não havia entrado na conjuração, senão forçado pelo Marquez seu pae e pelas persuações da mãe». (*)

N'esta ultima parte das suas informações Saint-Julien reproduzia um dos varios boatos espalhados em Lisboa.

* * *

No dia seguinte ao da execução—14 do janeiro—havia beija-mão de gala no paço da Ajuda.

Compareceram os membros do corpo diplomatico, os fidalgos e o alto clero.

Estavam presos quasi todos os que eram da familia dos Tavoras e do que fôra duque de Aveiro, mas havia na côrte alguns nobres ainda aparentados com as duas familias condemnadas. Pois não faltaram ao beija-mão! Ninguem tomou lucto pelos justiçados!

Como no tempo de D. João II, a nobreza capitulava espavorida.

Depois da cerimonia, Sebastião de Car-

(*) Cincoenta e oito annos depois dos horrorosos supplicios de Belem, o povo de Lisboa, movido de cruel e paciente curiosidade, assistia á execução de onze homens, por suspeitas de conspiração contra o predominio humilhador e brutal de um dictador estrangeiro—o marechal inglez Beresford.

O processo foi uma revoltante monstruosidade como o dos Tavoras. A sentença executou-se antes de publicada e o morticinio durou até ás 9 horas da noite do dia 18 d'outubro de 1817, no Campo de Santanna!

A multidão dos espectadores era enorme!

Doze annos depois, as justiças de el-rei D. Miguel, mandaram enforcar em um só dia 10 homens, que tinham sido condemnados por pertencerem a um partido contrario ao governo absolutista.

O *Campo da Cordoaria*, na cidade do Porto, esteve atulhado de curiosos n'aquelle horroroso dia!

Como se vê, o carrasco era ainda o grande collaborador dos que governavam.

Foram 42 as sentenças de morte por *crimes politicos*, durante o curto reinado de D. Miguel.

Nem todas, porém, chegaram a ser executadas.

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 133.

valho foi ter com elrei. Ficaram sósinhos os dois na sala de despacho dos aposentos particulares de D. José.

—Meu senhor—dizia-lhe o ministro—hontem mesmo foram cumpridas as ordens de vossa magestade.

—Quaes?

—As de prisão para todos os padres da Companhia de Jesus.

—Ah! sim...

—Foram para o forte da Junqueira: Gabriel Malagrida, João de Mattos, João Alexandre, José Moreira, Jacintho da Costa, Timotheo de Oliveira, Pedro Homem, José Perdigão, José de Oliveira, Francisco Duarte e Caetano José.

«Eram estes os principaes instigadores dos Tavoras e de José Mascarenhas. Ha outro, que era a alma negra da casa de S. Roque; esse foi com outros para as prisões subterraneas da Torre de S. Julião.

—E os outros?

—Foram escoltados para a quinta que o Mascarenhas tinha em Azeitão. Ali ficam sob custodia, guardados por um regimento de infanteria, até ulterior resolução de vossa magestade.

—Todos presos, sem nenhuma excepção?!

—Como vossa magestade determinou, foram exceptuados os que não tinham a profissão do quarto voto e quizeram desligar-se da Companhia, regeitando a roupêta. Esses ficaram livres. Poucos foram, segundo fui informado.

—E os que viviam por essas provincias do reino?

—Hão de estar já sob custodia ou serão presos dentro de breves dias. Todas as disposições estavam tomadas n'este sentido. Os que forem reunidos na quinta de Azeitão, ficam a cargo do desembargadôr da *Casa da Supplicação*, dr. Agostinho de Novaes. Será o seu principal carcereiro.

«De roupêta, livremente, nenhum mais apparecerá nos estados de vossa magestade.

—E depois?

—Como vossa magestade se dignou de approvar o parecer que hontem tive a honra de lhe resumir, em poucos dias se determinará ao chanceller da Relação de Lisboa, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, e ao chanceller da Relação do Porto, Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, que nos seus districtos procedam ao immediato sequestro de todos os bens moveis e de raiz, rendas ordinarias e pensões que os padres jesuitas possuiam e arrecadavam directamente ou por meio de seus procuradores.

—Mas vê lá como essas coisas se fazem, para evitar desvios das tamanhas riquezas que se attribuem á Companhia.

—Tamanhas riquezas! Vossa magestade o disse. Nenhuma outra congregação religiosa pode egualal-a no mundo em opulencia e podêr.

«A' força de hypocrisia, de heranças, de chatinagens!

«E deviam de ser uma communidade de mendicantes, conforme o voto de pobreza dos fundadores da Companhia!

«Mas fique vossa magestade tranquillo.

«De tudo os chancelleres hão de mandar fazer inventario minucioso, não só dos bens dotaes e de fundação em cada uma das casas religiosas dos jesuitas, senão tambem dos que lhes forem aggregados. E os rendimentos serão guardados em cofre de tres chaves, que devem de ficar á guarda do desembargador que fôr encarregado do sequestro e deposito, do corregedor da comarca em que estiverem os bens e do respectivo escrivão da correição.

«E dentro dos cofres os livros da receita e despeza.

«Os bens de raiz serão já postos em praça para arrendamento pelo praso de um anno.

—Bem. E as casas grandes da Companhia?

—Poderá vossa magestade ordenar que sejam aproveitadas para hospitaes, para misericordias, collegios e outros fins de manifesta utilidade.

«Assim, meu senhor, a casa do noviciado da Cotovia poderá vossa magestade cedêla provisoriamente á Patriarchal e ali, mais tarde, seria possivel fundar um collegio para educação e ensino dos filhos da nobreza, que muito está carecendo de um collegio, á similhança dos que ha lá fóra no estrangeiro. (*)

(*) Ali foi estabelecido o *Collegio dos Nobres* e ali se fundou modernamente a *Escola Polytechnica*.

«A casa professa de S. Roque vossa magestade a cederia a Misericordia, e no collegio de Santo Antão se poderia estabelecer um hospital, que é instituição muito precisa na cidade. (*)

—Pois sim, mas as egrejas dos jesuitas ficam abandonadas e os legados pios esquecidos?

—Não, meu senhor. Vossa magestade accudirá pelo culto, mandando que os padres de outras communidades celebrem n'essas egrejas os officios divinos e tomem conta dos compromissos e suffragios que estavam a cargo dos jesuitas. As despezas serão pagas pelos cofres dos bens e rendimentos sequestrados. Estas despezas e as que será precizo fazer com os professores e mestres de ler, escrever e contar, que, por concurso, vão substituir nas escolas os padres da Companhia.

—Mas tudo isso, Sebastião de Carvalho, vae causar uma profunda estranheza na Europa!

—Maior gloria para vossa magestade. A Europa accusa os jesuitas de hostís á civilisação e ao livre exercicio da soberania temporal; vae para dois seculos que os está accusando de ardilosos falsificadores das puras doutrinas do Evangelho, mas tem mêdo de abalar o mundo deitando a terra a Companhia omnipotente, cujas raizes chegam a todos os continentes e cuja cabeça parece estar sobranceira á tiára dos Pontifices! A Europa odeia-os, mas teme-os.

«Não terá mêdo d'esse poder el-rei de Portugal; cairá a Companhia ante as deliberações da sua vontade soberana. Meu senhor, fará vossa magestade o que a Europa se não atreve a fazer; hão de os seus decretos valer mais que as bullas dos Pontifices e, rasgada nas suas regias mãos, ha de ficar em farrapos no mundo a roupêta que andava por cima dos arminhos dos reis, pesando sobre a consciencia dos povos, mais alta que a bandeira das nações, nuvem negra, tamanha, que escurece os horisontes de um seculo!

«Meu senhor, será mais do que metter uma lança em Marrocos, vencer uma batalha em Castella, ou subjugar alguns rajahs da India.

(*) Installou-se ali o hospital denominado de S. José.

—Isso é bom de dizer, Sebastião de Carvalho!

—E de fazer, meu senhor. A demolição está principiada.

—E os outros estados catholicos da Europa?

—Irão atraz de vossa magestade, assim que sentirem a primeira derrocada da Companhia.

—Mas o Santo Padre Clemente XIII está muito com os jesuitas!

—Cederá, meu senhor.

—Não parece que esteja disposto a cedêr!

—Cêde lentamente, mas cêde. Veja vossa magestade que não se atreveu a derogar o Breve de Benedicto XIV.

—Que os padres jesuitas de cá espalharam que era falso.

—Espalharam, meu senhor; mas submettêram-se.

«Ainda tiveram grandes esperanças nos esforços do Geral, mas Sua Santidade não ousou attender a supplica do *Papa Negro* da Companhia, e se na Curia obteve alguns votos em favor da petição, a consulta foi afinal em apoio do ultimo Breve de Benedicto XIV.

—Não creio que vá mais longe a acquiescencia de Sua Santidade. Tem lá ao pé de si o cardeal Torregiani, o seu poderoso secretario d'estado, o grande protector da Companhia, o parente do Geral.

«Mas a quem chamas tu o *Papa Negro*?

—Ao que póde tanto ou mais do que o outro, ao Geral da Companhia, ao que veste de preto e tem na roupêta a insignia da sua illegitima supremacía em Roma.

—Mais me ajudas então! Maior difficuldade em conseguir o que me disseste.

—Pois não me retire vossa magestade a sua confiança, e eu moverei as coisas de modo que Roma transija até ao ponto de perfilhar os decretos de vossa magestade, e de pouco valerá que Torregiani seja um agente do padre Ricci, geral da Companhia.

«Mudaram os tempos, meu Senhor. Algumas vezes os Papas tutelaram os reis de Portugal e algumas vezes as bullas serviram de minuta aos decretos reaes. Agora succede o contrario, e succederá em quanto vossa magestade quizer.

«Depois d'esse nefando attentado contra a preciosa vida de vossa magestade, que foi

a derradeira esperança perdida para os jesuitas de Portugal, mais alguma coisa será preciso reclamar do Pontifice.

—O quê?!—perguntou o rei surprehendido.

—Agora um Breve auctorisando a *Mesa da Consciencia* a relaxar ao braço secular, para serem exauctorados e julgados, os jesuitas instigadores do sacrilego crime contra vossa magestade. Depois outro extinguindo a Companhia de Jesus.

—A isso não creio eu que Sua Santidade accêda!

—E vossa magestade deixa ficar nos carceres os cumplices dos Tavoras e manda pôr fôra dos seus estados a todos os padres da Companhia, com muito mais fundamento e mais justiça do que teve o senhor rei D. Manuel para expulsar os judeus. E até n'este caso com manifesto proveito do seu reino.

«Um decreto preencherá os fins do Breve que se não obtiver.

—Mas isso provocará as cóleras de Roma, a interdicção do reino, um rompimento de todas as relações com o chefe da Igreja!

—Que remedio, meu senhor! Já não seria a primeira vez. Havia de ser profunda a magua de vossa magestade, mas não venceria o *Papa Negro* por detraz do successôr de S. Pedro.

—Não; isso não. E' preciso evitar um rompimento com a Curia!

—Vossa magestade manda, e heide eu empenhar todos os esforços para evitar um conflicto, emquanto fôr possivel... Mas não quererá decerto el-rei, meu amo, que os direitos e o prestigio da sua corôa fiquem lá em Roma aos pés do cardeal Torregiani e do padre Ricci.

—Sebastião de Carvalho!—exclamou o rei erguendo-se. Tal não posso eu querer!

—Nem eu, meu senhor. Preferia solicitar a el-rei meu amo a exoneração de todos os meus cargos a dobrar-me diante dos intrigantes da Curia e dos protectores da Companhia.

—Mas esses conflictos com a Santa Sé trazem profundas perturbações ao reino.

—Já em outro tempo se experimentaram, meu senhor, e os portuguezes continuaram bons christãos e bons catholicos, e cá se foram remediando com os seus prelados.

«Agora já é tarde para retroceder. Nem vossa magestade pela gloria do seu nome; nem eu pelo dever da minha tarefa.

«Parar seria trahir a civilisação, sem obter os perdões de Roma e as boas graças da Companhia. Voltar para traz seria um acto de fraqueza, que talvez tivesse em Roma o nome de arrependimento, mas que, fatalmente, havia de ter na historia o nome de abdicação.

«E em quem vossa magestade abdicava os seus poderes não era n'um principe da sua raça; era no *Papa Negro* da Companhia.

El-rei avincou o rosto e ficou absorvido em sombrios pensamentos. O ministro observava-o attentamente, sem perder a sua linha de cortezão.

—Bem—disse D. José procurando mudar de assumpto. A'manhã vou para Salvaterra.

—Já tinha tido a honra de o ouvir dizer a vossa magestade.

—Traze-me os papeis que fôr de urgencia assignar. Ha alguns?

—Para agora nenhuns, meu senhor. Mas haverá necessidade de expedir as cartas regias para os chancelleres das Relações de Lisboa e do Porto e para o arcebispo de Braga e demais prelados ácerca dos padres jesuitas. (*)

—Estão feitas?

—Ainda não, meu senhor, mas se fôr grande a demora de vossa magestade em Salvaterra...

—Não será—interrompeu o rei. Coisa de tres ou quatro dias.

—Então poderá vossa magestade, querendo, assignal-as depois do seu regresso.

—Pois sim. Olha lá, em que circumstancias foram os jesuitas para Azeitão?

—Reduzidos ao voto primitivo da Companhia. Como clerigos pobres. A roupêta, o breviario e as suas camisas. Um tostão a cada um para o seu sustento diario.

(*) Duas das referidas cartas veem transcriptas no tomo II da *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano. Na série dos documentos incluidos n'aquelle tomo teem os n.os 24 e 25.

Foram datadas do paço da Ajuda em 19 de janeiro de 1759.

—Muito pouco! (*)

—Os soldados de vossa magestade teem menos e vão perder a vida no Brazil a combater os indios rebeldes, que os jesuitas armaram contra os direitos soberanos de el-rei de Portugal.

D. José attentou demoradamente na expressão dura e fria de Sebastião de Carvalho.

Instantes depois dava-lhe a mão a beijar e o primeiro ministro retirava-se para o *paço das damas*.

* * *

—Em Roma não querem comprehender que as homenagens e os testemunhos de obediencia á soberania espiritual do Papa não significam subserviencia e covardia perante os interesses temporaes e as intrigas da Curia! Tanto peor para a Companhia e para o meu velhaquissimo collega Torregiani.

Isto dizia comsigo Sebastião de Carvalho, emquanto ia examinando varios papeis que tinha sobre a sua ampla meza de trabalho.

—Emfim, faça se a vontade a el-rei. Continuêmos as negociações em boa paz e vamos comprando mais cardeaes ou segurando os que temos por nós.

E foi lendo n'um papel:

—Tinhamos por nós os cardeaes Passionei, Spinelli, Tamburini e Achinto.

«Precisamos de mais... Tres coisas são necessarias para estas negociações em Roma: boas palavras, grandes presentes e, n'um dado momento, destemidas resoluções.

—V. ex.ª dá licença?

—Entra, Manuel Bento. E d'ahi, o que temos lá por casa de Jorge Gustavo?

—Grandes tristezas, meu senhor! Grandes tristezas!

«O capitão parece desenterrado!

—Por quê?!

—Teve de assistir á frente da sua companhia ao supplicio dos Tavoras, e era amigo do mais novo.

—Não me occorreu semelhante coisa; se me lembrasse, ter-lhe-hia mandado ordem para não sair com o regimento. Mas eu posso lá ter memoria para tanta coisa!...

«Entretanto, a esse respeito, Manuel Bento, nem palavra. Lá em cima não se levaria a bem essa magua por um Tavora, e isso poderia prejudicar muito o futuro de Jorge Gustavo.

«E do sr. Damião de Castro o que soubeste?

—Não pôde ir para a Arrabida, e está lá em casa, de cama, com febres.

—Isso é mais grave. Pobre velho!

—Pelos modos, uma irmã do sr. capitão Jorge está muito mal.

—Era de esperar.

—No caminho topei o sr. Antonio de Noronha.

—Que te disse?

—Que o sr. Diogo de Vasconcellos, aquelle a quem n'outro tempo chamavam o *Dioguinho*...

—Bem sei; acaba.

—Deu a alma a Deus.

—Como nós vamos estando velhos e como vão acabando os amigos de outro tempo, Manuel Bento!

—Ah! mas aquelle, coitadinho, já tinha os seus dias contados! Havia de ser homem dos seus noventa e tantos annos. E tambem n'aquelle viver, assim entrevado, melhor foi que Deus o levasse.

«O sr. Antonio de Noronha disse-me que ámanhã ou depois cá viria dar esta noticia a v. ex.ª e agradecer-lhe o muito bem que fez ao velhinho.

—Isso não é coisa que se me agradeça.

«Era dever meu, Manuel Bento.

Bateram brandamente á porta.

—Vê quem é.

O Manuel Bento foi vêr.

—E' o creado de dentro que vem dizer a v. ex.ª que está ali o Andrade.

—Vae lá dizer-lhe que entre. E olha cá, previne-me logo que cheguem o sr. D. Luiz da Cunha e o sr. José de Seabra.

«Escuta. Depois de jantar has de ir alugar-me uma sége para a noite. Como se fosse para serviço teu. Que espere ao fundo da calçada. Irás commigo.

—E a hora?

—Oito e meia.

(*) Era realmente pouco, uma deploravel mesquinhez; mas importa dizer que mais desafogadamente se podia então prover ao sustento diario de um homem com 100 réis do que hoje com 500 réis, especialmente em communidade como succedia em Azeitão.

* * *

—Sr. secretario d'estado!

—Entre, Andrade. E o homem?

—Lá está aferrolhado na casamata da Torre.

«Na mais escura, na que verte agua que parece um poço.

«Não deve de ter menos de oitenta annos, mas é de rijas feveras aquelle jesuita!

—E de ruins figados. Vociferou muito contra mim?

—Quasi tanto como ali na Junqueira aquelle maldicto de Gaspar de Lemos, a quem ainda não foi possivel deitar a mão.

—E é preciso empregar todas as diligencias para o prender. Provavelmente tem andado ahi pelas ruas de Lisboa a rir dos estupidos espiões, que não são capazes de lhe deitar a mão!

«E eu quero pôl-o de companhia com o seu dilecto amigo Miguel Nogueira, nos subterraneos de S. Julião. Percebeu, Andrade?

—Perfeitamente, sr. ministro.-E creia v. ex.ª que me não falta vontade de o apanhar.

—Que o padre, lá mais para deante, ha-de mudar de prisão. Heide dal-o de presente ao Santo Officio. A elle e a outro. Quero fazer-lhes a elles o que me queriam fazer a mim.

«O Lemos veremos o fim que hade ter. Mas que demonio! Chega a fazer-me perder a paciencia esta ideia de que ha tres annos anda fugido aquelle miseravel!

—Pois não é por se não terem feito as diligencias para o encontrar.

—Parece incrivel!

—Sr. secretario d'estado, vae para quatro mezes que todas as justiças do reino e lá de fóra andam á caça de José Polycarpo, e ainda não deram com elle, e mais o premio que se dá a quem o apanhar, dez mil cruzados no reino e o dobro em terra estrangeira, vale bem a denuncia e o risco da vida.

«Muitos boatos, mas ninguem sabe onde elle pára. Parece que o demonio dá esconderijo a certos malvados!

—Não é o demonio, não, são outros tão bons como elles!

—Uns dizem que o Polycarpo está escondido em casa de um fidalgo, que lhe deu guarida, mas não se diz que fidalgo é; outros são de parecer que fugiu para fóra do reino, mas por mais que se tenha apertado a gente da familia, nada se tem podido saber.

—Mas já se disse que teem apparecido cartas d'elle, por debaixo da porta da casa da mulher, nos Olivaes!

—Caíu-se-lhe logo lá em casa e a mulher negou até á ultima.

«A's vezes são coisas que o povo inventa. Tambem já se lembraram de contar que o José Polycarpo tinha queimado a cara com agua forte, para que ninguem o conhecesse. e já hoje me disseram que elle tinha assistido hontem, lá em baixo em Belem, á queima da sua propria estatua.

—Isso não é verosimil.

—Contos mentirosos com que a gente de soalheiro se entretem.

—Fica entendido. Novas e maiores diligencias para apanhar Gaspar de Lemos. Agora já não tem o valhacouto dos jesuítas. Preciso d'elle ao pé de Miguel Nogueira.

«E se fôr necessario offerecer algum premio, offereça o que lhe parecer razoavel.

—Não hade ser preciso, que a minha obrigação e a da minha gente é prendel-o.

—Em volta da casa do capitão Jorge Gustavo tem tido vigias?

—Com as muitas prisões que foi preciso fazer e por causa de outras diligencias na cidade, hontem e hoje, cercando as casas dos parentes dos Tavores, não tenho tido lá senão um homem de vigia, mas é destemido e vale por dois.

—Embora. Lemos é homem arrojado e os seus odios são implacaveis. Um vigia é pouco.

«Mande para lá mais, especialmente a horas mortas da noite.

—Já esta noite se dará cumprimento ás ordens de v. ex.ª Tiro tres ou quatro homens dos que trago na ronda de certas casas e vou lá eu mesmo collocal-os.

—Mas sem espalhafato, sem dar nas vistas dos curiosos, para vêr se o lobo cáe na armadilha. Cautela com alguma carruagem suspeita, com alguma pretendida visita fóra de horas.

—Tudo isso está acautelado. De dia não vae para lá embuçado, que o vigia, sob

qualquer pretexto, não obrigue a desembuçar para o reconhecer.

«A semana passada, ao cair da tarde, ia para lá um homem muito embuçado. O vigia fingiu-se embriagado e deu-lhe um encontrão que lhe fez cair o capote. Era o proprio dono da casa.

—Bem. Póde retirar-se, e não se esqueça das minhas recommendações. E' preciso encontrar Gaspar de Lemos.

—Assim eu lhe dê com o rasto e, ainda que fosse ás profundezas do inferno o iria buscar, para dar cumprimento ás ordens de v. ex.ª

«Posso retirar-me?

—Póde.

* * *

—Odio antigo, odio de morte! O meu e o d'elles.

«Vence o meu. Chegou a hora do ajuste de contas. Por mim, por Joanna Richter, por essa filha que um d'elles cruelmente mortificou!

E sentou-se á meza a escrever.

—Vamos aos negocios de Roma. E' preciso não demorar o *terramoto* da Companhia.

E poz-se a escrever uma carta confidencial para seu primo Francisco de Almada de Mendonça, ministro plenipotenciario de Portugal junto da Santa Sé.

—E' mistér guiar e contêr o genio assomadiço d'aquelle meu primo—dizia comsigo, interrompendo a escripta e mudando de penna. Ainda não percebeu bem como se devem de tratar os negocios temporaes com aquelles astutos diplomatas da Curia.

Continuou a carta. Tratava da auctorisação do Pontifice para o julgamento dos jesuitas accusados de cumplicidade no crime contra el-rei.

«Mas devem-se reservar esses argumentos—ia escrevendo — para os casos extremos, e quando se tiverem exgotado todos os meios de ganhar a côrte de Roma, ou, antes, o seu governo.

«E' certo que em taes circumstancias é necessario exactamente ou ganhal-o para nos fazer justiça, ou perdel-o desmascarando-o, porque n'este ultimo caso far-nos-hia mal á socapa.»

Leu, avivou algumas palavras, completou a pontuação e ficou a reflectir por alguns momentos, tamborilando machinalmente com os dedos sobre a grande pasta de marroquim.

«Deve-se preferir o primeiro meio—continuou—o de ganhar em segredo o ministerio; não ha senão dois modos de proceder para o conseguir.

«Eis o primeiro: não fazer caso algum de todos os absurdos que foram repetidos em Roma a esse respeito, e começar o negocio como se fosse completamente novo, com despachos que deve receber e que foram redigidos segundo estas ideias.

«O segundo modo é combater o suborno feito pelos padres jesuitas, observando quem são os cardeaes e as pessoas mais importantes em relação ao negocio, e comprando-os por todos os meios que lhe fôrem possiveis, sem ser sacrificado por elles.

«Emfim, vale muito mais e custa menos fazer a guerra com dinheiro do que com exercitos.

—Pelo menos em Roma—commentou revendo o periodo final.

E proseguiu:

«Parece-me que o cardeal secretario de estado e *Rezzonico* são aquelles cujos serviços nos seriam mais uteis, mas não se póde julgar de tão longe o que é melhor fazer; v. s.ª procederá segundo o que a sua experiencia e a sua pratica dos negocios lhe suggerirem como mais util e menos perigoso.»

—Vamos agora ao argumento fundamental:

«Aqui ha mais de cem mil cruzados empregados em prata finamente lavrada em Paris e em porcelana de Saxe. Não sei como hei de remettel-as para Roma, sem que se saiba quem manda essa porcelana e essa prata e para quem são destinadas.

«Poderei tambem enviar-lhe alguns diamantes brutos, que mandará ahi lapidar; entretanto, dir-me-ha se pódem servir para cruzes peitoraes, etc.»

«Mando-lhe quatro anneis dignos de serem offerecidos para ganhar, ou, pelo menos, para adquirir alguns bons amigos. São feitos com as melhores e as mais grossas pedras que vieram no anno passado. Todas essas pedras são lapidadas em Lisboa, mas é um trabalho que exige muito tempo; seria melhor, parece-me,

offerecel-as no estado bruto, como uma amostra dos productos dos paizes tão amados pelos jesuitas.»

—Foi por este preço—disse interrompendo a escripta—que D. João III comprou o direito de queimar gente em nome de Jesus, e D. João V comprou o titulo de *Fidelissimo* e o barrete cardinalicio do Patriarcha.

«Mas agora a compra tem um fim immensamente util.

«Provavelmente, a Companhia cobre o lanço; é riquissima. Deixal-o. Quando o suborno d'ella fôr maior, falo eu alto aos eminentissimos subornados, e ponho os jesuitas fóra.

E logo, como recordando-se de alguma coisa importante, disse:

—Que me não esqueça recommendar cuidado com as cartas que me enviar.

E escreveu:

«Devo prevenil-o que as cartas que escreve são abertas primeiro em Paris e depois em Madrid. Tenha a circumspecção necessaria e não nomeie nem o cardeal nem a pessoa que lhe houver confiado algum segredo; bastar-lhe-ha dizer que recebe as suas informações de boa fonte ou de pessoa segura. Não esqueça as mesmas precauções a respeito das pessoas que tiver ganhado com auxilio dos sobreditos presentes, de modo que não seja possivel descobrir quem são os amigos que empenha nos negocios de Sua Magestade. (*)

«Emfim, caro primo.....

E não poude concluir, porque o Manuel Bento appareceu a annunciar-lhe que tinham chegado o ministro dos negocios estrangeiros e o dr. José de Seabra.

Sebastião de Carvalho guardou a carta incompleta em uma das gavetas de segredo da sua ampla meza de trabalho.

—Logo se concluirá. Basta que vá quando forem os papeis officiaes.

* * *

Depois de uma conversa preambular, sem importancia, o primeiro ministro perguntou a D. Luiz da Cunha:

—De Paris que noticias recebeu?

—Officiaes e particulares; umas de pouca valia, outras de util prevenção.

—Comecêmos pelas ultimas.

—O duque de Choiseul parece empenhado em não seguir o caminho do seu antecessor, o conde de Bernis.

—Se não fôr para contender comnosco, bem nos importa a nós que elle siga outro caminho.

—Mas parece que é a nosso respeito que elle pretende mudar, a serem certas as informações confidenciaes que me chegaram do representante de Sua Magestade em Paris.

«Segundo conversas particulares, que foram reveladas a Pedro da Costa Salema (*) o Duque veio da embaixada de Vienna para os conselhos da corôa de el-rei Luiz XV muito disposto a não se envolver por'ora na questão dos jesuitas. Entendidas como estão as duas côrtes de Paris e Madrid, a abstenção do governo francez, n'este momento, pelo menos, importará a do governo hespanhol.

—Paciencia — respondeu Sebastião de Carvalho, brincando com a luneta—começarêmos nós sósinhos a demolição da Companhia. Eu verei depois como havemos de metter no resto da obra esse Duque, a quem a Pompadour entregou a tutela politica de el-rei de França.

«Por uma carta que de Paris me escreveu ha poucos dias Paulo de Mendonça, já eu sei que o sr. de Choiseul me não é muito affeiçoado e me considéra um rancoroso inimigo da nobreza e dos padres da Companhia. Faz elle muito bem.

«E que mais a respeito de Choiseul?

—Suppõe-se que o preoccupam os boatos do casamento de sua alteza a princeza real do Brazil.

—N'isso é que o Duque perde o seu tempo. O caso pertence exclusivamente a el-rei de Portugal.

—Parece que está no intento de reatar as negociações do tratado de commercio.

—Bem sei. Para nos explorar na Europa

(*) Esta carta confidencial tornou-se um documento historico precioso. Vem reproduzida em varias obras e quasi toda transcripta no livro de Francisco Luiz Gomes—*Le Marquis de Pombal*—e *na Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas.

(*) Era então o ministro de Portugal em Paris.

e levar-nos o commercio do Brazil. Está servido.

—Informa tambem secretamente o Pedro Salema que o embaixador conde de Merle vem muito recommendado ao embaixador de Hespanha, ao cardeal Acciajuoli e ao ministro da Austria.

—Comprehendo. O conde de Merle vem estabelecer em Lisboa uma succursal da alliança de jesuitas de *batina curta*.

«Certamente, para vêr se compelle el-rei a perdoar aos jesuitas e a entrar na guerra contra a Grã-Bretanha.

«Pois sairá de ca tão desilludido como o seu enfatuado antecessor, o conde de Bachi.

«E esse decantado embaixador quando chega afinal?

—Foi no mez passado a sua audiencia de despedida de el-rei Luiz XV, e tel-o-hemos ahi por todo este mez. (*)

E nem Sebastião de Carvalho podia sequer adivinhar em que termos estavam redigidas as instrucções secretas dadas em Paris ao conde de Merle e firmadas pelo proprio punho de Luiz XV.

N'essas instrucções, mandadas redigir pelo duque de Choiseul, encontram-se mal ensombradas referencias ao grande ministro portuguez. Veem assim resumidas no tomo VI do *Quadro Elementar*, que tantas vezes temos citado:

«Que Sebastião de Carvalho, que tinha o titulo de primeiro (ministro), gosava de toda a confiança de el-rei seu amo e que, a acreditar-se a publica fama, d'ella abusava; motivo porque em todos os dominios da corôa portugueza havia algumas pessoas que se tinham declarado seus adversarios; que o dito ministro tendo no secretario d'estado Mendonça (**) um collega instruido e bem intencionado, por ciumes que d'elle tinha, havia tido artes para o mandar degredado para a Africa. Que antes de ser elevado á dignidade de primeiro ministro havia Sebastião José de Carvalho sido ministro de Portugal em Londres e Vienna, e que não havendo adquirido grande nomeada n'estas duas côrtes, parecia não ser inclinado por gosto a nenhuma d'ellas, e ainda menos á de França, como se colhia dos vexames que de fresco havia feito aos francezes e ao seu commercio; que era de um genio aspero, imperioso, e tinha-se sobretudo esmerado em opprimir a nobreza principal do reino, por isto que não era mais do que um simples gentilhomem; que a elle se deviam as medidas violentas que se haviam tomado contra muitos dos membros da nobreza...

Parêmos n'esta parte do azedo e clandestino libello contra o primeiro ministro de Portugal, para perguntarmos aos leitores:

—Como será logico e digno que el-rei de França e Choiseul concluam esta parte das instrucções secretas relativas a Sebastião de Carvalho?

Redige-as o ministro de um grande paiz, firma-as o rei de uma poderosa nação, trata-se do primeiro ministro de uma nação pequena, de um homem de ruins qualidades, *aspero e imperioso*, que tem feito recentes *vexames aos francezes e ao seu commercio*; é de esperar que se recommende ao embaixador da França uma dura e intransigente energia ante o valido que *abusava* da confiança do rei.

Pois estamos completamente enganados! O *Homem* impunha-se ao respeito das potencias, apezar dos seus defeitos, dos seus erros, de toda a má vontade de certos estrangeiros, e de ter atraz de si uma nação das mais pequenas do mundo, ferida por uma espantosa catastrophe, com um exercito ainda para reorganisar e uma esquadra em principio de reconstituição!

O que se recommenda ao embaixador da França, o que lhe recommenda Luiz XV por intermedio do duque de Choiseul, conforme o resumo feito pelo visconde de Santarem em face do duplicado das instrucções que encontrou no archivo do ministerio dos negocios estrangeiros da França, é simplesmente isto: *porem que, como quer que fosse, importava summamente ao serviço d'El-Rei de França que elle, conde de Merle, se applicasse a ganhar as vontades do primeiro ministro e a fazer-se*

(*) Vidé *Quadro Elementar*, etc. Tomo VI pag. 120.

(**) Era aquelle Diogo de Mendonça Corte Real, *o abbade Mendonça*, (como lhe chamavam os estrangeiros) que se dava muito com o conde de Bachi e com o Nuncio, e conspirava na sombra com o partido da rainha, contra o seu collega Sebastião de Carvalho.

d'elle bem acceite, pelo muito que elle privava com El-Rei Fidelissimo, e porque linha a direcção principal dos negocios...(*)

Não se vendia nem se dobrava; era preciso requestar-lhe as sympathias, porque Portugal não era apenas um nome e uma tradição na politica da Europa.

E em outra passagem das instrucções ainda se observa ao embaixador que deve antepôr os negocios do seu cargo a quaesquer sentimentos e affeições pessoaes, e *ter as maiores attenções com Sebastião José de Carvalho.*

Com o ministro de *genio aspero e imperioso*, de quem tinham razão de queixa os subditos da França!

Quanto póde ás vezes um só homem na historia e nos destinos de um paiz!

* * *

—Bem. E' preciso apertar em Roma com este negocio dos jesuitas—disse Sebastião de Carvalho, depois de ter passado pela vista a *Deducção* ou *Pro-memoria* (**) que José de Seabra redigira pelos apontamentos que lhe dera o primeiro ministro.

A Deducção era um longo libello accusatorio contra os padres da Companhia, para ser apresentado a Clemente XIII.

Iria acompanhada de outros documentos officiaes e de alguns opusculos impressos hostís aos jesuitas.

—D. Luiz da Cunha, mande expedir urgentemente todos estes papeis para Roma a Francisco d'Almada.

«E dê-lhe instrucções que lhe moderem os rompantes, sempre inconvenientes em negocios diplomaticos, especialmente em Roma.

«Eu lhe escreverei tambem particularmente. Olhe, apontei aqui estas recommendações que julgo essenciaes. Veja-as e, se estiver d'acordo com ellas, inclúa-as na sua carta.

D. Luiz da Cunha leu:

«Sua Magestade ordena-me que o previna que v. s.ª deve mostrar á côrte de Roma tanta firmeza quanta doçura e prudencia politica; não se irritar nunca, seja qual fôr a provocação que receba, e responder sempre como um ministro que fala ao Supremo Pastor, ou áquelle que occupa o seu logar, e não como um estudante que bate nos bancos quando argumenta.

«V. s.ª deve evitar sobretudo os dois maiores peccados politicos que possa commetter um homem encarregado de negociar n'uma côrte, e que são: o primeiro censurar erros passados que se não podem remediar, o que só serviria para azedar os ministros; o segundo ameaçar abertamente o soberano e os seus ministros. V. s.ª deve imitar a este respeito o cardeal Dossa, que, para combater os actos dos ministros do Papa, os figurava em terceira pessôa e que, para ameaçar, servia-se de phrases similhantes a estas: *Receia-se, teme-se.*

«V. s.ª procederá com a nobre resolução que é necessaria, sem nunca faltar á reverencia que se deve ao Papa.» (*)

—Que lhe parece?—perguntou Sebastião de Carvalho.

—Parece-me excellente.

—Comprehende a minha intenção? Quero evitar que os arrebatamentos de Francisco d'Almada provoquem desde já com a Santa Sé um conflicto desnecessario e inopportuno.

«Não o receio, mas ainda quero vêr se el-rei derriba a Companhia com a cooperação do Pontifice, o que seria oiro sobre azul.

* * *

Anoitecêra. Estavam muitos grupos de homens do povo defronte dos *Arcos* de Belem, nas proximidades do palacio d'aquelle que fôra duque d'Aveiro.

—Então ámanhã começam a deitar o palacio a terra!

(*) Mas não ficaram por aqui estas subservientes recommendações.

Mezes depois, o duque de Choiseul dizia em officio ao embaixador conde de Merle que era preciso *pôr todo o estudo em cahir em graça e fazer-se acceite* do primeiro ministro portuguez, e accentuava ainda que *devia applicar-se a agradar áquelle Ministro.*

(Officio de 10 de julho de 1759, extractado a pag. 150 do tomo VI do *Quadro Elementar).*

(**) Tem o n.º 26 na série de documentos do tomo II da *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano.

(*) Encontram-se estes trechos na carta official que foi dirigida a Francisco d'Almada e que D. Luiz da Cunha assignou como secretario d'estado dos negocios estrangeiros. Vidé *Le Marquis de Pombal.*

—A'manhã, a cocheira. O palacio só o deitam abaixo depois de arrecadarem o espolio do José Mascarenhas, a quem Deus perdôe. Olhe, luzes lá dentro. A gente da justiça está a fazer o inventario.

—Mas já hoje lhe estiveram a picar a pedra do brazão que estava em riba da porta.

—Não perdem tempo! Depois, tudo arrazado, e o chão todo salgado, para que nem as hervas ali possam medrar.

—E' da sentença.

—Pois é pena! Uma casa tão boa!

—E o recheio?! Está como um ovo! Só as ricas pratas que o Mascarenhas tinha mandado vir de França, quando trazia no sentido casar o filho, o marquezinho.

—Bom casamento o d'elle! Lá está aferrolhado no forte da Junqueira.

—Um rapazito ainda!

—Voltas d'este mundo! Ha pouco mais de quatro mezes, aqui estivemos nós a ouvir a *serenata* em casa do que foi Duque!

—A ultima!

—E as excommungadas das rabecas até parecia que choravam!

—Era como se estivessem a adivinhar tudo isto!

E dois homens do grupo em que esta conversa fôra travada despediram-se e embuçaram-se nos seus grandes capotes.

—Vamos indo para o cortiço—disse um.

—Apre! A noite está de enregelar! Tenho os pés que nem os sinto!

E batia com os pés no chão, para os aquecer.

Atravessaram os dois o largo de Belem e metteram para a calçada grande.

Passaram junto de uma sége que estava parada defronte do picadeiro do paço de Belem.

—Está á espera d'alguem — observou um.

—Aqui, n'este sitio!—commentou o outro.

—Eu, em vendo séges de noite, lembro-me logo do caso da *outra*.

—A esta hora, parada, cá no sitio!... Isto é coisa. Vamos nós ali á barraca da tia Bernarda beber um quartilhosito p'r'áquecer, e de caminho pômo-nos á cóca do embrechado.

—Vamos lá. Mas não queira o demonio que se demóre muito.

—Isso sim. O boleeiro ha de estar entanguido de frio e não me palpita que se fique ali pasmado.

A' porta da ampla barraca de taboas de pinho pintalgadas, assignalada de dia por um grande ramo de loiro e de noite por uma lanterna de luz mortiça, estavam duas pessoas, á espera de vêr quem entrava para a sége, ou a direcção que ella tomava.

Uma d'aquellas pessoas era a obesa taberneira, de grandes arrecadas de oiro, cordão grosso e coração de filigrana de oiro, á moda do Porto, sobre os desmesurados seios.

Com o avental de grosseiro tecido de estôpa resguardava um pouco do ar cortante da noite as faces, afogueadas do brazido em que estivéra a frigir peixe.

Ao pé d'ella estava um desconhecido, que momentos antes havia entrado na taberna.

Os dois que vinham dos arcos de Belem encostaram-se á porta da barraca, a falar com a tia Bernarda.

N'aquelle tempo, a calçada grande era de escasso transito depois do anoitecer. A creadagem do Paço recolhia-se logo á bocca da noite e os soldados de infanteria do regimento aquartelado lá em cima desappareciam d'ali logo depois das sete horas.

Ouviram-se passos pesados da banda de cima da calçada.

Luar claro de janeiro. Via-se como de dia.

—Talvez seja para os que lá veem acima—disse a tia Bernarda, indicando a sége.

—Ambos muito embuçados!—observou um dos do grupo.

—Não, que o fresquinho está de levar coiro e cabello.

—E são dois pedaços de dois homens!

—Teem os pés pesados! Pés de boi.

—Ou pés de velhos.

—*Arrecôlham-se* p'ra dentro—aconselhou a tia Bernarda. Não seja o diabo negro que venha por *hi* o rei *mail-o outro* que faz pavôr a meio mundo.

—Hum! Esse tal já não sáe senão com uma quatorzada de dragões atraz de si Mas emfim, o *seguro morreu de velho*, e, se fossem elles, não lhes agradaria que a gente os pescasse e já os espiões nos não largavam mais

—Olhem, pelo corpanzil; um d'elles bem podia ser o *tal*.

E foram-se mettendo para dentro da taberna.

A tia Bernarda tirou a lanterna, cerrou a porta, mas abriu um postigosito d'onde podia observar o caso.

Momentos depois, um dos embuçados adiantava-se do outro, relanceando olhares para um e outro lado, e ia falar ao boleeiro, muito inclinado para elle,

Ninguem poude ouvir o que lhe disse. Em seguida approximou-se o outro embuçado e entraram ambos para a sége, sem se desembuçarem.

O boleeiro fez voltar as muares e metteu para a Junqueira, de corrida.

Deviam de ter ficado desesperados os espreitadores da taberna da tia Bernarda.

* * *

—V. ex.ª traz as pistolas que eu lhe fui pôr em cima da meza do quarto de vestir?

—Trago sim.

—E' que de todo me passou falar d'ellas a v. ex.ª quando saímos, e, apezar de todos os segredos, sempre é bom ir prevenido.

—Aposto que tambem tu vens prevenido, hein?

—Cá trago no cinturão as pistolas grandes com que tantas vezes acompanhei v. ex.ª no tempo dos *Capotes Brancos*.

—Como isso lá vae longe, meu velho! Velho, mas rijo como se fosses de bronze! Não é assim, Manuel Bento?

—Ainda não vou abaixo ás primeiras, porem as pernas é que já não são as mesmas!

—A tua lealdade e o teu animo é que são como foram sempre! Tanto basta.

E assim iam conversando dentro da sége esse que já era então um dos maiores homens de estado da Europa e o maior que ainda tivéra Portugal, e o serviçal obscuro, dedicadissimo, que era o mais fiel e inabalavel amigo do famoso ministro.

Já muito perto da casa de Jorge Gustavo, disse-lhe Sebastião de Carvalho:

—Não tenciono demorar-me muito. Tu esperas mesmo dentro da sége.

—Como v. ex.ª mandar.

A sége parou de repellão.

—Que é?—perguntou o Manuel Bento, debruçando-se para fóra. A casa é aquella ali adiante.

—Bem sei—respondeu o boleeiro. Mas vi uns vultos a descer para aquelle lado e parecia que levavam um homem de rastos.

—Isso haviam de ser alguns bebedos. Siga—respondeu o Manuel Bento.

A sége avançou até defronte da porta do capitão.

—E' singular que não tenha apparecido o espião que está vigiando a casa!—disse o ministro ao Manuel Bento.

—Talvez esteja por ahi escondido.

—Mas era dever seu vir reconhecer quem vem n'esta sége!

—Talvez o faça quando v. ex.ª se apear. Vou bater á porta?

—Vae.

O Manuel Bento apeou-se, relanceou um olhar para as janellas e disse para dentro, ao amo.

—Sentiram a sége. Já vejo luz n'uma das janellas.

E foi bater á porta.

—O bebedo do espião é capaz de estar mettido em alguma taberna!—dizia comsigo Sebastião de Carvalho, apeando-se tambem.

O Manuel Bento bateu segunda vez. Parece que alguem estava espreitando por detraz da vidraça, mas hesitava em mandar abrir.

—Nem a sombra sequer do tal vigia!—pensava o ministro olhando para um e outro lado. Não ha recommendações nem ameaças que valham!

—Quem é?—perguntaram de cima, entreabrindo a janella. Era voz de mulher.

—Uma pessoa amiga do sr. Jorge Gustavo, que deseja falar-lhe—respondeu o Manuel Bento. Queira mandar abrir.

—O sr. capitão não está em casa.

—Não está em casa!—disse comsigo Sebastião de Carvalho.

E logo desembuçando-se e approximando-se mais do predio, disse para cima:

—Não importa. Falarei ao sr. Damião de Castro. Sou um amigo d'elle, que só a esta hora poude vir visital-o.

Em cima pareciam hesitar. Fôra a criada quem abrira a janella. Outra mulher appareceu então. Era Joanna Richter. Da-

va-lhe em cheio no rosto a luz do candieiro que a criada tinha na mão.

—Queira mandar abrir sem receio, minha senhora—disse o antigo criado do ministro, reconhecendo-a.

«Sou o Manuel Bento, que veiu cá esta manhã.

—Ah! sim—disse Joanna n'uma voz ligeiramente trémula. Mando já abrir.

—Manuel Bento, vae para dentro da sége e espera-me. E recommendou-lhe em segredo:

—Se apparecer alguem a fazer perguntas ao boleeiro, observa, e, se te parecer gente do Andrade, dize-lhe estas palavras de senha: *Cautela com a noite;* se te responderem: *Caminho da Junqueira*, pódes dizer-lhe o meu nome.

«Está prevenido e attento.

—Póde v. ex.ª ir descançado.

Abriram a porta. O Manuel Bento entrou para a sége, dizendo baixo ao boleeiro:

—Apeie-se e espere.

* * *

Foi a criada quem veiu abrir a porta.

—O sr. capitão Jorge Gustavo saiu ha muito?—perguntou Sebastião de Carvalho, logo que entrou.

—Saiu ainda de tarde.

Foi subindo. Joanna Richter esperava-o no topo da escada.

—Minha senhora, peço desculpa de vir a esta hora—disse o ministro ceremoniosamente, um pouco embaraçado.

—E' sempre boa a hora em que v. ex.ª se digna honrar esta casa—respondeu Joanna muito perturbada.

Entraram para a sala. A criada saiu.

—Joanna!—disse-lhe baixo Sebastião de Carvalho, apertando-lhe a mão affectuosamente.

«Jorge Gustavo para onde foi, sabe?

—Foi ainda de tarde ver a irmã.

—Está peor?

—Está mal. De manhã, esteve Jorge no regimento, e estivemos nós, Helena e eu, ao pé da desventurada Branca. Jorge saiu d'aqui antes do sol posto, e já estamos em cuidado pela demora.

«Um pouco antes de v. ex.ª chegar, tinhamos mandado para lá o criado, a saber se havia alguma novidade.

—Damião de Castro?

—Despegou-lhe a febre e adormeceu ha coisa de uma hora. O cirurgião tem recommendado muito que não o deixêmos levantar, emquanto assim estiver abatido.

«Com a febre, falava muito de v. ex.ª Estamos com muito receio que elle teime em ir falar a Branca,

—Seria uma loucura; por elle e por ella.

«Helena?

—Está no quarto a adormecer a pequenina. Já a preveni e não pode tardar. Tem andado muito mortificada.

—Comprehendo a razão. Ella me perdoará quando eu lhe beijar a pequenina. Tem o santo e amoravel coração da mãe.

Joanna fez-se muito pallida. Sebastião de Carvalho procurou mudar de conversa.

—Começo tambem a inquietar-me com a demora de Jorge Gustavo! E tenho urgencia de lhe dizer umas coisas.

Appareceu Helena, hesitante, receosa.

—Sr. secretario d'estado!—disse n'um timido cumprimento. Peço desculpa de não ter vindo logo. Minha mãe foi-me dizer que v. ex.ª nos honrava com a sua visita, mas...

—Mas estava a adormecer a sua pequenina, já sei—atalhou o ministro, indo para ella sorridente.

«E mal commigo! Percebe-se logo.

—Mal com v. ex.ª! Eu! Se tal coisa podia ser?!

—Póde sim, não negue, minha senhora... minha encantadora filha! Póde porque a sua alma d'anjo não sabe comprehender que asperos deveres endurecem o coração de um homem d'estado.

«Mas tudo se ha de esquecer e perdoar. Ainda que não seja senão em nome d'aquella pessoa muito pequenina, que nós sabemos, e que os seus beijos deixaram adormecida.

—E a sorrir—disse Helena enternecidamente, n'uma ingenua expansão do seu immenso amor de mãe.

E entretanto Joanna, ainda mais commovida, perguntava á sua propria alma como podia ter palavras de tamanho affecto e de tão gentil affabilidade aquelle extraordinario homem, implacavel nas suas vinganças, crudelissimo em alguns actos da sua vida de ministro, como se tivesse em si dois corações que um ao outro se desmentissem!

E, todavia, se a pobre Joanna soubesse comprehender a psychologia d'aquella espantosa individualidade, perceberia bem como na logica das suas paixões e na fatalidade do seu meio o aventuroso chefe dos *Capotes Brancos* dava aquella estranha dualidade do homem de familia, quasi nos limites da sentimentalidade feminil, e do homem da politica, duramente inaccessivel a toda a humana commiseração.

Moço ainda, a braveza das suas coleras e a inabalavel constancia dos seus odios contrastavam bruscamente com as lenidades e seducções dos seus artificios de galã e com a propria intensidade dos seus amores de aventureiro.

Vieram as ambições politicas tomar o logar dos juvenis devaneios, os estimulos da lucta no poder tornaram duro e frio o animo do espadachim de outro tempo, e o fogo devoradôr dos odios, seus e dos outros, queimou quanto havia de superficialmente sensivel no coração do homem de estado, como as lufadas ardentes de uma tempestade queimam as timidas floresitas que vicejam nos intersticios dos rochedos.

A idade transformou naturalmente em chefe de familia o galã requestador; o fanatismo da sua propria obra colossal, imperecivel, fez do aventureiro intrepido e irritavel aquelle ministro de grandeza tamanha e de crueldade quasi egual!

* * *

—Minha senhora! Minha rica senhora!—veiu gritando de dentro a creada, muito pallida, a tremer muito, de olhares espavoridos.

—Jesus! Que é?

—Gente!... no jardim!

A outra creada mais nova appareceu tambem quasi suffocada de susto.

—Mas viu alguem?—perguntou o ministro. Ou foi o susto...

A resposta veiu de dentro no esmigalhar de vidros de uma janella que houvesse sido forçada.

—Nossa Senhora! A minha querida filhinha!—exclamou Helena espavorida, n'um grito indefinivel da sua alma de mãe.

E correu para o quarto a ir buscar a pequenina.

Joanna caíra de joelhos aos pés do ministro.

—Não percam o animo—disse Sebastião de Carvalho, tirando uma pistola das que trazia no cinto e procurando desembaraçar-se de Joanna.

—Oh!—exclamou um dos tres mascarados que surgiram no corredor dos aposentos interiores. Caiu tambem na armadilha aquelle tigre real! Mãos á mãe e á filha. O tigre fica para mim.

Sebastião de Carvalho tirára outra pistola do cinto e pozéra-se deante das mulheres para as defender.

—Bandidos! Morre o primeiro que se atrever!

—Misericordia! Piedade! — clamavam Joanna e as criadas.

Helena tinha chegado com a filhinha apertada ao seio e, no seu egoismo de mãe, ajoelhára, escondendo-se por detraz do ministro, o avô da pequenina, aquelle homem formidavel.

—Ah! vocês param! Mette-lhes medo o tigre branco! Jogam a vida se o deixam vivo. Pois vão ver.

—Jesus! Jesus!—soluçavam as duas mulheres.

E arrancando a mascara e apontando a pistola, gritou:

—Sebastião José! Chegou a hora!

Era Gaspar de Lemos.

Dois tiros foram desfechados simultaneamente.

Mas antes que Gaspar de Lemos disparasse, um homem alto, de longas barbas brancas, passára por entre os dois mascarados, immobilisados pelo terror de ver o terrivel ministro onde suppunham encontrar só mulheres, e, deitando as mãos ao pulso do que parecia chefe da quadrilha, levantára-lhe a pistola n'um supremo esforço.

A bala de Gaspar de Lemos foi esmigalhar os vidros da janella, e a de Sebastião de Carvalho feriu em pleno peito o seu odioso inimigo.

—Maldito! — rouquejou Gaspar de Lemos, caindo aos pés do monge Damião de Castro, que n'um impulso de piedade, quasi a arrastar-se, viéra do quarto, para acudir aos gritos das pobres mulheres.

Mais atterrados ainda por aquella apparição do monge, com o seu aspecto de figura tumular, os companheiros de Gaspar de Lemos correram para a escada.

Helena, quasi de rastos, com a filhita muito apertada contra si, a filhita que lhe sorria, desmaiou amparada nos braços de Joanna.

Desfecharam na rua dois tiros seguidos. As mulheres choravam loucas de terror.

Expliquêmos a razão d'aquelles tiros. Para não attrahir a curiosidade de algum transeunte, o Manuel Bento disséra ao boleeiro que apagasse as lanternas e afastasse a sége mais para o largo.

O boleeiro passeava freneticamente para descurregelar os pés. Dentro do carro, o Manuel Bento, muito embrulhado no seu grosso capote, fazia grandes esforços para não adormecer.

Teria passado um quarto de hora quando o boleeiro interrompeu o passeio inopinadamente. Poz-se á escuta e disse para dentro da sége:

—Oh! patrão, parece-me que ha novidade lá em casa! Ouvi a modo vozes de gente afflicta.

O Manuel Bento deitou para o lado o capote e apeou-se.

Ouviram-se então os dois tiros. Tirou as pistolas do cinto e correu para a porta. Estava fechada por dentro.

—O' boleeiro, ajuda-me aqui a vêr se metto dentro este diabo.

Não era preciso. Os dois companheiros de Gaspar de Lemos abriram apressadamente a porta para fugir.

—Alto! Alto aqui!—bradou o Manuel Bento, tomando-lhes a frente, para vêr se os reconhecia.

Mas fugiram-lhe cada um para seu lado. Desfechou sobre elles, porém, na precipitação do lance não conseguiu acertar-lhes a segurar, e, se algum feriu, foi tão levemente, que lhe não embaraçou a desabalada carreira.

Gaspar de Lemos

Metteu pela escada acima loucamente.

—Armaram-lhe uma traição! — pensava.

Quando chegou á sala, viu um homem no sobrado a escorrer sangue; Damião de Castro, muito velado, de joelhos ao pé do ferido; Sebastião de Carvalho e Joanna amparando Helena, livida como se fôra defuncta, a pequenina sempre apertada nos braços.

Os gemidos de Gaspar de Lemos pareciam rugidos de féra agonisante.

Quando percebeu que alguem chegava, Sebastião de Carvalho voltou-se e disse n'um tom de serenidade, que era o diffi-

cil fingimento da sua colera formidavel:

—Manuel Bento, tóma-me conta d'esse miseravel bandido.

E, voltando-se para Helena, accrescentou carinhosamente, na branda voz em que se dizem segredos:

—Então, Helena, minha filha! Tenha animo; o perigo passou. Apenas ali existe um miseravel, cuja vida não vale uma lagrima das suas. Olhe a pequenina com os olhos muito pasmados para si.

—E Jorge?

—Elle voltará.

Helena poz-se então a beijar a filha soffregamente e a dizer-lhe baixo:

—E tu não tiveste mêdo, meu anjinho!

—E' melhor retirar-se com Helena e as criadas para o seu quarto—disse o ministro a Joanna. O sangue d'aquelle bandido está a affligil-as.

—E v. ex.ª não corre perigo?

—Nenhum.

Seguiram-lhe o conselho. Sebastião de Carvalho approximou-se de Gaspar de Lemos, que de instante a instante rouquejava umas palavras inintelligiveis.

Damião de Castro procurava estancar o sangue da ferida de Lemos, mas tinha exgottado as escassas forças que a febre lhe deixára, e as suas mãos tremulas não conseguiram sequer tactear o ferimento.

Manuel Bento é que tomava as suas disposições de enfermeiro ex-officio.

—Vê se lhe estancas esse vilissimo sangue.

«Ha de voltar á Junqueira e quero que vá com vida. Morrer de uma bala seria morte que elle não merece.

—Ti...gre!... Carrasco!—rouquejou o ferido, volvendo para o ministro um olhar relampejando odio.

—Has de viver. Miguel Nogueira espera-te. Ha-de ser o sambenito a mortalha da Companhia. Os seus funeraes não tardam e has-de assistir a elles.

—Perdão! — supplicou o santo monge. Homem de tamanha grandeza, perdôa!

—Damião de Castro, salvaste-me hoje a vida; tens o direito de m'o recordar. A d'este bandido é que tu me não pódes pedir. Bandido contra mulheres indefezas! Villão sabujo dos jesuitas! Deshonrei em ti uma bala, miseravel!

Ouviram-se passos de tropel na escada. Entravam juntos Jorge Gustavo e o creado, o Andrade com a sua ronda.

—Meu Deus!—exclamou Jorge, entrando como allucinado. Que succedeu? Helena? V. ex.ª aqui!

—Tranquillise se, capitão. Este scelerado vinha assaltar-lhe a casa, suppondo talvez que encontrava aqui sómente umas timidas mulheres. Sua esposa está lá dentro.

«Eu lhe direi como as coisas se passaram.

E' preciso saber-se que o boleeiro, tranzido de mêdo, tinha abandonado a sége e fôra esconder-se no portal da casa do capitão. Quando este chegou, e logo após elle o Andrade com a sua gente, o homem a tremer muito disse-lhes a que viéra e ia dar-lhe uma vaga informação do que havia percebido, quando Jorge e o chefe da espionagem metteram pela escada acima.

—Andrade, que homens traz? —perguntou o ministro.

—Cinco—respondeu o da policia muito enfiado, sem poder atinar com o que se tinha passado.

«Dois subiram commigo; tres ficaram lá em baixo de vigia.

—Se vigiam como o outro que devia de estar lá fóra e não appareceu, póde mandal-os embora.

—Elle que não appareceu é por que alguma traição lhe armaram.

—Isso se averiguará depois. Vá com os seus homens levar á Junqueira aquelle ferido. E' o preso que de lá fugiu.

—Gaspar de Lemos!

—Esse mesmo. Quiz o acaso que o prendesse eu.

—Miseravel!—bramiu Jorge Gustavo, fitando Gaspar de Lemos.

—O cirurgião do forte que lhe trate o ferimento; o desembargador das prisões que o aferróllhe bem. E' preciso que esse homem viva. Levem-no d'aqui. Recommende á sua gente o mais absoluto segredo.

O Andrade chamou os homens qne tinham subido com elle e ordenou-lhes que levantassem o ferido.

—Damião de Castro, é preciso repousar —disse o ministro ao monge, serenamente.

«Manuel Bento, acompanha o sr. Damião de Castro ao seu quarto.

«Jorge Gustavo, oiça.

E começou a contar-lhe o que havia succedido.

Já os homens do Andrade iam á porta da sala com o ferido, que tinha perdido os sentidos, quando um espião subiu a escada, esbaforido:

—Sr. Andrade! Topámos agora ali na travessa que dá p'ró jardim o Joaquim Negro, o que estava ca de vigia. Mataram-no a traição, cravaram-lhe um punhal nas costas! Já esta frio de neve.

—Só assim. Esse não faltava—commentou o Andrade, relanceando um olhar para o ministro.

«Vá, é seguir—accrescentou para os homens que levavam Gaspar de Lemos.

.....

Contraste das coisas humanas! Ao outro dia o sol resplandecente, o ceu calmo e azul, e as doiradas galeotas da casa real a balouçarem-se engalanadas ao pé do cáes onde dois dias antes estivêra erguido o cadafalso dos Tavoras e de D. José Mascarenhas. Agora as aguas do rio embalavam docemente as lindas galeotas reaes como dois dias antes, escuras e revoltas, faziam saltar a sinistra falúa ajoujada de lenha para a queima dos regicidas!

El-rei e a familia real iam para Salvaterra.

Apezar das violentas commoções do dia anterior, Sebastião de Carvalho teve de compôr a sua mascara de cortezão e de homem de estado.

Ia tambem parte da côrte. D. Luiz da Cunha acompanhava el-rei. Sebastião de Carvalho ficava para *continuar* a sua tarefa.

Os grandes coches de talha doirada desciam lentamente pela calçada grande.

Antes do embarque a familia real e a côrte iriam a egreja das Necessidades dar graças a Deus. Depois ao Livramento e á Senhora do Bom Successo.

Repicam os sinos festivamente. Veiu muita gente de Lisboa para ver o embarque. Vibram nos ares acclamações febris.

No caes, antes do embarque, ha beija mão para os que ficam. O Tejo está coalhado de botes e escaleres embandeirados. (*)

Vogam as galeotas reaes de muitos remos e as trombetas dos dragões formados na praça soltam o seu clangor estridente. Salvam os canhões da Torre de Belem. D'ahi a pouco envolvem-se em fumo as naus e as fragatas, de bandeiras nos topes, de marinheiros nas vergas e o grito triumphal da artilheria rebôa pelas amplidões do Tejo.

Associa-se á saudação uma esquadra ingleza de gigantescas naus.

Vão repicando os sinos da cidade; trovejam tambem os canhões da Junqueira e de Almada, depois os das baterias d'Alcantara; lá mais ao longe os do Castello.

Sebastião de Carvalho ficou por instantes no cáes.

A fechar o horisonte, para as bandas do Barreiro, o dorso aspero da serrania. No sopé fica a deliciosa veiga de Azeitão que os montes da margem esquerda não deixavam descobrir.

Mas estava a descobril-a o espirito do ministro.

Via-a como ao pé de si. E, na soberba quinta do que fôra duque d'Aveiro, prisioneiros seus, os mais poderosos adversarios do seu poder!

Veiu da barra uma violenta aragem, que levantou redemoinhos de pó na praça e no cáes. De pó e de cinzas. A ventania da vespera não as tinha varrido todas para o mar. Sebastião de Carvalho subiu para a sêge.

Sentiu-se ruido como de uma derrocada. Do lado dos Jeronymos subiu uma nuvemsita de poeira.

Estavam a arrazar o palacio dos duques de Aveiro.

(*) Saint-Julien relata em officio ao seu governo os extraordinarios testemunhos de sympanhia que o rei recebêra n'aquella occasião. (*Quadro Elementar*. Tomo VI, pag 131.)

XVI

A EXPULSÃO DOS JESUITAS

Em data de 19 de janeiro foram expedidas as cartas régias aos chancelleres das Relações de Lisboa e Porto, expondo os erros e delictos dos padres da *Companhia de Jesus* e regulando o sequestro dos seus bens, e a reclusão e incommunicabilidade em que haviam de ficar até ulterior determinação.

Com a mesma data foi enviada tambem outra carta régia ao arcebispo de Braga, resumindo as accusações contra a Companhia, acompanhando copia do longo libello formulado contra os jesuitas, e exhortando o prelado a oppôr as puras doutrinas da egreja ás cavillosas machinações e venenosos principios d'aquella congregação religiosa.

Em linguagem figurada, a carta régia ao primaz das Hespanhas indicava assim a intenção de el-rei. escrevendo-lh'a: *para que sendo informado do venenoso pasto, que a malignidade tem pretendido dar ás vossas ovelhas o possaes fazer arrancar pelo vosso pastoral officio, de sorte que ellas, em vez de tão mortifera peçonha, sejam só apascentadas util e saudavelmente nos campos que cultivaram os mais zelosos e exemplares obreiros da vinha do Senhor.*

Para Roma tinham sido remettidas:

Em 15 de abril uma supplica ao Pontifice por parte do procurador da corôa para que a *Meza da Consciencia e Ordens* fossem concedidos os poderes necessarios. permanentes, para julgar e relaxar ás justiças temporaes os clerigos e religiosos regulares implicados em crimes de alta traição contra o soberano ou contra a segurança do estado. O procurador adduzia precedentes e lembrava os breves de Gregorio XIII, de Leão X e de Pio IV, pontifices que, no seculo XVI, tinham reconhecido aos reis de Portugal o direito de relaxar ás justiças seculares os ecclesiasticos que delinquissem contra a pessoa do rei ou contra a tranquillidade e os direitos do estado.

Em 20 uma carta de el-rei para Clemente XIII, resumindo as razões de queixa contra os jesuitas, indicando a disposição em que estava de os fazer sair do reino e solicitando o interesse do pontifice para a supplica do procurador da corôa, no intento de se evitarem conflictos de jurisdicção.

Acompanhava esta carta de el-rei uma *Deducção* ou *Pro-memoria*, especie de libello historico e criminal contra os jesuitas, longo documento de 31 enormes paragraphos.

Tinham ido instrucções para Francisco d'Almada, ministro portuguez em Roma, e com ellas a carta do secretario d'estado dos negocios estrangeiros e a carta confidencial de Sebastião de Carvalho, das quaes já conhecemos alguns trechos.

O primeiro ministro não desistia da sua porfiada campanha contra a Companhia de Jesus. Estava ainda isolado do apoio politico da Europa, mas não esmorecia. Entendia, como d'Alembert, que os jesuitas eram os poderosos *granadeiros do fanatismo*. Vencidos que fossem, os outros escasso temor podiam inspirar.

Mas a Companhia percebia claramente que estava travada contra ella uma lucta de vida ou de morte, e defendia-se em Roma com todos os recursos da sua opulencia, da sua perspicacia, da sua rara tenacidade.

Clemente XIII sentia receio das audacias de Sebastião de Carvalho, mas pendia para os padres da Companhia. O cardeal Tor-

rigiani, seu secretario d'estado, parente e parcial de Lourenço Ricci advogava fervorosamente a causa dos filhos de Loyola, e os votos da Curia dividiam-se, por convicção ou por interesse, entre o rei de Portugal e o Geral da Companhia, entre as queixas da Ajuda e as supplicas do collegio de *Gesù* (*)

E, de parte a parte, em publicações anonymas, uma pugna ardentissima de doestos, de mentiras, de calumnias! Era a baixa lucta de guerrilhas n'aquella guerra formidavel.

De Lisboa, o Nuncio Acciajuoli patrocinava dedicadamente a causa da Companhia e tinha agora por si, intimamente, o embaixador da França, conde de Merle, havia pouco chegado a Lisboa.

Sebastião de Carvalho sabia-o.

Nas impaciencias do seu genio irascivel, Francisco d'Almada completamente desesperava do bom exito das negociações pelos meios brandos e pelos presentes corruptores.

Em Lisboa o seu poderoso primo é que sabia resolutamente como havia de ser o desfecho da contenda e como a causa seria julgada em ultima instancia.

Desde que as astucias da Curia fizessem dos interesses e pretensões da Companhia um nó diplomatico, impossivel de desatar, bem sabia Sebastião de Carvalho como havia de cortal-o de um traço de penna, sem que lhe fosse necessaria a espada de Alexandre.

* * *

Era o dia 6 de junho d'aquelle anno de 1759. Dia de gala, dia dos annos de el-rei; o seu quadragesimo quinto anniversario.

Havia recepção de gala e beijamão na Ajuda. A's 10 horas já as tropas da côrte se achvam formadas em cima no largo e por toda a *calçada grande* até á praça de Belem.

A' porta do *paço das damas* estavam paradas as carruagens de gala de D. Luiz da Cunha e de Thomé Côrte Real. Os secretarios d'estado, o ministerio como se diria hoje, iriam reunidos para o paço.

Entrêmos na sala de despacho do primeiro ministro. Ali, e na historia, se destaca dos collegas a sua altiva figura, como a sobranceira estatua de bronze se destaca das secundarias figuras de marmore de um pedestal.

—Pois enganam-se os dois—dizia Sebastião de Carvalho, como completando a conversa. Enganam-se Acciajuoli e o conde de Merle. Sairão d'aqui, se persistirem no intento de levantar difficuldades a soberana vontade d'el-rei.

A' sua propria vontade é que elle queria dizer, mas estava nas suas formulas aquella invocação official do nome do monarcha.

—São horas—disse depois de ter consultado o seu grande relogio de algibeira.

—E vae hoje ter uma surpreza—disse-lhe D. Luiz da Cunha, a meia voz, sorrindo.

—Onde?

—No paço.

—Surpreza?!

—Sim. E' um segredo d'estado—respondeu D. Luiz da Cunha a sorrir.

—Segredo d'estado para mim!

—N'este caso para v. ex.ª como para ninguem mais. Mas uma honrosa surpreza, digna de quem a faz e de quem a recebe.

Sebastião de Carvalho comprehendeu logo que se não tratava de coisa grave, attento o modo risonho como o collega o prevenira, e pelas ultimas palavras de D. Luiz da Cunha suspeitou que se referisse a alguns cumprimentos ou palavras de homenagem de qualquer dos representantes estrangeiros com quem vivia em melhores relações. A indicação de *segredo d'estado* seria mero gracejo do collega, todavia extranhavel, pois que sempre d'elle recebêra tratamento cerimonioso, até quando, em momentos de boa disposição de espirito, lhe abria ensejo a despreoccupadas conversas e lhe dava o exemplo d'ellas.

Não quiz, porém, manifestar nem curiosidade nem extranheza, e limitou-se a responder-lhe sorrindo:

—Tanta experiencia tenho do mundo, que já raras coisas haverá que logrem surprehender-me.

«Entretanto, verêmos. Para adivinhar é que eu nunca tive geito.

Sebastião de Carvalho foi buscar a esposa, a quem os outros ministros apre-

(*) Assim se denominava o collegio primacial da Companhia, estabelecido em Roma.

sentaram os seus cumprimentos. D. Leonor Ernestina tinha o ar de uma princeza.

Entraram para as carruagens. O Manuel Bento abrira a portinhola.

Formou a guarda de infanteria do *paço das damas*. Fizeram a continencia as tropas que estavam debaixo de fórma na calçada. Vibraram as trombetas; rufaram as caixas de guerra. E o velho Manuel Bento, á porta, muito orgulhoso d'aquelle amo, d'aquelle amigo, com os olhos cheios de lagrimas.

E dizia comsigo:

—Agora aqui é que eu queria ver os toleirões, os condes, os marquezes, os fidalgos que faziam mofa do chefe dos *Capoles Brancos*.

«Chamassem-lhe agora *Sebastião José*! E vá que el-rei bem se podia ter lembrado já de quem lhe tem feito tamanhos serviços... E a sr.ª D.Leonor Ernestina percebe-se bem que havia de gostar muito de ter um titulo, como tinha lá na sua terra... Condessa lhe chamam alguns... mas não é condessa de cá da nossa terra.

Como os leitores decerto se lembram, D. Leonor Ernestina Eva Wolfanda Josepha, era filha do general Henrique Ricardo, conde de Daun e sobrinha do mais brilhante dos marechaes da imperatriz Maria Thereza d'Austria.

* * *

Era meio dia. Estava a concluir o beija-mão. Deslumbradoras as opulencias da côrte! Tinham estonteantes fulgurações o oiro e as pedrarias nos collos esculpturaes das mais bellas damas e nas vestes de seda dos mais preclaros fidalgos,

Concluido o beija-mão, presente na sala do throno toda a côrte e o corpo diplomatico, el-rei disse alto, solemnemente:

—Sebastião de Carvalho, meu secretario d'estado.

O primeiro ministro caminhou curvado para o rei e ajoelhou, conforme a pragmatica d'aquelle tempo em todas as côrtes.

—Os reis, meus antepassados, concediam titulos e mercês—continuou D. José—aos que davam provas de assignalado animo e leal dedicação no seu real serviço e na defensa da patria.

«Provas de assignalado animo e leal dedicação teem sido as vossas por mim e pelo meu reino nos pesados encargos que vos confiei. Apraz-me reconhecel-o e galardoar-vos, fazendo-vos mercê do titulo de *Conde de Oeiras*, com honras, privilegios, isenções e direitos, e dando-vos o senhorio da villa de Pombal e a commenda de *S. Miguel das Tres Minas*, da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

«Conde de Oeiras, grande do reino, meu secretario de estado, meu leal servidor e amigo, mais me apraz que estas mercês se mantenham em mais duas vidas, passando para o vosso primeiro filho e para o vosso primeiro neto.

E recebendo das mãos do Marquez de Angeja o pergaminho do diploma, que tinha a data d'aquelle dia e fôra referendado pelo ministro D. Luiz da Cunha, el-rei entregou-o ao novo conde.

—Meu senhor—dizia o ministro commovidamente—com tamanha mercê excede em muito a real munificencia os serviços que tenho podido prestar devotadamente á pessoa do meu rei, á civilisação e ao nome da minha gloriosa patria.

E emquanto o agraciado beijava enternecidamente a mão de D. José, os cortezãos trocavam entre si olhares de pasmo e de raiva, ou procuravam com olhos desdenhosos, entre as damas da côrte, a soberba filha do conde de Daun, agora condessa de Oeiras.

Mas a D. Leonor Ernestina mais a estavam afogueando os indiscretos olhares que o alvoroço da mercê. Não era grandeza que a deslumbrasse.

—Ha de estar escripta com sangue aquella mercê!—segredou o embaixador da França ao Nuncio

O conde de Oeiras levantára-se e recuára até junto dos outros dois secretarios de estado.

Tinha uma estranha e altiva nobreza a sua extraordinaria figura, cuja grandeza, gloriosa e tragica, se impunha dominadôra aos seus proprios inimigos de mais profundo rancor!

A mesma grande cabelleira, á moda antiga do tempo de D. João V, aquella cabelleira que já se não usava, contribuia tambem para dar a Sebastião de Carvalho, chamêmos-lhe ainda assim, um aspecto singular, que seria n'outro ridicula caturrice

e era n'elle um como caracteristico ornamental da sua soberba cabeça de dictador, o attributo da sua effigie historica, o quer que fosse de juba leonina a completar a expressão de supremacia e de inabalavel rigidez de vontade que lhe transparecia na physionomia inconfundivel.

* * *

Já tinha tambem cortezãos o primeiro ministro. Eram os fingidos admiradores da sua grandeza, os interesseiros thuribularios do seu poder; compatriotas que o temiam ou intentavam subir em volta do seu pedestal, feito de um throno, ou estrangeiros que viam n'elle o arbitro supremo de uma nação.

Foram felicital-o a casa os membros do corpo diplomatico, alguns representantes da nobreza, do clero, da alta magistratura, e pelo dia adeante delegados da burguezia e do povo, os homens da *Junta do Commercio* e da *Casa dos Vinte e Quatro*.

E o Manuel Bento, o velho criado, o velho amigo, como doido, muito piegas, com a voz a tremer-lhe nos labios, de quando em quando a esconder-se pelos cantos para enxugar os olhos, por que tantas vezes a gente chora de alegria, e não podia ser maior aquella intima satisfação de ver ennobrecido o seu grande e glorioso amo!

—Conde! Conde de Oeiras!—andava a repetir comsigo. E mais merece ainda!

Mais decerto, mas o pobre criado é que não sabia como aquelle titulo, em qualquer outro apenas ephemera e obscura nobreza, por elle se tornava immortal na historia, livro prodigioso de linhagens excepcionaes onde os reis não podem mandar fazer o registro das suas mercês.

Do corpo diplomatico até o Nuncio, e Deus sabe com que vontade. Palavras encomiasticas moldadas no gêlo das suas antipathias pessoaes.

Mas aquelle era o homem audacioso e forte que tinha nas suas mãos os destinos de uma monarchia de amplissimos dominios no mundo, *pequena cabeça de um grande corpo*, como o proprio ministro costumava dizer aos ministros estrangeiros.

Lá foram tambem o Bertrand e Jacome Ratton. Dos *Capoles Brancos* Antonio de Noronha.

Regressado de Paris havia dois dias, Paulo de Mendonça apparecen no *paço das damas* ao descair da tarde.

—Então, Manuel Bento, o nosso Conde?

—O sr. Conde—respondeu o criado muito cheio de si—está agora sósinho na sala do despacho. Queira v. ex.ª entrar. Tem cá vindo hoje o poder do mundo!

—Sebastião de Carvalho!—disse Paulo de Mendonça, abraçando-o enternecidamente.

«Perdôa que te chame ainda pelo teu grande nome! E' por elle que o titulo fica maior, immensamente maior!

—Foi uma generosa surpreza que me fez el-rei.

—Foi uma divida enorme que el-rei começou a amortisar.

«D'antes, os reis concediam titulos, privilegios, prebendas, verdadeiras riquezas por simples serviços palacianos.

«Já não faltava no estrangeiro quem estranhasse o esquecimento d'el-rei. Ao proprio conde de Bachi, teu manifesto inimigo, ouvi eu dizer que seria justiça e ficaria bem á real munificencia conceder-te um dos mais altos titulos de nobreza, depois dos terriveis dias do terramoto.

—El-rei concedeu-me a sua confiança, a sua amisade, deu-me a força do seu poder.

—Tambem Henrique IV de França deu a sua amisade e a sua confiança ao duque de Sully e encheu-o de rendosas mercês. Tambem Luiz XIII se entregou nas mãos do cardeal de Richelieu e cobriu-o de honras e quantiosos beneficios.

«Mas assim vae começando el-rei o tardio pagamento da grande divida.

«E com as minhas felicitações trago tambem as de outro velho amigo, que não póde vir...

—Damião de Castro?

—Sim.

—Estiveste com elle?

—Venho de casa de Jorge Gustavo.

—Como está?

—Muito abatido.

—Sei que o pungem os meus actos de homem politico.

—Visões de santo. Sonhava em ti um heroe de lenda, a governar homens, a vencer odios, a repellir invejas e a desarraigar tradições!...

—Pelos processos piedosos do seu coração!

—Não conhece bem o mundo, e a sua alma facilmente esquece a historia politica dos povos.

«Mas permitte-me que não discuta os actos que opprimiram a alma de Damião de Castro. Está o velho missionario na logica dos seus sentimentos evangelicos; tu estás na logica, embora terrivel, na logica e no fanatismo da tua missão politica excepcional.

«Não me surprehende nem me assombra. A prophecia estava feita ha trinta e dois annos, e fui eu o propheta.

«No dia em que a França tiver o seu terramoto, esse terramoto social que a propaganda dos philosophos, as devassidões da nobreza e os desesperos do povo opprimido e faminto lhe estão preparando; n'esse dia, que pode estar muito perto ou tão distante que nenhum de nós o possa vêr, não sei até que ponto o delirio dos odios politicos poderá corroborar triumphalmente as minhas theorias de antigo propheta.

«Meu velho amigo, deixêmos a politica e mudêmos de assumpto.

* * *

Instantes depois, entraram outras visitas. Vieram com o irmão do conde de Oeiras, Paulo de Carvalho, monsenhor da Patriarchal.

—Conde—disse Paulo de Carvalho ao irmão—aqui o veem felicitar estes nossos dois grandes amigos: s. ex.ª reverendissima o sr. D. João Cosme da Cunha, de quem já lhe tenho falado, e o nosso veneravel Fr. Ignacio de S. Caetano.

O Conde recebeu affectuosamente os cumprimentos e parabens dos dois ecclesiasticos. Com um d'elles, Fr. Ignacio de S. Caetano, mantinha de ha tempos o primeiro ministro excellentes relações de amisade. Ao outro, bispo de Leiria, conhecia-o, principalmente, por haver renegado publicamente e por escripto a familia dos Tavoras, a que pertencia, cobrindo de abominação a memoria dos suppliciados.

Com o frade, leal, despretencioso, bonacheirão, contrastava profundamente o bispo de falas blandiciosas e traiçoeiro olhar.

Homem de reflectido espirito religioso, avesso aos exaggeros do fanatismo e aos conluios das ambições clericaes, Fr. Ignacio sentia-se naturalmente inclinado para Sebastião de Carvalho e era, porventura, o mais sincero e o mais desinteressado dos seus admiradores entre os membros preponderantes do clero.

Não podia ser e não era indifferente ao primeiro ministro a sympathia do frade, pois que era elle o confessor da princeza D. Maria e o seu dilecto guia espiritual.

D. João Cosme da Cunha, filho de Manuel Carlos da Cunha e Tavora, quarto conde de S. Vicente, era um hypocrita, aventureiro e ambicioso.

Muito moço ainda, cursou a Universidade do Coimbra, onde se formou na faculdade de leis.

Foi deputado da Inquisição.

Aos vinte e tres annos entrava na congregação dos conegos regrantes de Santa Cruz, onde professou, tomando o nome de D. João de Nossa Senhora da Porta.

Aos trinta annos foi nomeado coadjutor e futuro successor do bispo de Leiria. Em maio de 1746 recebia o titulo de bispo de Olympo *in partibus infidelium*. Pouco tempo depois succedia ao bispo de Leiria, D. Alvaro de Abranches.

Fôra um protegido de Fr. Gaspar da Cruz, o valido de D. João V, o tio e patrono de D. José Mascarenhas, duque de Aveiro.

Entraram com elle ambições maiores; queria subir mais, ainda que fosse de rastos.

Cuspiu sobre as cinzas dos Tavoras e fez-se amigo de Paulo de Carvalho e thuribulario do irmão, ministro omnipotente.

Fr. Ignacio disse apenas umas palavras singelas de affectuosas felicitações. O bispo Tavora fez discurso.

—Tem v. ex.ª em mim, sr. Conde — dizia ao ministro, despedindo-se — o mais leal e o mais fervoroso dos seus admiradores, bem que dos mais obscuros e humildes. Sou amigo devotadissimo de monsenhor Paulo de Carvalho e de o ser me préso e ufano. Assim Deus permitta que um dia me seja dado merecer a amisade e a confiança de v. ex.ª, tão lealmente como a de seu illustre irmão.

—Agradeço a v. ex.ª reverendissima as

suas boas e affectuosas palavras — respondeu o ministro contrafeito — e será para mim subida honra contar entre os meus amigos um prelado de tão esclarecido espirito e superiores merecimentos.

—Favores de v. ex.ª, que muito valem por virem de tão grande e glorioso homem de estado, como raros se registram na historia e nenhum egual viu ainda a terra portugueza.

Fr. Ignacio franziu o rosto n'uma ligeira carêta de repugnancia, e Paulo de Mendonça, que estava presente, fez um gesto de instinctiva desconfiança. Parecia-lhe falsa aquella homenagem de palavras pretenciosamente ditas e artificiosamente sublinhadas por uns olhares e meneios de exaggerada humildade.

O ministro agradeceu brevemente a lisongeadora homenagem e foi acompanhar o prelado até á porta. Com D. João Cosme sairam Paulo de Carvalho e Fr. Ignacio.

—Não conhecia este bispo, — disse Paulo de Mendonça, quando o Conde voltou.

—E' um Tavora.

—Um Tavora!

—Sim. Decerto lhe conheceste bem o pae.

—Quem era?

—Aquelle conde de S. Vicente. almirante da esquadra que foi em soccorro do Papa contra os turcos.

—Sei. Foi o meu almirante. E é filho d'elle este bispo que pretende ser teu amigo, este Tavora que te vem felicitar!... Ainda não ha cinco mezes que os outros morreram... pouco mais do que o tempo de lucto pelos parentes proximos!

«Ahi está um homem que eu não quereria nunca para meu amigo.

—Por me vir felicitar?! Por desejar ser meu amigo?!

—Certamente que não. Mas por ser um homem que renéga os seus. Por interesse os renéga. Judas havia de ter o olhar que elle tem. Renegará os amigos, quando os seus interesses lh'o reclamarem.

—Parece-me que vaes longe de mais nas ruins impressões que te deixou o bispo. Renegou os parentes que vilmente se infamaram n'um crime atrocissimo. Comprehende-se.

—Apredeja-os na tenebrosa noite da sua morte, arredou-lhe as cinzas com os sapatos de fivellas doiradas, e vem ajoelhar ante o sol triumphal que vae alto e póde fazer que mais refulgam as pedrarias da sua mitra.

«Não o queria eu para meu amigo.

«Essa mão que elle quasi te queria beijar, essa mão gloriosa que tem escripto soberbas paginas da historia portugueza, quiz eu beijal-a commovidamente depois do terramoto, eu, um patriota redimido, mas não póde, mas depois das execuções de Belem, não devia beijal-a elle, um Tavora!

«Que differença d'almas! Que differença de padres! Vê se podem comparar-se os dois; aquelle santo missionario que se amargura pelo sangue de estranhos que vê jorrar em volta da tua grandeza, e esse bispo que traz pegadas ás solas dos sapatos as cinzas dos Tavoras que renegou e vem ajoelhar-se no teu caminho, á espera que o levantes!

«Conde de Oeiras, bem sabes que velho e leal amigo tens em mim. Perdôa-me esta rude franqueza. Ministro, ninguem nos ouve aqui. Aquelle bispo repugna-me, aquelle homem enoja-me. Não o queiras para amigo.

—E' possivel que o seu futuro procedimento o faça digno de estima—allegou o ministro profundamente impressionado pelas calorosas palavras de Paulo de Mendonça.

«E' homem esclarecido. Não abundam por cá.

«Talvez me seja preciso aproveital-o. Na minha situação seria um erro malbaratar cooperadores.

«Nem deixará de ser conveniente que eu tenha por auxiliares politicos alguns prelados, alguns principes d'essa Egreja, da qual tantos calumniadores me figuram implacavel adversario.

—Pois seja como entenderes, meu caro amigo, e oxalá que eu me engane com elle. Oxalá, se o fizeres teu collaborador e teu amigo.

«Dá-me as tuas ordens e permitte que va apresentar as minhas homenagens á senhora Condessa.

—Com todo o prazer, e terei a honra de te acompanhar.

* * *

Sebastião de Carvalho era conhecido na Europa como os ministros das mais poderosas potencias.

A noticia da mercê que el-rei lhe concedêra não causára estranheza nas côrtes européas, mas foi recebida como novo e significativo testemunho da confiança de D. José no seu extraordinario ministro.

Em Paris, por exemplo, a concessão do titulo de conde ao famoso secretario d'estado pareceu uma consagração publica do seu poder e da sua influencia no animo do rei.

Nos primeiros dias de julho d'aquelle anno de 1759, o primeiro ministro da França officiava ao embaixador do seu paiz em Lisboa e tratava do ministro portuguez pelo teôr que vem assim traduzido e extractado no tomo VI do *Quadro Elementar:*

«Em despacho d'esta data (10 de julho) encommenda o duque de Choiseul ao embaixador conde de Merle de pôr todo o estudo em cahir em graça e fazer-se acceito ao conde de Oeiras, observando-lhe que as provas manifestas e uteis de satisfação que El-Rei de Portugal acabava de dar ao Ministro Carvalho demonstravam que o dito soberano havia julgado que devia recompensar na pessoa do seu ministro os mais assignalados serviços, e que o novo Conde d'Oeiras, gosando da confiança de El-Rei seu Amo, havia de ser sem duvida o necessario canal pelo qual se tratariam os negocios d'ali em deante; que assim devia elle (Conde de Merle) applicar-se a agradar áquelle ministro, e poupal-o para as occasiões em que os bons officios d'elle podiam contribuir com efficacia ao bom successo dos negocios, que pelo tempo adiante podiam ser commettidos ás suas diligencias e ao seu zelo»

Vê-se que pesavam bem na balança politica da Europa o talento e as patrioticas energias d'aquelle ministro de uma nação que tinha menos de tres milhões de habitantes, um exercito permanente de quasi dezoito mil homens e uma pequena esquadra em principio de organisação.

Para realçar o titulo concedido, foi o logar de Oeiras erigido em villa, com largo termo e varios privilegios.

Convem registrar que a familia dos Carvalhos da rua Formosa já possuia em Oeiras importantes propriedades vinculadas, que lhe ficaram da herança do arcipestre Paulo de Carvalho, tio do ministro.

No senhorio da villa de Pombal, o novo conde ficava com varios direitos e privilegios, como, por exemplo, a nomeação dos officios de justiça, comprehendendo os tabelliães. A alçada e a correição é que continuavam a ser um direito das justiças de el-rei.

* * *

Não eram agradaveis as noticias de Roma. O Papa contemporisava, o cardeal Torregiani luctava tenazmente em favor da Companhia, e o assomadiço Francisco d'Almada a custo reprimia os seus impulsos de colera, para seguir os prudentes conselhos do primo.

O conde de Oeiras acabava de lêr uma carta que lhe chegára de Roma. Era de Francisco d'Almada.

O Papa não concederia o Breve para o julgamento dos jesuitas incriminados, com a latitude que lhe fôra indicada na supplica do procurador da corôa José de Seabra e solicitada na carta de el-rei.

Quando muito—informava Francisco de Almada—expediria um breve auctorisando a *Meza da Consciencia* a relaxar ao braço secular os jesuitas accusados do attentado contra el-rei; mas com restricções quanto á fórma do processo e sem nenhum caracter de perpetuidade que o tornasse extensivo aos crimes da mesma natureza em que de futuro viessem a ser implicados os padres da Companhia. Não era o que se pedia e o primeiro ministro desejava.

«Mas é isto—accentuava a carta de Almada—o maximo que espero obter, pois já me consta que o cardeal Torregiani quer mover o Pontifice a só conceder que seja o tribunal da nunciatura, e não a *Meza da Consciencia*, que tome conhecimento das accusações e delibére ácerca do seu fundamento.

«Creio que isto será pedido de Acciajuoli, que ahi de Lisboa nos faz a guerra que póde.»

—Um crime contra el-rei, em terras de Portugal, julgado sob a alçada de um estran-

geiro, em tribunal de fôro singular e tambem estranho!—exclamou o Conde.

«Isso não! Isso nunca! Torregiani está doido e Acciajuoli nem sonha sequer a sem-cerimonia com que eu sou capaz de o mandar pôr fóra do reino!

«O tribunal da nunciatura é para os casos de direito canonico, é para as questões de disciplina ecclesiastica, não serve, não quero que sirva para julgar criminosos contra a pessoa de el-rei ou contra a segurança do estado.

Escreveu duas cartas, rapidamente. Tocou a campainha.

—As ordenanças que vão já levar estas cartas ao seu destino—disse ao creado.

«Essa para o sr. secretario do estado D. Luiz da Cunha Manuel, e esta para o sr. procurador da corôa José de Seabra.

* * *

Duas horas depois, o primeiro ministro estava em conferencia com o collega dos negocios estrangeiros e com o procurador da corôa.

—Para os relaxar ás justiças seculares—dizia o conde de Oeiras—podiamos escudar-nos com os precedentes, com os breves dos antigos Papas, e exercia el-rei um dos seus direitos soberanos.

«Mas presta-se homenagem a magestade do Pontifice, procura-se evitar um conflicto de jurisdicção, pede-se o que afinal em outros tempos fôra concedido pelos Papas, pede-o el-rei, e atiram-nos a cara com o jogo da Companhia!

«El-rei de Portugal não póde ser assim desattendido, porque entre o seu throno e o sólio de Clemente XIII se antepoz o *Papa Negro*, o geral Lourenço Ricci.

«Hão de arrepender-se e será tarde. Cá em Portugal se irá arrazando a Companhia, como se arrazaram as casas do duque de Aveiro.

«D. Luiz da Cunha, queira expedir um officio urgente a Francisco d'Almada para que mais energicamente insista pela auctorisação nos termos em que foi pedida. Breve, que não seja n'estas condições, não se lhe acceita cá.

—Vae ser expedido hoje mesmo—respondeu D. Luiz da Cunha, e despediu-se.

—Agora nós, José de Seabra. Vamos surprehender o Nuncio com mais um *breve* dos nossos.

«Redija-me com a data de ámanhã um alvará condemnando por funestos e perniciosos á juventude os livros de ensino e educação dos padre jesuitas, e prohibindo-os a todos, por nefastos á instrucção e attentatorios da boa doutrina.

«Aqui tem uma nota dos que andam em uso nas escolas. Inclúa a *Grammatica* do padre Manuel Alvares e a *Prosodia* do padre Bento Pereira, que ficam substituidas pela *Grammatica* do padre Antonio Pereira e pelo *Diccionario* de Pedro José da Fonseca.

«Dos padres da Companhia nem os livros. Têem lá dentro o veneno e a alma da Sociedade. Ficariam falando por ella.

«A Companhia tem raizes tenacissimas como o escalracho. E' preciso arrancar-lh'as bem; todas.

José de Seabra deu immediato cumprimento á ordem do Conde e no dia immediato, 28 de junho, o Nuncio recebia uma copia do inesperado alvará.

* * *

Em julho nada se havia conseguido ainda da Santa Sé.

Galvão, aquelle official maior da secretaria dos negocios estrangeiros já nosso conhecido, fôra chamado a casa do primeiro ministro, por causa da correspondencia dos representantes estrangeiros em Lisboa.

O conde de Oeiras tomou conta das copias da correspondencia do Nuncio, feitas no *Gabinete da abertura*.

—Bem. Acciajuoli tem sido cauteloso. Da França o que tem por ahi de mais importante?

—Um despacho do duque de Choiseul para o conde de Merle, dizendo-lhe que el-rei Luiz XV deseja esclarecimentos ácerca das relações e do procedimento do rei de Portugal com a marqueza de Tavora, D. D. Thereza—informou o Galvão. (*)

(*) Despacho de 16 de julho de 1759. *Quadro Elementar*, tomo VI.

—Parece incrivel! Em que o rei christianissimo se entretem, quando a guerra nas colonias e na Europa lhe está diminuindo e enfraquecendo os dominios!

«E da correspondencia do conde de Merle o que ponde colhêr?

—Tenho aqui o extracto de um officio d'elle para o Duque.

—Diga o mais importante.

—Queixa-se de que os portuguezes de certas classes pouco visitam os ministros estrangeiros, e que os raros que os visitam são creaturas de v. ex.ª que vão sondar e ouvir o que lá se diz para lh'o virem contar.

—Pudera não. Por esses e outros meios é que eu sei as boas obras que elles intentam.

«E que mais?

—Que o irmão de v. ex.ª, o sr. Francisco Furtado de Mendonça fôra nomeado ministro e secretario d'estado adjunto e que v.ex.ª, segundo era notorio, se não contentava com o logar de secretario d'estado e em breve seria nomeado escrivão da puridade. (*)

—Já não tenho por que me admirar da curiosidade de el-rei Luiz XV! Essas futilidades com que o seu embaixador se entretem ainda são para maior assombro!

«Esse conde de Merle anda pela craveira do outro que o antecedeu.

«E é muito do Nuncio, como o conde de Bachi.

—Muito. Eu sei a quem elle disse ha dias que o cardeal Acciajuoli, pelo seu talento e moderação, não merecia os desgostos que tem soffrido em Lisboa.

—E sabe Deus quantos mais soffrerá, visto que não tem emenda!

—Lamentava o embaixador que v. ex.ª não consultasse o Nuncio nem lhe mandasse communicar as resoluções importantes que tomava quanto aos negocios ecclesiasticos, nem sequer lhe desse informação das respostas recebidas de Roma. (**)

—Isso queriam os dois para melhor disporem o seu jogo contra mim.

«E por'ora mais nada?

—Mais nada que haja de interessar a v. ex.ª.

—Bem. Póde retirar-se e appareça logo que encontre alguma coisa de interesse.

—Immediatamente virei procurar a v. ex.ª

* * *

Estamos no mez de agosto.

Em 13 chegára um correio expresso enviado pela embaixada portugueza em Madrid ao primeiro ministro conde de Oeiras.

Era a participação da morte do rei Fernando VI de Hespanha.

O conde de Oeiras guardou segredo ácerca do acontecimento, mas a noticia da chegada de um expresso de Madrid com despachos para o primeiro ministro correu logo por toda a cidade.

O conde de Merle appareceu no *paço das damas*, a pretexto de visitar o ministro dirigente. Soubéra da chegada do correio e ia ver se podia sondar aquella sphinge diplomatica chamada conde de Oeiras.

Perdeu completamente o seu tempo. Os dois condes não se podiam vêr, mas afivelaram bem a mascara da hypocrisia politica, e conversaram deliciosamente como duas pessoas que vivessem em admiraveis relações.

O conde de Oeiras falou despreoccupadamente de varios assumptos ligeiros, como se nem sequer sonhasse a possibilidade de algum importante acontecimento.

Gracejou a proposito de varios casos do tempo, teve requintes de affectuosa hospitalidade e parecia estar nos seus dias de melhor disposição de espirito.

Desorientado pela attitude do ministro portuguez, o embaixador de França não soube disfarçar o seu intimo despeito, e foi elle o sondado.

Era mais segura e muito mais impenetravel do que a sua a mascara diplomatica do conde de Oeiras.

Não se tratava de uma noticia que importasse conservar em segredo, mas o primeiro ministro portuguez não perdia ensejo de provar quanto eram admiraveis as suas qualidades de diplomata e, como esgrimista sereno e astuto, comprazia-se em moêr e desvairar os adversarios.

(*) *Quadro elementar.* Tomo VI.

(**) Estes reparos expoz o embaixador um mez depois em officio expedido ao seu governo.

Além d'isto, percebêra logo o intento reservado da visita do conde de Merle e estava-se deliciando n'aquelle jogo de diplomacia recreativa.

Durava a conversa haveria cousa de tres quartos d'hora, quando chegou o embaixador de Hespanha. Vinha tambem trazido pela noticia da vinda do expresso, mas esse francamente manifestou o seu fim, assim que se trocaram os primeiros cumprimentos.

—Queira v. ex.ª desculpar-me,sr. Conde, se tenho a má fortuna de vir importunal-o.

—V. ex.ª nunca me foi importuno—disse-lhe o conde de Oeiras, — e até me dá immenso prazer honrando esta sua casa, como pessoa que eu tenho na mais subida estima e consideração.

O hespanhol disse umas palavras de rendida homenagem ao primeiro ministro e foi logo direito ao fim da sua visita.

—Disseram-me que v. ex.ª tinha recebido esta manhã um correio expresso de Madrid.

—Recebi, sr. embaixador. Veiu da embaixada portugueza.

—Os ultimos despachos que tive do meu governo diziam-me que se tinha aggravado a enfermidade de el-rei, meu amo. Extranho a falta de novas informações, e venho pedir a v. ex.ª a mercê de me confiar alguma noticia que haja recebido ácerca do estado de el-rei de Hespanha.

—Os despachos que recebi tratam directamente de negocios particulares da embaixada e só encerram uma referencia a sua magestade o rei catholico.

«De tal referencia me pareceu deprehender que o seu estado era o mesmo e que não havia maior novidade.

Os dois embaixadores sairam sem ter podido saber de que tratavam os despachos trazidos pelo correio expresso da embaixada portugueza.

—Fica sabendo o de França—disse o conde de Oeiras assim que elles se retiraram—que me não sonda quem quer, e o outro de Hespanha comprehenderá em poucos dias que eu ando mais bem informado do que elle.

«Servir-lhes-ha a lição para futuros casos.

Tres dias depois, a embaixada hespanhola recebia participação official de que el-rei Fernando havia fallecido no dia 16 de agosto.

A côrte portugueza tomava lucto ainda antes de receber a notificação do embaixador de Hespanha.

Despeitado com o logro, o conde de Merle dava conta do episodio que esboçámos em officio de 22 para o duque de Choiseul e notava-lhe amargamente que este facto era *uma prova da dissimulação do conde de Oeiras e do segredo que observava, ainda a respeito de coisas que não podiam ficar occultas.* (*)

Nos ultimos dias do mez chegou a Lisboa um outro correio expresso. Este, porém, de Roma, e apenas trazia uma carta para o conde de Oeiras.

Era de Francisco de Almada. Informava, irritado, que não conseguira ainda uma promessa formal do Papa ácerca do breve solicitado, e com extranheza soubéra, por informações secretas, que em 11 d'aquelle mez o cardeal Torregiani expedira para Lisboa um correio expresso com quatro despachos para o Nuncio, sem que lhe houvesse dado a minima informação a tal respeito.

Depois de desafogar as suas coleras contra o secretario d'estado do Pontifice, jesuita purpurado que não duvidara proceder com similhante má fé e humilhadôra desattenção ao representante de sua magestade fidelissima, Francisco de Almada expunha o que, graças aos *bons officios* de um secretario de Torregiani, que não resistia aos bons diamantes do Brazil, lográra saber a respeito d'aquelles despachos.

Era um d'elles um Breve para o presidente e deputados da *Meza da Consciencia*. Auctorisava a *Meza* a relaxar ás justiças seculares unicamente os padres da Companhia que fossem incriminados no attentado de 3 de setembro de 1758, recommendando a observancia de todas as formulas e prescripções de direito, que tornassem equitativa a applicação da justiça e assegurassem a protecção devida aos innocentes.

Apenas uma parte do que fôra soli-

(*) *Quadro Elementar*, etc. Tomo VI, pag. 159.

citado e com restricções que pareciam o astucioso disfarce de uma censura ao arbitrario processo dos Tavoras.

Os tres outros despachos eram: uma memoria para o Nuncio entregar, protestando contra qualquer tentativa de ampliação das concessões do Breve, e duas cartas de Clemente XIII para el-rei, uma solicitando clemencia para os proprios jesuitas que fossem julgados criminosos, a outra recordando os serviços da Companhia, os seus martyres e os seus santos e rogando-lhe que não expulsasse dos seus estados os padres da Sociedade de Jesus.

E eram expedidos secretamente para Lisboa estes importantissimos documentos ácerca de um assumpto que Almada tratava directamente em Roma, como plenipotenciario de Portugal, sem lhe darem a elle a minima informação!

Francisco d'Almada concluia a carta pedindo ao primo que o desaffrontasse da situação humilhadora em que Torregiani o havia deixado.

—Não é preciso pedir-m'o—disse comsigo o conde de Oeiras, dobrando a carta.

Contrahira-se-lhe o rosto n'uma expressão formidavel de colera.

—O meu *breve* apparecerá primeiro. Torregiani, perdes a partida. O *Papa Negro* não vencerá aqui.

«Conseguiste alguma coisa do Pontifice; eu conseguirei muito mais do rei.

«Até me serves. A Companhia hade cair e para a ir deitando a terra o que eu preciso é de aggravos proximos que firam bem o amor proprio d'el-rei.

«A Inquisição tambem é um tribunal; póde julgar os ecclesiasticos sem especial auctorisação de Roma. Tem uma ruma de bullas em seu favor.

«Amordacei-a; desamordaço-a agora. «Não condemna criminosos politicos; mas póde condemnar os padres impostores e hereticos.

«Para os outros, tenho o exilio e as prisões. Os pontifices, reis de Roma, tambem lá teem para os padres suspeitos e para os criminosos politicos os carceres do castello de Santo Angelo.

Chamou um dos seus secretarios.

—Mande aviso urgente ao sr. secretario d'estado D. Luiz da Cunha e ao sr. procurador da corôa José de Seabra para virem aqui falar-me, por motivo urgente do real serviço.

«Vou ao paço. Se chegarem primeiro do que eu, peça-lhes em meu nome o obsequio de me esperarem aqui.

Momentos depois, tomava o caminho da Ajuda.

—Basta que el-rei—ia pensando—saiba por ora que a sua supplica não é completamente attendida e que o seu representante em Roma foi brutalmente desconsiderado. Antepoz-se-lhe Lourenço Ricci, o rei da Companhia, o pontifice de roupêta... O resto basta que o saiba depois.

* * *

Quando voltou já o esperavam D. Luiz da Cunha e José de Seabra. Retomára a sua habitual serenidade.

Enchiam-lhe o coração os fulgores de um novo triumpho, mas atravez da sua gélida mascara de homem d'estado não transparecia sequer um tennissimo reflexo d'aquelle ignorado triumpho.

—D. Luiz da Cunha, desculpe-me de o mandar incommodar.

«Mande prevenir o Nuncio de que, por incommodo de saude, o não poderei receber em audiencia por estes dias, como lhe promettêra, e esquive-se a tratar com elle qualquer assumpto diplomatico. Recuse-se formalmente a receber quaesquer despachos que Acciajuoli lhe queira entregar... em quanto *eu não estiver restabelecido.*

«Diga-lhe que procede em virtude de ordens de el-rei, que me deu o encargo de conferenciar com elle, logo que o meu estado de saude m'o permitisse.

«Eu lhe direi depois os motivos.

«Agradeço-lhe a solicitude com que attendeu o meu aviso. Dê-me agora licença que trate de outro negocio com o sr. procurador da corôa.

D. Luiz da Cunha percebeu que o primeiro ministro queria ficar sósinho com José de Seabra e immediatamente se despediu, sem poder adivinhar sequer do que se tratava.

—O meu *breve* hade apparecer primeiro —repetia comsigo o Conde.

«Acciajuoli—pensava—hade ter recebido já os despachos de Roma, mas não terá por'ora a quem os entregar.

* * *

—José de Seabra, queira assentar-se aqui.

«Temos de ridigir uma lei de excepcional importancia. Segredo de estado inviolavel.

—V. ex.ª bem sabe que pode confiar absolutamente na minha lealdade e discreção.

—Sei. Tem sido o meu auxiliar dedicadissimo e de maior valia. Não o esqueço. Affeiçoei-me a si como a um filho meu.

—Extremados favores de v. ex.ª

—Não; justiça ao seu talento e aos seus altos meritos.

«Um dia o levarei commigo aos conselhos da corôa, e decerto sua magestade lhe concederá a confiança com que até agora me tem honrado.

—Sr. Conde, v. ex.ª confunde-me! — disse José de Seabra muito afogueado.

—Não, meu caro José de Seabra, não tem por que se admirar, nem por que me agradecer.

«Vamos lá á nossa tarefa. Desejo que elrei assigne ainda esta noite a lei que vamos redigir, embora só d'aqui a cinco dias se haja de promulgar.

E logo accrescentou de si para si: Elrei póde arrepender-se.

—Cinco dias... E' então para 3 de setembro?

—Exactamente. O primeiro anniversario do abominavel attentado contra a pessoa de sua magestade.

«E' preciso assignalar bem esta data.

«Queira então escrever o preambulo.

José de Seabra começou a escrever:

«D. Joseph, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'áquem e d'além mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc.

«Faço saber.....»

Pausada e reflectidamente, foram os dois redigindo a lei, cujos considerandos eram immensamente longos e condensavam as accusações contra os padres da Companhia de Jesus, já explanadas na Pro-memoria enviada para Roma, accentuando a aggravante da sua contumacia nos erros, nas perniciosas doutrinas e execrandos delictos

Era quasi noite e José de Seabra, profundamente surprehendido, ia escrevendo esta parte comminatoria do decreto, que o Conde lhe dictava lentamente, seguindo uns apontamentos que havia rascunhado:

«Declaro os sobreditos regulares na referida forma corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto, e manifestamente indispostos com tantos, tão abominaveis, tão inveterados e tão incorrigiveis vicios para voltarem á observancia d'elle, por notorios rebeldes, traidores, adversarios e aggressores, que teem sido e são actualmente contra a minha real pessoa e estados, contra a paz publica dos meus reinos e dominios, e contra o bem commum dos meus fieis vassallos; Ordenando, que como taes sejam tidos, havidos e reputados: E os hei desde logo, em effeito d'esta presente lei, por desnaturalisados, proscriptos e exterminados: Mandando que effectivamente sejam expulsos de todos os meus reinos e dominios para n'elles mais não poderem entrar: E estabelecendo, debaixo de pena de morte natural e irremissivel, e de confiscação de todos os bens para o meu fisco e camara real, que nenhuma pessoa, de qualquer estado e condição que seja, dê nos meus reinos e dominios entrada aos sobreditos regulares, ou qualquer d'elles, ou que com elles, junta ou separadamente, tenha qualquer correspondencia verbal, ou por escripto, ainda que hajam saído da referida sociedade, e que sejam recebidos ou professos em quaesquer outras provincias de fóra dos meus reinos e dominios, a menos que as pessoas que os admittirem ou praticarem não tenham para isso immediata e especial licença minha.»

—Olhe, José de Seabra, tenha paciencia. Quero fazer-lhe uma recommendação.

«E' preciso exceptuar os *particulares* da Companhia, os que não tenham profissão, mas apenas os votos simples. A esses se consente que fiquem no reino, apresentando, porém, a demissoria do cardeal patriarcha em que os relaxe dos votos simples, e dado o caso de não terem culpa directa pessoal.

«Tudo isso bem claro, bem expresso, que estamos tratando dos mais insignes rabulas que tem tido a humanidade. Se fica

n'essa lei, n'essa rêde que os arrasta, qualquer malha em falso, escapam-se-nos por ella. Se lhes deixarmos algum caminho aberto, por estreito que seja, voltarão por elle de rastos; se ficar uma palavra ambigua a que possam segurar-se, será para os jesuitas como para certos seres muito conhecidos o galho de uma arvore sobre a corrente de um rio, que nenhum d'elles, isoladamente, ousaria transpôr; irão descendo do galho uns atraz dos outros, seguros pelas roupêtas, e tel-os-hêmos ahi outra vez.

José de Seabra sorriu da lembrança.

—E o chão bem duro—accrescentou o Conde—bem duro o chão do paiz que os repelle, ou voltarão cá, sem os sentirem, sem os poderem vêr, minando como as toupeiras

«Para maior desprestigio da Companhia convem deixar aberta uma verêda por onde o mundo veja passar os que a renegaram e despiram as roupêtas.

«E ahi na lei bem expresso que para os casos de transgressão d'ella ha devassa aberta confiada a todos os ministros civis ou criminaes, sem limitação de tempo, nem restricção de testemunhas.

«Queira ir notando:

«Inquerito de testemunhas de seis em seis mezes, pelo menos, ácerca da fiel execução d'esta lei e informação das inquirições ao juiz da inconfidencia. A nenhuns magistrados se poderão dar por correntes as suas residencias, emquanto não tiverem certidão de haver cumprido este preceito.

E o conde de Oeiras ficou a reflectir, como se procurasse encontrar mais algum pormenor importante.

—O final da lei conforme o estylo?

—Mais alguma coisa... Olhe, tome apontamento: Para todos os tribunaes e corporações do estado afim de que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como n'ella se contem, *sem duvida ou embargo algum, e não obstante quaesquer leis, regimentos, alvarás, disposições... ou estylos contrarios, que todas e todos hei por derogados, como se d'elles fizesse individual e expressa menção... para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor.*

—Mais nada?—perguntou o Seabra, vendo que o ministro havia concluido o dictado.

—No fecho, o encargo para o dr. Manuel Gomes de Carvalho.

—Como do costume, na sua qualidade de chanceller-mór do reino?

—Exactamente; para que a faça publicar na chancellaria e d'ella se remettam copias a todos os tribunaes, cabeças de comarca e villas do reino.

—Fazendo-se os registos do costume, já se vê, e o original arrecadado na Torre do Tombo?

—A respeito da Torre do Tombo me occorre agora que temos de fazer em seguida um alvará ordenando que n'aquelle archivo, nos tribunaes e nas comarcas e camaras do reino e seus dominios se encerrem em cofre de tres chaves todos os documentos que se teem mandado compilar e se referem aos padres jesuitas. Todos, desde a representação dirigida a Benedicto XIV em outubro de 1757. E authenticados por fórma que valham como se fossem os originaes.

«E' preciso guardar d'elles até a propria historia.

«Hão de contar as coisas a seu modo.

«Mas depois se assentará na fórma do alvará, que ha de ser tambem datado de 3 de setembro.

—Data bem tristemente celebre!

—Por isso a escolhi. Acabe o rascunho da lei. Ainda esta noite a quero levar a assignatura de el-rei.

«Já se não vê. Vou chamar para trazerem luz.

O creado que trouxe as luzes disse ao ministro que tinha vindo já o empregado que elle mandára chamar. Era Fillipe José da Gama.

—Que espere as minhas ordens.

E depois do creado sair, explicou a José de Seabra:

—E' o homem que ha de passar o decreto a limpo.

—E d'aqui até 3 de setembro não será capaz de commetter alguma inconfidencia?

—Tenho n'elle muita confiança, mas, mesmo assim, aqui o heide retêr na copia e coordenação de varios papeis secretos.

«Será meu hospede forçado por estes dias.

—Como v. ex.ª tudo acautela e prevê!

—Só assim se podem governar os esta-

dos, meu caro José de Seabra. Comprehende-o bem o seu talento, mas a experiencia lh'o demonstrará, quando eu lhe puder deixar esta pesadissima herança.

—Que oxalá seja bem tarde—respondeu José de Seabra n'um artificioso testemunho de modestia e de homenagem ao grande ministro.

Homem novo, prestigioso, cheio de talento e de legitimas ambições, o coração ouvia-lhe aquellas promessas na ancia e no commovido alvoroço de as vêr realisadas.

Ministro um dia, e talvez omnipotente como aquelle, talvez o arbitro dos destinos de uma nação, o sol immenso da Historia a illuminar-lhe o amplo caminho! Era uma visão estonteadôra.

—Quem sabe, José de Seabra? Quem sabe?—volvêra-lhe o conde de Oeiras. Vou estando velho; a fadiga hade chegar, e quem póde prevêr quando a morte nos sae ao caminho?

«Mas vamos a concluir a nossa tarefa, que o tempo vôa.

José de Seabra escrevia, mas o seu espirito vôejava pela deslumbradôra região dos sonhos.

—E se tudo isto não passasse de um mentiroso sonho?—perguntava-lhe a espaços o coração, amargamente.

* * *

Chegára o dia 3 de setembro. Um dia cheio para espantos e para o pasmatorio da multidão.

Desde manhã cêdo que se falava da lei que expulsava os jesuitas. Fôra lida nas egrejas parochiaes e á porta do senado da camara.

Pelo que tinha de surpreza e de inesperado arrojo, deixára em todos os animos uma impressão immensa de assombro.

Era do rei, firmada por elle, mas não havia ninguem que não sentisse n'aquella firma e n'aquelles tins a mão de ferro, resoluta e gigante, do terrivel primeiro ministro de D. José.

Depois da surpreza da lei, o jubilo de uma festa publica.

El-rei fizêra promessa de erigir uma egreja da invocação de Nossa Senhora do Livramento e de S. José, seu patrono, no local onde fôra assaltado e recebêra os ferimentos, um anno antes.

Fôra approvado o projecto. Havia de ser um templo digno do instituidor. Estavam abertos os alicerces e n'aquelle dia seria lançada a primeira pedra, solemnemente. Iria o rei, a côrte, o clero, toda a alta magistratura. Promettia ser uma festa magnificente.

Havia bem dois mezes que lá em cima, onde mais tarde se havia de erguer a *Egreja da Memoria*, como depois se lhe ficou chamando, numerosos operarios trabalhavam assiduamente na construcção de um templo de madeira, exclusivamente destinado áquella solemnidade. Ficára concluido em 1 de setembro.

* * *

Estendia-se um cordão de tropas pela calçada grande abaixo (Ajuda) a ligar com outro que ia da rua dos Jeronymos para a calçada do Galvão e por ali acima até ao local onde el-rei fôra ferido.

Povoleu immenso nas calçadas, por detraz dos soldados, na praça de Belem, na praia dos Jeronymos e lá para cima da Quinta do Meio.

Alguns grupos de rapazolas se haviam collocado no *chão salgado*, o sitio onde fôra o palacio do duque d'Aveiro.

Mas a multidão, movida talvez por uma supersticiosa repugnancia, evitava transpôr aquelle chão *maldito*, onde nem as hervas podiam medrar.

—Olha aquelles!—dizia um dos que estavam no chão salgado. Não querem vir p'ra aqui!

—Têem mêdo que a salmoira lhes estrague o cabedal dos sapatos!—observava outro.

E pela rua fóra passava um vendilhão de folhinhas e historias de cordel, apregoando:

—Quem mérca a veridica historia do grande e horroroso crime que praticaram contra a augusta pessoa de sua magestade el-rei, nosso senhor, o que foi duque de Aveiro, os Tavoras e seus adherentes.

«Quem mérca. Traz a sentença e a estampa do grande cadafalso onde morreram por suas culpas aquelles terriveis criminosos.

—Ora vae-te d'ahi p'ra fóra!—gritou um dos rapazolas ao vendilhão de folhinhas. Isso ja é velho e revelho. Agora vê

se arranjas a vender a historia do trambolhão que levam os padres jesuitas.

— Parece um arganaz ! — acudiu outro, indicando o esguio vendilhão.

—Um gato pingado é que elle parece— observou um terceiro.

—Quem mérca a veridica historia do grande e horroroso crime!—ia apregoando o vendilhão, sem fazer caso das chufas.

—Esganem esse alma do diabo, que tem voz de sovelão!—clamou um que se tinha encostado a uma columa de marmore, cylindrica e de base quadrangular, que se erguia a meio do chão salgado.

«O que elle quer, esse corujão, é apanhar os seis vintens pelo livréco. E ao cabo de contas o caso está aqui referido n'esta pedra, e de graça para quem o quizer lêr... e souber.

E indicava uma das faces d'aquelle tragico padrão.

—Anda cá, vendilhão. Vem cá vêr se lá no folheto está isto.

—Lê lá, lê tu—pediu um dos do grupo. Eu tenho aqui passado mais de um cento de vezes, mas não sei entender o que diz essa pedra.

—A lettra é grada, mas eu mal a solétro—allegou outro.

—Pois eu leio isto por cima, que nem a Cartilha do Mestre Ignacio, que era por onde me ensinavam em pequeno.

—Isso foi tempo—observou um dos do rancho. Pelos modos, o Mestre Ignacio *tamem* era jesuita, e agora *tó rota*. Já não ensinam pela Cartilha d'elle.

—Anda, lê lá—instou o que fizéra o pedido.

E o rapazola, que lia bem por cima, collocou-se defronte da face que tinha o distico, e seguindo as palavras com o dedo indicador da mão direita, foi lendo pausadamente:

Aqui foram as casas arrazadas e salgadas de José Mascarenhas, exauctorado das honras de duque d'Aveiro, e outras, e condemnado por sentença proferida em 12 de janeiro de 1759, justiçado como um dos chefes do barbaro e execrando desacato, que na noite de 3 de setembro de 1758 se havia commettido contra a real e sagrada pessôa de el-rei nosso senhor, Dom José Primeiro.

N'este terreno infame se não poderá edificar em tempo algum. (*)

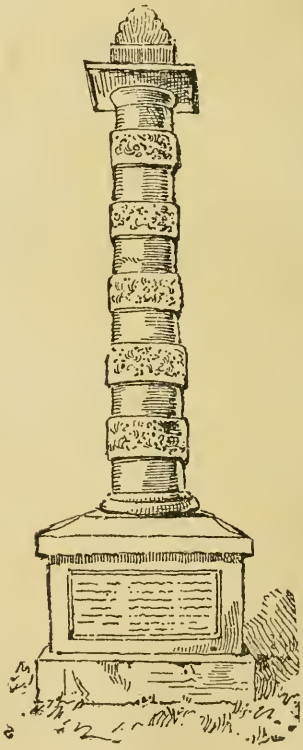
Repicam os sinos, estrondeiam foguetes. Agita-se a multidão n'um doido impulso de curiosidade.

—Foi el-rei que saíu da Ajuda.

—E se elle não vem por aqui? Pode atravessar lá em cima.

—Isso sim. Você não vê os soldados todos por ahi fóra. Estão á espera d'elle.

—Mas dá uma grande volta!



Marco do chão salgado

—Deixal-o. Vae pela calçada do Galvão arriba.

(*) Existe ainda o lugubre padrão. Ao fundo de um bêco estreitissimo, por aonde apenas póde passar uma pessoa, lá está o marco sinistro, quasi de todo escondido pelas edificações que no *chão salgado* se levantaram como a derogar o preceito final da inscripção, e a occultar na sua propria sombra aquella deploravel memoria de uma crueldade judiciaria.

«E' mesmo de proposito para a coisa ter mais apparato.

—Isto tudo havia de ser idêa lá do *Cabelleira*—segredou um.

—Olhem como já cantam os sinos ali dos Jeronymos!

—E a torre de Belem não tarda a salvar.

—E dizem que veem os côches grandes, os côches de gala, aquelles do tempo de D. João V.

—Pois está bem de vêr que sim. Isto é feito com todos os *ff* e *rr*.

—Oh! Salvador, vamo-nos d'aqui—dizia uma rapariga dos seus dezenove annos a um rapaz de cêrca de vinte. La p'ra riba ha de ter mais que vêr.

—Quem é que pode agora metter-se por ahi acima. Ha de lá estar o poder do mundo.

—Mas vamos p'ra outro sitio, seja p'ra onde fôr!

—Jesus, que maluqueira é essa agora! D'aqui vê-se bem passar todo o cortejo do rei.

—Pois sim, mas sinto o coração a apertar-se-me de estar ao pé d'este chão onde foi a casa das minhas amas, e os olhos estão-se-me a prender n'aquella pedra alta, por mais que faça para não encarar com ella!

E apontava a columna ignominiosa, o marco do *chão salgado*.

—Então, põe-te agora com choradeiras!—disse-lhe o Salvador muito baixo. Olha que por aquelles nem se pode chorar, e se alguem adivinhasse por quem são essas penas e te denunciasse, estavas perdida!

—Fomos nós que os ajudámos a desgraçar!—disse a rapariga muito baixo, a voz como velada n um suspiro.

—Então!—admoestou o Salvador, quasi em segredo.Se não dissessemos o que sabiamos, tinham-nos malhado os ossos ali no Cáes.

—Pois sim,—objectou baixo a rapariga —mas dizem que a senhora Duqueza, coitadinha, anda lá no convento a servir de criada ás freiras!

A rapariga que assim falava—o leitor decerto a conheceu já—é a Marianinha, a que foi criada do duque de Aveiro e é agora a legitima esposa do sr. Salvador José Durão.

Estrondeou a artilheria da Torre de Belem.

—E'na, pae, cada berro!—commentou um rapazote, a pôr-se nos bicos dos pés para descobrir melhor a fumaceira da salva.

—Ahi veem! Ahi veem já!

Passaram a trote os batedores de cavallaria.

D'ahi a instantes, iam desfilando os coches, lentamente.

—Olha, olha, Domingas, vê se o conheces—disse baixo para a mulher um velhote chocarreiro.

—Figas! Cruzes!—resmungou a velha. E benzeu-se disfarçadamente, assim que desfez a figa.

—Aquillo é que é homem de figados!—accrescentou o velho ao ouvido da esposa, evidentemente para a fazer zangar.

«Olha aquella cabelleira! O verdadeiro rei é elle! O conde d'Oeiras!

—Cala-te com isso!

—E vae com cara de quem já decretou que os jesuitas fossem pela barra fóra — continuou a segredar o arreliadôr.

—*Tambem* por isso ha de acabar estorricado nas *grandississimas* profundas do inferno, Nosso Senhor me perdôe a mim, *nemja* a elle!—resmungava a velha enfurecidamente.

—Isso não acaba!—objectou o velho a sorrir do desespero da sua cara metade. Elle a chegar ao inferno, e logo tamanho terramoto, tamanho rebolico, que se entornava o caldeirão de Pero Botelho e quem se prantava a governar em toda aquella infernaria era aquelle figurão. Ficava-lhe nas unhas o rei dos diabos e quem mandava n'aquillo tudo era o *Cabelleira*.

E o tropel de um regimento de dragões que fechava o cortejo abafou completamente aquelle dialogo comico entre o velho, grosseiro embryão de um livre pensador, e a sua irritavel consorte, intransigente beata, que fôra grande frequentadôra das festas de S. Roque.

* * *

O cortejo chegára ao topo da calçada do Galvão. Todos se apearam dos coches e das séges.

A côrte vae agora em procisssão para a egreja provisoria, toda de madeira.

Na frente, com as vassouras de pedreiro, tres rapazitos moços fidalgos, que eram D

Francisco Raphael de Castro, filho do conde de Rezende, José Francisco de Carvalho Mello e Daun, segundo filho do conde de Oeiras, e João Vicente de Saldanha, filho do morgado de Oliveira.

Com a trôlha da cal e a colhér de pedreiro, ia a seguir o marquez das Minas e com o balde da agua o marquez de Louriçal.

El-rei, seu irmão D. Pedro, seu primo D. João da Bemposta, bastardo do infante D. Francisco, e D. Pedro José de Noronha, marquez de Angeja, levavam sobre uma pequena padiola doirada uma pedra com inscripções latinas commemorativas da inauguração.

Era o simulacro da vida operaria por aquelles artifices, vestidos de sêda recamada de oiro e de pedrarias!

Fechava o cortejo o cardeal patriarcha de Lisboa, com a sua côrte de conegos, diáconos e sub-diáconos.

Levaram a pedra para a egreja provisoria e ali foi benzida segundo o ritual.

Na tribuna real, engalanada de damasco e veludo encarnado, assistiam á cerimonia a rainha, a princeza real e as infantas D. Marianna, D. Maria Francisca Dorothêa e D. Maria Francisca Benedicta.

Concluida a benção da pedra inaugural, saíra a procissão para a ir lançar nos alicerces; era a primeira do novo templo.

O esmoler-mór fr. Verissimo de Lencastre depoz no fundo do cabouco seis medalhas de oiro e seis de prata, commemorativas do facto. Muitas outras do mesmo cunho foram depois distribuidas pelas pessoas da côrte e pelo alto clero.

O Patriarcha deitou cal por entre as medalhas dispostas em cruz, e el-rei com uma das vassouras aspergiu agua sobre a cal. O mestre da obra e o ajudante levaram a pedra para o fundo do alicerce e fixaram-na, collocando e batendo-lhe em volta pedras miudas, que os grandes da côrte e o proprio rei passavam de mão em pequenos cêstos.

Estava inaugurada a *Egreja da Memoria.* Estrondearam mais foguetes; reboava pelos ares o estampido da artilheria.

D'ahi a instantes vibrava a orchestra da real camara dentro do templo provisorio e o cardeal patriarcha entoava o *Veni Creator Spiritus.*

A' mesma hora talvez, nos carceres de S. Julião da Barra e da Junqueira e na temporaria bastilha de Azeitão, os padres da Companhia de Jesus ouviam lêr espavoridos a lei que os declarava desnaturalisados e proscriptos, por traidores e rebeldes, para nunca mais poderem voltar á terra portuguezal

Era a Companhia que se desmoronava no paiz do mundo onde parecia mais firme e mais poderosa, a bem dizer, omnipotente!

—Ja o tinha comprehendido desde que v. ex.ª tanto recommendou que procurassem cural-o. Esta reservado para morte mais digna d'elle.

—Já se levanta?

—Ha dois dias.

—Preciso de o juntar com Miguel Nogueira.

—Na casamata da Torre de S. Julião?

—N'outro carcere mais central, e hão de para la ir de parceria com Malagrida.

«O Lemos já sabe da lei de expulsão dos jesuitas?

—Não se lhe leu senão hontem.

—O que disse?

—Os improperios do costume, clamando que v. ex.ª ja teria ha muito sido queimado na Inquisição, se os tiros para sua magestade houvessem sido efficazes.

—Não é novidade para mim. Eu lhes darei a elles as *honras* que reservavam para mim.

«Olhe, Andrade, diga ao desembargador das prisões que amanhã ao anoitecer mande o Lemos, bem algemado e escoltado, para uma das baterias do forte.

«Quero que elle assista ao *bota-fóra* dos seus *gloriosos* partidarios. Andrade, assista a esse lance enternecedor.

—Vou immediatamente communicar as ordens de v. ex.ª

—Va, e não se esqueça de recommendar as maiores cautelas, não vá elle fugir outra vez.

—Quer-me parecer que não fugirá.

* * *

Estamos a 16 de setembro. Desde manhã cêdo uma nau de setenta peças tinha deixado o ancoradouro e fôra fundear quasi defronte do cáes de Belem.

Ao anoitecer, os jesuitas que estavam presos na quinta do Mascarenhas em Azeitão chegavam em séges e carruagens ao Seixal. Vinham escoltados por um numeroso troço de cavallaria. No embarque e a bordo das faluas escoltavam-nos soldados de infanteria.

Alguns choravam; outros resavam baixo, acabrunhados de animo.

O sol sumira-se, deixando no horisonte uma faxa de purpura. Levantou-se uma aragem que enrugava as aguas do Tejo e fazia esvoaçar como azas negras as roupetas dos padres, de pé nas faluas.

Foi demorado o transporto para o brigue *S. Nicolau*, que se destinava a *Civita-Vecchia*, pequena cidade dos estados do Papa. Era commandante do brigue o capitão José Oribich.

A bordo, na tolda, sentados junto de uma pequena meza, dois officiaes de justiça faziam o arrolamento dos embarcados.

Iam desfilando a um e um por deante da meza, á medida que declaravam o seu nome e a casa ou collegio da Companhia a que pertenciam.

Passavam como phantasmas negros, que a luz de alguns archotes envolvia na sua luz vermelha.

Alguns mais contrictos iam murmurando doloridas estrophes de Job, outros, de mais rijo animo, repetiam a prophecia de Loyola, assegurando a existencia da Companhia até á consummação dos seculos.

Passaram 133. Era a primeira léva. O brigue ia abarrotado.

Dois escalares da nau rondavam em volta do navio.

Esperavam ainda mais tres padres que tinham ficado reclusos em S. Roque. Tardavam; provavelmente teriam tido outro destino.

Saem de bordo os officiaes de justiça. E' tempo de levantar ferro. Ha vento favoravel.

A noite está muito clara.

O brigue tinha aproado á vasante, que, principiára ás 5 horas e 12 minutos. Sopra vento bonançoso de E. Pelo travez e pela prôa e pôpa estavam surtos outros navios de commercio.

Na tolda o capitão dava as vozes de commando para suspender ancora. Começára a faina de fazer de vela.

Percebeu-se então que a ancora de leste estava enrascada com as amarras e ancoras de outros navios.

—Custa-lhes a despegarem-se de cá!— disse o official que estava a bordo de um dos escaleres da nau.

E vendo que nada se conseguia, chamou á fala o capitão do brigue e disse-lhe que picasse a amarra e deixasse perder a ancora, que elle mandava buscar ao arsenal outra que o brigue levasse.

O arsenal estava aberto e tinha gente de prevenção.

O capitão do *S. Nicolau*, vendo que o navio fazia cabeça para o sul sob a acção do velacho, mandou picar a amarra junto ao escovem.

Gastou-se tempo, mas afinal foi fornecida uma ancora ao brigue.

O capitão Oribich mandou deitar as gaveas fóra dos cestos, caçar e içar as gaveas, bracear o traquete e velacho por bombordo e a gavea por estibordo.

No cáes de Belem dois homens olhavam attentamente para a parte superior do rio.

A poucos passos, á rectaguarda d'elles, um cordão de dragões vedava a passagem aos grupos de curiosos.

Sabia-se do embarque dos jesuitas e ao longo do rio e nos pontos altos da cidade, que deitavam para o Tejo, haviam-se postado enormes filas de espectadores.

Embora a noite estivesse clara, não se distinguiam bem os navios, mas os curiosos sabiam onde estava fundeado o *S. Nicolau* e já se contentavam de o vêr largar rio abaixo.

—Estranha demora!—dizia impaciente o conde de Oeiras.

—Qualquer contra-tempo — respondeu Paulo de Mendonça.

—Não posso imaginar qual seja! Estava tudo completamente prevenido.

—Repara, ali, na direcção da nau, parece-me que vêm dois escaleres de voga arrancada... Atracaram.

«São evidentemente os escaleres da nau... Ouvem-se aqui os signaes de apito e as vozes...

«Se me não engano vae começar a faina de largar.

—Então não deverá tardar o outro.

—Lá vem agora um navio, brandamente. Hade ser o brigue. Vem talvez com pouco panno.

—Hade ser aquelle.

O brigue vinha descendo lentamente.

—Olha, da nau estão a fazer signaes para o brigue. Vês aquellas luzes?

—Vejo.

No rio, escassamente illuminado pelas estrellas, n'uma branda penumbra de lenda, n'aquella tépida meia luz dos sonhos, o brigue passava lentamente, mal distincto, como um navio phantasma; nos mastros muito esguios, a palpitar na aragem, uma parte do panno que os escarceus haviam ennegrecido. Descia serenamente como se fosse um cysne preto, n'um lago que houvesse adormecido sob a luz tremente das estrellas.

O brigue passou por estibordo da nau, ainda com pouco panno, vagarosamente. O vento ia avivando.

Ouviam-se vozes altas a bordo.

Tinham chegado á fala os dois navios

—A nau está largando o panno todo—disse Paulo de Mendonça.

«Ao fim de quarenta annos, ainda isto me faz saudades! Está-me a lembrar a minha nau *Santa Rosa*, a minha gloriosa nau de Matapan!

«O brigue larga tambem o panno todo.

E de velas empavezadas o brigue, mais ligeiro e veloz, tomava a dianteira da nau de bojudo casco preto, mastros enormes, o immenso velame a bolsar nos ares.

E assim metteram á barra como dois navios lendarios, n'aquella atmosphera de sonho.

—Emfim, Paulo de Mendonça!—exclamou o conde de Oeiras.

«Vae a bordo d'aquelle navio a sombría tradição de dois seculos. Se as minhas previsões me não enganam, aquelles padres irão assistir lá fóra aos funeraes da Companhia.

«Foi aqui que ella morreu. Vae trasladada para Roma. Que lhe façam lá as exequias.(*)

—Conde, elles voltarão, estes ou outros. Já agora não quero perder o meu feitio

(*) «Causas completamente locaes, completamente particulares e pessoaes attingiram a Sociedade no seu poderio, por tanto tempo incontestado, e, para cumulo d'assombro, esse corpo tamanho cujos braços chegavam, como já dissémos, até ás regiões ainda inexploradas, essa colonia universal de Roma, que todos temiam e até por vezes a sua propria metropole, essa Companhia de Jesus, emfim, apparentemente tão brilhante e tão solida, recebeu o primeiro golpe, não de alguma das grandes potencias, não em um dos principaes theatros politicos da Europa, mas em um dos seus extremos paizes, na mais isolada e na mais fraca das suas monarchias».

.....

«Com razão ou sem ella, a responsabilidade dos acontecimentos cáe afinal sobre os que

de propheta, aliás de facil experiencia n'este caso.

—Emquanto eu fôr ministro, emquanto el-rei fôr por mim...

—A vida de um e outro passa como se fosse apenas um dia da existencia da Companhia, duas vezes secular.

«Virão depois, se não vierem antes, com a roupêta enrolada debaixo do braço. Sabem esperar e, ao contrario do Divino Mestre, não perdôam nuncat

—Bem sei. O perdão é uma sublime palavra do Evangelho, que elles me accusam de eu não conhecer, mas que elles tambem se esqueceram de trasladar para o seu codigo secreto.

—Arrancaste-lhe as raizes que tinham cá, mas as que teem na Europa são longas, duras, profundas. Como as raizes das grandes arvores, as da Companhia irão crescendo, alastrando por debaixo da terra, até chegarem cá outra vez. E a gente não vê nem sente debaixo dos pés como ellas crescem e se dilatam!

«Olha, vi em França um caso curioso. Foi em uma das terras que herdei. Era ali o recanto de um antigo campo de batalha. Mandei derribar umas velhas arvores que difficultavam a construcção de um parque.

«As raizes immensas tinham chegado aos covães dos batalhadores que seculos antes haviam morrido ali, e sob as radiculas, similhando garras, encontraram-se os arnezes comidos de ferrugem e as ossadas que a terra fôra carcomindo!

—E' desconsoladora a tua prophecia e tem um não sei quê de sinistro agoiro a moralidade d'esse teu caso!

«Quer dizer que depois d'esta rude batalha, mesmo seculos depois, as raizes d'essa arvore que eu derribei aqui irão até á minha sepultura, a enlearem-me os ossos para m'os segurarem lá, como presa sua!

—Não, não irei tão longe. Falavamos das raizes da Companhia, que eu considero robustas, tenacissimas, e dei-te um exemplo curioso do que podem e fazem as raizes das grandes arvores.

—Agradeço-te a elucidativa intenção—disse o conde de Oeiras, sublinhando a phrase com um sorriso contrafeito.

«Mas deixa estar que eu me lembrarei do caso. Vamos a vêr se sou capaz de lhe abalar as raizes estrangeiras, ainda que seja precisa a cooperação de estranhos.

—Oxalá, mas ha de ser difficil, até para ti, que ousaste o que o poderoso ministro de uma grande potencia talvez se não atrevesse a intentar sósinho!

Minutos depois, os dois mettiam-se na sége e iam para o *paço das damas*. Paulo de Mendonça jantára lá n'aquelle dia e não quiz voltar a Lisboa sem ir despedir-se da Condessa.

Chegára a sége ao *paço das damas* e estavam a apear-se o primeiro ministro e Paulo de Mendonça, quando appareceu o Andrade da policia, muito esbaforido.

—Que succedeu?—perguntou o Conde indo para elle.

—Venho trazer uma ruim nova a v. ex.ª!

O Conde avincou o rosto e disse para Paulo de Mendonça:

—Vae ter com a Condessa, e desculpa-me por alguns minutos.

—Pois não.

E emquanto Mendonça ia subindo, o Conde afastou-se com o Andrade para um canto do pateo.

—Fugiu Gaspar de Lemos?—perguntou baixo.

—Morreu.

—Morreu?!

—Como tive a honra de dizer a v. ex.ª

—Mas como foi isso?

—Levaram-no para a bateria, como v. ex.ª ordenou.

«Ia com elle uma escolta, levava os pulsos algemados. Acompanhava-o eu.

«Quando o navio já vinha proximo, o desembargador das prisões disse a escolta que o levasse para a escada do pau da bandeira, d'onde se via melhor.

«Fiz signal negativo ao desembargador, mas encolheu os hombros como se quizes-

---

exercem o poder, e não é possivel negar que o poder esteve nas suas mãos (dos jesuitas) em Portugal, sem interrupção nem lacuna, durante este periodo de duzentos annos (1540 a 1750)».

Histoire de la chute des Jésuites, pelo conde Alexis de Saint-Priest, par de França, pag. 3, 4 e 5 da edição de 1846.

Esta obra, thema de ardentes discussões e controversias, está traduzida em quasi todas as linguas da Europa.

se dizer-me que não tinha duvida, e foi atraz do Lemos dizendo-lhe: «Ali vae a primeira lêva dos seus amigalhaços. Diga-lhes adeus e que lhe peçam pela alma, que o corpo já nem o diabo lh'o quer.

«Lemos nada respondeu, e causou-me espanto, por que em todo o dia tinha andado a vociferar contra v. ex.ª

—Vamos, e depois?

—Ia o brigue mesmo defronte da bateria, quando o desembargador deu um grito e caiu pela escada abaixo.

—Gaspar de Lemos atirou-se ao rio para fugir?

—Para morrer é que elle se atirou da muralha abaixo.

«Declarou o desembargador que para se atirar ao rio lhe déra um encontrão.

—E não estava ao pé d'elle nenhum soldado?

—Estava um da escolta, mas, provavelmente, pasmado a olhar para o navio, pois só reparou no preso quando ouviu o grito do desembargador, e, quando ia para lhe deitar a mão, já elle ia de cabeça para baixo.

«Algemado como estava bem sabia que não era possivel salvar-se.

—Sempre desleixos, apezar das mais constantes recommendações!

—Eu estava a poucos passos e tinha cá dentro uma voz a dizer-me que o silencio de Gaspar de Lemos não era de bom indicio.

—Que estupida idéa a do desembargador! E como souberam que tinha morrido?

—Metti-me logo n'um bote com dois soldados e fomos pesquisar o sitio onde elle tinha caido. Era na baixa-mar.

«Tinha esmigalhado a cabeça na muralha e o corpo ficou meio enterrado na areia. Quando nos mettêmos no bote ainda havia tres ou quatro palmos de agua no sitio onde elle caiu.

—E teve esse bandido a morte rapida que não merecia!... Quasi não posso confiar em ninguem!

—V. ex.ª bem comprehende que esta culpa não foi minha.

—Pode retirar-se. Nenhumas ordens tenho a dar-lhe—disse o ministro seccamente, voltando-lhe as costas.

* * *

Dias depois, havia reunião em casa do conde de Oeiras.

Já tinha a sua omnipotencia numerosos cortezãos da nobreza.

Por lhe terem mêdo alguns; para o lisonjearem quasi todos.

Homens das mais altas categorias sociaes foram visitar a Condessa.

Entre alguns prelados, aquelle bispo D. João Cosme da Cunha, que renegára os Tavoras seus parentes; entre os membros do corpo diplomatico o Nuncio e o conde de Merle!

O conde de Oeiras só appareceu tarde, quando as salas estavam cheias de visitas.

Falou a todos affectuosamente, menos ao cardeal Acciajuoli, a quem apenas fez um breve e frio cumprimento; depois afastou-se com o Conde de Merle.

Tinha apparecido em Perpinhão um homem que a policia franceza capturou, por suppôr que fosse José Polycarpo, o regicida foragido.

O duque de Choiseul apressára-se a participar o facto ao embaixador da França, em Lisboa e a encarregal-o de o communicar ao conde de Oeiras, affiançando-lhe que estava o criminoso á sua disposição, para ser transferido para Lisboa. (*)

Apezar de não poder vêr o conde de Oeiras, e de ter percebido com magua a frieza com que elle tratára o Nuncio, que em boa verdade perdêra uma excellente occasião de manter as suas susceptibilidades, ficando em casa, o embaixador da França falou ao primeiro ministro com extremada amabilidade.

Depois de lhe confirmar a boa vontade do governo francez no caso da entrega de José Polycarpo, o conde de Merle accrescentou:

—Recebi ha dias um despacho do sr. duque de Choiseul (**) encarregando-me de pedir uma audiencia de sua magestade fidelissima, para ter a honra de lhe agradecer em nome de el-rei meu amo os beneficios feitos aos tripulantes da esquadra de Mr. de la Clue.

(*) Despacho de 27 de agosto de 1759—*Quadro Elementar*.—Tomo VI.

(**) Dito de 11 de setembro de 1759—Idem.

—Com todo o gosto, sr. embaixador, terei a honra de solicitar de sua magestade a audiencia que v. ex.ª deseja.

O Nuncio retirou-se mais cêdo. A todos causara extranheza aquella sua visita a casa do primeiro ministro.

O embaixador francez saiu pouco depois e foi logo direito ao palacio da nunciatura, para apresentar a Acciajuoli o testemunho do seu pesar pelo desaire que soffrêra.

—Aquella dura impolidez para mim, depois de ter expulsado do paiz tantos sacerdotes, sem uma palavra sequer de prevenção ao representante do augusto chefe da Igreja!...

«Vou mandar já um expresso a Roma, queixando-me d'esta situação intoleravel.

—E eu vou pedir ao meu governo as necessarias e precisas instrucções para reclamar energicamente a restituição dos quatro navios que foram queimados pelos inglezes nas aguas de Lagos.

—Mas se elles foram queimados...

—Bem sei, mas o que eu quero é que Choiseul se resolva a levantar a questão resolutamente e me dê ensejo de mostrar a esse ministro brutal que se não resolvem facilmente os conflictos com um estado que tem poderosas esquadras e formidaveis exercitos.

«Apertando o ministro Carvalho entre a impossibilidade de dar cabal satisfação ás reclamações da França e a improbabilidade de receber satisfação ou sequer desculpas da rude soberbia ingleza, de algum modo, indirectamente, darei desforço ás legitimas queixas de vossa eminencia.

—Mas talvez os inglezes, antigos alliados de Portugal, lhe attendam as reclamações.

—Não creio. São tutores e suzeranos. Nem Carvalho se atreve a pedir-lhes reparação. Verá.

«Ha de arrastar-se deante d'elles, como se fosse um chériff de qualquer sultanato semi-barbaro, e a França completará a exauctoração d'esse enfatuado vatído.

«Agora o caso não é com um estado sem esquadras e sem exercitos, como os estados do nosso venerando Pontifice.

«Ha de vêr como elle se encolhe ante o desdem inglez e como se acovarda em lhe falando alto, resolutamente, uma potencia com a França.

«Não se trata agora d'esses desventurados padres indefezos que elle poz fóra do paiz.

—Deus o proteja, meu caro Conde, de modo que vejamos abatido o insolito orgulho d'esse impio, semi-selvagem.

—Havemos de vêr; prometto-lh'o, e presenciará então como se quebram as basofias d'aquelle perseguidôr de padres.

O conde de Merle despediu-se affectuosamente de Acciajuoli, que se ficou embevecido no sonho d'aquella promessa. Dominava-o em impaciencias de jubilo o antegoso de vêr opprimido e humilhado aquelle audacioso ministro que extinguira em Portugal a poderosa Companhia de Jesus. (*)

(*) Effectivamente, a 18 de setembro o conde de Merle officiava ao duque de Choiseul tratando largamente da expulsão dos jesuitas e da questão com o Nuncio.

N'esse officio relatava-lhe: «que na vespera fôra visitar a condessa de Oeiras, onde se achára com o Nuncio e com uma grande parte das principaes pessôas da nobreza; que o conde ali viéra, mas que estivera mui pouco tempo; que affectára de falar a todos, e sobretudo a elle embaixador, excepto ao Nuncio, a quem apenas havia saudado; com o que quantos ali eram o tinham observado; que o Nuncio muito se affligira com aquelle tratamento, que elle decerto não merecia, sobretudo na occasião em que se bania do paiz um tão consideravel numero de religiosos, cousa de que o Nuncio não tinha sido informado senão pelo rumor publico. A isto ajunta o ministro algumas queixas sobre o estado do paiz e conclue pedindo instrucções para reclamar da côrte de Portugal os quatro navios queimados em Lagos, pelo terem sido no territorio portuguez, e contra o direito das gentes.»

Transcrevemos textualmente, com todos os seus defeitos de fórma, esta parte do officio do conde de Merle, que se encontra extractado a pag. 166 e 167 do tomo VI do *Quadro Elementar*, e que o Visconde de Santarem encontrou no archivo do ministerio dos negocios estrangeiros de França.

XVIII

A SOBERBA INGLATERRA

Não era o Conde de Oeiras homem de faceis esmorecimentos em qualquer grave e assoberbadora conjunctura, antes as difficuldades e os perigos lhe estimulavam o animo para excepcionaes energias e como que davam mais dura têmpera á sua musculatura de luctador e mais soberba luz á sua alma de patriota.

No governo do estado, como Albuquerque na conquista de um imperio, tinham os dois a mesma inabalavel firmeza, a mesma ardente ambição, a mesma féra intransigencia. Figuras de excepcional estatura que pareciam modeladas em bronze, em ambas a mesma grandeza antiga e tragica!

Não era para desalentos o extraordinario homem de estado; sabia mascarar com raro engenho e coragem os tormentos e as sombrias previsões do seu espirito, mas sentia-se agora em uma das mais attribuladas crises diplomaticas do seu governo.

Ministro de uma nação enfraquecida por longos infortunios e inveterados erros, com uma esquadra para constituir, com um exercito para reorganisar. com um thesouro empobrecido, e sentindo atraz de si um povo de tres milhões d'almas, em que a turba dos que não o comprehendiam era ainda maior do que a phalange enorme dos que o odiavam, o conde de Oeiras chegára ao passo difficil em que a França lhe impunha de um lado uma legitima reclamação de direito e a Inglaterra lhe contrapunha do outro as vaidades da sua supremacía triumphante no mundo.

Fôra violada a neutralidade das aguas portuguezas, em prejuizo da França, uma das mais fortes potencias continentaes, e por parte da Grã-Bretanha, a mais poderosa potencia dos mares.

Entre as duas, o direito e a honra de uma nação pequena.

Era preciso moderar as exigencias da França e contêl-as dentro dos limites da justiça; mas a França tinha por si a razão e o direito e era seis vezes mais forte.

Era indispensavel obter uma reparação da Inglaterra, mas a nação ingleza era a nossa antiga alliada, opposta ás ambições absorventes da Hespanha, mas o orgulho britannico hesitaria em dar á nação offendida uma satisfação que parecesse tambem homenagem indirecta á monarchia franceza.

A França, embora vencida nas aguas de Lagos, é ainda immensamente forte para se impôr ao governo portuguez. A Inglaterra, a potencia vencedôra, difficilmente accederá a dobrar a sua tradicional arrogancia, concedendo uma reparação, que é o seu dever e o nosso direito perante a consciencia e a justiça, mas que pode afigurar-se-lhe uma quebra do velho orgulho bretão, em face de exigencias indirectas da nação vencida.

Quanto mais o governo francez nos opprimisse nas suas reclamações, tanto mais provavel repugnancia no gabinete de Saint-James em nos dar uma reparação medida pelas imposições da França.

Depois, ambas podiam aproveitar o ensejo para nos prender á sua esphera de interesses politicos e mercantis, quebrando qualquer d'ellas em seu favor uma neutralidade que lhes não convinha.

Estavamos ligados á Grã-Bretanha por tratados de commercio e por tratados de

alliança defensiva, mas não tanto como os inglezes queriam e muito mais do que aos francezes convinha.

Se a França abusasse da sua superioridade n'aquella pendencia, que nos lançassemos abertamente nos braços da Inglaterra, e as suas esquadras responderiam por nós. Assim podiam pensar em Londres.

Se a Inglaterra nos desdenhasse ao ponto de recusar uma satisfação honrosa a sua antiga alliada, que nos voltassemos para a França, e ella nos defenderia, e nos interesses do commercio de Portugal tomaria o quinhão tentador até ahi usofruido pelos inglezes. Assim pensariam em Paris.

Mas eram estas as duas soluções que o conde de Oeiras rejeitava na sua consciencia de patriota.

Nem forçado comparsa da França, nem abatido tutelado da Inglaterra.

Uma alliança de guerra com a nação franceza seria, n'aquella conjunctura, a perda immediata e irreparavel de todo o nosso imperio colonial. A França nem as suas proprias colonias alcançara defender das formidaveis esquadras britannicas. E, depois de perdidas as colonias portuguezas, a propria França haveria de ser a primeira a favorecer as ambições absorventes dos hespanhoes, ao preço de uma intima alliança com a Hespanha.

—O meu modo de vêr é este, e com elle se conforma el-rei, nosso amo—dizia o primeiro ministro a D. Luiz da Cunha.

«A nação portugueza defende e mantém a sua neutralidade. Não recusa á França as leaes explicações que lhe forem devidas; não quebra a sua velha alliança defensiva com a Inglaterra: mas precisa que o governo inglez lhe dê uma satisfação publica e solemne pelo detestavel procedimento do almirante Boscawen.

—E' isso exactamente o que me parece difficilimo de conseguir — objectou-lhe o ministro nominal dos negocios estrangeiros.

—Pois é isto precisamente o que é necessario obter.

—Mas, segundo as palavras do conde de Merle, o governo francez quer que exijamos da Inglaterra o equivalente dos navios da esquadra de la Clue, que foram apresados e queimados.

—Queimados durante a batalha, que elles francezes perderam, embora em aguas neutras!

«Não sei como não quer tambem que exijamos da Inglaterra tenças e pensões para as familias dos que morreram em combate!

«Será querer de mais. Ha de limitar-se ao que fôr razoavel.

«Não ajudamos os inglezes, antes démos asylo e patrocinio aos vencidos; ninguem tem o direito de exigir que respondamos pelas consequencias da batalha, cujo desenlace a artilheria de Lagos não póde evitar.

«Nem nós ainda temos informações completas acerca da peleja.

«Vá contendo as impaciencias do embaixador, emquanto eu vou preparando a questão com a Inglaterra, que é a mais difficil.

«Eu falarei depois com o conde de Merle, que não ha de perder esta occasião de ser agradavel ao Nuncio, seu amigo, levantando-nos difficuldades.

«Pois creio bem que se engana. Eu saberei até que ponto vão as pretenções do duque de Choiseul.

* * *

As negociações diplomaticas proseguiam lentamente. O duque de Choiseul, ministro dos negocios estrangeiros da França, não correspondia ás impaciencias do conde de Merle.

O conde de Oeiras mandára chamar o official maior, encarregado do *Gabinete de abertura*.

—Traz todos os apontamentos a respeito do caso de Lagos?

—Todos os que v. ex.ª se dignou indicar-me.

—Os que se referem á correspondencia entre o embaixador francez e o seu governo?

—Exactamente.

—Bem, queira assentar-se e vamos a vêr isso.

«Conheço a versão historica da batalha, segundo os inglezes, e não condiz completamente com as informações officiaes que recebi de Lagos.

«Vamos a saber agora a historia do facto por parte dos francezes, pois tenho razões para me não fiar muito nas palavras do conde de Merle.

«Vá lendo os extractos que fez.

—O primeiro de que tenho extracto é um officio do senhor de Autrechant para o embaixador.

—De que data?

—De 19 de agosto. Dá uma breve noticia da batalha, pede soccorros para salvar o restante da esquadra e conta que na acção se perderam cinco navios francezes, sendo tres no Cabo de S. Vicente e os dois que foram queimados nas proximidades de Lagos. Diz que o almirante La Clue perdeu ambas as pernas.

«Nada mais contem de importancia.

—Então adeante.

—Em 28 de agosto, o conde de Merle enviou um officio ao duque de Choiseul. Este não foi visto no gabinete de abertura; mas tenho aqui uma nota da informação prestada pelo agente que temos na embaixada.

—Bem sei. Custa muito dinheiro, mas tem prestado bons serviços. O que diz?

—Entra em pormenores ácerca da batalha e refere que os fortes portuguezes de Lagos deram amparo aos navios francezes e os protegeram contra a esquadra ingleza, que damnificou muito aquelles fortes.

—Ahi está um exagero do embaixador. Apenas algumas balas perdidas bateram nas muralhas dos fortes, conforme informou o governador da praça.

—Em 29, o conde de Merle dava mais pormenores a respeito da acção, dizendo que a esquadra franceza era de sete navios contra a ingleza, de quinze.

—Pois eu tenho aqui um apontamento dizendo que a esquadra do almirante Boscawen se compunha sómente de oito navios: quatro naus de linha, duas fragatas e dois brulotes.

«Mas pouco importa o numero de navios. Foi sempre assim. Os vencedores apoucam as suas forças materiaes para realçar o valor da victoria, e os vencidos exageram as do inimigo para justificar a derrota.

«E que mais?

—Dizia que a batalha principiára ás 2 horas da tarde e durára até á noite; que o navio *Océan*, o melhor da esquadra, fôra queimado pelos inglezes debaixo da artilheria de um forte portuguez, e que o governo portuguez tomára todas as providencias para que aos francezes fosse fornecido tudo o de que houvessem mister.

—Bem; quanto á nossa lealdade nem a mais leve duvida. Os pormenores é que não condizem com os que eu tenho aqui apontados.

«Derrotada a esquadra de la Clue, resolveram os commandantes dos navios incendial-os, para que não fossem caír em poder dos inglezes.

«O *Océan*, nau de oitenta peças, deu á costa a duas leguas de Lagos e, já quasi perdido, ainda disparou alguns tiros contra o navio inglez que lhe dava caça. A sua numerosa tripulação soffreu horriveis perdas. Arriou bandeira.

«Passava pelo melhor navio da armada franceza.

«Os commandantes do *Téméraire*, de setenta e quatro peças, e do *Modeste*, de sessenta e quatro, não quizeram destruir os seus navios, correram então a abrigar-se sob a artilheria dos fortes, mas foram queimados pelo inimigo.

O *Redoutable*, de setenta e quatro peças, foi abandonado pela tripulação e os inglezes queimaram-no.

«São estes os quatro navios de que tenho noticia. A esquadra de la Clue era de sete, não é isso o que diz o proprio conde de Merle?

—Exactamente: sete navios, assim o escreveu o embaixador no mesmo officio em que dava aos inglezes quinze navios.

—Portanto, se um deu á costa e foi destruido a tiro, não foi apresado, se tres foram queimados, tambem os não podiam levar os inglezes; faltam tres de que não tenho informação, mas tem ahi o extracto de um officio que nos diz o que foi feito d'elles. Veja esse primeiro que me leu.

—Aqui está. E' o officio de mr. d'Autrechant para o embaixador conde de Merle.

—Bem. E' essa a primeira informação official da batalha e de origem insuspeita para os francezes.

«O que diz a respeito da perda dos navios?

—Que perderam cinco, sendo tres no Cabo de S. Vicente.

—Esses fora da acção dos fortes portuguezes.

—E que dois foram queimados *debaixo dos fortes de Portugal.*

—Ahi ha engano. O *Océan* deu a costa e foi destruido, o *Téméraire*, o *Modeste* e o *Redoutable* foram queimados.

«Que navios quer então o conde de Merle que a Inglaterra lhe restitúa?

«Fizemos o que lealmente podiamos fazer, dando guarida e protegendo os mil e quatrocentos vencidos que alcançaram escapar-se da esquadra destruida.

«As aguas neutras foram violadas. Devíamos á França as provas de lealdade que lhe havemos dado e temos o direito de pedir uma satisfação á Inglaterra. A que ella nos dér de certo modo comprehende um protesto contra o arbitrio do almirante Boscaweu.

«Veja o que mais temos.

—Um despacho do duque de Choiseul de 11 do mez passado, encarregando o Conde de agradecer a sua magestade el-rei em nome do rei Luiz XV...

—A protecção e beneficios que têem recebido os francezes da esquadra anniquilada. Já sei.

«Que mais?

—E de representar ao governo portuguez ácerca d'aquella violação de neutralidade.

—Já representou. Adiante.

—Um officio do conde de Merle, de 18, tambem do mez passado, pedindo instrucções ao duque de Choiseul ácerca das reclamações a fazer quanto aos *quatro navios queimados em Lagos.*

—Ahi esta. Elle proprio confessa que defronte de Lagos foram queimados quatro navios. Com os tres destruidos nas alturas do Cabo de S. Vicente, temos o total anniquilamento da esquadra de la Clue.

«Que venha agora o Conde reclamar a entrega dos navios *apresados.*

—Trago aqui um extracto dos officios de 25 de setembro findo e 2 d'outubro corrente.

—De quem?

—Do conde de Merle para o seu governo.

—O que dizem?

—Tratam das reclamações que fez ao sr. secretario d'estado D. Luiz da Cunha.

—Bem sei. O que diz elle que lhe respondeu o sr. D. Luiz da Cunha?

—Que nada podia decidir sem receber as ordens de sua magestade, a quem ia apresentar a reclamação d'elle embaixador.

—Esta bem.

—Accrescentava que o sr. D. Luiz da Cunha é muito inclinado a Inglaterra.

—Percebo. O conde de Merle quer vêr se excita o seu governo contra nós. Creio que perderá o seu tempo.

«Mais nada no tocante a este assumpto?

—Nada mais.

—Esta bem. Deixe-me ficar esses extractos. (*)

O official maior saiu e o conde de Oeiras ficou encostado a meza a reflectir; a cabeça apoiada as mãos, os dedos quasi sumidos entre a longa cabelleira.

Sinceramente mudara de aspecto. O rosto avincara-se-lhe, traduzindo as graves preoccupações d'aquella difficilima conjunctura.

—Seria um erro funesto quebrar a alliança ingleza, e um desaire esmagador não receber uma satisfação da Inglaterra —diz a comsigo, lentamente.

«A França ha de aproveitar a ensejo para tentar o seu jogo politico e ganhal-o-ha, se eu não souber ou não puder mover o orgulho inglez a prestar homenagem aos direitos do pequeno e enfraquecido Portugal, que outros lhe pozeram aos pés.

«A recusa de uma satisfação seria a quebra do meu poder, um abalo profundo na confiança de el-rei, a infernal gloria dos meus inimigos, aqui, em Madrid, em Paris, em Roma!

E levantou-se n'um repellão violento

«Estou n'uma conjunctura perigosissima! —dizia comsigo, passeando muito agitado.

«Tive menos receio com a capital a desabar e com o rei em risco de vida!

«Para oppôr aos perigos de cá chegava

(*) Todas as informações baseadas n'aquelles extractos de officios e despachos do embaixador francez e do duque de Choiseul se encontram nos tomos VI e XVIII do *Quadro Elementar*, com relação ao anno de 1759, entre meados de agosto e os primeiros dias de outubro.

a minha força, mas agora sou o ministro de uma nação pequena e fraca a reclamar as homenagens de uma outra que é immensamente soberba, tão poderosa como feliz, tão opulenta como audaz!

«E que, demais a mais, conhece perfeitamente o muito que precisamos d'ella na presente situação politica da Europa!

«Difficil! Difficil! D'isto, d'estas amarguradas horas não sabem ou não querem saber os que me invejam o mando!

«Quanto mais facil não será tornar-se um homem ministro omnipotente de uma grande nação, do que falar de pé, resolutamente, em nome de um pequeno paiz que outros pozeram de rastos!

«Nas poderosas potencias, com muito oiro, muitos navios, muitos soldados, os erros dos homens d'estado podem custar batalhas perdidas ou desastrosas campanhas. Mas nos pequenos estados algumas vezes custam a propria vida da nação!

Parou e encostou-se á meza.

—E não bastam explicações em qualquer nota que fique no segredo dos archivos.

«E' preciso, é indispensavel muito mais!...

«Uma satisfação especial, bem solemne e bem publica, tal como ainda não recebemos depois que deixámos de ser no mundo a potencia heroica, a primacial potencia dos mares!

E como se o dominasse pela primeira vez uma idéa de desalento, de incredulidade na sua propria força, foi sentar-se á meza e encostou aos punhos o rosto em que pareciam apagados os traços da sua phenomenal energia!

Alguns momentos apenas n'aquelle excepcional esmorecimento; a breve espaço reagiu contra si mesmo, levantou a inconfundivel cabeça de arrogancias leoninas, o semblante retomou-lhe a normal expressão de consciente superioridade e no seu olhar faiscou a esperança de um novo triumpho.

—Vamos! Na diplomacia, uma pendencia d'honra debilmente sustentada é quasi sempre mais funesta que na guerra uma grande batalha perdida.

«Ainda não será d'esta vez que eu haja de ir a terra, e, se fôr, é n'esta santa defeza da honra nacional.

«Vamos.

E poz-se a escrever muito reflectidamente, cortando e substituindo palavras, relendo a espaços o que escrevêra. Estava rascunhando uma nota que D. Luiz da Cunha enviaria ao gabinete de Saint-James, por via da secretaria dos negocios estrangeiros.

Levou muito tempo. Meditou-a e fez-lhe novas emendas. Aquella nota era o inicio de uma batalha diplomatica desegualissima.

Leu a definitiva redacção.

—Parece-me bem. Palavras que não podem offender as legitimas susceptibilidades de uma grande nação, mas sustentam de pé, firmemente, a dignidade da soberania do rei e os incontestaveis direitos do paiz.

«Agora a minuta de uma carta.

Era para William Pitt, lord Chatham, o grande primeiro ministro da Grã-Bretanha.

E em quanto formulava o preambulo da carta ia explicando a si proprio mentalmente:

—Aqui falarei eu. Homem para homem; são as susceptibilidades de tres escassos milhões de portuguezes, que teem seis ou sete naus e alguns mesquinhos punhados de oiro, para o orgulho de doze milhões de inglezes com cento e tantas naus e metade do commercio do mundo.

«Aqui lhe posso eu recordar a historia desassombradamente, a soberba historia d'esta nação, que merece especiaes attenções; lembrar-lhe os interesses e os serviços reciprocos, os perigos de um desacato ao mais antigo alliado da Inglaterra.

«Eu lhe indicarei a intriga provavel da França e da Hespanha e as funestas consequencias de nos recusarem satisfação pela audacia de Boscawen.

«Descobrimos a Africa onde elles se engrandecem; conquistámos a India onde se tornaram poderosos; Lisboa e o commercio do Brazil valem bem um sacrificio do orgulho inglez.

«Contra a Hespanha precisamos nós d'elles e precisam elles de nós.

E continuou a escrever a minuta d'uma longa carta a lord Chatham (*)

(*) Entre varias cousas calumniosas ou absurdas que se teem attribuido ao grande ministro

* * *

Estava-se já em meados de outubro. As negociações diplomaticas proseguiam lentamente.

O conde de Oeiras reservára para si a questão difficil, a questão fundamental, que era com a Inglaterra, e endossara o embaixador francez para D. Luiz da Cunha, o ministro nominal dos negocios estrangeiros, que servia admiravelmente para não resolver coisa nenhuma, em quanto convinha ir ganhando tempo.

O conde de Merle recebêra um despacho do duque de Choiseul, datado de 16 d'outubro, ordenando-lhe que reclamasse em nome de el-rei Luiz XV a entrega dos navios capturados (os que os inglezes tinham queimado), e insistisse até que o governo portuguez declarasse categoricamente se estava ou não resolvido a fazer egual reclamação á Inglaterra (*)

D. Luiz da Cunha recordou-lhe em boas palavras o que se havia feito em favor dos vencidos e allegou que estava ainda esperando minuciosas informações do Algarve, por serem divergentes as noticias ácerca do facto. Mas que, sendo incontestavel que houvéra abuso de força da parte da esquadra do almirante Boscawen, se haviam ja feito reclamações em Londres, e da amisade e sentimentos de justiça de el-rei de Inglaterra se esperava uma justa reparação do excesso commettido pelos navios inglezes.

O conde de Merle não ficou satisfeito com a resposta, mas as instrucções que recebêra não o auctorisavam a intentar mais energicas diligencias.

Vamos a casa do conde de Oeiras saber como elle tratava a questão com mr. Hay, ministro da Inglaterra em Portugal.

—Recebi ordem do meu governo—estava dizendo o ministro inglez—para apresentar a v. ex.ª a expressão do seu pezar pelos acontecimentos de Lagos e affirmar-lhe que, em verdade, a esquadra do almirante Boscawen se approximou demasiadamente da costa do Algarve, mas que sua magestade o rei, meu amo, vae dar terminantes ordens para que tal abuso se não repita.

—Valem muito para mim essas declarações de v. ex.ª, traduzem bem os sentimentos de justiça do governo inglez, as boas e amigaveis intenções de sua magestade o rei de Inglaterra, mas para satisfação de uma violencia que toda a Europa conhece, violencia contra os direitos de Portugal na sua qualidade de nação neutra, não bastam essas leaes desculpas em uma audiencia particular.

—Quer então v. ex.ª...

—Reclama el-rei, meu amo, da justiça e da amizade de sua magestade o rei de Inglaterra que lhe seja dada publica e solemne satisfação pelo deploravel procedimento do almirante Boscawen. N'este sentido se iniciaram as negociações em Londres.

—Eu sei, sr. Conde, mas não me parece que, para testemunhar a alta consideração em que a Inglaterra tem o seu antigo alliado, seja precisa uma satisfação de tal forma ruidosa.

—Mais ruidoso foi o desacato, que fica assignalado na historia por um dos maiores desastres que tem soffrido a armada de el-rei de França.

—Mas ha de parecer ao mundo que a nação ingleza, n'essa excepcional reparação, cede a imposições indirectas da nação vencida, sendo Portugal o intermediario.

—O offendido, sr. ministro, o offendido é que é, e por isso pede a reparação.

---

portuguez, figura uma nota diplomatica, brutalmente arrogante e ineptamente lesiva de todas as praxes diplomaticas, até quando se chega á violencia de um *ultimatum*. E, além de brutal, crivada de falsidades historicas.

Nem o conde de Oeiras seria capaz de escrever uma nota assim doidamente rude e grosseiramente inexacta, nem havia ministro inglez que lh'a recebesse sem uma immediata declaração de guerra.

Essa nota que se lhe attribue e corre por ahi impressa como tendo sido enviada ao governo inglez por causa da questão de Lagos, será, quando muito, a infiel paraphrase de alguma carta particular do Conde ao primeiro ministro da Grã Bretanha.

Constaram talvez os traços geraes d'essa carta, provavelmente energica: foram-se divulgando adulterados pela reproducção oral, e d'elles se aproveitou algum industrioso de documentos apocryphos, como eram vulgares no seculo passado, para engendrar a *terrivel nota patriotica*, fundamentalmente absurda.

Todos os historiadores a rejeitam por inverosimil.

(*) *Quadro Elementar*, tomo VI, pag. 170.

«E para dar-lh'a, não carece a nação ingleza de ceder a nenhuma estranha imposição; cederá a um sentimento de justiça, que tanto mais a honrará quanto mais desproporcionado fôr o seu poder em relação ao paiz que lh'a reclama.

«Nunca a historia terá o direito de chamar fraqueza a esse acto de nobre e leal reparação.

«N'este pleito entre dois povos ha seculos estreitamente alliados, a dignidade da nação portugueza está sufficientemente alta para que, por detraz d'ella, a Grã-Bretanha receie ver imposições estranhas, que el-rei meu amo não acceitaria nunca.

—Mas sei que o embaixador da França alardeia em conversas intimas, com alguns membros do corpo diplomatico, a resolução em que está de impôr ao governo portuguez a obrigação de reclamar da Inglaterra uma completa reparação, que irá até á indemnisação pelos navios destruidos. Que d'este modo forçará Portugal a obter dos vencedores o tributo da sua propria victoria, pago á França por intermedio de v. ex.ª ou de sua magestade fidelissima.

—De nada podem valer, sr. ministro, os alardes e as conversas particulares do conde de Merle, para desviar a Inglaterra do seu honrado caminho.

«Do embaixador da França, com as responsabilidades do seu rei, falando ou escrevendo em nome d'elle, ainda se não receberam senão reclamações moderadas e, em parte, plenamente justas.

«Imposições nenhumas. Posso affirmal-o a v. ex.ª

«Dizeres particulares do conde de Merle não podem influir no animo do illustre primeiro ministro da Inglaterra nem no esclarecido espirito de v. ex.ª

«Tambem eu tenho recebido informações secretas ácerca de outras affirmações particulares do embaixador francez e essas, em parte, justificadas por noticias directas de Madrid e de Paris, e nenhum pêso lhes tenho dado.

—A respeito do assumpto que estamos tratando?

—Precisamente do mesmo assumpto. E tanto confio na lealdade de v. ex.ª, que vou indicar-lh'as, recommendando-as á sua amisade e discreção.

—Póde v. ex.ª contar com uma e outra.

—Disse o conde de Merle a dois membros do corpo diplomatico, muito inclinados á França, e v. ex.ª decerto presume quaes seriam...

—O embaixador de Hespanha e o ministro do imperio austriaco.

—A esses foi. Disse-lhes que tinha razões para contar com uma offensiva recusa da Inglaterra ao pedido de Portugal e que, n'estas condições, aproveitaria a situação desesperadora d'este paiz, assim duramente offendido, empenhando todos os esforços de que fôsse capaz para cumprir uma parte das instrucções que recebêra do duque de Choiseul.

O conde de Oeiras fez uma breve pausa, que justificou muito naturalmente apanhando um papel que deixára cahir das mãos. Entretanto, observou dissimuladamente o effeito produzido pelas suas palavras no animo do ministro inglez.

—E não poude v. ex.ª saber—perguntou Hay—em que consiste essa parte das instrucções do Duque?

—Sei. Recebi a tal respeito informações directas de Paris, confirmadas por outras de Madrid.

«O plano de Choiseul, ao que supponho apoiado pela Hespanha, consistirá approximadamente n'estes pontos capitaes:

«Quando vir Portugal humilhado nos seus direitos e na sua honra, cruelmente humilhado pela nação que ha seculos tem sido a sua constante alliada; quando souber que a Inglaterra lhe recusa satisfação pela offensa do almirante Boscawen, como se não podesse ter direitos e susceptibilidades um paiz de estreitos limites e escassos recursos, e como se lhe fossem absolutamente alheias a dignidade e a historia d'esse paiz; o governo francez aproveitará o assombro e o legitimo desespero de um povo iniquamente deprimido por aquelles que mais dedicadamente o podiam defender e honrar, e mandará propôr a el-rei de Portugal estas coisas fundamentaes para a influencia politica e para os interesses mercantís da França:

«A completa desistencia de qualquer reparação do desastre de Lagos, e assim prestaria á lealdade de Portugal a homenagem que a Grã-Bretanha recusára prestar aos direitos d'este paiz; um tratado de

alliança offensiva e defensiva, em que entrasse a Hespanha, e a approvação d'aquelle velho projecto de convenio commercial, em que a França baldadamente se empenha ha tantos annos, e que lhe daria um quinhão das riquezas mercantis do Brazil.

—Mas v. ex.ª confia plenamente n'essas informações?!

—Plenamente. Estão dentro dos planos geraes da França, que v. ex.ª conhece perfeitamente, e na logica inevitavel dos acontecimentos.

«Repare v. ex.ª que nem são necessarias as minhas informações para se prevêr com segurança qual será o procedimento do governo francez em similhante conjunctura.

«Eu, ministro da França, não deixaria perder a occasião, e havia de empenhar quantos esforços pudesse, indirectos esforços, já se vê, para que a Inglaterra aggravasse com a recusa de uma satisfação a offensa feita a Portugal por um dos seus almirantes.

«Valia bem a pena certamente nunca mais pensar nos navios da esquadra de la Clue, vencidos e queimados nas aguas do Algarve. Com os seus portos, os seus dominios no mundo, immensos, riquissimos como o Brazil, e com os seus homens capazes dos maiores arrojos de animo, Portugal não é um alliado para desdenhar.

«Eu, nas circumstancias do duque de Choiseul, muito naturalmente o comprehenderia assim, e consideraria como victoria de desforço, immensamente maior que a do almirante Boscawen, a conquista de tal alliado na presente conjunctura. Para uma potencia colonial e maritima vale muito o magnifico porto de Lisboa e valem muitissimo as possessões de Portugal.

«Eu, ministro da França, pensaria assim.

«Quem tem Gibraltar precisa de segurar a Hespanha, e para segurar a Hespanha, que tem por si os francezes, não bastam as poderosas armadas; é preciso contar com a cooperação do pequeno reino que o almirante Boscawen offendeu nas aguas de Lagos.

«Eu, primeiro ministro da Grã-Bretanha, não teria duvidas a este respeito.

«Podia mostrar a v. ex.ª dezenas de notas em que os embaixadores da França nos propõem uma alliança politica e instam por um tratado de commercio que désse aos seus compatriotas vantagens e interesses iguaes aos que teem usofruido sósinhos os subditos de sua graciosa magestade o rei de Inglaterra

—Mas o caso é diverso—objectou o ministro inglez fundamente impressionado—A nação ingleza é uma antiga alliada com a qual Portugal tem podido contar.

—Mais uma razão para que lhe não recuse agora uma satisfação especial. A qualquer outra assistiria o direito de a pedir e para nenhuma outra, como a Grã-Bretanha, maior obrigação de lh'a dar.

—Não me parece que por tão pequeno motivo, e para satisfazer a uma exigencia da França, houvesse de quebrar-se a antiga e estreita alliança dos dois paizes.

—Peço perdão. A exigencia da França repelle-se no que tiver de descommedida, mas nunca pode ser pequeno motivo o direito e a honra de um paiz. Imposições da França, tanto mais desassombradamente as regeitará el-rei, meu amo, quanto mais alto fôr o testemunho de respeito que lhe prestar a nação ingleza.

«E eu não posso affirmar a v. ex.ª até que ponto iria a justa magua de el-rei e a legitima indignação dos seus subditos, se a Inglaterra, por um sentimento de orgulho de que a julgo incapaz, se negasse a considerar a nossa honra digna de um preito, que não seria mercê por que era justiça, nem pareceria fraqueza, porque somos nós os menos poderosos.

«Entre as nações, como entre os homens, são as offensas dos amigos as que mais dóem; e á gloria decahida as que mais pungem.

—Crê então v. ex.ª provavel uma ruptura das boas relações entre o seu e o meu paiz?

—Crêt-a-hia possivel, senão contasse, como conto, com os sentimentos de leal amisade e honrada justiça de sua graciosa magestade e do seu governo.

«Quem n'elles não acredita é o conde de Merle, e por isso vaticina jubilosamente, em suas conversas particulares, que nem el-rei de Portugal se atreverá a insistir por uma satisfação, nem el-rei de

Inglaterra se resolverá nunca a mandar-lh'a dar.

«Disse a v. ex.ª que não dava peso ás conversas particulares do Conde, embora saiba que são o reflexo das intenções do seu governo, e espero que a Inglaterra as desmentirá absolutamente.

—Em conclusão, que pretende v. ex.ª?

—Reclama el-rei meu amo que se lhe dê plena satisfação pelos acontecimentos de Lagos, e n'este sentido, como v. ex.ª sabe, se iniciaram negociações em Londres e tive eu a honra de escrever a lord Chatham.

—Não bastam então as desculpas que por ordem de el-rei meu amo haveria de apresentar a Sua Magestade Fidelissima?

—De nenhum modo. Sua Magestade dignou-se dar-me terminantes instrucções a este respeito.

—E se o governo francez insistir na entrega impossivel dos navios queimados ou pedir uma indemnisação que lhe não póde ser concedida?

—Portugal desaggravado responder-lhe-ha resolutamente pela bocca de el-rei que não paga os desastres dos almirantes francezes, nem serve de intermediario para que outros lh'os paguem.

«Mas isso é uma questão secundaria. A exigencia da restituição dos navios, simulando não saber que foram queimados depois de apresados, é um ardil da diplomacia franceza para tornar impossivel o que a honra da bandeira portugueza tem o direito de reclamar.

«E já indiquei a v. ex.ª com que intento procede assim o governo francez.

Entre algumas verdades e seguras previsões, o Conde habilmente entremeára affirmações de pura estrategia diplomatica, para mais profundamente impressionar o ministro inglez.

Nem tudo o que disséra tinha sólido fundamento, mas falou de planos possiveis e provaveis, e soube explorar admiravelmente a rivalidade entre a Inglaterra e a França, e pôr bem em relevo a importancia commercial e politica da alliança portugueza.

—Como entende então v. ex.ª, sr. Conde, que a satisfação corresponderia aos desejos de Sua Magestade Fidelissima?

—Sendo dada solemne e publicamente por um embaixador especial de sua magestade o rei de Inglaterra.

O ministro inglez franzio a testa n'uma expressão manifesta de espanto pelo pedido e de incredulidade pelo exito.

—Informarei o meu governo—disse o inglez levantando-se.

—Queira v. ex.ª informal-o de quanto tive a honra de lhe dizer, não esquecendo o plano do duque de Choiseul e a confiança que temos na justiça e na amisade da Inglaterra.

«Quanto á hypothese de uma recusa, que supponho improvavel, o esclarecido espirito de v. ex.ª fará as considerações que entender e julgar uteis aos reciprocos interesses dos dois povos.

—Sr. Conde—disse o inglez despedindo-se.

—Sr. ministro—respondeu o conde de Oeiras, apertando-lhe a mão affectuosamente.

Mr. Hay saiu dizendo comsigo:

—E fala este homem como se tivesse atraz de si uma grande nação! Vê bem as coisas, mas não sei se d'esta vez o favorecerá a sua extraordinaria fortuna.

«Não creio que Pitt se deixe movêr por taes allegações...

«E' grande de mais a Inglaterra para similhantes homenagens.

E pela sua parte o conde de Oeiras, na modesta sala de despacho, dizia ao seu espirito de homem d'estado e ao seu coração de patriota:

—Lance difficil; lance perigoso! O peor da minha vida!

«Mas, n'esta conjunctura, e seja o que fôr para mim a fortuna, é preciso mostrar á Europa que Portugal não é uma feitoria da Inglaterra, como teem julgado, nem a sua bandeira uma insignia que eu fosse arriar das epopêas da historia para a deixar cair aos pés do orgulho inglez.

«Com essa macula não hei de eu morrer.

* * *

Estava-se em fins de outubro. As negociações com a França iam-se arrastando em Lisboa, bem contra vontade do conde de Merle, que não alcançava prender as suas impaciencias e antipathias a vontade prudente do duque de Choiseul.

Em Roma é que as negociações relativas

aos jesuitas iam tomando um caminho agreste e de irritante intransigencia.

Aos artificios dilatorios do Vaticano oppunha o ministro plenipotenciario de Portugal a aspera energia do seu caracter. A Curia hesitava entre Portugal e a Companhia de Jesus; não queria desamparar os jesuitas nem repellir abertamente as exigencias do governo portuguez; receava alguma audacia de Sebastião de Carvalho, mas não se atrevia a magoar Lourenço Ricci, que tinha por si o Pontifice e o Cardeal secretario d'estado.

Iam-se as coisas dispondo para um violento desenlace.

D. Luiz da Cunha foi conferenciar com o primeiro ministro ácerca da questão de Lagos.

—Então, D. Luiz, como correu a sua ultima conferencia com o conde de Merle?

—Um pouco embaraçosa para mim.

—Embaraçosa porque?

—Porque o Conde me apertou com perguntas, ás quaes eu não podia responder.

—Quaes perguntas?

—Disse-me que el-rei de França e o seu governo precisavam saber quaes os meios que sua magestade fidelissima tencionava empregar para compellir a Inglaterra a entregar os navios apresados em Lagos.

—Queimados é que é. Está-se a perceber o *grande* estratagema do embaixador.

«Mas a essa pergunta muito facilmente podia o collega responder, e decerto respondeu.

—Respondi; mas confesso que por alguns momentos hesitei.

—Com os meios que el-rei tenciona empregar para exigir e obter uma satisfação da Inglaterra nada, absolutamente nada tem o sr. embaixador de França.

«E o collega não podia responder-lhe pelas intenções de el-rei, nosso amo, sem que sua magestade lh'as houvesse revelado com auctorisação expressa de as confiar a um terceiro e, especialmente, ao conde de Merle.

—Foi approximadamente o que eu lhe respondi depois, quando o embaixador voltou com esta outra pergunta: Se el-rei estava disposto a contentar-se com uma simples satisfação pela offensa aos seus direitos de neutro.

—Tola e atrevidamente indiscreto o illustre embaixador!

«Parece-me que se não ha de demorar por cá muito tempo. Que se vá mettendo muito nos negocios internos do estado e alardeando a sua parcialidade pelo Nuncio, que eu lhe mostrarei como os embaixadores se mudam.

—Mas tanto instou por uma resposta categorica e taes referencias fez ás exigencias do seu governo...

—D'elle, principalmente, é que são as exigencias.

—Tanto accentuou que a minha vaga resposta, cheia de mysterios, produziria deploravel effeito na côrte de França e levaria o governo de Luiz XV a tomar alguma imprevista deliberação, que eu, receoso de provocar novas complicações, me atrevi a dizer-lhe que seriam tratadas juntamente as duas questões da satisfação a Portugal e da entrega dos navios.

—Caíu o collega n'uma imprudencia que el-rei não póde levar a bem!—disse o conde de Oeiras seccamente.

«A questão primacial para nós é a satisfação; a outra é para distração diplomatica do conde de Merle.

—Temia levantar novo conflicto, agora que as negociações de Roma se vão azedando—allegou D. Luiz da Cunha muito embaraçado.

—Temôr infundado. Que me importa... quero dizer, que importa agora a el-rei a questão de Roma? O principal está feito. Se o Vaticano quizer um rompimento de relações, tanto melhor.

—Tanto melhor?!

—O collega comprehendera depois a razão d'estas palavras.

«O peor foi ter respondido de mais ao conde de Merle.

E o primeiro ministro ficou reflectindo.

—Vem o acaso em nosso favor. El-rei vae para Villa Viçosa e os seus secretarios de estado irão todos com elle.

«Ganhamos tempo, emquanto não chegam informações de Londres, que nos habilitem a falar mais claro. O conde de Merle que se vá entretendo por cá na intimidade do seu grande amigo Acciajuoli.

Mal sabia o conde de Oeiras que n'aquelle mesmo dia o embaixador da França expedia ao duque de Choiseul um officio

em que lhe contava a sua conferencia com D. Luiz da Cunha e commentava d'este modo a ultima resposta d'aquelle secretario de estado:

«Com quanto esta resposta fosse bem positiva, duvido que o governo portuguez insista com o de Inglaterra em tal assumpto, pois que os inglezes, acostumados a falar como senhores n'esta côrte, e sempre bem succedidos, voltarão a seguir o seu systema, se as circumstancias a tal os aconselharem e d'ahi lhes resulte proveito». (*)

E se o conde de Oeiras podesse adivinhar, saberia ufano que ainda n'aquelle mesmo dia o duque de Choiseul expedia de Paris para o conde de Merle um despacho, que vem assim extractado no *Quadro Elementar*:

«Que el-rei seu amo estava á espera da resposta do ministerio de Portugal ácerca da reclamação dos navios que haviam sido capturados debaixo da artilheria dos fortes de Lagos; o que, não obstante, qualquer que fosse a dita resposta, elle embaixador *devia recebel-a sem dar mostras de mau humor, nem de vivacidade, contentando-se com dizer que a faria presente a el-rei*».

Vê-se bem a brandura com que o ministro dos negocios estrangeiros da França tratava a questão e impunha ao embaixador o preceito de um commedimento, que muito lhe havia de opprimir as arrogancias e a má vontade a Sebastião de Carvalho.

* * *

Passára o mez de novembro. O conde de Merle estava furioso com o seu governo. Recebêra do duque de Choiseul um despacho ainda mais brando ácerca da questão de Lagos.

Que pedisse de *tempos a tempos* a D. Luiz da Cunha a resposta da reclamação feita em nome de el-rei de França, relativa á satisfação que os inglezes deviam por causa dos navios da esquadra de mr. de la Clue, *que haviam capturado e queimado nos portos de Portugal*. (**)

Evidentemente, o governo francez ia abandonando o caminho perigoso do conflicto.

Agora já se não tratava da entrega dos navios, mas apenas de uma satisfação. Fôra posto de lado o stratagema de fingir que não sabiam da queima dos navios depois de apresados.

O Duque percebêra bem que o conde de Oeiras se não amedrontava com a pendencia e deixava-a cair no dominio das questões mansas, que apenas se lembram de tempos a tempos.

O conde de Merle é que não desistia de acirrar a questão. Deram-se outros pequenos conflictos entre navios inglezes e francezes nas aguas neutras de Portugal; os navios britannicos apresaram um corsario francez, o embaixador deu grande vulto a estes casos, mas o seu governo deixou-lhe quasi ao desamparo as insoffridas bravatas.

Sebastião de Carvalho sentia-se á vontade para empenhar todos os seus esforços na campanha diplomatica, difficilima, com o gabinete de Londres.

A França podia desistir da questão dos navios; elle é que não desistia da questão d'honra.

Era preciso que a soberba Inglaterra desse publica e solemne satisfação ao pequeno Portugal.

O proprio rei duvidava receoso do bom exito d'aquella porfiada reclamação.

* * *

Entrára o anno de 1760. Andava a cidade cheia de boatos ácerca da proxima chegada de um embaixador extraordinario da Inglaterra, mas não se sabia bem com que fim.

Que era um lord, um pár da Escocia, e até já se lhe dizia o nome. Seria lord Kinnoul.

Vamos vêr como se commenta o caso entre os freguezes do pastelleiro dos arcos em Belem.

—Hum! Os inglezes são muito soberbos! Acostumaram-nos a mandar aqui como em sua casa, e não me cheira que mandem cá o tal lord, ou que demonio elle é, para nos fazer zumbaias.

—Tambem á mim me não cheira que venha cá por bom.

—Isso lá quem sabe? As coisas teem

(*) *Quadro Elementar*—Tomo VI, pag. 174.

(**) Idem, pag. 178.

mudado muito, e o homem que nós conhecemos tem cabello na venta.

—Pois sim, mas não tem naus nem dinheiro como os inglezes.

—Mas canta grosso e os mercadores inglezes ca de Lisboa que o digam, que teem feito uma chiada contra elle que nem ratazanas bravas.

—Pois sim; chiam uns com os outros mas vão acautelando o pello

—Homem, olhe que isto de grimpar com os inglezes não é o mesmo que pôr os jesuitas pela barra fóra. Aquelles trangalhadanças, vermelhos como rabanêtas, teem cada estafermo de cada nau, que até os carapaus de Cezimbra fogem de medo quando ellas ahi apparecem á barra.

«E a respeito d'aquillo com que se compram os melões, isso então não falêmos!

—Mas afinal a que vem cá o lord?

—Eu sei la, homem de Deus! São tantas as galgas, que nem a gente sabe em qual hade acreditar! Cada cabeça cada sentença.

«Uns dizem que vem obrigar el-rei a dar a nossa princeza real em casamento a um principe hereje lá da terra dos ingleiros, que é Londres. Outros dizem que vem cá para acabar com a Companhia dos vinhos do Doiro e para que os mercadores inglezes não paguem direitos nas alfandegas e tenham privilegio de moradia.

—Sim, e façam dos portuguezes burros de carga!

—E assim será, por mal dos nossos peccados, que eu já não acredito em coisa bôa!

—Nem eu. E se o tal lord veni cá para nos fazer tagatés então é porque traz negocio fisgado p'ra depois das *conbuméias*. Aquillo são meninos que não dão ponto sem nó.

—Pois sim, mas, mal por mal, antes elles que os hespanhoes, que não nol-a fazem porque não podem.

—Tirante as hespanholas, que são de tres estalos e dois rufos.

E o apaixonado das hespanholas, cabo de esquadra de granadeiros, imitou com os dedos os estalos de homenagem ás gentis mulheres da Hespanha

—Com ellas me dê Deus o desconto dos meus peccados—accrescentou o cabo de esquadra, carregando para a nuca a barretina em fórma de mitra.

«Agora com os polainudos lá da terra d'ellas, com esses é que nem p'r' o ceu!

—E com os inglezes?

—Com esses nem p'ra a alêga. Soldados e marujos lá d'elles são capazes de beber n'uma hora mais vinho que todo o meu regimento n'um mez, homem por homem.

«Vie-se p'ra *hi* a armada que elles teem, foi-se o Tejo todo de vinho, e assim elle chegasse a alferes tão certo como as naus ficavam todas em sêcco.

Grande risota, mas não se ficou sabendo a que vinha a Lisboa lord Kinnoul

* * *

Entretanto no palacio da nunciatura, o cardeal Acciajuoli acaba de receber a visita do conde de Merle.

—Então, sr. Conde—perguntou-lhe o Nuncio—já conseguiu saber a que vem o embaixador da Inglaterra?

—Ao certo não sei—respondeu o Conde muito embaraçado—mas podia apostar que não é para dar satisfações a este reino de meio palmo, governado por esse emir de Marrocos, que dá pelo titulo de conde de Oeiras.

—Tambem me parece. Os inglezes são muito soberbos para descerem a dar satisfações a um paiz insignificante, sem recursos.

—E governado de mais a mais por um tolo, ainda mais feroz que malcreado. Aquillo era ministro só para o Bey de Tunis.

—Mas vae fazendo o que lhe parece!

—Dão-lhe força as hesitações dos que podiam fazel-o emmudecer!

«Estou furioso contra as branduras do duque de Choiseul, e, se não fosse a chegada proxima do tal embaixador inglez, pedia licença para me ausentar de Lisboa.

«Perde o meu governo esta occasião excellente de abater as prosapias brutaes d'esse ministro, que eu não posso supportar! E não supporto por muito tempo! Si ha quem lhe tenha medo, eu por mim não estou disposto a aturar as grosserias d'esse cafre branco e não me demorarei muito n'este paiz, onde tudo me aborrece.

—Bem peor é a minha situação, mais humilhadora, e não posso dizer o mesmo!

«Tambem em Roma teem medo, e mandam-me recommendar que me resigne, que me abstenha de tratar com o insolente primeiro ministro, e evite qualquer pretexto de novos conflictos.

«A esta miserrima condição cheguei n'este paiz, onde os nuncios da Santa Sé foram em outro tempo quasi omnipotentes!

—Não se admire, Cardeal, Roma não tem esquadras nem exercitos. Mas a França, a França, com bem magua o digo, uma grande potencia, tem aqui um embaixador a quem recommendam que obtenha as boas graças do dictador e receba as respostas dilatorias, sem mostras de mau humor!

«A ninguem mais confiei ainda o segredo d'esta vergonha!

—Por isso o *impio* se ensoberbece!

—E chega ao desaforo de extranhar que eu visite vossa eminencia e viva na sua intimidade!

«Detesto os inglezes, mas louval-os-hia intimamente, se visse realisado o que elles por ahi dizem a respeito do embaixador.

—Não ouvi nada, não sei o que elles dizem.

—Andam de orelhas arrebitadas os mercadores que a Inglaterra aqui tem em Lisboa.

«Dizem, cheios de jubilo e de orgulho, que o seu embaixador vem reclamar ácerca do modo como são tratados aqui os negocios e os subditos britannicos, e exigir a restituição de avultadas quantias de que os portuguezes se teem apossado a bordo dos paquetes.

«E accrescentam ameacadores que, se o dictador não levantar os impedimentos postos aos capitães dos paquetes e dos navios de guerra na *sacca do oiro*, o embaixador exigirá o pagamento integral de toda a divida de Portugal á Inglaterra.

—Isso seria um desastre completo, a ruina do paiz, a quéda humilhadôra do primeiro ministro!—observou o Nuncio no intimo consolo d'aquella hypothese.

—Já o participei ao duque de Choiseul em dois officios, e pedi-lhe que, a tal succeder, como esperava, me auctorisasse a offerecer ao conde de Oeiras, em nome da França, amparo e soccorro contra as arrogancias e exigencias da Grã-Bretanha. (*)

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 182, 183 e 184.

—Fez o Conde esse pedido!

—Fiz, e comprehendo a sua estranheza, meu caro Acciajuoli.

«Bem vê que a França daria assim um chéque á Inglaterra, conquistaria um alliado, embora pouco valioso, tomaria um quinhão nas riquezas do Brazil, e eu teria o infinito prazer de humilhar o enfatuado primeiro ministro, offerecendo-lhe o patrocinio do meu paiz, na hora em que o visse de bruços, abatido pelo ponta-pé inglez.

«E depois, Cardeal, outra vingança maior, outra reparação mais soberba, quando a França aqui dominasse e el-rei D. José estivesse reduzido á protecção generosa de Luiz XV.

«Exigiria do pobre rei a quéda do ministro valido e o regresso dos padres da Companhia

«Roma triumpharia com a França!

—E o Duque respondeu?

—Infelizmente, limitando-se a dizer-me que a vinda do embaixador inglez significava inquestionavelmente alguma coisa importante em relação ás circumstancias politicas da Europa, e por isso prestaria eu um assignalado serviço fazendo as possiveis diligencias para penetrar o segredo da missão de lord Kinnoul, de modo a communical-o immediatamente para Paris. (*)

«E mais nada! E' incrivel!

—De maneira que o seu bello plano...

—Será posto em pratica por minha conta e risco, mal que eu saiba do ponta-pé inglez na corôa do rei e nas prosapias do conde de Oeiras.

«Com isso conto; mas, Cardeal, por quem é, o mais absoluto segredo.

—Como se fosse o segredo da minha suprema felicidade!

E ficaram os dois a devanear n'aquelle planeado desforço.

* * *

Era já em março. A poder de queixas e de instigações, o conde de Merle conseguira azedar o animo do duque de Choiseul, e a questão diplomatica tomava um caracter irritante, aggravada, de mais a mais, por outro conflicto com um corsario francez em Vianna do Minho.

(*) *Quadro Elementar*. Tom. VI. pag. 186.

Mas no dia 8 surgiram no Tejo tres navios inglezes de alto bordo: uma nau de 64 peças e duas fragatas.

Os curiosos correram aos cáes, á Ribeira, aos altos da cidade d'onde o rio se via melhor.

—Aquelles são os navios que trazem o lord embaixador—indicava com ares solemnes um pobre escrevente da secretaria dos negocios estrangeiros, que estava entre os curiosos do cáes de Belem.

E a noticia correu logo de bocca em bocca.

—Quem disse? Quem disse?—perguntaram a meia voz.

—Aquelle magrizela que está ali adiante—respondeu um dos espectadores.

—E elle saberá?—perguntou um incredulo.

—Ora! Assim eu soubesse onde estão escondidos os thesoiros da moirama!

E o informador accrescentou, explicando o assobio agudo e lento em que resumira a importancia official do escrevente:

—Aquelle bebe do fino! Escreve lá nas secretarias e, pelos modos, é quem apara as pennas ao D. Luiz da Cunha!

—Ah! Isso agora é outro cantar!—commentou um dos assistentes.

E d'ali a pouco já não havia encontro de pessoas conhecidas que não obrigasse a esta phrase, especie de estribilho de todos os cumprimentos:

—Então já ahi temos o embaixador inglez!

E os mais esmorecidos perguntavam logo:

—E virá para dar satisfação, como diz a gente do *Cabelleira*, ou para nos obrigar a fazer as vontadinhas aos mercadores inglezes, como elles proprios andam por ahi a alanzoar de ventas no ar, muito anchos, muito soberbões, como se trouxessem na barriga o lord embaixador?

Outros diziam com certo desvanecimento patriotico:

—Ah! se fosse para a satisfação, então sim, era uma coisa bonita! Até a gente havia de sentir o coração maior. Sempre regala saber que os grandes lá de fóra não fazem pouco d'esta nossa terra, pequena como é.

E houve curiosos de Alcantara e de Belem que, depois de estarem pasmados a olhar para os navios inglezes, foram dar a sua volta pela calçada da Ajuda e ficaram em grupos a pequena distancia do *paço das damas*.

Como se tivessem vontade de vêr o grande e terrivel ministro, como se no instincto da sua ingenua rudeza estivessem a adivinhar que, se havia homenagem á terra portugueza, só á energia d'aquelle extraordinario homem se devia de attribuir.

—Talvez o lord lhe venha fazer a sua visita—observou um dos do grupo mais proximo da casa do primeiro ministro.

—Isso sim! Aonde o inglez vae direitinho é ao paço real.

—Isso havemos de nós vêr. Olhe vocemecê que lá p'ros estrangeiros quem grimpa é aquelle sujeito da cabelleira grande. E' elle quem tudo manda!

E por ali se ficaram tempo esquecido a vêr se o lord inglez ia visitar o soberbo ministro de que elles, os rudes e sinceros plebeus, tinham, ao mesmo tempo, orgulho e medo.

* * *

Estamos a 21 de março. Ha já a certeza de que lord Kinnoul, par da Escocia, é o embaixador extraordinario que el-rei de Inglaterra encarregou de vir dar publica e solemne satisfação a el-rei de Portugal, por causa da questão de Lagos.

Os negociantes inglezes andam um pouco de orelha caida. O conde de Merle e o Nuncio hão de estar embaçados.

Na praça de Belem esperam o lord dois coches riquissimos da casa real e um regimento de dragões.

Pela calçada grande, uma extensa linha de tropas de infanteria; lá em cima, no largo da Ajuda, o regimento de cavallaria do Caes e uma guarda de honra de duas companhias de granadeiros

Multidão immensa pela margem do rio e apinhoada em volta da praça de Belem, ou comprimida atraz dos soldados pela calçada acima e no largo do paço.

Rodam para a Ajuda côches e carruagens de gala dos fidalgos e prelados da côrte.

A' porta do *paço das damas* está um côche da casa real e já montada a companhia

que constitue a guarda d'honra permanente do primeiro ministro.

—Estão á espera d'Elle—disse um dos curiosos da grande mó de povo que estanceava defronte.

—D'elle e da Condessa— accrescentou uma velhóta.

«Quem *havêra* de dizer! Eu ainda o conheci rapaz, um escala-favaes que andava de noite á pancadaria por aquellas ruas da cidade! T'arrenego!

—Ah! então vocemecê inda é do tempo dos *Capotes Brancos*?

—Ora! Já era casadoira. Aquillo foi um tunante!

—E, pelo que tenho ouvido contar, as raparigas pellavam-se por elle.

A velha tossiu n'um protesto de pudôr e resmungou philosophicamente:

—Louvado seja Nosso Senhor! As voltas que o mundo dá! Agora, se elle quizesse ser rei...

—Não precisa. E' tal qual, e só lhe falta a corôa em riba da cabelleira.

—Olhem, olhem, elle lá vem a sair.

A guarda de infanteria fez a continencia; os dragões perfilaram as espadas.

—Ainda é um perfeito homem!

—Olhem aquella cara d'elle! Parece que está mesmo a dizer: Aqui quem manda sou eu!

—E está bem de vêr que é. D'aquella fôrma ainda cá não veiu outro!

—Tomaram os inglezes um assim! Com o dinheiro e os navios e o poder que elles têem, fazia ahi tamanha terramotada no mundo que ia tudo razo!

—E a mulher vem toda fufia, que nem uma rainha!—observou a velhota.

Tomou para o paço o côche em que ia o conde de Oeiras.

Estrondearam as salvas no Tejo.

—Lá saiu agora o lord.

—*Tamem* já não é sem tempo. O conde de Avintes vi eu embarcar na galeota doirada ha mais de duas horas. Ia para acompanhar o lord.

—E os côches estão lá em baixo em Belem ha mais de hora e meia!

—Muito gostava eu de ouvir e perceber o que o inglez vae dizer a sua magestade na sua lingua de trapos.

—Eu já me tenho visto aos tombos com os marujos inglezes—disse um sapateiro de nariz muito rubro e capote constellado de remendos—quando elles tomam a sua turca, mas inda não fui capaz de aprender a lingua d'elles!

«Em algum se mettendo commigo lá pelas vendás, aparo-lhe os murros com esta móca, e, quanto mais elle berra na sua lingua de pato marréco, mais eu lhe vou chegando e dizendo o inglez que sei de ouvido: *Olrraite*. (*)

«E a móca n'uma dobadoira!

Foi uma risota pegada.

* * *

Magnificente a sala do throno. A côrte, um deslumbramento de oiro e pedrarias!

El-rei, com o seu manto de lhama de prata e bordaduras de oiro e pedras; ao peito a cruz da ordem de Christo, refulgente de brilhantes. Ao lado do throno, entre os grandes do reino, o conde de Oeiras, soberbo, inconfundivel, a grande cabelleira como juba leonina da sua extraordinaria figura.

Parecia maior, tinha mais energia a expressão do seu rosto, como que havia triumphaes fulgôres no seu olhar dominadôr.

Mas os velhos odios tambem lá estavam dentro e mal se reprimiam n'uma expressão de fria e artificiosa indifferença.

Leve movimento de curiosidade. Era introduzido solemnemente o embaixador extraordinario do rei de Inglaterra.

Lord Kinnoul encaminhou-se para o throno, fez as saudações da pragmatica e, logo que el-rei lhe indicou que podia falar, disse em francez:

—Magestade! Tenho ordem do Rei da Grã-Bretanha, meu augusto amo, de declarar a Vossa Magestade Fidelissima que Sua Magestade zela muito os direitos dos soberanos, e em particular os respeitos devidos á honra da corôa de Portugal, motivo pelo qual soube com grande desgosto do incidente imprevisto e desagradavel acontecido junto de Lagos.

«Estes sentimentos de Sua Magestade lhe foram sufficientes (apesar de quaesquer duvidas que se lhe podessem apre-

(*) O sapateiro aprendêra de ouvido a locução ingleza *All right*, que empregava a torto e a direito, por lhe não saber a significação.

sentar) para me encarregar d'esta missão extraordinaria junto de Vossa Magestade Fidelissima, com o fim de desapprovar em nome de Sua Magestade Britannica tudo quanto no calôr da acção tivesse podido fazer a mais pequena offensa ás immunidades da costa de Portugal, como inteiramente opposto ás suas régias intenções, das quaes um dos assumptos mais serios tem sido e será sempre o de conservar inviolavelmente a mais estreita amisade entre a sua corôa e a de Portugal.

«E' para este fim, Real Senhor, e pelos motivos de uma distincta affeição, que o Rei, meu amo, considéra como um prazer o dar a Vossa Magestade este patente testemunho da sua sinceridade e da extensão dos seus respeitos para com vossa real pessoa, bem como de sua attenção particular á vossa corôa.

«Tenho, além d'isto, Real Senhor, as mais rigorosas ordens de assegurar a Vossa Magestade que foi muito viva a sensibilidade com que o Rei, meu amo, foi commovido por causa dos factos acontecidos em vossos estados, os quaes para nada mais serviram senão para patentear cada vez mais a toda a Europa a magnanimidade e sabedoria de Vossa Magestade.

«A carta que tenho a honra de apresentar a Vossa Magestade confirma taes sentimentos do Rei, meu amo, os quaes eu acabo de expôr mais desenvolvidamente a Vossa Magestade, bem como a sua completa confiança na amisade reciproca de Vossa Magestade, da qual a experiencia lhe tem subministrado tantas provas. (*)»

Visivelmente satisfeito, el-rei recebeu a carta do soberano inglez e disse palavras affectuosas de pessoal apreço ao embaixador e de congratulação pelas boas relações de amisade entre as duas corôas de Inglaterra e de Portugal.

D. José falava a lingua franceza com notavel facilidade.

Os olhares do conde de Oeiras abarcaram de um relance a nobreza primacial da côrte e o alto clero.

Como que lhes queria dizer:

—Aqui está a homenagem em que ninguem queria acreditar. De tão grande potencia não a receberam maior os reis que tinham em volta de si heroes em vez de conspiradores, almirantes que avassalavam mares, conquistadores que subjugavam imperios.

«Isto vale immensamente mais que as embaixadas dos rajahs espavoridos. Em honra da sua terra alguma coisa tem conseguido o odiado *Sebastião José!* (*)

* * *

O embaixador extraordinario retirou do paço com as honras e solemnidades devida á sua elevada categoria.

Era manifesta a expressão de enternecido orgulho patriotico em quantos sabiam comprehender bem a significação d'aquella homenagem.

Portugal, a patria de tão escasso poder, não era afinal uma servil feitoria que a soberba Inglaterra escarnecesse nos deslumbramentos da sua grandeza, da sua opulencia, dos seus triumphos.

Não; em vez d'esse desdem que tantos amarguradamente receavam, a homenagem especial em que tão poucos ousavam crer. O preito da força quasi omnipotente ao direito representado por uma das mais estreitas nacionalidades nos mappas do mundo, embora das mais preclaras nas apothéoses da historia.

Era summamente consolador para esta gloriosa pequenez, que tamanhos destinos tivéra no mundo e tão rudes infortunios experimentára decahida.

Até os pessimistas de escola e os maldizentes de officio, até esses sentiam no coração o santo desvanecimento que propositadamente occultavam na frieza artificiosa das palavras.

A guarda de honra dos granadeiros não retirára logo á saida do embaixador.

Commandava-a o capitão Jorge Gustavo, que mandára pedir as ordens de el-rei.

(*) *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, traduzidas do inglez por J. M. da Fonseca e Castro. Pag. 146, 147 e 148.

(*) «A firmeza com que o seu braço jámais desfallecera para vibrar perigosos golpes ao Vaticano não afrouxou quando o contendor era um governo temido e arrogante, o qual podia n'um momento povoar com as alterosas naus de suas esquadras o porto de Lisboa e volver em hostilidade a alliança immemorial. (*Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho, tomo I, pag. 68.)

Tinha acabado de receber ordem para retirar, quando o primeiro ministro saía do paço.

Fez-lhe a continencia da ordenança.

Olhos rasos de agua, espada abatida, o moço capitão dizia comsigo, commovidamente:

—Apezar de tudo, um dos maiores homens da nossa raça!

* * *

N'esse mesmo dia recebeu o conde de Oeiras as felicitações de alguns homens eminentes da côrte.

Entre os seus visitantes de mais calorosos e amaneirados louvores, o bispo D. João Cosme da Cunha, o Tavora ambicioso e renegado, o mais servil cortezão do ministro omnipotente.

Ao anoitecer, entre os ultimos, dois amigos lealissimos.

—Conde; os velhos amigos não podiam faltar.

«Aqui nos tens.

—Paulo de Mendonça! Damião de Castro! —exclamou o conde de Oeiras enternecidamente.

—Os d'outro tempo, os que não mudaram, os que veem abraçar-te n'este soberbo dia da tua historia.

«Eu falo pelos dois. O mais commovido é este santo monge. Talvez não tenha animo de te dizer o que sente, mas eu vi-o chorar, Sebastião de Carvalho. Deixa que te chame assim, como ha trinta e tantos annos.

«Chorou, sou eu que o denuncio; chorou quando lhe disse que o maior portuguez dos nossos tempos conseguíra dar ao prestigio da terra portugueza o que nem talvez uma grande batalha vencida poderia dar-lhe!

—Sebastião de Carvalho!—disse Damião de Castro como se estas duas palavras lhe saissem n'um soluço.

—Os meus dilectos amigos, os meus velhos amigos!

E abraçou-os calorosamente.

—Estou bem pago dos receios, das minhas enormes torturas de longos mezes!

«Se o menosprezo de uma grande nação caisse como brutal affronta sobre esta terra portugueza, a minha vida politica estaria miseravelmente acabada, ou arrastaria Portugal a uma aventura de morte.

«*Impio*, digam-no embora os difamadores; *tigre sanguinario*, que m'o chamem, e sei que chamam, esses que me odeiam ou que não comprehendem as duras exigencias da minha tarefa.

«Ministro covarde que deixa a patria de rastos aos pés do estrangeiro, isso nem os calumniadores de mais profundo odio terão animo de me chamar.

«Isso nunca!

—Mentiriam sacrilegamente!—disse energicamente Paulo de Mendonça.

—Seria uma falsidade monstruosa!—accrescentou Damião de Castro.

—Mas olha, Conde—disse Paulo de Mendonça. Eu venho em maré de denuncias. Falei ali fóra com alguem que te queria vir felicitar e não tem animo de o fazer.

—Mas, porquê? Eu recebo toda a gente!

—Acanhamento. Se visses a alegria infantil, o orgulho com que elle me disse, com seus ares de grande novidade, que se não fosses tu não vinha cá o inglez dar satisfações a el-rei!

—Mas de quem se trata?

—De um amigo. Se dás licença, vou eu chamal-o para t'o apresentar.

—Pois não. Mas não te incommodes. Conhecel-o tu e tanto basta. Chama-se um creado e manda-se entrar.

—Não, não. Deixa-me o prazer de t'o apresentar.

E Paulo de Mendonça foi abrir a porta.

—Manuel Bento—chamou. O sr. Conde dá licença que venha felicital-o.

E o velho creado lealissimo entrou hesitante, muito enleado.

—Conde de Oeiras—disse Paulo de Mendonça—aqui está um amigo dos que não mudam.

—Valha-me Deus!—murmurou o velho creado como se estivesse pregado ao soalho.

«Meu amo, v. ex.ª queira perdoar... este atrevimento...

—Perdoar-te o quê, meu velho amigo! —exclamou o Conde sob a impressão d'aquella enternecedora surpreza.

«Vem cá, Manuel Bento. Querias felicitar-me e eu agradeço-t'o n'um abraço.

«Vamos; porque hesitas?

—Um rustico, um creado a abraçar v. ex.ª!...

—Um amigo é que é—replicou o Conde, indo para elle e levantando-o nos braços.

—Muito obrigado a v. ex.ª—titubeava o Manuel Bento fundamente perturbado. Já nunca mais torno a ter outra hora assim na minha vida!

—Compara a este, que mal poude falar, aquelle teu recente amigo, muito palavroso, o que saíu d'aqui quando nós entravamos, o bispo o Tavora renegado. Esse ha de ser amigo até um dia; este, o velho Manuel Bento, até á morte.

O velho creado

«Com sua licença...

E foi saindo lentamente, as pernas a vergarem-se-lhe, os olhos no chão, como envergonhado de que o tivessem visto abraçar o amo.

Paulo de Mendonça estava dizendo baixo ao Conde:

«Lê-o a gente no rosto e no olhar de cada um d'elles.

E lá fóra da porta o Manuel Bento enxugava os olhos ás costas das mãos.

—Não é por ser meu amo, mas é um portuguez de lei!

XIX

O NUNCIO EXPULSO

Tinham continuado as lévas de jesuitas para a Italia. Ao brigue *S. Nicolau* seguira-se o brigue *S. Boaventura*, que transportára cento e vinte dos padres desterrados.

Depois outras, e com os do reino os que vinham chegando do Brazil, das possessões d'Africa e do Estado da India. E de todas estas procedencias sempre embarcados de noite, conforme as determinações expressas do conde de Oeiras.

As negociações diplomaticas por causa da questão de Lagos haviam tomado um caracter grave e chegaram a tornar provavel um rompimento com a França.

O embaixador conde de Merle proseguia indefesso na sua tarefa de intriga contra o primeiro ministro portuguez, e timbrava em alardear a sua intimidade com Acciajuoli, já muito mal visto no paço, onde a influencia omnipotente do conde de Oeiras lhe vedára a entrada com a mesma dureza com que o havia banido das suas relações diplomaticas e de caracter pessoal.

De tudo se aproveitava o conde de Merle para apoucar e escurecer a iniciativa e os meritos do primeiro ministro de Portugal.

Até o accusava da vaidade de não querer empregar senão portuguezes na direcção dos novos estudos que havia creado e accentuava os embaraços que o conde de Oeiras encontrava na realisação do seu pensamento, pois faltavam no paiz os homens de competencia para o ensino escolar. (*)

Parecia-lhe digno de censura que as aulas estivessem fechadas á espera de que o ministro encontrasse compatriotas seus que as regêssem ou chegasse ao convencimento de que lhe era indispensavel contratar professores estrangeiros!

Parecia-lhe erro deploravel precisamente uma das mais altas qualidades do grande ministro—a de fervoroso patriota, que só recorria á cooperação estrangeira na sua obra reformadora, quando absolutamente lhe era impossivel encontrar collaboradores portuguezes!

O que valia era que ao duque de Choiseul muito mais o impressionava o facto da França não ter obtido ainda um tratado de commercio que lhe assegurasse quinhão nas riquezas commerciaes do Brazil do que a rancorosa insistencia do embaixador nas censuras ao Conde.

Ia-lhe recommendando sempre que empregasse as mais constantes diligencias para facilitar as negociações do appetecido tratado, que daria á França uma partilha nos quantiosos lucros até ali colhidos pela Inglaterra e pela Hollanda.

Entretanto, as instigações do amigo intimo do Nuncio eram taes que Choiseul o foi consolando com dois despachos energicos, ambos do mesmo mez em que chegára a Lisboa o embaixador extraordinario da Grã-Bretanha.

No primeiro lhe dizia Choiseul que tivéra com o encarregado de negocios de Portugal em Paris uma conferencia em que «se queixára altamente e como convinha a el-rei de França da indecencia com que o conde de Oeiras havia recusado attender as representações d'elle embaixador.»

Accrescentava Choiseul, «que havia significado ao representante de Portugal que

(*) *Quadro Elementar*. Tomo IV, pag. 187.

mandasse dizer á sua corte que, se n'ella se não tivesse a contemplação que se devia ao caracter de que elle, conde de Merle, se achava revestido, e que, se não desse a el-rei de França uma publica e cabal satisfação sobre os dois navios tomados pelos inglezes, Sua Magestade Christianissima daria as providencias mais efficazes para que lhe fizessem justiça». (*)

Parecia um *ultimatum* desfechado contra as arrogancias do conde de Oeiras, e era apenas um calmante para as impaciencias bellicosas do conde de Merle.

O embaixador havia de ter ficado satisfeitissimo, de parceria com o seu amigo Acciajuoli.

O ministro de genio *aspero e imperioso*, que se não queria dobrar deante da Curia, rojar-se-hia a tremer perante a França ameaçadora.

Enumerando as razões de queixa da França, o Duque dizia ameaçador: «que a pouca consideração que os ministros portuguezes mostravam pela pessoa do embaixador da França, e os mais procedimentos indecentes para com elle conde de Merle praticados, já se não podiam dissimular, nem tolerar; que El-rei de França devia á sua propria dignidade, e ao caracter de que houvérá por bem revestil-o, dar a corte de Lisboa alguma mostra do seu resentimento.»

Até esta altura do segundo despacho, Merle, radiante de orgulho, teria pensado:

—Optimo. Já não careço de mais para dirigir um *ultimatum* esmagador ao insolente ministro. Esta não é a questão com Acciajuoli.

Mas faltava o resto do despacho, e esse pode resumir-se d'esta forma:

«Que, todavia, antes de lhe enviar as ordens terminantes sobre aquelle assumpto, tinha determinado esperar pelo effeito que podiam produzir a Memoria que elle embaixador havia enviado a D. Luiz da Cunha, e a que elle Duque havia entregado a Mr. Salema, e que este havia mandado á sua côrte por um correio extraordinario.» (**)

—Ainda hesitações! — exclamára o embaixador, furioso com este final do despacho. Ainda uma vã ameaça para ficar inutil no archivo da embaixada!

«Chego a não comprehender similhantes branduras!

«Para isto, para estas fraquezas, para esta vergonha, era melhor e mais digno fechar a embaixada e bastaria um consul para aturar as grosserias do ministro prepotente.

«De modo que para as antipathias e desdens do valído da Ajuda aqui esta irmanado com o Nuncio o embaixador do poderoso rei de França!

«E tudo isto ha de ficar sem condigna satisfação!

Foi talvez esta a mais segura prophecia que o conde de Merle fez durante a sua carreira diplomatica.

* * *

O conde de Oeiras acabava de entrar na camara de el rei D. José. Vinha de sombrío parecer. Ajoelhado beijou a mão do rei, como era da pragmatica, e esperou que elle o interrogasse.

—Conde, levanta-te. Porque vens de tão carregado parecer?

—Porque a augusta pessôa de vossa magestade e o seu ministro em Roma foram escandalosa e torpemente ludibriados pela má fé do secretario de estado de Sua Santidade!

«Estão rotas as negociações com a Curia. Será inevitavel o completo rompimento de todas as relações com a Santa Sé.

«A hypocrisia teve de curvar-se ante as legitimas exigencias de vossa magestade; mas mentiu aos compromissos que tomou e commetteu uma repugnante falsificação, d'essas que entre os particulares são um crime para levar á cadeia ou ao patibulo, e entre os estados uma felonia que impõe o rompimento ou a guerra.

—Estou a ver que Francisco de Almada praticou alguma das suas imprudencias!

—Não praticou, meu senhor. Já tive a honra de informar a vossa magestade como depois de longas e laboriosas negociações Francisco d'Almada obteve de Sua Santidade a promessa de lhe ser enviado um breve, que satisfizesse as legitimas reclamações

(*) Extracto do despacho, conforme vem a pag. 213 e 214 do tomo VI do *Quadro Elementar*.

(**) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 215.

do seu augusto amo, e de todo substituisse o inadmissivel breve *Dilecti Filii*, devolvido ao Nuncio, repellido para Roma como offensa attentatoria dos direitos soberanos de el-rei de Portugal.

«Mas a excellente memoria de vossa magestade talvez não tenha bem presente o modo como Francisco de Almada dirigiu as negociações, e eu peço licença para resumir esta nota em que os factos veem claramente apontados.

E o conde de Oeiras abriu uma nota que havia tirado da pasta.

—Se vossa magestade permitte...

—Dize.

—Sua Santidade estava fóra de Roma, no campo, quando Francisco d'Almada recebeu a nota em que vossa magestade fazia saber ao chefe da Igreja que mandára devolver ao Nuncio o Breve inadmissivel e se considerava profundamente offendido com o procedimento de Acciajuoli e do cardeal Torregiani.

«Francisco d'Almada recebeu instrucções terminantes para reclamar outro Breve. A'quelle que se recambiára por indecoroso nem modificado o acceitaria vossa magestade. Ou outro, conforme fôra pedido, ou nenhum.

«A este tempo, meu senhor, havia vossa magestade expulsado os jesuitas dos seus estados, e a noticia chegou ao conhecimento do Summo Pontifice pela informação escripta de Acciajuoli e pelas queixas verbaes de Torregiani e de Lourenço Ricci.

«Nem tinham sonhado sequer que o poder e o animo de vossa magestade chegassem para tanto!

«Para elles, o assombro e a lastima foram ainda maiores que a propria surpreza!

«A régia mão, que suppozeram submissa e tremente, alavava a Companhia duas vezes secular sobre os seus alicerces atulhados de oiro, sobre os seus pedestaes feitos de thronos, o solio pontifical como primeiro degrau do collegio de *Gesù*.

«Para a derrocada havia alguem mais forte do que o chefe da christandade e o Papa de roupêta. Era vossa magestade, meu senhor.

«Tremeram de espanto; mas era de esperar que disfarçadamente intentassem a lucta em favor da Companhia contra el-rei de Portugal.

«Francisco d'Almada esperou que o Pontifice regressasse do campo para lhe solicitar audiencia e apresentar então a nota feita em nome de vossa magestade

«Regressou Sua Santidade. Almada pediu-lhe audiencia e só a obteve graças aos bons officios do embaixador da Austria em Roma.

—Sim, d'isso me informaste. Recordo-me perfeitamente.

—Sua Santidade estava subjugado pelas suas sympathias pessoaes e pelos ruins conselhos de Torregiani e de Lourenço Ricci.

«Recebeu o ministro de vossa magestade e leu a nota que rejeitava por indecoroso o breve *Dilecti Filii*.

«Informou Francisco de Almada que durante a leitura o Summo Pontifice uma vez se interrompeu para observar:

—Deus sabe as difficuldades que tive de superar para comprazer com el-rei de Portugal.

«Esta observação encheu de extranheza a Francisco de Almada, que terminou a audiencia communicando-lhe, por ordem de vossa magestade, que mais nenhuns negocios trataria com o secretario d'estado Torregiani.

«Sua Santidade pareceu surprehendido e embaraçado e apenas respondeu friamente:

—Farêmos o que Deus nos aconselhar.

—Magôa-me que as circumstancias me obriguem a ser desagradavel ao Supremo Pastor! — observou o rei tristemente.

—E maior magua ainda, meu senhor, por se estar vendo que o chefe da Igreja mais se inclina para o Geral da Companhia do que para o soberano Fidelissimo, cujos estados com tanto sangue, tanto esforço e tanto oiro contribuiram para exalçar o christianismo e tornar mais poderosa a Santa Sé de Roma!

«Se vossa magestade concede que eu continue...

—Continúa.

—Francisco d'Almada appellou então para as negociações secretas e *entendeu-se* com os cardeaes Corsini e Spinelli. A Com-

panhia fizera coisa similhante e *entendia-se* com outros cardeaes. (*)

«Sua Santidade respondeu ao cardeal Corsini:

—Queremos ouvir a congregação do Santo Officio; a gravidade d'este negocio não nos permitte proceder sem o parecer preliminar d'esta corporação.

«Era um expediente diplomatico. A congregação do Santo Officio, onde não tinhamos parciaes, deu um parecer que estava previsto. Respondeu que o Breve não podia ser redigido d'outra forma e que a *concessão unica* a fazer a vossa magestade seria encarregar outro cardeal, que não fosse Torregiani, de iniciar novas negociações acerca do desacordo entre as duas corôas!

—D'isso não sabia eu! Não me tinhas falado de tal!

—Meu senhor, Francisco d'Almada só me tinha referido a substituição de Torregiani, certamente para que a informação completa do facto me não viesse exasperar contra uma similhante audacia, offensiva do prestigio e da suprema soberania de vossa magestade.

—Mas as negociações continuaram!

—Continuaram, meu senhor. Almada dirigiu outra memoria a Sua Santidade defendendo a antiga prerogativa pela qual as lettras pontificias não podem correr n'estes reinos sem o *placet* do soberano.

«E n'este ponto ainda Francisco d'Almada excedeu a moderação de que eu o suppunha capaz, guardando-se de me dar conta de um insolito despacho que recebeu do cardeal Torregiani e que tem todo o feitio ousado de um *ultimatum*.

—Mas Torregiani estava posto de parte n'essas negociações.

—Assim era, meu senhor, e por isso maior ousadia no seu procedimento.

«Tenho aqui apontadas umas palavras textuaes de Torregiani. Dizia assim o amigo da Companhia, o parente de Lourenço Ricci:

«Os sentimentos de Sua Santidade para com os jesuitas são invariaveis. Nem a sua consciencia nem o seu dever lhe permittem que os altere.»

—Sêcca e rude!

—Elle se arrependerá da audacia, se vossa magestade quizer. E, com elle, quem lhe tem dado apoio.

«Eu continúo resumindo. Por intermedio do cardeal Corsini apresentou Almada um projecto para outro Breve. Sua Santidade mandou-lhe um contra-projecto por via do cardeal Cavalchini.

«Concedia tudo o que se reclamára, mas impunha esta clausula humilhadora: o presidente do tribunal da *Meza da Consciencia e ordens* seria um ecclesiastico nomeado em Roma!

—Isso de modo nenhum!

—Foi o que Francisco d'Almada entendeu, e rejeitou o contra-projecto por affrontoso da dignidade e dos direitos de vossa magestade. Era uma porta aberta por onde podia voltar a tutela de Roma.

«Sua Santidade cedeu em tudo, menos em considerar o Breve uma substituição completa do anterior. Almada insistiu em apagar qualquer referencia ao breve *Dilecti Filii*, e o Summo Pontifice transigiu afinal.

«E tanto parecia sincera esta transigencia, que o proprio Pontifice disse tristemente a Francisco d'Almada estas palavras que apontei aqui do ultimo officio do representante de vossa magestade:

«*O Papa cedeu em todos os pontos, até n'aquelle que mais interessava á sua dignidade; só o ministro de Portugal em nada cedeu!*

—Muito bem.

—Perdão, meu senhor. Muito mal é que foi.

(*) «A côrte de Roma, á similhança da bocca do homem n'uma fabula celebre, soprava o calor e o frio, segundo o desejo dos mercadores que iam negociar n'aquelle balcão das consciencias. Oiro! oiro! eis o que em Roma se pedia tanto no seculo XVI como no seculo XVIII, diamantes para os cardeaes, eis os meios de negociações que Henrique de Menezes e D. Pedro Mascarenhas pediam a D. João III, que Francisco d'Almada pedia ao conde de Oeiras.

«Aquelles impluravam uma atrocidade, a concessão do tribunal do Santo Officio, este implorava uma medida justa e benefica, a suppressão de uma Companhia, cujos resultados funestos em toda a parte se faziam sentir, mas esses dois fins nenhum d'elles o conseguia senão derramando oiro aos punhados, como D. João V tambem fizéra para obter as frivolidades da Patriarchal, da bolsa insaciavel da Curia Romana».

(Pinheiro Chagas—Historia de Portugal).

«Recebi um correio urgente de Francisco d'Almada dando-me conta em poucas palavras do seu difficil triumpho e perguntando-me se podia ser acceito o novo Breve.

«Vossa magestade estava em Villa Viçosa, o Breve era conforme a sua real vontade, a resposta urgia, para chegar antes que novos tramas podessem annullar aquella victoria diplomatica, e mandei-lhe responder que o acceitasse.

—Fizeste bem, mas não te lembraste de m'o dizer!

—Tive o presentimento vago de alguma astucia e quiz evitar a vossa magestade a decepção de qualquer falsa surpreza. Era meu intento vir depôr nas régias mãos, como irrecusavel testemunho de um triumpho, esse Breve que tanto custára a conquistar.

—E então, depois das palavras de Sua Santidade, da sua solemne promessa...

—Foi vossa magestade ignobilmente trahido por uma falsificação de torpe má fé, a que já tive a honra de alludir, quando vossa magestade estranhou o meu parecer e se dignou interrogar-me.

—Explica-te—ordenou o rei levantando-se.

—O Breve que mandaram entregar a Francisco d'Almada não era o que fôra tratado com o Pontifice!

«Era o contra-projecto do cardeal Cavalchini, o que ampliava aquelle que fôra rejeitado, o que impunha á *Meza da consciencia* um presidente nomeado em Roma!

—E' espantoso!

—Nem na diplomacia de Marrocos, meu senhor! Não tem precedentes.

«Francisco d'Almada repelliu indignado aquelle documento de requintada má fé e rompeu as negociações. Mas isto não basta para tamanha offensa.

—Então o que se ha de fazer?!

—Com outro estado, seria a guerra inevitavel, fossem quaes fossem as consequencias.

—Mas com a Santa Sé!

—Póde vossa magestade insistir pela saída do Nuncio, ou, á primeira nova razão de queixa, expulsal-o. (*)

«Com a Curia nenhumas negociações, sem uma satisfação condigna. O rompimento absoluto parece-me inevitavel.

—Sempre complicações!

—O Nuncio é um agente da Companhia e um espião de Torregiani.

—Não bastava essa questão espinhosa com a França, que nem eu sei em que dará!

—Por essa, meu senhor, não se afflija vossa magestade. Com boas palavras de parte a parte se ha de resolver, sem maior perigo. Tenho razões para saber que o duque de Choiseul se contenta com lembrar a questão de tempos a tempos e mandar notas bravas, para consolo e uso particular do conde de Merle, o grande amigo de Acciajuoli.

«São dois intrigantes do corpo diplomatico que muito convirá pôr fóra de Lisboa na primeira occasião opportuna.

«O perigo, meu senhor, o perigo que eu estou antevendo, não virá da questão de Roma, nem da questão de Lagos.

—Então de qual?

—Da questão das allianças politicas por causa da guerra europêa. Quando a Hespanha e a França se convencerem de que vossa magestade, nem é capaz de atraiçoar a Inglaterra nem quer afastar-se da attitude neutral que tomou, então a guerra será talvez inevitavel.

«D'aqui a alguns mezes ou d'aqui a alguns annos, ninguem o póde dizer, mas é preciso contar com ella.

—Guerra contra quem?

—Contra a Hespanha, contra a França, talvez contra as duas, e vossa magestade forçado a tomar a causa da Inglaterra.

—Conde, longe vá o teu agoiro!

—A minha facil previsão. Descobre-se em mil coisas que parecem insignificantes.

«A França está cada vez mais encostada á Hespanha, sabem as duas o que nós podemos valer hostís á Grã-Bretanha, e hão de querer arrastar-nos contra o inglez victorioso.

(*) Em 29 de maio de 1760 fôra dirigida ao plenipotenciario de Portugal em Roma uma Proemoria solicitando a Sua Santidade que, sem perda de tempo, mandasse sair de Lisboa o nuncio Acciajuoli.

Vidé *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano. Tomo I, pag. 421.

—E já tinhas pensado n'essa calamidade?

—Já, meu senhor, e com profunda magua, porque havera de ser interrompida a obra reformadora de Portugal, esta abençoada obra de vossa magestade, emquanto nos preparámos para essa guerra.

—E com que recursos contas? Conde, com que recursos?!

—Hão de apparecer, meu senhor, e muito em segredo os heide ir preparando, se vossa magestade m'o permittir.

—Que remedio, se te parece proxima essa desgraça! Bem sabes como confio em ti.

—Mercê generosa de vossa magestade, que eu não posso esquecer na ancia de me tornar bem digno d'ella.

«Será preciso fazer enormes sacrificios, mas os soldados de vossa magestade não irão arrastados atraz da Hespanha ou da França. Hão de ser o que sempre foram; o sangue responde por elles; Portugal sabera defender-se como nos maiores dias da sua gloria antiga.

Muito apprehensivo, D. José envolveu o seu prodigioso ministro n'um olhar de immensa admiração.

Parecia-lhe uma figura lendaria, antiga, no disfarce e no contraste dos trajes do seu seculo.

* * *

Passaram dias. Entrêmos em casa do Conde.

—Então, D. Luiz da Cunha, o embaixador francez está mais macio?

—Nem parece o mesmo!

—Eu logo vi. Isso mesmo esperava já quando lhe pedi umas palavras blandiciosas para o homem e o aconselhei a dar um jantar diplomatico em que lhe fizesse calorosas saudes.

«Ficou perdido de orgulho e quasi esquecido da *tremenda* questão de Lagos.

—Muito lisonjeado, muito reconhecido. Já teve até a franqueza de me declarar que nunca em Portugal fôra tratado como agora; mas de vez em quando, volta a instar pela entrega dos navios...

—Que foram queimados; já sei.

—Allega então que em tal exigencia se limita a reproduzir as energicas e constantes reclamações de Choiseul.

—Deixe-o falar. As energias são d'esse Conde pavão, que a França teve a má ideia de mandar para cá. Fala assim agora porque a sua vaidade esta empavezada, mas tomára elle que as coisas se complicassem para regalo do seu grande amigo Acciajuoli, a quem confiou o patrocinio de certa pretenção que tem em Roma, em beneficio de um seu irmão. Sei tudo.

«Olhe, D. Luiz. Aqui estão uns apontamentos bem recentes do *Gabinete de abertura*.

«Já hontem lh'os quiz mostrar. Veja.

«Um officio do conde de Merle para o seu governo. Diz varias coisas que pouco importam para o nosso caso. Até fala da queda que eu dei e da visita que me fez. Confessa que o embaixador inglez *pediu muitas escusas de quanto havia succedido em Lagos e fizéra grandissimos protestos de amisade da parte de el-rei, seu amo, a el-rei de Portugal.* (*)

«Exagerado até no que lhe é desagradavel a elle!

«Olhe este officio, este diz-lhe respeito quasi todo. Repare n'este trecho. Veja o effeito do jantar que lhe offereceu.

O ministro dos negocios estrangeiros leu:

«Que D. Luiz da Cunha déra um grande jantar ao corpo diplomatico, no qual todas as saudes reaes foram dirigidas a elle embaixador em presença dos embaixadores de Inglaterra e de Hespanha, concluindo que tivéra todas as distincções e preferencias que podia desejar (**)

—Veja como elle ficou desvanecido com as saudes! Até se esqueceu dos navios do pobre almirante de la Clue! Muito se havia de ter rido para dentro o embaixador inglez!

«Olhe, este officio é importante. Veja. Diz que os negociantes inglezes fizeram ao embaixador lord Kinnoul uma representação sobre o estado do seu commercio em Portugal, representação que este diplomata acolhêra com frieza, declarando-lhes que nenhuma ordem trazia para tratar de tal assumpto. (***)

—Parece deprehender-se d'ahi—observou D. Luiz da Cunha—que o proprio conde de Merle está convencido de que lor-

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 217.

(**) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 221.

(***) Idem, pag. 224 e 225.

Kinnoul veiu sómente para dar satisfação a el-rei.

—E não para attender os mercadores inglezes e fazer exigencias a Portugal, como a principio se espalhou e o conde de Merle repetiu em officios para o seu governo. Tem por isso particular importancia esse trecho extractado.

«Ainda ácerca da satisfação, que muitos maldizentes andam por ahi a deprimir, aqui tem este extracto de um despacho de Choiseul.

—E é bem recente—observou D. Luiz da Cunha, começando a ler:

«Que as desculpas que o embaixador de Inglaterra havia apresentado a el-rei D. José sobre a violação das aguas territoriaes de Lagos podiam ser reputadas por aquelle soberano como uma satisfação publica do insulto que tinha sido feito á sua pessoa...

—Essa é para nós a parte fundamental —interrompeu o conde de Oeiras. O resto trata da restituição dos *navios queimados* ou de uma indemnisação correspondente.

«Está servido. Isso é questão que em diplomacia ha de ficar na classe das caturrices mansas.

«Satisfação pelo caso do corsario francez em Vianna, perfeitamente; exonera-se o tenente do forte, que não cumpriu o seu dever. Agora pelo outro caso da *polaca* franceza, perseguida pelos navios inglezes, nenhuma satisfação devemos á França e nenhuma lhe dará el-rei.

—Mas a proposito d'estas copias e extractos do *Gabinete de abertura*—disse D. Luiz da Cunha—lembro a necessidade de recommendar mais cautela no modo de abrir a correspondencia. O conde de Merle já se me queixou de ter recebido despachos com evidentes signaes de terem sido abertos.

—Pois sim; recommenda-se mais cautela. Entretanto, como em Madrid se faz coisa identica, responda-lhe que a violação se haverá feito na Hespanha.

«Não é uma hypothese calumniosa, e sempre é uma resposta.

«Vá o collega entretendo o embaixador francez com boas palavras, até que se possa conseguir que o chamem a Paris.

—Elle já pediu ao seu governo para saír de Lisboa

—Bem sei; mas eu desejo mais; desejo o exonerado de embaixador em Portugal, e ha de conseguir-se.

«Entretanto não será mau offerecer-lhe outro jantar e fazer-lhe mais saúdes.

«Vê-se que é o fraco d'aquelle estupendo embaixador!

«Até Choiseul ficou satisfeito com os mimos feitos ao conde de Merle! Olhe. Aqui tem a prova n'este extracto do ultimo despacho enviado por elle ao seu *grande diplomata* em Lisboa.

D. Luiz da Cunha leu:

«Que tendo el-rei de França concedido licença a elle embaixador para voltar a Versailles, teria convertido essa licença em ordem expressa de se retirar, se elle embaixador houvesse continuado a experimentar o tratamento pouco decoroso de que se queixava, por parte dos ministros de Portugal; porém, que via com satisfação o que entre elle embaixador e D. Luiz de Cunha se havia passado e d'ahi conclue que devia tratar de ganhar a amizade dos ministros portuguezes, evitando cuidadosamente qualquer apparencia de querer ingerir-se em quanto tenha relação com a administração interior do reino.» (*)

—Ora ahi tem a prova, meu caro D. Luiz —disse o Conde sorrindo.

«A questão primacial era essa das boas palavras e das calorosas saúdes. A outra, a da *restituição dos navios queimados* é apenas secundaria.

«Se o conde de Merle seguir o conselho de Choiseul, teremos ali um amigo de Peniche, sem offensa para a terra, e cada vez que elle se lembrar da esquadra que Boscawen destroçou, lembre-lhe o collega as saúdes que lhe fez.

D. Luiz da Cunha riu do gracejo.

—Bem. Agora tratêmos de coisas mais graves. Prevejo que não conseguirêmos manter o paiz neutral, se a guerra se prolongar, como creio.

«Estou juntando dinheiro para mandar comprar no estrangeiro as armas e munições de guerra que nos faltam. Mas por óra debaixo do mais inviolavel segredo.

«D'aqui por deante será destinada aos

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 227 e 228.

aprestos de guerra uma parte do oiro que nos traz do Brazil a *nau dos quintos*.

«Bem me custa, ou antes bastante pésa a el-rei e a mim me custa por elle, que vá ter similhante destino esse oiro que sua magestade tinha destinado para dar protecção as fabricas, para crear outras, para augmentar e melhorar as escolas, para acudir ao definhamento da lavoira.

«Emfim um dia sera. Está primeiro a honra.

«E Portugal não ficará abatido aos pés de ninguem.

«A quanto chega o numero de soldados que temos?

—A quasi dezoito mil.

—Pouco. Mas quando eu entrei para a secretaria d'estado que está a seu cargo, pouco mais haveria de dez mil.

«Precisamos de preparar as coisas para poder levar á fronteira quarenta a sessenta mil homens.

—Isso nunca em Portugal se conseguiu com tropas de primeira linha!

—Bem sei; mas ha de conseguir-se. E a minha pena é que tenhamos de recorrer a generaes e officiaes estrangeiros, como teve de fazer o Castello Melhor no ultimo periodo das guerras da Restauração.

«Com os soldados conto eu, mas é preciso encontrar quem os ensine e discipline. A guerra já não é como no tempo de Aljubarrota.

«Já não basta o animo que nos tornou famosos no mundo; é indispensavel a arte e o saber, em que nos deixámos atrazar.

«Os homens hão de saber morrer, mas é preciso que a nação vença, e temos de contar com dois inimigos provaveis, ambos poderosos e certamente alliados. A Hespanha e a França.

—E com que recursos havemos de fazer face a essas duas potencias se, como suppõe, vierem unidas contra nós?

—Havemos de encontral-os. E' a nossa tarefa; é o nosso dever.

—Só se a Inglaterra nos mandar os seus exercitos.

—Precisará d'elles para as guerras em que está envolvida. Da Inglaterra só poderemos esperar um punhado de soldados, certamente excellentes auxiliares, e alguma das suas formidaveis esquadras. Essas sim; chegam para ella e para nós.

«Precisamos de organisar quarenta a sessenta mil homens de tropas regulares. Havemos de organisal-os.

«Não fica mal ter alliados; as grandes nações os procuram e teem; o que fica mal é ter tutores.

«Para a honra da bandeira de Portugal e para a defeza dos direitos da corôa, em primeiro logar o nosso esforço, em primeiro logar o nosso sangue.

E logo, mudando para o tom de gracejo, accrescentou:

—Mas não fique apprehensivo, meu caro D. Luiz.

«Isto não passa por'ora de simples previsão, que póde falhar, como falham as previsões do tempo nas folhinhas.

«Guarde segredo, e eu me encarrego de ir preparando as coisas mansamente. Homem precavido vale por dois, e entre as nações como entre os homens.

«Entretanto, meu caro D. Luiz, vá empantufando o *nosso amigo* conde de Merle com boas palavras e boas saudes.

E assim com esta nota facetta concluiu o conde de Oeiras a sua conferencia com o collega dos negocios estrangeiros e da guerra.

* * *

De tarde recebeu o Conde a visita do irmão Paulo de Carvalho e do inseparavel D. João Cosme da Cunha, bispo de Leiria.

Depois de uma conversa banal, em que o Tavora renegado fez ao Conde os mais alambicados protestos de amisade e de inexcedida admiração, tratou-se dos jesuitas e do Santo Officio.

—Tenho um jesuita de espantosa perversidade e um outro incriminado de heresia para entregar ao tribunal do Santo Officio—disse o primeiro ministro

—O que se póde accusar de heresia sei eu quem é — disse Paulo de Carvalho.

—E eu tambem — accrescentou o bispo. E com solidos fundamentos e provas irrefutaveis o pódem accusar. Demente é que elle não é. Escreve com admiravel clareza e correcção os embustes com que intenta illudir os crentes.

«O folheto que publicou por occasião do terramoto, attribuindo a catastrophe ás coleras de Deus; a sua escandalosa historia de Santa Anna e o livro acerca do An-

ti-Christo, são monstruosas falsificações da boa doutrina e grosseiros inventos que affrontam os sagrados livros. Bastavam os seus alardes de propheta charlatão e as suas inventadas visões e sacrilegos colloquios com Nossa Senhora e o Menino Jesus para o levarem a uma fogueira.

«Vivesse na Hespanha ou na Italia, e já o teriam queimado por tão abominaves heresias. E cá mesmo, ainda no reinado do sr. D. João V foi queimado em auto de fé um padre cujas culpas eram bem menos graves.

—Vejo que perceberam claramente a quem me referia.

—A Gabriel Malagrida; está bem de vêr—disse Paulo de Carvalho.

—Pois, meu caro irmão, se quizer darse ares de propheta, e com muito melhor exito de que o proprio Malagrida, póde vaticinar que em Portugal a ultima roupêta acabará queimada na ultima fogueira de um auto de fé.

«Em Roma a congregação do Santo Officio consulta contra nós em favor dos jesuitas. O Santo Officio de cá lhe mandará a resposta nas cinzas de um jesuita hereje.

—E era esse farcista da Companhia o guia espiritual d'esses abominaveis Tavoras, cujo sangue o meu coração repulsou em vomitos como se fôra um veneno asqueroso!

O conde de Oeiras fitou o bispo n'um olhar inexplicavel de assombro e de duvida.

D. João Cosme percebeu o effeito repugnante d'aquella cynica infamia e, baixando os olhos, acudiu hypocritamente:

—Deus me perdõe, e receba as mortificações da minha alma por aquelle execrando crime em desconto dos peccados d'este seu humilde servo.

«E oxalá que ao meu rei e a v. ex.ª, sr. Conde, eu tenha dia a dia maior ensejo de provar a minha inabalavel lealdade e a minha rendida admiração. Oxalá.

«Nenhum rei, como o nosso, mais digno do amor dos seus vassallos, e nenhum homem de estado como v. ex.ª, maior na Europa e de mais gloriosas paginas na historia portugueza!

—Excessivo favor para mim—agradeceu friamente o conde de Oeiras.

—Não; não, sr. Conde. O mundo melhor o dirá do que as minhas obscuras palavras.

«Nem v. ex.ª imagina quantas vezes eu tenho dito a seu illustre irmão: E' Portugal nação pequena de mais para tamanho homem!

E olhou para Paulo de Carvalho como a pedir-lhe o tesmunho confirmativo da sua phrase.

—Muitas vezes. O nosso bispo é um dos seus maiores admiradores.

—Dos maiores! E com esta justa admiração uma profunda sympathia, que muito se confunde já com amisade. Perdõe v. ex.ª se n'isto vê ousadia...

—Por quem é, sr. bispo!... A amisade de um tão illustre prelado é, por muitos titulos, uma honra para mim.

O Conde agradecia desvanecido. Não acreditava completamente nas affirmações do bispo, suspeitava bastante da sinceridade d'aquelle ambicioso cuja mascara de hypocrisia o não podia enganar, mas, como tantos grandes homens na historia do mundo, o conde de Oeiras não era inaccessivel á estonteadôra embriaguez da lisonja.

E n'esta perturbação da consciencia e do espirito, como tantos homens excepcionaes que o precederam nas culminações da historia, a si proprio se illudia, como se n'aquelle estonteamento houvesse perdido a experiencia do mundo, a lição antiga, a vista perspicacissima que sabia ler no coração e no cerebro dos outros.

Paulo de Carvalho, que tratava o bispo como um inferior seu protegido, entendeu que era tempo de pôr termo áquellas requintadas lisonjas, que na verdade o eram mais pelas velhacas intenções do renegado Tavora do que pelos seus fundamentos historicos. O irmão era realmente um dos maiores homens de estado da Europa e o maior que ainda tivéra Portugal.

—Desculpem-me a interrupção, mas não desejo que me esqueça perguntar quem é o outro jesuita que ha de ser entregue ao Santo Officio. Não descubro quem seja.

—Em breve o saberá—respondeu-lhe o Conde.

«Por ora é esse um dos meus segredos.

* * *

Instantes depois, quando já os dois es-

tavam a despedir-se, entrou Paulo de Mendonça.

—Este bispo não te larga!—disse ao Conde, assim que os dois sairam E parece que anda sempre de rastos atraz de teu irmão!

—Que má vontade tens ao bispo! Eu afinal até acho curiosa a constancia com que elle segue Paulo de Carvalho. Sempre os dois, como *S. Roque e o seu cão.* (*)

—Tiveste uma lembrança felicissima! O cão é o bispo, o Tavora renegado. Mas olha que até entre os cães ha excepções. Ha uns que lambem lealmente a mão bemfazeja e ha outros, mais raros, que a esmordacam quando já nada lhes pode dar.

«Estimarei que o teu bispo não affronte nunca a fidelidade dos cães.

«Mudando de assumpto: sabes que venho trazer-te uma pequenina noticia para guardares n'esse recanto do teu coração aonde não chega a sombra dos grandes negocios de estado.

—Vamos a ouvir — disse o Conde sorrindo.

—Não é para o secretario d'estado, entenda-se bem; esse tem as negociações com a Inglaterra, a questão com a França, as reformas do paiz, o negocio dos jesuitas; não teria coração para me ouvir.

«A minha pequenina noticia é para o avô.

—Adivinhei. Outro neto?

—Exactamente. Helena tem mais um filhinho.

«Conde, isto é pueril para um grande ministro; mas tem decerto adoraveis encantos para um avô... embora clandestino.

—Tem, mas tambem na maior parte dos casos é uma implacavel certidão de idade.

«Helena bem?

—Optimamente.

—Damião de Castro?

—Está disposto a voltar ao seu ermiterio da Arrabida.

—Santo visionario! Hão de matal-o esses fervores de ascéta. E' doente e vae caminhando para os setenta.

—Como eu.

—Ainda assim,com a differença de alguns annos mais.

—Dois, se tanto. Mas olha que ha exemplo de velhos ascétas que duraram muito. Eu ouvi falar muitas vezes a meu pae de um ermitão da serra de Cintra que, apezar da sua extraordinaria vida de penitencia, cingido de cilicios e em frequentes jejuns, chegou á espantosa idade de noventa e sete annos!

—E' já viver muito, mas não me causa extranheza. Meu avô Sebastião de Carvalho e Mello morreu com *cento e dez annos.* (*)

—Isso é que é ja verdadeiramente excepcional!

«Ouvi falar d'elle e contava-se que tivéra uma agitada mocidade.

—Sim, parece que bem pouco poupou a vida, mesmo depois da idade madura, e tanto lhe durou!

«E ás vezes não são os mais robustos os que mais vivem.

Vieram então avisar o ministro de que o Andrade o estava esperando.

Paulo de Mendonça despediu-se, levando a incumbencia de felicitar Helena e Jorge Gustavo em nome do Conde.

* * *

—Venho pedir a v. ex.ª a ordem para o jesuita Miguel Nogueira ser transferido para os carceres da Inquisição.

—Aqui tem—disse o ministro entregando-lhe um papel que tirára de uma gaveta da sua grande meza.

—Vou ja d'aqui buscal-o. Tenho ali fóra a sége em que hei de conduzil-o.

«Lá em baixo na praça de Belem estão á minha espera oito soldados de cavallaria. E' a escolta que v. ex.ª me ordenou que levasse.

«Esta noite já o jesuita ha de dormir na Inquisição.

—Vá, e oxalá que esse não tenha o fim de Gaspar de Lemos.

—Não me parece homem com animo para se matar..

«Com licença de v. ex.ª—disse o Andrade retirando-se.

—O outro, o Malagrida, irá mais tarde —pensava o Conde. Será o ultimo. E nun-

(*) Esta phrase ficou registrada na historia.

(*) Em Coimbra, ainda estudante, tornou-se notavel pelas suas estroinices. Foi dissipadôr e muito dado ao jogo. (Vidé *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano. Tomo II, pag. 204).

ca mais se hão de tornar a accender as fogueiras do Santo-Officio.

* * *

Era noite. No mesmo carcere inquisitorial em que esteve reclusa Helena Richter estava agora preso Miguel Nogueira, o velho jesuita dos oculos azues.

A um canto da tarimba, nos hombros a desbotada roupeta, de olhos vagamente postos na luz mortica do lampeão do carcere, rouquejava palavras inintelligiveis.

Tinham-no encarcerado ali pouco depois do anoitecer.

Alguem havia mandado trazer para o carcere um grande Christo crucificado, livido, sangrento, de moribundo olhar. Era o Christo que os inquisidores costumavam levar na procissão dos autos de fé.

Miguel Nogueira puzéra os olhos na imagem assim que entrou. Sentiu um arrepio de immenso horror, e nunca mais se atreveu a fital-a.

Fazia-lhe medo ali, na tragica penumbra, tão perto de si, sósinho com elle, tamanho, o divino Jesus agonisante!

Sentiu desaferrolhar as grades; levantou-se espavorido.

O carcereiro abriu a porta. Entrou deante d'elle um homem alto, embuçado. A um signal seu, o carcereiro saiu cerrando a porta.

—Miguel Nogueira, disse o embuçado.

—Quem me chama?—perguntou o jesuita, esgazeando o olhar.

—O impio Sebastião José.

—Maldicto! Maldicto sejas!—rugiu Miguel Nogueira, recuando como deante de um espectro.

—Como ha trinta e tres annos, em casa da feiticeira Joanna Ruiva, estamos outra vez face a face—disse o conde de Oeiras, serenamente, desembuçando-se.

«Estás no mesmo carcere em que uma infamia do teu grande amigo e auxiliar Gaspar de Lemos fez encerrar ha cinco annos uma innocente menina, a filha de Joanna Richter.

—A tua filha, lobo sanguinario! O castigo do Senhor cairá sobre ti.

—Talvez, padre: mas primeiro caíu sobre os teus.

«A Companhia morreu em Portugal.

—Ella voltará resurgida.

—De rastos como a sombra, talvez; de rastos por cima dos meus ossos. De pé, dominadora, ovante, nunca mais. Padre, nunca mais!

—Flagello da Igreja!

—Bem sei; da igreja da Companhia, laboratorio onde se falsifica o Evangelho e se envenena a consciencia humana; fabrica secreta onde se forjam intrigas e conspirações politicas; armazem d'onde se exportam as mercadorias profanas com que a Companhia se enriquece e a sciencia de contrabando com que as suas ambições se encobrem. (*)

—Cruel e calumniador! Quasi tão ignorante como perverso!

—Reconheço-te a necessidade d'esse desafogo.

«Tens esse coração cheio de peçonha; vomita-a Miguel Nogueira. Vinha preparado de animo para te ouvir.

«Tens aqui uma liberdade que em dois seculos nunca tiveram milhares de desditosos, torturados em nome de Jesus.

«Estás nos carceres d'essa egreja da qual me suppões inimigo. A estes não os inventou nem os mandou fazer o *impio Sebastião José.*

(*) O jesuitismo queria principalmente suspender o progresso, immobilisar o espirito humano. Obscurecer as consciencias e moderar a luz da sciencia de fórma que a humanidade se conservasse sempre n'um tenue crepusculo, era a sua grande aspiração. D'ahi, como é facil de imaginar, a decadencia completa das sciencias, das lettras e das artes. O paiz protestava contra esse systema e queixava-se d'essa decadencia. As côrtes, em 1562, representaram contra o monopolio da instrucção pelos jesuitas, e contra a instituição dos collegios dos mesmos padres no Porto protestaram a nobreza e o povo da mesma cidade, no tempo dos Filippes, a 22 de novembro de 1638.

Ainda depois da expulsão dos jesuitas, as camaras municipaes do reino pediam a creação de escolas *para com mais facilidade se exterminarem radicalmente das povoações os inutilissimos estudos com a perniciosa ignorancia que d'elles se originou.* Ainda, finalmente, em 1804, a directoria geral dos estudos, por consulta de 24 de setembro, asseverou que os jesuitas haviam estabelecido no paiz *uma barbara e perniciosa ignorancia que ameaçava avillar e entorpecer o genio e caracter portuguez.* (Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal*, vol. X da edição popular illustrada).

«Os de S. Julião resumam agua do mar; estes resumam lagrimas de martyres. E quantos d'elles sem a negra consciencia que tu tens?!

—Monstro! Mas o que vens tu fazer aqui, se a minha alma não receia o teu poder, nem a minha velhice tem mêdo de esperar a morte?!

—Venho intimar-te a nota de culpa, Miguel Nogueira; em nome dos mortos, traidos ou amargurados por ti; em nome dos vivos, que odeias e calumniaste e perseguiste na constancia do teu odio, ainda talvez maior do que o meu.

«Por meu pae e por Leonor de Riba de Anta, os que morreram. Por Joanna Richter e por mim, os que te não esquecem. Acabarás aqui, amarrado a ti proprio.

«A generosidade do *impio* será maior do que suppões.

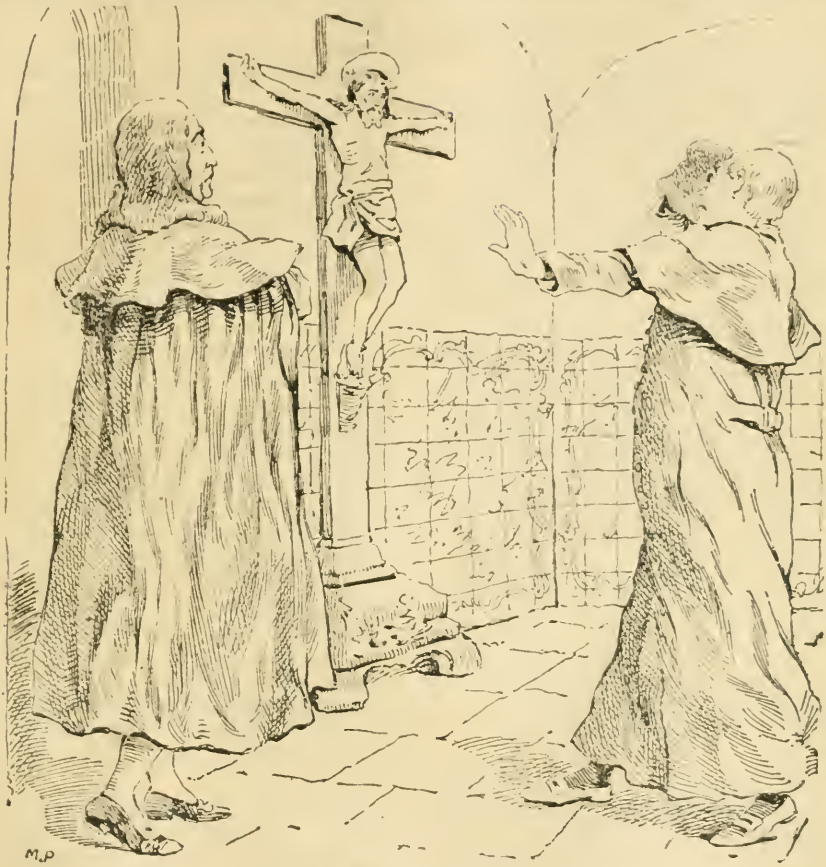
«Ninguem aqui quererá de ti a confissão do que tens sido, arrancando-t'a pela tortura que desconjunta os ossos ou requeima as carnes. Eram as consagradas torturas do *Santo Officio*.

Aqui ficaras até que a vida te deixe. Aqui, no auto de fé clandestino da tua propria consciencia; por sambenito a roupêta que infamaste e por unico juiz aquelle macerado Christo dos inquisidores.

«Vê que parece fitar-se em ti o seu olhar mortificado.

«Lê na tua alma; conhece-te, Miguel Nogueira.

«Estás sob o seu olhar. Fica-te com elle. Se no Céu ouvir a voz angelica, miseri-



Miguel Nogueira

cordiosa, de Leonor de Riba d'Anta, que ajudaste a matar, talvez te perdõe.

«Eu não; eu nunca!

«Podia mandar-te lançar á fogueira de um auto de fé. Mas até para isso és vil de mais! Nem para a exauctoração final da Companhia pódes servir. Outro será.

«Miguel Nogueira, estão liquidadas as nossas contas. A Companhia acabou em Portugal e tu acabarás aqui.

«Aqui, hora a hora, deante do olhar d'aquelle Jesus, que os inquisidores levavam erguido para a queima dos judeus.

«Tem visto diante de si muito sacrilego hypocrita, e talvez nenhum como tu!

«Coruja, olha-o de frente, se pódes.

E, cruzando os braços, o conde de Oeiras ficou absorvido na rancorosa contemplação d'aquelle padre.

Mas no animo e no espirito de Miguel Nogueira operára-se uma subita e estranha transformação.

Quebraram-se-lhe as duras arrogancias. Já não respondia. Tremiam-lhe as rezas nos labios. O olhar felino desvairára-se-lhe, e de relance, timidamente, n'um mixto de pavôr e de curiosidade, volvia-se a espaços para a grande imagem livida de Christo.

—Fica-te. Morrerás deante do Supremo Juiz.

Miguel Nogueira relanceou para a imagem outro pávido olhar, e quasi de rastos, a tremer, fugiu para um recanto do carcere.

—Não fujas, Miguel Nogueira. Para toda a parte o seu olhar te vae seguindo.

«Fica-te. Estou vingado.

E saiu.

Miguel Nogueira ouviu correr os ferrolhos da grade e levantou a cabeça. Estava sósinho.

Depois, por um movimento superior á sua propria vontade e ao seu immenso terror, os olhares fugiram-lhe para a imagem de marfim, da côr dos mortos.

Pareceu-lhe que se fazia maior, que se agitava na cruz, que se illuminava em formidaveis relampagos o seu amortecido olhar de moribundo.

Levantou a roupêta para a cabeça como para tapar os olhos, e deixou-se cair de bruços no lagêdo, a bater o queixo, a regougar palavras que ninguem podia perceber.

Remorso? Loucura?

* * *

Fôra resolvido subitamente, e ao cabo de varias intrigas diplomaticas e diversos enrêdos palacianos, que a princeza real D. Maria, herdeira do throno, casasse com seu tio o infante D. Pedro, irmão de D. José.

N'este ponto cedeu el-rei á influencia da rainha contra os desejos e intentos politicos do conde de Oeiras, a quem repugnava a idéa de vêr no throno um principe tido por imbecil e estupidamente fanatico, triste catechumeno e servil partidario dos padres da Companhia.

Outro consorte desejava o Conde para a fanatica princeza, mas teve de inclinar-se vencido deante da vontade do rei.

—Raizes novas da Companhia em volta do throno!

«E' preciso esmagar de todo as antigas e deitar a arvore a terra. Torregiani e o Papa Negro hão de ficar satisfeitissimos com este casamento, que me não foi possivel evitar.

«Não tem duvida. Eu lhes azedarei a festa. Fica ao meu cuidado. Com mais uma enxadada na cova da Companhia, corto-lhe a ultima grande raiz que a ligava a Portugal—o poder do Nuncio.

Uma hora depois, o primeiro ministro conferenciava com D. Luiz da Cunha.

—Já mandou expedir os avisos ao corpo diplomatico—perguntou-lhe o Conde.

—Estão feitas as participações officiaes ácerca do consorcio de sua alteza real.

—Não basta a simples participação do facto.

«E' preciso dizer a cada um que na recepção e audiencia solemne dos ministros estrangeiros, por motivo de tão fausto acontecimento, el-rei decidiu que para os representantes estrangeiros de egual categoria a precedencia será regulada pela ordem de antiguidade da apresentação das suas credenciaes n'esta côrte.

«Assim se previnem as irritantes questões de precedencia, sujeitas ao arbitrio de vaidades pessoaes ou de nacionalidade.

—Perfeitamente. E ao Nuncio manda-se tambem aviso?

—Não. Do consorcio está elle avisado com larga antecedencia e por portas travessas.

—E se reclamar da excepção?

—Dê-lhe qualquer desculpa... Por exemplo: que o aviso era especialmente para indicar a ordem de preferencia, o que para elle era desnecessario, visto estar estabelecido que nas recepções do corpo diplomatico os nuncios tenham sempre a precedencia.

«Mas não se dobre... qualquer resposta serve.

Effectivamente D. Luiz da Cunha fez o que lhe indicára o conde de Oeiras.

O casamento da princeza effectuou-se a 6 de junho, dia dos annos de el-rei.

Acciajuoli queixou-se de não ter recebido a participação circular enviada a todos os membros do corpo diplomatico. D. Luiz da Cunha deu-lhe a inverosimil razão que o primeiro ministro lhe indicára.

O Nuncio resolveu logo *in petto* manifestar o seu resentimento de modo publico e escandaloso.

Confiou de mais no poder tradicional dos nuncios em Portugal e de todo se esqueceu de contar com a excepcional energia do conde de Oeirás.

Proseguiam os festejos. Luminarias em toda a cidade nas noites consecutivas de 7, 8 e 9 de junho.

Em toda a cidade, excepto nos miseraveis casebres e no palacio de um estrangeiro.

* * *

Quatro dias depois, em 13, o conde de Oeiras ia ao paço da Ajuda com o seu collega dos negocios estrangeiros.

O Conde obteve audiencia particular de el-rei e D. Luiz da Cunha ficou esperando na sala de despacho.

—Que temos, Conde?—perguntou el-rei.

—Perdõe-me vossa magestade se venho magoar o seu coração magnanimo, mas não consente o prestigio do seu nome e da sua corôa que por mais tempo lhe occulte a offensa que soffreu e para a qual, durante quatro dias, anciosamente esperei uma condigna satisfação.

—Offensa para mim? — perguntou o rei muito afogueado.

—Offensa de grave escandalo, meu senhor!

—De quem?

—Do Nuncio.

—Do Nuncio?!

—Exactamente, meu senhor.

—Mas qual offensa?

—Nas noites de 7, 8 e 9 toda a cidade poz luminiarias por motivo do fausto consorcio da augusta princeza real com sua alteza serenissima o senhor infante D. Pedro.

—E depois?

—Todos os ministros estrangeiros se associaram ao regosijo dos vassallos de vossa magestade, menos o representante de Roma!

«Envolvido em sombras, as portas e as janellas cerradas, o palacio da nunciatura destacava-se escandalosamente de todos os outros, como se fosse uma casa onde alguem tivesse morrido n'aquellas noites de legitimo regosijo!

«Todos o notaram e a todos causou estranheza e indignação aquella ousada offensa com escandalo publico!

—Mas eu não sabia de tal offensa, nada me tinhas dito!

—Meu senhor, esperava pela explicação de tão insolito procedimento, pelo desaggravo de tal desvairada affronta, que supponho não ter precedentes. Não queria mortificar vossa magestade trazendo-lhe noticia do repugnante desacato, sem lhe trazer tambem a supplica de Acciajuoli, para vir aos pés de vossa magestade solicitar a desculpa da sua falta ou o perdão do seu desvario.

«Sei que sou suspeito de desaffecto ao Nuncio e não desejava que a pressa das minhas informações parecesse precipitada revindicta de qualquer má vontade.

«Inutilmente esperei quatro dias. O silencio do Nuncio ratifica brutalmente a inaudita offensa em tres noites consecutivas.

«O Nuncio, meu senhor, considera Portugal um feudo de Roma. Não dá explicações, nem pede desculpas!

—Mas porque procedeu assim? Que motivos o levaram a tal imperdoavel audacia?

—Apenas um pretexto, meu senhor. Declarou-se escandalisado por não ter recebido aviso ácerca da ordem de precedencias do corpo diplomatico, aviso desne-

cessario para elle, que tem a sua precedencia marcada. Fingiu-se offendido; vingou-se.

«Vingança por conta de Torregiani e de Lourenço Ricci. Acciajuoli não é principalmente o Nuncio de Sua Santidade Clemente XIII. E' sobretudo um legado do *Papa Negro*.

—E' preciso um desaggravo que exceda a offensa. Conde de Oeiras, qual?

—A expulsão immediata do Nuncio; de Lisboa em poucas horas; do reino em poucos dias. Escoltado até á fronteira.

«Qualquer em sua casa atiraria pela escada abaixo o hospede incivil que ousasse offendêl-o.

—A expulsão do Nuncio!—dizia o rei hesitando.

«Mas isso será o rompimento formal com a Santa Sé!

—Inevitavel, meu senhor. Assim é preciso ao decoro de el-rei de Portugal.

D. José reflectia. Afinal, tomou uma resolução e disse:

—Pois seja, e que Deus afaste de mim tantos e tão successivos conflictos.

—Beijo as mãos de vossa magestade.

—Mas espera: o caso é de tal magnitude que me parece bem ouvir o conselho d'estado.

—O desacato foi a vossa magestade, que de motu proprio, sciencia certa e vontade soberana pode tomar o desaggravo que entender justo.

—Embora, parece-me bem consultal-o.

—Vossa magestade manda—disse o Conde friamente.

El-rei ainda hesitava e o primeiro ministro sentia o plausivel receio de que alguns timidos votos do conselho d'estado de todo abalassem o animo de D. José, fazendo-o recuar deante da violenta resolução que lhe aconselhára.

—Expulsar o Nuncio mezes depois de ter expulsado os jesuitas!—dizia comsigo o rei—e quando ainda se estão mandando para Italia navios carregados com os jesuitas que têm vindo do Brazil e da India!

Como se lhe estivesse adivinhando o pensamento, o Conde observou respeitosamente ao monarcha:

—Creio, meu senhor, que ha de ser de bons e leaes portuguezes o voto dos conselheiros de vossa magestade, e todo pelo soberano prestigio da corôa de Portugal.

«O Nuncio, patrono dos jesuitas, vinga os seus protegidos offendendo el-rei. Não haverá coração de portuguez que tambem se não sinta offendido.

«Se vossa magestade o não mandasse expulsar dos seus estados, a elle, um estrangeiro, e como a qualquer estrangeiro, no exercicio e no direito do seu soberano poder, a impunidade seria um funesto estimulo para os orgulhosos representantes de outros estados mais poderosos, e não haveria esforços que podessem defender Portugal do escarneo e do desprezo da Europa.

«Não sei se estou em erro, meu senhor, mas quer parecer-me que as questões de honra mais carecem de desvelada e cautelosa defeza entre as nações pequenas do que entre as grandes potencias.

«Vossa Magestade póde perdoar; mas a offensa irá cair sobre a bandeira do seu paiz.

«O Nuncio impune quererá mandar aqui em nome da Companhia, em nome de Roma, e, como os seus antecessores de ha quatrocentos annos, responderá aos decretos de vossa magestade com as excommunhões da Santa Sé.

«Então, meu senhor, não haverá olhos de portuguezes que não vejam cheios de lagrimas, na sua propria terra, a tiára dos Pontifices mais alta e mais brilhante do que a gloriosissima corôa dos seus reis, em que toda a nossa prodigiosa historia se resume e symbolisa.

Estas calorosas palavras do grande ministro tinham subjugado triumphalmente o animo irresoluto do rei.

—A convocação do conselho de estado será uma simples formalidade—disse D. José firmemente.

«Pódes contar com a minha resolução. O Nuncio será expulso.

—Meu senhor, assim defende vossa magestade a honra da sua patria e realça os esplendores da sua corôa.

E beijou-lhe a mão commovidamente. Alcançára outra assignalada victoria na sua espantosa tarefa politica.

* * *

Ao outro dia reuniu-se o conselho de

estado. Emquanto se examina *pro forma* a questão com o Nuncio, vamos nós indicando o estado das relações officiaes com o embaixador conde de Merle, o devotado amigo do cardeal Acciajuoli.

Um mez antes Pedro Salema apresentára em Paris ao duque de Choiseul uma longa *Memoria* que recebêra de Lisboa e na qual se explanavam as razões de queixa de el-rei de Portugal contra o embaixador conde de Merle. (*)

Era obra do conde de Oeiras, que assim ia preparando a saída do arrogante embaixador.

As queixas eram talvez exaggeradas e expostas n'uma fórma excessivamente energica. A *Memoria* terminava por um indirecto pedido de satisfação, que nas formulas diplomaticas equivalia a reclamar a retirada do embaixador.

Entretanto o conde de Merle, sem poder sonhar sequer as graves queixas contra si formuladas em Paris, ia intrigando o primeiro ministro portuguez com o governo francez.

Acirrava-o com quantas informações poderiam persuadil-o de que o conde de Oeiras cada vez estreitava mais a alliança de Portugal com a Inglaterra.

Na mesma data em que D. Luiz da Cunha expedia de Lisboa a *Memoria* que Salema havia de apresentar a Choiseul, enviava o conde de Merle um officio para o Duque, accentuando muito que o *embaixador de Inglaterra tinha quasi todos os dias conferencias com o conde de Oeiras e se esmerava em lhe agradar, fazendo-lhe a côrte como se d'elle esperasse alguma mercê* (**)

Em 20 de maio Choiseul respondia á *Memoria* que lhe apresentára Pedro Salema. Resposta branda e polida, em que procurava desculpar o procedimento do embaixador, attribuindo-lhe intenções que não podiam ser de má vontade contra el-rei e os seus ministros.

E concluía d'esta fórma perfeitamente affectuosa e de plena homenagem ao rei: «Que se a sua pessôa (o Conde de Merle) era desagradavel a S. M. Fidelissima, este unico motivo seria sufficiente para que, sem mais exame, S. M. Christianissima o mandasse recolher, posto que elle o não tivesse pedido; que, no entretanto. El-Rei Christianissimo esperaria que S. M. Fidelissima lhe fizesse saber com toda a precisão qual fosse a sua vontade, e S. M. Christianissima lhe daria, sem demora, plena e inteira satisfação.» (*)

E é de notar que esta resposta assim blandiciosa a uma *Memoria*, em que o embaixador francez era accusado de indecencias e excessos no exercicio da sua missão, vinha quando ainda estava por liquidar a questão de Lagos.

Tanto que, dias depois, em 3 de junho, ainda Choiseul dizia em um despacho ao conde de Merle: que aproveitasse todas as occasiões de falar a D. Luiz da Cunha no negocio dos navios da esquadra de Mr. de la Clue, mas *recommendando-lhe mui particularmente de tocar ao ministro n'aquella materia de leve e como para trazer-lh'a á lembrança, sem ajuntar raciocinios nem dar mostras de descontentamento e de acrimonia.* (**)

E a França estava á espera de uma satisfação havia cerca de um anno!

O que vale e póde ás vezes um homem á frente de uma nação minuscula!

Parecia que se tinham mudado os papeis, e que era o duque de Choiseul o secretario de estado de um dos mais pequenos povos do mundo, e o conde de Oeiras o ministro de uma das mais altivas e poderosas potencias da Europa!

Historia! Que espantosas lições as tuas!

* * *

No proprio dia em que reuniu o conselho de estado, e quasi ao cair da tarde, Sebastião de Carvalho conferenciava no *paço das damas* com o seu collega dos negocios estrangeiros e da guerra,

—Meu caro D. Luiz, aqui tem o bilhete de despedida que ha de mandar entregar ámanhã ao cardeal Acciajuoli. Queira lêr e veja se está d'accordo.

—V. ex.ª o redigiu; ninguem o faria melhor.

(*) Esta *Memoria*, extractada no tomo VI do *Quadro Elementar*, constava de dezesete artigos e enchia 13 paginas *in-folio*.

(**) *Quadro elementar*. Tomo VI, pag. 241 e 242.

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VI, pag. 241.

(**) Idem, pag. 245.

—Agradeço, mas sempre é bom lêr. Tem de o assignar.

D. Luiz da Cunha leu:

«Eminentissimo e reverendissimo senhor. Sua Magestade, usando do seu justo, real e supremo poder, que por todos os direitos lhe compete, para conservar illesa a sua auctoridade régia e preservar os seus vassallos de escandalos prejudiciaes á tranquillidade publica dos seus reinos, me manda intimar a vossa eminencia que, logo, immediatamente á apresentação d'esta carta, haja vossa eminencia de sair d'esta côrte para a outra banda; e haja de sair via recta d'estes reinos no preciso termo de quatro dias.

«Para o decente transporte de vossa eminencia se acham promptos os reaes escaleres na praia fronteira á casa de habitação de vossa eminencia. E para que vossa eminencia possa entrar n'elles e seguir a sua viagem e caminho, sem o menor receio de insultos contrarios á protecção que sua magestade quer sempre que, em todos os casos, ache em seus dominios a immunidade do caracter de que vossa eminencia se acha revestido, manda o dito Senhor ao mesmo tempo acompanhar a vossa eminencia até á fronteira d'este reino por uma decorosa e competente escolta militar.

«Fico para servir a vossa eminencia com o maior obsequio.

Deus guarde a Vossa Eminencia muitos annos.

«Paço, a 14 de junho de 1760». (*)

—Tem duvida em assignar?

—Pelo amor de Deus! E' a vontade expressa de sua magestade e a de v. ex.ª, nenhuma duvida posso ter.

E accrescentando estas palavras de cumprimento final—De vossa eminencia obsequiosissimo servidor—D. Luiz da Cunha assignou.

—Os escaleres hão de estar promptos a largar ámanhã cêdo. Queira mandar expedir urgentemente as ordens necessarias para que um regimento de infanteria vá occupar de madrugada as immediações do palacio da nunciatura. Pelas 7 horas uma sége e uma companhia de dragões á porta do Nuncio.

«Mande embarcar para a Outra Banda uma companhia de cavallaria para escoltar sua eminencia até á fronteira.

«A'manhã mesmo se ha de expedir para Roma uma nota energica verberando o insolito procedimento do Nuncio.

—E podêmos contar com um rompimento de todas as relações com a Santa Sé.

—Podêmos. Conto com elle e durará até que o Vaticano transija e a Companhia seja extincta no mundo. Em Portugal acabou.

—E quem entende que seja encarregado de entregar a carta ao Nuncio?

—O official maior Galvão, que pode entender-se bem com elle. Esse basta... mas para o acompanhar o brigadeiro D. Luiz de Mendonça.

«Ah!... queira mandar ámanhã mesmo instrucções a Francisco d'Almada para retirar de Roma e mandar retirar todos os portuguezes ali residentes, assim que perceba o menor indicio de frieza no Pontifice ou no cardeal Torregiani.

«E isto será quasi certo, logo que Almada der conta da expulsão do Nuncio e apresentar o despacho que heide redigir esta noite.

D. Luiz da Cunha despedio-se e instantes depois o conde de Oeiras estava em audiencia secreta com o padre Antonio Pereira de Figueiredo, grande theologo e notavel erudito.

—Quer el-rei nosso amo emancipar os seus estados da tutela de Roma. O completo rompimento com a Santa Sé é inevitavel; importa, pois, aproveitar o ensejo para cortar abusos que andavam patrocinados pela Curia.

«Deseja el-rei e peço eu que vossa reverencia empenhe o seu grande saber e claro engenho na escripta de um livro que tranquillize o animo timorato dos crentes e defenda a independencia do estado em face das pretensões de Roma.

«Convem provar aos proprios theologos, e ninguem melhor do que vossa reverencia o pode fazer, que os bispos portuguezes não precisam de Roma para a sua sagração nem para conceder as dispensas que é costume impetrar da Santa Sé.

«Se os pontifices não quizerem cedêr, manter-se-ha em Portugal a sublime reli-

(*) Esta carta está transcripta em quasi todos os livros de historia que tratam do reinado de el-rei D. José e do governo do marquez de Pombal.

gião de Jesus com os prelados portuguezes, e terêmos uma igreja nacional, totalmente emancipada de Roma.

«Aqui tem o meu illustre amigo o pensamento de sua magestade, que muito conta com a sua leal e esclarecidissima cooperação, como eu de ha muito contava com o seu luminoso engenho e devotada amisade.

Muito lisonjeado o padre Figueiredo ponderou a grandeza do encargo e as suas asperas difficuldades, que acceitava por obediencia a el-rei e dedicadissimo affecto ao ministro, e modestamente se referiu aos seus merecimentos pessoaes.

Prometteu entregar-se a estudos preliminares de uma obra que, pela excepcional magnitude, exigiria demorado labôr, e affirmou que, a dar-se a quebra formal de todas as relações com a Santa Sé, poderiam contar com o auxilio da sua penna e dos seus conhecimentos el-rei e o conde de Oeiras. (*)

* * *

Eram dez horas da manhã do dia 15 de junho d'aquelle anno da graça de 1760.

Na sala grande do *paço das damas* o conde de Oeiras recebia as despedidas dos seus velhos amigos Paulo de Mendonça e Damião de Castro.

O primeiro ia a Paris liquidar uns negocios de familia e vêr o filho; o santo monge viera a Lisboa assistir ao baptisado do segundo filho de Jorge Gustavo e regressava ao seu ermiterio da Arrabida.

—O sr. Galvão pede licença para falar a v. ex.ª—veiu dizer o Manuel Bento.

—Que entre para aqui—disse o Conde.

O Galvão entrou e fez uns largos cumprimentos ao ministro.

—Adeus, Galvão. Vem dizer-me que se fez sem novidade o serviço de que foi encarregado?

—Venho informar v. ex.ª...

—Pode falar desassombradamente—acudiu o Conde por ter notado que o Galvão se interrompêra relanceando um olhar para os dois velhos amigos do ministro.

«O Nuncio?

—Vae já a esta hora a caminho da fronteira.

—Ficou muito surprehendido?

—Muito! Veiou-se quando leu a carta do sr. secretario d'estado D. Luiz da Cunha, que eu proprio lhe entreguei.

«Profundamente surprehendido, desorientado, clamou que não tinha precedentes aquelle acto, que denominou violencia.

—Tambem não havia precedentes para a conducta d'elle em Lisboa e para a ma fé de Torregiani em Roma.

—Pediu permissão para escrever ao sr. D. Luiz da Cunha; negou-lh'a o brigadeiro Mendonça, attenta a ordem expressa de sua magestade.

«Pediu para ir ouvir missa; por egual motivo lhe foi rejeitado este segundo pedido.

«Vestiu-se á pressa, escreveu um breve protesto contra a expulsão, e saiu acompanhado do seu secretario e de alguns criados. (*)

«Na rua, um gentil-homem da embaixada franceza pretendeu falar-lhe em nome do conde de Merle. Os soldados não o deixaram passar. (**)

«Eram 9 horas quando sua eminencia embarcava para a Outra Banda.

—Bem. Fico sciente.

(*) Em 1766 o erudito e famoso oratoriano publicava um livro intitulado: *Tentativa theologica em que se pretende mostrar que impedido o recurso á Sé Apostolica, se devolve aos bispos a faculdade de dispensar nos impedimentos publicos do matrimonio e de prover espiritualmente em todos os mais casos, reservados ao Papa, todas as vezes que assim o pedir a publica e urgente necessidade dos subditos.*

Este livro provocou ardentes controversias e foi condemnado em Roma.

Annos depois o padre Figueiredo publicava outro livro assim denominado: *Demonstração theologica, canonica e historica do direito dos metropolitanos de Portugal para confirmar e sagrar os bispos suffraganeos nomeados por sua magestade.*

O *impio* Sebastião de Carvalho teve por si dois pontifices, alguns cardeaes, alguns prelados e varios padres e insignes theologos.

Quem o figura a elle nas eternas penas, tem de o rodear d'aquelles preclaros cumplices da sua obra.

(*) Vidé *O Marquez de Pombal.—Cem annos depois da sua morte*, pelo sr. conde de Samodães, pag. 211.

(**) Officio do conde de Merle para o duque de Choiseul, pag. 252 e 253 do tomo VI do *Quadro Elementar*.

O Galvão saíu.

—E' o rompimento com a Santa Sé?—perguntou Paulo de Mendonça.

—E' a liquidação com os jesuitas da Curia. Devolvo ao *Papa Negro* o seu clandestino Legado, como lhe devolvi os jesuitas de Portugal.

—Se fosse ha tres seculos,o Nuncio teria fulminado uma excommunhão—observou Paulo de Mendonça.

—Agora escreveu um protesto.Differença dos tempos!—replicou o ministro.

De olhos no chão, Damião de Castro parecia subjugado por alguma penosa ideia.

—E' a guerra com a Egreja!—disse o velho monge.

—Não; é a guerra com os intrigantes politicos da egreja.

«Em Portugal não governa o secretario d'estado de Clemente XIII nem pódem tolerar-se as offensas por conta de Lourenço Ricci.

«Guerra até que Roma transija e até que se extinga no mundo a Companhia.

—Derribastel-a em Portugal—disse humildemente Damião de Castro. E's tu o triumphador; perdôa agora.

—Não posso. Tambem elles me não perdôam; tambem me não hão de perdoar nunca.

«A causa não é só minha; é, principalmente, de uma civilisação ha dois seculos cingida pela enorme roupêta da Companhia como por uma negra mortalha.

«E a peor guerra não é essa de Roma; outra se approxima—a dos campos de batalha, aquella que póde destruir n'um dia toda a obra laboriosa de progresso em longos annos realisada. A guerra em que as nações podem morrer!

«Essa evitaria eu, se podesse, mas para ella irei resolutamente, como para a de Roma, se a honra de Portugal o exigir.

—Anniquila embora a Companhia, mas perdôa aos vencidos...—supplicou ainda Damião de Castro.

«Bem sabes como eu sou insuspeito... Dizem que vaes entregar á Inquisição Gabriel Malagrida e Miguel Nogueira.

«Sebastião de Carvalho, não queiras essa macula de fogo na tua historia.

—Meu santo amigo, com essas maculas de fogo, immensamente maiores, encontrarei na historia os pontifices que protegeram a Inquisição e canonisaram os padres inquisidores.

—Sr. Conde—disse da porta o Manuel Bento.

—Que ha?

—Um familiar do Santo Officio chegou agora com esta carta urgentissima para v. ex.ª

—Dá cá. Dêem-me licença—disse para os dois amigos.

Abriu a carta e leu com signaes de pasmo.

—Morreu esta madrugada—noticiou dobrando a carta—o mais rancoroso dos meus inimigos.

«Atacado ha quatro dias pela loucura do terror, o jesuita Miguel Nogueira não dormia nem tinha repouso no carcere do Santo Officio em que estava encerrado. Dizem-me n'esta carta que não passava um momento em que não andasse a fugir de canto para canto do carcere, em gritos como uivos, a roupêta enrodilhada na cabeça, para não vêr o Christo grande dos inquisidores,que lá estava dentro com elle. Na sua loucura se lhe afigurava que a imagem se desprendia da cruz para o seguir!

Damião de Castro poz as mãos.

—Rezas por elle?

—Peço ao misericordioso Jesus que tenha piedade da sua alma e que bem cêdo leve tambem d'este mundo...

—A quem?!

—A Gabriel Malagrida.

—E' singular! Para quê essa estranha supplica?

—Para que sobre a tua historia, ministro glorioso, não caiam as cinzas d'esse velho, um hypocrita ou um allucinado, que as vindictas politicas podem transmudar em martyr.

Paulo de Mendonça leu no rosto do ministro a terrivel impressão que lhe causaram as palavras de Damião de Castro, e no receio de vêr quebrada n'aquelle lance uma duradoura amisade tão nobremente provada, acudiu a mudar de conversa.

* * *

—São horas—disse. Conde, tenho de ir dispôr as minhas coisas para a viagem.

«Até á volta!—accrescentou abraçando-o.

—Até á volta, Paulo de Mendonça—disse o Conde, apertando-o nos braços.

—Eu saio tambem—murmurou o santo monge.

—Adeus, Damião de Castro—respondeu-lhe o ministro um pouco friamente.

—Não fiques resentido commigo. Sebastião de Carvalho. Prefiro tratar-te assim, como da primeira vez que me déste o nome de amigo. Tinha feito protesto de não mais te inquietar, e não m'o consentiu o coração! Sou dos amigos impertinentes que não servem senão para as horas da desgraça. Dizem que são os mais raros e os que não mudam. Oxalá que eu nunca te seja preciso. Não fiques resentido, Sebastião de Carvalho.

—E não se abraçam?!—perguntou enternecidamente Paulo de Mendonça.

—Abraço, sim—respondeu o Conde commovidamente.

«E agora até quando, Damião de Castro? —perguntou abraçando-o.

—Até um dia... nem eu sei quando. Mas, para a constancia d'esta funda amisade de tantos annos, para essa, até á morte, Sebastião de Carvalho!

TERCEIRA PARTE

DECRÉPITO!

I

NO BOTEQUIM DO CASACA

Tinham passado dezeseis annos. Estava-se nos principios do anno de 1777.

Na Lisboa d'aquelle tempo havia dois famosos botequins, duas *lojas de bebidas* de extraordinario luxo.

O botequim de Marcos Filippe, no largo do Pelourinho, e o do *Casaca*, na rua dos Capellistas, do lado da egreja de S. Julião e muito proximo d'ella (*)

Eram ambos frequentados por gente fina e por alguns raros mercadores e mechanicos de maior abastança e mais levantadas pretenções.

O do *Casaca* mais ainda do que o outro. Era mesmo o mais opulento.

Causavam estranheza os seus lustres de crystal, as mezas de marmore e pés doirados, os ornatos de preciosa talha doirada. Revestiam-lhe as paredes magnificos espelhos de molduras doiradas e avultavam-lhe aos angulos grandes talhas da India.

Alguns lhe chamavam o *botequim de oiro*, e não faltavam maldizentes que toda aquella opulencia attribuissem, não á iniciativa arrojada do *Casaca*, mas a escandaloso patrocinio do primeiro ministro, compadre do botequineiro, como de varios outros homens das classes plebeias.

O *Casaca* era pretencioso, jactava-se muito dos seus freguezes da alta roda, era elle proprio muito apurado no trajar e por todos estes motivos lhe pozeram e consagraram a alcunha por que toda a gente o conhecia.

E' ao entardecer. O botequim está cheio de freguezes. Discute-se la dentro acaloradamente.

Os sinos da Sé, da Magdalena e de S. Julião tocam n'uma grande toada melancholica, dolente, como se fosse o preludio de um dobre de finados.

Estão chamando o povo ás preces pelas melhoras de el-rei D. José, gravemente enfermo havia mais de um anno, em perigo de vida ha cerca de dois mezes. Desde

(*) O fallecido general Joaquim da Costa Cascaes, escriptor de lucidissimo engenho e primoroso caracter, escreveu uma comedia em 5 actos intitulada «A inauguração da Estatua Equestre». O 4.º acto d'esta peça é passado no botequim do «Casaca».

Esta comedia do laureado dramaturgo nunca subiu á scena por exigir quantiosas despezas; foi, porém, recentemente publicada em livro pela familia do illustre escriptor.

novembro que, em todas as egrejas, se faziam fervorosas preces pelo rei tolhido de paralysia, sem fala, ás portas da morte.

Entrêmos no botequim. Discute-se a doença do soberano e o evidente decahimento do seu famoso ministro. Ha grupos numerosos em volta das mezas, ou no meio da casa, gesticulando vivamente. Fidalgos, agentes do alto commercio. estudantes, professores, officiaes do exercito e da armada, artistas de elevada categoria, empregados publicos, proprietarios de fabricas, aos quaes nós chamariamos hoje grandes industriaes, estroinas da provincia que andavam a desbaratar na capital as economias dos paes, philauciosos morgados ou abastados lavradores.

Seria natural que o *Casaca* estivesse satisfeito, e não estava. Apprehensivo, melancholico, cotevellos fincados no balcão, olhos vagamente postos nos lustres, parecia que um doloroso pensamento o estava opprimindo.

Nem reparava n'aquella numerosa e selecta freguezia que lhe enchia o botequim!

Uma ou outra vez, quando a discussão parecia esmorecer um pouco, a toada dos sinos revoava pela porta dentro e o *Casaca* sacudia a cabeça n'um estremeção nervoso.

—Dois chocotates, bem quentes, e tostas!—gritava um freguez, batendo palmadas no marmore da meza.

—Prompto!—respondeu um creado.

—Sequilhos e licôr de pêcego para dois. Salta.

—Vae já n'um pulo.

—O' rapaz, esta rosca de *la reina* está mais rija que os ligados do grande *Compadre* ca do patrão.

—E este doce de especie tão velho,—protestou outro freguez—que parece ter sobrado das tantas arrobas d'elle que se fizeram para as festas da *Estatua Equestre*!

Grande risota.

—Aquillo é que foi brodio!—lembrou um dos circumstantes.

—Bom dinheiro custou!

—Só a ceia offerecida pelo senado da camara! De amendoas dezenove arrobas e pico! De arroz cincoenta arrobas e meia e de assucar 358 arrobas e coisa!

—Por isso os comilões da corte tiveram tanta sêde. Quasi tres mil barris d'agua!

—Foi tambem para a lavagem das louças.

—Pois sim, mas de vinhos mais de dois contos de réis!

—Os copeiros metteram a unha.

—Em rolhas meia moeda! Em vellas de cebo cincoenta e seis arrobas!

—Foi uma festa de estrondo! Tudo á farta. Até os versos. (*)

—Olhem, se apertarem muito com estas queijadas, são capazes de dizer de cór uma das mil versalhadas que ouviram ha dezenove mezes.

E de pé sobre um tamborête, o estudante que disséra a facecia levantou na dextra a queijada mais dura, exclamando com solemnidade comica:

—Aqui teem a mais velha! Escapou do baile da Junta do Commercio e mais esteve ao alcance dos gatazios do grande Marquez! Se lhe pedirem versos da inauguração, sabe-os de cór.

«Vá lá, diga a veneranda queijada uns versinhos da apothéose, vamos. Os que recitou o 1.º deputado da *Casa dos Vinte e Quatro*.

E levantando-a mais na dextra, o estudante recitou, com um delicioso tom humoristico:

Vê Minerva d'um jacto só fundida
Com tanta perfeição a estatua rara
Que, pesarosa de faltar-lhe a vida,
Diligente a animal-a se prepara;
O ethéreo fogo, já co'a mão erguida,
Ia infundir-lhe; mas suspensa pára,
Por não querer ficasse d'esta sorte
Uma obra immortal sujeita á morte.

—Bravo! Bravo! Muito bem! — bradaram os mais novos, dando palmas e rindo doidamente.

—Veneranda queijada, é comsigo; queira agradecer a ovação a este publico generoso, que prefere dar-lhe palmas a metter-lhe os dentes.

(*) No tomo II da *Historia do reinado de el-rei D. José*, do sr. Luiz Soriano, encontra-se na serie dos documentos, sob o n.º 33, o curioso mappa das despezas feitas com a ceia offerecida pelo senado da camara de Lisboa á familia real e á côrte nas festas da inauguração do monumento do Terreiro do Paço (Praça do Commercio) e com a ornamentação das casas da alfandega onde o colossal banquete se realisou na noite de 6 de junho de 1775.

«Egregio Casaca—acrescentou voltando-se para o botequineiro—não te amofines. E' para ti esta queijada, rija como o busto de bronze do teu famoso Compadre. Vae depôl-a no monumento, que nós cá ficarêmos a repetir a cantata do Antonio Diniz:

Oh! rainha dos mares
Do luso imperio gloria; alta Lisboa.
Que espantoso rumôr rompendo os ares,
Em teu regaço vôa?

«E o rumôr, amigo Casaca, poderémos nós explicar ao mundo que é do elephante do pedestal a rilhar a tua queijada historica.

Estrondearam colossaes gargalhadas.

—Brinquem os srs. uns com os outros —replicou o Casaca amargamente, e deixem-me cá em paz.

—Deixe-o lá, sr. Noronha,—disse um velho a meia voz ao estudante. O homem anda succumbido. Dizem-lhe que o rei não escapa e bem percebe que o Marquez está aqui está em terra, se lhe não succeder coisa peor do que ir a terra, assim que o outro mudar de residencia para S. Vicente de Fóra.

«O pobre diabo deve muito ao *Compadre* e, ao menos, é grato.

—Muito bem—volveu o estudante. Mas eu consolo já o Casaca. Vão vêl-o babado de triumphal orgulho por conta do *Compadre*.

«Queijada mais soberba do que as pyramides dos Pharaós!—bradou o estudante Noronha, e todos se calaram para o ouvir. Mais soberba e mais dura!

«Recite o soneto que o 10.º deputado da *Casa dos Vinte e Quatro* pespegou nas bochechas de bronze do grande Marquez, ante o pedestal da famosa estatua equestre, no dia 6 de junho do anno de 1775, já você tinha saido do forno havia oito dias.

E o Noronha recitou com admiravel enthusiasmo, como para consolar o Casaca:

Estrangeiro, que o marmore examinas,
E aos pés do régio monumento augusto
Pasmado vês o respeitavel busto,
Em que descançam as sagradas Quinas.

E' este o heroe que de prisões indinas
Livrou a patria, e que constante e justo,
Por ella, e por seu rei verá sem susto
Cair do mundo as ultimas ruinas.

A' sombra d'este bemfeitor *Carvalho*,
Os louros da sciencia e da victoria
Crescem, nutridos de abundante orvalho;

Convinha pois do rei á alta memoria,
Que com quem repartiu o seu trabalho,
Repartisse tambem a sua gloria. (*)

O Casaca afastára-se do balcão e viéra para o meio da casa, dominado por uma ingenua commoção que lhe arrazava os olhos d'agua.

Causára-lhe consoladôra impressão o tom caloroso em que o estudante recitára o soneto e, embora desconfiasse que tudo aquillo seria troça, o coração agradecido ouvira-lhe enternecidamente aquella homenagem ao grande ministro, seu compadre, seu bemfeitor, seu amigo.

—O senhor é muito moço—disse commovidamente para o estudante—está a dizer isso de galhofa, mas olhe que não torna a apparecer cá em Portugal outro homem...

—Como o seu Compadre, está bem de vêr. Ninguem o nega. Deus me livre de tal, Casaca amigo!

—E sempre lhe direi que antes quero fechar a loja, e ir ahi para uma esquina como um gallego, á espera de recados, de quem me chame para acarretar barris d'agua, do que estar aqui a ouvir fazer chacota de quem tanto tem feito á nação.

—Os encarcerados da Junqueira que respondam!—rouquejou um dos freguezes.

—E os mortos que falem—acudiu outro.

—O Malagrida de sambenito e carocha, o sambenito por cima da roupêta; garrotado n'um auto de fé! Vae para dezeseis annos que isso foi, mas não esquece!—allegou um terceiro.

—E o João Baptista Pelle esquartejado vae para dois annos; só porque um denunciante disse que elle estava preparando um engenho para matar o Marquez no proprio dia da inauguração da *Estatua Equestre*!

—Ah! os srs. querem puxar por mim!—disse o Casaca muito afogueado. Falam do mal, mas não falam do bem! Pois olhem que os de fóra, os estrangeiros, não fazem assim!

«Vão lá perguntar aos inglezes, aos

(*) Vidé documento 34 do tomo II da *Historia do reinado de el-rei D. José*, por Luz Soriano.

francezes e mais aos italianos, se a gente precisa agora do que elles fabricam lá nas suas terras.

«Dizem logo que não; dizem-no de má sombra, porque lhes dóe e sentem differença nos ganhos que tinham—tomaram elles que o sr. Marquez deixasse de governar, para tudo voltar á antiga—mas chamam-lhe o *grande Marquez* e dizem que ainda cá não houve outro ministro assim!

«Deu p'ra traz nas farroncas aos hespanhoes e aos francezes, têm-lhe respeito os inglezes, que não respeitavam ninguem d'esta terra, e são elles que lhe fazem elogios, como eu já aqui ouvi a um lingua de trapos de um inglez, e são os de cá, gente portugueza, que andam a abocanhal-o por toda a parte!

«Tem feito mal a muitos; terá, mas tambem tem feito bem á nação e é portuguez ás direitas.

«Tudo quanto aqui está dentro d'esta loja, espelhos que não teem inveja aos que vinham de Veneza, loiças como nunca se fizeram cá, a seda d'aquellas cortinas, que não desmerece ao pé da que vem de fóra; tudo foi feito por mãos da nossa gente, nas nossas fabricas, n'essas fabricas que não teriamos se não fosse o sr. Marquez, e não ha aqui um cáco, um trapo que seja estrangeiro.

«E sabem os srs. quem me aconselhou que assim fizesse, quem me deu a mão para tudo isto?

«Heide-o dizer sempre, ou elle esteja em cima ou elle vá p'ra baixo, que eu não sei negar o que devo.

«Foi o sr. Marquez!

O Casaca transfigurára-se; parecia outro. As palavras tremiam-lhe nos labios, as lagrimas saltavam-lhe dos olhos, sem elle saber bem por quê.

—Acabou o arrazoado do illustre botequineiro politico?—perguntou escarninho um dos freguezes.

—Não acabou, não sr. Já que falam do sr. Marquez para mal, dêem licença que eu fale do bem que elle tem feito.

—Pois não vae por bom caminho, o sr. Casaca.

«Trate da sua vida, mande servir os seus freguezes, e não se metta a tarralhão em coisas de que não entende nada—admoestou outro.

—D'isto, do bem que nos fazem, todos entendem—replicou o Casaca.

—Pois arrisca-se a que lhe leve o diabo a pelle e a loja. As coisas hão de mudar, e não tardará muito que mudem.

—Paciencia. Eu bem sei onde querem chegar.

«Está el-rei em perigo de vida, julgam que o sr. Marquez deixará de governar, e por isso já se diz em voz alta o que ha tres ou quatro mezes até teriam medo que as paredes podessem adivinhar!

—Olá, seu Casaca! Fale claro. Mêdo! Quem é que tinha mêdo?—gritou um dos freguezes, crescendo para o botequineiro.

—Nós todos, meus senhores. Os de cá e os de fóra.

—Está insolente!

—Metta a viola no sacco!

—Que tal está o farofia do botequineiro!

—A culpa é de quem lhe da confiança!

—E de quem não tem pejo de se fazer compadre de qualquer João Ninguem!

—Julga que traz o Marquez na barriga!

—Não é tanto assim. Deve-lhe favores; quebra lanças por elle.

—Pois que as vá quebrar para a cosinha com os creados.

—São as boas obras do *Cabelleira*. Traz a ralé de orelhas arrebitadas para a gente de bom nascimento!

—Mas cortam-se-lhes.

—A metter-se nas conversas para que não é chamado!

—Primeiro se metteram commigo — allegou o Casaca muito pallido.

—Tem razão este homem — disse gravemente o estudante Noronha, como arrependido do lance que provocára.

«A culpa foi minha. Quem o chamou á conversa fui eu, com'uns gracejos de que me arrependo.

—E' verdade. Foi assim.

—Mas eu é que nunca mais aqui volto.

—Nem eu.

—Nunca discuti com os meus lacaios, e não considero um botequineiro acima d'elles.

—Gente limpa não deve aqui tornar.

—Até que o *Compadre* vá para baixo e tenhamos de vir aqui com os nossos creados pôr todos estes cacaréus na rua a ponta-pés.

—Eh! lá rapazes! — gritou o Casaca para

os creados, a tremer de indignação. Digam a estes senhores que o botequim vae já fechar.

«Vá; ficam ahi pasmados! A casa é minha, póde fechar quando eu quizer.

—Não póde; não póde tal!

—E' um insulto aos freguezes!

Levantaram-se vozes de indignação e protesto, formularam-se ameaças, houve um reboliço enorme e os freguezes dividiram-se em dois partidos—o dos que vociferavam contra a audacia do botiqueneiro e o d'aquelles que o defendiam, que era o menos importante pelo numero e pela categoria social de quem o formava.

—Eu sou por este homem!—clamou o Noronha de pé sobre uma meza. As minhas brincadeiras de rapaz feriram-lhe duramente um dos mais nobres e dos mais raros sentimentos do coração humano—a gratidão aquelles a quem muito devemos.

Emmudecêra de subito a vozeria e todos escutaram o estudante.

—Isso é a continuação da troça de ha bocado?—perguntou alguem.

—Já disse que me arrependia dos gracejos que disse a este homem—replicou o estudante severamente. Não o sabia avaliar; ouvi o tom de commovida sinceridade com que falou. Faço d'elle outra ideia. Tem um grande coração e é um homem de bem.

—Tem graça a reviravolta!—commentou um.

—Não é graça o que ella tem: é justiça. Os meus vinte annos não sabem só galhofar; falam tambem gravemente e respondem pelo que dizem, seja onde fôr.

«Sou filho de um fidalgo e não duvido estender a mão a este homem de bem—concluiu apontando o Casaca.

—Sempre é bom estar de bem com elle; por'ora ainda o *Compadre* está de cima.

—Não sei de que bocca saiu a torpe insinuação!—disse o estudante empallidecendo e relanceando por todos os circumstantes um olhar lento e intrepido.

«Ninguem responde por ella e não vejo d'aqui o lacaio que a podesse dizer.

«Nada pretendo do ministro a quem fez referencia a voz de um covarde. No poder ou decaido, é isso indifferente aos meus interesses pessoaes.

«Entretanto, e a despeito dos meus gracejos de ha pouco, não hesito em dizer que o botequineiro nos deu a todos uma lição de justiça e de patriotica devoção.

«A todos, quaesquer que sejam as nossas prosapias.

Ouviu-se um rumor confuso de protestos.

—A todos, repito—confirmou o estudante resolutamente.

—Dispensamos-lhe a lição!

—O gracioso fez-se D. Quixote do Casaca e do Compadre!

—Voltou a casaca em poucos minutos!

—Talvez ainda tenha medo do leão decrépito.

—Medo talvez—gritou o estudante. Disse bem quem quer que foi que o disse. Medo de descer á condição villã dos jumentos que o escoucinham porque o suppõem decrépito, e ainda ha mezes tremiam deante d'elle como timidos cachorros!

—Bravo! Bravo!—clamaram alguns batendo palmas.

—Fóra! Fóra o insolente! Fóra!

Os officiaes tomavam o partido do estudante, mas eram apenas quatro ou cinco. Vibravam gritos ameaçadores, trocavam-se brutaes ameaças.

—Oh! sr. estudante—disse o Casaca enternecidamente—queira perdoar; o meu coração está-se regalando de o ouvir, mas isto não póde continuar, e vou mandar fechar as portas.

—Não, isso agora não!—replicou o estudante Noronha com destemida altivez.

«Agora é preciso ver quem me põe d'aqui para fóra:

«Vamos! — gritou cruzando os braços. Aqui estou á espera de quem ha de pôrme na rua!...

Esperou instantes. Tres ou quatro freguezes que tinham dado os gritos de—*Fóra*—voltaram-lhe as costas e encaminharam-se para a porta.

—Ninguem! Pois não estou satisfeito ainda.

«Não basta que os farronqueiros emmudeçam.

«Hão de ouvir os motivos porque eu defendo o *Homem* de quem não depende e a quem nunca pedi favores.

«Rogo aos meus amigos que me escutem

e desafio os outros a que me contradigam.

«Casaca, assente-se e oiça tambem. E' o seu glorioso protector que eu defendo.

«O galhofeiro estudante de vinte annos sabe fatar sério e, louvado Deus, teve em Coimbra quem lhe ensinasse devotadamente o que isto foi, o que isto é, e a qual homem devemos nós o muito que Portugal subiu.

«Nunca estive de rastos aos pés do maior ministro que ainda teve a terra portugueza. Nunca. Posso falar de cabeça erguida.

«Agora, que o julgam enfraquecido no seu poder, não o calumnío e não o affronto; defendo-o.

«Em nome da justiça, em nome da historia, em nome da patria, como este botequineiro—assim lhe chamam desdenhosamente os que valem menos do que elle—como este plebeu de leal coração o defendeu em nome da sua amisade enternecidamente grata.

«Casaca, mande um dos seus creados ali para a porta observar não venha alguem da intendencia da policia. Eu não quero ser espionado nem mesmo quando tenho de louvar os que governam.

E esperou tranquillamente que o Casaca incumbisse um creado de ir para a porta vigíar.

Um grande estimulo de curiosidade avassallava todos os circumstantes, até os mais mal dispostos contra o audacioso estudante.

—Está-me a fazer uma raiva aquelle *badaméco!*—segredou um dos que mais odiavam o Marquez.

—Tambem a *mim*—respondeu o confidente: mas estou com curiosidade de ouvir as babozeiras que aquelle bonifrate vae dizer.

—Trêtas lá de Coimbra, pedantices da Universidade, que está ainda pelo *Cabelleira.*

—Bem—disse o estudante, tornando a pôr-se de pé sobre a meza.

Entraram então no botequim tres provincianos. Vinham talvez tomar alguma bebida, mas ficaram entalados entre as ultimas filas dos freguezes, de olhos muito pasmados para os espelhos e para os ornatos de talha doirada.

—Eu affirmo—continuou o estudante—que Portugal em vinte e sete annos se tem adiantado dois seculos do que era no anno da graça de 1750. Tem escolas para os nobres e para o povo como nunca teve; as suas fabricas, tantas como não ha memoria, emanciparam-no das industrias estrangeiras; a sua Universidade, que era ha seis annos a vergonha de uma civilisação e o escarneo da Europa, é hoje das mais notaveis, está a par das mais illustres. A nossa armada, que chegára á derradeira fraqueza, tem hoje poderosos navios.

«Vejo aqui dois officiaes da marinha real. Appello para o seu testemunho.

—E' verdade—respondeu um dos officiaes.

—Temos hoje doze naus de linha de 62 a 84 peças, seis fragatas de 30 a 40 peças, afora os navios pequenos e os que estão na India. (*)

—Agradeço o esclarecimento. O exercito, reduzido em numero, sem instrucção e sem disciplina, foi vigorosamente reformado e alcançou repellir honrosamente os exercitos reunidos da Hespanha e da França, na campanha de 1762.

«Sou leigo no assumpto, mas estão aqui officiaes das tropas reaes e algum terá a benevolencia de me esclarecer, se estou em erro.

—Não está—disse um official de dragões. Instruidos e disciplinados, os nossos destemidos soldados não valem hoje menos que os do grande rei Frederico da Prussia. Este parecer ouvi eu aos proprios officiaes estrangeiros, que, infelizmente, foi preciso contractar.

«As nossas praças de guerra estão reedificadas e abastecidas. Elvas não tem rival na fronteira de Hespanha. Ha vinte e seis annos tinhamos dez mil homens; em 1760 dezoito mil; começámos a campanha de 1762 com cerca de quarenta mil, e acabamol-a com quasi sessenta mil, não contando as tropas auxiliares.

—Agradeço a elucidação. Tenho ouvido censurar a vinda dos officiaes estrangei-

(*) O embaixador da França em Lisboa mandára ao seu governo, em 10 de novembro de 1775, uma lista das naus e fragatas da esquadra portugueza, cujo numero ficou indicado. (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 175 e 176.)

ros, que acompanharam o marechal general conde de Schaumbourg-Lippe, um general allemão, creio eu.

—Que estava ao serviço da Inglaterra— accrescentou um dos officiaes.

—Supponho que foi indispensavel chamal-os, como para a Universidade foi preciso chamar alguns lentes estrangeiros. Triste necessidade das nações que se deixam atrazar! Outro tanto se fez no reinado de D. João III para reformar a Universidade; de modo identico se procedeu no seculo passado, quando a guerra com a Hespanha estava mais accêsa.

«Opprime legitimas susceptibilidades do nosso coração de portuguezes este concurso de extranhos, mas não desdoura o animo dos nossos soldados nem lhes apouca as victorias, pois que outras nações maiores têem procurado tambem auxiliares estrangeiros, e o sangue com que as batalhas se venceram era nosso, principalmente nosso.

—Muito bem! Muito bem!—exclamaram os officiaes.

—Clamou-se contra a lei do *subsidio litterario*. Era o tributo indispensavel para que as nossas escolas não fossem as ultimas da Europa.

«Foram rehabiljtados os mechanicos e os comicos, brutalmente humilhados. Filho de um fidalgo sou insuspeito falando assim.

«Havia uma distincção, odiosa, iniqua, entre christãos novos e christãos velhos; apagou-se. (*)

«Aqui primeiro do que em outro paiz do mundo! O odio perseguidor, a affronta aos descendentes dos judeus é hoje uma violação da lei.

«Para desenvolver a lavoira e augmentar os seus progressos evitou-se a nociva accumulação da propriedade rustica e assegurou-se a livre disposição dos bens. (**)

«Para vencer embaraços e abusos na administração da justiça, proscreveram-se do fôro commum o direito romano e o direito canonico, uma velharia e uma abstruza excepção e deu-se pleno exercicio ao direito patrio n'uma jurisprudencia unicamente nacional. (*)

«Tornou-se Lisboa uma das mais bellas e das mais cultas cidades da Europa, reformaram-se as leis dos tribunaes e da fazenda publica, foram creadas novas industrias no reino e no Brazil, e dizem que no real erario e em outros cofres publicos existem arrecadados setenta e oito milhões de cruzados para quaesquer novas necessidades d'esta grande tarefa reformadora ou para as exigencias de uma guerra estrangeira.

«Que homem de estado houve em algum tempo n'esta terra que tudo isto intentasse e fizesse em pouco mais de um quarto de seculo, encontrando auxiliares, é certo, mas levando a toda a parte a sua acção iniciadora, mas quebrando em volta si quantos odios e interesses lhe tomavam o passo, mas impondo a todos a sua indomavel energia?!

Exultava o pequeno partido do Marquez. Rumorejava protestos a numerosa parcialidade adversa.

O Casaca não tirava do estudante os seus olhos maravilhados, a chorarem de jubilo.

—Basta de algazarra, que eu quero ouvir!—gritou um dos provincianos que tinham entrado quando o Noronha começára a falar.

«Irra, que isto não é casa de malta nem barracão de ciganos!

Acalmaram-se todas as furias, graças á intervenção heroe-comica do atrevido provinciano.

Todos os olhares se voltaram para elle, e não houve ninguem que não sorrisse.

Noronha proseguiu:

—Não se espantem de ouvir um rapaz de vinte annos a falar de todas estas coisas.

«Em Coimbra o meu lente predilecto, o meu maior amigo era um estrangeiro. Pois foi elle quem muitas vezes me fez notar tudo isso em que nós, portuguezes, não sabemos reparar, ou de má fé desdenhamos.

«E será preciso repetir o nome d'esse

(*) Alvarás de 24 de janeiro e 2 de abril de 1771.

(**) Leis de 4 de julho de 1768 e de 3 de agosto de 1770; alvará com força de lei de 1769.

(*) Leis de 18 de agosto de 1769 e de 9 de julho de 1773 e alvará de 14 de outubro d'este anno.

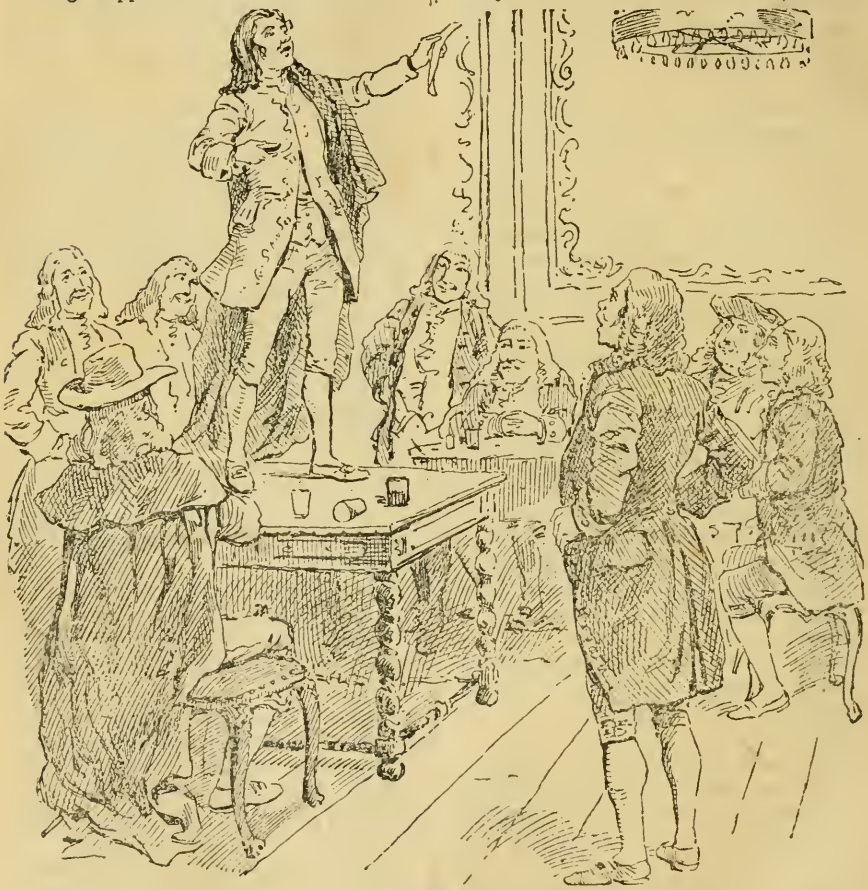
homem que tanto tem feito e que é dos mais illustres que tem hoje a Europa?

«Não serei eu quem responda. Alguem responderá por mim.

E voltando-se para o balcão, por detraz do qual estava boquiaberto um creado negro, o estudante Noronha disse-lhe:

—Preto, vem cá.

O negro approximou-se timidamente.



O estudante Noronha

—Onde nasceste?

—Eu *siôr* cá em *Portugalo.*

—E tua mãe?

—Saberá *mi siôr quê* veiu navio *dê* Loanda.

—Escrava?

—*Si siôr.*

—E tu?

—Já *nan siôr.*

—Nasceste em Portugal; filho de mãe escrava, foste declarado livre. Ha quatro annos o foste. Em nenhuma outra terra da Europa deixarias de ser escravo. Nunca te disseram a quem devias esse tamanho beneficio? Não sabes quem te fez livre!

—O *siôr rei.*

—E não conheces quem é o principal ministro d'el-rei, o seu conselheiro, o seu braço direito? Não o viste nunca, não lhe ouviste o nome?

—*Si siôr.* Já vi na rua e cá na casa. Todos faz mèdo elle!

—Mas o seu nome?

—*Siôr Màrquez dê Pombal!*

—Esse mesmo. Decóra-lhe o nome. Foi elle quem te fez livre. (*)

(*) Por alvará de 16 de janeiro de 1773 foram

Ao primeiro movimento de curiosidade succedêra rapidamente uma nova phase da questão, que o estudante conseguira subjugar a sua palavra calorosa e insinuante.

Quebrára-se o encanto e os antagonistas do improvisado tribuno, partidarios da reacção contra o ministro que fôra omnipotente, desafogavam agora em insinuações, em ditos soltos de protesto e de accusação, mais estimulados ainda pela sua propria derrota. Queriam resgatar assim os seus longos minutos de fraqueza ante o animo audacioso e a dominadora palavra do estudante.

—Esqueceram-lhe os duzentos enforcados depois do terramoto.

—Eram ladrões e facinoras que assassinavam creanças e velhos e violentavam mulheres—replicou um dos partidarios do estudante.

—Tem muito por onde escolher.

—Os Tavoras.

—O velho Malagrida, garrotado n'um auto de fé e depois queimado. Um horror!

— D'essas proezas fez a Inquisição aos centos.

—E os justiçados do Porto, que não esqueçam.

—Eram revoltosos.

—E o genovez João Baptista Pelles de mãos decepadas!

—E esquartejado por quatro cavallos.

—Pudéra. Quiz matar o Marquez no proprio dia em que se inaugurou a estatua equestre!

—Contos! Denuncias!

— Conheci-o bem. Morava ao Corpo Santo.

— Andava combinado com uns hespanhoes, que recebia em casa disfarçados, por altas horas da noite.

—E com o dançarino Flambó.

—Ia jurar que estava innocente.

—Era um juramento falso. Encontraram-se-lhe em casa grandes porções de polvora, caixas e mécha para a tal machina que havia de metter na sége do Marquez e fazel-o ir pelos ares em dia de tamanha festa!

—Até se lhe encontrou o molde da fechadura da cocheira do Marquez.

— Historias para matar o desgraçado. O Marquez veiu á inauguração n'um coche rico da casa real, com um estadão como se fosse elle o rei.

—Ja estáva acostumado. Em Coimbra, quando lá foi para a reforma da Universidade...

—Logar-tenente de el rei...

—Foi recebido com repiques, teve docel por cima da cadeira, que parecia um throno, e deu beijamão!

—Pois sim, mas que interesse tinha em mandar matar o Pelle, se elle não estivesse culpado? Todos sabem que o genovez era um valdevinos que não fazia sombra a ninguem.

—E os presos da Junqueira e das Torres?

—Eram inimigos d'elle, que andavam a tramar contra o seu poder.

—E o desterro de José de Seabra? Tambem foi por tramar contra elle?

—Mas foi por ter revelado um segredo do estado.

—Outros dizem que por certo procedimento reprovavel, á sombra do valimento que tinha.

—Ha quem diga que foi por intrigas do cardeal da Cunha.

—E foi el-rei quem o mandou desterrar.

—Pois sim; el-rei tem boas costas.

—E a boa casa que elle tem feito?!

—E os bellos presentes de diamantes do Brazil?

—E o canal de Ocíras, para lhe beneficiar as propriedades?

—E as *aguas-furtadas* da casa da rua Formosa?

—E das *Janellas Verdes*. Um chafariz ao pé para disfarçar o descaminho das aguas.

—O Côxo das *Aguas Livres* é quem sabe d'essa historia.

—Isso é uma calumnia!

—Uma infame calumnia!

—E o presente de palha que lhe fizeram, quando ella faltou em Lisboa? Digam que tambem é calumnia!

—Elle proprio o confessou em tom de

---

declarados livres todos os negros que nascessem em Portugal, filhos de mães escravas.

Foi a primeira e isolada iniciativa para a abolição da escravatura negra na Europa.

graça.

—De graça é que elle se foi regalando com ella.

—*Todos comem palha, o ponto é saberem-lh'a dar.* O dito é d'elle.

—Percebem que lhe falta o rei!—observou o Casaca ao estudante com um grande sentimento de indignação e de magua. Já lhe mordem, já lhes não causa mêdo!

E na contenda cada vez mais ardente esfuziavam as recriminações, algumas d'ellas justas, outras, porém, maliciosa deturpação da verdade ou torpissimas calumnias, que os odios politicos tinham inventado.

Estavam em minoria os defensores do ministro e as suas réplicas iam esmorecendo de momento para momento.

—Quem o soube ensinar foi um dos irmãos bastardos de el-rei.

—Um dos meninos de Palhavã.

—Tambem por isso foram desterrados.

—A' morte queria o *Cabelleira* vêr condemnado o que o affrontou, mas o conselho d'estado é que não esteve pelos ajustes, e foi o cardeal patriarcha, Deus o tenha na sua presença, quem mais se oppoz.

—E pagou-lh'as. Pouco tempo teve de vida!

—Dizem que lhe mandaram dar veneno n'um jantar.

—Isso é uma calumnia ignobil!—gritou o estudante Noronha, subindo outra vez para uma das mezas.

«Vilissima calumnia!

—Temos outro sermão!

—Temos o diabo que os carregue!—trovejou o morgado de Valle de Frades, levantando os punhos formidaveis e abrindo caminho até junto do estudante.

«Ha um quarto de hora que me está o sangue a referver que nem vinho môsto no lagar.

«Julgam que o *Homem* está no chão, e já não ha rafeiro que lhe não ladre!

«Fale o sr., que não tem papas na lingua —disse voltando-se para o estudante. Defenda o *grande homem.*

«A mim, o que me faz falta aqui é o fueiro de um carro, mas vae mesmo á punhada.

«Fartaram-se de alanzoar e eu sem perceber bem onde queriam chegar. Já os percebi! Agora é o senhor quem fala e esborracho o toitiço ao primeiro que lhe cortar o fio da oração.

«E não se me ponham com ares de duvida e a mostrar os dentes. Sou o morgado de Valle de Frades e estão enganados commigo.

Sem querer e sem dar por isso, o Morgado tinha outra vez acalmado os animos sob a dupla influencia dos seus punhos ameaçadores e da sua rude e ingenua audacia semi-grotesca.

Era temivel e comico aquelle fidalgo montezinho. Fazia sorrir e impunha mêdo. O proprio Noronha sentia vontade de rir e estava comprehendendo a impossibilidade de tentar uma réplica vehemente sob a influencia comica d'aquelle inesperado personagem.

—Queira principiar o exordio—disse-lhe o Morgado. E se precisa de latim, está ali o meu capellão, que é tambem para o que elle serve.

Todos os circumstantes se torceram n'um frouxo de riso. O capellão fez-se vermelho como um tomate.

—Mau!—rugiu o Morgado. Eu pago aquella caçoila—accrescentou apontando uma das grandes talhas da India—mas faço-a em cacos na focinheira de algum que se me põe a arreganhar o dente!

«Eu disse uma vez ao *grande ministro* que podia contar commigo p'r'á vida e p'r'á morte, e não falto á minha palavra.

«Ora o *Homem* não é nenhum santo; vá que tenha as suas mazellas e o coração não seja nenhum torrão de assucar; mas tambem, com mil raios de diabos, queriam que elle fosse um *bom serás*, um *papa assorda* a indireitar a nação, a ter mão na cafila que lhe queria mal, a fazer baixar a grimpa aos inglezes e a dar nas ventas p'ra traz aos castelhanos e aos francezes?

«Ora bolas! Havia de fazel-as frescas. Não dava rêgo. Aqui temos nós a prova. Ainda elle não está no chão, mas como lhe perderam o mêdo, já não ha cão que se lhe não ponha a ladrar á sombra!

«Tomáramos nós cá outro assim quando este morrer... Homem, fale o senhor, que eu p'ra arengas nunca tive geito.

Todos riam para dentro, mas ninguem teve animo de rir para fóra.

O Casaca, esse não. Parecia-lhe encanta-

dôra aquella desataviada defeza do seu glorioso *Compadre*.

Quem estava seriamente embaraçado era o Noronha. O Morgado a pedir-lhe que falasse e elle a comprehender que já não podia dizer coisa grave e sentida que não caísse no ridiculo d'aquelle lance.

—Casaca—disse o Noronha descendo da meza que lhe fôra tribuna. Disseram-lhe o mal que podiam do seu glorioso *Compadre*; mal pelos erros e cruezas que se não podem negar, mal até pelas muitas calumnias que lhe teem levantado, tantas e taes, que até por isso elle é excepcional!

«Eu disse o bem que sabia, agora que todos o julgam nas vesperas de perder a sua extraordinaria força. Resgato d'este modo inoffensivos gracejos e fico bem com a minha consciencia.

«Se o Marquez é o leão decrépito, como tanta gente suppõe, eu ajoelho deante d'elle, em quanto outros o escoucinham.

—Bocca de oiro!—exclamou o Casaca abraçando-o. Quem me déra saber dizer essas coisas!

—Grande ovação do Casaca!—gritou com voz escarninha.

—Mas mais cuidado com a lingua!—bramiu um dos contrarios que estavam ao pé da porta.

—Disse; não me retracto e respondo pelas minhas palavras.

—Sim sr.! Tezo e bem falante!—disse em voz rude e trovejadôra o destemido provinciano.

Por alguns instantes todos os olhares se fixaram outra vez n'aquelle homem de voz grosseira e dominadora.

Nós conhecêmos bem aquelle extraordinario morgado de Valle de Frades. Está velho, mas admiravelmente robusto e aprumado Ja veste casaca á moderna, mas usa cabelleira encanudada em homenagem ao *grande homem do terramoto*, de quem ficou sendo apaixonado admiradôr.

Veiu a Lisboa tratar do negocio de uma herança e traz comsigo o filho, já homem durazio, e o capellão já no limite dos cincoenta annos.

—Oh! Capellão, com este historista é que você não mette dente! Fala direito e não esguicha latim.

Sorriram da phrase os que estavam mais ao pé do Morgado, mas ninguem mais reparou n'elle.

Ficou o Noronha a atural-o.

Entrou então no botequim um official superior do exercito acompanhando um homem bem trajado, typo accentuado de estrangeiro.

—Queiram dar passagem—solicitou o official. Não por mim, mas por este senhor, fidalgo estrangeiro, que anda a viajar pela nossa terra.

Abriram-lhe passagem. O estrangeiro relanceou olhares investigadores pelo botequim e pelos circumstantes e disse em francez para o seu guia:

—Muito frequentado!

—Muito—respondeu o official, tambem em francez.

—Luxuoso!—observou o recem-chegado. Não os ha melhores na França e na Allemanha!

O official conduziu o estrangeiro até junto da meza que ficava mais proxima do balcão.

O Morgado instava com o Noronha para falar.

—Agora não—disse-lhe o estudante, que já tinha descido da meza. Está ali aquelle estrangeiro. Convém pôr ponto na questão.

—Casaca!—disse o official, indo para o dono do botequim. Mande servir chá áquelle estrangeiro E' um fidalgo e veiu muito recommendado ao sr. Marquez. Esmére-se em o servir bem. Já fez grandes elogios ao seu botequim.

—Pois não, promptamente!—respondeu o Casaca muito lisonjeado. Não ha de ter razão de queixa.

E foi a correr para dentro.

—Oh! Estava aqui, sr. Ruy de Noronha! —disse o official para o estudante. Não tinha reparado!

—Sr. coronel Jorge Gustavo!—disse o Noronha, apertando-lhe a mão. Trouxe um freguez estrangeiro ao nosso Casaca.

—E' um viajante illustre, que tem andado a vêr a nossa terra. Veiu muito recommendado ao Marquez. Tive de acompanhal-o a Coimbra, e tenho passado o dia de hoje a mostrar-lhe Lisboa.

—Ouvi-lhe dizer que é um fidalgo

—E' o cavalheiro Mauricio de Champigny, gentil-homem francez, grande admirador do primeiro ministro.

—Entende a nossa lingua?

—Não.

—Ainda bem.

—Porquê?

—Porque não perceberá as infamias que por ahi se dizem do glorioso ministro.

—Já teve quem lh'as dissesse em francez, logo no dia immediato áquelle em que chegou a Lisboa!

—Como nós somos!

—Quer travar relações com elle?

«Terei muito gosto em o apresentar.

—Se o Coronel me quer dar essa honra...

—Pois não; ouvindo-o e apreciando os dotes do seu espirito, o senhor de Champigny ficará fazendo melhor idéa da nossa gente.

—Favor da sua amisade, meu caro Coronel.

—Simplesmente a verdade. Vamos lá.

O coronel Jorge Gustavo apresentou Ruy de Noronha ao cavalheiro Mauricio de Champigny, homem de profunda illustração e largo conhecimento da Europa.

* * *

Cheios de curiosidade, os freguezes do botequim não tinham tido animo de sair e entretinham-se a observar o estrangeiro e a desfructar dissimuladamente o terrivel morgado de Valle de Frades, o filho e o Capellão.

Tinha a pasmaceira indigena um pretexto para ficar.

—Logo havia de chegar n'esta maré aquelle estafermo d'aquelle francelho, ou o que demonio vem a ser!—dizia o Morgado ao padre no seu vozeirão agreste como a ventania das montanhas.

—Francez, segundo ouvi ao official que o acompanha.

—Pois arreliei que viesse quando o rapaz ia dar outra trépa n'esta sucia de alfacinhas que andam a morder no grande homem.

—Oh! sr. Morgado!—observou o Capellão quasi em segredo, timidamente. Olhe que elles estão a ouvir!

—Pois eu quando falo é p'ra que me oiçam, e não tenho mêdo que me façam recolher a fala ao buxo.

«Você é que rosna em latim, quando vê o caso mal parado. Eu cá falo portuguez claro e tezo, e quem se doêr que se queixe, que eu tenho aqui os *dez mandamentos* para lhe dar remedio.

E levantou espalmadas as grandes mãos cabelludas com os dedos muito espetados. Os dedos eram os dez mandamentos.

—D'onde viria este urso?—perguntou baixo um dos circumstantes a dois conhecidos seus.

—Isto surdiu ahi de algum mattagal da provincia.

—Tambem só d'estes amigos é que o *Cabelleira* pode ter!

—Um brutamontes como elle!

—Olhem o francez como se atira ao chá do *Casaca*!

—Ao chá e aos sequilhos!

—E ao mesmo tempo a dar tréla ao pedaço d'asno do estudante.

—É ao coronel Jorge Gustavo.

—Que é todo do *Cabelleira*

—Por isso já está coronel, e ia apostar que não tem mais de quarenta annos.

—Pudéra. Casado com uma filha bastarda de quem *todo lo manda*.

—Mandou, mandou.

—Mas o *Cabelleira* tem alguma filha bastarda?

—Tem.

—Não sabia!

—Isso são contos largos! Eu conheço muito bem o coronel e a familia. São meus visinhos Elle tem já uma filha casadoira, que é linda como as estrellas.

«Por signal que o tal estudante que faz tantos rapa-pés ao pae arrasta-lhe a aza á filha, as escondidas. Elle e um alferes de infanteria.

—Sim?!

—Ora! Eu móro mesmo defronte. O estudante toma *gargarejos*, e a beldade contempla-o de cima do muro do jardim.

«Conheço toda aquella gente

«Uma irmã do Coronel fez-se freira ha uns poucos de annos. Dizem que por causa de desgostos Pelos modos tinha amores com o José Maria de Tavora

—Que o *Cabelleira* mandou esmigalhar.

—Dizem que foi o rei.

—Um e outro.

—E pelo visto o tal Coronel é muito do estudante. Ou não sabe que elle lhe requesta a filha, ou não se lhe dá.

—Aquillo é tudo uma panellinha!

—Que se hade quebrar mais cedo do que pensam. O rei cada vez está peor.

—Eu tambem conheço aquelle embofia d'aquelle estudante. E' brigão e veiu de Coimbra a toque de caixa. Metteu-se lá n'umas desordens, e pozeram-no fóra da Universidade. Andava já no terceiro anno de leis.

—Por isso elle saiu tão doutor.

—E é o sangue que o puxa lá para a gente do Cabelleira.

—Sim?!

—E' como lhe digo. Um tio d'elle, que falleceu ha quatro annos, pobre como Job, tinha sido da quadrilha de Sebastião José dos escala-favaes dos *Capotes Brancos*. Era um tal Antonio de Noronha, a quem meu pae algumas vezes emprestou dinheiro, por ter dó d'elle.

—Aquillo é tudo uma choldra!

* * *

—Não se despêga d'ali o demonio do rapaz!—dizia o Morgado ao Capellão e ao filho.

«Queria fazer-lhe uma franqueza. Fiquei gostando d'elle.

«O diabo é que já estou sentindo uma fome damnada! Em tendo coisa que me faça zangar é sabido que fico logo com fome! Sempre assim fui desde pequeno

«Oh! Capellão, chame lá um d'esses criados para vêr se nos trazem alguma coisa. Tenho o buxo a moêr em falso.

O Capellão foi chamar um dos criados.

—Então, olha lá, meu alfacinha,—perguntou o Morgado ao moço—o que teem vocês cá para a gente manducar!

—Biscoitos, sequilhos, rosca da reina, palitinhos dôces, queijadas, pasteis de Belem...

—Vae p'ró demonio e mais toda essa goloseima. Isso é comida de freiras e de saguins.

—Leite crespo.

—Bebe-o tu.

—Cha.

—Chá! Nunca tomei senão chá de borragem por causa da delluxeira, e agora, graças a Deus, não ando encatharroado.

«O que eu quero é coisa de sustancia, carniça... uma gallinha assada, uma perna de carneiro, um leitão com batatas, uma fritada de choirico com ovos.. Qualquer d'estas coisas me serve.

—Com o devido respeito—interrompeu o Capellão—lembro a v. s.ª que hoje é sexta feira, dia de magro, jejum de preceito...

—Pois jejue você e va-se entretendo a mastigar o seu latim. E olhe, bêba-lhe chá para desgastar.

«Mas vamos lá a saber—accrescentou voltando-se para o creado—o que ha mais cá na casa?

—Tambem ha tóstas.

—Tostado precisavas tu! Diz ao Casaca que va bugiar mais o seu botequim onde não ha senão chasadas e biscoitadas.

E reparando no espelho fronteiro que lhe reproduzia as caras escarninhas de um grupo que ficava por detraz d'elle, o Morgado exclamou enfurecido:

—Acharam-lhe graça aquelles caras de asnos!

«Pois esta-me a palpitar que ainda não vou para Valle de Frades sem quebrar a dentuça a um d'estes salta-pocinhas cá de Lisboa!

—Meus srs.!—disse alto Ruy de Noronha.

«Acabo de ter a honra de falar com este nosso illustre hospede, o cavalheiro Mauricio de Champigny, e não quero deixar de communicar-lhes as suas honrosas palavras.

«Não serei agradavel aos adversarios do *grande ministro*, mas sei que vou encher de jubilo o coração dos sinceros patriotas.

«O sr. de Champigny acha a cidade de Lisboa uma das mais formosas da Europa. A sua reconstrucção parece-lhe um milagre da energica iniciativa do sr. Marquez de Pombal.

«Visitou as nossas fabricas e affirma que as do Rato não teem que invejar ás estrangeiras. No Collegio dos Nobres encontrou um modelo de excellente educação; na Universidade de Coimbra, a par das mais adiantadas do mundo, viu com assombro o immortal padrão de um grande e glorioso reformador.

«Tinha lido nos escriptos de viajantes de ha trinta annos que Lisboa era uma cidade perigosa e immunda, valhacoito de brigões e de bandidos, e vem encontral-a transformada, ampla e bella, resurgida das

proprias cinzas, tranquilla e policiada, como as mais brilhantes capitaes da Europa.

«Maravilhou-o a soberba estatua equestre, o seu altivo pedestal, aquella obra prima da arte portugueza, exclusivamente nossa.

«Chama-lhe o monumento symbolico de um extraordinario periodo de reformas, algumas das quaes excedem os mais avançados progressos da Europa.

«Um vil intrigante lhe foi repetir quantas aacusações e quantas calumnias se teem inventado aqui contra o primeiro ministro de el-rei. Conhece a historia das forcas do terramoto, da alçada do Porto, do supplicio dos Tavoras, das prisões da Junqueira, do auto de fé de Malagrida e da execução de João Baptista Pelle, e, apezar de tudo isto, o sr. de Champigny considera o *grande Marquez*, como elle lhe chamou, como lhe chamam lá fóra, tão espantoso como Cromwell, que tambem mandou matar e prender, e é o orgulho da Inglaterra, e tão glorioso como Richelieu e Colbert, que tambem praticaram erros e crueldades, e são os immortaes estadistas da França!

«O sr. de Champigny conhece admiravelmente a prodigiosa historia da nação portugueza, que leu no livro de oiro dos Luziadas e traduziu nas rendilhadas pedras, nas santas pedras da Batalha e dos Jeronymos. O sr. de Champigny é um estrangeiro de lucidissimo espirito, absolutamente alheio ás nossas paixões e aos nossos odios, e esta manhã, no Terreiro do Paço, deante do busto de bronze do *Cabelleira*, como lhe chamam os pygmeus, disse estas palavras de immensa justiça, que eu traduzo na sonorosa lingua de nossas mães:

—E's um dos maiores homens da tua raça!

Ouviram-se vozes confusas de protesto, que os raros partidarios do Marquez abafaram com estrepitosos bravos.

Champigny observava com espanto o effeito das palavras de Ruy de Noronha, que Jorge Gustavo lhe estivéra resumindo em francez.

O Coronel apertou as mãos do estudante enthusiasticamente. O Casaca veiu a correr para o abraçar.

—Aquillo é que é uma lingua de prata! —dizia o Morgado enternecidamente.

«Fosse elle clerigo, e já não queria outro p'ra meu capellão.

—Vem ahi a sége do sr. Marquez! — veiu dizer o creado que estava á porta.

—Do meu Compadre?—perguntou o Casaca n'um alvoroço aparvalhado.

—Conhece-se logo pela cavallaria que acompanha a sége.

Parte dos freguezes, os maldizentes do Marquez, foram-se escapulindo á formiga.

Ouviu-se o tropel da cavallaria. Percebeu-se que a carruagem tinha parado.

—Vá, meus senhores, abram passagem —pediu o Casaca, muito açodado, correndo para a porta.

D'ahi a instantes entrava o grande ministro, aprumado apezar dos seus setenta e oito annos, altivo a despeito da segura previsão de uma proxima quéda de poder.

—Compadre, mande-me dar uma chicara de chá bem quente. Estive nas preces, ali na Sé, e sinto-me enregelado.

—Já, já—gritava o Casaca aos creados. Uma chicara de chá bem quente para sua ex.ª

Entretanto o marquez de Pombal parára a meio do botequim e examinava lentamente todos os circumstantes com a sua grande luneta de aro de oiro.

Vieram ao seu encontro Jorge Gustavo e Champigny. O Noronha ficou a poucos passos.

O Casaca gritava lá dentro:

—Esse bule de prata lavrada, uma chicara da India... não antes aquella de porcellana... feita cá; o sr. Marquez ha de gostar mais de beber por ella.

«Vamos, é aviar.

E emquanto o ministro recebia os cumprimentos do Coronel e de Champigny, fazia o Morgado os seus ensaios de coragem para ir falar ao *grande homem*.

—Sr. Marquez, queira v. ex.ª perdoar — disse o Morgado resolutamente, quasi de joelho dobrado.

O ministro attentou n'elle demoradamente.

—Se me não engano, é o sr. Morgado...

—De Valle de Frades, p'ra servir a v. ex.ª; amigo p'ra vida e p'ra morte.

—D'esses são raros, mas ainda bem que os ha.

—Pois sou eu um d'esses, e olhe v. ex.ª que tenho chorado duas vezes na minha vida. A segunda é agora.

—Em v. ex.ª querendo — veiu dizer o Casaca.

—Vamos lá, Compadre.

—Este bule é o que eu mandei fazer de proposito, para quando v. ex.ª cá veiu a primeira vez... A chicara de porcelana foi a primeira que se fez na fabrica do Rato. Eu bem sei que v. ex.ª dá mais estimação a estas coisas que são feitas ca na nossa terra.

«D'antes era tudo de fóra... Tudo estrangeiro!

E com a cabeça inclinada para deante, a longa cabelleira quasi a tocar no marmore da meza, o formidavel ministro bebia os ultimos goles de chá com os olhos marejados de lagrimas.

II

A SUA OBRA

Entrêmos na sala de despacho do *paço das damas*. Passaram mais de dezeseis annos e esta tudo como se tivessem decorrido apenas alguns dias!

A historia do homem que lá está dentro escrevendo, reflectindo, planeando, dobrados sobre a vasta meza de trabalho os seus admiraveis setenta e oito annos de assombrosas energias, essa é que se tornou immensamente maior, de colossal grandeza na patria, de singulares fulgores no mundo.

Debruçado sobre as notas diplomaticas, sobre as informações confidenciaes, deante dos mil apontamentos indispensaveis á sua espantosa tarefa, aquelle velho de admiravel firmeza como nos dias do terramoto e de formidaveis audacias como nas luctas contra a nobreza e contra a Companhia de Jesus, tem agora um nome que assoberba os eccos da Europa e se gravou definitivamente nos marmores immortaes da civilisação humana.

Quasi sósinho na derradeira batalha, como um athleta lendario, não cança, não capitúla e sente que vae cair vencido!

Está nos ultimos lances da sua cruzada, nos derradeiros dias de uma lucta immensa de vinte e sete annos, e ainda conserva indomaveis arrojos aquella sua velhice, longa, tempestuosa, excepcional!

Tem manchas de sangue, enormes, o seu tragico pendão de guerra, tantas vezes agitado na batalha dos odios e das vindictas politicas; mas as suas energias de reformador levaram até ás cumiadas da civilisação, como n'uma carga vertiginosa dos campos de batalha, o povo que encontrára dois seculos atrazado da Europa e as suas mãos de gigante enlaçaram no tropheu de bandeiras das grandes potencias a epica bandeira branca da terra portugueza.

A toda a parte chegára a sua iniciativa, em tudo se firmou, ora ovante e benefica, ora extraordinaria e terrivel; muitas vezes a odienta iniciativa de um fanatico, muitissimas vezes a bemdicta iniciativa de um patriota. Sempre grande e formidavel, até nos proprios erros!

Tamanha obra a sua de evolução, de reviviscencia, de resurgimento, que transbordou para além do seu proprio seculo, e na sua vasta grandeza se apoucam e somem como sombras fugidias os espectros das suas victimas!

* * *

Concedêra-lhe el-rei o titulo de marquez de Pombal em 17 de setembro de 1770. Com esse titulo ficará definitivamente na historia do seu paiz, do seu seculo, da sua civilisação.

Deixámol-o quando elle, conde de Oeiras, expulsára de Lisboa o nuncio Acciajuoli.

Tinhamol-o acompanhado na sua turbulenta mocidade, estroina galanteadôr, cuele e espadachim dos *Capotes Brancos;* o Sebastião José que a soberba nobreza escarnecia e receava.

Seguimol-o nos terriveis dias do terramoto, nas sanguinarias luctas com a nobreza, no formidavel pleito com a Companhia de Jesus, já famosa a sua energia contra as arrogancias do estrangeiro, já largamente emprehendido o seu plano de reforma; a França commedida deante da sua intransigencia, a Inglaterra attenciosa em face da sua firmeza patriotica e que-

brada contra os degraus do Vaticano uma secular tradição de subserviencias.

Depois dos periodos mais dramaticos, mais agitados e mais tragicos da sua vida politica, voltamos a encontral-o agora, quando contra elle já rugem alto a calumnia e o odio e o sol da sua fortuna politica, quasi a sumir-se nos horisontes da historia, vae illuminar melancholicamente a alcóva onde o rei agonisa.

Foram menos dramaticos, menos agitados, menos commovedores os dezesete annos em que d'elle nos apartamos, mas valeram muitissimo para os progressos do paiz e para o prestigio do nome portuguez. Foi o cyclo das grandes reformas economicas, administrativas e militares, nas finanças, nas industrias, na justiça, na instrucção publica, na constituição social, no fôro, nas colonias, no regimen da propriedade, nos privilegios e nas relações da igreja com o estado.

Teve de escolher muitos collaboradores para a sua colossal tarefa, mas a acção primacial, dirigente, impulsôra, essa que dominava todas as relutancias e fazia de cada ideia um facto e de cada emprehendimento uma victoria, foi d'elle, exclusivamente d'elle.

E a par d'essa ôbra, sempre admiravel pela firmeza iniciadôra, em tantos lances espantosa pela grandeza da concepção, a lucta armada contra a Hespanha e a França alliadas, e a lucta diplomatica para mover contra a Companhia de Jesus os governos de Madrid e de Paris e para arrancar ao Vaticano, pelo indirecto esforço de Portugal, o breve de abolição dos jesuitas, tenazmente abraçados ao solio dos Pontifices.

A sua acção organisadôra fez milagres de actividade para crear um exercito que podesse contêr nas fronteiras, como conteve, o exercito hispano-francez commandado primeiro pelo marquez de Sarria e depois pelo conde de Aranda.

Quizeram impôr-lhe a quebra de neutralidade, a quebra da alliança ingleza, fazer de Portugal um comparsa da Hespanha, amarral-o aos interesses dos Bourbons, combinados no *Pacto de Familia*, e repelliu a audacia e firmou os direitos do seu paiz, arrojando-o a uma lucta desegualissima, porém inevitavel, porém essencial á honra e á independencia de Portugal.

A campanha de 1762 não deixou na historia a vibração epica das grandes batalhas, mas rebateu as ideas de conquista da nação hespanhola e inutilisou o conluio do *Pacto de Familia*.

A's arrogancias dos dois embaixadores da Hespanha e França mandou responder o conde de Oeiras com uma honrada firmeza e com uma intrepida hombridade, que seriam o orgulho do ministro de uma grande nação.

A victoria moral da campanha, soberba victoria! foi nossa. Não poderam rasgar-nos a bandeira os quarenta e dois mil soldados da alliança hispano-franceza, e com os nossos apenas havia um punhado de auxiliares inglezes—cerca de oito mil homens (*)

Fechado na sua tarefa reformadora este breve parenthesis d'uma campanha, o conde de Oeiras volven a lucta diplomatica para derribar a Companhia na Europa e aos seus desvelos para erguer Portugal entre as potencias cultas do mundo.

Na questão dos jesuitas foi elle quem empurrou a Europa.

A França expulsou-os em 1764; a Hespanha em 1767 E quando, depois de longas e ardilosas hesitações, Ganganelli (Clemente XIV) publicava opprimido o breve *Dominus ac Redemptor*, que aboliu a *Companhia de Jesus*, (1773), para satisfazer as exigencias ameaçadoras das côrtes de Paris, Madrid, Napoles e Lisboa já tinha tomado ante o conde de Oeiras o compromisso secreto de a abolir.

Quem a derribou foi Sebastião de Carvalho.

* * *

O marquez de Pombal tem agora outra guerra imminente com a Hespanha e talvez com a França, por causa da velha questão

(*) «A campanha de 1762, se não accrescentou novos laureis aos tropheus do Ameixial e Montes Claros, deixou intacta a honra portugueza, e provou que, sob o governo de um estadista eminente e devotado, a nação poderia, adextrando-se nas armas, em que havia sido mestra, defender heroicamente o seu torrão natal.» (*Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho, tomo I, pag. 68.)

da colonia do Sacramento e das fronteiras meridionaes do Brazil.

Não acceita humilhadoras transigencias. Trabalha afanosamente nos preparativos para a guerra provavel.

El-rei está á morte; percebe o Marquez que o poder lhe vae fugir das mãos, uivam em volta d'elle os odios mal contidos, mas governa ainda, embora já não seja o ministro omnipotente. A camarilha sequestrou-lhe o rei, emmudecido pela paralysia; já lhe voltam as costas os ingratos, já não entra no paço real senão como creatura intrusa, que de má sombra se tolera.

Embora. Irá preparando a nação para a guerra provavel. Cairá de pé. Outros que se dobrem diante da arrogancia hespanhola. Elle não.

Entrou Jorge Gustavo.

—Sr. Marquez!

—Adeus, Coronel.

—E v. ex.ª n'essa lida constante!

—Assim é preciso. Quero deixar as coisas dispostas para que não tenha de arrastar-se aos pés do hespanhol quem vier governar depois de mim

«O que o traz por cá?

—Veiu commigo o cavalheiro Mauricio de Champigny.

«Lamenta-se de ainda não ter podido falar detidamente com v. ex.ª, por quem sente a mais rendida admiração. Deseja muito communicar-lhe as impressões da sua viagem em Portugal.

«Não sei se v. ex.ª o poderá ouvir agora.

—Mal posso dispór de um momento, mas, emfim, não quero ser desagradavel a esse estrangeiro que me foi tão recommendado de Paris. Demais a mais, pelo filho de Paulo de Mendonça.

«Deixe ver. São dez e um quarto. A's onze e meia hão de aqui vir os meus collegas para uma conferencia; á uma hora o ministro inglez. Bem; terei alguns quartos d'hora para conversar com o sr. de Champigny.

«Queira encaminhal-o para esta sala, Jorge Gustavo.

* * *

—Sr. Marquez—disse Champigny cumprimentando o ministro.

—Sr. Mauricio de Champigny!

—Estava ancioso por esta inexcedivel honra de poder falar a v. ex.ª ácerca do seu paiz e de uns certos assumptos que essencialmente interessam aos meus estudos n'esta viagem.

—Não me tem sido possivel, como era desejo meu, ir eu proprio pedir a v. s.ª a sua esclarecida opinião ácerca da terra portugueza e de quanto o seu lucido espirito haverá observado n'este paiz.

«Sei o que valem os talentos de v. s.ª, tenho informação do muito que sabe e conhece da Europa, cujas grandes questões diplomaticas tem estudado com singular predilecção, e por tantos motivos me estava pesando que os meus encargos me privassem de ir pedir-lhe o seu parecer a respeito de Portugal.

—Esmerados favores de v. ex.ª, que eu não mereço de tal modo grandes e captivantes.

«Se para alguem ha honra e lição n'esta audiencia, é para mim, sr. Marquez, que vejo agora confirmadas na sua benevolencia, nas suas palavras insinuantes e na sua immensa obra de homem de estado. quantos louvores em Paris, em Londres, em Berlim e em Roma, ouvi tecer-lhe, até por aquelles que as circumstancias tornaram adversarios politicos de v. ex.ª (*)

—Mas, por quem é, sr. Mauricio de Champigny! Queira assentar-se e permitta que lhe agradeça as suas obsequiadôras palavras.

Sentaram-se os dois no amplo canapé.

A um gesto affectuoso do ministro. Jorge Gustavo sentou-se tambem.

Champigny envolvia o velho, o *grande Marquez*, n'um immenso olhar de admiração. Impressionava-o profundamente aquella soberba cabeça inconfundivel, aquelle semblante de estranha energia e aquelle altivo olhar d'aguia, que nem os trabalhos, nem a velhice, nem o previsto infortunio tinham podido amortecer. (**)

(*) Um dos embaixadores da França em Lisboa escrevêra ao seu governo: «De profunda erudição, particularmente no que diz respeito ás cousas do governo, o Marquez de Pombal é dotado de uma natural eloquencia, extraordinaria.» (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. LX.)

(**) O marquez de Blosset, embaixador da

O Marquez balbuciou umas breves palavras de modestia, mas a sua alma attribulada illuminára-se de intimos jubilos.

—Tem-lhe deixado boa impressão a sua viagem em Portugal?

—Excellente. Tinha lido umas informações de antigos embaixadores do meu paiz em Lisboa e sinceramente confesso a v. ex.ª que o Portugal que elles descreviam ha vinte ou ha trinta annos está completamente transformado, a começar por essa formosa capital, que v. ex.ª levantou sobre as ruinas do terramoto.

«Quem nunca tiver vindo aqui, só podera avaliar o que era a Lisboa antiga por um dos velhos bairros que o terramoto deixou de pé.

—A Alfama.

—Tenho admirado as suas modernas construcções de excellente aspecto e as suas amplas ruas cheias de movimento. Ninguem lá fóra esperava que fosse possivel reconstruir a capital em pouco mais de vinte annos.

—Havia quem o não julgasse possivel nem mesmo em cem annos—disse o Marquez sorrindo muito desvanecido.

—E, demais a mais, com um tão vasto plano!

—Ainda não completamente realisado. A guerra de 1762, as quantiosas despezas em armamentos, a reforma do exercito, a reedificação e augmento das praças de guerra, a reconstituição da armada e as expedições do Brazil teem levado tempo e dinheiro, que el-rei, meu amo, muito desejaria applicar á completa execução do plano.

—Quando cheguei á fronteira portugueza logo me impressionou a soberba praça d'Elvas e pareceu-me excellente o aspecto das tropas. Ali me falaram do nome de v. ex.ª e da extraordinaria energia com que promoveu a organisação e a disciplina do exercito. (*)

—Auxiliado pelo benemerito general conde de Lippe. (*)

Lia-se no rosto do decrépito ministro uma grande expressão de bem estar. Consolavam-no aquellas justiçeiras palavras de um estrangeiro, ja que na sua terra tantos o deprimiam e lhe negavam justiça.

—Os meus estudos da politica européa, as minhas viagens e, mais ainda, as relações que tenho no ministerio dos negocios estrangeiros da França, permittiram-me que apreciasse v. ex.ª e a grandeza da sua tarefa ainda antes de ter emprehendido esta viagem.

«Tem v. ex.ª no estrangeiro homens d'estado que lhe são hostís e lhe prestam homenagem. (**)

França, escrevêra de Lisboa para o seu governo: «Não se desmentem a audacia e a firmeza d'este ministro no meio das inquietações que deve sentir. (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. LX).

(*) Já em 1772 o embaixador marquez de Clermont d'Amboise dizia em uma longa *Memoria* enviada ao duque de Aiguillon: «Que a primeira cousa que lhe fez grande impressão á sua entrada em Portugal fôra a differença que se notava entre o exercito portuguez e hespanhol, differença que era toda em vantagem do primeiro. Que o mesmo succedia entre as duas praças fronteiras de Badajoz e Elvas. Que na primeira não tinha visto nem uma só peça montada, em quanto Elvas dava logo á primeira vista idéa de ser uma grande praça de guerra, etc.» (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 41.)

(*) «Depois que cheguei a este exercito encontrei coisas bem differentes das que esperava encontrar, quando estava em Lisboa, onde os preparativos militares, por se acharem quasi debaixo das vistas immediatas do Conde de Oeiras, marcham com mais vigôr, zelo e actividade.»

(Trecho de uma communicação dirigida do exercito em operações no anno de 1762. *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 159.)

(**) Champigny não formulára uma lisonja de forasteiro blandicioso.

Pouco mais de dois annos antes, em 6 de setembro de 1774, o conde de Vergennes, ministro dos negocios estrangeiros da França escrevia em um despacho ao marquez de Clermont d'Amboise, embaixador da França em Lisboa, a proposito da provavel quéda do marquez de Pombal:

«Nem a França nem a Inglaterra perderiam n'essa quéda, por isso que o Marquez tem causado damno aos interesses das duas nações»

E em despacho de 18 de outubro do mesmo anno, accrescentava:

«Ha muito que conhecemos o caracter do primeiro ministro e tambem ha muito que temos visto com prazer diminuir o credito e influencia que elle soube ganhar e que tem tido

«E entre os maiores e mais illustres admiradores de v. ex.ª, cabe a primasia ao grande rei Frederico da Prussia...

—O rei Frederico da Prussia?!

—Esse que é indubitavelmente o maior capitão dos tempos modernos.

—O grande amigo de Voltaire, d'esse aspero sr. Voltaire, que me não perdôa por eu ter entregado á Inquisição o jesuita Malagrida!

Champigny conhecia esta dura phrase com que o immortal philosopho de Ferney stygmatisára a punição de Malagrida—*O excesso do horror venceu o excesso do ridiculo*—mas delicadamente se absteve de qualquer referencia a estas palavras do auctor do *Siècle de Louis XV*.

—Eu proprio tive o prazer de ouvir a justa homenagem do grande Frederico ao maior ministro que tem tido Portugal.

«A capital tem-me parecido regularmente policiada.

—Ainda não tanto como é preciso, mas sem comparação com o que era ha trinta annos, e muito melhor depois que se creou a *Intendencia da policia*.

«Tem visto as nossas fabricas e as nossas escolas?

—Com especial attenção, pois que entram na ordem de estudos a que me tenho consagrado.

«Não fazia idêa de taes progressos!

—Sr. de Champigny, não imagina que immenso consolo me dão as suas palavras! Sou um velho caturra com muito amor a esta terra, embora alguns compatriotas meus me supponham de coração inaccessivel a qualquer amoravel sentimento.

—E tanto me surprehendeu o estado de adiantamento em que as encontrei e me interessa conhecer a origem e as causas do seu desenvolvimento, que me atrevo a pedir a v. ex.ª a mercê de mandar que me sejam dados alguns esclarecimentos a respeito das industrias portuguezas.

—Pois não; com todo o gosto.

—Tanto maior divida a minha á benignidade de v. ex.ª

«Maravilha, sr. Marquez, como se tem conseguido tanto!

—A' força de estimulos e sob uma tutela que a muitos pareceu oppressiva, mas que era indispensavel para transformar em breve praso um paiz que estava profundamente atrazado.

«Desenvolveram-se as antigas industrias e crearam-se outras completamente novas em Portugal.

«Aqui tenho eu um curioso apontamento que vou resumir-lhe.

E traduziu uma nota das quantias abonadas por emprestimo do estado a diversas fabricas. (*)

---

o talento de conservar em despeito das cabalas que se teem formado para o perder no espirito de el-rei D. José.»

(*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 76 e 80.)

Ja muito antes o ministro Rouillé escrevêra a um embaixador do seu paiz em Lisboa:

«O que me informaes ácerca do caracter e das intenções de mr. de Carvalho vem confirmar a opinião que já tinhamos ácerca dos seus talentos e da sua probidade, e fazemos sinceros votos para que a sua saude abalada pelo excesso de trabalho, rapida e solidamente se restabeleça.

O embaixador marquez de Clermont d'Amboise dizia ao seu governo ácerca de Pombal: *Este ministro, cujo espirito, vastos conhecimentos e inabalavel firmeza e grandes qualidades, etc.*

O duque d'Aiguillon escrevêra ao ministro da França:

«Prestou merecida homenagem á grandeza de vistas e á lucidez do ministerio do sr. marquez de Pombal. Este ministro tem-se empenhado com infatigavel zelo em tudo quanto mais efficazmente pode contribuir para a gloria do rei seu amo e para justificar a sua confiança.

(*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. LV, LVI, LVII.)

(*) Fabricas de linho	53:000$000
De chapeus	17:000$000
De fundição de ferro em Paço de Arcos	1:000$000
De vidraça	250$000
De louça de ferro estanhado e de folha de Flandres	1:500$000
De velludos d'algodão, bombazina e festões d'algodão	2:500$000
De vidros crystalinos na Marinha Grande	32:000$000
De tecelagem e estamparia de algodão	12:000$000
De pannos de lã, em Cascaes	10:000$000
De botões e fivelas	2:000$000
De tapeçaria	4:000$000

(*Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 279).

—E outras mais. Gostava que podesse vêr as que temos na provincia. Uma de papel, outra de vidros, muitas de tecidos. (*)

«A todas as que ha em Lisboa tive eu a honra insigne de acompanhar el-rei na visita que lhes fez, para applaudir e estimular os que mais e melhor tidavam nos seus progressos.

«Eu por mim lá ia repetidas vezes, como era dever e devoção minha, para não deixar que as boas vontades esmorecessem e avaliar com os meus proprios olhos o auxilio de que precisavam.

«Em certos casos, importa que os ministros sejam como os medicos: não podem, não devem curar por informações.

«Foi já a fabrica de sedas que temos em Lisboa?

—Fui lá hontem com Jacome Ratton, outro grande admirador de v. ex.ª

—E' um dos meus amigos, que tambem os tenho entre os estrangeiros. Lá por fóra suppõem-me systematicamente hostil a quantos não sejam meus compatriotas. E' uma injustiça. Tenho-me empenhado em que Portugal seja dos portuguezes; sou contra qualquer extranha tutela, inimigo figadal de quem nos pretenda explorar ou deprimir; mas nunca tive má vontade aos estrangeiros e estimo os que lealmente me teem auxiliado nas reformas e nos progressos, que teem sido a constante preoccupação... de el-rei meu amo e a gloria maior do seu reinado.

«Mas, sr. Mauricio de Champigny, diga-me com franqueza, que tal lhe pareceu a nossa fabrica de sedas?

—Perfeitamente. Não tem que invejar a outras que eu tenho visto em França.

—E tem tido um extraordinario desenvolvimento!—indicou o Marquez com uma grande expressão de jubilo e como se aquella conversa fosse um regalado lenitivo para as suas intimas amarguras, para as suas lugubres previsões.

«Ha cinco ou seis annos, a fabrica apenas consumia dezeseis mil arrateis de seda em rama, em fio e em casulo; pois já consome quarenta e quatro mil, que o paiz lhe fornece!

«Tambem ha sete annos a fabrica produzia umas 1:500 peças de seda de differentes padrões e qualidades, e agora produz cerca de duas mil e quinhentas.

«E' uma industria que tem sido aqui muito protegida. Em dois annos mandei vir de França cerca de quarenta mil pés de amoreiras; plantaram-se nos arredores de Lisboa e eu proprio dei o exemplo mandando plantar cinco mil na minha quinta de Oeiras.

«Concederam-se privilegios e importantes auxilios aos creadores do sirgo e aos fabricantes da seda.

«Sr. de Champigny, isto ha de parecer-lhe pueril e antigo, mas é isto o que é pratico nos paizes onde o progresso estacou e todas as iniciativas se enervaram. Sem estes estimulos, sem esta tutela, sem esta intervenção do estado, levariamos cem annos a recobrar o tempo perdido.

«Eu sei que no seu paiz as idéas agora são outras. Sim, mas as condições tambem são diversas. La podem achar antiquadas e inefficazes as medidas de Richelieu e de Colbert, porque já passou o periodo de iniciação em que foram necessarias.

«Mas aqui não tivemos Richelieu nem Colbert.

—Antes de v. ex.ª—respondeu Champigny.

—Agradeço a gentileza do cumprimento.

—Que não é exclusivamente meu, sr. Marquez.

«Em França o ouvi dizer e repetir. (*)

(*) Referia-se ás fabricas de Cascaes, da Louzã, da Marinha, de Thomar, de Castello Branco, da Covilhã, de Portalegre, do Fundão, de Aveiro, etc.

(*) Não era um cumprimento banal e de mentiroso favor. Pouco mais de um mez antes, em 2 de janeiro de 1777, o marquez de Blosset, embaixador da França em Lisboa, enviava ao seu governo uma Memoria em que se liam estas apreciações:

«O Marquez de Pombal é um d'esses seres que foram dotados com uma energia de caracter que vae até ao ponto de subjugar os que o cercam e com uma intrepidez que sabe vencer os obstaculos que se lhe oppõem. Empenha-se em seguir o caminho aberto pelos cardeaes de Richelieu, de Mazarino de e Alberoni, com os quaes tem alguma semelhança. Féro e implacavel como o primeiro, tem a astucia do segundo, a audacia e a tenacidade do terceiro. Dirige com mão firme os negocios internos e externos do paiz. Activo, infatigavel, dispondo de vastos

O Marquez agradeceu e logo mudou de conversa, pensando, todavia, no modo bem iniquamente diverso por que o julgavam tantos dos seus compatriotas.

—E lá mesmo, ao pé da fabrica de sedas, não lhe mostraram as primeiras tentativas, os primeiros productos do fabrico da porcellana em Portugal?

—Mostraram, sr. Marquez. Mostraram-me uma bella miniatura do monumento... a el-rei.

—Da Estatua Equestre. Por ora, apenas tentativas, que eu tenho auxiliado de muito boa vontade. Devem-se a um official superior de artilheria, de raro engenho e merecimento. Foi elle quem dirigiu a fundição da grande estatua de el-rei.

—A maior e uma das mais bellas que eu tenho visto!

—Fundida de um só jacto! Vinte e oito horas levaram a derreter as duas mil quinhentas e vinte e duas arrobas de bronze para aquelle colosso de vinte pés e oito pollegadas de altura. Tal quantidade de cêra foi necessaria para os moldes que encareceu nos mercados do paiz!

«Dizia-se que não havia n'esta terra quem fosse capaz de tal obra, ainda que se guiasse pelo livro em que Boffrand descreve os trabalhos de Keller para a fundição da estatua equestre do vosso rei Luiz XIV.

«E houve e fez mais: inventou o apparelho para levantar aquella formidavel massa de bronze. (*)

—São tambem admiraveis as figuras do soberbo pedestal! Têem vida, movimento, grandeza esculptural!

—Obra de um illustre artista portuguez, como todo o modelo do monumento—elucidou o Marquez, cada vez mais embevecido n'aquella palestra.

«Disse-me o coronel Jorge Gustavo que o havia acompanhado a minha casa de Oeiras.

—A' beira do Tejo—disse Champigny, como recordando-se. Oeiras! Magnifica vivenda!

—Lá viu, decerto, umas estatuas d'aquelle insigne esculptor. (*)

—E não me passaram despercebidas. Tive tambem occasião de admirar o canal que v. ex.ª ali mandou construir e a grandiosa adega da sua casa.

«Mostraram-me os aposentos em que sua magestade fidelissima residiu por algumas vezes em casa de v. ex.ª.

—Deu-me essa honra insigne el-rei, meu amo!—disse o Marquez, n'um tom repassado de saudade e de tristeza. Como amigo meu ali ia, para se restabelecer

---

conhecimentos e de certo tacto finissimo para apreciar os homens e para escolher o momento favoravel ao bom exito dos seus designios, encontra nas lições da sua larga experiencia os expedientes e os recursos que lhe podem convir. Apezar da violencia das suas paixões, sabe occultar a impetuosidade dos primeiros impulsos e, quando quer, torna-se senhor de si mesmo. E' simples no trato, polido nas maneiras, jovial na conversação e fala melhor do que escreve. Todas as qualidades moraes que indiquei são realçadas por um aspecto physico admiravel, alliado a uma constituição que nenhum trabalho fatiga ou altera. Apezar dos seus setenta e sete annos, tão forte se sente de corpo e do espirito, que se suppõe immortal e fala de vastos projectos, que só os filhos talvez alcancem vêr realisados.

(*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. LXI e LXII.)

(*) Foi Bartholomeu da Costa, official superior de artilheria, quem dirigiu a fundição da estatua equestre de el-rei D. José, e inventou um engenhoso apparelho para o seu levantamento. Para a respectiva conducção foi preciso construir uma zorra especial, enorme, e para poder passer deitou-se abaixo parte do arco de Santa Engracia, abriu-se uma nova rua, foram calçadas e niveladas outras e, ainda assim, os rolos que davam movimento á zorra, em logar das rodas ordinarias, caminhavam sobre grandes pranchões collocados nas ruas do transito. Levou quatro dias a chegar ao Terreiro do Paço.

Informando o seu governo ácerca da estatua equestre e da sua grandeza, o conde de Hennisdal, encarregado de negocios da França em Lisboa, elogiava o fundidor, pela perfeição da obra, e dizia *que o mesmo tinha descoberto uma especie de porcellana da melhor qualidade*. (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 83).

Em um dos seus relatorios, escreveu a este respeito o sr. visconde de Villa Maior:

«D'estes ensaios que parece haverem sido feitos na fabrica real do Rato, existem ainda vestigios em Lisboa; recordo-me de ter visto já uma medalha de biscoito de porcellana, representando em relevo a estatua equestre (a de D. José I), medalha que fôra moldada pelo proprio Bartholomeu da Costa.»

(*) Referia-se ao eminente esculptor Joaquim Machado de Castro.

em ares mais puros e para fazer uso de banhos em uma praia proxima.

«N'aquellas salas se reuniram e expozeram as melhores amostras das industrias portuguezas. Com a assistencia de el-rei, fôram patentes a quem as quizesse visitar.

«E' verdade: ainda lhe não pedi a sua opinião ácerca das nossas escolas. Sei que visitou a Universidade.

—E trouxe de lá, sr. Marquez, as mais agradaveis e profundas impressões.

«Está excellentemente dotada. Destacam-se bem os modernos melhoramentos. E'

O palacio do Marquez em Oeiras

«Sr. Mauricio de Champigny, affianço-lhe que fiquei desvanecido perante aquelle irrecusavel testemunho dos progressos do meu paiz. (*)

das mais antigas, foi das mais celebres; é hoje, incontestavelmente, das mais adeantadas. Tem homens de extremado saber e, entre o seu illustre corpo cathedratico,

(*) Foi decerto o primeiro ensaio de uma exposição industrial.

Em 1867, um dos collaboradores da *Rèvue de l'art chrétien* escrevia n'aquelle periodico parisiense:

«O Marquez de Pombal, émulo de Richelieu

numeroso, apenas me lembro de ter encontrado quatro ou cinco estrangeiros.

—Que foi indispensavel convidar—explicou o Marquez com os olhos a refulgirem-lhe orgulho.

—E foi v. ex.ª o reformador.

—Foi el-rei. Eu fui apenas o seu logartenente.

—Falaram-me das honras magestaticas com que v. ex.ª ali foi recebido, por occasião de se abrirem as aulas reformadas e as novas faculdades.

—Sua Magestade tinha-me investido nos privilegios dos vice-reis e outorgára-me todos os seus poderes reaes. (*)

---

na politica, seguiu as pisadas de Colbert na administração.

.....

«Em 1775, durante a epoca annual em que D. José ia para o palacio e quinta de Oeiras, proximo dos banhos do Estoril, que os medicos lhe tinham aconselhado, Pombal soube aproveitar-se d'esta circumstancia para transformar uma simples feira em exposição de productos da industria portugueza.»

.....

«Esta idéa fecunda, adoptada depois pelo mundo industrial, bastaria para justificar o titulo de *grande Marquez* dado pelos camponezes a um velho decahido do poder e condemnado ás amarguras do exilio.»

Os francezes envaideciam-se com a sua exposição industrial de 1798, por occasião do setimo anniversario da Republica, e chamavam-lhe a primeira. Não era. A primeira fôra aquella de Oeiras, vinte e tres annos antes.

Tratando dos productos expostos nas salas do palacio do Marquez, o conselheiro Candido José Xavier Dias da Silva escreveu no tomo VII dos *Annaes das sciencias, artes e lettras*:

«As tapeçarias do Algarve, estabelecidas á imitação das de Beauvais, de que ainda as salas do senado da camara de Lisboa e a casa dos Vinte e Quatro conservam armações; as rendas de Setubal, á imitação das inglezas; os pannos de Cascaes, de Portalegre, da Covilhã, do Fundão; as sedas da Real Fabrica; os tecidos de algodão e seda da fabrica de Locatelli, em Aveiro; as cambraias lisas e lavradas de Alcobaça; todos os artigos manufacturados nos suburbios do Rato; relogios da fabrica de Pires; louça, vidros, panno de linho, saragoças, gorgorões de Bragança; chapeus de Braga, Lisboa e Elvas; tudo quanto era producto da industria portugueza veiu enriquecer aquelle espectaculo nacional.»

(*) A carta régia da nomeação era assim concebida:

—Pois é um estabelecimento de instrucção que enobrece um paiz.

—Havia chegado a um lastimoso atrazo! Tinham feito d'ella os jesuitas uma succursal miseranda do vespeiro seu que tinham na cidade de Evora com o nome hypocrita de universidade.

Champigny sorriu para dentro. Tinha ouvido falar muito em França da má vontade do Marquez aos padres da Companhia de Jesus.

—Já na Allemanha e no meu paiz eu tinha ouvido affirmar que, pelos seus novos estatutos e pelo seu corpo cathedratico, a universidade de Coimbra ficára a par das mais illustres da Europa. Encontrei esta opinião plenamente confirmada.

—Desde a expulsão dos jesuitas—continuou o Marquez—tomára el-rei a peito dar novos moldes aos estudos e transformar completamente todo o ensino publico do paiz.

«Crearam-se muitas escolas de primeiras lettras e cerca de trezentas de humanidades. (*)

«Vae para dezeseis annos, fundou-se um collegio de educação para os filhos dos fidalgos. Denomina-se *Collegio dos nobres*. (**)

—Já tive o gosto de o visitar, obsequiosamente acompanhado pelo sr. coronel Jorge Gustavo. Notei a excellente aprendizagem pratica das linguas franceza, italiana e ingleza; assisti aos estudos nas aulas de arithmetica e geometria, de geographia e de historia natural, e lembrei-me então com espanto de certa informação que Jacome Ratton me havia dado no decorrer de uma conversa.

«Ha vinte e tantos annos, não se encon-

«Honrado Marquez, meu tenente e muito prezado amigo.

«Faço saber a essa universidade, como protector que sou d'ella, ser servido reformal-a, e por isso em meu nome fareis tudo, concedendo-vos todos os privilegios que são concedidos aos vice-reis, e ainda aquelles que eu reservo para mim. A mesma universidade o tenha assim entendido, e vos respeite todas as honras que vos são devidas, pois sois do meu real agrado e protecção.—Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 13 de agosto de 1772.—Rei.»

(*) O alvará de 11 de novembro de 1773 augmentou o numero d'aquellas escolas.

(**) Decreto de 7 de março de 1761.

trava em Lisboa um professor que podesse ensinar geometria, e a escola preparatoria dos officiaes de artilheria era uma aula de jesuitas do Collegio de Santo Antão! (*)

—A *aula de esphera* se chamava—confirmou Jorge Gustavo.

—Perdõe-me v. ex.ª esta franqueza, que é toda em louvôr dos progressos realisados.

—E' a verdade, sr. de Champigny.

«Coronel—disse voltando-se para Jorge Gustavo—se o sr. Mauricio de Champigny quizer visitar o *Collegio das artes* (**) de Mafra, queira acompanhal-o, e apresente-o lá em meu nome.

—Mil agradecimentos, sr. Marquez.

—E a impressão régia. De la teem saido já excellentes livros, uteis ás sciencias e ás boas lettras. (***)

—Falei já com o italiano que v. ex.ª mandou contractar para esse estabelecimento.

—Nicolau Pagliarini.

—Parece muito devotado a v. ex.ª

—Parece, diz muito bem, sr. de Champigny. A's vezes são esses os mais duros ingratos e os peores inimigos nas horas de adversidade. Conheço os exemplos estranhos e tenho já a lição amarissima dos meus!

—Pois ficou-me bem de memoria uma phrase d'elle, que v. ex.ª me permittirá que lhe repita.

—Pois não.

—Não imagina, sr. Marquez, a vaidade com que Pagliarini me disse por duas vezes, deante de Jacome Ratton: *Io sono creatura di Pombale.*

—Veremos se elle falará d'esse modo *até ao fim*—disse o Marquez com um pallido sorriso de disfarce.

—Que valem para a gloria de v. ex.ª as ingratidões e as versatilidades d'esses obscuros?

«E certamente nem todos hão de ser ingratos. Jacome Ratton, por exemplo. Não é facil de fingir o enthusiasmo, o tom de sinceridade com que elle me tem falado de v. ex.ª! Tem sido em Lisboa um dos meus informadores mais solicitos.

«Por elle já eu sabia como v. ex.ª engrandecêra o ensino do povo e creára recursos para o manter.

—Temos já oitocentas e trinta e sete escolas régias de humanidades e de primeiras lettras. (*)

O Marquez falava com grande prazer e legitimo desvanecimento das suas reformas da instrucção publica. A da instrucção primaria era de 6 de novembro de 1772. Um alto espirito dos nossos tempos (D. Antonio da Costa) escreveu com admiravel concisão e plena justiça: *A instrucção popular nasceu n'aquelle dia.*

N'este abençoado progresso, o Marquez fizéra que Portugal precedesse a Allemanha imperial, a França e a Prussia.

A reforma geral da instrucção publica inaugurava um systema de educação moral, religiosa e social, não só nos collegios e escolas régias, senão tambem nas dos conventos e instituições religiosas, que todos formularam estatutos e planos de ensino modelados pela reforma official ou inspirados nos estatutos da Universidade.

Subira extraordinariamente em doze annos o nivel intellectual e scientifico de Portugal. (**)

* * *

Corria agradavelmente para o Marquez aquella conversa com Mauricio de Champigny. Como que estava a recordar a sua grande historia, cujas derradeiras paginas a desgraça ia talvez escrever.

Era o francez um estudioso, soffrego de

(*) *Recordações*, de Jacome Ratton. *Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho.

(**) Fundado por alvará de 18 de agosto de 1772.

(***) Foi creada por alvará de 24 de dezembro de 1768.

(*) Era este o numero indicado por mr. de Montigny, encarregado dos negocios da França, em Lisboa, no officio que em fins de 1772 enviára ao duque de Aiguillon.

E por signal que na mesma data o Duque dirigia a Montigny um despacho, em que por este modo se referia á reforma da Universidade:

«A opinião que temos dos talentos e conhecimentos do sr. Marquez de Pombal dá nos antecipadamente a mais alta idéa das mudanças e additamentos que este Ministro deve fazer nos estatutos da Universidade, etc.»

(*Quadro Elementar*, tomo VIII, pag. 51).

(**) Encontra-se no tomo II, pag. 297 do *Diccionario bibliographico* de Innocencio da Silva, a lista interessante dos collegios e escolas monacaes creados ou remodelados conforme o novo systema.

novos subsidios para o seu espirito extremadamente culto, e com as informações que havia já colhido e em grande parte lhe ministrára Jacome Ratton, ia incitando o Marquez a dar-lhe interessantes pormenores ácerca da sua obra reformadora.

Champigny alludira calorosamente á abolição das iniquas distincções entre christãos novos e christãos velhos, e commovidamente se referira a esse bemdito e glorioso alvará que tornára livres os negros que nascessem em Portugal, filhos de mães escravas.

—A data d'esse alvará—dizia Champigny enthusiasticamente—ha de ficar escripta em lettras de oiro na primeira pagina de um grande livro da justiça humana, em que as outras nações da Europa ainda não collaboraram.

«Nenhum portuguez terá o direito de ignorar essa data!

O Marquez ouvia-o com enternecimento e dizia comsigo melancholicamente:

—Como elle se engana! O que todos elles sabem de cór é a data em que morreram os Tavoras e Malagrida foi garrotado.

—Mas estou abusando da benignidade de v. ex.ª, sr. Marquez!

—De modo nenhum. Dá-me até immenso prazer ouvil-o e falar-lhe de assumptos que o meu coração dia a dia recorda jubilosamente.

—Mas tenho tomado para mim uma parte do precioso tempo que v. ex.ª tem de consagrar á sua admiravel tarefa!

«Para outra occasião, em que v. ex.ª queira ter a benignidade de me ouvir, reservarei o pedido de alguns esclarecimentos ácerca de um facto historico dos nossos tempos, em que v. ex.ª teve uma acção preponderante.

—Pois, sr. Mauricio de Champigny, na minha idade e em certas conjuncturas nunca é prudente contar com o dia de ámanhã.

«Póde fugir subitamente a occasião ou a possibilidade de lhe dar os esclarecimentos que deseja.

«Queira dispôr da minha boa vontade.

—Receio fatigar v. ex.ª

—Não fatiga. Devo a Deus a grande mercê de me deixar pouco accessivel á fadiga esta longa velhice, que nunca foi poupada a trabalhos.

«Queira falar francamente. Deseja então esclarecimentos ácerca de um facto historico?...

—Da abolição da Companhia de Jesus. Em França attribuem o facto á iniciativa do duque de Choiseul, em Hespanha ao cardeal Moñino, conde de Florida Blanca, e em Roma á acção perseverante de v. ex.ª junto dos governos de Madrid e de Paris e á sua attitude intransigente perante o Vaticano.

—Contribuiram muito para a abolição Choiseul e Florida Branca; quizeram, porém, as circumstancias que eu fosse o primeiro empenhado no pleito, obedecendo, é claro, á soberana vontade de el-rei meu amo. Houve um momento em que me encontrei sósinho. A Hespanha hesitava e Choiseul não queria acceitar os meus projectos, nem confiava nos meus vaticinios.

«Deram-me razão os acontecimentos e tomaram afinal a resolução que eu tinha previsto.

«Previ melhor porque melhor conhecia os padres da Companhia. De resto, comprehendo as reluctancias de Choiseul. Comprehendo-as, e agora, a sangue frio, explico-as perfeitamente.

«Primeiro ministro de uma grande nação, doía ao seu orgulho, afinal justificavel, seguir o impulso e o caminho que lhe quizéra dar e lhe indicára o ministro de uma nação pequena.

—Que afinal teve de seguir.

—Quando lhe pareceu que procedia de motu proprio, embora na realidade seguisse a corrente de novos acontecimentos, aliás esperados.

—Por v. ex.ª?

—Por mim, é certo. Choiseul não me era affeiçoado e não estava a principio muito contra a Companhia.

«Ainda assim, preferia-o com a sua antipathia por mim, a esse ministro hespanhol que protege a roupêta por detraz do throno do rei seu amo.

—O marquez de Grimaldi?

—Exactamente. Estamos a falar como dois particulares. Confio-lhe a minha opinião pessoal. Grimaldi é um *jesuita de batina curta.*

Champigny sorriu da phrase.

—Mas pedio-me esclarecimentos e eu estou a dar-lhe opiniões.

—Valiosissimas para mim.

—Os factos valem sempre mais, e a minha memoria, graças a Deus, ainda me não atraiçôa muito.

«Eu lhe resumo as phases capitaes d'essa longa e porllada campanha, fazendo-lhe primeiro um pedido.

—V. ex.ª manda, sr. Marquez.

—Se vier a escrever ácerca das suas viagens, não repita dos meus esclarecimentos senão o que já não pertence ao segredo das chancellarias.

—Dou a v. ex.ª a minha palavra de homem de bem.

—Pelo menos, em quanto souber que eu sou ministro.

—Que ha de ser ainda por largos annos.

—Quem sabe?!... Mas, emfim, tenho a sua palavra de cavalheiro, sr. Mauricio de Champigny. E' quanto me basta.

«Não lhe farei a offensa de suppôr que não conhece os pormenores essenciaes da expulsão dos jesuitas de Portugal e da expulsão do nuncio Acciajuoli.

—Conheço effectivamente. Só quatro annos depois o meu paiz se resolveu a expulsal-os.

—E o governo de Hespanha levou sete annos a encher-se de resolução para seguir o exemplo de el-rei de Portugal.

—Peço perdão, sr. Marquez. A Europa cita esse exemplo, attribuindo-o ao sr. conde de Oeiras, e a historia dirá, provavelmente, o que diz a Europa.

—Não, não—objectou o Marquez intimamente lisonjeado. Todas essas coisas as tem determinado el-rei nas suas leis, nos seus decretos, nos seus alvarás.

—Perfeitamente, sr. Marquez. Mas a Europa e a historia conhecem bem os artificios e as formulas officiaes. O genio de Sully transparece nas leis e ordenanças de Henrique IV, tal como o de Richelieu illumina as leis e ordenanças de Luiz XIII e como os talentos do grande Colbert refulgem nas leis que Luiz XIV firmava pelo seu punho.

«Vem um dia a historia, sr. Marquez, e arranca dos régios diplomas, sepultados nos archivos, o nome do ministro de luminosa e audaz iniciativa, e firma-o em lettras de oiro nas suas paginas immortaes.

«Então o simples collaborador nas chancellarias avulta como primacial individualidade nas apothéoses da gloria humana.

O Marquez sentia-se embaraçado e enternecido. Estava a dizer-lhe consoladoras verdades a palavra insuspeita d'aquelle estrangeiro. Nem elle podia sonhar sequer em que noite de infernaes torturas e em que rijo coração requeimado de paixões e de desesperos estavam caindo as suas palavras, como gottas de suavissimo orvalho!

—Assim tem succedido com os grandes homens de estado, a quem eu não posso comparar-me... Mas, sr. Mauricio de Champigny, dê-me licença que vá continuando os meus esclarecimentos.

«A expulsão do Nuncio importava o rompimento com a Santa Sé.

«Em julho de 1760, 2 de julho salvo erro, o ministro portuguez em Roma, Francisco d'Almada, mandava affixar na egreja de Santo Antonio dos portuguezes um edital annunciando o rompimento e intimando os subditos de el-rei de Portugal a sairem dos estados pontificios.

«Ainda houve então umas ephemeras tentativas de conciliação por parte do cardeal Corsini, emissario do Papa junto de Francisco de Almada. Movido por fallazes esperanças, o ministro de Portugal mandou affixar um contra-edital.

«Era tarde. Torregiani tutelava o Pontifice e, como decerto sabe, o secretario de estado de Clemente XIII era um agente do Geral Lourenço Ricci, seu parente.

«Novo edital de Francisco d'Almada, dois dias depois do segundo, (*) annunciando a sua saida de Roma, e intimando os portuguezes a deixarem os estados pontificios até setembro, se bem me recordo.

«Em agosto, 10 d'agosto, é uma data que eu tenho bem presente, o sr. D. José fazia expedir tres decretos, mandando sair dos seus reinos todos os vassallos do Papa, como dos estados pontificios todos os subditos portuguezes; prohibindo a remessa de donativos para Roma, a solicitação

(*) De 6 de julho de 1760.

de breves, bullas, graças ou despachos, feita ao Pontifice, aos seus ministros ou aos seus tribunaes, sem prévia licença de el-rei, e tornando defezos, sob gravissimas penas, todos os negocios temporaes com os estados do Papa.

—Era a québra formal de todas as relações com a Santa Sé.

—Québra que durou dez annos e deu tempo a el-rei para emancipar os seus estados de uma tutela humilhadôra, que se não compadecia com as puras doutrinas do Christianismo, e só na Idade Média poderia supportar-se! (*)

—Ouvi em Roma, e em Paris o tinha ouvido já, que houve diversas tentativas de conciliação.

—Por parte do Pontifice insistentes tentativas.

—Disseram-me em Roma que foi, graças aos esforços de v. ex.ª junto de el-rei, que similhantes tentativas ficaram sempre mallogradas.

—Sua Magestade dignava-se ordenar que lhe desse o meu parecer e lealmente lhe disse que se me não afigurava decoroso acceitar qualquer proposta de conciliação, ainda que fosse apenas para discutir, sem a prévia demissão do cardeal Torregiani do seu cargo de secretario d'estado.

«Catholico piedoso, muito se affligia com esta pendencia o generoso coração de el-rei, mas o seu alto espirito admiravelmente comprehendia as suas responsabilidades em face da historia e devotadamente se conformou com o sacrificio de um magnanimo sentimento de perdão.

«Por ordem sua reclamei a demissão de Torregiani e rejeitei qualquer conciliação que se não baseasse n'aquella satisfação a el-rei.

—Ouvi que os soberanos de Hespanha, França e Sardenha haviam offerecido a sua mediação conciliadora.

—E' verdade. O governo da Sardenha ainda empenhou alguns esforços n'esse sentido, mas Clemente XIII não queria demittir Torregiani e el-rei de Portugal não admittia negociações, sem essa transigencia do Pontifice.

—Correu em Paris que o papa Clemente XIII chegou a escrever algumas sentidas cartas de supplica ao sr. D. José.

—Escreveu. E uma d'essas cartas era de tal modo commovente, que muito impressionou o animo de Sua Magestade (*).

«Só eu sei bem o pungente sacrificio que el-rei se impunha, mas sabia collocar os seus deveres de soberano acima do seu coração de homem, e n'esta lucta comsigo mesmo conquistou uma das maiores glorias do seu fecundo reinado. Commovia-se, mas não transigia.

Mauricio de Champigny cada vez estava admirando mais a insistencia com que o Marquez ia attribuindo ao rei, quanto era afinal o producto da sua audaciosa iniciativa.

Homenagem de cortezão? Systematica defeza contra as responsabilidades que poderiam impor-lhe por outros factos que os seus adversarios denominavam crimes politicos e crueldades judiciarias? Facil e artificiosa modestia em quem sabia que a historia havia de consagrar no ministro as glorias com que elle estava engrandecendo o monarcha?

Talvez que para todas estas interrogações sejam plausiveis estas respostas:

Sob aquella homenagem prendêra aos seus designios o amor proprio do rei, n'aquella defeza se acautelava de previstas contigencias, n'aquella modestia, artificio de um legitimo orgulho, realçava a sua propria obra, sem que podessem accusal-o de apoucar a auctoridade real.

(*) «Dez annos manteve o imperterrito ministro a decretada separação entre a Curia e Portugal.

«Era o maior esforço e a mais audaz empreza a que dentro do catholicismo jamais se abalançára um estadista ou um soberano.»

.....

«A brava resistencia opposta pelo marquez de Pombal a todas as pretenções da curia, contrarias ás franquezas e immunidades do imperante, é porventura o maximo serviço que á moderna civilisação prestou o audaz reformador. Com elle termina por assim dizer em Portugal a idade média, quanto á exagerada influencia do pontificado nos negocios temporaes.»

(*Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho. Tomo I, pag. 46 e 47).

(*) Eis um trecho d'essa carta:

«Recusareis abrir os braços a um pae afflictissimo que está á beira do tumulo? A um pae que só de lagrimas se sustentou desde os tristes acontecimentos que entre nós interromperam a harmonia?»

—Não desmaiava el-rei na tenacissima lucta. Apparece em Portugal o breve *Apostolicum passendis munus*, insolito panegyrico da Companhia, e repelle-se e declara-se nullo, indigno do regio *exequatur*. Vem a bulla *Animarum saluti*, escandalosa defeza dos jesuitas, e rasga-se aqui por *obrepticia*, *subrepticia* e *nulla*, e são expulsos os poucos jesuitas que tinham ficado tolerados.

«Torregiani mandava-nos como balas formidaveis os breves e bullas que arrancava á benevolencia do Papa, e de cá recambiavam-se-lhe em farrapos.

«Tentaram introduzir aqui a famosa bulla *In Cœna Domini*, arrogante e illegitima affirmação do poder pontificio sobre todas as auctoridades temporaes, irrita proclamação da suzerania papal sobre os reis e sobre os estados, e de cá se repulsou, impondo as mais severas penas a quem ousasse introduzil-a ou acceital-a.

«Julgou Torregiani que estavamos ainda no seculo XVI, no seculo das excommunhões, no seculo de Luthero e de Calvino!

—Como v. ex.ª sabe, essa famosa bulla del S. Pio V lê-se todos os annos em Roma em quinta-feira maior.

—Sim, lá em Roma podem lel-a á sua vontade.

—E' curiosa a cerimonia da leitura. Assisti a esse acto ha cêrca de oito annos. Um cardeal da ordem dos diaconos leu a formidavel bulla. Depois o Pontifice pegou n'um cirio em chammas e da porta do templo o arrojou á praça publica.

«No cirio a arder vae symbolisado o desafio e a ameaça aos hereticos e aos reis insubmissos.

—Pois el-rei não se submetteu, e a chamma do cirio ameaçador lá ficou a arder inutilmente no chão, emquanto aqui o estado se emancipava completamente da abusiva interferencia da Curia nas questões temporaes, e da oppressiva e gananciosa tutela clerical.

Tomára estranhas vibrações a voz d'aquelle velho extraordinario.

—Propuz a Choiseul que se empenhasse commigo para que, de commum accordo, as côrtes de Paris, Madrid e Lisboa pedissem ao Papa a extincção da Companhia de Jesus e a demissão de Torregiani. Em caso de recusa, as tres côrtes enviariam uma solemne embaixada a Roma.

«Choiseul hesitou e respondeu-me com evasivas. Disse-me que nunca o soberano pontifice e o cardeal Torregiani acceitariam similhante imposição, e que as côrtes de França, de Hespanha e de Portugal se veriam embaraçadas, sem saber como responder-lhe, se o Papa lhes dissesse que nada tinham já a recear dos jesuitas, pois que os haviam expulsado.

«Instei, predisse-lhe que as hesitações d'aquelle momento dariam novo alento aos jesuitas, tutores do Pontifice, e lhe inspirariam alguma audacia, que tornasse inevitavel obter pela violencia o que ainda seria possivel alcançar pela acção moral dos tres estados.

«Não consegui movêl-o. Communiquei-lhe o meu projecto de impôr ao Vaticano a reforma de todos os abusos introduzidos na Egreja, tornando assim possivel a entrada dos protestantes no gremio catholico, o que seria de immenso prestigio para a propria egreja de Roma.

«Pela resposta que mandou a Simonin, que era então o representante da França em Lisboa, fiquei percebendo que o assombrava a minha ideia ou que me suppunha doido. Dava-me indirectos conselhos de prudencia e de reflexão!

—Era um soberbo plano o de v. ex.ª!

—Que eu tinha submettido á apreciação de el-rei e com a sua annuencia o communicára ao duque de Choiseul. Em todas estas negociações procedia em virtude de deliberação ou ordem de sua magestade, como era dever meu.

«Consegui mover o governo de Hespanha a reclamar a extincção da Companhia, e então Choiseul, assim que de tal teve conhecimento, se decidiu a fazer egual exigencia.

—Portanto, á inquebrantavel iniciativa de v. ex.ª se deve a abolição da Companhia.

—Não direi tanto; mas, cumprindo as vontades de el-rei, comecei eu a longa contenda e não desanimei nunca.

—N'estas questões de justiça da historia ponho de parte as minhas inclinações de nacionalidade.

«Veja v. ex.ª como a historia se falseia! Em Paris por varias vezes ouvi affirmar que a iniciativa da abolição fôra de Choi-

seul e que as côrtes de Lisboa, Veneza e Napoles haviam hesitado deante da grandeza do projecto! (*)

—Tenho os documentos por mim, sr, Mauricio de Champigny. Alguns hão de existir no ministerio dos negocios estrangeiros de França. (**)

—Basta-me a declaração de v. ex.ª, ainda que não a confirmassem os proprios jesuitas de Roma.

—Conhece bem o desenlaee da pendencia, a batalha final em que se conquistou o breve *Dominus ac Redemptor*, que aboliu a Companhia?

—Uma parte apenas dos pormenores d'essa derradeira lucta.

«Sei que o pobre Clemente XIII, empurrado pelo seu velhaco secretario d'estado Torregiani e pelos seus falsos amigos da Companhia, ousou praticar um acto que só poderia tolerar-se em plena Idade Média.

—E empurraram-no afinal para um acto de covarde e inutil violencia!

—Diz v. ex.ª perfeitamente. Napoles e o ducado de Parma expulsaram tambem os jesuitas, seguiram o exemplo de Portugal, da Hespanha e de França, e Clemente XIII, que enviava cartas de enternecedoras supplicas a el-rei D. José e emmudecia para os reis de França, de Hespanha e de Napoles, só se atrevia a excommungar o mais fraco dos expulsadores—o duque de Parma!

—A bulla contra o Duque reinante era bem uma copia das velhas bullas de ha quatrocentos annos. Fulminado pela excommunhão o principe e *vassallo* insubmisso, desthronado e os seus subditos desligados do juramento de fidelidade!

—Perfeitamente medieval!

—Com esta enorme differença, sr. de Champigny: a macula de ardilosa cobardia que os jesuitas lhe imprimiram, escondidos atraz do velho e timido Pontifice. As bullas comminatorias da Edade Média eram com a mesma audacia arrojadas aos soberanos de Castella ou aos reis de França, ao rei de Portugal ou aos imperadores da Allemanha, a Sancho II ou a Frederico Barba-Roxa.

«Aquella era contra o mais fraco! Raio fulminador forjado pela velhacaria dos jesuitas, a famosa bulla foi uma desastrada experiencia.

«Se dêsse bom resultado, se a Europa se dobrasse tremente, como ha quatro seculos, os outros expulsadores mais poderosos, reis malditos, feudatarios rebeldes do suzerano de Roma, seriam tambem excommungados.

«Nos desvairamentos do desespero, a velha astucia da Companhia deu n'aquella infantil ingenuidade de suppôr que uma bulla bastaria, para que a Europa retrogradasse quatro seculos!

—Os proprios jesuitas apressaram a extincção da Companhia!

—E amarguraram os ultimos dias d'esse pobre Clemente XIII, que morria por elles, e morreu!

«Foi então que as circumstancias forçaram Choiseul a tomar violentamente o caminho que annos antes poderia ter seguido.

—Como v. ex.ª lhe aconselhára.

—Como lhe propuzera; mas eu sou o ministro de uma nação pequena.

«Era o duque de Parma um Bourbon e a questão de familia agitou as côrtes de França, de Hespanha e de Napoles. As tropas francezas avançaram para Avinhão, as napolitanas para Benavento e Porto-Côrvo. Era a irtervenção da força, a exigencia á mão armada.

—Que v. ex.ª previra.

—Fui uma vez propheta — confirmou o Marquez sorrindo.

«Então, como sabe, coube o principal papel a Choiseul, admiravelmente secundado por D. José Moñino, conde de Florida Blanca.

—Mas v. ex.ª tambem se empenhou na solução da pendencia.

—Tambem, por deliberação de el-rei. Entendi que apparecia novo ensejo para exigir a abolição da Companhia. A simples revogação da bulla comminatoria, com que Choiseul se contentava, parecia-me escassa conquista para tamanho alarde de

(*) No seu livro—*La chute des Jésuites* o conde de Saint-Priest reproduz esta inexacta affirmação, em que se concede ao duque de Choiseul uma gloria usurpada ao Marquez de Pombal.

(**) E existem. A'cerca das negociações para a extincção da Companhia de Jesus é de proveitosa consulta o livro admiravel de Francisco Luiz Gomes—*Le Marquis de Pombal*, de pag. 214 a 227.

força. Propuz que se convidasse o Pontifice a extinguir a Companhia, e d'este modo solemnemente se revogaria a inadmissivel bulla, com plena satisfação aos estados catholicos. Uma recusa importaria a occupação de Roma.

«Ainda d'esta vez Choiseul se quiz apartar de mim, e respondeu que no conflicto a resolver só eram directamente interessados os monarchas da familia Bourbon.

«Era um erro de apreciação. Assim o disse aqui ao embaixador Simonin. Choiseul afastava-me de si, insistentemente; eu é que me não afastava da questão.

—Mas Clemente XIII não cedeu.

—Quem não cedeu foi Torregiani, patrono da Companhia, e os soldados da França e de Napoles occuparam Avinhão, Benavento e Ponte-Corvo.

«Estavam invadidos os estados do Papa. Era a minha previsão.

«Mas não estava abolida a Companhia. Perdia-se tempo. A acção combinada, resoluta, como eu tinha proposto em nome de el-rei, haveria produzido logo o desejado triumpho. Rejeitou-a o mal entendido orgulho de Choiseul e nem por isso logrou evitar a violencia armada contra o Summo Pontifice.

«Em dezembro de 1768 o marquez de Auberre, embaixador da França, intimava a Clemente XIII a revogacão da bulla e a abolição da Companhia.

—E o papa caiu sem sentidos.

—E não deu resposta. A Companhia ficava de pé em Roma, e Clemente XIII emmudeceu para sempre.

—Estava eu em Roma quando foi eleito papa o cardeal Ganganelli. Que torpeza de intrigas e que miseranda lucta de partidos!

—E Ganganelli, o glorioso Clemente XIV, era o mais illustre e o mais virtuoso dos cardeaes do sacro collegio!

—Mas apertado pelos jesuitas—observou Champigny—foi entretendo annos em respostas e promessas dilatorias e fugia amargurado para o seu retiro de Castel-Gandolpho, quando já não encontrava respostas e subterfugios para oppôr ás exigencias das côrtes bourbonicas.

—E do ministro plenipotenciario de el-rei de Portugal, que levou dois annos a instar pela abolição da Companhia. Choiseul teve de se conformar com a cooperação do ministro portuguez.

«Foi então que por parte da Hespanha D. José Moñino empenhou admiraveis esforços contra a Companhia, esforços em grande parte annullados pelo cardeal de Bernis.

—O embaixador da França, que trahira o seu rei, bandeando-se clandestinamente com os jesuitas.

—Foi o conde de Bernis quem não quiz annuir a que o ministro portuguez Francisco de Almada assistisse ás longas conferencias dos embaixadores da côrte bourbonica, conferencias que pareciam interminaveis. O Cardeal sabia bem que Francisco de Almada não acceitava negociações com o Vaticano que não implicassem a abolição da Companhia, e não era homem para expedientes dilatorios.

«E o cardeal de Bernis queria limitar as suas exigencias a um breve em que o Papa declarasse que de *motu proprio* sanccionava a expulsão dos jesuitas dos estados bourbonicos.

«A proposito da sua exclusão das conferencias, dizia Francisco de Almada a D. José Moñino: «Não me affijo com isso. Antes quero ficar em casa do que ir para lá ouvir dizer de um lado: *Per omnia secula seculorum*, e do outro lado: *Amen*.

—Graciosa critica ás interminaveis conferencias — disse Mauricio de Champigny.

«Mas tenho ideia... e perdõe-me v. ex.ª sr. Marquez se inadvertidamente me torno indiscreto...

—Por modo nenhum. Queira falar desassombradamente, sr. Mauricio de Champigny.

—Tenho ideia de se falar com estranheza na abstenção, pelo menos apparente, do ministro de Portugal nas negociações finaes que precederam a publicação do breve *Dominus ac Redemptor*.

—Que aboliu a Companhia em todo o mundo, summariando-lhe os desregramentos, os erros, e as culpas, e invocando os precedentes da extincção da ordem monastico-militar dos Templarios e de algumas congregações religiosas.

—Bem que em serenas e piedosas palavras, o libello accusatorio feito pelo Summo Pontifice Clemente XIV é realmente esmagador!

—E a lastima com que elle recorda no *Breve* as *baldadas fadigas* dos seus predecessores Urbano VIII, Clementes IX, X, XI e XII; Alexandres VII e VIII, Innocencios X, XI, XII e XIII e Benedicto XIV, para dissipar as accusações e queixas contra os jesuitas e dar remedio ás suas exorbitancias! E até os accusa da pratica de certos ritos gentilicos, exercidos e admittidos por elles em alguns logares!

«Olhe que é significativo, sr. Mauricio de Champigny! E' o proprio Santo Padre, o representante de Deus na terra, quem assim confirma as accusações fundamentaes contra os jesuitas e confessa *com grandissima dôr do seu coração*, que foram inuteis para a reforma e contricção da Companhia os esforços empenhados por doze pontifices em cento e quarenta annos! (*)

—E' admiravel a memoria de v. ex.ª!

—N'este caso especial não vejo porque, meu caro sr. de Champigny. Confesso que na minha vida rarissimas vezes me atraiçoou a memoria, mas este breve da abolição da Companhia, que tão longos annos de esforços custou a el-rei, tantas vezes o li, tanto d'alma e com tal interesse, que me ia ficando de córl

—E bem póde dizer-se que a v. ex.ª se deve inicialmente, pela sua arrojada interferencia e inabalavel constancia.

—Talvez a mim, que movi a Hespanha, que instiguei Choiseul, embora elle desdenhasse acompanhar-me,e que nunca esmoreci na contenda—disse o Marquez n'um desafogo de orgulho, que logo corrigiu por esta fórma:

—Mas tudo isto em observancia das augustas deliberações de el-rei e pela dedicação e zelo com que sempre o tenho serservido.

—N'essa espantosa conquista, feita em nome de uma civilisação, foi v. ex.ª o caudilho da vanguarda, quasi sósinho como um paladino lendario; o vencedor das maiores batalhas, quando ninguem tinha ainda vencido e tantos duvidavam do decisivo triumpho!

(*) O breve *Dominus ac Redemptor*, formidavel libello contra a Companhia de Jesus, que extinguiu em todo o mundo, foi dado em Roma a 21 de julho de 1773, quinto anno do Pontificado de Clemente XIV.

O Marquez levantou-se muito commovido e apertou as mãos do estrangeiro,

—Sr. Mauricio de Champigny. por muito que seja o favor das suas palavras, alguma consoladora justiça tem para mim... na hora talvez em que eu mais preciso saber que nem todos me calumniam!

E depois, como recordando-se de alguma cousa subitamente, accrescentou:

—Mas perdão, que, nos incidentes da conversa, completamente me esqueci de lhe dizer os motivos da apparente abstenção de Portugal nas ultimas negociações que precederam o breve *Dominus ac Redemptor*.

«Apparente lhe chamou e assim foi. As negociações secretas continuaram até final. Quando em fins de 1769 se reataram as relações com a Santa Sé e el-rei accedeu a receber o nuncio Conti, que veiu para Lisboa em fins de junho de 1770, já eu tinha... ou antes já sua megestade tinha promessa clandestina do Pontifice de que a Companhia seria extincta.

«Clemente XIV ia creando animo para resistir ás supplicas de Lourenço Ricci e dos cardeaes affeiçoados á Companhia. Animo para lhes resistir e para arrojar ao mundo aquelle formidavel Breve, que ha de ser na historia a melhor defeza de el-rei de Portugal e a minha.

«Aqui está o motivo da abstenção apparente, que tanta extranheza causou na Europa. Portugal aguardava o cumprimento da palavra do Pontifice, mas o plenipotenciario portuguez em Roma instava secretamente pelo promettido breve.

«Nem el-rei receberia aqui o novo Nuncio, sem tal promessa.

O Marquez absteve-se de lhe dizer que, além de alcançar aquella promessa do Papa, exigira do nuncio Conti um compromisso secreto, que lhe vedava qualquer exorbitancia de poderes ou ingerencia nos negocios temporaes do estado (*)

(*) O nuncio Conti obrigou-se perante o Marquez, secretamente e por escripto:

1º A nada emprehender que fosse contrario aos usos, leis e privilegios do reino, sendo o tribunal da corôa competente para tomar conhecimento dos abusos e infracções.

2.º A não visitar as cathedraes, a não tomar conhecimento dos processos de primeira instancia, a não receber emolumentos e salarios mais

—Ouvi que o Papa Clemente XIV tinha por v. ex.ª especial admiração, como outr'ora Benedicto XIV.

—Apezar de muita gente me considerar *impio*—volveu o Marquez sorrindo tristemente—tenho tido a fortuna de merecer as benevolencias de dois santos padres.

«Possúo cartas affectuosissimas de Benedicto XIV, o mais illustre, e de Clemente XIV, um dos mais illustres. No consistorio de 20 de setembro de 1770—aqui está outra data que eu não esqueço—o virtuoso e preclaro Ganganelli, um dos mais gloriosos successores de S. Pedro, não receou honrar com os seus publicos louvores o ministro que os jesuitas consideravam maldito e no caminho directo das profundas do inferno! (*)

Mauricio de Champigny sorriu da phrase do Marquez.

—Pobre Clemente XIV!—exclamou Pombal. Extinguiu a Companhia, mandou encerrar Lourenço Ricci nas prisões do castello de Santo Angelo, mas pouco tempo depois da publicação do Breve ja não podia apparecer e nunca mais appareceu! Pouco mais de um anno teve de vida! Tornaram-lhe o Vaticano em Bastilha.

«*Castigo de Deus* hão de dizer os defensores da Companhia, como se, para um Deus que tudo sabe e prevê e póde, não fosse mais justo e mais efficaz dar a morte ao Papa antes da publicação do Breve, se era iniquo e affrontoso para a divina justiça!

«E não se lembram os velhacos, ou julgam que nos não lembramos nós, que Clemente XIII, o grande patrono dos jesuitas, caíu sem sentidos quando recebeu a intimação para abolir a Companhia, e pouco tempo viveu!

«*Castigo de Deus* podiamos nós dizer tambem, e até com mais razão e menor offensa á suprema justiça.

—Explicam os parciaes da Companhia que a saude de Clemente XIV ficara profundamente abalada com a questão dos jesuitas, e que algumas vezes o illustre pontifice déra signaes de loucura.

—Emfim, isso pertence á historia secreta do Vaticano. Constou cá fóra que uma doença mysteriosa o enlouquecêra e que na sua horrorosa agonia lhe voltára a razão.

«Dizem que morreu a orar pelos seus inimigos, sem queixas para ninguem e sem retractação dos seus actos, na resignada paciencia dos santos. (*)

* * *

Brevissimos instantes durou ainda a conversa do Marquez com Mauricio de Champigny.

Na sua affectuosa despedida, o viajante francez disse-lhe:

—Entrei aqui como admirador de v. ex.ª e saio avassallado pela gratidão e pelo assombro.

«Vejo que v. ex.ª está ainda cheio de forças e na plena lucidez do seu alto espirito. Ainda bem, sr. Marquez; ainda bem pela civilisação e pela gloria do seu paiz.

Profundamente commovido com tal calorosa homenagem, desinteressada e insuspeita, e intimamente amargurado pelo contraste d'aquelles louvores de um estrangeiro com a calumnia odienta, o Mar-

---

consideravèis do que os que são devidos nos auditorios de Lisboa.

3.º A nomear um promotor nacional.

4.º A nada estatuir em quanto ao regimen economico dos regulares dos dois sexos e a não admittir o seu recurso senão em segunda instancia.

(Vide *Le Marquis de Pombal*, por Francisco Luiz Gomes, pag. 245.)

O Marquez assegurava assim os direitos e o livre exercicio do poder temporal, que os nuncios de Roma haviam usurpado ou restringido no decurso de seculos, e a sua iniciativa reivindicara ou tornára mais amplo e desaffrontado no decorrer dos dez annos em que estiveram interrompidas as relações com a Santa Sé.

Nem consentiria a reconstituição do tribunal da nunciatura sem aquelles formaes compromissos.

E, ainda assim, para acautelar possiveis e astuciosas exorbitancias, expressamente ordenou aos prelados que não dessem execução a quaesquer bullas, breves e escriptos pontificios que não tivessem o beneplacito régio.

(*) Referindo-se ao consistorio de 20 de setembro de 1770, Francisco Luiz Gomes, eminente biographo e historiador do Marquez de Pombal, diz a pag. 246 do seu livro: *Na realidade, Clemente XIV acabava de abençoar o homem que os jesuitas consideravam impio*

(*) *Le Marquis de Pombal*, por F. L. Gomes, pag. 253 e 254.

quez apenas rouquejou umas palavras banaes de agradecimento.

Foi acompanhar Champigny até á porta da sala, e Jorge Gustavo saiu tambem com o francez, a quem servia de obsequioso e devotado guia.

—E mal sabe esse estrangeiro — dizia comsigo o Marquez, sentando-se á meza acabrunhado—mal póde suppôr a hora de immensa consolação que me deu, e a onda de odios e de cubiças que está subindo em volta d'esta calumniada velhice!

«Todo o meu poder depende afinal de um sopro de vida do rei moribundo! Do rei que já não póde falar, do amigo de tantos annos, a quem já não posso vêr, pois que m'o não consentem os intrigantes da côrte!

«Por fim, vencem elles! E' isto a gloria, a força, o poder: sombra de mim proprio, já cuspinhada pelos calumniadores que eu tinha amordaçado, pelos odios que eu tinha vencido, pela reles canalha dos sabujos ingratos, que estavam de rôjo a meus pés e já ladram alto, erguidos para mim!

«Aqui está como acabam os ministros resurgidores das nações! Não póde surprehender-me. E' a lição antiga... Sully... Colbert...

«Eu talvez em desgraça ainda maior!

«Pobre rei! Agora é *d'elles*. N'isto os corvos se differençam das aguias. Procuram a carne morta. Preciso de contar com elles.

E levantou-se de repellão, profundamente commovido.

—Que dia de triumphal consolo o da morte de el-rei, de consolo para tantos, porque é tambem o fim da minha vida politica! Consolo explicavel em Roma, na Curia que eu submetti e nos parciaes da Companhia que eu derribei; nas chancellarias de Paris e de Madrid, porque em tantas conjuncturas lhes fiz sombra e repelli as soberbas audacias; nos fabricantes e mercadores de Inglaterra, porque ás suas ganancias oppuz os progressos da terra portugueza; consolo talvez no proprio gabinete de St. James, porque nas minhas mãos a velha alliança portugueza, se nunca se torceu desleal, tambem nunca se dobrou envilecida.

«Mas este jubilo de extranhos comprehendo-o eu e d'elle me envaideço, porque é a minha gloria de patriota; mas o consolo dos que eu levantei, dos que não teem razões d'odio contra mim, dos que pódem vêr serenamente o que eu fiz, esse dóeme! E' a minha dôr maior!

«De resto eu bem sei que, por mais que em mim se cravem as unhas dos corvos, o que ellas não pódem é arrancar o meu nome da historia d'este quarto de seculo da terra portugueza, porque essa é minha, pertence-me, escrevia eu!

* * *

Tinha-se encostado á meza, muito tremulo, os olhos razos de lagrimas.

—Amigos! Até esses me faltam! Os falsos voltam-me as costas e os outros, os antigos... Paulo de Mendonça morreu, a meus irmãos quiz Deus leval-os primeiro (*)... e Damião de Castro, o pobre octogenario que se apartou, esse, no seu ermiterio da Arrabida, é como se tambem tivesse morrido para mim!...

«Os d'outro tempo perdi-os!

—V. ex.ª dá-me licença?—perguntou uma voz trémula de velho.

E quem fez a pergunta havia entre-aberto a porta. Era, effectivamente, um velho, muito dobrado, passo arrastado e tremulo, o corpo muito apoiado a uma bengala.

—Ah! é o meu dedicado Manuel Bento, —disse o Marquez affectuosamente, e logo accrescentou de si para si: Tinha-me esquecido este!

—Então o que o traz por cá? — perguntou jovialmente.

(*) Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que fôra governador do Grão-Pará, secretario d'estado dos negocios do reino, como auxiliar do irmão, e depois secretario d'estado da marinha e ultramar, tinha fallecido em Villa Viçosa em 15 de novembro de 1769.

Paulo de Carvalho, que fôra monsenhor da Patriarchal, Dom Prior de Guimarães, inquisidor geral e commissario da bulla da cruzada, havia fallecido em Belem a 17 de janeiro de 1770. Não chegou a receber o titulo de cardeal, com que o papa Clemente XIV, em homenagem ao irmão omnipotente, o agraciára no consistorio de 29 de janeiro d'aquelle anno.

Tivéra o Marquez outro irmão, o mais novo de todos—José Joaquim de Carvalho, mas esse mesmo havia morrido em combate na India, para onde fôra em 1738.

—Como v. ex.ª se tem demorado aqui sósinho, estavamos em cuidado, a sr.ª Marqueza e eu. E venho então saber se precisa de alguma coisa.

—Não, meu querido Manuel Bento; de nada preciso.

—V. ex.ª ha de perdoar, mas ha um tempo para cá anda tão mudado, que eu não faço senão pensar que está ralado lá por dentro e não quer dizer nada... a mim já se vê que não, mas, ao menos, á sr.ª Marqueza.

—Não te dê cuidado, meu leal amigo.

—Creado de v. ex.ª e com muita honra, sr. Marquez.

—Pois sim, mas assente-se aqui ao pé de mim o meu admiravel creado. As suas pernas já não estão para canceiras.

«Assente-se e fique sabendo que são os achaques da velhice que me trazem mudado.

—Os trabalhos, sr. Marquez, o muito que v. ex.ª trabalha, e as ralações tambem. E' isto o que diz a sr.ª Marqueza, e é isto o que a traz inquieta.

—Pois deixa estar, Manuel Bento, que esse muito trabalho—disse o Marquez tristemente—vae acabar mais depressa do que suppões.

—Sr. Marquez—disse á porta o creado particular.

—Que é?

—Chegou agora o sr. bispo de Penafiel, que deseja falar a v. ex.ª

—Eu vou recebel-o.

O Marquez foi á ante-sala receber D. Fr. Ignacio de S. Caetano, o confessor da princeza real. Era dos raros affeiçoados do ministro um dos que não tinham mudado.

Manuel Bento levantára-se e lá se fôra arrastando para fóra da sala de despacho. Ia ter com a Marqueza.

—Sr. Marquez—dizia o bispo de Penafiel. Venho aqui muito de fugida para lhe recommendar que se acautele.

«El rei está peor; pouco poderá durar, e no paço conspira-se contra v. ex.ª

—Já o tinha percebido.

—A minha influencia no animo de sua alteza real não chega para evitar que lhe façam alguma cruel affronta.

«Parecia-me prudente que v. ex.ª deixasse de ir ao paço.

—Isso não. Hei de ir lá todos os dias saber da saude de el-rei, embora me não permittam que o veja.

—Receio muito que se atrevam a injurial-o.

«Ninguem poderia extranhar que, pretextando doença, deixasse de lá ir e se afastasse mais dos negocios publicos.

—Não posso, não devo. Emquanto me não demittirem, tenho de ir receber as ordens da rainha regente, e seria fraqueza de que eu sou incapaz deixar de ir saber de el-rei e abandonar as negociações gravissimas com a Hespanha.

—Fiz o meu dever trazendo-lhe este aviso. Percebo que se está desencadeando uma terrivel tormenta sobre v. ex.ª O sevandija do cardeal da Cunha, esse enredador, esse renegado Tavora, que tanto lhe deve, está movendo uma calumniosa intriga contra v. ex.ª

«Estou a tremer pelo ultimo suspiro de el-rei. São capazes de tudo! Sr. Marquez de Pombal, póde v. ex.ª contar com a minha dedicação, mas os seus inimigos são muitos, os ingratos quasi tantos como os inimigos, e eu pouquissimo valho sósinho para o defender.

—Meu caro bispo, meu lealissimo amigo, já agora até ao fim como sempre fui. Não deshonrarei os meus setenta e oito annos fugindo. Hão de ver lá sósinho, de cabeça erguida, o velho que tanto odeiam.

«Mas beijo-lhe as mãos por tão devótada solicitude.

O bispo viéra um pouco a occultas, para não despertar suspeitas e não podia demorar-se.

A' despedida ainda instou com o Marquez para que se abstivesse de ir ao paço e de continuar a occupar-se dos negocios do estado, pois nem com a lealdade dos seus proprios collegas podia contar.

Pombal insistiu no seu proposito com inabalavel firmeza.

Voltou para a sala e mandou expedir aviso aos collegas para uma conferencia urgente em sua casa, no dia seguinte, ácerca de negocio grave do estado. Foi mudar de fato e mandou buscar a sége, embora tencionasse ir para bem proximo d'ali.

Queria sair com a solemnidade devida á sua categoria.

—Fóra do paço govérno eu, em quanto el-rei viver.

«A quéda não tarda, mas ninguem no meu rosto saberá perceber que a estou prevendo.

«E hei de cair de pé.

Vieram dizer-lhe que estava prompta a sége.

Desceu e disse alto ao boleeiro:

—Para cima—real paço da Ajuda.

III

A GUERRA IMMINENTE

El-rei estava perdido.

Vinham de longe as suas graves enfermidades. Já nas ruidosas festas da inauguração da estatua equestre apparecêra acabrunhado, com uma profunda expressão de melancholia, quasi indifferente áquellas excepcionaes homenagens de uma apothéose, em que o Marquez, forte ainda, sobranceiro, omnipotente, fôra a bem dizer a figura triumphal.

Em 1774 tivéra um ataque de appoplexia. Volvidos mezes, sentiu animadoras melhoras, mas logo no fim do anno seguinte e nos principios de 1776 vieram novos rebates da fatal enfermidade que havia de leval-o á morte. (*)

Abriram-se-lhe pelo corpo ulceras de mau caracter e tal era o seu estado em junho d'aquelle anno de 1776, que nunca mais se apartou da cama e em fins de novembro teve de confiar a regencia do reino a sua esposa D. Marianna Victoria de Bourbon. (*)

As preces nos templos haviam começado em 7 de novembro e continuaram sem interrupção por todo aquelle mez e pelo de dezembro.

Como se fizera no tempo de D. João V, a venerada imagem do Senhor dos Passos da Graça fôra levada para a capella do paço, talvez para que as pessoas da familia real, os seus confessores e as personagens da côrte, mais assiduamente, hora a hora, nos mais afflictivos lances, lhe podessem impetrar as melhoras do soberano.

Logo aos primeiros rebates da grave enfermidade do rei, os cortezãos, os parciaes dos jesuitas, os declarados inimigos do Marquez e até alguns dos seus falsos amigos começaram a ter por segura a previsão de uma profunda e immediata mudança politica.

Não succedeu assim. O poder de Pombal ia-se enfraquecendo dia a dia, mas á medida que D. José se ia tambem abeirando da sua hora final. El-rei já não podia falar, a camara real foi vedada a esse que fôra valido omnipotente, a intriga tramava em febris impaciencias, os odios pensavam alto no seu plano de desforço, a ingratidão voltava as costas ao decrépito dictador e já o esmordaçavam na sombra os ve-

(*) Tantos eram então os cuidados que os achaques de el-rei estavam dando ao marquez de Pombal, que, em carta datada da Ajuda em 6 de fevereiro de 1776 e dirigida ao secretario de estado Ayres de Sá e Mello, muito secretamente lhe pedia e com o encargo do mais inviolavel segredo, que da sua parte procurasse o cirurgião-mór do reino Antonio Soares Brandão e lhe recommendasse o exame attento da perna de que el-rei muito estava padecendo, para se evitar assim alguma *temeraria e nociva operação.*

Temos em nosso poder o interessantissimo autographo. A lettra da carta é talvez de algum dos secretarios do poderoso ministro, mas a formula final de homenagem ao destinatario é evidentemente do proprio punho do signatario; lettra grada, desigual, aprumada e já muito tremida.

Pertencia este precioso documento a um devotado collecciona dor, talento de admiravel lucidez e jornalista de elevado renome, adoravel humorista cheio de graça, profundamente portuguez pelo coração e pela forma litteraria —o sr. Alfredo Ribeiro.

Em requintes de insigne amabilidade nol-o offereceu e como valiosissimo penhor de amizade o guardamos reconhecidamente.

(*) Decreto de 29 de novembro de 1776.

lhacos lisongeadores que lhe tinham estado aos pés como rasteiros sabujos.

Mas Pombal governava ainda, embora grande parte do expediente das secretarias de estado corresse pelas mãos dos outros dois ministros, agora menos submissos e já dispostos a quebrar violentamente o jugo, ao qual se tinham dobrado com illimitada subserviencia.

A rainha regente disfarçava a sua má vontade ao primeiro ministro e limitava-se a assignar os diplomas que elle lhe apresentava.

O rei ainda vivia, ainda podia um milagre salval-o, e os odios hesitavam ante a propria sombra enorme do que fôra aquelle formidavel dictador, quasi octogenario.

O Marquez ia todos os dias ao paço saber da saude de D. José, passava altivo por entre os cortezãos assombrados de tamanha audacia, e voltava para sua casa onde o estavam esperando as negociações gravissimas com a Hespanha e os trabalhos de preparação para uma guerra, que havia de ser desigualissima e parecia imminente.

Exigia a Hespanha com duro orgulho satisfações e transigencias, que a França, como intermediaria, declarava inevitaveis, e a propria Inglaterra amigavelmente aconselhava.

Um homem só repellia semelhantes exigencias, combatendo os argumentos da diplomacia franceza e rejeitando os conselhos do governo britannico.

Era aquelle velho isolado, inquebrantavel, soberbo, a dois passos da sua propria ruina politica! Egualmente grande agora, entre os escombros do seu poder, como vinte e dois annos antes entre as ruinas do terramoto!

* * *

Não eram apenas assumpto e estranheza de nacionaes a demorada quêda politica do Marquez e a sua extraordinaria attitude perante uma grave questão internacional.

Tambem os estrangeiros se occupavam do previsto decahimento d'aquella assombrosa individualidade politica. Não baqueiam gigantes assim, sem que o mundo os sinta cair.

Em 4 de janeiro de 1777 o conde de Vergennes, ministro de Luiz XVI, escrevia ao marquez de Blosset, embaixador da França em Lisboa:

«Eu esperava mudança na politica do gabinete portuguez, em consequencia da nomeação da rainha como regente do reino, o que devia diminuir a influencia do Marquez de Pombal. (*)

Mas em 7 dizia-lhe de Lisboa o embaixador:

«Que a rainha regente se limitava a apresentar a el-rei as propostas do Marquez de Pombal e a assignal-as depois da approvação de el-rei; de maneira que a influencia do ministro era sempre a mesma etc. (**).

Em 10 o conde de Vergennes dizia ao embaixador Blosset *que duvidava de que as desavenças com a Hespanha se accommodassem, continuando o Marquez a influir nas deliberações da rainha regente. (***)*

Em 14 Blosset escrevia ao conde de Vergennes:

«Que emquanto el-rei D. José tivesse um sopro de vida, o Marquez de Pombal continuaria a governar Portugal. Que se principiava mesmo a recear que elle conservasse a influencia depois da morte d'aquelle soberano, em consequencia do projecto que se lhe attribuia de trabalhar para ganhar a confiança da rainha, afim d'esta princeza o sustentar no reinado de sua augusta filha.

«Quanto ás questões com a Hespanha, Martinho de Mello e Ayres de Sá não sabiam d'este negocio senão o que o Marquez queria que elles soubessem: mas que não havia duvida que, logo que a princeza do Brazil subisse ao throno, o gabinete de Lisboa adoptaria todas as vias de conciliação relativamente á disputa sobre as colonias e trataria de manter a paz entre as duas corôas.»

E' significativo isto! Para a conciliação com a Hespanha, cedendo ás suas exigencias, como desejava a França e a Grã-Bretanha aconselhava, para assegurar a paz espesinhando as susceptibilidades da nação mais pequena, só se levantava um obstaculo—aquelle ministro de setenta e

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 296.
(**) Idem, pag. 297.
(***) Idem, pag. 298.

oito annos; e só havia um recurso—derribal-o!

* * *

O Marquez fôra ao arsenal do exercito examinar os afanosos trabalhos de preparação de material para a guerra que suppunha imminente na Peninsula.

Depois de largo exame ás officinas, Pombal foi para a secretaria do arsenal com o brigadeiro Bartholomeu da Costa, intendente geral das fundições.

—Muito se tem feito—dizia o ministro —muito, mas não basta ainda.

—Contractaram-se mais artifices e está-se trabalhando dia e noite, quasi sem descanço.

—Assim é preciso.

—E nem v. ex.ª faz ideia da estranheza que tem causado esta azafama, e das perguntas indiscretas que teem vindo fazer aqui certos agentes da embaixada de Hespanha e até da propria embaixada franceza!

—Não me surprehende.

—Entre a gente rustica teem-se inventado os mais extraordinarios absurdos para explicar esta labutação, que não tem precedentes.

—Então o que diz a gente rustica?

—Disparates que representam outras tantas calumnias contra v. ex.ª

—Se não são apenas disparates, mas tambem calumnias, então não foram inventadas pela gente rustica. Alguem lh'as inventou.

«Mas conte-me o que se diz, seja o que fôr. Tantas coisas me teem attribuido, que já difficilmente haverá alguma que me surprehenda. Diga.

—Anda de bocca em bocca o boato estupido de que toda esta faina de noite e dia tem sido para fabricar algêmas e pequenas peças de artilheria.

—E' singular essa tolice! Algêmas e peças pequenas para quê?

—O fim ainda é mais espantosamente absurdo! Dizem que v. ex.ª projecta fazer uma revolução em Lisboa, para se proclamar senhor de Portugal, logo que el-rei venha a fallecer, e que as peças são para assestar ás emboccaduras das ruas e arrazar os palacios dos fidalgos, e as algêmas para os pulsos da gente da côrte e dos prelados!

—Essa é brutalmente extravagante! E preferem acreditar em tal monstruosa tolice a suppôr que estou precavendo o paiz contra as arremettidas de um estrangeiro poderoso e arrogante!

«Eu a defender-lhes a honra, a pugnar pelo prestigio de uma bandeira que é de nós todos, e elles a cobrirem-me de calumnias! Elles, não!

«A estupida calumnia ha de ter vindo de mais alto, e os que a repetem são pregoeiros alugados ou ralé boçal, á qual se não póde conceder o nome do povo.

Vinham repassadas de amargura estas palavras do velho Marquez.

—Mais justiça me fazem os estrangeiros!

E assim era. Havia pouco mais de um mez disséra o marquez de Blosset em officio ao conde de Vergennes:

«Que el-rei D. José fôra novamente acommettido de convulsões e que ficára paralytico; que, apesar d'isso, continuavam os preparativos da guerra e se fortificavam os diversos pontos da Extremadura; que se falava publicamente da guerra com a Hespanha, mas que o marquez de Pombal se esmerava em tratar com a maior polidez o marquez de Almodovar e o principe Raffadali.» (*)

Em officio de 21 Blosset, continuando a tratar dos preparativos de guerra em Portugal, accrescentava:

«Que a mão que os dirigia mostrava uma habilidade consummada e que era mister que a Hespanha fosse mui habil para poder escapar aos perigos de que a ameaçavam. Todo o Rio Grande ficará nas mãos dos portuguezes e ver-se-ha que este acontecimento tornará immortal o Marquez de Pombal.» (**)

—Continue, brigadeiro, e deixe correr a estupida aleivosia. Deve-lhe muito a patria, pelo seu extraordinario engenho e pelo seu inexcedido zelo. Muito mais lhe deverá ainda n'esta conjunctura gravissima.

«Eu o lembrarei á régia munificencia... se ainda me fôr dado lembrar alguem,

(*) *Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 300. O Marquez de Almodovar era o embaixador da Hespanha.

(**) Idem, pag. 301.

pois que já de mim se não lembram senão para me diffamar!

—A historia não é como os calumniadores, sr. Marquez, e as suas paginas são mais duradouras do que esse bronze em que o busto de v. ex.ª ficou modelado.

«Nenhum portuguez, nenhum estrangeiro, passará deante do maior monumento de Lisboa... e por'ora poderei tambem dizer o maior da Europa, sem que recorde o glorioso nome de v. ex.ª deante d'aquelle medalhão, que a historia tornará mais alto do que a propria estatua.

—Obrigado!—disse-lhe o Marquez commovidamente. Obrigado. Mas quem sabe lá, quem sabe do que serão capazes os meus inimigos no dia em que eu já não poder fazer-lhes frente?!

«Serão capazes de o mandar arrancar de lá...

—Oh! isso não! Não supponha v. ex.ª que seja possivel tamanho desacato!

—Ha exemplos antigos. E arrancariam da historia as paginas em que o valimento de el-rei fez inscrever o meu nome, se estivessem ao alcance d'aquellas unhas miseraveis que eu sinto na sombra

«Prosiga, Bartholomeu da Costa—disse apertando-lhe a mão affectuosamente. Prosiga na sua honrada lida. Agradeço-th'a em nome de el-rei e em nome da patria. Eu não esquecerei nunca a valiosissima cooperação dos seus talentos e do seu inexcedivel zelo.

* * *

Instantes depois o Marquez visitava o arsenal de marinha onde se lidava tambem com febril actividade. Completava-se o aprovisionamento de material de guerra para a esquadra surta no Tejo e preparava-se o abastecimento dos navios de guerra que iam para a America reforçar a esquadra que lá tinhamos.

A guerra entre hespanhoes e portuguezes não estava ainda declarada na Europa, mas rebentára, havia tempo, na colonia do Sacramento e nas fronteiras do Rio Grande do Sul, e até com importantes vantagens para os portuguezes (*)

E emquanto examinava tudo attentamente, pedindo informações, dirigindo palavras de louvor e incitamento aos mestres ou aos simples mechanicos, o Marquez ia dizendo comsigo:

—Estou a ler o espanto no olhar d'esta gente. Dizem-lhe que el-rei não escapa, comprehendem que o meu poder morrerá com elle, e não sabem perceber este interesse que eu ainda tenho pelas coisas do estado! Ou me julgam tolo ou me suppõem doido.

«E o que elles não sabem é que o primeiro ministro de el-rei ha de governar como quem é, emquanto não der o ultimo suspiro aquelle que era a sua maior força e um dos seus maiores amigos.

E arrazaram-se-lhe os olhos d'agua.

Ia o Marquez a entrar para a carruagem quando lhe appareceu o coronel Jorge Gustavo.

—Que tem, Coronel?—perguntou-lhe. Vejo-o com tão desfigurado parecer!

—Peorou a mãe de Helena!—respondeu Jorge Gustavo. Foi sacramentada esta manhã.

—Mas da ultima vez que lhe falei disse-me o Coronel que sua sogra estava doente, mas não me deu a perceber que o seu estado fosse grave!

—Tornou-se perigoso ha dois dias. Fui

(*) Alguns mezes antes, a 7 de outubro de 1776, o embaixador da França communicava ao seu governo as seguintes informações, que recebêra do ministro inglez Robert Walpole: «Que com effeito a côrte de Londres, apesar da influencia de amiga e alliada, não tinha tido poder de fazer escutar os seus conselhos pacificos. Que o marquez de Pombal tinha emfim respondido ás tres ultimas cartas de lord Weymouth com memorias ainda mais volumosas que as precedentes. Que M. Walpole lhe tinha dito que estas tinham saído da mesma fabrica, com a unica differença de serem mais positivas, dizendo que Sua Magestade Fidelissima se não podia prestar aos desejos do governo britannico nem empossar os hespanhoes do que elles haviam perdido no Paraguay.»

A 26 de novembro o mesmo embaixador dizia em officio ao ministro conde de Vergennes: «Que as intenções do marquez de Pombal, relativamente ás desavenças com a Hespanha, eram de não restituir áquella potencia nenhuma das provincias conquistadas na America.»

A 7 de janeiro informava-o de que os portuguezes tinham 9:000 homens sobre a margem do Rio Grande, onde se fortificavam, e que as suas tropas faziam incursões nas possessões hespanholas do Amazonas. (*Quadro Elementar*. Tomo VIII. pag. 285, 286, 290, 291, 292 e 297).

procurar v. ex.ª, e o Manuel Bento disse me que tinha vindo aos arsenaes.

—Venha commigo. Vou a sua casa.

Iam a entrar para a carruagem, quando appareceu o intendente de policia Diogo de Pina Manique, que vinha apresentar as suas homenagens ao ministro.

—Coronel, queira esperar um instante—disse o Marquez a Jorge Gustavo, e logo se afastou alguns passos com Pina Manique.

—Teem sido presos muitos desertores do exercito nas ruas da cidade?—perguntou-lhe a meia voz.

—Poucos nas ultimas noites—respondeu o Intendente no mesmo tom.

—Não afrouxe de actividade e de energia, mas sem os excessos que houve na Trafaria e que produziram ainda mais indignação que terror.

«Tem-se feito muitas prisões de noite?

—Apenas se teem prendido uns ebrios e alguns desordeiros. Os ladrões desappareceram.

—Vê-se que vão tendo medo da policia.

—Hontem á noite so foram presos dois espadachins,que a ronda encontrou no Alto das Chagas, ao pé do jardim do coronel Jorge Gustavo.

—Dois espadachins! Que especie de homens?

—Fidalgos. Um d'elles alferes de infanteria de appellido Lacerda e o outro estudante, que se diz tambem fidalgo e teve de fugir da Universidade por causa de uma briga. Tem o appellido de Noronha.

—Noronha! Estudante!...

E logo lhe lembrou aquelle sobrinho de Antonio de Noronha, que lhe fôra apresentado por Jorge Gustavo no botequim do Casaca. Podia muito bem ser que fosse elle, o seu caloroso e eloquente defensor.

—O que faziam esses espadachins proximo do jardim do Coronel?

—Batiam-se.

—Por quê?!

—Averiguou-se que era negocio d'amores com a filha mais velha do Coronel. Parece que estão ambos loucamente enamorados e que o estudante é o preferido. Um visinho que tudo espreitára...

—Queira falar mais baixo.

Esse visinho contou a ronda que o Lacerda andava por lá á espera do outro. Estava o Noronha a falar para cima com a filha do Coronel, quando o alferes investiu com elle. Batiam-se desesperadamente quando a ronda chegou.

—Está bem. Queira mandar apresentar o alferes no quartel do regimento e o estudante em minha casa.

—Em casa de v. ex.ª?!

—Sim, em minha casa.

—Hoje mesmo?

—Não; ámanhã.

Pina Manique despediu-se e o Marquez foi para a carruagem.

—Vamos para sua casa, Jorge Gustavo.

Durante o caminho o Marquez falou exclusivamente de Joanna Richter.

* * *

Muito magra, immensamente pallida, os labios descoloridos, a respiração tenuissima, a formosa velhinha Joanna Richter tinha preso na filha e na mais velha das netas o seu olhar amortecido, toldado de lagrimas.

Tambem só por ellas é que tinha pena de morrer. Por ellas e pelos outros netos, o que estava no Collegio dos Nobres, já um homensito, e os tres mais pequeninos, uma linda menina, encantadora como um cherubim, e dois travessos rapasitos, que levavam o dia inteiro a retoiçar no jardim.

Apezar dos seus trinta e nove annos já feitos, Helena é ainda uma senhora extraordinariamente bella e gentil. Julia, a filha mais velha, deslumbra nos suavissimos fulgores da sua primavera de mulher.

Cabellos de oiro, o rosto de immaculada alvura, *testa de neve e de ouro, alma gentil* como a bem amada de Luiz de Camões, doçura de estranha meiguice no olhar e no sorrir, Julia era mais bella do que tinha sido a avó, ainda mais linda do que fôra a propria mãe!

Desde que se fizéra mulher encontrava-lhe a avó uma notavel similhança com Leonor de Riba d'Anta.

—Da muitos ares d'ella—dizia frequentes vezes a avó. Muitos!

Talvez por que era igualmente linda e tinha os mesmos traços geraes de belleza da santa enclausurada de Odivellas.

Julia beijava enternecidamente a mão febril de Joanna, e como os olhos n'ella a velhinha sonhava o passado. Pensava na mortificada Leonor, nos seus amores, em Sebastião de Carvalho.

Era isto como que uma suggestão inexplicavel do seu coração quasi morto.

Tantas vezes, sem a gente saber porquê e nas mais estranhas conjuncturas, lembramos aquelles que estão longe e que nos seus caprichos o acaso subitamente approxima de nós!

N'aquelle mesmo momento Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal, acabava de chegar com Jorge Gustavo.

* * *

O Coronel entrou no quarto de Joanna.

Relanceou olhares de affecto para Helena e para a filha e foi curvar-se commovidamente ao pé do leito da velhinha.

—Está agora mais alliviada?—perguntou-lhe brandamente.

—Estou—respondeu Joanna como se esta palavra fosse apenas um leve murmurio.

—Vejo que tem melhoras.

—A visita da saude — respondeu debilmente a enferma.

—Não diga tal, a saude virá. E, inclinando-se mais para ella, accrescentou:

—Se promette ficar tranquilla, vou dar-lhe uma noticia.

—Prometto.

—Veiu saber de si uma pessôa muito das nossas relações. Está cá em casa, mas receia incommodal-a.

—Não m... commoda... Quem é?

—Uma pessoa que muito se interessa pelas suas melhoras.

—Chegou o padre... Damião... de Castro?..

—Não é esse, mas não deixará de vir, que já hontem lhe escrevi, pedindo-lhe que viesse.

—Queria que elle... me deitasse a sua benção.

—Elle vira. E' d'outra pessoa que se trata... Mas, veja lá, não se sobresalte ... Uma pessoa de muita importancia... muita! Logo abaixo do rei.

—O pae de Helena!—murmurou a velhinha agitando-se. E o seu olhar volveu-se para a porta, lentamente, cheio de estranho fulgor.

—O sr. marquez de Pombal—confirmou Jorge Gustavo. Está ali fóra á espera.

Helena tinha ouvido parte da conversa e estava já de pé, muito afogueada, muito commovida. A filha é que não comprehendia o motivo d'aquella commoção.

—Posso então dizer-lhe que entre?

—Diga... respondeu Joanna.

E logo muito baixo, murmurou:

—Não me esqueceu!

Jorge Gustavo disse a Helena quasi em segredo:

—O Marquez veiu commigo. Está esperando na sala. Vou buscal-o. Fica tu acompanhando tua mãe. Dize á Julia que se retire.

Helena falou em segredo com a filha Provavelmente incumbiu-a de alguma cousa que a afastasse d'ali.

Os olhos de Joanna Richter não se despregavam da porta.

Julia foi beijar a avó, sem poder explicar a si propria aquella inesperada visita do famoso ministro, amigo de seu pae, e ia já para sair quando á porta assomou a figura singular do Marquez.

—Queira v. ex.ª entrar—dizia atraz d'elle Jorge Gustavo.

Julia afastou-se muito tremula. O olhar do Marquez fixou-se n'ella enternecido e surprezo.

Só algumas vezes a tinha visto, ainda muito menina.

—Que extraordinaria similhança!—pensou, lembrando-se de Leonor de Riba de Anta.

Cumprimentou Julia, dirigiu uma affectuosa saudação a Helena, que se tinha apartado do leito da mãe com os olhos rasos de lagrimas, e encaminhou-se para aquella velhinha, que fôra a formosa e santa Joanna Ruiva.

Toldado de pranto, o olhar da enferma havia-o seguido carinhosamente.

Amor antigo, pallida saudade que a morte ia levar! E na alma prestes a partir subitamente se lhe illuminou o sonho da longinqua mocidade.

No seu derradeiro sonho, a pobre septuagenaria ia transfigurando amoravelmente em moço arrojado e gentil, como no tempo dos *Capoles Brancos*, aquelle velho de singular poder e de extraordinaria fama!

—Minha senhora!—disse o Marquez em voz alta, cerimoniosamente.

—Senhor... Marquez—balbuciou a velhinha a tremer como em convulsão de agonisante.

—Venho apresentar-lhe minha senhora, os meus votos pelas suas melhoras. Creio bem que havemos de vel-a restabelecida.

—Isto tem de acabar... E' a velhice.

O Marquez inclinou-se então para ella e disse-lhe quasi em segredo:

—Maior velhice a minha, e sabe Deus para que destino!... Joanna, o meu coração envelheceu, mas não podia esquecer-te. Santa e amoravel mulher, Deus te dê vida, para que me não falte a piedade das tuas orações e das tuas lagrimas. Has de viver.

—Sinto a morte... não me engano... mas sinto-me feliz... Pedirei... a Nossa Senhora pelo pae de Helena... ainda que eu esteja... nas penas do Purgatorio.

E duas grandes lagrimas lhe saltaram dos olhos.

—Minha senhora—disse alto o Marquez com a voz a estrangular-se-lhe na garganta. Confie nas supplicas dos que muito a estimam. Terei a honra de voltar.

E encaminhou-se abruptamente para a porta, no intuito de não trahir o seu penoso disfarce.

Joanna Richter cerrou os olhos, como para que o seu delicioso sonho lhe não fugisse, mas surgiu-lhe a visão do grande coro de Odivellas, os tocheiros accesos, Leonor de Riba d'Anta no caixão, o chefe dos *Capotes Brancos* a soluçar de joelhos ao pé das duas mulheres que mais o tinham amado—a que estava morta e a que iria morrer agora.

E quando Julia voltou, quando sentiu a voz d'aquella estremecida neta, Joanna descerrou os olhos, encarou muito n'ella e começou a delirar.

Parecia-lhe que estava morta e que era Leonor de Riba d'Anta quem agora velava ao pé d'ella.

Entretanto, os pequenos, que do muro do jardim tinham visto o Marquez a entrar na carruagem, perguntavam a uma das creadas:

—Quem é aquelle velho tão grande que veiu cá?

—Com o cabello todo torcido!

—E' o homem que governa em nós todos—respondeu a creada.

—E até no pae de nós e na avósinha?—perguntou o mais novo.

—Em todos; até nos meninos. E' o marquez de Pombal.

—Ah! então já sei—observou o mais velho, rapazito de nove annos. Quando fui passear com a avósinha no dia de Anno Bom, ella mostrou-me a carranca d'elle no Terreiro do Paço.

—A carranca!—exclamou a creada a rir.

«O menino sempre tem lembranças! *Inté* parece que fala pela bocca dos *jasuitas!*

* * *

Na tarde d'aquelle mesmo dia, Pombal discutia com os seus dois collegas as probabilidades da guerra com a Hespanha, que suppunha inevitavel, e a necessidade de proseguir nos aprestos militares com maior e mais desvelada actividade.

Os collegas do Marquez eram Martinho de Mello e Castro, secretario d'estado dos negocios da marinha e dos dominios ultramarinos, e Ayres de Sá e Mello, dos negocios estrangeiros e da guerra.

Ambos tinham larga aprendizagem de negocios diplomaticos em legações de Portugal no estrangeiro. Nenhum dos dois era affeiçoado ao Marquez, ambos, porém, se tinham dobrado á sua vontade nos dias em que elle foi omnipotente; Ayres de Sá, no convencimento da sua propria inferioridade; Martinho de Mello, intelligente, energico, ambicioso, na firme disposição de ir esperando em fingida submissão o dia em que lhe fosse dado hombrear com elle ou substituil-o decahido.

Percebiam claramente que o poder de Pombal estava a acabar com a vida do rei, e começavam a sentir-se desopprimidos deante do glorioso dictador. Não eram ainda dois revoltados, mas eram já dois insubmissos.

Tivéra o Marquez a seu lado dois homens aos quaes premeditára legar um dia os encargos supremos do poder. Um fôra José de Seabra, homem novo e de lucidissimo talento, a quem as intrigas do paço e a vontade do rei haviam degredado para fóra do reino. O outro era o cardeal

D. João Cosme da Cunha. o Tavora renegado, o intrigante que ajudou a perder José de Seabra, o ingrato que já tinha voltado as costas ao Marquez, e o andava agora calumniando nos conciliabulos com o principe D. Pedro e com a princeza herdeira. (*)

Pombal fizéra d'aquelle Tavora um dos mais proeminentes prelados do seu tempo. Déra-lhe a mitra do arcebispado de Evora, obtivera-lhe o barrete de cardeal, nomeára-o para o conselho d'estado, inquisidor geral, regedor das justiças, presidente da *Mesa Censoria*, commissario da bulla da cruzada, inspector da reedificação da cidade e da junta das confirmações geraes e secretario d'estado assistente ao despacho!

Pois o purpurado villão ficou tendo odio á mão que tão alto o levantára!

D. João Cosme da Cunha, o *cardeal da Cunha*, como todos lhe chamavam e como o ficou designando a historia negra e torpe das suas intrigas. pagou bem cêdo na moeda ignobil da ingratidão calumniadora quantos altos favores lhe fizéra o Marquez!

Pombal estava, portanto, reduzido aos seus dois collegas nas rudes tarefas do governo, auxiliares de má sombra e peor vontade.

O mediocre Ayres de Sá e Mello succedêra ao obscuro e dedicado ministro D. Luiz da Cunha Manuel, fallecido de uma apoplexia por occasião dos festejos da inauguração da estatua equestre.

Martinho de Mello e Castro, o intelligente e ambicioso conego da Patriarchal, que se afastára da egreja para seguir a carreira diplomatica e conquistar nas luctas politicas o renome que certamente não alcançaria a cantar na Sé, substituira em 1770 na secretaria de estado da marinha e do ultramar o fallecido Francisco Xavier de Mendonça, irmão do marquez. Lembrarêmos que o antecessor de Mendonça fôra o nosso conhecido Thomé Joaquim da Costa Corte Real. Esse caíra no desagrado de el-rei e do primeiro ministro e fôra desterrado para Leiria.

Ainda muito principiante na diplomacia e apenas com 37 annos de edade, Martinho de Mello manifestára uns impetos de orgulho e umas insoffridas ambições, que Sebastião de Carvalho amigavelmente lhe reprimira em cartas de lucido conselho, mas tambem de oppressora censura, que, provavelmente, o vanglorioso conego-diplomata nunca mais esqueceu nem perdoou. (*)

Chegava a hora de subir mais e de ajus-

(*) Em 31 de dezembro de 1776, o embaixador marquez de Blossel dizia em officio ao conde de Vergennes: «que o cardeal da Cunha, receando ser envolvido na desgraça do Marquez depois da morte de el-rei D. José, se apressára a voltar as costas ao seu protector, e tivera a leveza de se indispôr com elle.» (*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 296.)

(*) E' notabilissima, e por ventura a mais bem redigida das muitissimas cartas que o Marquez escreveu durante a sua longa vida, aquella que dirigira em 18 de novembro de 1753 a Martinho de Mello, então ministro de Portugal em Haya.

Eis aqui um trecho dos que mais haviam de ter magoado as prosapias d'esse homem, que foi afinal um dos nossos mais illustres ministros da marinha:

«D'ella me aproveito (a occasião de se explicar com elle), como o meu presente estado o permitte, para dizer a v. s.ª com a liberdade de velho e com a sinceridade de amigo constante: 1.º que v. s.ª apresente a sua credencial aos estados geraes, escrevendo-me em officio que no seu nome beija a real mão de sua magestade com o profundo reconhecimento que deve á consideração da honra que lhe fez de empregal-o no seu real serviço; 2.º que v. s.ª faça exorcismos contra a tentação de querer convencer á força de discursos as pessoas que tiverem maiores experiencias; 3.º que v. s.ª tenha por certo que na vida em que se acha não lhe ha de servir o amor á sua opinião e a inflexibilidade n'ella senão de se precipitar com os que lhe forem superiores e de se fazer odioso com os que lhe forem eguaes; 4.º finalmente que na vida civil e politica, sem docilidade e paciencia, se não fará nem negocio nem progresso para domar quanto lhe fôr possivel, n'estes primeiros annos de ministerio, o seu fertil engenho, até que faça habito de ceder sem violencia do seu proprio parecer, quando fôr necessario, como quasi sempre o é quando se trata do pessoal interesse ou do amor proprio, que nos costuma enganar sem nós o percebermos.»

Esta carta foi publicada por Julio Biker no seu folheto de documentos ineditos relativos ao Marquez de Pombal.

tar as suas contas de orgulho com aquelle velho ministro que, havia quasi vinte e quatro annos, lhe domara as arrojadas philaucias.

—Não vejo que chegue a bom termo esta longa pendencia com a Hespanha!—dizia Ayres de Sá.

—Se chegar ao termo em que a honra de Portugal não fique de rastos, quaesquer que sejam os sacrificios a fazer, não vejo que possa encontrar-se melhor termo —replicou o Marquez.

—Pois sim, mas com que recursos?

—Com os que tinhamos em 1762 e os outros que tem sido possivel reunir e não são insignificantes.

—A guerra de 1762—objectou Martinho de Mello—limitou-se a uma campanha de marchas e de escaramuças.

—E' verdade mas para os resultados politicos valeu por uma campanha de grandes batalhas. O famoso exercito hespanhol reduziu-se à investida de umas praças fronteiriças insignificantes, que a Hespanha teve depois de restituir taes como as encontrara, e nunca poude chegar a meio caminho de Lisboa. Em vez da conquista que vaticinavam arrogantes, os nossos illustres visinhos tiveram de propôr um armisticio.

«De alguma coisa valeram as marchas e as escaramuças.

—Eram bem diversas as circumstancias —replicou Ayres de Sá.

—Eram. A França estava abertamente alliada com a Hespanha e quando a campanha começou tinham as duas quarenta e dois mil excellentes soldados com noventa peças na fronteira portugueza e nós menos de vinte mil homens de primeira linha.

—Mas tivemos depois quarenta mil, mas ao cabo da campanha havia quasi sessenta mil com as tropas de segunda linha—observou Ayres de Sá.

—Longas canceiras me custou a organisação d'esse exercito de tropas inexperientes.

«Ora é de notar que no principio da guerra a Hespanha e a França ainda não estavam tão abatidas como agora, pelos seus desastres no ultramar.

«Sabem perfeitamente que foi depois do tratado de Fontainebleau (*) que a França teve de ceder á Inglaterra quasi todas as terras que tinha na America, o Canadá valendo por muitas, na Africa o Senegal e se obrigou a arrazar as fortificações de Dunkerque.

«Pela sua parte a Hespanha, embora recebesse em restituição Havana e Manilla, via-se obrigada a entregar aos inglezes vencedores a Florida e todas as possessões que tinha ao sul e a oeste do Mississipi.

«Hoje estão as duas nações mais abatidas e temos nós maior armada, praças formidaveis como Elvas, todas as fortalezas abastecidas e um exercito de quarenta mil homens, que hei de fazer chegar a sessenta mil.

—Quer parecer-me que ha de ser difficil—observou maliciosamente Martinho de Mello—apezar de v. ex.ª querer que se assente praça aos criados de servir, e ainda que Pina Manique persiga os desertores a ferro e logo, como fez ali na Trafaria com legitimo horror de toda a gente.

O Marquez percebeu as insidiosas referencias e replicou sacudidamente:

—Para a defeza da patria o sacrificio é de todos, desertar é um crime abominavel contra a nação em perigo.

Ayres de Sá procurou apagar o effeito das palavras de Martinho de Mello e acudiu a dar outro rumo á discussão.

—Peço licença para observar — disse brandamente ao Marquez—que n'esta conjunctura as coisas se me afiguram peores para nós.

«A guerra será ao mesmo tempo na America e na Europa, e sem podermos contar com o auxilio da Inglaterra, que anda assoberbada com a revolução das suas possessões americanas.

—Na America, está começada por culpa dos hespanhoes e com vantagem para nós. Temos lá forças que bastam para repellir os hespanhoes e para tomar-lhes todo o Paraguay e o mais que as circumstancias indicarem.

«Na Europa, estamos em melhores condições que em 1762.

«Faltam-nos sete ou oito mil soldados

(*) Em 3 de fevereiro de 1763.

com que a Grã-Bretanha nos auxiliou ha quatorze annos?

«Procurando bem, não será impossivel encontrar esse reforço entre os proprios portuguezes.

«Do auxilio das esquadras inglezas é que nós mais carecemos e essas chegam para tudo.

—Mas ninguem como v. ex.ª conhece as intenções do governo inglez.

—Conheço, mas o seu proprio interesse o levará a dar-nos auxilio, logo que se declare a guerra, que não será um capricho nosso, mas uma questão suprema da nossa honra.

«Para evitar complicações, o governo britannico diz-nos que nos dobrêmos ás arrogancias da Hespanha, dando-lhe as satisfações exigidas e fazendo as restituições que de nós reclama

«Como lhe não dóe a affronta, que seria só para nós, e lhe não convém agora intrometter-se n'outra guerra, dá-nos então o governo de Inglaterra o commodo e facil conselho de nos humilharmos. Facil e commodo para elle.

«Mas na propria insistencia do conselho esta mostrando a previsão e o receio de que as circumstancias lhe não permittam afinal ficar alheio á lucta desigualissima entre portuguezes e hespanhoes

«Nem eu ainda desisti de convencer o governo inglez da miseravel figura que está fazendo n'esta questão, dando azo a que os farronqueiros de Madrid se gabem de ter levado a Inglaterra a abandonar os seus alliados e a esperar o auxilio da Hespanha para contêr os sublevados de Philadelphia, da Florida, da Carolina e do Canadá. (*)

«Hei de insistir em mostrar-lhe o caminho perigoso que vae seguindo. Se Portugal se perder, vencido pela Hespanha e pela França alliadas, a Inglaterra perderá tambem esses portos portuguezes que lhe asseguravam melhor o caminho dos mares—o caminho de Gibraltar, o do Mediterraneo, o da America, o da Africa e do Oriente. (*)

—Isso escreveu v. ex.ª para Londres a Luiz Pinto de Sousa e de tal maneira que o governo inglez tivesse conhecimento clandestino da sua carta; (**) isso tem dito varias vezes aqui em Lisboa a *sir* Robert Walpole, e o governo inglez insiste em que por todos os meios se evite uma guerra com a Hespanha.

«E' que não deseja ver-se forçado a desamparar Portugal e receia ao mesmo tempo intrometter-se na guerra, estando a braços com a sublevação dos seus americanos.

—Vae o governo britannico em caminho errado.

«A America ingleza tem tres milhões de almas de varias raças e um paiz immenso cortado de grandes rios e longas florestas.

«Intentar a guerra civil n'uma colonia em taes condições, é tentar uma doida aventura com todas as probabilidades de perder uma colonia.

«Toda aquella gente se armará contra a metropole e quando se não poderem sustentar na costa, ao alcance da artilheria

(*) Em uma carta notabilissima que, em 28 de novembro de 1775, o Marquez de Pombal enviára para Londres ao ministro portuguez Luiz Pinto de Sousa, lê-se este curioso quesito:

«Se é compativel com a reputação, com a dignidade e com os interesses da Inglaterra, aquella ostentação que a côrte de Madrid está fazendo, para persuadir que tem reduzido a Grã-Bretanha ao miseravel estado de abandonar os seus alliados e de necessitar dos auxilios de Hespanha para reduzir á sua obediencia os vassallos rebeldes da America ingleza?»

(*O Marquez de Pombal—Alguns documentos ineditos.* Publicação de Julio Biker.)

(*) N'aquellas palavras, se resume o oitavo quesito da carta já citada.

(**) A' margem do rascunho d'aquella carta viu Biker esta nota do proprio punho do marquez de Pombal:

«Carta particular remettida pela posta ordinaria no *Paquetboat*, que partiu em domingo 3 de dezembro, para que, abrindo-a no correio de Londres, como é do seu costume, ficasse o ministerio d'aquella côrte na intelligencia da miseravel situação em que se acha.»

O Marquez tinha a certeza de que as suas cartas enviadas pelo correio ordinario para a legação portugueza em Londres seriam abertas e copiadas no *gabinete negro*, e que o seu conteúdo chegaria, portanto, secretamente ao conhecimento do governo inglez.

Nenhum meio, decerto, mais seguro para lhe dizer verdades amargas e dar-lhe conselhos politicos, sem comprometter as responsabilidades do paiz.

das esquadras retiram para o interior, como os nossos fizeram no Brazil contra os hollandezes, e que vão lá vencel-os, se são capazes.

«Na carta a que o collega se referiu, e depois em conversa com Walpole insinuei que melhor seria, melhor e mais efficaz, attender as reclamações dos seus americanos, evitar a guerra civil, necessariamente funesta, e il-os subjugando com geito e dextreza politica.

«Que lhe dêem um parlamento. Ficam os americanos muito satisfeitos com esse desafogo e o governo inglez bem sabe pela sua experiencia da Europa como os votos de um parlamento se conquistam. (*)

«Mas enfim, sua alma sua palma. O orgulho inglez nada quer conceder aos seus colonos americanos e quer então que Portugal acceda de joelhos a quanto exija o marquez de Grimaldi, esse *jesuita de batina curta* que esta governando a Hespanha!

«Que transija, que se dobre, que dê satisfações, tendo por si o direito e a justiça!

«Não póde ser!

E o Marquez levantou-se arrogantemente.

—N'essa longa e desgraçada questão de fronteiras da America, n'esse velho conflicto por causa d'aquelle vespeiro de jesuitas do Paraguay onde loucamente se metteram os que governavam Portugal nos ultimos dias do sr. D. João V, a iniciativa das hostilidades foi sempre dos hespanhoes; a iniciativa e a má fé.

«Ja o demonstrei. Dizem no os factos, provam-no as datas. Queriam talvez que os nossos ficassem de braços cruzados? Isso não, custe o que custar.

—Não o entendem assim os governos de Paris e de Londres. Attribuem a v. ex.ª, á sua insistencia, á sua vontade o aggravamento de um conflicto que torna a guerra imminente.

—Faltam á verdade por interesse proprio! Quem propoz um congresso de conciliação em Paris, para entregar ao veridictum da França e da Inglaterra a questão de honra e de direito entre as corôas de Lisboa e de Madrid?

«Fui eu, em nome de el-rei, mas logo a Hespanha exigiu que lhe déssemos primeiro satisfação; quer dizer, que fossemos para lá de rastos como réos convictos e como sevandijas conscientes,

«Rejeitei em nome de el-rei. Para que dizem então que eu quero a guerra? Quem a quer e lida por ella é o governo de Hespanha.

«Detesto a guerra, mas não fujo d'ella, se não vejo outro recurso para salvaguardar a honra e os direitos do meu paiz.

—Pois o marquez de Blosset deplora a teimosia de v. ex.ª—disse Martinho de Mello—e quasi se lhe afiguram audacia louca todos esses preparativos militares, quando a vida de el-rei está em perigo de perder-se e não póde Portugal contar com o seu unico alliado (*)

---

* No ultimo quesito da celebre carta, que temos citado, perguntava o marquez de Pombal a Luiz Pinto de Sousa, para que podesse lel-o o governo inglez pelo meio que já conhecemos:

Reflectindo-se em que se os 12 milhões de almas em que consistem os habitantes dos tres reinos de Inglaterra, Irlanda e Escocia se estão governando pelos parlamentos: se estes parlamentos sempre são governados por el-rei britannico pelas pluralidades ganhadas nos votos das duas camaras com os provimentos dos beneficios e dos empregos e officios da guerra, justiça e fazenda e das gratificações que são notorias: dando-se á assembléa geral das colonias um titulo especioso de *Parlamento*, e ganhando-se a pluralidade dos votos pelos mesmos meios e modos que actualmente está praticando a côrte de Londres: se não restituirá assim el-rei da Grã-Bretanha á sua obediencia aquelles fanaticos vassallos, e governará os 3 milhões de vassallos em que ellès consistem muito mais facilmente do que está governando os 12 milhões de inglezes, escocezes e irlandezes acima referidos?»

De modo que para as colonias em via de emancipação lembrava o Marquez ha cento e vinte e quatro annos aquelle esboço de autonomia, aquella valvula de salvação com que a Inglaterra segura hoje sob o seu dominio a Australia, o Cabo, o Canadá, que têem os seus parlamentos proprios!

(*) Mezes antes escrevia o embaixador Blosset ao ministro conde de Vergennes: «Que o Marquez havia ser considerado o ministro mais teimoso e audaz que existia, e que idéa se póde formar d'este ministro e do seu caracter quando se vê que elle alliga uma guerra contra o seu paiz no momento em que a vida de el-rei seu amigo, seu unico apoio, se acha em pe-

—E vv. ex.as dizem e pensam com elle! Porque el-rei está em perigo e porque a Grã Bretanha hesitá, vamos nós de rojo para os pés da Hespanha!

«Parece que a todos fez mêdo essa esquadra hespanhola que ahi esteve no Tejo, e afinal teve de sair como entrou!

—Aqui, sr. Marquez ninguem tem mêdo! —exclamou Martinho de Mello, erguendo-se afogueado.

«Se era para nós a insinuação, repilto-a.

«O que nós não queremos, sr. Marquez, é a esmagadora responsabilidade de arrojar a nação a uma guerra funesta.

—Tomo-a eu sósinho, sr. Martinho de Mello. Tomo-a em nome de el-rei. Pódem com ella os meus setenta e oito annos.

—Mas não queremos nós, sr. Marquez, que as apparencias nos dêem por cooperadores de v. ex.a n'isso a que os ministros estrangeiros chamam uma loucura.

—Diz bem, sr. Martinho de Mello. A santa loucura que nos levou a Cerneja, a Aljubarrota, a Montes Claros.

—Mas o povo chama-lhe outra coisa peor do que loucura.

—Então o que lhe chama o povo? Póde falar desassombradamente, sr. secretario d'estado.

—O povo chama-lhe *traição*. Guerra inopportuna, desigual, para nos entregar vencidos á Hespanha. (*)

—E para trahir o meu paiz ando ha dois annos, afanosamente, a preparar-lhe a defeza!

«Mentira! Mentira! O povo não inventou isso, essa calumnia estupidamente absurda!

—Nem nós acreditamos em semelhante coisa—acudiu mansamente Ayres de Sá. Mas é triste que taes boatos vão correndo entre o povo.

«E a verdade é que nem Robert Walpole nem o marquez de Blosset sabem descobrir os recursos com que v. ex.a conta, nem comprehender como póde querer a conciliação e a paz quem tanto se esta preparando para a guerra. (*)

—Nem elles nem nós o sabemos comprehender!—accrescentou aggressivamente Martinho de Mello.

—Recursos!—exclamou o Marquez. Os recursos com que eu conto?!

«Com o maior exercito que tem tido Portugal, com setenta e oito milhões de cruzados em cofre, com a alma e o sangue de dois milhões e meio de portuguezes.

Entrou açodadamente o secretario particular do Marquez.

—Perdôe v. ex.a

—Que ha?!

—Venho do paço aonde fui cumprir as ordens de v. ex.a...

—E d'ahi?

—Sua Magestade teve outro ataque.

—Outro?!—exclamou o Marquez fazendo-se muito pallido.

—Vae celebrar-se a toda a pressa o casamento de sua alteza o principe D. José...

—Com sua tia a sr.a infanta D. Maria Francisca Benedicta?

—Assim o ouvi. Dizia-se que era a von-

---

go, e que o unico alliado de Portugal se não acha em estado de o soccorrer?

«Conclue dizendo que, sem embargo d'isto, a esquadra hespanhola tinha sahido do Tejo.»

(*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. 255.)

(*) Foi um dos muitos boatos calumniosos que se espalharam contra o Marquez

(*) Em setembro de 1776 o ministro conde de Vergennes dizia n'um despacho para o marquez de Blosset: «que reprova a politica do Marquez de Pombal de se não prestar ás insinuações de M. de Walpole, ministro da Inglaterra, relativas á satisfação pedida pela Hespanha e á suspensão das hostilidades na America; e conclue annunciando-lhe que elle ministro acabava de prevenir o Marquez d'Ossun, embaixador em Madrid, da continuação dos preparativos militares em Portugal.

Em 13 de dezembro novo despacho do conde de Vergennes para Blosset, dizendo que lhe parecia improvavel a hypothese do primeiro ministro de Portugal contar com o apoio das *tres potencias que despojaram a Polonia* (Russia, Austria e Prussia) e accrescentava *que não podia comprehender a politica do Marquez de Pombal.*

E já em fevereiro de 1777, quer dizer n'aquelle mesmo mez em que o Marquez está discutindo com os seus collegas do governo, Blosset officiava para o conde de Vergennes participando-lhe *que os armamentos militares continuavam em Portugal e no Brazil*

(*Quadro Elementar*. Tomo VIII, pag. [illegible] e 302.)

tade expressa de el-rei, manifestada por escripto antes d'este ultimo ataque.

—Vence o conluio do paço! — murmurou o Marquez n'um momento de desalento.

O principe D. José, filho da princeza real D. Maria, e neto, portanto, do rei, era um joven de lucido espirito e promettedoras qualidades. Fôra educado sob as vistas do Marquez; era a sua ultima esperança politica, e essa mesma lhe levavam n'aquelle casamento os reaccionarios intrigantes do paço!

El-rei agonisante, D. Maria, uma fanatica, e para succeder no throno, ao lado d'ella, D. Pedro, o comparsa obediente dos jesuitas!

Havia lampejos de jubilo no olhar de Ayres de Sá, um sorriso de triumphal ironia bailava nos labios de Martinho de Mello.

Surprehendeu-lh'o o Marquez e logo levantou resolutamente a soberba cabeça.

—Mas vive ainda el-rei? — perguntou ao secretario.

—Assim o ouvi affirmar ao cirurgião-mór da real camara.

—Então governo eu ainda.

E voltando-se para os collegas, disse-lhes:

—Sr. Martinho de Mello, as mais urgentes ordens para que todas as naus e fragatas estejam promptas a sair do Tejo á primeira ordem

«Sr. Ayres de Sá, todas as necessarias e immediatas providencias para que os regimentos possam marchar para a fronteira á primeira voz.

«Em nome de el-rei, nosso amo. Vive ainda; sou eu o seu primeiro ministro.

«E se entretanto o levar Deus, cá ficam então vv. ex.as, para dar satisfação a Hespanha.

E fez-lhes um cumprimento de despedida, soberbo e gélido.

IV

A MORTE DO REI

No dia 22 de fevereiro celebrára-se na Ajuda, muito de surpreza e sem nenhum apparato, o consorcio do Principe da Beira com sua tia a infanta D. Maria Francisca Benedicta.

Este consorcio fôra um golpe violento nos derradeiros planos politicos do Marquez.

Suppõe-se que Pombal tivéra o projecto de estabelecer em Portugal a lei sálica, para excluir da herança da corôa a fanatica princeza D. Maria e afastar do throno o principe D. Pedro, creatura muito dos jesuitas, como já sabemos.

D'este projectos se encontram indicações na correspondencia official dos embaixadores da França e da Hespanha e do plenipotenciario inglez em Lisboa.

Parece que o Marquez lográra conquistar a plena adhesão do rei a este projecto, e que de perfeito accordo estudavam secretamente o meio de o pôr em pratica.

Desconfia-se que foi o cardeal da Cunha, na posse do segredo, quem muito a occultas o revelára ao principe D. Pedro, esposo da presumptiva herdeira da corôa, e depois, junto do rei, attribuíra a José de Seabra a compromettedora inconfidencia.

Simples hypotheses, que, na propria historia, ficaram envoltas em sombras. A verdade é que o partido do paço ficou de atalaya para se oppor ao projecto, que a doença grave do rei completamente mallogrou.

A ter vingado este plano, o principe da Beira, educado sob as vistas do Marquez e por creaturas muito suas, seria o futuro rei, alheio completamente ás influencias dos que, na sombra, tramavam contra o ministro odiado e procuravam abrir caminho por onde regressassem a Portugal os padres proscriptos da extincta Companhia de Jesus.

O casamento com a infanta D. Maria Francisca, senhora de extremadas virtudes, mas tambem muito sob a influencia do partido reaccionario do paço, afastava o principe completamente da politica do Marquez. (*)

Excesso de precaução. O poder de Pombal, já muito abalado com a enfermidade do rei, acabaria fatalmente com o ultimo sopro de vida do agonisante monarcha.

O Marquez previa-o. Não abandonava a outro as negociações gravissimas com a Hespanha, não descurava os preparativos militares, mas sentia bem que das suas mãos tremulas de velho caíra já o sceptro que o rei lhe confiára e elle havia transformado em insignia sua, como bastão triumphal do supremo mando.

Em principios d'aquelle mez de fevereiro (a 5) ainda quiz experimentar e experimentou até que ponto a sua influencia estava abalada no paço. Apresentou á rainha regente uma exposição, em que lhe supplicava a exoneração dos pesados cargos com que já não podia a sua velhice cortada de achaques e de trabalhos.

Resumia os serviços que estavam a seu cargo, indicava á regente a conveniencia de estar precavida com quem o substituisse, pois que de um para outro momento o podia colher a morte, e pedia escusa de interpôr parecer ácerca da escolha de quem havia de substituil-o. (**)

(*) O Principe tinha apenas dezeseis annos e a infanta trinta e um.

(**) Vidé *Supplica apresentada á serenissi*

E com a supplica apresentára tambem á regente uma nota dos fundos em cofre—setenta e oito milhões de cruzados—e do thesouro de diamantes existente no gabinete d'el-rei.

D. Marianna Victoria não annuiu á supplica do famoso valido com o fundamento de não querer intentar mudanças politicas, estando vivo el-rei, para quem o Marquez era o secretario d'estado em quem plenamente confiava.

Pombal comprehendeu. Seria o primeiro ministro até á morte de D. José. Por isso, no dia antecedente, falára como tal aos seus dois collegas.

* * *

Pina Manique mandára apresentar ao Marquez o estudante que fôra preso pela policia ao pé do jardim de Jorge Gustavo.

—Tenho as melhores informações a seu respeito, sr. Ruy de Noronha—dizia-lhe o Marquez—sei que lhe devo palavras de caloroso e espontaneo louvor, mas sei tambem que é espadachim e quero prevenil-o amigavelmente de que póde comprometter-se gravemente em alguma d'essas aventuras nocturnas.

—Sr. Marquez, não fui eu o provocadôr.

—Eu sei, e por isso o mandei soltar e lhe aconselho a que se abstenha de quaesquer emprezas que o façam cair nas mãos da policia.

«Interesso-me por si, sr. Ruy de Noronha.

—Não sei como deva agradecer a v. ex.ª...

—O agradecido sou eu. Tanto me teem calumniado, até os que mais me devem, que me parece rara e consoladora excepção encontrar alguem que desinteressadamente e nas minhas costas diga de mim palavras de louvor, como sei que foram as suas.

—De justiça é que ellas foram, sr. Marquez.

—Pois seja, mas não diminue por isso o meu reconhecimento, visto que nem sequer palavras de justiça encontro nos que se diziam meus amigos e recebiam favores meus.

«O sr. Ruy de Noronha nada me pedira e nem eu sequer o conhecia. Pois bastaria o seu nome para lhe abrir as portas de minha casa. E' sobrinho de Antonio de Noronha que Deus haja. Nada mais seria preciso.

—Meu tio algumas vezes me falou de v. ex.ª, do tempo dos *Capotes Brancos*, das aventuras nocturnas, das brigas nas ruas.

—Não se lembre d'essa *lição antiga*—atalhou o Marquez, sorrindo tristemente. Eram outros tempos; não existia então a intendencia de policia.

«Acautele-se d'ella, principalmente quando souber que eu já nada posso em seu favor. O Diogo Manique é homem intransigente.

«Faça a diligencia por lhe não tornar a cair nas mãos.

«O sr. Ruy de Noronha ficou muito mal visto, por minha causa. Defendeu-me calorosamente. Nunca mais lh'o perdôam os meus inimigos, e esses estão em toda a parte, cada vez em maior numero, porque até estão já com elles alguns fingidos amigos que eu tinha!

Havia um tom de indefinivel amargura nas palavras de Pombal. Ruy de Noronha respondeu-lhe commovidamente:

—Tanto maior honra para mim, sr. Marquez, se estou entre os que não mudam e sou dos raros que não desconhecem ou não calumniam os altos serviços que v. ex.ª tem prestado ao seu paiz, alguns tamanhos e de tanta gloria, que nem chega para elles a historia portugueza.

—Obrigado, sr. Ruy de Noronha. Têem muito de obsequiadoras as suas palavras, mas sente-se logo que não são as palavras de um lisonjeador.

«Diziam tanto, diziam ainda mais, mas falavam de outro modo os que precisavam de mim.

«Bem haja. E' consoladora essa generosidade dos seus vinte annos. Pouco tempo me restará de vida, mas para esse resto hei de ter ainda coração em que reconhecidamente guarde o seu nome.

—Sr. Marquez!

—Agora é que são rarissimos os novos amigos—disse Pombal estendendo-lhe a affectuosamente.

---

ma senhora rainha mãe D. Marianna Victoria, na sua regencia. Pag. 283 a 287 das *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, traduzidas em portuguez.

«E ainda outro conselho meu. Dê-me o lenitivo da sua amisade, mas abstendo-se de me defender em publico.

—Faço o meu dever de patriota.

—Compromette-se, e chamará contra si uma parte dos odios que já andam a bramir em volta de mim.

«Falo-lhe lealmente. Reserve o seu engenho e o seu esforço para a conquista do futuro que merece.

«Volte para Coimbra, trá longe. Sei o que vale o seu coração, e do seu engenho me falou com rendida admiração o coronel Jorge Gustavo.

—Suspeito louvor de amigo.

—Sincera homenagem de amigo, igual homenagem para o seu talento e para o seu *caracter*.

«Jorge Gustavo é um homem pundonoroso e leal; não tem, não teve nunca o feitio dos lisonjeadores. Diz resolutamente o que pensa e a mim me disse que sentia tanta admiração pelos dotes de espirito do sr. Ruy de Noronha, como pela sua *lealdade de cavalheiro*.

O Marquez accentuou tanto estas ultimas palavras e tão lentamente fitou o mancebo, que lhe causou uma estranha perturbação.

—Empenhar-me-hei em não desmentir o alto conceito que elle faz do meu caracter.

—D'isso estou eu convencido, sr. Ruy de Noronha. E com franqueza lhe affianço que me foi muito agradavel poder evitar que a intendencia de policia fizesse alarme em volta d'esse conflicto entre o sr. Ruy de Noronha e o alferes Lacerda, ao pé do jardim do Coronel.

«Podia levantar deploraveis suspeitas... Jorge Gustavo tem uma filha de quem fala com deslumbrado amor. Seria enorme a sua magua, se uma sombra sequer de suspeição fosse turbar-lhe aquelle immenso amor de pae.

—Nenhuma sombra, sr. Marquez!—acudio Ruy de Noronha, muito afogueado.

—De tudo são capazes os diffamadores, e Jorge Gustavo está cercado de odios, porque é um dos meus dedicados amigos.

«E bem vê que tentadôr pretexto não poderia ser para o enredo dos maldizentes essa briga de noite entre dois mancebos de sangue nobre, junto do jardim d'esse homem, que é meu amigo e tem uma filha formosissima.

«Não pergunto se foi essa menina a causa de similhante conflicto.

—Mas respondo eu lealmente a v. ex.ª A causa foi a filha mais velha do Coronel, a quem eu loucamente extremeço. Por ella devotadamente darei a vida.

—E o Coronel sabe d'esses amores?

—Ainda não sabe, sr. Marquez—respondeu o estudante muito perturbado.

—Então rude extranheza lhe ha de causar a noticia da briga, e não faltarão enredadores que lh'a vão contar. Falei-lhe hontem e quiz parecer-me que nada sabia ainda.

—Ha de sabel-o ainda hoje, sr. Marquez; eu proprio lh'o direi. Era a minha intenção antes de ter tido a honra de falar a v. ex.ª

«Tornou-me abastado o acaso de uma herança.

«Sei bem que é isto o que menos importa ao coronel Jorge Gustavo; mas tenho um nome para offerecer em resgate da minha ligeira culpa.

«Um nome para ligar ao da encantadora filha do Coronel. Nenhuma outra ambição maior na minha alma; nenhuma fortuna igual para mim!

—E' bem como eu o julguei. Honra o seu nome fidalgo. Dê-me a sua mão de amigo, sr. Ruy de Noronha.

—E o favorecido serei eu, sr. Marquez. Então nem me será dado ter inveja a alguem, porque não supponho que tenha o mundo outra mulher assim de tão immaculada belleza.

—Teve—murmurou comsigo o Marquez. E o nome de Leonor de Riba d'Anta vibrou enternecidamente no coração do velho ministro, voejando por entre os odios antigos e as derruidas ambições, como se o fosse embalando um sopro de suavissima saudade.

Um creado veiu annunciar que o coronel Jorge Gustavo pedia licença para falar ao ministro.

—Que entre—disse Pombal.

«Tanto melhor — accrescentou a meia voz para o estudante. Serei eu o intermediario.

Entrou o Coronel e, depois de affectuo-

sos cumprimentos perguntou-lhe o Marquez:

—E a sua doente?

—Tem uns restos de vida, que brandamente se vae apagando.

«Accedendo ao pedido que se lhe fez, esta manhã nos appareceu lá o nosso bemdito monge.

—Damião de Castro!

—Muito dobrado, muito velho, mas sempre a mesma alma de santo! Nem poude vir sósinho; carinhosamente o acompanhou um frade arrabido.

—Nem admira. Vae já a encaminhar-se muito para os noventa. Ha que tantos annos o não vejo!

Poucos momentos volvidos, o Marquez preparava a conversa de modo a abrir ensejo ás explicações de Ruy de Noronha.

Parece que tudo correu admiravelmente, graças á interferencia do ministro e a eloquente sinceridade do moço estudante.

Dissiparam os dois a torva surpreza do coronel. A encantadora filha de Jorge Gustavo ficou sendo a promettida noiva de Ruy de Noronha.

* * *

Ao outro dia, o Marquez, habitualmente madrugador, levantára-se mais tarde.

Passara mal a noite, os trabalhos e os cuidados traziam-lhe a saude profundamente abalada. O disfarce das proprias maguas era de per si um violento sacrificio com que a sua velhice já não podia. Mal se lhe segurava no rosto a mascara de bronze com que, em cerca de vinte e sete anno[illegible], al[illegible]a occultar os sorrisos e os pra[illegible]os, que er[illegible] as fraquezas do homem s[illegible] as ami[illegible]ões e aos odios do ministro.

—Se já terá morrido el rei?! Foi esta a rude pergunta que fez ao seu proprio espirito assim que despertou.

«Irei eu proprio saber. Até ao fim, dia a dia, já que me não consentem que vá vel-o.

Reparou no relogio. Eram mais de 8 horas. O costume era levantar-se antes das 7.

Chamou para que viessem ajudal-o a vestir.

—Que ha de novo?—perguntou ao creado.

—Corre ahi por fóra que sua magestade falleceu esta madrugada.

—Isso ha de ser falso—objectou sobresaltado. Ninguem veiu cá do paço? Nenhum aviso para mim?

—Nenhum, meu senhor.

—Então não pode ser verdadeiro o boato.

E accrescentou para comsigo:

—Ainda os não julgo capazes d'essa offensa... Não me participarem a morte de el-rei, a mim, o seu primeiro ministro, o mordomo-mór do paço!

«Não pode ser.

—Vamos depressa!—disse para o creado Quero ir já ao paço.

—Os soldados da guarda disseram-me ha bocado que tinham passado muitas séges e coches para as bandas do paço real.

—Haviam de avisar a côrte—pensava o Marquez amarguradamente—e não me avisar a mim, aqui a dois passos!

—E sobre a madrugada, haviam de ser 2 para as 3 horas, ouvi eu grande estrepeáda de cavallos pela calçada abaixo.

«Parecia que desciam a desfilada—ia informando o creado.

—Sim, sim... em vocês começando a imaginar coisas!...

—Saberá v. ex.ª que os soldados tambem ouviram.

«E até o que estava de sentinella notou que eram creados que vinham do paço.

O Marquez não respondeu e continuou a vestir-se com febril impaciencia.

—Escuta!... Não ouves sinos?

—Saberá v. ex.ª que estou a ouvir. . Estão a dobrar.

—Não admira. Quasi todos os dias dobram.

«Vamos... traze me o chapeu...

«Vae dizer á sr.ª Marqueza que vou já ao paço, mas que não conto demorar-me.

* * *

No largo da Ajuda estavam já muitas séges e coches dos nobres da côrte.

Vejâmos o que se passára no paço uma hora antes de termos estado em casa do marquez de Pombal.

Em uma camara dos aposentos reaes, que fôra transformada em capella, ardem quasi no fim os cirios lentos que allu-

miam tristemente a grande imagem do Senhor dos Passos da Graça.

Sabemos já que o divino mortificado fôra transferido para ali do magnifico templo dos frades gracianos, para que mais constantemente ouvisse as supplicas da côrte e com misericordia maior se apiedasse do rei agonisante.

Ainda pela meia-noite a rainha, a princeza, os infantes, os principes D. Pedro e D. José e as damas de serviço no paço ali tinham estado a orar por el-rei, já proximo do estertôr.

E o Christo, ensanguentado e livido, a corôa de espinhos a cingir-lhe os longos cabellos, olhar de resignada magua, ao hombro a cruz enorme, de joelho em terra, avergado ao peso do brutal madeiro, estava agora abandonado, sósinho, entre os cirios quasi gastos! A luz agonisante faiscava no resplendor de oiro e pedrarias que D. João V lhe havia offerecido, e caía amortecida nas prégas da sua tunica de seda opulenta, mentirosa roupagem magnificente, em que lhe tinham vestido o corpo açoitado, exhaurido de forças.

Falsa tunica de martyr, soberba como a tunica dos reis antigos, aquella não era a tunica singela e pobre do divino mortificado.

Jesus não ouvira as preces da côrte. El-rei expirára cerca da 1 hora da madrugada d'aquella segunda-feira, 24 de fevereiro de 1777.

As damas acompanhavam agora a rainha viuva e a princeza herdeira, encerradas nos seus aposentos. Os principes tinham-se retirado para os seus quartos; os sacerdotes estavam na camara do morto; em grupos na sala proxima, os cortezãos falavam baixo de varias cousas profanas, na impaciencia das suas esperanças, dos seus interesses, dos seus odios, dos seus provaveis triumphos, das suas acarinhadas vindictas, no rosto mal segura a mascara de um fingido pesar de farcistas.

O Senhor dos Passos ficára sósinho entre a luz dos cirios que morria.

* * *

Vamos ouvindo o que está dizendo a gente da côrte, a meia voz, para simular respeito ao morto e para fingir que se opprime na magua d'aquella perda.

—Quem está na camara d'el-rei?—perguntou um dos recem-chegados.

—Os confessores da real familia, que estão rezando as orações dos mortos e os cirurgiões que vão embalsamar el-rei; o marquez de Tancos e o cardeal da Cunha.

—Oh! esse tambem! Querem ver que se enfeita para substituir o *Cabelleira!*

—E' verdade, e esse malvado? Não está cá? Não veiu assistir aos ultimos momentos do seu real amo e amigo, a quem Deus perdôe o amparo que deu áquelle carrasco?!

—Não lhe mandaram aviso. Como sabe, havia já muito tempo que não o deixavam entrar na camara real.

—Mas elle todos os dias ahi vinha saber do estado de el-rei com aquella desfaçatez que só elle tem!

—Vinha sim, mas disseram-lhe hontem que el-rei não estava peor. Enganaram-no.

—Tambem elle em dezembro enganou a cidade e o rei mandando cantar um *Te-Deum* em acção de graças pelas melhoras de el-rei, que não eram nenhumas.

—E é capaz de fingir que não comprehende a desconsideração! Mandaram avisos a toda a côrte, menos a elle, o intitulado primeiro ministro, o mordomo-mór do paço, depois da morte do desgraçado duque de Aveiro!

—Até aos proprios collegas avisaram. Olhe, ali estão Ayres de Sá e Martinho de Mello.

—Com parecer de pessoas a quem os negocios correm bem.

—Pudera! Está em terra esse monstro de Sebastião José, a quem o Martinho de Mello já não podia ver nem tragar.

—Sempre estou para ver o que a rainha faz!

—Qual, a viuva?

—Não; a princeza herdeira.

—O que devia fazer sei eu. Um patibulo lá em baixo no caes de Belem e o ladrão de Sebastião José rodado e feito em cinzas como os Tavoras!

—Mil vidas que elle tivesse não chegavam para expiar os seus crimes!

—Não fez senão mal aquelle mostrengo! E alguma lei razoavel do seu tempo, não era d'elle, era dos que elle tinha a trabalhar por sua conta.

—E um estupido, um ignorantão.

—Não; eu, no caso da rainha, não o condemnava a morrer como os Tavoras.

«Mandava-o queimar em vida por impio.

«E havia de queimal-o a Inquisição, que elle tomou á sua conta

—Como fez ao Malagrida.

—Mais ainda, porque o Malagrida foi garrotado e só depois o queimaram. Morreu depressa. Morte bem leota para o tigre que nos opprimia e avittava. Queimado vivo.

—Mas não de ver que a rainha não tem animo para isso e é capaz de se limitar a mandal-o pôr na rua.

—Isso então é de bradar ao ceu! Até as pedras se levantavam contra ella!

—Os proprios estrangeiros haviam de ter vontade de nos cuspir na cara.

—Póde lá ser!

—Eu sei lá! O confessor da nova rainha deve muito a esse homem que foi o nosso flagello e talvez interceda por elle.

—Pois sim, mas a nação clamará tanto pelo justo castigo d'esse ministro, que tem sido a nossa vergonha, tanto, que sua magestade não terá remedio senão fazer-lhe a vontade.

—E o primeiro passo, antes mesmo de levarem el-rei para S. Vicente, seria mandar metter o lobo sanguinario na peor masmorra da Inquisição.

—A elle e aos parentes e adherentes. A cáfila toda.

—Exactamente. Abrir os carceres da Junqueira e os calabouços das Torres, rehabilitar os Tavoras, restituir ao marquezito de Gouvêa os bens do pae e mandar abolir d'uma assentada quantas leis o monstro inventou.

—Pôr tudo como era d'antes. A nobreza e o clero no seu logar.

—E a ralé no seu.

—E a grande casa que elle arranjou á custa de ladroeiras logo confiscada.

—Pois isso esta claro. E no dia da quebra dos escudos o supplicio d'aquelle tigre, que o inferno mandou contra nós.

—Ah! mas emfim teve Deus piedade de nós!

—Mal parece dizel-o—accrescentou outro, baixando mais a voz — mas isto não é funeral, é alleluia!

—Padres haverá que hão de estar nos responsos com a alma a pedir-lhes *Te-Deum*.

—Eu já mandei recado aos desgraçados que estão na Junqueira.

—O lucto é só por fóra.

—Eu bem sei de certa dama que vae ficar doida de alegria.

—Quem é?

—Aquella que foi obrigada a casar com José Francisco de Carvalho, o filho segundo do *Cabelleira*.

—Ah! bem sei; a filha de D. Vicente Roque de Sousa Coutinho Monteiro Paim. A apaixonada do Alexandre de Sousa Holstein.

—Casada aos quinze annos.

—Mas que admiravel coração de mulher! Foi ao altar, deixou realisar a ceremonia do casamento, para obedecer ao pae, mas não consentiu nunca em ser companheira do marido que lhe impozeram. Sempre o repelliu de si!

—Essa é que não teve medo do façanhudo Sebastião José.

—E o caso é que venceu. O casamento foi annullado.

—E lá esta ha nove annos encerrada no convento do Calvario, de Evora, como se nunca houvesse sido casada!

«Que doce alegria lhe não vae sentir o coração com esta noticia de hoje! (*)

—Como lhe faltava sangue illustre, o re-

(*) D. Izabel Juliana de Sousa Coutinho Monteiro Paim foi obrigada a casar com José Francisco de Carvalho Mello e Daun em 11 de abril de 1763.

Repelliu na vida intima o marido que lhe tinham imposto e resistiu intrepidamente a todas as exhortações e ameaças.

O casamento foi annullado e ella encerrada no convento que acima designámos, d'onde saiu depois da morte de el-rei D. José.

Em 27 de junho de 1779, casou com D Alexandre de Sousa Holstein, o homem bem amado, a quem déra o coração quando tinha apenas quinze annos.

D'estes amores, que valem por si um soberbo drama de constancia e de heroismo feminil, nasceu D. Pedro de Sousa Holstein, que havia de ser o celebre primeiro duque de Palmella, uma das grandes figuras da epopeia liberal e um dos mais brilhantes diplomatas que tem tido este paiz.

les Sebastião José arranjava noivas illustres para os filhos.

—E' verdade. E vejam se ha prova maior do que esta: o mesmo José de Carvalho, o que a Izabelinha Holstein repellíu de si, casou depois com a filha de Nuno Gaspar de Tavora e Lorena.

—Uma Tavora!

—D. Francisca do Populo.

—E o filho mais velho, o Henrique?

—Segundo conde de Oeiras, se me faz favor.

—E presidente do senado da camara de Lisboa.

—Esse casou com a Maria Antonia.

—Bem sei: a filha de D. João de Menezes e da condessa de Raspack.

—E com as filhas a mesma coisa. A mais velha, a Thereza Violante, casou com o Antonio de Sampaio Lusignan (*) A outra, a Maria Francisca, essa casou com D. Christovão Manuel de Vilhena.

—E a mais nova, a Maria Amelia, com o João de Saldanha, o morgado de Oliveira (**).

Houve um certo movimento na sala. Tinham entrado os marquezes de Angeja e de Marialva, que vinham dos aposentos do marido da futura rainha.

—Lá vêem os *dois Pedros* em quem el-rei não consentia que o *Cabelleira* cravasse as garras.

—Eram *tres Pedros* os que el-rei defendia da ferocidade do seu valido.

—Tem razão; o outro era o Pedro Teixeira, o alcoviteiro.

—Já se mandaram boas novas para a Junqueira—dizia o marquez de Angeja.

—E a ordem de prisão contra o *Cabelleira?*

—Ainda é cedo. De vagar se vae ao longe.

—Não me parece. N'este caso, quanto mais depressa melhor justiça. El-rei para S. Vicente e o valido para um cadafalso.

O marquez de Tancos atravessou da camara funeraria para os aposentos da princeza real.

Martinho de Mello veiu ao encontro do marquez d'Angeja.

—E d'ahi, o Nuncio?

—Está com o sr. D. Pedro. Ouvio ler o papel em que foram escriptas as ultimas vontades de el-rei e muito louvou as piedosas disposições do nosso chorado monarcha.

—N'essas disposições fez el-rei alguma referencia ao marquez de Pombal?

—Nenhuma.

E um terceiro que ouvira esta conversa foi dizer para outro grupo:

—O Nuncio está cá.

—Está. Chamaram-no hontem á noite. Foi elle quem lançou a benção papal a el-rei.

—Já sabem que ha um escripto com as ultimas vontades do sr. D. José?

—Não sabia!

—Estava nas mãos do confessor de el-rei, que já o entregou ao sr. D. Pedro.

—Querem apostar que recommenda o *Cabelleira* á piedade da nova rainha!

—Dizem que não; que nem fala d'elle.

—Ainda bem. Póde então a sr.ª D. Maria I mandal-o justiçar á sua vontade.

—Quem será agora o primeiro ministro?

—Naturalmente, e até as coisas mudarem de todo, será o Ayres de Sá.

—Porque anda o marquez de Tancos tão afervorado?

—Faz agora as vezes de mordomo-mór do paço.

—Mas o *Cabelleira* é que é o modomo-mór!

—Agora é como se o não fosse.

—Por isso o diabo adivinhou o *terramoto* que o espera e teve medo de vir cá.

—Foi sempre um poltrão! Só tinha farroncas e audacias com o rei atraz de si e a tropa a guardar-lhe as costas. Agora, encolhe-se em casa como velha medrosa.

—Isso sim!—Olhem para elle!—disse um dos do grupo, apontando para a porta grande da sala.

O Marquez de Pombal apparecêra muito pallido, a cabeça arrogantemente erguida.

Reboou na sala um longo murmurio de extranheza. Os cortezãos abriram passagem ao decrepito valido, mas abriram-lh'a voltando-lhe as costas.

—Está a pedir que o atirem pela janella

(*) Antonio de Sampaio Mello Castro e Torres Moniz de Lusignan, a quem foi dado o titulo de conde de Sampaio.

(**) D'este consorcio nasceu o homem illustre foi marechal e duque de Saldanha.

fora!—segredou para outro um dos cortezãos.

—Varádo por uma bala, como fizeram ao traidor Miguel de Vasconcellos!—respondeu baixo o confidente.

Um dos fidalgos que estavam á porta da camara funeraria avisára para dentro que o Marquez tinha chegado.

Pombal cumprimentou alguns dos raros fidalgos, tres ou quatro, que lhe não tinham voltado as costas, e ia já a entrar para a camara d'el-rei, quando lhe saiu de frente D. João Cosme da Cunha, o renegado Tavora, que elle levantára até aos conselhos da corôa e vestira com a purpura cardinalicia.

—V. ex.ª ja aqui não tem nada que fazer!—disse-lhe o *cardeal da Cunha* com grosseira altivez. (*)

O Marquez recuou um passo, envolveu o canalha purpurado n'um olhar de desprezo que tinha lagrimas e não soube responder! Era a primeira vez na sua vida, já excepcionalmente longa!

Haviam-se-lhe estrangulado as palavras na garganta, mas não se lhe offuscára a memoria, e essa nitidamente lhe recordava a prophecia de Paulo de Mendonça, quasi dezesete annos antes.

—E lembrar-me éu que este cão purpurado por mim, este sabujo, andou vinte e dois annos de rastos a lamber-me os pés!

Pombal esperava tudo d'aquelle intrigante que se volvêra em seu implacavel inimigo, tudo, menos aquella vilissima audacia.

Recobrado afinal do seu amargurado assombro, Pombal redarguiu n'uma convulsão de desespero:

—O que os homens podem ser, sr. Cardeal! Julgava que ao secretario de estado e ao mordomo-mór do paço ninguem podia vedar a entrada na camara de el-rei.

—As funcções de mordomo-mór interinamente as desempenha agora o sr. marquez de Tancos—volveu lhe o cardeal da Cunha.

—Está bem, Eminencia!—disse o Marquez já sereno d'animo, o olhar cravado no ingrato, as palavras repassadas de sarcasmo.

«Ja não ha mudanças que me espantem, sr. Cardeal!

«D'antes vestiam libré os lacaios a porta da camara real... agora vestem de purpura.

E voltou lhe as costas murmurando:

—Se os mortos voltassem... Paulo de Mendonça, que propheta admiravel tu foste!

* * *

Instantes depois, o marquez de Tancos participava que a princeza real, a herdeira da corôa, receberia nos seus aposentos os pezames e as homenagens dos secretarios de estado e das pessoas da côrte.

Em muitos grupos de cortezãos se commentava com extranheza o insolito procedimento do cardeal da Cunha. Os proprios inimigos pessoaes do Marquez censuravam aquella ignobil ingratidão.

Tinham chegado os ministros estrangeiros, e esses, preciso é confessal-o, falaram ao Marquez, como se elle estivesse na plenitude do seu poder. O proprio embaixador da Hespanha!

Pombal foi com os seus collegas para os aposentos da futura rainha.

D. Pedro, o rei consorte, havia sido o primeiro a beijar a mão de D. Maria I. Seguiram-se-lhe os grandes da côrte, os prelados e os ministros. Foi um beija-mão intimo.

Depois D. Pedro apresentou á rainha o papel em que tinham sido escriptas as ultimas vontades do fallecido monarcha. D. Maria I passou-o pela vista commovidamente. Em seguida chamou o marquez de Tancos, a quem o entregou para o ler alto á côrte.

O Marquez leu pausadamente:

«Em primeiro logar, confio muito dos conhecimentos e virtudes da princeza que governara o reino com muita suavidade, paz e justiça, promovendo a sua felicidade, assim temporal como eterna, zelando a observancia das leis divinas e humanas, protegendo a verdadeira religião, conservando as regalias da minha corôa, concordando sempre o imperio com o sacerdocio.

«Em segundo logar, da mesma sorte con

(*) A historia guarda esta phrase brutal como suprema expressão de ingrata villania.

fio da sua grande virtude, tratará sempre com o mesmo amor e respeito sua mãe e irmãs, e lhes fará todo o bem, que eu lhes faria, segundo o grau d'amor que sempre lhes tive e lhes tenho.

«Em terceiro logar lhe recommendo que acabe a construcção da egreja da *Memoria*, que prometti a Deus fazer, e se acha meia feita, em agradecimento do beneficio que me fez e que a todo o reino foi notorio.

«Em quarto logar encarrego-a de pagar as minhas dividas, o que eu até agora não pude fazer, por temer uma guerra proxima e violenta, e serem-me precisas grandes sommas para os aprestos d'ella.»

O marquez de Tancos fez uma breve interrupção.

—Tudo isto foi urdido por elles!—estava pensando Pombal. E' uma censura indirecta, velhaca, ao que eu fiz e ao proprio reinado d'aquelle a quem attribuem essas disposições e que já os não póde desmentir!

«A referencia á egreja da *Memoria* é o disfarce para authenticar a falsificação.

O marquez de Tancos proseguiu na leitura, ainda mais lentamente:

«Em quinto logar recommendo-lhe que se lembre dos meus criados, especialmente d'aquelles que sabe que me teem servido com amor e fidelidade.

«Em sexto logar recommendo-lhe egualmente que perdõe a pena legal áquelles criminosos de estado que julgar dignos de perdão. Emquanto á culpa que commetteram contra a minha pessôa, ou contra o estado, a todos lh'a tenho já perdoado, para que Deus me perdõe os meus peccados.»

—E mais nada contêm as ultimas disposições de Sua Magestade, que Deus tenha em santa gloria, e são firmadas pela sua regia mão.

—Mentira!—dizia comsigo o velho ministro.

«El-rei não falava, e já não podia escrever! Elles proprios o diziam.

De joelho dobrado o marquez de Tancos restituiu o papel á rainha herdeira.

D. Pedro volveu um olhar esmagador para o decrépito valido. Todos os cortezãos seguiram esse olhar com os seus faiscando odio ou traduzindo escarneo.

Nas ultimas disposições do rei nem uma palavra expressa e grata para o seu valido, para o seu dilecto ministro, para o seu amigo de vinte e seis annos!

Sairam dos aposentos da rainha.

—Vae esmagado!—segredava um, apontando o marquez de Pombal.

—Com esta não contava elle.

—Talvez seja capaz de se querer incluir n'aquella disposição que trata dos creados.

—Mas ainda sae do paço em liberdade, e ahi está o que é inexplicavel!

—Nós arranjarêmos as coisas de modo que a rainha lhe mande fazer a elle o que a sua crueldade fez a tanta gente.

—A nação accusará o monstro, e de ladrão para cima de tudo o pode accusar.

—Mette-se o povo á bulha e solta-se-lhe a lingua—alvitrou um a meia voz.

—Compra-se-lhe é que é. E quaesquer duas duzias de moedas dão para uma berrata que chegue aos ouvidos de quem precisa de fazer justiça.

Pombal saía do paço com o seu duro coração alanceado de indefiniveis amarguras.

Reboavam nos ares os dobres dos sinos.

—Não póde ser!—ia pensando o Marquez. Mentiram, fizeram uma falsidade, calumniaram el-rei, que não podia esquecer-me... Creados seus que o serviram com amor e fidelidade... tanto podem ser os mais altos dignitarios da sua côrte como os seus boleeiros, os seus lacaios...

«O Marquez de Pombal não póde julgar-se incluido na referencia aos creados que el-rei lembron e não nomeia, ou elles sejam duques ou marquezes, archeiros ou moços de estribeira.

«El-rei não podia esquecer-me. Mentiram elles!

«Se aquelle papel dissesse a verdade, então antes a ingratidão abjecta do Tavora purpurado.

E entrou em casa brutalmente opprimido por estes amargos pensamentos.

* * *

No dia immediato ao da morte do rei, 25 de fevereiro, era já noite fechada: appareceu no *paço das damas* um homem, que se dizia um pobre frade carmelita muito empenhado em falar ao Marquez.

Pombal mandou-o entrar para a sala de despacho, onde já estava dispondo os seus papeis e fazendo os primeiros preparativos para a quéda inevitavel.

A quéda e quem podia saber quanto mais?

Havia sobretudo uma coisa que o enchia de mêdo—o futuro dos filhos.

Entrou o frade e fechou a porta comsigo.

—Sr. Marquez!—disse o carmelita assim que entrou.

—Vossa ex.ª reverendissima aqui, d'esse modo!—exclamou o Marquez levantando-se.

—Assim é preciso para não levantar suspeitas que poderiam ser funestas a v. ex.ª e a mim, que de algum modo o poderei defender no paço—disse D. Fr. Ignacio de S. Caetano, bispo de Penafiel, pois que era elle o disfarçado frade.

«Venho outra vez prevenil-o e pedir-lhe que esteja precavido contra os seus inimigos. Não ha calumnia que não inventem nem vingança que não estejam premeditando. Está com os seus inimigos o principe D. Pedro e o espirito da rainha é fraco para resistir aos esforços dos que pretendem perdel-o, sr. Marquez.

«Veja se póde sair de Lisboa, ao menos, até que se acalmem tantos odios.

—São odios de morte. Não se acalmarão nunca!

—Talvez. Quero ver se posso desviar a rainha do caminho da vingança, para onde pretendem arrastal-a; mas receio bem que me não escute. O cardeal da Cunha la anda em volta d'ella com a sua desalmada intriga e a rainha está convencida de que o Marquez planeou esbulhal-a da herança da corôa.

—Pedirei outra vez que me exonerem, mas emquanto fôr secretario de estado, não sairei da côrte de maneira que pareça um desertor ou uma transfuga.

—Pois acautele-se. Olhe que ainda el-rei está dentro do paço, e já as vinganças começam contra os seus.

—Contra os meus?!

—Sim, e por parte do Nuncio!

—Por parte do Nuncio! Não comprehendo!

—O seu parente fr. Manuel de Mendonça, D. abbade de Alcobaça, esmoler-mór e reformador da ordem de S. Bernardo está já deposto d'estes cargos, degradado de todos os seus privilegios e com ordem de reclusão debaixo de chave.

—Ordem da rainha?

—Não; ordem do Nuncio com o beneplacito da rainha, movida pelo marido.

—Cêdo recomeçaram os nuncios a governar em Portugal!

«E com que fundamento ferem assim a fr. Manuel de Mendonça? Só porque é parente meu?!

—Só por isso, decerto, mas o Nuncio allega hypocritamente os *maus procedimentos* d'esse parente de v. ex.ª (•)

—Sem dizer quaes?!

—Sem designar nenhum!

—Mas então só depois de el-rei expirar lembraram a esse *escrupuloso* Nuncio os maus procedimentos de fr. Manuel de Mendonça?! Só hoje soube d'esse escandalo para cumprir o seu dever castigando-o!

«Que insignes covardes e que nojentos hypocritas nos está mandando Roma!

«Ha quatro mezes, se tanto, vinha aqui dobrar-se deante de mim, vinha dizer-me coisas lisonjeadoras, e não sabia dos *maus procedimentos* do frade, meu parente!

—Sr. Marquez, é preciso acceitar os homens como elles são. Bem peor tem sido esse Tavora, a quem v. ex.ª fez arcebispo d'Evora, inquisidor-mór, ministro assistente ao despacho, regedor das justiças, conselheiro d'estado e cardeal.

«Os despachos e as honras foram firmadas por el-rei e concedidas pelo Papa, mas á influencia e ás instancias de v. ex.ª os deveu.

«Bem sabe que não falo assim por inveja.

(•) Era assim a ordem do Nuncio:

«Vistos os pessimos procedimentos com que o padre fr. Manuel de Mendonça se tem portado no governo da congregação de S. Bernardo, que administra por indulto do nosso antecessor, o cardeal Conti, conformando-me com a tenção da rainha nossa senhora, depômos o dito padre de todos os cargos e ministerios que occupava, e o degradamos de todos os privilegios, graduações e preeminencias que tinha, ficando de reclusão debaixo de chave, commettido ao padre fr. Francisco de Sa, que d'elle dará conta, ao qual commettemos todo o nosso poder temporal e espiritual para governar a religião interinamente ate segunda ordem.—Em 25 de fevereiro de 1777».

«Não queria as honras que tenho e não mereço; e quem me dera voltar a ser um simples frade esquecido no meu tranquillo refugio de Carnide!

«Tenho medo da vida do paço e falta-me o geito para cortezão e homem de negocios politicos.

—Pois é lá, meu caro Bispo, é com a sua auctoridade e o seu prestigio de confessor de sua magestade a rainha, que póde prestar agora relevantes serviços a esta terra.

«Se abandonasse o paço e deixasse nas mãos de certa gente a sua régia confessada, Portugal voltaria de repellão para o que era ha trinta annos.

—Heide fazer o que puder, heide mostrar a v. ex.ª que me não pareço com esse ingrato sevandija, o cardeal da Cunha, mas receio bem que passem por cima dos meus esforços.

—E o principe da Beira, o principe D. José, esse moço de claro engenho com tanto esmero educado para novos destinos? Não poderá a nação contar com elle contra os fanaticos da côrte?

—Creio que não. E' demasiadamente franco, tem manifestado ideias que fazem arrepiar a gente do paço e... talvez lhe não perdôem o desassombro das suas opiniões, e se desfaçam d'elle.

«Mas de v. ex.ª é que é preciso tratar.

«Venho trazer-lhe o meu segundo aviso; não o esqueça. Começaram por um parente seu logo no dia immediato ao do fallecimento de el-rei. E' o signal de alarme. Esteja precavido.

—Estarei. Depois dos funeraes de el-rei irei pedir a minha demissão. Olhe, já estou pondo em ordem os meus papeis.

«Pouco posso viver. Accusações, espero-as de cabeça levantada.

—Conte v. ex.ª com o mar revolto das calumnias. E os diffamadores agora estão de cima.

—Conto com elles; defender-me-hei, se me deixarem viver... Defender-me-hei até ao derradeiro alento, e talvez a minha defeza os incommode.

«Meu caro bispo, meu devotado amigo, mêdo, se o sentir, não será por mim, mas pelos meus,... principalmente pelos filhos. Por esses, sim!

E afogaram-se de lagrimas os olhos do féro dictador.

—Tenho mêdo por elles!—accrescentou com a voz a tremer-lhe nos labios.

—Marquez! Eu os defenderei tambem dedicadamente, embora a occultas para não comprometter a propria defeza.

—D. Fr. Ignacio! Que admiravel coração o seu!

«N'estes lances os amigos são rarissimos, mas um só que seja vale immensamente mais que a turba dos outros, cortezãos da fortuna que vêm para nós com ella e com ella se apartam!

«Bispo, ha um anno os meus *grandes amigos* não cabiam n'esta sala! E os mais falsos e os mais torpes não são os que me voltam as costas; são os que desalmadamente me affrontam!

«Com os inimigos contava eu... Mas foi sempre assim! Ainda hontém á noite estive a relêr as memorias do duque de Sully. A sua desgraça foi quasi igual á sua gloria!

«Veiu a manhã, recomeçaram a dobrar os sinos, e eu de olhos pregados n'aquella dolorosa lição!...

«Bispo, deixe-me beijar-lhe as mãos.

—Marquez! Para mim agora, como se ainda fosse o poderoso ministro de el-rei D. José, como se ainda fosse mais do que foi.

E abraçou-o commovidamente.

* * *

Estamos a 27 de fevereiro. Dobram os sinos. E' noite fechada. Flammejam tochas no alto da Ajuda. A cavallaria desce a passo, lentamente, a calçada grande. Vem saindo o prestito, extenso, multicôr, solemne.

Formavam o lugubre cortejo filas immensas de frades, confrarias de cruz alçada, homens da nobreza, membros do alto clero, funccionarios dos tribunaes, representantes das classes médias.

A chammasita das tochas tremeluz pela calçada abaixo; os tambores do regimento de infanteria que está de guarda ao paço rouquejam cingidos de baêta negra.

Alas compactas de curiosos pelas ruas; luzes bruxoleando por detraz das janellas.

O coche funerario vem descendo aos solavancos pela declivosa ladeira.

E' o funeral do rei. Levam para S. Vicente de Fóra o cadaver de D. José I, cognominado o *Reformador*.

E no prestito, entre os ministros, opprimido de maguas, rodeado de inimigos, arrastando os seus setenta e oito annos de assombrosa historia, ia o gigante d'aquelle reinado extincto. O *Reformador* fôra elle.

O funebre cortejo levou horas a chegar á egreja de S. Vicente de Fóra, vestida de luto, inundada de luz, a luz melancholica dos cirios nos altares e dos grandes tocheiros que ladeavam o catafalco magnificente.

Eram quasi onze horas quando terminaram os officios funebres. Inunda-se de luz o claustro que dá para a jazida provisoria dos reis. Agora um limitado cortejo acompanha D. José á sua derradeira morada.

Enche-se de gente e de luz a lugubre e mesquinha jazida. (*)

O féretro do ultimo extincto foi collocado n'uma tarimba a meio da casa mortuaria.

Lavrou-se o auto de reconhecimento e entrega, segundo as formulas do estylo.

Ante o cadaver do rei

Retirou o cortejo: retiraram todos. Um homem ficou, sosinho, curvado para o féretro. Tinha os olhos rasos de lagrimas. Foi talvez o unico que ali choron.

(*) Haviam já sido depositados em S. Vicente alguns principes da casa de Bragança. O modestissimo pantheon real só em 1855 foi ali definitivamente estabelecido.

Era Sebastião José de Carvalho e Mello, secretario d'estado dos negocios do reino, mordomo-mór do paço, conde de Oeiras, marquez de Pombal.

* * *

—Senhor!—murmurou Pombal, muito inclinado para o cadaver.

«A vossa historia acabou; a minha ainda tem uma pagina em branco. Será escripta pelos meus inimigos, mais ainda que pelos vossos.

«Contra os odios de vinte e seis annos ainda aqui vos defende o throno.

«A mim, lá fóra, ninguem. Nem talvez a historia!

«Rei, eu não creio que me houvesseis esquecido.

«Foram elles que vos calumniaram!

«Acabou a vossa derradeira audiencia. Senhor! Para nunca mais voltar!

E curvou-se mais para o féretro commovidamente.

Entrou então um official superior do exercito acompanhando um velho monge, muito curvado, mãos tremulas, passo lento e hesitante.

Adivinharam já quem eram os dois. O coronel Jorge Gustavo e o monge Damião ge Castro.

—Sebastião de Carvalho!—disse o monge tocando-lhe no hombro. Sou dos amigos que voltam quando os outros debandam.

—Damião de Castro!

—Um velho inutil, que mal se arrasta. Has de precisar agora de corações que soffram comtigo.

«Trago-te o meu, e esse, ao menos, como era ha cincoenta e quatro annos.

Abraçaram-se. Instantes depois saíam da jazida real.

A Marqueza mandára que a sége esperasse o velho ministro no largo de S. Vicente.

Já fóra da egreja o Marquez perguntou:

—Coronel, a sua doente?

—Teve hontem umas pequenas melhoras, mas hoje peorou.

—Deus lh'a restabeleça...

—Oxalá, sr. Marquez.

—Vem commigo, Damião de Castro.

—Vou, sim. Serei teu hospede.

Despediram-se de Jorge Gustavo e entraram para a sége, que era acompanhada por uma escolta de cavallaria.

—Queres saber por que Joanna Richter peorou?—perguntou Damião de Castro.

—Dize.

—Por que ouviu contar a uma creada que el-rei tinha fallecido e teve a previsão do teu infortunio.

—Coração de santa!

* * *

Damião de Castro ficou em casa do Marquez.

Alta hora da noite, dominado pela insomnia, n'uma agitação febril, Pombal levantou-se e foi sentar-se a escrever.

Estáva sósinho no quarto. O da Marquez za ficava do outro lado do corredor. Ninguem o via; podia tirar a sua mascara de homem forte e chorar sobre as ruinas do seu poder e, peor ainda, sobre as ruinas da sua propria obra.

Poz-se a rascunhar o pedido de exoneração, que havia de apresentar á rainha.

Tinha escripto uma parte sómente. Leu-a, fez emendas, continuou.

Já estava a amanhecer quando o velho ministro relia commovidamente esta ultima parte da sua exposição:

«Não pretendo, Senhora, comparar-me com o duque de Sully no merecimento. E', porém, certo e publico, em todo o paço de V. M. e em toda a cidade de Lisboa, que me acho egual com elle na desgraça, e nos motivos com que recorro á real clemencia de V. M., supplicando-lhe que se sirva de me verificar a escusa, que tenho pedido de todos os logares que occupei até agora, e de me permittir a licença de ir passar em Pombal o ultimo espaço de tempo que me restar de vida.» (*)

Faltava-lhe ler as palavras de remate. Não poude lel-as. Tinha os olhos turvos de pranto.

(*) A petição completa vem publicada a paginas 287, 288 e 289 das *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, traduzidas em portuguez.

V

A CANALHA

No dia immediato ao do funeral, a rainha D. Maria I deu beija mão na Ajuda.

Pombal foi ao paço. Era ainda ministro.

Voltou para casa logo depois do beija-mão. Precisava de concluir o arranjo dos seus papeis e dos que pertenciam ao estado, alguns dos quaes secretos e de grandissima importancia.

A Marqueza andava muito receosa e no *paço das damas* se reunia atemorisada toda a numerosa familia do famoso ministro.

Vinham as ameaças de toda a parte, terriveis ameaças de represalia e de morte, e com o grito de guerra formidavel dos odios, por tanto tempo subjugados, a voz torpe da calumnia a escorrer lama e fel.

A canalha, inconsciente ou perversa, sempre igual em todos os tempos, illudida na sua ignorancia ou assalariada na sua miseria, era a legião da vanguarda na affronta ao decrépito valido.

Incitavam-na ou compravam-lhe as coleras artificiosas os inimigos que o Marquez tinha no clero e na côrte. Inventavam na sombra os alcives, os boatos irritantes, os abjectos insultos, os torvos pregões de vingança, e ensinavam-nos a turba alliciada, aos miseraveis, aos maltrapilhos, aos sordidos comparsas de todas as arruaças estipendiadas, para que os fossem repetir em grita nas ruas e nas praças.

Nem todos assim. Nas vaias e nas coleras das ruas, alguns haveria que fossem sinceros e desinteressados protestantes contra o implacavel despota decaído. Alguns deveria haver que falassem em nome dos seus proprios aggravos ou movidos de piedade pelos extranhos infortunios. Eram esses, porém, a minoria dos insultadores.

E' natural o desafogo das multidões na hora em que sentem quebrada a tutela dominadora que as trouxera constrangidas. Então, n'essa hora de febril arrogancia, e tantas vezes de feroz injustiça e de iniqua ingratidão, ninguem quer saber e ninguem vê e sente se o jugo opprimia funestos abusos e se o dictador levantava e engrandecia nas suas mãos de ferro os proprios que duramente subordinára á sua vontade, ás suas ambições de gloria, e, porventura, ao ideal e ao sentimento de um grande destino historico.

Mas com os apaixonados protestantes ou com os irrequietos emancipados não póde confundir-se a canalha dos infamadores, instigados ou pagos na sombra pelos odios e pelos interesses que teem medo e vergonha de ir com ella para o tumulto das praças.

No decaimento politico do Marquez, a canalha dos ingratos e dos transfugas era quasi tão numerosa como a outra, e immensamente mais torpe. Crivavam-no de offensas, de sarcasmos, de calumnias, de grosseiros insultos os proprios a quem ella déra mão valedora ou tinham sido despresiveis thurihularios do seu poder, a incensal-o de rastos!

Era espantoso o numero de escriptos em prosa e verso contra o Marquez e contra as proprias senhoras da sua familia, desde a cantiga chocarreira ao soneto infamador, desde o folheto anonymo ao pasquim insultuoso ou á truanesca exhibição theatral! Versos a escorrer lama ou a casquinar graçolas de palhaço. E até dos mesmos poetas e dos mesmos sevandijas que

no dia de annos do *grande Marquez*, ou nos festejos da inauguração da *Estatua Equestre*, lhe exalçavam os meritos e os feitos em nojentos requintes de exaggero e de rasteira lisonja!

Nem faltavam agora as cartas anonymas de grosseira offensa ou de obscena facecia! Mas, se no *paço das damas* havia alguem cujo animo se não abatêra ainda, era elle, o velho *Cabelleira!* (•)

* * *

No dia 1 de março Pombal foi ao paço apresentar a exposição escripta em que supplicava a sua demissão, e pediu á rainha lhe indicasse a quem havia de entregar os papeis secretos do estado que tinha em seu poder.

Foi o seu amigo D. Fr. Ignacio de S. Caetano quem o apresentou á soberana.

Passaram os dois por entre grupos de cortezãos que rodeavam o velho e obeso marquez de Angeja, D. Pedro José de Noronha e Camões, o devoto e irresoluto visconde de Villa Nova da Cerveira e o ambicioso Cardeal da Cunha.

Presumia-se que os dois primeiros viriam a ser os novos ministros preponderantes; que ficaria como ministro assistente ao despacho o mal afamado Cardeal, continuando com as suas pastas o beato Ayres de Sá e esse rancoroso conego e illustre ministro da marinha que se chamava Martinho de Mello e Castro.

Os lisonjeadores da côrte andavam já a requestar as boas graças dos dois fidalgos que, provavelmente, haviam de herdar o poder e o valimento que a morte de D. José quebrára nas mãos ainda robustas do marquez de Pombal.

—Revolta a audacia e o descaramento d'aquelle homem!—commentava um dos cortezãos.

—E hão de vêr que ainda se hade segurar no paço, graças ao favoritismo d'aquelle fradalhão de poucas lettras e ruins crenças, com quem sua magestade a rainha está illudida!

—N'isso não creio eu, mas devêmos acautelar-nos do bispo-frade.

—E não descançar emquanto o não virmos fóra do paço.

—Hade ser difficil. E' ha muitos annos o confessor de sua magestade, que n'elle confia cegamente, por grande desgraça nossa!

—Com boa vontade e paciencia—observou o Cardeal da Cunha—não será coisa impossivel fazer-lhe perder os falsos creditos que tem e a illudida confiança que n'elle deposita a rainha.

«Maior era o poder do *Cabelleira* e está em terra.

—Isso quem sabe! Vejo as coisas mal começadas! Parece que ainda teem mêdo d'aquelle espantalho! Vão passados quatro dias depois do fallecimento de el-rei e não mandaram soltar os martyres da Junqueira e das Torres!

—Não tardará—disse o marquez de Angeja.

«Tenho razões para saber que essa abençoada resolução está já tomada.

—Muito bem, mas o *carrasco* ainda anda por aqui disfarçado em secretario de estado, com todos os seus titulos e honras, e no proprio dia do funeral de el-rei o deviam de ter aferrolhado na Inquisição ou, ao menos, na Junqueira.

—Exactamente. E logo confiscada a grande casa que elle arranjou com as suas malas-artes.

—E rasgadas quantas leis estupidas e crueis aquelle alma damnada levou á assignatura d'el-rei.

—Que foram todas as do seu governo. Para o que elle tinha geito era para perseguir a Egreja e para vexar e opprimir os que não eram de sangue reles como elle.

(•) Na collecção de documentos copiados ou extractados no *Gabinete de abertura* encontra-se, a confirmar as nossas palavras, uma carta do embaixador de Hespanha, marquez de Almodovar, para seu tio o duque de Lozada. N'essa carta, que tem a data de 4 de março de 1777, lê-se este significativo trecho:

«Estos fuertes y continuados golpes no hàn hecho todavia en este ministro una huella considerable, lo que hace ver el gran temple de su espiritu: aunque no despacha prosigue en presentarse à palacio: nadie le obsequia, ni mira y èl disimula y calla. Se espera de uno a otro instante que haga su demision, ó que reciba el aviso de retirarse y muchos creen que no pare solo en esto.»

(Citada por Latino Coelho no tomo I, pag. 155 da sua *Historia politica e militar de Portugal.*)

—E levantar a canalha, que era a sua gente!

—E andar a emprestar os dinheiros do estado a esses capatazes de gente mechanica, denominados por elle emprezarios e directores de fabricas! Escandalo e tramoia!

—Nem eu creio que os estivesse protegendo de graça e de mãos limpas.

—Ah! isso são favas contadas. Tinha rasca na assadura.

—Nem a casa que elle tem se arranjava com boa consciencia e boas contas.

—Consciencia! Olhem quem! A consciencia d'elle!

—Vale tanto como o seu coração de pedra e lama. Aquillo tem sido um refinadissimo ladrão!

—Em pouco tempo dava cabo de tudo isto!

—Vivesse el-rei mais alguns mezes e seria uma vez Portugal! Pois para que eram todos esses armamentos e preparativos de guerra?

«Para nos metter n'uma lucta desigual e deixar que os hespanhoes se apossassem de tudo isto!

—Nem elle se livra da fama de estar vendido ao governo de Madrid. E' o que por ahi se tem dito á bocca pequena.

—E depois ficava governando isto por conta dos hespanhoes.

—Outro Miguel de Vasconcellos!

—Peor! Peor!

—E olhem que ainda é capaz de inventar algum enredo com que se salve!

—Não inventara. Descancem. Hade ter o castigo que merece, mas bem comprehendem que sua magestade, piedosa como é, hesita em offender a memoria de seu augusto pae, punindo já o Marquez, sem accusação especial, mas pelos actos que praticou em nome de el-rei, e que a régia mão sanccionou. E' preciso encontrar primeiro o meio de desligar as responsabilidades do ministro criminoso dos actos da soberana vontade e exclusiva deliberação do augusto monarcha, a quem Deus perdôe.

—Pois elle é que não tinha piedade de ninguem, nem se prendia com escrupulos.

—Ainda tem guarda a porta. (*)

—Como a podia ter um criminoso que não conviesse abandonar á justiça summaria do povo—explicou seccamente Martinho de Mello.

Pombal atravessou a sala de cabeça erguida, e saíu do Paço como se fosse um desconhecido.

Pouco depois d'elle, saía dos aposentos da rainha o marquez de Tancos, que veiu trazer a grande nova ás pessoas da côrte.

—Não sabem? O *Cabelleira* acaba de apresentar a sua magestade um papel pedindo a exoneração dos seus cargos.

—Não havia de ser preciso que elle a pedisse.

«Logo lh'a deviam de ter dado, pondo-o em ferros.

—E sua magestade?

—Por ora nada resolveu.

—Mas não é tudo ainda! Com o pedido de exoneração, a supplica para se retirar ás suas terras de Pombal.

—E' impossivel que se lhe conceda similhante coisa! Seria uma affronta para toda a humana justiça!

—Retirar-se para Pombal!

—Não pode ser!

—Para um carcere é que é.

—Para um patibulo!

—Quem tem valimento junto de sua magestade que não adormeça. Tal concessão seria um profundo insulto á nobreza do reino.

—E á Santa Igreja, perseguida por elle!

—Quem pode e tem o direito e o dever de falar, que diga a sua magestade que até as pedras das calçadas se haviam de levantar em protestos de desespero e de vergonha!

—O mais seguro—alvitrou o Cardeal confidencialmente—será metter a ralé no negocio, untar-lhe bem as mãos e fazel-a berrar mais por essas ruas.

—Isso é a coisa mais facil d'este mundo e já se começou.

—As coisas assim não podem continuar.

(*) «No se le ha quitado (escrevia o embaixador de Hespanha em uma carta copiada no *Gabinete de abertura*) por la consideracion de que nunca la ha necesitado mas que al presente vista la animosidad del pueblo.»

(Vidé *Historia politica e militar de Portugal* por Latino Coelho, tomo I, pag. 155 e 156).

Criminosos de tal quilate não se deixam andar á solta.

—E os taes milhões que por ahi dizem haver no Erario...

—Se os ha...

—Não serão de mais para resgatar os muitos prejuizos e violentos roubos feitos ao clero e ás mais nobres familias do reino.

—Pois está claro. O monstro ia arrasando a Egreja e a nobreza!

Estava a discussão accêsa em torvas indignações, quando appareceu o confessor da rainha D. Fr. Ignacio de S. Caetano.

Mudaram logo de conversa, e os grupos foram-se desfazendo a pouco e pouco.

* * *

Dois velhos de avançada edade esperavam o Marquez no alto da escada do *paço das damas*. Damião de Castro e Manuel Bento.

—E d'ahi?—perguntou o monge.

—Está entregue. Fico aguardando as ordens do rainha. Logo que me dê a demissão partirei para Pombal. Escolho eu o exilio.

—Conta commigo—disse Damião de Castro.

«Conta commigo a um canto do teu lar. Peço para mim um quinhão das tuas amarguras.

—Obrigado, meu santo. Mas para que has de ir procurar novos trabalhos? Já não tens forças para essa longa e penosa jornada. Podes ficar em casa de Jorge Gustavo, amparado nos cuidados e nas caricias que a tua velhice precisa e merece.

—Não, Sebastião de Carvalho. Os amigos têem tambem o seu posto de honra. O meu é ao pé de ti, seja onde fôr.

—Bem hajas. Terei mais animo comtigo.

E abraçou-o enternecidamente.

O Manuel Bento, muito commovido, olhava com certo ciume para o monge, e sentia um grande e amarissimo desconsolo na suspeita de que não contavam com elle.

—E' preciso ir dispondo as coisas para a viagem, e vêr as pessoas que lá me cabem e os creados que posso levar. A casa de Pombal é muito pequena.

—Lá pelos creados não se afflija v. ex.ª —acudiu o Manuel Bento. Eu lá me arrumarei a mim e aos outros.

—Quê! Tambem queres ir?

—Ah! sr. Marquez, queira v. ex.ª perdoar, mas isso nem se pergunta!

—Tinha pensado em te confiar aos cuidados do sr. coronel Jorge Gustavo e deixar-te a pensão a que tens direito. Não queria exilar commigo os que eu tenho na conta de meus amigos.

—Os criados velhos, sr. Marquez, ainda que sejam amigos, fazem conta á parte.

«Até o coração se me aperta só com a idéa de que v. ex.ª havia de ir, e ficar eu aqui, para que me não molestasse a caminhada!

«Ainda que v. ex.ª não tivesse um pedaço de pão para me dar, iria, só se me despedisse.

«E não é nenhum favor. Na minha terra houve um cão que morreu deitado á porta da casa onde o tinham creado. Não havia forças que o podessem tirar de lá! Nem o frio nem a fome, e os olhos a chorarem-lhe de saudade! Morreu á espera do dono que não voltava!

Parece que o Manuel Bento ia para dizer mais alguma coisa que se lhe afogou na garganta. O Marquez fôra para elle muito commovido. Damião de Castro envolvia n'um olhar de consolado espanto aquelle raro exemplar de dedicação.

Subitamente ouviu-se estranha algazarra na rua. A sentinella da guarda bradou ás armas.

A Marqueza appareceu muito pallida, quasi suffocada. Seguiam-n'a duas das filhas casadas, que tinham vindo fazer-lhe companhia.

—Que succedeu? Que tem?!—perguntou o Marquez indo para ella inquieto.

—Vem muita gente na calçada!—respondeu a altiva condessa de Daun, aquella envaidecida marqueza de Pombal, que tivéra a sua côrte como as rainhas.

—E a gritarem contra o seu nome!—soluçou uma das filhas.

—Contra mim! Já o esperava. Não se inquietem. Não tenham mêdo. Ensinaram-lhe a assuada os meus inimigos, ensinaram-lh'a e compraram-nos. Estão com pressa.

—Mande fechar a porta—supplicava a Marqueza. Ordene aos soldados...

—Não é preciso. Aquillo é arruaça de en-

commenda; temos de preparar o animo para outras peores. Mas não virão cá. Podem estar illudidos, podem estar comprados; apezar de tudo, sabem quem eu fui.

Alguem subia a escada apressadamente. Era o tenente commandante da guarda.

—Sr. Marquez!—disse o official perfilando-se.

—Queira falar, sr. tenente.

—Uma turba de gente ordinaria sobe a calçada, soltando brados contra v. ex.ª Rapazio principalmente.

«V. ex.ª quer que os mande pôr em debandada?

—Não senhor; não vale a pena. Reserve os seus soldados para outro feito mais digno d'elles.

«Deixe passar á vontade essa gente miseravel que vem ganhar o seu dia gritando contra mim.

«E o que diz essa gente?

—O meu respeito por v. ex.ª impede-me de repetir.....

—Oh! rapaz—disse o Marquez para um dos criados que se tinham juntado á porta, muito velados.

«Abre aquella janella

—Jesus!—exclamou a Marqueza Olhe que podem atirar alguma pedra

—Ainda é cedo para isso. Não se apedreja assim um homem que envelheceu a governar e a vencer odios. Abre.

O creado abriu. Os brados da turba reboaram pela casa dentro.

—Abaixo o *Cabelleira!* Abaixo!

—Carcere com elle!

—Justiça contra o perseguidor da santa religião!

—Esta agora—commentou o Marquez com singular serenidade—foi ensinada por algum dos jesuitas que por cá ficaram. (*)

A seguir ouviram-se os cantares do rapazio n'uma toada chocarreira.

—Cantam agora! Nunca a indignação é grande—disse o Marquez aproximando-se da janella.

—Marquez!—exclamou D. Leonor Ernestina. Olhe que podem apredejal-o.

—Não creio. Bem sabem que não póde ter mêdo das pedras do canalha quem o não teve das pedras do terramoto.

A garotada estava cantarolando n'uma algazarra infernal estes ultimos versos de uma decima composta por um dos muitos poetastros anonymos que insultavam Pombal em versos errados:

Tres vezes sete vinte e um
Se contam noves fóra tres,
Trinta dias tem o mez
Tres oitavas o Natal.
Tres demonios Portugal.
Mendonça, Mansilha e Marquez. (*)

—Olhem! Olhem!—gritaram de fóra

—E' elle que está á janella!

—O *Cabelleira!* O Marquez!

E logo emmudeceram os cantares e se acalmou a vozeria.

—Calaram-se!—disse o Marquez voltando-se para dentro, Ainda elles não são tão ferozes como os suppõem e ainda eu não estou tão decaido como os meus inimigos julgam.

«Se os versos não fossem tão maus, havia de jurar que seriam de algum sabujo que me fazia sonetos quando eu fazia annos.

«Marqueza—disse carinhosamente para a esposa—tranquillise-se e não supponha que tudo isto é uma excepção de cá. E de todos os tempos e de todos os paizes. O grande Colbert foi enterrado de noite.

(*) Referindo-se ás assuadas, ás satyras e offensas contra Pombal, e attribuindo os desvairamentos do publico em grande parte aos manejos clericaes, o embaixador hespanhol escrevia ao duque de Lozada em principios de abril d'aquelle mesmo anno de 1777:

«Se conoce que el brazo eclesiastico es el que mas le mueve, lo qual no hace honor á aquél sagrado estado y hace ver el influjo y poder que tiene quando no se le sugeta».

(Copia do *Gabinete de abertura*, citada por Latino Coelho a pag. 166 do tomo I da sua *Historia politica e militar de Portugal.*)

(*) Foram copiados em um curioso livro manuscripto que, segundo se crê, pertenceu a um ex-jesuita.

Este livro, composto quasi todo de poesias contra o Marquez, algumas d'ellas baixas, erradas e indecorosas, foi-nos amavelmente offerecido por um cavalheiro do Porto, homem illustre pelo saber e pelo nome fidalgo, escriptor e bibliophilo distincto, que possue uma das maiores e mais preciosas bibliotbecas particulares do paiz.

A dadiva é tanto mais para agradecer quanto é certo que não tinhamos e não temos ainda a honra de o conhecer pessoalmente.

em segredo. Tinham receio de que a canalha franceza o apedrejasse morto!

E voltou á janella.

—Agora está falando alguem que não é d'aquella ralé. Não se ouve nada!

Era um poeta de botequim que subia para o paço, aonde ia receber das mãos de certo fidalgo de serviço o preço de uns sonetos que escrevêra contra o Marquez.

Encontrou a turba, pediu informações do caso, e para experimentar o effeito do seu melhor soneto, recitou-o á canalha extasiada.

Quando o Marquez voltava á janella, estava o assalariado vate a recitar bombasticamente estes dois versos do ultimo tercêto:

O ar te falte, a terra te apedreje,
O mar te afogue, e o fogo te sepulte! (*)

Estrondearam selvaticos applausos.

—Havia de eu ter trinta annos de menos! —rouquejava o Manuel Bento cheio de honrada indignação.

—Sr. Tenente—ordenou o Marquez, afastando-se da janella—desça e mande a alguns soldados da guarda que vão apaziguar aquella desordem. Alguem que vinha de baixo aggredio o homem que estava recitando.

O tenente desceu. A gritaria recrescia imputuosa.

—Jesus! que isto não acaba em bem!—disse a Marqueza muito assustada. As filhas acercaram-se d'ella, cada vez mais pallidas.

—Então, Leonor!—disse-lhe o marido a meia voz. Ai de si e de mim, se não tivessemos coragem! Isto é o principio. E' preciso esperar o peor. Oxalá que eu me engane.

* * *

Voltou o commandante da guarda com um mancebo de aspecto fidalgo, o fato em farrapos.

Pombal falava com a Marqueza de costas para a porta.

—Sr. Marquez, aqui está este senhor que diz ser conhecido de v. ex.ª e precisar falar-lhe.

O Marquez voltou-se vivamente.

—Que?! O sr. Ruy de Noronha! Querem ver que foi o sr...

—Exactamente, sr. Marquez, fui eu quem teve a honra de esbofetear o pulha que estava insultando v. ex.ª

—Não quiz seguir os meus conselhos!

—Não podia, sr. Marquez. Aquelle lacaio das musas compunha ha dois annos sonetos de servil adulação a v. ex.ª

—Deixasse-o. Tenho outros desenganos maiores.

«Podiam matal-o ao sr.

—E matavam—observou o official—se tão depressa lhe não acudo com os soldados da guarda.

—Morreria honradamente, sr. Marquez, Mas pouco importará agora falar de mim. Trago uma communicação particular para v. ex.ª

O Marquez fixou o estudante, como se quizesse adivinhar-lhe no rosto a especie de communicação que lhe trazia.

—Estou á sua disposição—disse Pombal, afastando-se com elle para a sala de despacho.

«Não me parece de bom agouro o seu entristecido parecer, sr. Ruy de Noronha!

—E não é realmente, sr. Marquez. O coronel Jorge Gustavo encarregou-me de pedir a v. ex.ª que o desculpasse de não vir receber as suas ordens n'esta grave conjunctura. A sogra do coronel, a avó amantissima de Julia, expirou ha pouco mais de duas horas. Trago no coração o quinhão de lagrimas que me pertence n'aquella familia, que é já como se fosse minha!

Pombal fez-se muito pallido e encostou-se á meza disfarçadamente.

—Comprehendo a immensa dôr de Jorge Gustavo e acompanho-o na sua magua —disse a custo o Marquez.

«Queira apresentar-lhe a expressão do meu pesar, sr. Ruy de Noronha.

E pouco mais disseram. O Marquez offereceu-lhe a sége para voltar a casa do Coronel.

Noronha queria escusal-a, mas o Marquez insistiu com o fundamento plausivel de que não seria decoroso ir para Lisboa com o fato em farrapos.

Ainda havia outro motivo que Pombal

(*) *Versos antigos*, collecção da bibliotheca da Academia Real das Sciencias, citada por Latino Coelho a pag. 151 e seguintes do tomo I da sua *Historia politica e militar de Portugal*.

não disse, para não estimular a pundonorosa intrepidez do estudante.

Era tambem um perigo sair a pé, sósinho. Podia persegui-l-o a canalha que o quizera estrangular.

Instantes depois o Noronha saía na sége do ministro.

Pombal sentou-se á meza e escondeu o rosto entre as mãos. Chorava silenciosamente.

Veiu procural-o Damião de Castro.

—Que tens, Sebastião de Carvalho?!

—Joanna Richter morreu!

—Santa! Deus a terá levado para si. Mereceu bem essas tuas lagrimas, Sebastião de Carvalho.

* * *

Tinham passado dois dias. Estamos, por tanto, a 3 de março. A rainha ainda não dera resposta á petição do Marquez.

Mas já não havia em Lisboa quem não soubesse que o velho ministro solicitára a demissão e pedira licença para se retirar da côrte e estabelecer residencia nas suas terras de Pombal.

O Marquez mandára já entregar nas secretarias do reino e dos negocios estrangeiros uma parte dos papeis do estado que tinha em seu poder. Os que eram secretos e lhe haviam sido confiados pelo rei fôra elle proprio entregal-os á rainha.

Estavam já arrumados os grandes balaus; os seus papeis e apontamentos aferrolhados em um grande cofre; os melhores livros da sua bibliotheca, os melhores e os mais dilectos, haviam sido guardados em grandes arcas.

Tudo preparado e disposto para que no proprio dia em que a rainha o demitisse e lhe désse licença para se retirar de Lisboa, a bagagem mais pesada seguisse em carros de bois para Pombal.

Naquelle tempo era jornada para muitos dias e penosas fadigas pelas velhas estradas, que as ultimas invernias haviam deixado quasi intransitaveis.

Dois criados de confiança iriam nos carros e com elles uma escolta de soldados da companhia franca ao serviço do Marquez. Depois partiriam em liteiras Pombal e a Marqueza, uma antiga criada, Damião de Castro e o Manuel Bento.

O Marquez sentia-se quasi resignado e anciava pelas horas de paz do seu voluntario desterro.

Entretanto, hora a hora, o estava perseguindo o pezar de apartar-se d'esta grande e formosa Lisboa, que elle resurgira. A sua formosa terra natal, theatro dos seus maiores amores, das suas formidaveis luctas politicas, das suas soberbas glorias de reformadôr!

Quasi toda a sua longa vida lhe decorrêra na capital, exceptuando apenas umas interrupções de alguns annos. Não se aparta a gente de coração desafogado de uma terra onde se viveu por tanto tempo, que n'ella deixâmos o mundo inteiro dos suavissimos sonhos e das rudes amarguras que nos encheram a vida.

E para elle então, na extrema velhice, a engrandecer-lhe a magua, a historia do seu poderio escripta nas proprias pedras da grande cidade!

* * *

Estava um dia lindo, prenuncio encantador da primavera que não tardava.

Ceu de rutilos fulgores, aragem branda que parecia trazer effluvios do proximo abril, annunciado já pelas flores madrugadôras das montanhas e pelo passarêdo que vem chegando de longe em busca dos carinhosos climas.

Passam por inconstantes os dias de março e alguns nascem de torvo aspecto. Nem todos. Outros ha tépidos e lindos como em plena primavera, n'este bello ceu de Lisboa.

Soberbo de triumphaes esplendores o sol faiscava nas aguas do rio e inundava de luz as grandes ruas da moderna cidade.

Parecia que em tudo a vida estava palpitando fecunda. Era um dia creadôr, como costuma dizer a gente ingenua dos campos.

Pombal passára a manhã tomando umas certas disposições para a partida e entregando a Ayres de Sá os papeis que se referiam á pendencia com a Hespanha.

De tarde mandou buscar uma sége de aluguel de certo alquilador que lhe era muito dedicado.

—Vem commigo, Damião de Castro.

A Marqueza appareceu muito sobresaltada.

—Vae sair?!

—Vou.

—E' imprudencia,.. no estado em que estão os animos.

—Vou recatadamente. Tenho saudades de Lisboa. Ha que dias a não vejo!

«Quero despedir-me d'este sol, mais carinhoso que o do desterro, e d'essas pedras que eu vi levantar. A's vezes as pedras valem mais que os homens. Não tenho mais de quem me despeça!

—E não vae acompanhado?—perguntou a Marqueza com os olhos rasos de lagrimas.

—Vou, com este santo amigo, que é, depois do Manuel Bento, o mais antigo que me resta.

—Mas a escolta...

—Não é necessaria. Do que eu preciso é de levar ao pé de mim um coração que me entenda.

—Valha-me Deus!—objectou a Marqueza. Fico mortificada de receio!

—Fique tranquilla. Peço-lh'o. Por'ora ainda não alugaram ninguem para me matar. São os meus inimigos os mais interessados em me conservar a vida, á espera que a rainha mande julgar o *impio*, que fez da sua terra alguma coisa mais do que um seminario de jesuitas e um logradoiro de fidalgos estupidos.

«Marqueza, fique tranquilla. Deus irá comnosco. Vamos lá, meu santo.

* * *

Tinha havido ruidosas manifestações hostís ao Marquez. Logo de manhã defronte das prisões da Junqueira, depois no Rocio e nas grandes ruas da Baixa.

A canalha assalariada havia apedrejado o botequim do Casaca e esmigalhára-lhe os lustres.

A gente da intendencia da policia fechava os olhos e cruzava os braços. O Casaca vira-se forçado a fechar as portas a toda a pressa.

De tarde foi-se reunindo muita gente de todas as classes no Terreiro do Paço.

Os protestantes alugados haviam de fazer ali uma formidavel manifestação contra o *Cabelleira*.

Abundavam os maltrapilhos, os vadios, os insultadores de todas as occasiões, mas o papel principal tocaria aos poetas de sórdida musa e aos garotos de pé descalço.

A canalha invectivava o busto do Marquez.

—Abaixo o *Cabelleira!*

—O impio! Fogueira com elle!

—A justiça real que mande justiçar o monstro!—berrou um frade. Foi o tyranno do povo, a vergonha da nação, o perseguidor da Santa Egreja! Não fez senão mal e vae ser excommungado pelo Summo Pontifice.

Era mentira, mas incitava a sucia.

—Abaixo! Abaixo!

—Até dizem que foi elle quem roubou as pratas do duque d'Aveiro!

—Ladrão! Ladrão!

Alguem bateu palmas como se estivesse em um outeiro. Acalmou-se um pouco a vozeria da turba movida de curiosidade, mas não tanto que os poetas infamadores podessem recitar desaffrontadamente.

—Oiçam! Oiçam!

O poeta que batêra as palmas conseguiu recitar em voz trovejante e gesto largo:

Respira, oh! Portugal, respira ufano
Por te veres na tua liberdade,
Livre já da fatal iniquidade
De um Herodes cruel, Nero inhumano.

Respira alegre, oh! reino lusitano,
Que tens hoje a maior felicidade
Em veres exaltada a magestade,
Cahido esse Pharaó, impio, tyranno! (*)

O poetrasto, ignobil alquilé do Parnaso, fez uma pausa como para gosar o effeito das suas quadras.

Perdeu-se. A canalha não sabia que faltavam ainda dois tercetos e desatou a victorial-o n'uma gritaria doida.

—Aquillo é que elle lhe chamou nomes! —bradava regaladamente um comico ambulante.

E depois explicava a um visinho:

—Herodes sei eu o que é. Já fiz o papel do dito na tragedia *Degolação dos innocentes*.

E do que elle já se não lembrava era do nome de quem igualára os comicos aos outros homens que não eram considerados da ralé infima e vil!

A gritaria continuava. A turba ia-se di-

(*) *Historia da guerra civil*, por Luz Soriano 1.ª epoca, tomo III, pag. 6.

vidindo em grandes grupos para escutar melhor os diversos infamadores do *Cabelleira*.

Ali começava um:

Dei louvor ao Marquez, mas com violencia,
Temendo da Junqueira o duro trato;
Fui forçado a falar, já me retracto
Por descargo da minha consciencia. (*)

Era um pulha que andara de rastos aos pés do ministro e agora o insultava.

Acalmára um pouco a algazarra e ouvio-se-lhe distinctamente este final do soneto:

Digo já que o Marquez, alma damnada,
Foi termo da lisonja e da mentira,
Foi fumo que passou, já não é nada.

Além, n'outro grupo, ouvia-se uma voz esganiçada a recitar estes tercêtos finaes de um soneto:

Todo o perjuro, falso, simulado,
Convicto, pertinaz e impenitente
Segundo as leis será vivo queimado.

Tu d'isto não escapas certamente,
Vae, vae para o Pombal, ó desgraçado,
Que o povo cá te espera brevemente.

—Para o queimar, está bem de ver!—commentou um ex-hortelão de S. Roque.

—Vivo com cabelleira e tudo!—accrescentou escarninho um têcelão da fabrica do Rato, um dos que moravam nas casas que o Marquez mandára construir para habitação dos operarios.

—E cá estou eu para lhe assoprar os tições—disse n'um torpe esgare um mulato, a quem uma lei do Marquez collocara a par dos outros homens brancos nos direitos e nas regalias.

—E *ós filho d'elle támem*—rouquejou uma negra que trazia um filhito ao collo. Ninguem lh'o podia escravisar, ninguem lh'o podia vender, como n'outro tempo, e a bêbeda só encontrava nas suas entranhas de mãe aquelles instinctos de ferocidade contra o primeiro libertador da raça negra!

Mas coração duro e feroz só o do ministro que esmagára no seu caminho para a civilisação e para o engrandecimento da patria os inimigos, que intentavam tomar lhe o passo!

(*) *Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho, tomo I, pag. 153.

Mais além, outro poeta, de voz sepulchral, clamava este remate de um soneto:

Pois quer que este dragão tão vingativo,
Para servir de exemplo á impia gente,
Ao menos seja, emfim, queimado vivo.

Mas, subitamente, a multidão foi dominada pela voz de um versejador que se empoleirára sobre as grades do monumento e apontava tragicamente o medalhão do Marquez:

Medonho busto, effigie abominavel,
Torpe carranca, infernal figura,
Do feio Averno triste conjectura,
Phantasma horrendo; imagem detestavel! (*)

—Pedras p'rá carranca!—gritou um garoto.

—A' pedrada!

—Contra a carranca do *Cabelleira!*

Os guinchos selvaticos, os gritos, os assobios produziam tal infernaria, que o vate empoleirado não poude continuar o soneto. Não poude continuar e desceu a toda a pressa, porque sentiu esfuziar em volta de si umas poucas de pedras que tinham remessado ao medalhão.

Um *marialva* já ébrio, conhecido improvisador de cantigas do fado, bradou provocadôr:

—Eh! lá, canalha brava! Attenção que tambem eu vou botar uma decima. Quebro a cara ao primeiro que me interrompe.

—Cautela, que é o Xico Morgado!—disse um.

—Que se não enfeita para estoirar um *home!*

—Já tem duas mortes!

Os garotos suspenderam o apedrejamento. O Xico Morgado subiu os degraus do pedestal e, a fazer esgares de bebedo, os olhos muito quebrados postos no medalhão, foi improvisando lentamente, em voz muito arrastada:

No bronze está retratada
A carranca do Marquez;
Porém ella, d'esta vez,
Foi mui bem apedrejada.
Por parecer condemnada,
Todo o povo lhe quer mal;
Mas imprudencia fatal
Vendo estou a esta canalha,

(*) Veem copiados no livro manuscripto que já tivemos occasião de citar.

Partirem contra a medalha,
Tendo ainda original! (*)

A *canalha* não se escandalisou, porque não percebeu, e applaudiu freneticamente, por não ter percebido.

Entretanto, o sol doirava ainda o monumento. Uma sége viéra lentamente da rua Augusta e parára á embocadura da rua.

—O' boleeiro, pergunte ahi a alguem porque é aquelle ajuntamento—disseram-lhe de dentro da sége.

Passavam dois homens, que vinham do meio da praça.

—A coisa hade ser falada—vinha dizendo um d'elles.

«O *Casaca* já teve de fechar o botequim. E mais ainda não abriram as prisões da Junqueira.

—Ai o *Cabelleira*, se apparecesse agora aqui, faziam-n'o em postas.

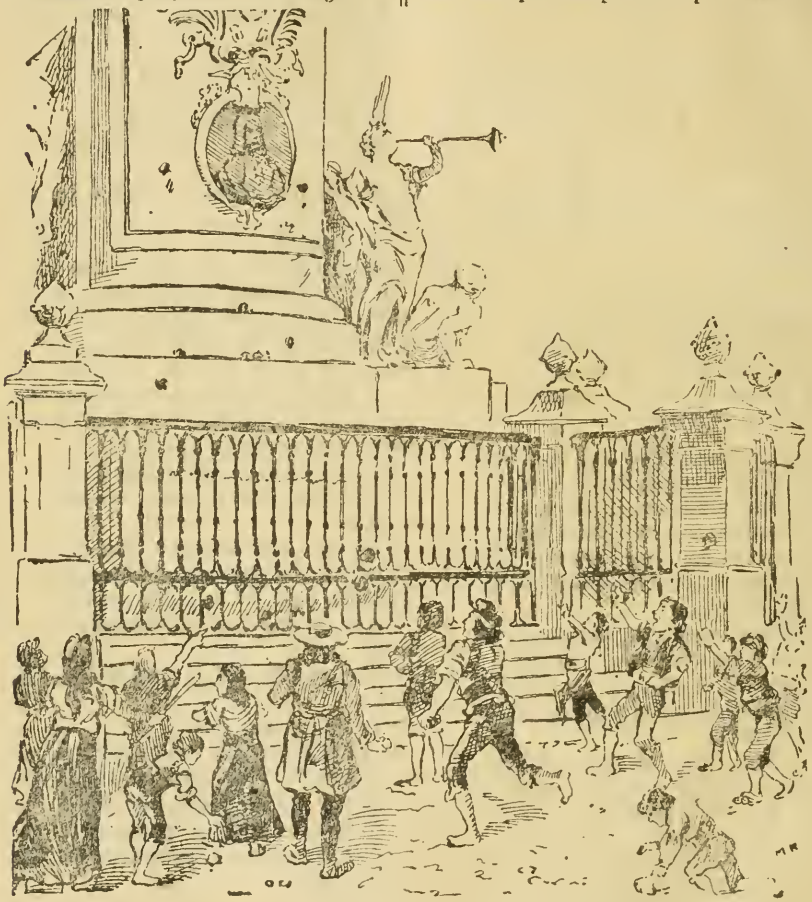
—N'essa não cae elle. Só se trouxesse a cavallaria atraz de si.

—O' patrões—perguntou o boleeiro para os dois que iam passando por deante das muares—fazem favor de me dizer o que está ali a fazer toda aquella gente?

—Tem estado a ouvir versos contra o *Cabelleira*—respondeu um d'elles.

—E a ver como o rapazio lhe acerta á pedra na carranca.

Ouviu-se infernal algazarra do lado da rua do Ouro. Uma turba de garotos acompanhava um maltrapilho, que trazia has-



Apedrejando o busto

(*) Encontra-se no livro manuscripto que já citamos.

teado n'um pau um manequim de palha com chapeu tricornio, cabelleira de estopa e uma velha casaca esfarrapada.

—Olhe—disse para o boleeiro um dos dois a quem elle interrogára. Ali vem o rapazío que vae fingir o julgamento do *Cabelleira* e queimal-o aqui como se queima o Judas em sabbado de allelnia. (*)

—Já hoje me tinha dito um frade que a farça estava para esta tarde—accrescentou o outro.

«Nem eu saio já d'aqui sem vêr como elles arranjam o entremez.

—Mas assim—commentou o primeiro—assim é que o povo ensina á rainha o que ella ha de fazer. O povo tem razão.

—Mentira!—bradou alguem debruçando-se para fóra da sége n'um impeto formidavel. Aquillo não é o povo; aquillo é a canalha!

(*) Em principios de abril, o embaixador hespanhol escrevia ao duque de Lozada:

«Por aora no ocurre novedad particular, sino la continuacion de conversaciones, sátiras y locuras del pueblo contra Pombal, llegando al extremo de hacer figurar su efigie los muchachos y hacerla quemar leyendo y publicando varias sentencias y por este termo mil tonterias.»

(*Gabinete da abertura*. Citação de Latino Coelho, na sua *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 166.)

—Pelo amor de Deus, que te perdes!—supplicou dentro uma voz debil de velho.

—O Marquez! O Marquez de Pombal!—exclamaram os dois informadores.

E recuaram um pouco como assombrados.

Então o boleeiro, percebendo claramente o lance perigoso em que estava mettido e aproveitando a impressão de pasmo d'aquelles dois homens, que poderiam chamar para ali a multidão hostil ao Marquez, fustigou as muares desesperadamente na direcção do Arsenal.

—Boleeiro! a passo, a passo!—clamava o Marquez inutilmente. Hão de dizer que fugi.

Mas o boleeiro fingia não ouvir e mettia as mulas em desabalada carreira.

Instantes depois, no Terreiro de Paço, corriam de bocca em bocca estes dizeres, em requintes de surpreza:

—O Marquez! Esteve aqui! Fugiu! Já lá vae nas horas de estalar!

Ao anoitecer a canalha saudava em uivos selvaticos a queima do *Judas*, que nunca se dobrára á soberbía estrangeira, que pozéra Portugal a hombrear com as potencias de primeira ordem e gravára o seu proprio nome entre os maiores da historia humana!

VI

PARA LONGE DA CORTE

O Marquez chegára ao *paço das damas* era quasi noite. Esperavam-no anciosamente a esposa e os filhos.

Pombal disfarçou corajosamente a dolorosa commoção que desde o Terreiro do Paço o trazia opprimido.

Pelo caminho só uma vez respondêra ás palavras consoladoras de Damião de Castro.

—Pagam-me bem! E ainda em vida, no receio de que eu fosse para a cova illudido!

«Ser condemnado sem culpa ha de ser uma coisa horrorosa, mas isto, Damião de Castro, esta condemnação ao vilipendio pelos proprios que andámos a engrandecer, esta é immensamente peor!

E nada mais disse durante o caminho.

—Jesus!—exclamára D. Leonor Ernestina. Como tardaram, e que receios os nossos!

—Ah! Marqueza, mas tambem a que singular espectaculo me foi dado assistir!—disse Pombal com amarga ironia. Vi apedrejar a minha propria effigie!

«Carlos V quiz em vida as suas proprias exequias.

«Eu assisti ao julgamento dos meus vinte e sete annos de trabalhos; juiz e verdugo a canalha! Isto ainda foi mais!...

«Marqueza, é preciso completar os aprestos da jornada.

—Pouco falta—respondeu D. Leonor Ernestina tristemente. A'manhã mesmo nos poderiamos pôr a caminho.

«Mas quem sabe? Talvez a rainha lhe não dê a demissão que solicitou; quererá ouvir o seu conselho, precisará da sua experiencia.

—Como se illude! A opinião da canalha reflecte a opinião da côrte. Nem eu queria agora o poder que deixaram affrontar nas praças.

«Não sei governar senão de pé e acima dos que teem de obedecer. O poder que eu tive caíu da altura de um quarto de seculo sobre a lama das praças. Era preciso agora descer immenso para o ir levantar. Estou muito velho e sou muito soberbo para me lançar n'essa miseranda aventura.

* * *

Era noite fechada. O bispo de Penafiel voltára ao *paço das damas* no seu disfarce de simples frade carmelita.

Era o derradeiro amigo que Pombal tinha no paço.

O Marquez encerrou-se com elle na sala de despacho.

—Governa agora o Nuncio disse v. ex.ª outro dia e disse muito bem.

—O quê?! Temos nova audacia de monsenhor Bernardino Mutti Bussi?...

Era aquelle o nome do nuncio em Lisboa. Monsenhor Bussi era arcebispo de Petra *in partibus infidelium*.

—Novas audacias—respondeu o bispo de Penafiel, e todas de manifesta vingança!

—E extranhavam os hypocritas de Roma que eu fosse vingativo! Mas vingança contra quem?

—Contra v. ex.ª nas pessoas que lhe pertencem ou lhe são affeiçoadas.

—Contra os meus parentes e os meus amigos?

«Quem mais então nas *santas* vinganças d'esse representante do vigario de Jesus na terra?

—Ante-hontem foi encarcerado no convento de S. Domingos, por ordem do Nuncio, o provincial dominicano fr. José de Mansilha.

—Um dedicado amigo meu! Aos que se não voltam prendem-nos! Mas encarcerado sob que pretexto?

—Sob o pretexto de se entregar a negocios na sua qualidade de procurador da companhia de vinhos do Alto Doiro, que ajudára a estabelecer.

«E' tambem accusado pelo Nuncio de viver em opulencia offensiva dos estatutos da ordem.

—Ora graças a Deus que appareceu um Nuncio a justificar na condemnação de um amigo meu as queixas gravissimas que se faziam aos jesuitas, agiotas e mercadores de todas as especies, e se fazem ainda aos purpurados estroinas da côrte pontificia, grandes apreciadores de presentes em metal sonante e em diamantes de bom quilate!

«O peor é que a lição venha tão tarde, á custa de um amigo meu e só para elle!

«E esteve calado por tanto tempo, com esses austeros escrupulos, o virtuoso arcebispo *in partibus!*

«Vae já por bom-caminho tudo isto!

—E como tenho dito a v. ex.ª pouquissimo valho para evitar estas coisas. A rainha céde aos rogos do marido, que tem por agentes seus uns fanaticos.

—Eu sei. E por tutores os jesuitas encapotados.

—Ora a influencia que ainda tenho no animo de sua magestade a rainha, essa a reservo eu para obstar a alguma desvairada vingança contra v. ex.ª

—Obrigado, D. Fr. Ignacio! Que muito lhe estou devendo n'estas amarguradas horas de infortunio!

—Não falêmos de dividas, sr. Marquez.

«A minha é mais antiga... Mas prepare-se v. ex.ª para outra nova peor e pode crêr que lh'a venho trazer cheio de magua.

—Fale abertamente, meu amigo. Estou preparado para tudo.

—Soube hoje que por ordem do Nuncio vão perseguir tambem a extremecida irmã de v. ex.ª, soror Magdalena de Mendonça.

«Parece que lh'tiram o cargo de priorêza e a submettem a julgamento.

—Porque? Principalmente, porque é minha irmã, eu sei; mas quaes são as accusações contra ella!

—Dizem que não tem sido fiel observadora dos votos e que permitte no convento abusos do estatuto da ordem.

—Tartufos! Tartufos! Moliere, como tu os conhecias bem! (*)

«E só agora souberam de tal! Tolerancias, abusos das regras monasticas só Magdalena de Mendonça os permittia, só no convento de Santa Joanna os descobre o Nuncio!

«Tartufo! Como se toda a gente não conhecesse os obscenos desregramentos de que ainda ha exemplos em Odivellas e como se todos em Lisboa não soubessem das escandalosas coisas que se passam nos conventos!

«Mas Roma submetteu-se lisonjeadora, dissimulou, bajulou-me; agora vinga-se do ministro decaido, perseguindo-lhe os parentes e os amigos!

«Bispo, e o perverso afinal sou eu, exclusivamente eu!

«Meu leal amigo, perdôe-me este desafogo, e alcance-me da rainha o decreto da demissão e do desterro.

«Sinto ancia de sair d'aqui!

—Já tinha feito o pedido e vinha tambem dar-lhe conta da minha tarefa.

—Está concedida a minha demissão?

—Esta e sob o maior segredo lh'o com-

(*) Annos antes, e como soberba lição contra a hypocrisia beata, capaz de tudo em nome de Deus, o Marquez mandára traduzir e fizera representar em um dos theatros de Lisboa a immortal comédia *O Tartufo*, a obra genial de Molière.

Referindo-se á seita fanatica dos *jacobeus*, da qual foi principal propagandista o bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação (1768), John Smith conta nas suas *Memorias do Marquez de Pombal*:

«Pombal, para metter a ridiculo a hypocrisia d'esta seita e mostral-a com as suas verdadeiras côres, mandou então traduzir *O Tartufo* e pôl-o em scena no theatro, a cuja representação assistiram o rei e toda a familia real. *O Tartufo* apparecia em traje de jesuita, e foi representado muitas vezes, sendo muito applaudido, etc».

(Pag. 229 da traducção portugueza).

munico. O decreto ficou hoje assignado; mas tem a data de ámanhã 4. A'manhã mesmo será entregue a v. ex.ª por um dos secretarios de estado.

«E' honroso para v. ex.ª, sr. Marquez, e nas actuaes circumstancias e entre tantos odios, foi o mais que os meus rogos poderam alcançar do coração piedoso da rainha.

«Mas fique v.ex.ª precavido. Esse decreto só o obtive da rainha como justa e piedosa homenagem á memoria do pae, de quem v. ex.ª foi o grande ministro e principal confidente, e só como tal a senhora D. Maria I conseguiu impôl-o á má vontade do marido e ás rancorosas objecções de Martinho de Mello.

«Queriam julgal-o já como reu de suppostos crimes que el-rei sanccionou. A rainha oppoz-se, para não affrontar a memoria do pae; os outros, que estão já no segredo do decreto, emmudeceram na esperança de encontrar pretexto para ferir v. ex.ª, sem encontrar de permeio o cadaver do rei.

«Falo a um homem resoluto: digo as coisas como as sei e entendo, com esta chã lealdade, que não espero desmentir.

—Eu sei, D. Fr. Ignacio, eu sei! — respondeu o Marquez n'um tom vago de scismadôra melancholia.

—O decreto não é uma condemnação; é um premio. Hade ámanhã produzir extranho alarme na côrte.

—Comprehendo. Contavam que a rainha me mandasse encarcerar e como reu de *abominaveis crimes* me condemnassem ás mais infamadôras penas no patibulo.

—Contavam e contam. O decreto de ámanhã é um adiamento em homenagem ao fallecido rei.

«Precisa e pode saber as coisas claramente quem tem o espirito e o animo de v. ex.ª

«Eu cá fico para lhe dar aviso do perigo. Se os odios se não acalmarem, vendo-o longe do poder e da côrte, e receio muito que se não acalmem, então, sr. Marquez... avisado a tempo e de antemão prevenido, não será difficil que possa alcançar secretamente um dos pequenos portos da costa, e, com os recursos de que dispõe, afretar navio que o leve para Inglaterra ou para a Austria.

—Isso não! Isso não! Haviam de dizer que era um reu convicto a fugir da justiça!

«E os filhos?... Não! Não!

«Ainda que tivesse dinheiro bastante para tal emprehendimento, ainda que podesse vender os bens, sem despertar suspeitas—porque é calumnia dizerem que eu tenho milhões nos bancos da Hollanda—ainda que de todos esses recursos podesse dispôr, não fugiria.

«Bispo, nem para morrer eu quero a terra estrangeira!

—Sr. Marquez!—disse D. Fr. Ignacio indo para elle commovidamente—Deus nos ajudará e da sua infinita misericordia ha de vir o amparo e o conselho melhor.

«Parta sem demora, esteja prevenido para as provações peores e conte sempre commigo, sr. Marquez. Quando se lhe afigurar que eu nada alcancei, faça-me a justiça de crêr que fiquei vencido, mas não julgue que fui ingrato.

«Não sei se poderei vir despedir-me; talvez convenha apparentar que me desinteresso da sorte de v. ex.ª e vou no caminho dos outros que mudaram. Assim, mais facilmente poderei saber as coisas. Deixe v. ex.ª aqui pessoa a quem eu possa falar abertamente, ou mande alguem de absoluta confiança que secretamente se entenda commigo.

«Em Carnide me poderão ser entregues as cartas e os avisos de v. ex.ª, e lá confiarei as minhas impressões ou as minhas cartas á pessoa que v. ex.ª me mandar apresentar com lettras suas que nenhuma duvida offereçam.

«Sr. Marquez... Repito-lhe: tão leal amigo como quando v. ex.ª era o poderoso ministro de el-rei D. José e todos na côrte o viam mais alto do que o throno.

«Deus vá com v. ex.ª... Deus me dê a fortuna de o tornar a vêr na hora em que os odios se acalmarem.

—Bispo, então adeus para sempre!

E abraçaram-se. D. Fr. Ignacio chorava.

* * *

—Temos alguma ruim nova?—perguntou a Marqueza ao marido logo que o bispo saíu.

—Nada mais de novo. Entretanto, tudo leva a crer que a resolução da rainha se não fará demorar.

—Julguei que esse frade carmelita, que já cá tem vindo mais vezes, tambem de noite, houvesse trazido alguma informação...

—Pobre frade, a quem eu n'outro tempo favoreci, só me trouxe as boas palavras da sua gratidão.

«Agora as informações que mais nos interessam só podem vir do paço e não ha de ser um obscuro carmelita que ha de trazer m'as.

«Vamos nós continuar os nossos preparativos para a jornada. Eu tarde me poderei deitar.

«Tenho ainda uns papeis a escolher. Será bom que estejam promptos a sair os carros para as bagagens.

«Minha querida Leonor, não espere por mim, e repouse tranquillamente. Verá que até vamos ter um tempo excellente para a jornada.

E voltou para a sala de despacho. Não se deitou. A escolha dos papeis fôra um pretexto para ficar sósinho.

Tinha já tudo arrumado e disposto para a partida.

Os livros que havia de levar comsigo, dilectos companheiros seus no desterro, estavam encerrados, como já dissémos, em grandes arcas chapeadas.

Só um deixára em cima da meza. Esse leval-o-hia elle proprio como biblia de resignadora lição no seu infortunio.

Era o volume 8.º das *Memorias do Duque de Sully*, da edição impressa em Londres em 1763. (*)

Estava aberto na passagem em que o grande ministro de Henrique IV se defende das calumnias com que os seus inimigos da côrte tentaram infamar-lhe o nome. Sully explica amargamente o seu procedimento como homem de estado e dá conta minuciosa da proveniencia dos seus bens de fortuna.

—Quem sabe se eu não terei de fazer o mesmo?

«Ladrão já elles me teem chamado... ladrão que deixa setenta e oito milhões nos cofres do estado!... Isto é que os *honrados ministros* ainda não tinham feito cá!

E ia lendo e commentando tristemente.

A espaços levantava-se e punha-se a passear febrilmente, trazendo nos olhos a visão da sua morta grandeza politica.

E assim até que amanheceu.

* * *

Eram mais de 11 horas da manhã. Pombal acabára de receber em mão propria o decreto da rainha de que lhe falára o bispo de Penafiel e, com o régio documento, uma carta de Martinho de Mello.

Assim que o secretario d'estado, emissario da rainha, o deixou, despedindo-se friamente, Pombal fechou-se na sala de despacho e leu avidamente o decreto.

Lia em voz mal segura:

«Tendo em consideração a grande e distincta estima que el-rei, meu pae, que santa gloria haja, fez sempre da pessoa do Marquez de Pombal, e representando-me o mesmo Marquez que a sua avançada idade e molestias que padecia lhe não permittiam continuar por mais tempo no meu real serviço, pedindo-me licença para se demittir de todos os logares e empregos de que se achava encarregado e para poder retirar-se á sua quinta de Pombal: e attendendo ao referido, sou servida acceitar-lhe a dita demissão e conceder-lhe a licença que pede; e hei outro sim por bem que durante a sua vida fique conservando os mesmos ordenados que tinha como secretario d'estado dos negocios do reino: e alem d'elles lhe faço mercê da graça especial da commenda de S. Thiago de Lanhoso, no arcebispado de Braga, que vagou pelo fallecimento de Francisco de Mello e Castro.—Nossa Senhora da Ajuda, 4 de março de 1777.—*Rainha.*»

—Quéda suave—commentou o Marquez.

(*) Era a edição que o Marquez possuia, conforme se deprehende de uma nota feita á sua supplica de demissão, que vemos copiada, como outros muitos documentos officiaes e particulares, em um volumoso livro que está em nosso poder.

As copias dos documentos que formam este livro foram feitas evidentemente por diversas pessoas, talvez em differentes epocas e, por ventura, por familiares do proprio Marquez.

Este livro pertence ao distincto industrial sr. Francisco Grandella e foi-nos emprestado por intermedio do illustre poeta e brilhante jornalista Urbano do Castro.

A um e outro, amigos nossos, aqui manifestamos o nosso reconhecimento.

«Sente-se aqui á mão de D. Fr. Ignacio (*)

«Agora vamos a ver o que me diz o vaidoso conego que me odeia, o *arido e sêcco* Martinho de Mello. (**)

«Aqui por força ha veneno. Não me escreveu por bom.

E abriu a carta do ministro da marinha. Leu-a e fez-se pallido. Não se enganára.

Martinho de Mello accentuava bem, para que o velho ministro se não illudisse, que a mercê clemente d'aquelle decreto era apenas uma homenagem de piedade filial da soberana que o firmava.

Depois se examinariam attentamente os negocios e assumptos de que o Marquez tratára como ministro de el-rei D. José e se lhe faria a justiça que merecesse.

—Percebo a ameaça—disse Pombal. Não me ferem por'ora para não ferirem tambem a memoria do rei. Entretanto, hão de mover a rainha contra mim, quando o cadaver do pae estiver a mirrar-se em S. Vicente de Fóra.

E releu a meia voz este trecho da carta de Martinho de Mello:

«Sua Magestade, não se achando, nem podendo ainda ser exactamente informada do que conteem as memorias que v. ex.ª levou á sua real presença, relativas aos empregos e logares que el-rei, seu augusto pae e senhor, lhe confiou, nem do preciso e individual estado em que ficam todas e cada uma das repartições de que v. ex.ª teve a administração, entendeu que ainda n'esta incerteza era da sua innata e real benegnidade honrar a v. ex.ª na fórma em que presentemente o honra.»

—Não teem ainda a certeza do que eu fiz! Vão ver se eu dei boas contas e deixei a papelada em dia!

«Fica a historia á espera de que o conego Martinho de Mello lhe communique o resultado das suas investigações!

«Quanto *ao resto* talvez ainda venham a apurar que não era eu o ministro de el-rei nos dias do terramoto, que não fui tal quem expulsou os jesuitas, quem repelliu as sobrancerías da Hespanha e da França, quem abriu escolas por esse paiz, quem emancipou Portugal das industrias estrangeiras e fez outras *bagalelas*, a ultima das quaes, foi essa reserva de setenta e oito milhões, que elles hão de desbaratar doidamente, ia jural-o.

«Corja de sacripantas!—exclamou erguendo-se, E ficam muito regalados na supposição de que podem tornar-me do tamanho d'elles!

* * *

A Marqueza, os filhos, Damião de Castro e Manuel Bento esperavam anciosamente pelas ultimas novas em uma salêta, que ficava muito proxima dos aposentos do Marquez.

Pombal entrou com o decreto na mão.

—Emfim! Sua magestade a rainha concede-me a demissão e a licença que pedi para me retirar da côrte. N'este decreto me exalça em honras e favores a real benignidade!

«Nunca houve mais suave e honroso desterro!

«Leia, Marqueza.

D. Leonor Ernestina leu em voz alta o decreto que o marido lhe entregára com fingido jubilo.

—E para realçar tamanhas honras vae commigo uma companhia de soldados, que ficará em Pombal para minha guarda de honra.

«Assim m'o participou quem me trouxe o decreto.

(*) Diz Latino Coelho a pag. 159 do tomo I da sua *Historia politica e militar de Portugal*:

«A rainha, apesar das instancias dos cortezãos, quizera poupar as cãs de um illustre octogenario, embora culpado de cruezas, esquecendo as lagrimas e o sangue que fizera derramar, para memorar apenas a gloria e o esplendor de que circumdára o throno de D. José. E' provavel, quasi certo, que n'esta resolução seriam valiosas as exhortações e os conselhos do bispo confessor, D. Fr. Ignacio de S. Caetano, que, apesar de malquisto ás novas influencias, exercia grande imperio no animo timorato da rainha.»

E em nota a este trecho accrescentou o insigne escriptor:

«Os jesuitas, que na lista dos seus inimigos incluiam o bispo de Penafiel, contavam-no como um dos raros cortezãos que na desgraça do Marquez se lhe tinham mostrado agradecidos e valedores, etc.»

(**) Assim o havia qualificado o abbade Garnier.

«Agora, Marqueza, é preciso dar ordem para os carros das bagagens sairem hoje mesmo. Ira com elles uma escolta de soldados.

«Nós, ámanhã de madrugada. As liteiras que venham para cá esta noite.

As filhas choravam; a mãe animava-as cingindo-as nos braços e beijando-as.

—Tu não falaste sinceramente — disse baixo ao Marquez o alquebrado Damião de Castro.

—Não; assim é preciso por causa de Leonor Esnestina e de minhas filhas.

—E eu, meu pae?—veiu perguntar-lhe o filho mais velho.

—Tu ficas. E's o segundo conde de Oeiras e o presidente do senado da camara de Lisboa.

«Ficas. Só ao marquez de Pombal se concedeu licença para o seu voluntario desterro.

* * *

A noticia do decreto correu vertiginosamente das salas do paço aos ultimos recantos de Lisboa.

A exceder a surpreza de todos, só a indignação rancorosa dos inimigos do Marquez.

De tarde appareceram novos pasquins insultuosos pelas esquinas e a musa diffamadora desembéstou em odientas satyras.

No Terreiro do Paço repetio-se o apedrejamento do busto de Pombal.

Bandos de garotos subiram a calçada grande, entoando cantigas insultuosas.

Os creados e os soldados quizeram espancal-os, mas não lh'o consentio o Marquez.

Corriam de mão em mão copias de sonetos repassados de odio ou repugnantes de sordidas obscenidades.

Um dos mais festejados terminava assim:

Não te ausentes ainda, por quem és,
Porém se á força tentas ausentar-te,
A cabeça nos deixa de penhor.

Mas o que teve as honras de um verdadeiro triumpho foi o que era attribuido a certo jesuita dos que tinham ficado, renegando a Companhia. Principiava assim:

Dez mil diabos te levem n'esta hora,
E vão na tua guarda, e companhia,
Para vêrmos com gosto o feliz dia
De saires da côrte para fóra.

Satanaz te acompanhe sem demora,
Te ao fim da tua romaria,
Pois como sempre foi a tua guia,
Com elle te acharás, Marquez, agora (*)

Andavam torvos de raiva os apaniguados da côrte e os fanaticos das sacristias. Custava-lhes a acreditar n'aquelle decreto.

O *Cabelleira* podia sair tranquillamente de Lisboa para a sua casa de Pombal, com as honras de secretario d'estado dos negocios do reino, o respectivo ordenado e mais a mercê de uma commenda!

E a contarem com elle nos horrores de um carcere, e em breves dias, a pernear n'um patibulo!

Dominava-os o desespero em doidos impulsos, e a gente mais chegada ao paço e mais nos segredos dos futuros validos teve de andar a contêr os animos dos enfurecidos com a promessa de um terrivel julgamento, logo que se encontrasse pretexto para condemnar o *Cabelleira*, sem envolver na sentença, que seria implacavel, a memoria e as responsabilidades do fallecido monarcha.

Mas sempre era bom que a populaça fosse gritando contra o odiado ministro, para que a rainha o soubesse e se atemorizasse.

Já de noite, disfarçadamente e sem que os soldados da guarda o percebessem, mãos audazes de assalariados tinham pregado abjectos pasquins nas proprias paredes do *paço das damas!*

* * *

Vinha rompendo a madrugada do dia 5 de março.

Esbatiam-se pelas cumiadas os primeiros alvores, ainda tenuissimos, e as estrellas iam desmaiando lentamente na sua immensa cupula de claro azul.

Corria uma aragem fria como de manhã de inverno.

A' porta do *paço das damas* estão tres grandes liteiras, que seis possantes muares hão de levar para a longa jornada. Debaixo de fórma, uma companhia de in-

(*) Vem copiado no livro de versos a que já tivemos occasião de nos referir.

fanteria; um criado com dois cavallos á mão. Os carros das bagagens tinham já partido.

Lá dentro fazem-se as ultimas despedidas.

—Então, filhos!—dizia o Marquez dominando o lance angustioso. Isto não é despedida para sempre nem desterro para muito tempo. Lá hão de ir ver-me muitas vezes.

—Queriamos acompanhal-o até fóra da cidade—disse o segundo conde de Oeiras.

—Não, filho. Não é preciso. Era dar a isto um apparato que não merece.

Jorge Gustavo e Ruy de Noronha esperavam ao pé da porta junto de Damião de Castro, melancholicamente encostado ao espaldar de uma cadeira.

O Manuel Bento, a poucos passos; a cabeça pendida sobre o peito, para não verem que chorava.

A soluçar alto, o peito arquejante, D. Leonor Ernestina, ora se abraçava aos filhos, ora acarinhava os netos pequenitos, de olhos muito pasmados, n'uma grande tristeza inconsciente que vinha d'aquellas lagrimas que elles viam chorar sem comprehender por quê. Haviam ficado em casa do avô e momentos antes os tinham acordado.

Jorge Gustavo acercou-se do Marquez e disse-lhe muito baixo, a um recanto da janella:

—A filha que não póde estar aqui, pediu-me que beijasse por ella a mão de v. ex.ª

—Leve-lhe a expressão da minha saudade. Jorge Gustavo, e beije-a por mim.

E, afastando-se commovidamente, disse alto para a esposa:

—Marqueza, é preciso partir, que temos hoje uma longa jornada.

—Peçam a benção ao avô.

—Não mortifiquem as crianças, coitadinhas. Deus os abençôe a todos.

E os pequenos, de olhos esgazeados, razos de agua, quasi sentiam mêdo d'aquelle velho tamanho que os beijava.

Desceram todos para a rua; as damas soluçando dolorosamente.

O commandante da companhia mandou fazer a continencia áquelle que ainda tinha as honras de secretario d'estado.

—A minha guarda d'honra... a minha escolta!—disse comsigo o Marquez.

Acabára o derradeiro lance da despedida.

A Marqueza subiu para a melhor liteira, acompanhada pela sua antiga criada particular.

Para a immediata, o Marquez e Damião de Castro; o Manuel Bento e o secretario particular de Pombal para a outra liteira.

—Sr. Marquez, podemos marchar?—veiu perguntar o commandante da companhia.

—Podêmos—respondeu Pombal sumidamente.

Nunca em sua vida uma palavra lhe custára tanto a dizer!

Jorge Gustavo e Ruy de Noronha tinham montado a cavallo

As liteiras seguiram em fila pela calçada abaixo.

Atraz, os dois cavalleiros, a seguir os soldados cadenciando a marcha silenciosamente.

Tinham morrido as estrellas: a manhã afogueava o horisonte vivamente.

No quartel de infanteria, os tambores rufavam a alvorada; nas grandes arvores da quinta de Belem o passarêdo chilreava doidamente.

Que mundo de visões e de saudades não iria evocando a alma d'aquelle grande homem decaído?

Appareciam já pelas ruas uns raros madrugadores.

Paravam a vêr e algum de mais audaz curiosidade abeirava-se das ultimas filas de soldados para colher informações.

—Que é isto?

—E' o *Marquez*—respondia um ou outro soldado a meia voz.

—O que mandou em tudo isto, o *Cabelleira*?

—Esse mesmo. Vamos de guarda a elle, a palmilhar o caminho até Pombal.

—Voltas que o mundo dá!

* * *

Do Corpo Santo por deante, o coração do Marquez opprimiu-se n'uma indefinivel concentração de maguas e de saudades.

Ia recordando a sua turbulenta mocidade, os seus primeiros amores, o terramoto, a sua gloria, o seu poder extincto.

Entraram na *Praça do Commercio*, atravessando da rua do Arsenal para a da Alfandega.

A' altura da rua do Oiro, o Marquez relanceou um olhar de envaidecimento para aquella soberba arteria da grande cidade, que resurgira.

Depois, olhou melancholicamente para o altivo pedestal, para a colossal estatua do rei, para o Tejo similhando um mar.

Estava subindo o sol e os seus fulgores de oiro antigo vinham cair sobre o monumento como reverberações de uma apotheose.

Pombal extremeceu violentamente,

—Que tens?—perguntou-lhe Damião de Castro.

—Parece que deixo aqui um pedaço da alma!

E o cérebro deu-lhe subitamente a visão theatral da inauguração da estatua. Os carros de soberbas allegorias, a multidão deslumbrada, a côrte rendida de assombro, nos ares a vibração dos hymnos e dos canhões, e elle como um triumphador, maior que o rei! Como se já fosse uma visão antiga!

Mas as liteiras tiveram de parar, para que passasse um bando de maltrapilhos madrugadores, que desembocava da rua da Prata para o Terreiro do Paço.

—Vamos á carranca! Hoje é que é de vez!

—Vamos! Para vêr as carêtas que ella faz ao sol.

—Ao sol e ás pedras.

—Eu cá já lévo as algibeiras cheias d'ellas.

—Pois eu levo aqui dois calhaus que são capazes de deitar abaixo o cavallo, quanto mais o *Cabeileira*.

—Não! Isso não, que pode a sucia do Manique azedar-se com a gente.

—Oh! diabo, está ali tropa! Olho alerta e pé ligeiro.

Jorge Gustavo disséra o quer que fosse rapidamente ao commandante da companhia e metteu o cavallo para a frente. Ruy de Noronha foi tambem. O Coronel collocou-se á direita da liteira do Marquez e o estudante ao lado da liteira de D. Leonor Ernestina.

O capitão mandou parte da companhia para a frente, fez afastar os curiosos, e deu a voz de marcha.

Os conductores fustigaram as muares e as liteiras seguiram rapidamente.

Os maltrapilhos não estavam no segredo da saída do Marquez e suppozeram que se tratava de algum grande figurão que partia em viagem.

Todavia, só o receio que tinham da tropa os impedira de irem até junto das liteiras.

Mas tambem que lhes importava a elles quem ali ia? A tarefa que lhes tinham pago era a gritaria contra o Marquez e o apedrejamento do medalhão.

Já na rua da Alfandega os viajantes ouviram assobios e gritos estridentes.

—Ouves, Damião de Castro? Lisboa agradecida!—disse Pombal amarguradamente.

—Não sejas injusto. Lisboa não é aquillo.

—Mas não protesta e não se oppõe, e o *homem de cabellos no coração* vae aqui pungido de saudade!... Que jubilo immenso, que infernal consolo o dos meus inimigos, se podessem adivinhar esta minha hora!

* * *

Jorge Gustavo e Ruy de Noronha acompanhariam o Marquez até fóra da cidade. O Coronel promettêra ir visital-o a Pombal e seria o secreto intermediario entre o desterrado e o bispo D. Fr. Ignacio de S. Caetano.

Um homem isolado seguia atraz da escolta, silenciosamente, desde o largo do Pelourinho.

No Terreiro do Paço, afastára-se para uma das arcadas e, se alguem houvesse reparado n'elle, teria supposto que estava enxugando os olhos.

Já fóra da cidade, para além de Xabregas, as liteiras pararam e Jorge Gustavo e Ruy de Noronha fizeram as suas ultimas despedidas.

Então o homem correu para a liteira do Marquez, descobriu-se e disse a tremer:

—Deus vá na sua guarda, sr. Marquez, como o meu coração vae atraz de v. ex.ª!

—O Compadre aqui!—exclamou Pombal, estendendo-lhe a mão enternecidamente.

—E para aonde v. ex.ª quizer, que eu não esqueço o muito que lhe devo.

—Não esteja a lembrar agora o quasi nada que lhe fiz.

«Mas como soube que eu partia hoje!

—Em casa de v. ex.ª m'o disseram com todo o segredo. Eu tenho lá ido todos os dias.

—Não me disseram nada!

—Eu não queria dar incommodo.

Ultima despedida

—Não incommodava... Obrigado! Obrigado! Deus lhe dê fortuna... e até um dia.

O Casaca não poude responder. Parecia-lhe aquillo um sonho. As liteiras foram seguindo e o commandante deu a voz de marcha.

Muito commovidos, o Coronel e Ruy de Noronha, nem se lembraram do amargurado botequineiro, e metteram os cavallos a trote largo para Lisboa.

O Casaca ficou parado no caminho, de olhos pregados nas liteiras que se iam afastando. Quando as perdeu de vista, enxugou os olhos e rouquejou:

—Não volta cá outro assim! Não volta!

VII

NOVAS DE LISBOA

Restauradas as forças que a longa e fadigosa jornada lhe quebrantára, o Marquez empenhava todos os esforços de que era capaz para simular resignação e alegre conformidade n'aquelle seu amargurado desterro. Por causa da esposa, principalmente, que era quem mais soffria nos duros contrastes d'aquella mudança.

A villa de Pombal era uma povoação pequena, aldeã, antiga, e a casa de rezidencia do Marquez uma vivenda acanhada e mesquinha. Quem se creára nos doirados salões de Vienna e tivéra homenagens de rainha na côrte de Lisboa, havia de estranhar com immensas maguas aquelle triste viver quasi rustico, n'um recanto da provincia.

E estranhava. A principio era a nobre filha do conde Henrique Daun quem mais se mortificava n'aquelle desterro.

Punha o Marquez todos os seus desvelos em amenisar-lhe as tristezas do exilio e aggravava o sacrificio dos seus proprios infortunios em apparencias de tranquilla conformidade.

E, entretanto, era raro o dia em que o odio e a vindicta dos seus inimigos o não apunhalava na sombra.

Vinham chegando de Lisboa com implacavel abundancia, e a elle directamente dirigidas, as cartas anonymas, os papeis de versos, as folhas volantes que o deprimiam.

E o peor era que nem a esposa lhe poupavam, porque tambem lhe remettiam missivas infames de escarneo e torpissimos versos de poetas bordalengos.

Entre as muitas cartas que o crivavam de affrontas e o ameaçavam de um processo escandaloso com o provavel desfecho do supplicio ás mãos do carrasco, uma recebeu o Marquez, que profundamente o impressionou. Essa continha calumnias e ameaças, mas descrevia-lhe, por entre abominações theatraes, as scenas lancinantes da abertura dos carceres da Junqueira, dos fortes de Pedrouços e das Maias e das torres da Barra.

O anonymo chronista carregava os tons do quadro, já de si dolorosamente dramatico.

Representava o povo commovido, a vociferar contra o ministro verdugo, e os pobres encarcerados, tropegos, envelhecidos, esqualidos, a chorarem de jubilo, procurando amparo nos braços carinhosos dos seus bem amados. (*)

—Lembram-se do que elles soffreram, mas não querem lembrar-se do que elles

(*) Os Tavoras foram mandados soltar por esta portaria de 7 de março de 1777: «Manda a rainha, nossa senhora, que em attenção ás recommendações de seu augusto pae o sr. D. José I, que por effeito da sua real piedade perdoou aos presos que se achavam arguidos de culpas de estado, sejam soltos das prisões em que estiverem o marquez de Alorna, Nuno Gaspar de Tavora, Manuel de Tavora e José Maria de Tavora. E porque nem a justiça de sua magestade nem a honra dos mesmos presos permittiriam que appareçam na sua côrte, sem primeiro se acharem justificados da mais leve macula da culpa de inconfidencias: ordena a mesma augusta senhora que, saindo os sobreditos das referidas prisões, se retirem em distancia de vinte leguas d'esta mesma côrte, onde poderão tratar dos meios competentes proprios e judiciaes para se averiguar a sua culpa ou innocencia, como sua magestade lhes permittir.»

Esta portaria explica-se em presença das se-

intentaram ou fizeram! — dizia o Marquez á sua propria consciencia.

Era a fria allegação do estadista ao coração opprimido do homem, que já não tinha responsabilidades nem objectivos a que avassallar-se.

A firmar a longa carta, que tão fundamente o impressionára, vinha este dizer, em guisa de assignatura: *Um velho frade dominicano*.

—Oh! que refinadissimo velhaco! A fingir que não sabe o que eram os carceres da Inquisição; como lá entravam ás dezenas, como de lá saíam, como la acabavam!

«É pela denuncia fanatica ou pela intriga calumniosa, quasi todos!

* * *

Pombal dava longos passeios, ora com a Marqueza, ora com os seus dois velhos amigos.

A's horas de sol mais intenso, ficava-se a escrever apontamentos da sua vida politica, ou entregava-se á leitura dos seus livros dilectos.

Nos passeios comprazia-se em falar com a gente rustica, e amiudadas vezes ia conversar com os artifices da fabrica, que por iniciativa sua ali havia sido estabelecida. Era tambem uma obra do tempo em que fôra poderoso.

A's vezes ficava-se a contemplar as ruinas do castello dos Templarios, quando o luar envolvia os derruidos adarves na luz branca das lendas.

Ao pé da Marqueza, todo elle era fingir descuidosa serenidade e mascarar-se em disfarces de gracejadora jovialidade.

Das suas maguas só tinha expansões com o velhinho Damião de Castro. O Manuel Bento esse era ouvinte sómente das conversas joviaes.

Tinham chegado os primeiros dias de abril. Estavam reunidos na sala o Marquez, D. Leonor Ernestina e os dois dedicados velhos.

O Manuel Bento era de ha muito como pessôa de familia.

A Marqueza estava indignadissima. Tinham-lhe mandado de Lisboa uma carta anonyma com a noticia de que o governo mandára arrancar do pedestal da estatua equestre o medalhão com o busto do Marquez, para evitar que o rapazio fosse tambem apedrejando a figura do rei, por erro de mão contra o *Cabelleira*.

—Marqueza—disse-lhe o marido sorrindo —isso não vale um momento de pesar. Faltando lá, alguem haverá que pergunte porque o tiraram, e isso me basta.

—Mas diz aqui este anonymo que pozeram lá outro medalhão.

—De quem? Do Angeja? Do Martinho de Mello? Talvez do Nuncio?

—Outro com as armas de Lisboa, com o navio.

—Acho bem. Agora... *agora é que Portugal vae á véla*.

«E, sendo as armas de Lisboa, lá devem de estar sobre o navio os dois corvos.

«Ficam bem representados os que nos governam.

O medalhão fôra effectivamente mandado tirar por decreto do governo, sob pretexto de evitar a continuação dos desacatos ao monumento. Foi encarregado de proceder á exautoração o proprio Bartholomeu da Costa, que havia dirigido a fundição do busto, como dirigira a da estatua. A substituição fez-se de noite (*).

---

guintes informações do embaixador hespanhol, marquez de Almodovar:

«Ocupa á las gentes la resistencia de los hidalgos enparentados con la primera nobleza á salir de sus prisiones, sin obtener una sentencia que los absuelva ó condene, respecto a la rigorosa cárcel, que han sufrido desde el año de 1758. *(Officio de 4 de março de 1777 para o Conde de Florida Blanca.)*

«No hán querido salir de su prision en la Junquera el marques de Alorna y conde de S. Lorenzo y otros hidalgos, disfrutando hasta ahora solamente la libertad de estar juntos y bien tratados en las salas de dicho fuerte, pues antes estaban en estrechisima prision, y hán hecho una representacion á la reina, en que suplican que se sirva hacer examinar su causa, pues, siendo de tan féo origen, desean como inocentes, pues asi se sienten, y no comó perdonados, publicar con su libertad la piedad, justicia y proteccion con que S. M. los honrou.»

(Carta de 4 de março de 1777 para o duque de Lozada.)

Copias do *Gabinete da abertura*.

(*) O Nuncio em Lisboa participou o caso ao seu collega de Madrid em carta de 6 de maio de 1777. Deus sabe com que intimo jubilo elle escrevia: «Sino da giovedi si vadde posta ne

—Marqueza, deixe-me ver essa carta—disse Pombal, esboçando um fingido sorriso.

«Deixe-me ver como esse chronista anonymo conta o assignalado feito.

—Para que hade lêl-a? Vae causar-lhe nojo e inquietal-o.

—Verá que não. Sei bem do que elles são capazes.

E leu a carta que recebeu das mãos de D. Leonor Ernestina.

—Bem suppunha eu que a Marqueza não tinha lido tudo. Não leu. Aqui vem o dito de um frade que fez mofa de mim quando viu a véra effigie do *Cabelleira*—tenho a honra de ser eu o Cabelleira—substituida pelas armas de Lisboa.

«Diz aqui o anonymo que no dia seguinte ao da substituição a surriada foi espantosa, e o frade disséra:

—*Ora aqui está um eclipse que não vinha annunciado na folhinha!* (*)

—Com que desalmada ingratidão elles dizem estas coisas!—commentou a Marqueza tristemente.

—Não acho—volveu o Marquez apparentando uma jovialidade que era o assombro da esposa e do Manuel Bento. Damião de Castro, esse comprehendia-o bem.

«O frade está no seu papel e não tem nada que me agradecer. Fiz bem por evitar que augmentasse o numero de madraços de cordão e capuz, grandes aldravões de latim, que tiravam almas do Purgatorio a tanto por missa, salvo muito venerandas excepções.

«O frade bem sabe como eu puz cobro á mania de encher os conventos de gente ociosa, que fazia falta aos trabalhos uteis.

«Para guiar os crentes e pregar a santa doutrina bastam e são melhores os bons parochos.

«Missionarios e apostolos do Evangelho tão escrupulosamente devem de escolher-se, que o seu numero tem de ser necessariamente limitado.

«Havia cêrca de quatro mil frades quando eu tomei conta da secretaria d'estado dos negocios do reino. Se procurassem bem em todo o paiz, talvez se não encontrasse então igual numero de artifices dignos d'este nome!

«Mais latim menos latim, fé e barriga livres, e era frade quem o queria ser! Não havia profissão nem mais facil nem mais commoda, e o Christianismo cada vez mais pelas ruas da amargura!

«A tal desregramento me quiz oppôr. O frade do *eclipse* hade sabel-o, e deu-me agora a sua reverenda ferroada.

«Talvez elle seja tambem de uns certos padres a quem eu suspendi a chuchadeira escandalosa das missas por legados pios. Talvez. Alguns havia com tamanho encargo de missas pagas, que só a tres ou quatro por dia, até ao fim de uma longa vida, lograriam dar conta do compromisso!

«Era uma sacrilega exploração. Aconselhavam aos seus confessados que legassem missas para resgate dos respectivos peccados, e, depois de os apanharem mortos, comiam-lh'as.

«Ora por estas e por outras é que eu sou um *desalmado impio* e elles são uns *santos varões*.

«Mas este do *eclipse* não passa afinal de um pedaço d'asno! Os frades foram sempre eximios e terriveis em facecias; este, porém, querendo fazer do seu dito uma pedrada, arremessou-me um louvôr.

E a rir, n'um riso contrafeito, accrescentou:

—Não comprehendo eclipse que não seja o offuscamento apparente da luz de um astro. Tenho de mandar agradecer ao frade a inadvertida lisonja.

—Como elle sabe ainda disfarçar as muitas amarguras que lhe estão ralando a alma!—dizia comsigo commovido o santo Damião de Castro.

Vieram annunciar o capitão da compa-

---

piedestallo della statua equestre del rè difunto le arme di questo senato rappresentante una nave, dove prima era collocato il busto del marchese di Pombal.»

(*Gabinete da abertura.* Vem citada esta carta a pag. 168 do tomo I da *Historia politica e militar de Portugal*, de Latino Coelho.)

(*) «Um frade obeso e folgasão, d'estes que era frequente ver mesclados em todas as diversões e ajuntamentos populares d'aquelle tempo, dizem que apontando para a estatua exclamára: «Eis ahi um eclipse que não estava annunciado na folhinha».

(Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 168)

nhia da guarda franca, estacionada em Pombal.

—Pois não. Que o encaminhem para aqui.

Era costume o capitão ir todos os dias visitar o Marquez, a pretexto de receber quaesquer reclamações que o velho estadista tivesse de fazer.

—Sr. Marquez!—disse da porta o official.

—Queira entrar, sr. Capitão.

O official cumprimentou ceremoniosamente, relanceando olhares investigadores para as pessoas presentes.

—Vem ver se ha por cá alguem suspeito —pensou o Marquez. Vigia-me bem a minha *guarda d'honra*!

E logo accrescentou alto, sorrindo:

—Já sei que vem obsequiar-me com a sua visita do costume.

—Apresentar as minhas homenagens a v. ex.ª e receber quaesquer advertencias ou reclamações, quanto ao serviço de que estou encarregado.

—Nem advertencias, nem reclamações, sr. Capitão. Estou perfeitamente; nenhum perigo receio. Tenho pena que por minha causa o obriguem a este aborrecido serviço, n'uma pobre terra de provincia. Já pensei em officiar ao sr. tenente-general Mac Lean, dizendo-lhe que dispenso a honra de uma tão numerosa guarda, mandada para aqui no *generoso intento de me proteger contra as injurias do povo.* (*)

«Como tem visto, dou-me excellentemente com o povo d'aqui. Não ha quem o excite contra mim...

—De um momento para o outro póde apparecer—objectou o Capitão. Ainda ha pouco mandei prender uma comica de uma companhia de pelotiqueiros que ahi chegou hontem.

—E mandou-a prender por minha causa?

—Cantava na praça um Padre Nosso em verso contra v. ex.ª

—Um Padre Nosso contra mim! Essa é realmente original!

—Parece que em Lisboa teem apparecido mais.

—E' curioso! Pelo correio já eu recebi de mão anonyma um epitaphio em verso para a minha sepultura. E por signal que me chama descendente de Herodes, com figados de Nero.

«De Herodes por causa da *degolação dos innocentes.*

«Mas *Padre Nosso* em verso ainda não recebi nenhum. Ha de ser curioso!

«Um pedido, Capitão: Dê liberdade á mulhersinha dos pelotiqueiros e mande-m'a para cá.

«Oiço-lhe o *Padre Nosso* e dou-lhe alguma coisa, que de dinheiro é que essa gente ha de precisar.

—Mas v. ex.ª...

—Não tem duvida. Agora, que já não tenho de governar, escuto philosophicamente o que dizem contra mim. O ministro era outro homem áparte.

—Mas nem a mulher se atreverá deante de v. ex.ª...

—Ha de atrever... Eu insistirei com ella.

—Serão cumpridas as vontades de v. ex.ª

—Muito obrigado, Capitão. E noticias de Lisboa sabe algumas importantes? Já sei que ha novos ministros.

—O sr. marquez de Angeja, presidente do real Erario...

—Bem sei. E' da mais alta nobreza e tem um curioso museu de botanica. Já era do conselho de estado, do conselho de guerra, gentil-homem da real camara, tenente general, governador da Torre de Belem, inspector geral dos armazens da Guiné e da India e do arsenal da marinha, capitão general da armada e dos galeões de alto bordo, e inspector geral das obras publicas e do plano de reedificação da cidade.

«E' uma bonita accumulação, bonita e rendosa. Estimo. Hade vir a fazer mais de quarenta mil cruzados por anno. Que façam bom proveito ao nobre Marquez e que os possa gosar em paz, que lh'os não invejo eu. (*)

(*) E n'este sentido officiou tempo depois. O rascunho do officio existia entre os papeis da secção Pombalina da Bibliotheca Nacional.

(*) «Com as enormes honrarias dos officios civis e militares que lhe estavam confiados, ajuntava, como presidente do real Erario, o vencimento de vinte e quatro mil cruzados annuaes que o seu antecessor, mais modesto e desinteressado, jámais quizera receber.» (Latino Coelho, *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 192.)

—Dos novos secretarios d'estado, o sr. visconde de Villa Nova da Cerveira...

—Ah! esse é muito entendido em theologia e muito dado ao convivio dos venerandos padres!

«Os antigos sei eu bem quem são: O sr. cardeal da Cunha, o sr. conego Martinho de Mello, e o sr. Ayres de Sá, o homem de mais rara devoção que tem tido a secretaria d'estado dos negocios da guerra e dos estrangeiros.

«A proposito, Capitão: saiba que me causou extranheza ouvir hontem á noite os seus soldados n uma cantiléna que afinal descambava em grita ensurdecedôra!

—Estavam a rezar o Terço.

—Ah! No meu tempo rezavam baixo. Como as coisas vão mudando! Nem os regulamentos do sr. conde de Lippe obrigavam a tal ruidosa devoção!

—Recebi antes d'hontem ordem expressa para tal fim.

—Então será essa uma das primeiras iniciativas do novo governo!

—Por'ora, e ao que deprehendi do officio, a ordem veiu só para a minha companhia.

—Para eu ouvir—pensou o Marquez a sorrir.

—Mas no proprio officio se me dá a perceber que em breve se fará o mesmo em todo o exercito. (*)

—Está bem. Visto que se vão conciliar com a Hespanha..... E de si para si accrescentou:

—Já que não pódem cantar victoria, cantam o Terço. Que gente vae ter deante de si o ministro hespanhol, esse orgulhoso Grimaldi que me odiava!

Breves palavras mais e o Capitão despediu-se.

* * *

De tarde um cabo de esquadra foi a casa do Marquez acompanhar a mulher dos pelotiqueiros.

A misera ia tranzida de mêdo. O Marquez animou-a, e taes promessas lhe fez, que a mulher se resolveu a entoar o *Padre Nosso* em verso, que aprendêra em Lisboa.

A Marqueza não quiz assistir.

A composição, timidamente cantarolada pela comediante, começava assim:

Senhor, se nos livraes
Do Marquez e mais d'algum,
Nós vos rezarêmos um
Padre Nosso.

Se fazeis sinta o destroço,
Como todos desejamos,
Já desde aqui publicamos
Que estaes no ceu.

Alcançae-nos o tropheu
Contra o Marquez, monstro horrendo,
Ficará o reino sendo
Santificado (*)

.....

E assim por ali fóra. Não era dos mais ferozes contra o Marquez, mas figurava bem entre as desageitadas composições da depravada *musa politica* d'aquelles tempos.

—Não é feio, mas você lá fóra hade cantarolar isso melhor. Não admira. Estava acanhada.

«Tome lá, e quando tiver precisão, appareça por aqui. Tem filhos?

—Tenho dois pequenitos.

—D'onde é?

—Saberá v. ex.ª que sou de Lisboa. Meu pae foi tecelão da real fabrica do Rato. Uma vez vi lá a v. ex.ª

—O *monstro horrendo* de que fala o *Padre Nosso.*

—V. ex.ª queira perdoar. A gente, p'ra ganhar a vida...

—Não tenho que perdoar. Vá com Deus. E quando souber de cór outros versos con-

---

Jacome Ratton—*Recordações*, pag. 329.

O antecessor do marquez d'Angeja na presidencia do real Erario fôra o calumniado Marquez de Pombal.

(*) Em aviso circular de 19 de junho de 1777, dirigido ao tenente general Francisco Mac Lean ordenava o ministro Ayres de Sá que a reza habitual das tropas fosse o Terço do Rozario, por ser justo e piedoso que os soldados portuguezes, como bons catholicos, empregassem em devoções de religião mais tempo do que até ali lhes era destinado para tal fim.

O general Mac Lean era o governador das armas da côrte e provincia da Extremadura. Dias depois, expedia-se outro aviso de Ayres de Sá, e esse então para o governador das armas do Alemtejo, regulando as honras militares a prestar aos bispos e arcebispos.

(*) Está copiado no livro de versos a que já nos temos referido.

tra mim, ou precisar de pão para os pequenos, volte cá. (*)

* * *

De tarde saíram a passear. O abril viera amoroso, como costuma dizer a gente dos campos. Estava uma tarde linda.

Muito excitada, muito nervosa, a Marqueza pretextou uma violenta dôr de cabeça e não quiz sair. Foi metter-se no seu quarto e poz-se a escrever uma longa carta de desafogo para sua familia. A escrever e a chorar.

Com o Marquez sairam Damião de Castro, muito arrimado ao seu bordão, e o Manuel Bento, muito dobrado sobre o grande castão de prata da sua bengala de canna da India, presente do seu glorioso amigo e amo.

O mais novo era o Marquez com os seus setenta e oito annos, quasi feitos. O mais novo e ainda o mais forte.

Iam a larga distancia atraz d'elles, como ordenanças, um sargento e um cabo da companhia da guarda franca. Ordenanças e vigias.

A' porta, disséra Pombal ao monge, muito em segredo:

—Pensas que eu acredito na dôr de cabeça da Marqueza? Não acredito. Ficou a escrever e a chorar; ia jural-o. E' o seu desafogo.

«E' a ella a quem mais dóe este desterro e é por ella afinal que eu mais disfarço, sabe Deus com que esforço, este mar revolto de angustias que trago represado no peito.

—Pobre senhora! Acostumada a outro viver tão differente!

—E verás que isto não fica por aqui! Na côrte andam a inventar o meio de me condemnar, sem offender a memoria do rei que foi meu amigo.

«Dizem-m'o vagamente as cartas que tenho recebido de Jorge Gustavo. E que não o dissessem, previa-o eu. Não me esquecem. Este viver relativamente tranquillo é uma falsa trégua que me não illude.

«A onda negra ha de cá chegar.

—Mas D. Fr. Ignacio?...

—Ha de segural-a emquanto puder, mas passará afinal por cima d'elle.

«Na sua ultima carta, Jorge Gustavo promettia-me que viria cá para me dar informações verbaes importantes. Nas cartas não póde arriscar senão umas leves referencias. Só as injuriosas passam com assentimento da espionagem!

E iam passeando muito lentamente, parando a espaços para descançar.

Não davam para mais as pernas de Damião de Castro.

Tinham tomado para os lados do caminho de Lisboa.

Passavam os carros de bois chiando, e pelas terras mulheres e jornaleiros labutavam, entoando entristecidos cantares.

Os rebanhos de ovelhas desciam das encostas balando, e ao longe tilintavam as campainhas da récua de machos de um almocreve que vinha pelo caminho de Leiria.

O sol envolvia em fulgurações de oiro as pedras denegridas do velho castello.

—Manuel Bento! Que dizes a isto, meu velho? Um dia de rosas, como lhe chama essa gente, bem mais feliz do que eu.

«Errei o meu caminho, meu velho. Se me tenho feito lavrador, ninguem se importaria agora commigo, mas tambem ninguem me odiava e nem eu teria odio a ninguem.

E depois accrescentou, voltando-se para Damião de Castro:

—Quantas vezes os homens se não transformam no caminho fatal das circumstancias ou sob a acção das proprias responsabilidades?

«Levem d'aqui um d'aquelles pobres jornaleiros, que trabalham de sol a sol, cantando resignados, sem ambições, sem malquerenças, capazes de empallidecer de horror se virem assassinar um homem, capazes de se confranger de magua se vi-

(*) «O marquez de Pombal não se mostrava irritado com estes caprichos da fortuna, nem com estas variações da plebe. Pelo contrario, chamava elle mesmo as mulheres do povo para ouvir da sua bocca as cantigas injuriosas que se compunham contra elle. Os seus criados batiam nos rapazes, que iam junto da sua residencia fazer assuada e entoar os insultos rimados, que por todos os cantos brotavam.

«Mas o marquez de Pombal prohibiu-lhes expressamente que tornassem a praticar similhante cousa.»

(Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal*, vol. X, pag. 398 da edição popular illustrada.)

rem destroçar uma arribana; levem-no d'aqui, façam d'elle um soldado, arrastem-no á lucta dos homens, e na ambição de se tornar maior na ancia de triumphar, na febre do proprio dever, já não terá coração para o horror do sangue, nem lastimas para as ruinas da conquista.

«Cada força opposta a sua é um obstaculo a derribar e cada venta le que se lhe antepõe representa para elle uma hostilidade, que se elimina matando ou que se annulla vencendo.

«E nas luctas politicas, na lucta para governar os homens, ainda peor! Ainda peor! O cerebro vence o coração, o homem desapparece no partido, a familia apaga-se na communidade chamada nação.

«Para assegurar os interesses de um paiz ou para os ampliar, esmaga-se a liberdade e o direito dos que lhe não cedem o passo, e, para a vaidade das suas glorias ou para a consolidação do seu predominio, fazem-se as cidades montes de ruinas e os campos de batalha lagos de sangue! O lar de cada familia é uma parcella insignificante do destroço, o sangue de cada homem uma quantidade imperceptivel do sacrificio.

«E' a historia humana.

O Manuel Bento não percebeu bem, mas commoveu-se. Damião de Castro, esse comprehendia amargamente a esmagadora verdade d'aquellas affirmações e sentia n'ellas a allegação de defeza de um coração que as luctas politicas tinham feito cruel.

* * *

Ouviu-se tropel de cavallos. Em frente levantou-se uma nuvemzita de poeira.

Vinham em direcção á villa dois homens a cavallo. Um d'elles trajava uniforme militar.

A pequena distancia dos velhos passeantes soffrearam os cavallos e metteram a passo.

O Marquez tinha assestado para elles a sua famosa luneta.

—Sr. Marquez! — exclamou o official apeando-se.

—Oh! Coronel! Ainda bem que veiu. Já hoje tinha falado de si!

Era Jorge Gustavo.

—V. ex.ª bem?

—Menos mal, menos mal. Como vê, passeando com os meus velhos amigos e companheiros no desterro, entre os quaes sou eu o mais *moço*, quasi a porta dos oitenta!

Jorge Gustavo cumprimentou affectuosamente Damião de Castro e o Manuel Bento.

Entretanto, apeára-se o outro cavalleiro e fôra direito ao Marquez.

—Um criado de v. ex.ª

—Oh! o meu caro Ruy de Noronha!

«Bem haja pela visita. Mas que abençoada surpreza! Excellentes hospedes. Voltamos já para casa.

«Assim eu os podesse ter cá de todo!

—Talvez—respondeu o Coronel.

—O quê? Ficam?

—Agora não. Mas já tenho promettida a licença para me apartar do serviço e vir para aqui passar algum tempo. D. Fr. Ignacio assegurou-me que havia de alcançal-a da rainha.

—Quanto lhe devo. Jorge Gustavo!—disse Pombal, apertando-lhe a mão.

«Se não vierem outros infortunios, até hei de chegar a esquecer-me do que fui!

«Olhe o Manuel Bento! Até os olhos se lhe estão a rir. Mais amigos aqui. Tudo isto parece maior!

«Sua mulher, Jorge Gustavo? Os seus filhos?

—Os pequenos perfeitamente.

«Helena é que precisa de mudança d'ares. A morte da mãe deixou-a muito abatida.

—Era filha extremosissima.

E depois voltou-se para o estudante.

—E o noivado, sr. Ruy de Noronha?

—Para quando acabar o lucto.

—Que pena eu tenho de não ver essa linda festa, porque não pode deixar de ser linda.

—Creio bem que verá—disse Jorge Gustavo. Helena tem vontade que Julia receba a benção do nosso santo monge, que foi tambem quem a abençoou a ella. E como o sr. Damião de Castro não póde supportar os trabalhos da rude jornada para Lisboa, virêmos nós cá.

«Demais a mais, Ruy de Noronha teve na sua herança uma quinta, que fica a pequena distancia d'aqui e que só agora, mes-

mo de caminho, poude ver pela primeira vez.

—Mas tudo isso é de tamanha alegria para mim, que até receio não seja alguma cilada da minha má fortuna, para que as maguas me firam depois mais cruamente, desprecavido!

E muito para comsigo lhe occorreu a difficuldade de apresentar á Marqueza a mulher do Coronel. D. Leonor Ernestina bem sabia que Helena era filha bastarda do marido.

Emissario de ameaçadoras novas, Jorge Gustavo nem teve animo de dissipar os receios do Marquez.

—Mas vamos para casa, que eu estou com ancia de saber noticias de Lisboa.

Jorge Gustavo entregou ás ordenanças do Marquez o seu cavallo e o de Ruy de Noronha.

—Mais devagar, srs, moços e fortes— disse Pombal sorrindo. E' preciso contar com os velhos.

* * *

Era já noite adiantada. Jorge Gustavo, sósinho com o Marquez na pequena sala de escriptorio e livraria, estava-lhe dando conta das confidencias de D. Fr. Ignacio de S. Caetano e dos primeiros actos e provaveis planos do governo.

—As coisas vão mal, sr. Marquez! Suspenderam já grande parte dos trabalhos nos arsenaes, despediram os artifices, sem lhes pagarem, e, o que é peor, despediram tambem os que trabalhavam nas obras de reedificação da cidade! Uns pedem esmola ou esperam á portaria dos conventos um caldo pelo amor de Deus, outros andam de noite em quadrilhas a roubar pelas ruas da cidade. (*)

«Entretanto, no paço não se pensa senão em distribuir mercês e dar indemnisações aos fidalgos, em planear festas de egreja e em preparar a destruição do que v. ex.ª fez.

«Não quizeram gastar dinheiro com os artifices e jornaleiros, mas poderam dar vinte mil cruzados ao marquez de Valença, a titulo de indemnisação pelas rendas de varias commendas. (**)

«E creio que outras quantiosas mercês de dinheiro projectam conceder.

—E lá se vão os milhões do Erario no bôdo a esses illustres parasitas, que me chamam ladrão!

—O primeiro *grande acto* do governo será decretar o tratamento de *senhoria* para as açafatas do paço. E' o que em Lisboa se diz á bocca cheia. (*)

—Depois regular as honras militares aos bispos e mandar que as tropas rezem o Terço á noite.

—V. ex.ª já sabia?!

—Já! Mas não vale a pena perder tempo com estas insignificancias. O peor é que vae tudo de repellão para traz!

—Assim o suppõe D. Fr. Ignacio. E com tal violencia receia que vamos para traz, que absolutamente lhe seja impossivel evitar a completa derrocada do muito que v. ex.ª emprehendeu.

«O Nuncio governa como em sua casa, o tribunal da nunciatura está como em dominio seu, a *Mesa Censoria* vae ser sacrificada ás vaidades da Curia, para que só tenham curso os livros dos apaniguados de Roma, e a cupidez fidalga anda atraz da rainha pelas Novenas e Lausperennes e não falta ás Ladainhas no paço para ganhar direito a novas pitanças e a rendosas mercês. (**)

(*) «Por proposta de mr. d'Angeja. a côrte mandou suspender todas as obras publicas e do thesouro não sáe dinheiro seja para o que fôr, o que bastante desagrada ao povo e, se estas coisas continuarem, póde muito bem ser que elle se queixe em voz alta.

«Se o novo ministerio não tomar conta em si, fará lembrar com saudade o marquez de Pombal.» (Carta do abbade Garnier para mr. Simonin em 27 de maio de 1777. Traducção da copia do *Gabinete da abertura*.)

Em 17 de junho, outra carta da mesma procedencia dizia assim: «No ultimo sabbado despediram da Fundição (*arsenal de la fonderie*) 300 operarios, a quem deviam umas poucas de semanas e aos quaes não deram um obulo sequer, o que affligiu o povo e encherá a cidade de ladrões.»

(**) Alvará de 12 de maio de 1777.

(*) O tratamento de *senhoria* foi concedido ás açafatas da real camara por alvará de 17 de maio de 1777.

(**) «As commendas e os bens da corôa, de que no reinado antecedente fôra tão parcimoniosa a munificencia, eram agora distribuidos por um governo perdulario e maniroto.

.....

«O presidente do real erario, em quanto pro-

—Vem isto a dar n'um paiz de mariolas e de beneaventurados! Voltamos então ao reinado do beaterio voraz?!

—Os jesuitas que estavam nas Torres já foram soltos e vão ter pensão, e a toda a hora se espera em Lisboa o regresso dos muitos que estão fora do reino.

«Querem restituir ao calendario os nomes dos jesuitas, que eram considerados santos e de lá tinham sido tirados.

—N'isso, ao menos, são logicos. Acaba o desterro para todos elles; até para os do calendario! Não era justo que voltassem os vivos á côrte de Lisboa e não voltassem os mortos a côrte do Ceu.

—Fala-se muito na rehabilitação dos Tavoras.

—Ahi está o que menos me importa. Isso é lá com a consciencia da rainha e com a sua piedade pela memoria do pae.

—Os meninos de Palhavã vão regressar do seu desterro do Bussaco e D. Miguel da Annunciação saiu já do forte das Mayas.

—Bem sei, o audacioso bispo de Coimbra, que era caudilho da seita dos *jacobeus* e ousou excommungar os livros que a *Mesa Censoria* tinha approvado. Já tinha sido perdoado em nome de el-rei, que Deus haja.

«Não falta ninguem para a demolição do que eu fiz! Na marcha de retirada, o toque de reunir não é feito pelas trombetas de guerra, mas pelas campainhas dos sacristas!

«Portugal deserta da civilisação a cantarolar ladainhas!

—Mas por outro lado persegnem o mais sabio e um dos mais virtuosos dos nossos prelados!

—D. Fr. Manuel do Cenaculo, o sabio bispo de Beja, o grande preceptor que eu escolhi para o principe D. José, o benemerito coadjutor que eu tive na reforma dos estudos!

«Era de esperar. Não é um hypocrita, não é um fanatico, foi meu amigo; querem-lhe mal, persegnem-no. Estão no seu papel.

«E não tardará D. Francisco de Lemos, o preclaro bispo e notavel reitor da Universidade. Foi um dos meus grandes auxiliares, é tambem meu amigo, hão de querer-lhe mal.

«E do conflicto com a Hespanha, o que se diz por Lisboa?

—Que vae ficar tudo em bôa paz.

—Percebo. Cedem de cá. E' o mais simples, para evitar canceiras e perigos. E ficam os setenta e oito milhões para *outras urgencias*.

«E o marquez de Angeja é afinal o primeiro ministro?

—Assim o ouvi a D. Fr. Ignacio.

—E verá que ha de receber os vinte e quatro mil cruzados de presidente do real Erario, que eu não quiz receber nunca... Mas afinal o interesseiro era eu!

«Accumulei muitos cargos, porém só recebia os meus honorarios de secretario de Estado e quatrocentos mil réis annuaes da casa de Bragança.

«Mas, segundo elles, não passei de um ganancioso e de um ladrão!... Adiante.

«O sevandija do Cardeal da Cunha ha de estar furioso por não lhe darem primacial categoria entre os secretarios de estado.

—Ouvi dizer que a rainha lhe conserva as honras de ministro assistente ao despacho, por causa do rei consorte, a quem o Cardeal preston grandes serviços secretos...

—Denunciando os segredos de estado e levantando torpissimas calumnias aos collegas.

—Mas tambem me disseram que a rainha o havia dispensado de ir todos os dias ao paço e lhe disséra claramente que o mandaria chamar quando d'elle carecesse.

—Afastou-o de si!—exclamou Pombal com immenso jubilo. E' pouco, mas arredou do paço a mais vil serpente que ainda gerou a ingratidão humana!

---

movia os donativos e mercês em beneficio do clero e da nobreza, julgava resgatar-se da nota de prodigalidade, taxando avarentamente as despezas uteis ou necessarias.

.....

«Chegavam muitos a recear que um dia não muito remoto, posta em parallelo a gigante estatura de Pombal com os vultos quasi obscuros dos seus temerarios successores, ainda viesse a honrar-se por bemfeitor, o que havia pouco se exprobrava por tyranno.»

(Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 281 e 282.)

«Soube se José de Seabra já chegou do seu degredo de Angola?

—Não ouvi falar d'elle.

—Oxalá que fosse a tempo a ordem que Martinho de Mello expediu a instancias minhas e em nome da rainha regente.

«Quiz reparar assim uma injustiça d'elrei, que Deus haja. José de Seabra foi uma victima das perversas intrigas do cardeal da Cunha. (*)

«E' verdade, Coronel, assistiu ao *eclipse* da minha effigie?

—O quê? V. ex.ª já sabe?

—Trazem-me ao corrente de tudo os meus *generosos* inimigos! Mandaram á Marqueza uma carta anonyma contando-lhe o caso.

—Foi arrancada de noite.

—Em virtude de decreto real e com o pretexto de evitar os desacatos ao monumento, ou, como quem diz, as pedradas da canalha comprada!

—Bartholomeu da Costa foi procurar-me para me falar confidencialmente n'esse desacato, porque o foi. Deram-lhe ordem a elle, ordem terminante, para mandar arrancar o busto de v. ex.ª e substituil-o por outro medalhão com as armas de Lisboa, e deram-lh'a com a obrigação expressa de assistir á brutal vindicta e dirigil-a.

—De proposito o fizeram. Escolheram para essa exauctoração o proprio que tinha dirigido a fundição do busto!

—Mas se v. ex.ª visse a magua com que Bartholomeu da Costa me contou as repugnancias e o duro tormento do seu coração n'aquella noite!

«Tinha orgulho d'aquella obra—disse-me com os olhos rasos de lagrimas — e agora tenho mêdo que a historia venha a saber quem foi o executor d'aquella torpe iniquidade! Afoguei-me de vergonha quando vi arreado o busto do maior ministro que ainda teve este paiz!

«E, muito commovido, Bartholomeu da Costa disse-me ainda, com os recatos de uma confidencia, que só v. ex.ª e eu deveriamos saber:

«Sei que é amigo do sr. marquez de Pombal; pois, quando lhe falar, diga-lhe que não me recordo de ter sentido outro pesar maior na minha vida. Diga-lh'o, para que elle me perdõe o duro dever cumprido.

«Appareceram uns maltrapilhos, excitados por um frade; quizeram levar o medalhão para o arrastar pelas ruas, para o destruir como prêsa sua, mas a isso me oppuz, defendendo-o como se defendesse a minha propria honra, e com alguns homens de confiança o levei recatadamente para o arsenal.

«Occultei-o no vão de uma parede; hão de suppôr que foi desencaminhado ou destruido; mas alguem ficará que saiba descobril-o, quando chegar a hora serena da justiça ou a hora formidavel do desaggravo. (*)

—Talvez não chegue nunca!—disse o Marquez levantando-se opprimido.

Davam 11 horas no grande relogio da sala contigua.

—E' tarde, Jorge Gustavo! Precisa de repousar das fadigas da jornada. Até ámanhã.

Despediram-se. Pombal ficou a passear na modesta casa que lhe servia de escriptorio e livraria.

—E depois de tudo isto, quem sabe o mais que ha de vir? Quem sabe?

* * *

No dia seguinte, Jorge Gustavo recebeu uma carta confidencial de D. Fr. Ignacio, que lhe foi trazida com todo o recato

(*) José de Seabra escreveu mais tarde, pelo seu proprio punho, esta declaração preciosa a respeito de D. João Cosme da Cunha: *Para se segurar o Cardeal a si, machinou a minha viagem de Angola.*

(Vidé *Elogio historico de José de Seabra da Silva*, pelo marquez de Rezende, nota de pagina 35.)

(*) Referindo-se á triste commissão imposta a Bartholomeu da Costa, escreveu John Smith:

«Comtudo, este homem, depois de arrancal-a (a effigie), não se entregou ao vandalismo da destruição; porém, temendo as consequencias que podiam resultar, se se descobrisse que não cumprira á risca as ordens que recebêra, concebeu e executou o plano de, auxiliado por um sobrinho e por um creado de confiança, transportal-a secretamente para o arsenal, onde, fazendo uma excavação n'uma parede, ahi a metteu, cobrindo outra vez com cal a mesma excavação.»

(*Memorias do Marquez de Pombal*, pag. 229 da traducção portugueza.)

por um criado particular d'aquelle prelado.

Dizia-lhe, entre outras cousas, o confessor da rainha:

«Prepare o animo do Marquez para novos dissabores. A acclamação da rainha, até agora addiada por causa dos seus padecimentos, realisar-se-ha nos principios do proximo mez de maio e desconfio que para essa occasião se está preparando um motim, em que a populaça reclame da soberana a condemnação á morte do grande ministro de D. José.

«A gente da côrte e os parciaes dos jesuitas tramam alguma cousa grave contra o Marquez.

«Consta-me que lhe querem mover um processo particular de grande escandalo, em que se envolvam as suas responsabilidades de ministro, separando-as, tanto quanto possivel, dos actos soberanos do fallecido rei.

«Será conveniente que se não demore ahi.

«Queira queimar esta carta. Pode confiar absolutamente na pessoa que lh'a leva.

Sem lhe revelar o conteúdo d'esta carta, Jorge Gustavo foi preparando o animo do Marquez para alguma cilada dos seus inimigos.

—Conto com o peor, Jorge Gustavo. Não pode durar muito esta relativa tranquillidade. Cá fico esperando a onda e de pé, emquanto a minha velhice m'o consentir.

Ao outro dia Jorge Gustavo e Ruy de Noronha partiram para Lisboa.

—Voltem depressa—pediu-lhes o Marquez á despedida.

E depois já á porta, quando a Marqueza o não podia ver, segredou a Jorge Gustavo:

—Venham todos. Traga os seus filhos. Estou morto por ver essa encantadora noiva, mas depressa, antes que cheguem outros infortunios maiores.

«Gostava de os ter perto de mim, em quanto o coração se me não afoga em fel e os odios me não dão o derradeiro assalto.

«Adeus. Voltem depressa.

E ficou de olhos fitos no caminho por onde os viajantes mettiam a trote.

VIII

O BARÃO DE CORMATIN

A familia de Jorge Gustavo viéra para a quinta de Ruy de Noronha, nas immediações de Pombal.

Nem os filhos nem a esposa do Coronel iam a casa do Marquez. Mas de manhã cedo, n'aquellas encantadoras manhãs de maio, ou quando o sol começava a sumir-se detraz das montanhas, lá ia o glorioso desterrado em ar de passeio, lentamente, com os seus dois velhos amigos, caminho fóra, na esperança de encontrar a familia do Coronel.

E tão bem se combinavam as coisas, que era certo encontrarem-n'a os velhos!

Sentia o Marquez um immenso consolo d'alma n'aquellas entrevistas, disfarçadamente aprazadas.

Helena era como a rejuvenescida imagem de Joanna Richter; Julia, a celeste visão de Leonor de Riba d'Anta. O sonho dulcissimo da sua mocidade a reviver n'aquellas duas mulheres de excepcionaes encantos!

Bemdicta esmola de luz aquelle sonho feito de suavissimas saudades. Trégua bemdicta na alma entenebrecida d'aquelle gigante caído, Prometheu acorrentado á sua propria grandeza historica, o peito já sob a garra enorme, sangrenta, dos abutres negros do odio e da calumnia.

Sentia a consoladora ancia d'estes affectos, d'estes minutos de enleio indefinivel, como de galã enamorado, o coração d'aquelle velho luctador, vencido traiçoeiramente n'um conluio de pygmeus.

Tinha soffreguidão d'amor, d'aquelle sereno e casto amor, quem tanto vivêra na rude batalha dos odios e das ambições politicas.

E depois, quem sabia lá o que viria a ser o dia de ámanhã?

Tinha pressa d'aquelle antecipado lenitivo, era avarento d'aquelle idyllio de avô e de pae, que se recatava em disfarces, como de requestador clandestino.

Tantas eram as ameaçadoras previsões e taes seriam as receadas angustias, que toda a luz lhe parecia escassa para lhe avigorar a alma.

Como que estava a enthesourar avidamente affectos, que fossem depois a sua abençoada força para se resignar e para morrer.

Fôra-lhe o coração phenomenalmente immenso para tantos odios que ensanguentaram a historia, e para tamanha ambição que o tornou inexcedido. Era preciso enchel-o agora de amoraveis saudades e de carinhosas auroras.

Não lhe bastavam nem a enternecida dedicação da esposa, nem a piedosa solicitude dos filhos legitimos, nem a santa abnegação dos raros amigos. Carecia tambem d'aquelle sonho vivo da longinqua mocidade, visão feita de belleza e de meiguice na figura d'aquellas duas mulheres, no seu olhar cheio de carinho e na sua voz cheia de musica.

E mais attrahente ainda e mais dominadora aquella visão pelo mysterio e pelos recatos com que era preciso velal-a.

No olhar de Helena lia o velho Marquez quanto havia de sublime poesia e de inexcedido amor n'uma alma angelica de mulher e de filha extremosissima.

Mas Julia não conhecia ainda o passado mysterioso da avó e olhava o decrepito Marquez apenas como um grande e glorioso amigo de seu pae. Embora. Pombal

sentia um encanto irresistivel em vel-a turbada, falando-lhe com uma grande timidez cerimoniosa, dizendo-lhe umas ingenuas cousas adoraveis, nos gorgeios da sua voz.

* * *

Tudo viéra preparado de Lisboa para o casamento da filha mais velha do coronel com Ruy de Noronha.

Mas era preciso esperar que acabasse o luto pela avó; longa demora ainda.

Por um requinte de honesta delicadeza, e para evitar alguma grosseira suspeição, Ruy de Noronha não quizéra ficar na quinta que cedêra ao Coronel, e fôra morar para uma hospedaria da villa.

Offereceu-se ao Marquez para ir a Lisboa uma ou outra vez, quando fosse necessario falar com D. Fr. Ignacio de S. Caetano.

Era já em julho. A manhã estava encantadora. O sol erguia-se envolto em triumphaes esplendores, e os rouxinoes gorgeavam canticos, recatados nas arvores a beira do riosito da villa, o pobre Arunca, quasi reduzido a um fio d'agua.

Os *velhos* tinham parado ao pé de uma grande arvore, envolvida em heras.

—Manuel Bento—disse o Marquez sorrindo—esta arvore é cá da nossa roda. Olha que não será mais idosa.

—Do que eu, certamente que não—acudio o velhinho Damião de Castro, sentando-se n'um banco de pedra. Tem sobre mim a vantagem de não precisar de assentar-se.

—E sobre o sr. Manuel Bento—disse o Marquez sorrindo. Então, não faça cerimonia; bem se percebe logo que lhe estão fugindo os olhos para o banco. Queira assentar-se o meu mordomo honorario, o meu mordomo-mór.

—Estando v. ex.ª de pé...

—Eu não preciso, sr. Manuel Bento. Sou o mais *moço*.

E n'aquelle tom jovial accrescentou para Damião de Castro:

—Sorrís! Aos cincoenta e quatro annos, rijo ainda como um rapaz, eu proprio gostava de me chamar velho. Era o malicioso artificio com que a minha robustez se pavoneava.

«Depois, quando comecei a ser velho a valer, é que eu já não gostava que os outros m'o chamassem, principalmente os meus inimigos. Uma vez trouxeram-me do *Gabinete da abertura* a copia de certa carta de um jesuita de Roma para o Nuncio. Quatro ou cinco vezes o maroto se referia a mim chamando-me *il vecchio marchese di Pombal*.

«Azuei, talvez pela insistencia do jesuita e por ser d'elle, mas confesso que azuei.

«Fraquezas humanas... E a proposito de fraquezas, vou-me tambem assentando.

—Que extraordinaria coragem a tua para encobrir as maguas, Sebastião de Carvalho!

—Dei muitos annos ao officio da diplomacia e da politica. Não admira. E agora é necessidade para me illudir, ou antes para illudir as pessoas a quem muito quero.

«Em quanto é possivel fingir illusões... Bem bastará depois. Isto é uma falsa trégua que eu vou aproveitando avidamente.

«Dizem que os marinheiros inglezes costumam embriagar-se quando julgam o navio irremediavelmente perdido.

«Faço como elles, Damião de Castro. Ando a embriagar-me n'estas doces consolações, que não podem durar muito, porque o navio naufragou e não tardará que vá a pique.

Ouviu-se um gatrejar vibrante de vozes infantís.

—Ahi veem os pequenitos de Jorge Gustavo—disse Pombal com o olhar illuminado de jubilo.

«E' verdade, vamos lá a ouvir a opinião do sr. Manuel Bento—accrescentou gracejando, e sempre em tom de gracejo o tratava cerimoniosamente.

«Com quem se parece a filha mais velha do Coronel? Veja lá se se lembra.

—Isso lembro, sr. Marquez, e até já tenho ficado com os olhos pregados n'ella e a julgar que a gente terá desandado uns cincoenta annos p'ra traz!

—Mas não esteja com rodeios. Responda claramente.

—Dá muitos ares da sr.ª D. Leonor de Riba d'Anta, que Deus tenha entre os anjos do ceu.

—Com a filha da Condessa! — exclamou Damião de Castro.

—Sim—affirmou Pombal commovidamente.

«Extraordinaria semelhança! Puro acaso, é claro, mas nenhum esculptor, nenhum privilegiado retratista saberia reproduzir assim a imagem de Leonor!

«Só muito ao pé e demoradamente observada se descobrem umas pequenas differenças.

«E' um pouco mais carregado o louro dos cabellos da filha do Coronel, o olhar mais vivo...

—Tal semelhança não podia eu notar—disse lentamente o monge—pois só conheci Leonor ainda pequenina.

Na volta do caminho appareceram os rapazitos do Coronel. O mais crescido dos que tinham vindo para Pombal, pois que o mais velho de todos estava no Collegio dos Nobres, corria á desfilada montado n'uma canna em guisa de cavallo, o immediato galopava um pouco atraz, levantando uma poeirada enorme com a cauda do seu ginete verde de grandes folhas, e a choramigar, por não os poder seguir, o outro mais pequeno, de espingarda ao hombro, figurada por uma velha roca, e a mão esquerda nos olhos a enxugar lagrimas de marcial despeito.

—Eu cá sou dos dragões—gritava o mais velho mettendo mais á desfilada para arreliar o pequeno soldado a pé.

—E o meu cavallo é maior—bradou o outro cavalleiro a simular os pinotes de um fogoso corcel.

—Tamem eu *quèo tê* cavallo!—gritou o granadeirosito transformando a espingarda em ginete.

E foi aquelle certamente o primeiro ensaio da *infanteria montada*, tão encarecida por alguns escriptores militares do nosso tempo.

O pequenito queria tambem galopar, quando a irmã mais velha, apartando-se da mãe e das outras duas irmanzitas, veiu a correr para elle:

—Jorge! Olha que podes cair. Vem cá.

Julia conseguio segurar o irmãosito lacrimoso e muito imperricado por aquella partida dos irmãos.

O Marquez foi ao encontro de Julia, falou-lhe com requintado affecto e amimou o pequenito, que logo deixou de chorar e ficou com os olhos pasmados para aquelle velho muito grande, que lhe fazia mêdo.

E tal mêdo que, assim que poude, fugiu da irmã e foi a correr para traz em busca da mãe.

—Noiva cada vez mais linda, a causar inveja ás flores, suas irmãs!—dizia o Marquez a Julia.

E ella a desculpar-se muito timida e muito ingenuamente envergonhada.

—Ruy veiu tambem?—perguntou o Marquez para mudar de conversa.

—Não veiu, sr. Marquez. Ainda hoje não foi á quinta.

Pouco depois juntavam-se todos e apparecia dos lados da villa Ruy de Noronha trazendo pela mão os dois rapazitos, que vinham agora de *cavallo ao hombro*.

—Aqui me teem com estes prisioneiros de guerra—disse Noronha gracejando.

E logo se dirigiu ao Marquez e a Damião de Castro, a quem cumprimentou respeitosamente.

Falou ás senhoras e ao Coronel com affectuosa familiaridade e acariciou as creanças.

—Sr. Marquez! Temos uma grande novidade em Pombal. E para v. ex.ª especialmente.

—Para mim?!

—Para v. ex.ª Chegou á hospedaria hontem á noite um viajante francez, que vem expressamente para falar a v. ex.ª

—Já sei: Mauricio de Champigny.

—Outro, sr. Marquez. Soube hontem mesmo que tinha chegado um estrangeiro e em mau hespanhol pedira indicações a respeito de v. ex.ª

«Ha meia hora o encontrei já a pé. Vendo que tinha difficuldade em se fazer comprehender, falei-lhe, e então me disse que é francez. Apresentou-se com o titulo de barão de Cormatin.

—Barão de Cormatin! Não conheço. Nem sequer me lembro de ouvir falar d'esse titulo.

—Disse-me que vem de Lisboa onde assistiu ás festas da acclamação. Tem já visto algumas terras do reino, e affiançou-me que vem aqui de proposito para conhecer pessoalmente a v. ex.ª, de quem é admirador.

«Tenciona escrever a v. ex.ª ainda esta manhã, pedindo a mercê de lhe in-

dicar a hora a que poderá ter a honra de lhe apresentar as suas cartas de recommendação.

—Pois bem vindo seja ao meu desterro esse barão, de quem eu nunca ouvi falar.

—Conversei com elle apenas alguns minutos. Pareceu me homem conhecedor do mundo, de larga illustração, mas um pouco incoherente em suas opiniões e ja muito desnorteado por erroneos ou mal comprehendidos esclarecimentos.

—E' sêstro da nossa terra ou dos viajantes que por cá apparecem! Ou recebem ingenuamente quantas fálsas e incompletas informações lhes dá a má fé ou a ignorancia dos nossos, ou elles proprios alteraram o que viram e contam erradamente o que não souberam comprehender.

«Faço idêa do que lhe terão dito contra mim em Lisboa!

—Se muito lhe disseram contra v. ex.ª parece que taes dizeres o não impressionaram, pois vem aqui trazido pela fama dos actos de v. ex.ª, que ouviu encarecer no estrangeiro.

«Deu-me a entender que está na idêa de escrever um livro acerca da sua viagem em Portugal. Escreve-o elle proprio ou faculta a outrem os apontamentos que de cá levar.

—Pois terei muito gosto em o ouvir a

A filha do Coronel

respeito da nossa terra, e oxalá que saiba escrever um livro, principalmente verdadeiro e justo. (*)

Pelas nove horas da manhã d'aquelle mesmo dia, o Marquez recebia por um creado da hospedaria uma carta em que o Barão lhe solicitava a honra de uma audiencia, na qual lhe fosse dado apresentar as suas cartas de recommendação. (*)

(*) Em 1798 a casa editora Arthus Bertrand de Paris publicava uma obra em dois pequenos tomos com este titulo:

Voyage du ci-devant Duc du Châtelet en Portugal, où se trouvent des détails interessants sur ce Royaume, ses habitants, ses colonies, etc.

E' uma obra curiosa de observação pessoal, nem sempre lucida e justa, e de indicações historicas, politicas e economicas, não raras vezes maculadas de erros. Ainda assim, das menos erroneas, das menos hostis e das menos extravagantes que os viajantes estrangeiros, incluindo os do nosso tempo, teem escripto a respeito de Portugal.

Fizeram-se outras edições d'esta obra; a que temos presente (1798) vem illustrada com uma estampa da Torre de Belem e com um mappa de Portugal.

Não nos foi possivel encontrar esta obra nem na Bibliotheca Nacional de Lisboa nem na bibliotheca da Academia Real das Sciencias. Conheciamol-a um pouco das citações de Latino Coelho, de uns trechos traduzidos por Bernardes Branco e de umas referencias do illustre professor e academico sr. dr. Theophilo Braga no tomo III da sua vasta obra benemerente, intitulada—*Historia da Universidade de Coimbra*.

Alcançámos ler a obra do *ci-devant duc du Châtelet*, graças á obsequiadora amabilidade do sr. Martinho da Fonseca, fervoroso e esclarecido bibliophilo, que, por emprestimo, nol-a obteve do sr. conselheiro Adolpho Loureiro.

Tem uma historia curiosa este livro publicado como obra do duque de Châtelet.

Pierre Marie Felicité, barão de Cormatin-Desoteux, homem de lettras, viajante e official, teve uma existencia agitada e aventurosa, principalmente depois das suas viagens em Inglaterra e Portugal.

Militou na America, depois seguiu a Revolução, e não faltou quem dissesse que havia ido contra Versalles em 5 de outubro de 1789, á frente do mulherio revolucionario.

Bandeou-se mais tarde com os realistas e emigrou para Inglaterra. Voltou á França para se alistar entre os realistas da Vendêa e foi afinal condemnado a deportação, por ter violado o tratado de Mabilais.

Antes da Revolução, 1788, publicou anonyma uma obra que levantou em volta de si grande ruido politico e ardentes discussões. Appareceu como impressa em Amsterdam, e intitula-se: *L'Administration de Sébastien Joseph de Carvalho et Mello, comte de Oeyras et marquis de Pombal.*

E' uma apologia do governo do grande estadista portuguez. Foi evidentemente escripta em presença de apontamentos colhidos em Portugal ou de cá enviados. Saiu em 4 volumes in-8.º

Só dez annos depois se publicou a *Voyage en Portugal du ci-devant duc du Châtelet*, revista e augmentada por J. P. Bourgoing.

O barão de Cormatin vivia ainda, pois que só falleceu em 1812, mas estava, provavelmente, deportado ou na emigração, quando este livro foi impresso.

Na *Nouvelle Biographie Universelle*, dirigida pelo dr. Hoeffer e publicada por Fermin Didot, encontra-se esta noticia explicativa do apparecimento da obra:

«O manuscripto foi encontrado por Bourgoing na bibliotheca do duque du Châtelet, mas é realmente de Cormatin».

Não sabemos nós como o manuscripto fôra parar á bibliotheca do Duque durante as terriveis perturbações do periodo revolucionario, mas, na ausencia de qualquer outro esclarecimento, poderemos admittir estas duas hypotheses: ou que Bourgoing attribuisse o manuscripto a um duque de Châtelet, por não lhe conhecer o verdadeiro auctor, ou que o Barão tivesse feito d'aquelle titulo um pseudonymo, como suppõe o sr. dr. Theophilo Braga.

Antes da epoca do marquez de Pombal fôra embaixador da França em Lisboa o conde Dupuis, mais tarde duque du Châtelet.

E' possivel que d'elle tivessem ficado apontamentos ácerca de Portugal, principalmente na parte historica, e que Bourgoing os juntasse no livro ao manuscripto anonymo do Barão, encontrado na livraria do palacio dos Châletet, talvez ao desamparo, como tantos palacios de foragidos fidalgos.

(*) No tomo I das *Voyage* e na grande nota de pag. 140 a 147 (edição de 1798) diz o viajante francez:

«Em uma das minhas digressões em Portugal com o fim de visitar o interior d'este reino, fui ver o Marquez de Pombal. Era-lhe particularmente recommendado e por este motivo me recebeu com todas as attenções possiveis. Conhecia este ministro pela fama e era inexprimivel o meu desejo de o conhecer pessoalmente.

«Cheguei, pois, á villa do seu nome, e da minha hospedaria lhe escrevi a fim de saber a

O Marquez respondeu logo accedendo ao pedido em requintes de amabilidade, e pelas 10 horas da manhã o viajante francez era primorosamente recebido pelo famoso desterrado. (*)

Depois da apresentação das cartas de recommendação, que eram valiosas, e de uma breve conversa de pura etiqueta, Pombal abriu ensejo a uma certa familiaridade e levou o seu hospede para a casa de escriptorio e livraria.

—Veiu directamente de Paris?

—Vim directamente de Inglaterra. Estive em Londres e embarquei em Falmouth a 8 de maio; ha, portanto, mais de dois mezes.

—Mas tem estado sempre em Lisboa desde o seu desembarque?

—Já tenho visitado outras terras do reino.

—Gosta do paiz?

—Muito. Tem um clima puro e suave e algumas povoações verdadeiramente encantadoras! Fiquei deslumbrado quando entrei a barra de Lisboa! Nada mais bello nem de maior magestade do que o aspecto d'aquelle porto e da magnifica cidade no seu amplo amphitheatro! (**)

«São amplas e bellas as ruas da cidade baixa.

«Attestam eloquentemente quanto valeu a extraordinaria iniciativa de v. ex.ª e a sua inquebrantavel energia.

O Marquez ficou muito agradavelmente lisonjeado e o Barão absteve-se de dizer a respeito da capital tudo o que depois appareceu no livro da viagem.

Com sobeja razão achou pesado o estylo architectonico das reedificações da cidade, mas, na conversa com o Marquez, nem de leve deixou perceber esta opinião.

—Sei que tem viajado muito.

—Muito. Desde muito novo.

—E não quiz deixar de ver a terra portugueza.

«Tenciona escrever e publicar as suas observações ácerca d'esta viagem?

—Tenciono; e de tudo o que vejo vou tomando apontamentos. E' minha idéa tratar dos aspectos do paiz, dos seus recursos, da sua politica, dos seus habitantes, das suas industrias e das suas colonias. Resumirei tambem a grande historia d'esta raça de cruzados e de navegadores.

«Interessa-me pelas suas glorias antigas este pequeno estado de dois a tres milhões d'almas, se tanto... Em Lisboa disseram-me que a população do reino seria de 2.225:000 de almas e de pouco mais de tres milhões com as colonias.

—E com pouco mais de metade d'essa população foi uma das maiores potencias dos mares, e a maior nos descobrimentos da terra!

«Uma grande raça que deixaram ahas tardar. O Oriente corrompeu-a; a Companhia de Jesus quebrou-lhe as energias!

—V. ex.ª é bem d'essa raça antiga e empenhou assombrosos esforços para abrir novos destinos ao seu paiz!

«Agora, pelo que vi, sr. Marquez, receio bem que Portugal volte a essa apathia de que v. ex.ª o arrancára e torne a ficar sob a tutela dos padres, sem um homem de bastante coragem que o possa salvar! (*)

—Longe vá o agoiro de v. ex.ª—respondeu Pombal com artificiosa modestia.

«Mas o que eu admiro e não sei explicar a mim mesmo é o facto de v. ex.ª se afastar das grandes povoações, para vir dar a esta pobre villa montezinha!

—Visito sempre as regiões interiores dos estados onde viajo e não me limito as grandes cidades e aos portos de mar. Agora, porém, da-se outro motivo especial que justifica a minha vinda aqui. Desejava conhecer quem tão altos beneficios fez ao seu paiz. (**)

Pombal agradeceu com um breve cumprimento e foi dizendo comsigo amargamente:

—E são os de fóra que o dizem!—E logo perguntou ao Barão:

---

hora em que lhe podia entregar as cartas que trazia para elle.

«Ali me dirigi pelas 10 horas da manhã e fui introduzido na habitação d'aquelle grande homem.»

(*) «As maneiras do Marquez de Pombal são agradaveis e em extremo attenciosas.» (*Voyage*, etc. Nota já citada).

(**) *Voyage*, etc., pag. 2 e 3 do tomo I.

(*) *Voyage*, pag. 139.

(**) Ibidem etc. Nota de pag. 140 a 147 do tomo I.

«Em Lisboa demorou-se muio tempo? (*).

—Mais de um mez. Cheguei na vespera da acclamação da rainha. (**)

—Ah! v. ex.ª assistiu aos festejos!... Ouvi que foram sumptuosos.

—Magnificentes, mas um pouco ensombrados de tristezas e de inquietações. A propria rainha me pareceu dominada por inexplicavel melancholia.

—Estou completamente apartado de todas essas coisas, mas ainda me interessa ouvir falar d'ellas.

—Logo no dia em que desembarquei me prenderam a attenção as danças e folguedos nas ruas.

«Causaram-me estranheza as danças do povo ao som da viola e da guitarra, a dois e dois, em requebros lascivos.

E quasi esteve para dizer que *faziam córar de pudôr*, mas absteve-se de arriscar aquella escandalosa pêta, e reservou-a para o livro da viagem, onde se póde lêr na pagina 4 do tomo I.

A' dança impudica deu o nome de *foffa* aquelle casto viajante, que veiu para cá certamente saciado das mundanidades de Paris!

—As minhas cartas para a embaixada de França deram-me um logar na côrte, permittindo-me que assistisse ás mais opulentas festas da acclamação.

«Eram brilhantes as construcções provisorias que se fizeram na Praça do Commercio. Soberbas douraduras na galeria e no balcão monumental d'onde a rainha se mostrou ao povo; esplendorosa a sala do throno! Admiravel o aspecto do rio! Excellente a apparencia dos regimentos da côrte com os seus uniformes novos.

«E' ainda formosa a rainha! Toucava-lhe os cabellos uma corôa imperial de fulgidissimas pedras; brilhava-lhe no peito a cruz da ordem de Christo, crawejada de brilhantes, e pendia-lhe dos hombros um manto de volante carmezim tecido com fio de prata e recamado de rendas e castellos de oiro!

«Dir-se-hia a soberana de um grande imperio!

As calorosas palavras do Barão estavam produzindo no Marquez uma estranha e inexplicavel impressão, talvez de saudade pelo seu poder extincto e quem sabia se tambem de amargo despeito?

—E eu aqui no desterro só lembrado pela calumnia, e lá, como triumphadores, os meus inimigos!—dizia comsigo o caído dictador.

—Illuminações refulgentes, folgares ruidosos, mas por cima de tudo isto a sombra de uma enorme inquietação.

«Os trabalhos publicos suspensos, operarios sem pão, tanta coisa a revelar a falta d'um ministro cuja actividade tudo sabia reanimar. (*)

«No baile da colonia ingleza, que foi sumptuosissimo, nós os estrangeiros não esquecemos o nome do grande homem que faltava n'aquella festa, em honra de uma corôa que elle engrandecêra e cercára de esplendores.

«Era o nome de v. ex.ª, sr. Marquez.

—Honra e generosidade insigne, mas peço licença para observar a v. ex.ª que tambem por alguns compatriotas meus fui muito lembrado, mas para o odio e para a vingança.

—Então já v. ex.ª sabe o que planeavam no dia da acclamação?!

—Muito vagamente, por noticias particulares.

—Foi um repugnante projecto dos inimigos de v. ex.ª, mas logo á nascença abortou.

«Muita gente ordinaria estava comprada para a hedionda manifestação, que devia de effectuar-se logo que a rainha apparecesse e fosse acclamada. Foi o que ouvi referir e toda a gente dizia.

«Contou-me Jacome Ratton que entre a multidão muito se falava de v. ex.ª

—Queriam pedir á rainha que me mandasse justiçar. Hove um *generoso* anonymo que solicitamente me preveniu d'essa *gloriosa* manifestação!

(*) «Fez-me mil perguntas; aparentou ignorar completamente o que se passava na Europa. Pediu-me que o informasse dos acontecimentos e até me fez perguntas relativas a Portugal e ao estado em que estava Lisboa.») *Voyage* etc., nota acima citada.)

(**) A acclamação fôra a 13 de maio de 1777.

(*) *Voyage*, etc., tomo I, pag. 140.

—Ah! mas ainda póde muito o seu grande nome, sr. Marquez!

«Os assalariados ainda ousaram gritar contra o nome de v. ex.ª, mas o verdadeiro povo, que já o lembra para lhe fazer justiça, não se deixou arrastar pelos manifestantes; as acclamações á rainha abafaram os brados da plebe alugada e um official de cavallaria com uma patrulha bastou a pôl-a em debandada. (*)

Proseguiu ainda a conversa ácerca de varios acontecimentos da Europa, da rapida reedificação de Lisboa e do projectado palacio da Ajuda, obra vasta e magnificente, para substituir o paço barracão, que fôra construido depois do terramoto e que Cormatin com sobeja rasão considerava mesquinho. (**)

A proposito se falou de el-rei D. José e tão commovidamente o relembrou Pombal, que, segundo o proprio testemunho escripto do Barão, as lagrimas saltaram dos olhos ao glorioso velho.

* * *

Dava meio dia.

—Oh! mas por quem é, perdõe-me v. ex.ª, sr. Marquez, este tamanho abuso da sua benevolencia!—disse o barão de Cormatin levantando-se.

—Não, v. ex.ª hade conceder-me a honra de ser meu hospede.

—Mil agradecimentos, sr. Marquez, mas na hospedaria contam commigo.

—Isso pouco importa. Manda se-lhe aviso de que v. ex.ª janta e ceia hoje n'esta sua casa, e assim, pelo menos, oito dias, amanho prazer me dá ouvil-o.

«A hospedagem é que é mesquinha para quem tem vivido nas grandes cidades.(***)

—Oh! sr. Marquez, a distincção que v. ex.ª me concede vale para mim immensamente mais que a hospedagem de um principe em qualquer magnificente palacio das grandes capitaes.

—Extremados favores de v. ex.ª, mas esta minha casa é realmente mesquinha... Minha lhe chamo eu, e nem isso é... Arrendada é que devia dizer. (*)

«Tal como é, esta francamente á disposição de v. ex.ª

«Concede-me então a honra do jantar hoje commigo?

—A honra é para mim, penhoradamente o confesso.

—Bem haja. Não imagina o jubilo que me dá. Vou já mandar aviso á hospedaria.

Pombal tocou a campainha e deu recado ao creado particular, um francez que de ha muito estava ao seu serviço, para ir prevenir a Marqueza e mandar aviso á hospedaria.

O Barão estivéra olhando attentamente para os livros das estantes.

—São os meus companheiros de desterro—disse o Marquez indo para Cormatin. Se me deixarem com elles, sentir-me-hei mais tranquillamente do que entre a gente da côrte. Este é o que eu mais vezes leio. As *Memorias* do grande Sully.

—Tantos, quasi todos francezes!—notava o Barão envaidecidamente (**)

—N'aquella estante estão os velhos livros da grande historia do meu paiz. E com elles o maior e o mais sublime poema que ainda se escreveu em lingua portugueza; um dos mais bellos certamente de quantos idearam poetas.

—O de Camões; os *Lusiadas*. Infelizmente, só o conheço por uma traducção em prosa, feita em francez, pallido reflexo, provavelmente, d'essa famosa epopeia, de que em toda a Europa se fala e que em

(*) A mallograda tentativa de um tumulto para exigir a morte judicial do Marquez vem resumidamente narrada, a pag. 6 e 7 do tomo I da obra de Cormatin.

(**) «Patenteou-me o magnifico plano que fôra delineado para este edificio. Situado em uma pequena eminencia, perto de Bolem, ficaria dominando o mar e a cidade, seria construido ao centro de um grande jardim, cercado de altos muros, e teria contiguos os palacios dos principaes senhores da côrte e das pessoas que ali tivessem de residir em rasão dos seus cargos.» (*Voyage* etc., nota já citada)

(***) «Entrámos pouco a pouco em conversa; convidou-me a passar com elle oito dias, e fez-me ficar para jantar e cear n'aquelle dia.» (*Voyage*, etc. Nota.)

(*) A casa em que o Marquez residia era propriedade da familia Castello-Melhor.

(**) «O Marquez de Pombal trouxéra comsigo muitos livros, que lê ou manda ler frequentemente. São todos francezes. Fala a nossa lingua tão facilmente como nós mesmos; sabe tambem o allemão, o inglez e o italiano.» (*Voyage*, etc., tomo I. Nota já citada.)

todas as linguas cultas está traduzida ou extractada.

«Devia de ser como o livro d'oiro, a santa biblia da gente portugueza.

—Devia... Nem isso faltou á nossa grandeza antiga! Tivemos Homero como a Grecia, Virgilio como a Roma antiga; Camões a igualal-os a ambos!

Discorreram ainda ácerca dos melhores livros que estavam na bibliotheca e voltaram a falar da côrte.

Appareceu então D. Leonor Ernestina. Pombal apresentou-lhe o Barão e travou-se conversa ácerca de Lisboa, do destino dos grandes homens de estado e da côrte de Vienna d'Austria.

Vendo cheios de lagrimas os olhos da Marqueza, o Barão interrompeu as suas referencias á Allemanha.

—Perdão, sr.ª Marqueza. Sem dar por tal estou attribulando o espirito de v. ex.ª!

—São as fraquezas da sua alma de mulher carinhosa e dedicada—acudiu o Marquez a explicar. Mortifica-a este desterro em que affectuosamente me acompanha. Lembram-lhe os seus, affligem-na estas bruscas inconstancias da fortuna... Bem me empenho em amenisar-lhe estas agruras e em dar-lhe coragem no exemplo da minha propria resignação. (*)

«Caíu tambem; soffre comigo; partilha o meu desterro, mas a minha quéda é mais pungente e a mim calumniam-me!

* * *

Vieram annunciar que o jantar estava na meza.

—Venha então o meu nobilissimo hospede partilhar da frugal refeição de um eremita—disse Pombal sorrindo.

E foram para a sala de jantar. Eram tres apenas os commensaes. Damião de Castro e Manuel Bento haviam-se esquivado áquelle jantar de etiquêta, pretextando os seus achaques.

E não se admirem de incluirmos o Manuel Bento. Era o mordomo honorario e todos ali o consideravam como pessôa de familia.

Não era extranho exemplo nas casas antigas que os velhos criados, ennobrecidos por largos serviços e provada dedicação, exalçados por uma leal e desinteressada amisade, que já então era rara, tivessem um logar á meza dos amos, como se fossem quasi da mesma linhagem.

A respeito d'este jantar, escrevia Cormatin annos depois na grande nota d'aquelle seu livro, tão frequentemente citado aqui:

«Em vez da comida frugal que me annunciava, encontrei uma meza bem servida, na qual nada se resentia d'aquella desventura, nem tinha o cunho d'aquelle infortunio.

«Ao todo, não passavamos de tres. A conversa foi muito jovial. Entrei a falar com a Marqueza a respeito da Allemanha, e por algum tempo falámos na sua lingua.»

—Desculpe alguma falta, meu caro Barão—dizia-lhe o Marquez.

«Os proprios criados que nos estão servindo á meza nunca estiveram na côrte e é extraordinario o seu acanhamento; foi o melhor que encontrámos n'esta nobre villa, que era outr'ora baluarte e senhorio dos altivos cavalleiros da ordem de Christo.

O Barão não percebeu bem a jovial referencia do Marquez e olhou para os criados com uma certa admiração.

Assim se comprehende que mais tarde escrevesse que em casa do grande Marquez fôra servido á meza por *tres creados que eram cavalleiros da ordem de Christo.* (*)

Não poude fugir á sina dos viajantes francezes em Portugal!

* * *

Estava muito calor. Acabado o jantar, fo-

(*) A respeito da Marqueza, escreveu Cormatin no seu livro:

«Conserva ainda uma parte dos seus dotes pessoaes e veste-se com muita arte e gosto. E' discreta, mas não tem nem a força nem o valor de seu marido para se resignar n'aquella situação. No tempo da prosperidade do Marquez de Pombal, viu a seus pés os grandes e o povo, e a sua casa era uma especie de côrte.»

.....

«Nascida allemã, tem o orgulho das grandes familias d'aquella nação, e, depois de ter tido tanto por que lisonjear-se, soffre em segredo n'aquella expiação. Tentou disfarçar as suas maguas, mas não o poude conseguir por muito tempo. Passados dez minutos, tinha os olhos rasos de lagrimas.»

(*) *Voyage*, etc., pag. 88 do tomo I.

ram descançar na classica *sésta portugueza.*

Ao descair da tarde, Cormatin mostrou desejo de ir ver a villa, da qual lhe tinham dito muito mal em Lisboa.

Havia apparecido então Ruy de Noronha. O Marquez logo lhe solicitou que fosse o guia do Barão, allegando nas suas desculpas as difficuldades que lhe oppunham as suas pernas de octogenario a uma larga e demorada visita pela villa.

—O sr. Barão ha de desejar ver as ruinas do Castello, o seu templo antiquissimo, as egrejas da villa, S. Martinho, principalmente, a capellinha da Senhora do Cardal, os vestigios da antiga povoação nos *Chões*, e a torre moirisca do *Outeiro das Mayas.*

«Não se esqueça, meu caro Noronha, de levar o sr. Barão á *Veiga das bódas*, e a fonte do *Emporão;* mas cautela com a lenda das suas moiras encantadas. Segundo o povo crê, a pessoa que beber d'aquella agua nunca mais quer sair de Pombal.

«Por mim, desejaria que v. ex.ª bebesse da maravilhosa fonte—disse para Cormatin—e que a lenda se não desmentisse, para o ter aqui por hospede e amigo. Mas seria um duro exilio para v. ex.ª, aggravado pela mesquinhez da hospedagem.

—Admiravel hospedagem.

—Recommendo-lhe tambem—accrescentou para Ruy de Noronha—a egreja do convento de Santo Antonio dos Capuchos.

«Foi fundada—explicou Barão—por um grande ministro d'e[illegible] pa[illegible] glorioso e desventurado conde de [illegible] Melhor, que por estes sitios andou foragido, depois que desthronaram aquelle pobre rei Affonso VI, a quem elle conquistou o cognome de *Victorioso.*

«Um grande e infortunado ministro! A elle deveu Portugal, aos seus esforços e ás suas aptidões de organisador, as duas maiores batalhas que tem vencido aos hespanhoes, depois de Aljubarrota—as do Ameixial e de Montes-Claros.

«Perseguido e a monte, diz a tradição que o Castello Melhor fizéra voto de fundar a egreja e o convento, se a Senhora do Cardal permittisse que elle escapasse á vindicta dos seus perseguidores.

«Escapou, e já cego assistiu á trasladação da milagrosa imagem para a nova egreja.

* * *

Saíram os dois, o Barão e Ruy de Noronha, que falava perfeitamente o francez. Cormatin apenas percebia algumas palavras da lingua portugueza.

Logo á porta, o Barão notou com estranhêza uma grande multidão de pobres que estavam recebendo tijelas de caldo e pão. (*)

—Isto é costume?—perguntou.

—De todos os dias.

—Então o Marquez é bemquisto d'esta gente?

—Muito bemquisto.

—Infelizmente pela justiça, não succede o mesmo em outras povoações do paiz.

«A principio, em Lisboa, cheguei a suppôr que de toda a parte se levantavam contra elle odios implacaveis. Mas contou-me Jacome Ratton, grande admirador do Marquez, que, tres semanas depois do seu desterro, já havia muito quem o lembrasse, pondo-o em contraste com os seus insignificantes successores no governo.

«Até me ficou de cór esta phrase do povo de Lisboa, que Jacome Ratton me disse em francez e depois em portuguez: *Mal por mal antes Pombal.*

Cormatin disse a phrase com uma accentuação afrancezada. Era, ainda assim, da nossa lingua uma das poucas que elle sabia dizer.

E conversando a respeito do Marquez se dirigiram para o caminho do Castello.

Ao principio da ladeira pararam a sombra de uma velha arvore e assentaram-se em um tosco banco de pedra. O sol estava ainda muito ardente; o calor era insupportavel.

Recomeçou a conversa a respeito do glorioso velho. Cormatin tinha vontade de colher pormenores e Ruy de Noronha, pela sua parte, sentia um grande desejo de apagar lealmente as calumnias que em

(*) «Ao sair da casa do Marquez, deparei á porta com mais de duzentas pessoas a quem se distribuia pão e caldo. D'este modo e que elle tem adquirido grande numero de partidarios que o exaltam mesmo na desgraça. Pareceu-me bemquisto de todos os habitantes do logar.» (*Voyage*, etc., tomo I, nota já citada).

Lisboa haviam de ter mettido nos ouvidos do Barão.

—Muita coisa se tem inventado contra este homem de estado, dos mais famosos da historia!—disse o Barão.

—Muitas!

—Jacome Ratton contou-me varias mentiras que estão já na tradição. Por exemplo: Que uma vez Sebastião de Carvalho entrára na Inquisição e fizêra cercar o edificio de peças de artilheria, na previsão de uma cilada.

—E os artilheiros de morrões accesos. «E' uma tolice que ninguem é capaz de arrancar das tradições do povo. Para subjugar a Inquisição, que já estava decrepita, não precisou o Marquez d'esses apparatos.

«Bastou-lhe impôr a sua vontade inabalavel.

—E outra, absolutamente absurda! Que ordenára a exterminação dos Tavoras até á quinta geração.

—Essa é estupida. Tambem já a tinha ouvido.

«E que iam matando as proprias creancinhas dos Tavoras! Foi talvez por essa monstruosa mentira que um dos poetastros que insultam o Marquez lhe chamou *descendente de Herodes!*

«Que estupidas e malevolas coisas inventa o odio dos homens, e como a ignorancia das multidões lhes dá credito e as consagra em tradições idiotas!

«O appellido dos Tavoras é que foi extincto pela sentença de 1759. Vivem muitos representantes d'essa familia. Ainda ha poucos mezes, em março, foram soltos os Tavoras que estavam nas prisões de Lisboa.

A esposa de um dos filhos do marquez de Pombal pertence á familia Tavora.

—A proposito dos filhos: Causa estranheza que o filho mais velho se conserve em Lisboa, n'essa mesma côrte que lhe infama o pae!

—Assim o quiz e ordenou o Marquez, para ver se consegue que as vinganças politicas lhe ponpem a familia, embora sejam implacaveis para elle.

«Não imagina, sr. Barão, como está radicado o amor da familia no coração d'aquelle homem, que foi dictador inexoravel!

«Será capaz de se dobrar opprimido ante os odios que veem do paço, se o coração lhe disser que pode salvar assim o nome, as honras, a fortuna e o futuro dos filhos!

«E talvez elles proprios lhe não saibam comprehender o sacrificio, e talvez os netos lh'o não agradeçam nunca!

—Em Lisboa me affirmou Jacome Ratton que foi sempre preoccupação egoista do Marquez constituir uma grande casa em proveito dos filhos. E com prejuizo do seu proprio nome, accrescentava Jacome Ratton, que n'este assumpto é insuspeito, pois ninguem como elle exalça e defende aquelle grande homem de estado.

«Queira perdoar esta franqueza, sr. de Noronha. Sei que é devotado amigo do Marquez...

—Dos seus ultimos amigos, dos seus maiores admiradores.

«Jacome Ratton disse uma triste verdade a v. ex.ª, sr. Barão. O marquez de Pombal não foi um concussionario, um ladrão dos dinheiros do estado, como por ahi lhe chamam os torpes infamadores da sua honra. Mas não foi tambem um desinteressado. Administrava a sua casa com escrupulosa economia, não gastava senão uma parte dos seus largos rendimentos, nunca viveu no fausto e na opulencia, que teem sido a ruina das grandes casas fidalgas, feitas á custa de mercês regias, que a nação pagou; mas deixava que o prestigio do seu nome e a grandeza do seu poder lhe favorecessem os negocios e a prosperidade do morgadío herdado.

«Não é um crime na sua soberba historia.

«Concedo que seja uma sombra, admitto que outros lhe chamem uma deploravel macula. (*)

(*) «A historia, que reconhece no marquez de Pombal o grande e providente legislador, o estadista abalisado, o restaurador das lettras e da industria, o precursor da presente civilisação em Portugal, não póde, sem trahir a imparcialidade, expungir inteiramente da face do valido as maculas que o deslustram e afeiam. E' lastima que o vulto mais insigne de quantos ennobrecem os fastos nacionaes, depois do Gama e do Camões, desaire com o cynismo e as fraquezas mais rasteiras o esplendor da sua memoria.» (Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 440 e 441).

«Do homem tão extraordinariamente grande posso falar assim e a elle proprio o diria, sem quebra da minha lealdade de amigo, nem esmorecimento nos meus enthusiasmos de admirador.

«Da obsequiadora mentira dos amigos não carecem senão os inuteis, os que nada fizeram, os que não teem historia. Elle não.

—Muito bem, sr. de Noronha! Expoz em palavras cheias de calor e de eloquencia a opinião que eu ouvi a Jacome Ratton e sinceramente considero justa e leal. (*)

«Nem eu acredito que a fortuna do Marquez seja tamanha como dizem os seus inimigos da côrte. Dão a perceber que será a maior do paiz.

—E' uma falsidade. Ha outras muito mais opulentas em Portugal e essas, pessimamamente administradas, foram engrandecidas pela munificencia dos antigos reis com o oiro tirado aos cofres publicos e com os bens talhados nas terras do reino.

«A casa do Marquez era desde o tempo do pae um morgadio regular. Augmentou consideravelmente com os bens herdados de um tio, que, pelos seus cargos ecclesiasticos e outros, recebia annualmente cerca de cincoenta mil cruzados. Depois accumularam-se na casa os haveres dos irmãos do Marquez, um dos quaes foi secretario d'estado.

«Os rendimentos, avultadissimos, eram convertidos em novas propriedades, e o Marquez nem sequer dispendia os seus vencimentos de secretario d'estado e de secretario da Casa de Bragança, pois que por todos os outros numerosos cargos que exercia nenhum estipendio quiz receber.

—E esse tio de quem o Marquez foi herdeiro viveu no tempo em que o sobrinho era ministro?

—Não, sr. Barão. Morreu muito antes de Sebastião de Carvalho sonhar talvez que havia de ser ministro.(**)

«Pouco depois de ter chegado aqui foi o Marquez avisado de que no paço o accusavam de haver roubado o erario e defraudado a fazenda publica. Escreveu então elle proprio uma justificação, em que dava conta dos bens e rendimentos da sua casa, assignalando-lhes a proveniencia. Incumbiu o filho mais velho de ir entregal-a á rainha.

—Contou-me Jacome Ratton que os productos das terras do Marquez eram sempre ávidamente comprados por alto preço e que os seus predios, apenas concluidos, eram logo alugados por quantias assombrosas, que os proprios alugadores lhe offereciam como velhacos lisonjeadores ou como astuciosos pretendentes.

«Parece que todos á porfia, amigos sinceros ou interesseiros cortezãos do seu poder e exploradores do seu valimento, lhe iam offerecer avultados presentes.

—Assim era, e com tudo isso transigia sempre, na ancia de deixar aos filhos uma casa opulenta! Tornava-se pequeno e mesquinho aquelle homem de tanta grandeza, que já não cabe na historia d'este paiz!

«Se disserem a v. ex.ª que as dadivas e os favores ao ministro omnipotente lhe ajudaram a augmentar a casa, economica e excellentemente administrada por elle, dizem-lhe a verdade, sr. Barão; mas se lhe disserem que foi um prevaricador, um interesseiro que accumulou estipendios do estado como accumulava cargos publicos, ateivosamente o enganam para infamar o Marquez.

«Já disse a v. ex.ª que ha outras casas mais opulentas feitas pelos favores régios e, peor ainda, á custa de extorsões á gente humilde, sob os varios nomes de privilegios, tributos, fóros, dizimos, direitos de commendas e de alcaidarias; migalhas que se fizeram milhões.

«Venho de uma familia de fidalgos; sou insuspeito falando assim.

«Nem sequer v. ex.ª imagina, sr. Barão, o pesar com que me refiro a estas coisas, que a minha lealdade seria incapaz de negar!

«Confesso-as eu proprio para sentir o direito de fazer justiça a esse extrardinario homem.

«E' provavel que v. ex.ª venha a escrever ácerca d'esta sua viagem. Falei dessasombradamente para que no seu espirito, sr. Barão, não ficasse a suspeita de ter ouvido um panegyrista apaixonado e parcial.

«Entre as minhas amargas palavras de

(**) *Recordações*, de Jacome Ratton, pag. 187 e seguintes.

(*) Referia-se ao arcipreste Paulo de Carvalho.

amigo e os aleives dos inimigos do Marquez, a sua lucida consciencia decidará honradamente, sr. Barão.

«Faça-lhe v. ex.ª, n'outra lingua e n'outro paiz, a justiça que os odios politicos desalmadamente lhe negam aqui.

«Querem enterral-o cá n'uma sepultura de lôdo.

«Que o resurja lá fóra a historia estrangeira, sem lhe occultar as maculas, mas tambem sem lhe deprimir as glorias.

Noronha falára commovidamente, mas perdêra talvez o seu tempo. O Barão era um dos admiradores do Marquez, mas, investigador superficial, estouvado viajante que ia vendo e apontando cousas, sem alma e sem criterio para um trabalho grande e reflectido, não podia ser elle o justiceiro historiador do immortal calumniado.

E a toda aquella fervorosa defeza, que Noronha fizéra vibrar calorosamente na lingua franceza, respondeu o Barão n'estas palavras:

—Tem o Marquez em v. ex.ª um caloroso e eloquente amigo!

«De resto, eu sei bem que nunca foram dos moldes de Catão os grandes homens de estado de todas as civilisações. Richelieu e Colbert não eram uns desinteressados, e nem por isso a França os condemna ao ostracismo da historia, antes se envaidece com elles.

«Mazzarino foi immensamente interesseiro, ganancioso, avarento, e ninguem lhe apagou o nome nos fastos dos illustres homens de estado.

—Diz v. ex.ª muito bem, sr. Barão!... Mas, perdõe-me por quem é... Receio que nos não chegue o tempo de que podemos dispôr para o que desejo mostrar-lhe. Tenho sido um desastrado guia... Se v.ª ex.ª quizesse, subiriamos ao Castello.

—Completamente ás suas ordens, sr. de Noronha.

* * *

Na volta da visita ao Castello, o Barão disse para Noronha:

—Contaram-me em Lisboa que a má vontade da nobreza contra o Marquez é como uma herança, pois que já na côrte lhe odiavam o pae, mas não souberam dizer-me porquê!

—Eu digo a v. ex.ª. Odiavam o pae do Marquez por que elle publicou um livro de genealogias, *Theatro Genealogico* se intitulava, e n'elle affirmava que as mais soberbas familias não estavam limpas de sangue judeu. (*)

«Nunca lh'o perdoaram.

* * *

—Que rancorosas vaidades!

Jorge Gustavo fôra a casa do Marquez levar-lhe noticias directamente recebidas de D. Fr. Ignacio de S. Caetano. (**)

—Então o que lhe diz o nosso D. Fr. Ignacio?—perguntou o Marquez.

—Que os jesuitas estão aqui estão a apparecer em Lisboa, e que os seus parciaes andam muito confiados na protecção do sr. D. Pedro III, que a toda a hora está recordando os nomes dos que lhe andavam mais chegados.

«Parece que outro dia, louvando-lhe alguem a prodigiosa memoria que tantos nomes guardava, sua magestade respondêra que os *padres da Companhia eram os seus dilectos e que seu pae sempre vivêra bem com elles.*

—Isso é verdade. E elles com o sr. D. João V, absolvendo-lhe os variadissimos peccados com que o rei Magnanimo ia transformando as *casas das filhas do Senhor* em albergues dos filhos d'elle.

—Timotheo de Oliveira já é creatura do paço e está-se a tratar de mandar dinheiro para os mil e tantos jesuitas portuguezes que estão na Italia.

«Diz-me tambem D. Fr. Ignacio que a chuva das mercês lucrativas inunda a côrte.

«Parece que se está pensando na fundação

(*) «O proprio pae do Marquez de Pombal escrevêra, sob um pseudonymo, um livro curioso, em que não dava por immune de toda a mescla israelita o sangue dos mais vaidosos puritanos.» (*Latino Coelho—Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 67.)

(**) Por suas instancias, veiu a deixar de ser bispo de Penafiel.

Diz Latino Coelho: «Accedeu a soberana finalmente a que D. Frei Ignacio renunciasse a prelazia. Acceitou-a o papa Pio VI, que, supprimindo ao mesmo tempo o ephemero bispado de Penafiel, nomeou o prelado resignatario arcebispo titular de Thessalonica, reservando-lhe nas rendas da extincta diocese, a instancias da rainha, a pensão annual de dez mil cruzados, a quinta do Bato e a residencia episcopal.» (*Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 238.)

de um sumptuoso templo, que os entendidos affirmam não custará menos de cinco milhões. (*)

—Havendo tantas egrejas em Lisboa! Mas emfim para todas essas despezas hão de chegar os setenta e oito milhões que o *ministro ladrão* deixou nos cofres do estado!

«Receios de guerra com a Hespanha não ha nenhuns agora. Ayres de Sá estará por tudo quanto Deus fôr servido consentir ao orgulho hespanhol, e a tropa reza o Terço.

—O peor não é isso. O peor, sr. Marquez, é que os fidalgos soltos e já considerados innocentes instam pela revisão do processo dos Tavoras, e n'este empenho são auxiliados pelos padres jesuitas.

—Pudéra não. Emfim, isso é com a filha do sr. D. José I, e não sei se haverá de arrepender-se de mandar mexer n'um processo cujas origens e consequencias será preciso assoalhar muito mais do que em 1759.

«E quanto a mim, Coronel, o que lhe diz D. Fr. Ignacio?

—Nada de novo, sr. Marquez. Diz-me que nenhuma informação recente podia dar-me, mas continúa a insistir por que v. ex.ª esteja prevenido, pois não acredita que os seus inimigos o tenham esquecido.

—Nem eu. Andam a forjar o assalto final.

* * *

Estava a anoitecer. Chegaram Cormatin e Ruy de Noronha.

—Então que tal achou a nossa villasinha?—perguntou Pombal ao Barão.

—Muito mais agradavel do que a pintura que d'ella me tinham feito.(*) Fui ás ruinas do Castello. Que bello panorama!

—Crê-se que esse castello foi fundado por um dos nossos mais gloriosos campeadores, o grão-mestre dos Templarios em Portugal, o terror dos moiros, D. Gualdim Paes.

E voltando-se para Ruy de Noronha perguntou-lhe:

—O sr. Barão provou as aguas maravilhosas do *Emporão*?

—Provei, sr. Marquez—respondeu Cormatin, e achei-as excellentes.

—Então—acudiu o Marquez sorrindo—se a tradição da fonte não é uma escandalosa pâta, terei eu a honra e o gosto de o ter por meu hospede durante muitos dias?

—Do melhor grado, sr. Marquez, se não tivesse motivos particulares que, bem a meu pezar, me obrigam a voltar a Lisboa.

«Não poderei demorar-me aqui senão quatro ou cinco dias.

—Pois não acredito já nas virtudes da prodigiosa fonte—objectou o Marquez jovialmente.

«Sr. Barão, e ainda lhe não pedi o seu parecer ácerca da nossa gente!

—Admiravel gente!—respondeu Cormatin, muito lisonjeador. Os homens parecem-me sóbrios, caritativos, amigos generosos e fieis, muito dedicados á sua patria.

—E' consolador ouvil-o, sr. Barão!

Mas o que Pombal não podia adivinhar era o que o francez reservava para dizer nos seus apontamentos de viagem. N'esses indicaria aquellas distinctas qualidades, mas diria tambem que, em geral, os portuguezes eram vingativos, folgazãos, excessivamente presumidos, invejosos e ignorantes. (*)

—E quanto ás damas—accrescentou o Barão—fiquei encantado com os exemplares de belleza que tenho visto n'este paiz. Admiravel carnadura, cabellos magnificos, olhos escuros, formosos, de seductora ternura! Uma singular vivacidade, uma irresistivel galanteria.

—Sr. Barão, v. ex.ª envaidece as minhas gentis compatriotas! O que ellas lhe de-

(*) A basilica da Estrella, que foi consagrada ao Coração de Jesus.

Jacome Ratton affirma nas suas *Recordações* que as despezas feitas com o templo magnificente excederam cinco milhões de cruzados.

(**) No livro da viagem e na longa nota que temos citado, lê-se:

«Aproveitei-me d'este tempo para ir percorrer o logar habitado pelo illustre estadista. Não é tão desagradavel como em Lisboa m'o tinham pintado. N'uma altura estão as ruinas de um velho castello e d'ali se nos offerece uma vista muito pittoresca. As aguas são excellentes.»

(*) *Voyage*, etc. tomo I, pag. 70.

vem e que renome vão ter, se v. ex.ª quizer lembral-as no seu livro de viagem! Um poeta não diria mais nem com tal caloroso enthusiasmo!

«Não me admira. Enthusiasmos de um homem novo (*)

Cormatin ainda d'esta vez não disséra tudo o que sentia e pensava.

Fôra ali primorosamente delicado como depois no seu manuscripto havia de ser excessivamente *francez*...

Nas impressões da viagem, enumerando os caracteristicos das portuguezas, diria ainda que teem bons dentes, farto cabello até aos calcanhares (!), bellos olhos negros, muito expressivos; que são espirituosas, de mais vivacidade que as proprias francezas, de tal galanteria que levam a palma ás outras mulheres da Europa; mas que andam lentamente e sem graça, que vestem mal, que de calções lembrariam turcas, que a sua expressão de seductora ternura é uma tentação promettedôra e que são faceis... e perigosas, por causa dos paes e dos maridos, que andam sempre precavidas com um *couteau!* (**)

Faquistas como fadistas da Alfama! Para descobrir estas cousas não ha realmente como os viajantes francezes!

Cormatin ouviu falar, provavelmente, dos temiveis fadistas da Madragóa, e logo inventou que em Portugal era perigoso requestar as mulheres por causa dos paes e dos maridos, armados de *couteau!*

Mas o Marquez não podia adivinhar o que o Barão havia de escrever, e agradeceu-lhe as palavras de louvor em nome das damas portuguezas.

* * *

O capitão da companhia franca veiu procurar o Marquez e pediu permissão para lhe falar em particular.

—Venho prevenir v. ex.ª de que esta tarde appareceu na villa um mendigo, que se tornou suspeito, pelas muitas perguntas que fez aos soldados ácerca da residencia de v. ex.ª, do seu viver e dos sitios onde seria provavel encontral-o.

«Ninguem o conhece n'estes sitios. E' homem já idoso e de ruim parecer; tem a cara arregoada e ennegrecida, como se tivesse sido queimada.

«Notando a extranheza dos soldados, explicou que uma vez, por desastre, se lhe queimára uma porção de polvora, e todo o rosto lhe pozèra n'uma chaga.

«Assim que me deram conhecimento d'estas coisas, mandei que o fossem procurar, mas tinha desapparecido!

«Parece-me que era dever meu vir prevenir v. ex.ª para que os seus creados ficassem acautelados.

—Mendigo que fez perguntas a meu respeito? Por simples curiosidade talvez... Pois por que outra coisa havia de ser?...

—Para simples curiosidade de um mendigo, pareceram perguntas de mais!

—Emfim... seja o que fôr... Mas é melhor não dar vulto a essas suspeitas... Desejo que a sr.ª Marqueza não tenha conhecimento d'ellas.

—Nada direi, sr. Marquez.

—Obrigado, Capitão, muito obrigado por esse interesse por mim.

E depois do official sair, Pombal ficou reflectindo.

—Um mendigo que ninguem conhece... fazendo muitas perguntas a meu respeito... o rosto como se houvesse sido queimado!... Um assalariado dos meus inimigos... um sicario por conta d'elles?... Não é provavel... Querem-me condemnado com escandalo publico. Nas mãos do carrasco é que elles me desejam vêr.

* * *

Quatro dias depois, o barão de Cormatin despedia-se do Marquez e saía da villa de Pombal.

No seu manuscripto ácerca da viagem que fizéra em Portugal, o Barão refere varias conversas que teve com o Marquez, emquanto foi seu hospede, e conclue d'este modo aquella extensa nota, que por mais de uma vez temos citado:

«D'esta fórma passei cinco dias em casa d'este ministro, em conversas muito interessantes.

«Teve a bondade de communicar-me varias noções e reflexões a respeito de Portugal, e d'ellas faço uso no decurso d'esta obra.»

(*) O barão de Cormatin-Desoteux nascéra em 1750, tinha, portanto, vinte e sete annos.

(**) *Voyage* etc. tomo I, pag. 72 e 73.

IX

LONGA TORTURA

O anno de 1778 corrêra ainda em relativa tranquillidade para o provecto desterrado.

Alguem resolutamente protegia o Marquez dentro do Paço e alguem o trazia informado de quanto contra elle se planeava em Lisboa.

Ao pé do throno, os que lhe haviam succedido no governo cada vez pareciam mais pequenos. Elle, caído, distante, cada vez maior!

Mal por mal antes Pombal, dizia o povo um mez depois do grande homem ter partido para o desterro.

Agora dizia muito mais: *Foi-se Pombal, adeus Portugal.*

E deante do grande medalhão, que substituíra o do Marquez no pedestal da Estatua Equestre, já não havia apedrejadores; havia arrependidos que lembravam o assombroso desterrado.

N'isto mesmo os maiores estimulos para os odios da côrte e de uma parte do clero. Não tinham capitulado; esperavam na sombra. O ensejo havia de chegar.

As coisas corriam mal. Os hespanhoes tinham vencido na fronteira do Brazil e no Paraguay, as escolas esmoreciam, algumas industrias nascentes definhavam, os milhões do erario desbaratavam-se, e os jesuitas luctavam tenazmente pela restauração da Companhia.

Em fins de 1777 haviam chegado a Lisboa, a bordo de um brigue dinamarquez, seis jesuitas dos mais audazes, como guarda avançada e arautos da negra legião exilada.

Chamavam-se Bernardo Ferraz, Faustino de Lima, Hypolito Vellez, Antonio Vellez, Manuel da Rocha e Domingos Nogueira.

Os *mil* viriam depois. Contavam encontrar na piedosa e fanatica Maria I de Portugal o mesmo acolhimento e patrocinio que a outros padres da extincta Companhia concedêra a grande e viciosa czarina Catharina II.

A Companhia estava asylada na *Russia Branca*; era preciso agora restaural-a no outro extremo da Europa, onde fôra omnipotente.

Os jesuitas chegados a Lisboa contavam maravilhas da gloriosa imperatriz, que protegia a Sociedade. (*)

E pouco lhes importava que a protectora igualasse á raridade do seu extraordinario cérebro e da sua mascula energia as depravações bordalengas de um temperamento de Messalina.

(*) O jesuita Ignacio da Silva dizia em carta ao desembargador Magalhães, a respeito da famosa Catharina da Russia:

«Esta heroina, não sem particular providencia do Altissimo, como instrumento da Divina Omnipotencia, não deixa quebrar o fio pelo qual Deus, ha mais de um seculo, revelou á veneravel Marianna de Escobar, dama hespanhola, que havia de estar com a Companhia, depois de se vêr quasi de todo extincta; e como Santo Ignacio predisse a sua duração até ao fim do mundo, sempre com o nome de Companhia de Jesus, posso consolar-me, julgando pelo que vejo de presente, que é chegado o tempo em que, reformados os fios rotos, e reunidos ao que ainda temos inteiro, a constituam com tal firmeza, que como companhia veterana, que já viu a cara ao inimigo na mais cruel e sanguinosa batalha, possa mais do que d'antes, sem padecer tão grande rota, sustar ainda maiores ataques. (*Gabinete da abertura.* Vem citada a pag. 408 do tomo I da *Historia politica e militar de Portugal*, por Latino Coelho).

Agradecidamente lhe perdoavam o fraco pelos granadeiros, como a D. João V, dadivoso amigo, outros padres da Companhia lhe haviam desculpado a inclinação para as monjas.

Na balança e na consciencia da Companhia, os peccados pesavam conforme a categoria social e a qualidade obsequiadora do peccadôr!

Mas D. Maria I hesitou, ou alguem a fez hesitar, ante as pretenções dos jesuitas. Para dar satisfação á lei violada impoz-se aquelles seis arautos da cruzada negra o suave castigo de uma branda reclusão no convento dos Jeronymos, e muito particularmente se recommendou que os outros não viessem por'ora. (*)

Demais a mais, as côrtes de Hespanha e de França tiveram receio da fraqueza da rainha e dos *bons officios* de régio consorte, suppozeram possivel o regresso triumphal de todos os jesuitas exilados, e, pelas vias diplomaticas, mandaram notar ao governo portuguez os inconvenientes e perturbações de caracter internacional que de similhante facto poderiam resultar.

O embaixador hespanhol em Lisboa informava ao seu governo, em fins de dezembro de 1777, segundo uma copia do respectivo officio, existente no *Gabinete da abertura*:

«Nada hace conocer tanto el espiritu de obstinacion, fanati mo y sobervia, que reina en todos y cada uno de los individuos de aquella ruidosa sociedad, como el descaro con que se atreven á despreciar los decretos pontificios y regios en todas las partes del mundo con qualquiera ocasion ó pretexto, de que hallen resquicio. A toda persona imparcial y juiciosa aturde el ver como confunden la piedad de una princesa y de una corte tán catholica y prudente como esta, queriendo hacer pasar su commiseracion por patrocinio y favor, alterando los nombres de las cosas, abusando de los efectos de una consideracion meramente pia y cristiana, y pretendiendo alucinar á los menos cautos y á sus proprios apasionados». (*)

E aqui está como o embaixador hespanhol indirectamente justificava as violentas precauções tomadas contra os jesuitas por aquelle decaído marquez de Pombal, de quem fôra adversario politico e talvez inimigo pessoal!

Os jesuitas procuravam a *boa maré* para voltar.

Sebastião de Carvalho estava desterrado, e o pontifice Pio VI era um affeiçoado d'essa Companhia, extincta por Lourenço Ganganelli, o illustre Clemente XIV, *que baixára ao tumulo não sem vehementes suspeitas de haver sido envenenado.* (**)

* * *

Em principio d'aquelle anno de 1778 realisára-se o casamento da filha mais velha de Jorge Gustavo com Ruy de Noronha.

Fôra uma festa muito recatada, muito intima.

Com licença especial, obtida em Lisboa por D. Fr. Ignacio de S. Caetano, a cerimonia do consorcio effectuou-se na capella da quinta do noivo, nas proximidades da villa, e a benção nupcial pediu-a a Deus o santo velhinho Damião de Castro e abriu-a das suas mãos trementes sobre as cabeças juvenis d'aquelles noivos.

O marquez de Pombal assistiu. Alguem notou que tinha os olhos cheios de lagrimas. Quem sabe se a alma tambem cheia de saudades do seu sonho antigo?

Até o Manuel Bento foi, e esse ficou-se a um canto da capella com os olhos pasmados para a encantadora noiva, e a dizer com os seus botões:

—Se os mortos voltassem, havia de jurar que estava a sonhar acordado... e que os meus olhos viam ali a filha do conde de Riba d'Anta, a pobresinha que tão linda e tão nova morreu!

Helena chorou de jubilo quando viu sobre a cabeça da filha as mãos tremulas de Damião de Castro.

(*) Foram mandados pôr em liberdade por aviso de 11 de março de 1779.

«Lo cierto es que estaban para seguir á los seis dichos otros muchos, á quienes ya parece les han escrito sus parientes ó amigos no se muevan de Italia. (Officio do embaixador hespanhol, marquez de Almodovar, para o conde de Florida Blanca em 30 de dezembro do 1777. (*Gabinete da abertura*).

(*) Officio do marquez de Almodovar para o ministro hespanhol, conde de Florida Blanca.

(**) Latino Coelho, *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 382

E foi aquelle o derradeiro dia luminoso do Marquez, no seu attribulado desterro.

Ia seguir-se uma noite de infernaes torturas, noite enorme de tres annos, noite immensamente maior do que as gélidas noites polares!

* * *

Em 1778 ainda o Marquez poude consagrar uma parte do seu tempo á tranquilla redacção de um longo trabalho historico e politico.

Em 1777 publicára-se em Londres um opusculo, em que, sob a forma epistolar, se apreciavam com louvor os actos do Marquez e a sua longa administração, e ao mesmo tempo se faziam graves censuras ao ministerio de lord North, por haver falseado os deveres da alliança ingleza, esquivando-se a coadjuvar Portugal na contenda com os hespanhoes, por causa da questão do Brazil e Paraguay.

Dezesete fingidas cartas formavam o opusculo, que chegou ás mãos do Marquez em principios de 1778. (*)

O Marquez leu e analysou as cartas, e logo percebeu que eram, principalmente, um pretexto politico para combater o governo inglez, ao qual faziam tenacissima opposição o famoso conde de Chatham e os lords Shelburne e Camden, provaveis inspiradores do opusculo.

O livro era agradavel ao Marquez, fazia-lhe justiça e levantava um certo ruido em volta do seu nome, tão calumniado em Portugal. Apparecia em excellente occasião para responder ás torpes diffamações dos seus inimigos.

Convinha ao Marquez que fosse traduzido em portuguez e, para lhe dar maior notoriedade, planeou escrever-lhe uns commentarios, a titulo de esclarecer factos e explicar um pouco as intenções do governo de lord North, no tocante a Portugal. Assim, habilmente, justificava a traducção de uma insuspeita apologia dos seus actos de ministro.

Mas para a sua obra de analyse carecia de uma escrupulosa traducção do inglez, lingua em que se não amestrára sufficientemente quando estivéra em Londres, e depois raras vezes falára durante cerca de trinta e cinco annos.

Confiou a traducção litteral a uma irmã do seu amigo Guilherme Stephens, director e emprezario da fabrica de vidros da Marinha Grande. (*)

Vinham chegando as cartas traduzidas e o Marquez ia escrevendo os seus commentarios em um grande caderno, que tinha no rosto este longo titulo:

Compendio historico e analytico do juizo que tenho formado das 17 cartas contendidas na Collecção estampada no anno proximo passado de 1777, em Londres, no idioma inglez, e recebidas n'esta villa de Pombal nos principios de janeiro d'este presente anno de 1778. (**)

* * *

Passaram mezes. Ruy de Noronha voltára de Lisboa, aonde fôra passar algum tempo com a sua encantadora esposa. Foi procurar o Marquez e levaram-no para o escriptorio.

Pombal tinha estado a escrever no seu *Compendio historico* e descançava folheando e relendo um livro que se publicara em Lugano na lingua italiana, com o seguinte titulo: *Delle Cose del Portogallo rapporto á P. P. Gesuiti.* (***)

(*) Nas suas *Memorias do Marquez de Pombal* diz John Smith que foi em principios de janeiro de 1780; Latino Coelho cita na sua *Historia Politica* um livro manuscripto da bibliotheca da Academia Real das Sciencias, em que no proprio titulo se registra que as cartas foram *recebidas no Pombal em janeiro de 1779.*

O livro manuscripto que temos em nosso poder e ao qual já tivemos occasião de nos referir (o que nos foi emprestado pelo sr. Urbano de Castro) marca a data da recepção em principios de janeiro de 1778.

E' talvez esta a data mais segura. Não é natural que, tratando as simuladas cartas da administração do marquez de Pombal e tendo sido impressas em Londres em 1777, lh'as não enviassem senão um ou dois annos depois de publicadas.

(*) D'este facto, da sua falta de solido conhecimento da lingua ingleza, depois de terem passado trinta e cinco annos que residira em Londres, tiram Camillo Castello Branco a prova de que o Marquez era bronco e estupido! (Vidé *Perfil do Marquez de Pombal*).

(**) E' o titulo que se encontra no livro manuscripto que nos foi emprestado e ao qual já nos temos referido.

(***) Possuimos um volume d'aquella obra, que amavelmente nos foi offerecido e enviado de

—Sr. Marquez!—disse á porta Ruy de Noronha.

—Bem vindo seja, meu caro amigo!—volveu Pombal fechando o livro.

«Estava morto que viesse. Chegou bem?

—Perfeitamente. E v. ex.ª?

—Como póde ir um velho de oitenta annos, muito avergado de trabalhos e mais ainda de amarguras.

«Mas então, assente-se, Ruy de Noronha. Esteja como em sua propria casa.

«Sua esposa bem?

—Admiravelmente. A sr.ª Marqueza?

—Mais acabrunhada do que eu pelos infortunios e mais surprehendida com elles.

«Quando chegou?

—Hoje de madrugada.

—E logo se lembrou de mim! Obrigado, Ruy de Noronha.

E estendeu-lhe a mão affectuosamente.

—E da nossa Lisboa o que me diz? Cada vez mais formosa, não é assim?

Ruy de Noronha sentiu commovidamente a expressão de saudade immensa que vibrava nas palavras do glorioso desterrado e respondeu rapidamente:

—Formosa como v. ex.ª a deixou, mas, desgraçadamente, uma cidade em cujas ruas já se não póde andar de noite, apezar dos esforços de Pina Manique e de estarem empregando as tropas na policia nocturna.

—Então peor que no tempo do sr. D. João V?!

—Dizem que muito peor! Ninguem se atreve a sair de noite senão armado e com escolta!

—Deploravel! Deploravel! (*)

«Tenho pena, creia-o, Ruy de Noronha, embora me assista o direito de perguntar aos meus calumniadores o que teem feito da obra do *impio* esses virtuosos beatos, que não convertem os maus e deixam á solta o vicio e o crime!

«Mas .. dê-me outras noticias d'essa Lisboa aonde eu nunca mais voltarei... a não ser para acabar ás mãos dos meus inimigos.

«Saiba que depois da sua ultima carta me lembrou uma coisa que me não tinha occorrido logo. Dos seis jesuitas que vieram adeante e cujos nomes me mandou dizer, um d'elles, Domingos Nogueira, ha de ser um sobrinho de certo Miguel Nogueira, jesuita que eu conheci ainda criança. Se não estou em erro, se é esse, oxalá que não sáia ao tio.

—Nenhumas informações ouvi ácerca do caracter d'esses jesuitas, que haviam chegado muito tempo antes de eu estar em Lisboa.

—Bem sei. E' verdade: Será certo o boato que ahi corre a respeito de um premio para quem denunciar os ladrões que roubaram a egreja matriz de Palmella?

—E' verdade, sr. Marquez. Li o edital da Meza do desembargo do paço, em que se offerece o premio de dois mil cruzados e um officio de justiça ou de fazenda a quem denunciar os ladrões; isto caso o delator seja da plebe, pois que, se fôr da nobreza, terá premio correspondente á sua categoria.

—Admira. Fez-se coisa parecida quando foi do crime contra o sr. D. José, e não faltaram censuras dos piedosos varões!

«E por signal, que apezar do grande premio offerecido, nunca se pôde apanhar o José Polycarpo.

—Que não era afinal nem o pobre diabo que foi preso em Perpinhão e o governo francez mandou apresentar a v. ex.ª, nem o outro que estava no hospital de Sevilha, e com o qual as auctoridades hespanholas se enganaram.

—Correu que tinha fugido para a Suissa.

—Já se desconfia que não. A proposito

Cidadêlhe pelo sr. Gonçalves Pereira, que não temos o gosto de conhecer.

O volume que nos foi remettido (Raccolta esta) contém: *Risposta alla lettera, scritta da un Gesuita sul discuoprimento della congiura formata contro il Re di Portogallo*, e mais a *Lettera enciclica di Benedetto XIV.*

(*) E as coisas foram peorando a tal ponto que faz córar de vergonha lêr nas copias do *Gabinete de abertura* as informações e as queixas dos ministros e consules estrangeiros para os seus governos.

A 28 de janeiro de 1783 dizia o conde de Nesselrode, ministro da Russia em Lisboa, em officio para o conde de Ostermann: «Os homicidios, as violencias e os roubos augmentaram consideravelmente depois do meu ultimo despacho, e já ninguem sáe de casa, a pé ou de sege, sem ir armado de pistolas e de arcabuzes». (*Gabinete de abertura*).

tambem do premio agora offerecido, ouvi falar de José Polycarpo e affiançaram-me que não tinha saído de Portugal e havia escapado sempre, por se ter desfigurado, queimando a cara.

—Tambem ouvi dizer isso... Estou para vêr o que os piedosos ministros fazem a esses ladrões, que não feriram nem queriam matar ninguem.

—Já um desembargador disse no paço qual era a sua opinião quanto ao castigo, e cá fóra todos os beatos o applaudiram.

«O desembargador é de parecer que se lhes dê longa e afflictiva pena. Primeiro arrastados a caudas de cavallos, depois as mãos decepadas e queimadas, e por fim garrotados e feitos em cinzas. (*)

—Pois não são de bons figados os taes *piedosos* senhores d'esta terra, benza-os Deus!

«Só eu fui cruel mandando enforcar os ladrões, os feiticeiras, os violentadores de mulheres que andavam como féras sanguinarias por entre as ruinas do terramoto!

«E a meu respeito o que ouviu agora dizer por lá?

—Nenhuma coisa... que seja novidade para v. ex.ª....

E o Marquez percebendo que Noronha hesitára na resposta, accrescentou logo:

—Veja lá. Fale-me francamente. Estou preparado para tudo.

—V. ex.ª conheceu um tal Galhardo de Mendanha, fidalgote das bandas de Abrantes?

—Conheci... Francisco José Caldeira Soares Galhardo de Mendanha... Ainda a velhice me não enfraqueceu muito a memoria!... Conheci. Porquê?

—Ouvi que esse homem, ha tempo chegado dos Açores, onde esteve deportado...

—Por ordem de el-rei e em consequencia dos seus vicios abominaveis, que affrontavam a honra das proprias filhas. Mas o que diz esse Mendanha, que chegou a andar a monte como contrabandista facinoroso?

—Queixa-se de que v. ex.ª lhe vendêra uma quinta...

—Chamada do *Porto* em Villa Velha de Rodam. E d'ahi?

—E que n'essa compra ficára immensamente lesado e a ella accedêra por ter receio de v. ex.ª

—Torpe embusteiro!

—Isso me pareceu, mas ha gente da côrte que o anima nos seus queixumes e instiga a intentar um libello contra v. ex.ª

—Libello contra mim, por uma venda que se fez ha mais de cinco annos!

«E a isso o instiga a gente da côrte!

—Libello por *lesão enormissima*: assim o espalham os vilissimos inimigos de v. ex.ª

—Ruy de Noronha!—exclamou o Marquez erguendo-se a tremer, muito velado.

«Ahi está aberto o caminho por onde os odios da côrte vêem contra mim, sem receio de tropeçar no cadaver de el-rei D. José!

«Esse depravado Mendanha é o sicario que os meus inimigos escolhem para me apunhalar a honra! Levaram dois annos a encontral-o!

«Pois que venha o libello. Eu responderei.

«Esta canalha agora é immensamente peor e mais abjecta do que a outra, alugada para me insultar de longe!

—Sr. Marquez! Sr. Marquez!—disse Ruy de Noronha, indo para elle enternecidamente. Acalme-se v. ex.ª para que improficuamente se lhe não quebrem essas excepcionaes energias, que são ainda o assombro dos seus proprios inimigos.

«Tem v. ex.ª uns raros amigos com que póde contar, e a sua grandeza na historia é tamanha, que todos esses muitos detractores se intimidam da propria sombra de v. ex.ª, e n'ella se apagam!

—Bem haja, Ruy de Noronha; são palavras de amigo, que mais consolam quanto mais outras nos opprimem!

E disse-o com lagrimas nos olhos.

—Marquez!—exclamou da porta D. Leonor Ernestina.

(*) E assim foram justiçados por sentença da Relação de Lisboa de 17 de maio de 1780.

Um dos denunciados, que não tinha sido participante no desacato, como a propria sentença declarava, foi *apenas* enforcado! A sua cabeça esteve por muitos dias cravada n'um poste, junto da egreja matriz de Palmella.

«Então, reparta comnosco as novidades que lhe trouxeram.

—Pois não. Marqueza—respondeu Pombal apparentando jovialidade—vou dizer-lhe as mais frescas.

«Está mal parado o negocio dos jesuitas; o senhor rei D. Pedro III já está submettido ao regimen de tres missas por dia, e a tropa cada vez entôa o Terço com mais arreganho.

—Está gracejando!

—Estou; mas a sério, a noticia mais importante que me trouxe este meu dilecto amigo é esta:

«Em Lisboa não se póde sair de noite por causa dos ratoneiros e dos malfeitores. Está-se mais seguro aqui. Agora é que se póde dizer: *Mal por mal antes Pombal.*

«Ah! é verdade; ha ainda outra novidade, mas essa de somenos valia.

«Um devasso a quem eu vendi em 1773 a nossa quinta de Villa Velha de Rodam queixa-se agora de que eu vendi bem e elle comprou mal.

E só Deus sabia que pungente sacrificio elle fazia n'este disfarce!

* * *

Tinha passado mais de um mez. O advogado do Marquez em Lisboa, o dr. Nicolau Lopes da Costa, enviára-lhe um traslado do libello denominado famoso.

O Marquez lia a infamadora accusação, sósinho, á porta fechada, no seu escriptorio:

LIBELLO FAMOSO POR ACÇÃO DE LESÃO ENORMISSIMA

Diz como Auctor Francisco José Caldeira Soares Galhardo de Mendanha contra os Reus o Ex.mo Marquez de Pombal e a Ex.ma Marqueza, sua mulher, por este ou pelo melhor modo de direito:

«P. que o Ex.mo Reu, sendo por muitos annos ministro e secretario d'estado d'este reino, conseguiu a alta estimação e amisade do fidelissimo senhor rei D. José o 1.º, de saudosa memoria, e tanto que arrogou a si um poder despotico e absoluto, e, abusando d'elle, deu livre exercicio ao seu genio, sobre os dois principios de inhumanidade e de ambição, em que fundou elevar-se á summa grandeza de honras e riquezas, que adquiriu á custa das liberdades e justo temor de muitos innocentes.» (*)

—Ah! mas isto é principalmente um libello politico!—exclamou o Marquez interrompendo a leitura.

«Aqui está o dedo dos meus inimigos. A lesão enormissima de Mendanha é apenas um pretexto!

«Pois responderei ao libello politico e ao outro.

«Eu direi por que artes adquiri a estima de el-rei, por que fui elevado á summa grandeza, que ambições eram as minhas, como se engrandeceu a minha casa, e que especie de *innocente* é este patife de Mendanha.

«Talvez a resposta dê brado no paço e incommode a filha do sr. D. José e os intrigantes da côrte.

«Vejamos o mais.

E foi lendo os outros articulados contra as riquezas da sua casa, velhacamente exaggeradas, e contra a boa fé com que fizéra a venda da quinta de Villa Velha.

—Bem—disse comsigo. Primeiro importa indicar a defeza quanto á questão pessoal. O advogado que faça depois a definitiva redacção da *contrariedade.*

«Mas temos a questão politica, e a essa só eu devo e posso responder. Resposta para os que estão por detraz de Galhardo Mendanha. Para todos!

E ficou a reflectir.

—Irá sob a designação de *appensos* á defeza. Será a minha historia e a d'elles, dura e longa historia que os hade opprimir e eccoar alto no paço.

«E nos proprios *appensos* a citação dos documentos, as contas da minha casa e das minhas dividas, os motivos por que esse devasso accusador foi preso e deportado e os seus bens sujeitos a tutela e administração em proveito dos filhos.

E a dispôr varios maços de papeis, ia dizendo de si para si:

—Contava com estas malévolas accusações... d'aquelle ou d'outro. Estou precavido.

E ia lendo os rotulos dos maços.

Epithome chronologico dos ministerios do marquez de Pombal.

(*) Todo o libello está copiado no livro a que temos feito referencias.

—A é o titulo me serve para um dos appensos.

«*Compendio historico-politico.* Tambem serve. *Compendio economico dos bens que o marquez de Pombal não teve, podendo-os ter facil e honradamente, se os quizesse unir ao seu patrimonio... Dos bens patrimoniaes da casa do Marquez, que não foram adquiridos pendente o seu ministerio e dos que lhe accresceram pendente o seu ministerio.*

—Previa bem tudo isto! Agora este: *Indicação de varios documentos relativos aos negocios do estado.*

«Ah!... Estas contas: *Relação dos rendimentos, quintas, terras, bemfeitorias, etc....*

«E a isto póde chegar, por conta de uns miseraveis, estupidos e maus, quem teve a peito engrandecer o seu paiz!

E foi tirar das estantes muitos livros em portuguez, em latim e em francez.

Precisava de os relêr para verificar as citações de historia e de doutrina juridica e canonica em que se baseavam algumas das suas affirmações do *Epithome* e do *Compendio historico-politico.*

—Trabalho para muitos dias... para longuissimas noites!—disse dispondo os livros sobre a larga meza.

Volvidos alguns minutos começou a escrever:

Contrariedade ao libello offerecido por Francisco José Caldeira Soares Galhardo de Mendanha contra o marquez de Pombal... (*)

—Velho de oitenta annos, vamos a isto!...—exclamou commovidamente.

«Querem abrir-te uma sepultura de lama!

«Defende-te! Defende-te!

E escreveu até alta madrugada!

* * *

—Sr. Damião de Castro—dizia a Marqueza ao velho monge. Veja se o aconselha a que não continue n'aquelle trabalho que o está matando! De dia, e até noites inteiras! Nem já sae de casa!

(*) A *Contrariedade* e os *Appensos* estão transcriptos por differentes copistas no livro que nos foi emprestado e pertence ao sr. Francisco Grandella.

—Senhora Marqueza, já fiz mais do que dar-lhe esse conselho; pedi-lhe encarecidamente que repousasse e ao seu advogado incumbisse aquella fatigante defeza.

«Ainda tem o rijo animo, a vontade inabalavel de outros tempos, e responden-me que os seus oitenta annos se não dobravam ás fadigas nem fugiam diante da sua propria historia.

—Sim, sim, mas não parece o mesmo! O que elle tem mudado em poucos dias!

«E depois, outros estão seguindo o exemplo d'esse desalmado Mendanha! Agora até inventam dividas que lhe vêem reclamar!

«Que mortificação a minha, meu bondoso padre!

—Agora só v. ex.ª, senhora Marqueza, pode inspirar lhe a resignação, que elle já não sabe fingir.

Appareceu então o Manuel Bento com um maço de cartas e papeis impressos.

—Senhora Marqueza, minha senhora—disse o fealissimo servo a tremer de commoção—tirei estes papeis das mãos do creado francez. Vieram no correio e ia leval-os ao sr. Marquez. Hão de ser como os outros que têem vindo, para o affligir ainda mais! Almas damnadas, que nem aqui o deixam em socego!

—Fez bem, Manuel Bento. Dê cá. E' preciso recommendar outra vez a essa gente que não levem ao sr. Marquez os papeis que vierem no correio para elle, sem eu os vêr. Em não tendo lettra conhecida ou signal de virem do paço ou das secretarias de estado, rasgo-os; não lh'os entrego.

Ouviu-se então a voz de Pombal na casa contigua. Falava com o procurador e contador Estevão Antonio de Montes.

—Faça-me uma relação das dividas que se teem pago. E das mais que apparecerem não se nega nenhuma, ainda que seja falsa.

E vindo para a sala onde estava a Marqueza, disse com mal simulada serenidade:

—Então porque eu não tenho podido sair, ninguem mais quer sair! Umas tardes formosissimas! Marqueza, fazia-lhe bem passear.

—Não posso, deixando-o aqui, e ainda que podesse, o meu dever é ficar.

«Se o Marquez saisse, iria tambem.

—Iriamos todos—disse Damião de Castro. Era um desafogo para ti, Sebastião de Carvalho.

—Para mim!...—disse Pombal melancholicamente. Pois seja.

E sairam, tomando pelo caminho da fonte do Emporão.

Vinham do lado opposto Jorge Gustavo, Ruy de Noronha, Helena, Julia, os outros filhinhos do Coronel e com elles uma freira e uma noviça.

Trocaram-se cumprimentos ceremoniosos. Damião de Castro esteve falando com a freira.

—Sabes quem são aquellas monjas?—perguntou o Marquez a Damião de Castro, quasi em confidencia e logo que a familia do Coronel se afastou.

—São as duas irmãs de Jorge Gustavo, que estão no convento do Rato. A mais velha professou ha muitos annos.

—Recordo-me... Branca...

—Soror Branca.

—A que teve amores com José Maria de Tavora!—disse a custo o Marquez.

—Esteve muito doente; tem padecido muito! Deram-lhe licença para mudança de ares. A irmã tem sido a sua desvelada enfermeira. Por causa d'ella foi para o convento ha cerca de dois annos. E' ainda noviça.

Continuaram. Pombal ia visivelmente opprimido.

Saiu-lhe ao caminho um velho mendigo. Tinha o rosto horrivelmente arregoado e cinnegrecido, como se um ferro em braza lh'o tivesse queimado.

—Uma esmola, sr. marquez de Pombal! —solicitou o mendigo de mão estendida, os olhos cravados no decaído ministro.

O Marquez estremeceu. Lembrou-lhe o mendigo suspeito de que lhe falára o capitão da companhia franca e occorreu-lhe ao mesmo tempo a referencia de Ruy de Noronha a José Polycarpo de Azevedo, o regicida foragido.

—Por alma dos que n'este mundo padeceram innocentemente!—accrescentou o mendigo com singular expressão na voz e no olhar.

O Marquez encarou-o e o olhar do pedinte abaixou-se vencido.

Depois acercou-se mais do horroroso mendigo e atirou-lhe uma pequena moeda de prata, dizendo-lhe n'um tom de voz de extranha vibração:

—Por alma do senhor rei D. José!

E mais baixo, quasi em segredo, accrescentou:

—Conhecem-te já essa horrorosa mascara, regicida! Foge, e que a justiça de Deus te perdôe.

O mendigo deixou no chão a moeda de prata e afastou-se a tremer.

—Foi mal agoirado este passeio, Damião de Castro! — disse Pombal confidencialmente. Sabes quem é aquelle mendigo?

—Um miserando com o rosto horrivelmente queimado.

—E' um dos sicarios que o duque de Aveiro comprou para a emboscada contra o rei... E' José Polycarpo, ha vinte e um annos inutilmente procurado por toda a parte.

* * *

Estava-se em setembro. A *Contrariedade* ao *Libello Famoso* produzíra em Lisboa, e especialmente no paço, um effeito immensamente maior do que era plausivel esperar.

Antes dos meados do mez chegára ás mãos do desterrado de Pombal a copia de um decreto, em que nitidamente se traduz a indignação e o desespero dos aulicos da rainha. Aqui está textualmente a parte mais importante d'esse decreto:

«Tendo subido á minha real presença, em consulta da *Mesa do Desembargo do Paço*, a exposição do que se contem escripto na causa e libello de lesão enormissima intentada na Correição do Civel da corte por Francisco José Caldeira Soares Galhardo de Mendanha contra o Marquez de Pombal, que foi ministro e secretario de estado dos negocios do reino, no qual libello se formaram alguns artigos infamatorios do mesmo Marquez, que não eram precisamente necessarios á intenção do Author; e podendo o Réo pedir que se riscassem, ou supplicar-me lhe fizesse dar a competente satisfação; muito pelo contrario se serviu d'este pretexto para na diffusa contrariedade e seus dilatados appensos compôr uma obra que pretendeu disseminar e perpetuar em sete copias au-

thenticas, que requereu se lhe passassem; na qual obra, composta com conhecida ira e paixão, tratando pouco do que pertencia á defeza da causa, se esforçou em fazer publicas algumas negociações dos seus ministerios, o que lhe não era licito sem licença minha, e em fazer a sua apologia estabelecida em factos menos verdadeiros, chegando a pôr em duvida a certeza da innocencia de muitas pessôas de grande qualidade e virtudes e de differentes estados, cuja fama mandei restituir; e proferindo muitas proposições intoleraveis, reprovadas e até injuriosas á saudosissima memoria de el-rei meu senhor e pae, com outros excessos e absurdos, que se fazem dignos de uma severa demonstração: E conformando-me com o parecer da dita Meza, e de outras pessoas do meu conselho, que fui servida ouvir sobre esta materia, emquanto não mando dar aos sobreditos respeitos outras providencias que sejam mais efficazes: Sou servida: etc.»

Seguia-se a parte deliberativa e comminatoria, que se pode resumir assim:

Que sejam separados dos autos os documentos pertencentes á acção e defeza da causa e se restituam, dando ao author certidão da data em que a demanda foi contestada, para que essa data subsista e se torne válida em nova causa que ao author é permittido intentar.

Que todos os outros papeis e documentos alheios ao restricto assumpto da *Lesão* sejam supprimidos.

Que todas as pessoas possuidoras de copias de todos ou de quaesquer d'estes documentos sejam intimadas a entregal-os. Que se obriguem os advogados e procuradores das partes a entregar os originaes do *Libello*, *Contrariedade* e *Appensos* para serem queimados perante o juiz da causa, e que os advogados da accusação e da defeza, que *culpadamente assignaram tão escandalosos papeis*, sejam presos na cadeia da Côrte até que a régia clemencia lhes dê mercê do seu perdão.

Este decreto era datado do palacio de Queluz aos 3 de setembro.

Em todo o paiz se tornou publico por meio de editaes, em que era feita a intimação para a entrega dos originaes e copias, que ficaram indicadas.

Na villa de Pombal foram estes editaes affixados á porta da egreja matriz, no pelourinho e nos paços do concelho. (*)

O Marquez comprehendeu claramente as ameaças do decreto, na parte que pessoalmente lhe dizia respeito. A promessa de *outras providencias mais efficazes* tinha um sentido que a perspicacia do velho estadista soube entender, como se em cada uma d'aquellas palavras, apparentemente banaes, estivessem nivando os odios dos seus inimigos da côrte.

—Aqui está o libello politico!—disse de si para si, quando leu o traslado do decreto.

«O outro foi a armadilha; Mendanha o sicario que me attrahiu á emboscada.

«A defeza oppriniu-os. E' preciso contar com elles mais enraivecidos, mais rancorosos do que nunca.

E voltou a ler os fundamentos do decreto.

—Revelei negocios do estado, aliás já findos e publicos, puz em duvida a innocencia d'esses que vivem agora apaniguados no paço, resumi a historia do reinado de el-rei D. José; injuriei-lhe a memoria, dizem-no elles: aqui está a accusação.

E releu estas palavras: *com outros excessos e absurdos que se fazem dignos de uma severa demonstração.*

—Contêmos com ella. Oh! minha alma d'outro tempo, não me faltes agora, que a tortura está ainda em principio e a vida já vae fraquejando n'este reu de oitenta annos!

* * *

Ruy de Noronha tinha chegado de Lisboa aonde fôra saber o que havia contra o Marquez. Jorge Gustavo não fôra para não despertar desconfianças, que a sua alta patente militar tornaria mais graves.

—Coronel—disse Noronha confidencialmente ao sogro logo que chegou—precisamos de combinar com Damião de Castro o meio de ir preparando o animo do Marquez para mais duras *provações*.

—Tramam alguma coisa contra elle?!

—Vão sujeital-o a interrogatorios. Que-

(*) A villa de Pombal tinha voto em côrtes e o procurador do concelho assento no banco 117. O seu ultimo foral era do reinado de D. Manuel, (Junho de 1512).

rem procurar fundamento para o entregar ao carrasco!

—Horroroso isso! Entregar ao carrasco esse glorioso velho!

—A sua defeza politica na contrariedade ao *Libello Famoso* exacerbou os odios da côrte contra elle. De tudo o accusam!

«Clamam vingança, pedem-na em requintes de ferocidade, os proprios a quem elle não perseguiu! Manuel Carlos da Cunha, por exemplo.

—Conde de S. Vicente. Esse é um Tavora.

—Embora. Mas não estava preso por delicto politico.

«Tinha praticado um crime de morte. (*)

—Bem sei. Foi publico e notorio.

—Uma das ultimas e mais *graves* accusações que ouvi contra o Marquez é a de ter posto em duvida a authenticidade do papel firmado por el-rei com as suas ultimas vontades. Attribuem-lhe a affirmação de que a rubrica do rei era falsa.

—Isso lhe ouvi eu dizer, mas a ninguem o revelei.

«Talvez o Marquez o dissesse a outra pessoa, que o fosse denunciar.

—Talvez. E os seus inimigos argumentam com o papel que dois dias antes da sua morte el-rei escreveu pelo proprio punho, perdoando ao bispo D. Miguel da Annunciação.

«Argumentam assim para demonstrar que o rei podia firmar as suas ultimas disposições como dias antes escrevêra a ordem de perdão.

«E' um argumento falso, mas serve-lhes a elles para concluirem que o Marquez levantou uma sacrilega calumnia.

«E digo que é falso, porque o rei podia estar em condições de escrever dois dias antes d'aquelle em que morreu e absolutamente impossibilitado de o fazer na vespera do seu passamento.

—E' até naturalissimo, pois que teve um outro ataque, segundo ouvi.

(*) «O conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha, da familia Tavora, matára aleivosamente um mestre de campo durante o ministerio de Pombal. A mesa da consciencia assegurou ao fidalgo a impunidade, absolvendo-o da culpa de homicidio.»

(Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, pag. 316.)

«E mesmo a respeito do perdão do bispo de Coimbra percebi que o Marquez teve desconfianças de que a lettra de el-rei fosse imitada. Mas recebeu o papel das mãos da rainha regente e teve de firmar a portaria que lhe mandava dar execução. (*)

—Pois sim, e, seja como fôr, estão elles de cima.

«Glorioso e desventurado velho!

—E D. Fr. Ignacio?

—Já não póde oppôr-se á maré negra que sóbe no paço.

«Quando eu saí de Lisboa falava-se no dr. José Luiz da França, deputado da *Meza da Consciencia e Ordens*, para juiz interrogante do Marquez.

—José Luiz da França, mas esse homem é inimigo pessoal do Marquez, segundo uma vez me disse em Lisboa D. Fr. Ignacio!

—Por isso o escolheram.

—E levam o Marquez para Lisboa?

—Supponho que não. Ouvi que seria interrogado aqui mesmo em Pombal.

—Matam-no! Está muito acabrunhado para resistir a tamanhas maguas. Desde o infame libello de Mendanha que não parece o mesmo!

«Nem já póde disfarçar as torturas que lhe opprimem o coração. E agora, demais a mais, doente!

—E com oitenta annos! Coronel, vamos falar com Damião de Castro. E' preciso evitar que o Marquez seja surprehendido pela chegada do juiz interrogante.

* * *

A 26 de setembro d'aquelle anno de 1779 a rainha assignára em Queluz um decreto mandando proceder a um processo de interrogatorios ao velho Marquez. Fôra no-

(*) O papel que parece ter sido escripto pela mão do rei diz assim: *Perdôo ao bispo de Coimbra e mando que se solte logo com todos os cumplices que estão presos pelas culpas por que se prendeu o bispo.*

Tem a rubrica de el-rei e a data de 21 de fevereiro de 1777.

Latino Coelho encontrou-o no archivo do ministerio do reino, em um maço com o titulo de *Decretos* e a data de 1777. No mesmo maço está a portaria do marquez de Pombal, mandando dar execução á ordem de el-rei.

(Vidé *Historia politica e militar de Portugal*, tomo I, Appendice.)

meado juiz interrogante o dr. França, a quem Ruy de Noronha se referira, e escrivão do processo o dr. Bruno Manuel Monteiro, desembargador da *Casa da Supplicação*.

A 9 de outubro estavam os dois na villa de Pombal e n'esse mesmo dia foram a casa do Marquez e ao seu proprio quarto fazer-lhe a intimação do decreto de 26 de setembro e da carta régia da mesma data.

Felizmente, o Marquez estava prevenido e foi simulada a surpreza que manifestou.

Disse serenamente aos juizes que devotadamente cumpriria as ordens da rainha, fossem quaes fossem os sacrificios que houvesse de impôr a sua velhice enferma.

Declarou o juiz interrogante que eram dispensadas as formalidades das leis do reino e do direito commum, e o dr. Monteiro lavrou o auto de intimação.

O dr. França, gélido e implacavel adversario do Marquez, notificou-lhe em tom humilhador que a régia clemencia lhe dispensava a prisão preventiva, attenta a sua avançada idade e conhecidas enfermidades.

—Muito deve então a minha valetudinaria velhice á excelsa benignidade de sua magestade!—disse amargamente o Marquez, opprimindo n'esta formula cortezã o desespero da sua alma attribulada.

E logo—refere o auto—passaram á casa do escriptorio e livraria, onde apprehenderam os papeis do Marquez, e os levaram para a casa da sua aposentadoria, afim de os examinar (*)

(*) No archivo do ministerio da Justiça existem os volumosos *autos do processo intentado contra o Marquez de Pombal em execução do decreto de 26 de setembro de 1779*. Teem juntos os autos das *perguntas pertencentes á informação particular*.

Estes autos estão no mesmo maço em que se guardam varios papeis da casa dos Tavoras, autos de perguntas para a formação do processo contra os regicidas de 1758, uma relação de presos, um rascunho dos estatutos das escolas menores da Universidade (curso philologico), o original dos primeiros estatutos do *Collegio das Artes*, revistos pelo Marquez, e outros papeis de menos valia.

Podémos ver todos estes documentos e tomar apontamentos dos autos, graças a uma obsequiadora permissão do sr. conselheiro Silveira da Motta.

—Filhos! Filhos!—murmurava o Marquez emquanto os juizes lhe estavam rebuscando os papeis.

«Que resignação eu preciso de ter por vossa causa!

E foi um dia de lagrimas n'aquella casa.

Acompanhavam a Marqueza as filhas, que dias antes tinham vindo visital-a.

* * *

Os interrogatorios começaram em 11 de outubro.

Damião de Castro e Manuel Bento acompanhavam o Marquez até a porta da sala onde o famoso reu havia de ficar sósinho com os dois juizes.

Damião de Castro ia depois levar palavras de resignação á Marqueza e ás filhas. O Manuel Bento esse assentava-se a pequena distancia da porta, á espera que o amo voltasse.

A' noite, ou de manhã, quando os interrogatorios entravam pela noite dentro, Jorge Gustavo e Ruy de Noronha vinham saber noticias e trazer palavras de consoladora amisade ao desterrado.

Acabrunhado pela doença, o coração alancoado de amarguras, mas arrastando atraz da sua intrepida vontade aquelle alquebrado corpo, que fôra outr'ora rijo como o bronze, o Marquez timbrava em não faltar áquella tortura moral, e algumas vezes foi para os interrogatorios amparado nos braços dos criados.

Longos e fatigantes interrogatorios, em que o juiz França dura e friamente o obrigava a uma larga e repisada explanação dos factos e a uns esforços de memoria, que eram violentos para o esvaecido cerebro de um homem de oitenta annos, enfraquecido por frequentes hemorrhagias e atormentado pelas primeiras manifestações da lepra.

Percebia-se que era intuito do interrogante forçar o decrépito e enfermo accusado a cair em contradições, aliaz muito faceis no seu estado e no labyrintho de factos e pormenores relativos a esse largo periodo de vinte e sete annos, que ficou assignalado por uma lucta e por uma actividade dirigente, sem precedentes na historia portugueza.

Nas primeiras sessões o interrogaram a respeito do libello de Mendanha, da con-

trariedade e dos *appensos* historicos, escriptos pelo Marquez. Depois, ácerca do direito com que elle se considerára primeiro ministro, sem que el-rei o houvesse nomeado escrivão da puridade.

Mas logo aos primeiros interrogatorios começou a fraquejar, não a alma do Marquez, mas aquelle organismo que n'outros tempos parecêra feito de aço.

A's vezes, o juiz França abria a porta e dizia para fóra:

—E' preciso alguem para levar o sr. Marquez.

Estava extenuado ou tinha perdido os sentidos.

—Valha-me Deus!—exclamava o Manuel Bento, levantando-se do seu poiso. Querem matal-o assim!

E como tambem já lhe faltavam as forças, lá ia chamar alguem que viesse amparar o amo.

Entretanto, o desembargador Monteiro escrevia nos autos:

E por se achar o mesmo respondente molestado e não se poderem continuar com elle mais perguntas, as houve o dito juiz por agora acabadas. (*)

A 21 de outubro começaram as *perguntas pertencentes á informação particular.*

Tratou-se da prisão e desterro dos Meninos de Palhavã, um dos quaes ultrajára o Marquez e estivêra para ser condemnado á morte; depois, successivamente, das prisões dos condes de Obidos e da Ribeira, de D. Manuel de Sousa Calhariz e do filho, do marquez de Alorna, de D. Manuel de Lorena, de Nuno Gaspar de Lorena, de D. Rodrigo Antonio de Noronha, de Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, do desterro de José de Scabra, da prisão de Costa Freire, dos barbadinhos italianos e do exilio de Diogo de Mendonça.

No regimen absoluto d'aquelle tempo, todos estes actos eram, principalmente, da responsabilidade do rei, cuja vontade era indiscutivel e soberana. Com esta doutrina se podia escudar o Marquez e com relação a alguns factos indicou provas documentaes da interferencia, da iniciativa ou da acquiescencia do soberano.

Pelos meados de novembro tratava-se das affirmações historicas feitas pelo Marquez nos *Appensos* que tratavam do estado do paiz quando D. José subio ao throno e da agitação e insubmissos conluios de certas classes no principio d'aquelle reinado.

E em quasi todos os dias o juiz França expedia para a côrte um correio especial com informações confidenciaes ácerca dos interrogatorios.

* * *

Pombal ia peorando e enfraquecendo de dia para dia.

Era já em dezembro, desabrido e asperrimo dezembro.

O frio enregelava.

O interrogatorio começára tarde n'aquelle dia, pois que da banda de manhã o Marquez estivêra muito afflicto e em absoluta impossibilidade de sair do quarto.

Dias pequenissimos. Tinham começado as perguntas, estava já a escurecer.

—Desalmados!—dizia o Manuel Bento á porta.—Vae para cinco horas que lá o teem dentro! Com tamanho frio, n'esta triste noite!

Effectivamente, a noite estava horrorosa. A chuva de pedraço fustigava as vidraças ruidosamente, e, de momento a momento, a luz branca dos relampagos entrava pela casa dentro, como se as frinxas das janellas se houvessem escancarado em brechas enormes.

—Jesus!—exclamava a espaços o Manuel Bento. Vae d'este mundo bem amargurado!

«Se tivesse sido como os outros, que não faziam nada, que deixavam ir tudo pela agua abaixo, não teria inimigos e deixavam-no morrer descançado lá na côrte!

Ouviram-se de subito uns brados asperos, roucos, trementes, como de pessôa que estivessem estrangulando.

—E' o sr. Marquez!—exclamou angustiadamente o Manuel Bento, e abriu a porta da sala a tremer.

Pombal estava falando alto, a rouquejar, muito afogueado, a tremer muito.

—Aleivosia! Aleivosia! O cardeal da Cunha calumniou-me! Eu não fiquei com as pratas do duque d'Aveiro!... Ficou o cardeal com ellas... para as pagar... em prestações... Só pagou as primeiras... Os papeis,

(*) Palavras textuaes do processo.

os recibos... estão na secretaria d'estado. (*)

«Vão vêl-os... Não as roubei!... O ladrão é elle... Accusações d'estas não se fazem a um homem... como eu fui... nem mesmo para o calumniar!

E, já com a voz muito estrangulada, caiu pesadamente na cadeira e perdeu os sentidos.

—Ai o meu querido amo, que m'o mataram!—exclamou o Manuel Bento, arrastando-se para elle.

E chamava-o n'uma voz que mal se ouvia:

—Sr. Marquez! Sr. Marquez!

O juiz França gritou á porta para levarem d'ali o respondente.

E tiraram da sala, em braços, aquelle accusado, cuja figura historica era de tamanho vulto, que se descobria de extremo a extremo da Europa.

Foi um doloroso alvoroço n'aquella casa!

Acudiram a correr a Marqueza e as filhas, os olhos cheios de lagrimas, o peito arquejante de soluços.

—Deus lhes perdõe, srs. juizes!—exclamou Damião de Castro, tentando aprumar o seu alquebrado corpo, tremente, mirrado como se fôra a mumia de um santo.

«Ainda que fosse um criminoso, este não era como os outros!

«Na sua infinita misericordia, Deus terá perdoado a verdugos de menos duro coração!

—Padre! —bradou assomado o juiz França. Mais respeito pela justiça de sua magestade.

—Srs. juizes! Mais temor á justiça de Deus!

E saiu, a cambalear.

O Manuel Bento foi dar-lhe amparo enternecidamente e beijou-lhe as mãos, a chorar.

Instantes depois, o desembargador Monteiro escrevia no auto que o Marquez havia de assignar quando recuperasse os sentidos:

E por causa da molestia d'elle respondente se não proseguio por hoje mais nas perguntas.

Eram as palavras de encerramento d'aquelle interrogatorio. Gélidas, rasteiras, tragicas!

(*) E afinal este interrogatorio foi um triumpho para o Marquez de Pombal. Os actos censuraveis da sua administração, os seus despotismos, as suas crueldades estavam legalisados pela assignatura régia, etc.

.....

«O que restava pois? As accusações de concussão, delapidação dos dinheiros publicos e venalidade? D'essas saiu sempre triumphante o marquez de Pombal, mas não sairam igualmente limpos os seus accusadores. *Assim, o cardeal da Cunha insinuára que o marquez de Pombal se apossára da riquissima baixella do duque de Aveiro*, e provou-se pelo contrario que fôra o mesmo cardeal quem a comprára, tendo realisado apenas um ou dois pagamentos.»

(Pinheiro Chagas.—*Historia de Portugal*, vol. X, pag. 423 e 424 da edição popular illustrada.)

X

ULTIMO INTERROGATORIO

Entrára o anno de 1780. Estamos em janeiro.

Era enorme o abatimento physico do glorioso exiliado. Para agitar aquelle sangue que as hemorrhagias tinham empobrecido, para arrastar ainda aquelle corpo que a lepra começava a apodrecer, só a sua alma excepcional e só essa rija vontade, que ainda não fôra completamente vencida.

Mas já se lhe apagava a espaços a memoria, que fôra prodigiosa, e já os desfallecimentos do corpo lhe iam enfraquecendo o espirito.

Cada novo interrogatorio era uma tortura maior que a antecedente e um passo mais para a victoria dos seus inimigos e para a morte do assombroso desterrado.

Contavam com isto os juizes-verdugos.

A principio, o Marquez respondêra firme, sereno, na plena energia do seu lucidissimo espirito. Depois, começou a fraquejar. Não podia mais. A enfermidade parecia combinada com o juiz interrogante.

Tres mezes de interrogatorios, de instancias e armadilhas inquisitoriaes, em sessões que ás vezes iam pela noite dentro e duravam oito horas consecutivas!

Nenhum homem talvez, em plena mocidade, cheio de vida e de força, supportaria inquebrantavel aquelle supplicio moral tamanho; quanto mais elle, quasi a tocar os oitenta e um annos, com o coração envenenado de maguas e uma doença de morte a prostral-o, dia a dia, cada vez mais!

E os desalmados odios de Lisboa a inventarem com inabalavel insistencia calumnias requintadamente perversas ou miseravelmente estupidas!

Agora todos repetiam na côrte, como espantosa accusação, estas affirmações idiotas e malévolas, escriptas em tempo por um frade do convento dos Jeronymos:

Que o Marquez tivéra em seu poder um livro feito por D. Luiz da Cunha, contendo maximas de Machiavel para um ministro se conservar no valimento do monarcha. Que estava em Oeiras e na Granja, onde elle tinha os papeis mais secretos e importantes, e que por isso o Marquez ia para alguma d'aquellas quintas instruir-se n'esses papeis, quando queria apparecer com alguma novidade, sendo de grande utilidade se se podesse apanhar e queimar esse livro. (*)

O frade queria queimado aquelle hediondo e mysterioso livro, em que o Marquez ia aprender a occultas os *preceitos machiavelicos* que lhe deram coragem no dia pavoroso do terramoto, que o fizeram resurgir Lisboa, que não o deixaram dobrar á soberbia estrangeira, e lhe trouxeram estimulo para levar ao convivio dos potencias cultas o Portugal ignorante e fradesco, indolente e devasso, que ficára no espolio do sr. D. João V!

D'este frade se podia dizer o que o Camillo escreveu de fr. Gaspar da Encarnação, ministro e valido do rei *Magnanimo*:

Uma santa besta!

Em Lisboa, os fidalgos instavam pela revisão do processo dos Tavoras e os ex-jesuitas pediam de lá e do estrangeiro que o Marquez fosse tambem interrogado ácer-

(*) *Exposição feita por Fr. Dionysio Luiz de Faro*, monge de Belem, a 26 de fevereiro de 1777. Foi consultada por Latino Coelho e existia entre os manuscriptos da Academia Real das Sciencias.

ca de numerosos quesitos por elles formulados.

O *Impio* luctára com a Companhia dominadora e poderosa no mundo; os *santos varões* queriam agora esmagal-o caído, no seu desterro de Pombal!

Jesus, o sublime Jesus, hypocritamente invocado por elles, disséra dezoito seculos antes na Judêa:

Amae-vos uns aos outros como irmãos e perdoae aos vossos inimigos.

Nunca o implacavel ministro seguira esta doutrina. Nem elle nem os seus inimigos da *Companhia de Jesus!*

* * *

Em 8 de dezembro, n'um desafogo das suas enormes amarguras, Pombal escrevêra uma longa carta ao filho mais velho, que ainda se conservava em Lisboa.

Até ali o Marquez abstivéra-se de lhe escrever e não quizéra dar-lhe conta da sua angustiosa tortura e nem mesmo da sua grave enfermidade lhe contára pormenores; mas sentia-se tão cruelmente opprimido, que não poude manter o primitivo proposito, e n'aquella carta para o filho buscou desafogo para as suas immensas maguas soffridas.

E dizia-lhe depois de varios pormenores a respeito da doença:

«Estando, alem d'isso, debilitado, não só com as minhas molestias habituaes, mas tambem com cincoenta e tantos dias de perguntas, a que tenho sido obrigado a assistir, com sessões de oito horas e mais, (cinco, seis, sete até oito e mais) saí extenuado pelos vinte minutos da meia noite de sabbado para o domingo proximo precedente». (*)

Affirmava que era profunda a sua obediencia á rainha e que não queria morrer *mascarado pelos seus inimigos e desconhecido* pelo seu legitimo soberano e pela sua *Patria*, que sempre professára servir com *summo zelo* e *igual fidelidade*.

Contava depois o Marquez que tinha mandado chamar de Coimbra o dr. Antonio José Pereira, lente da Universidade, o qual era então o medico de maior pratica ali existente, segundo a opinião geral.

(*) Encontra-se no livro de copias que temos citado.

E novamente insistia com o filho para que não deixasse a côrte, pois que em Pombal tinha ao pé de si desveladas enfermeiras, referindo-se d'este modo á Marqueza e ás duas filhas que lhe estavam fazendo companhia. (*)

* * *

O Marquez estivéra de cama por largos dias. Melhorára um pouco, (ephemeras melhoras!) e teve auctorisação dos medicos assistentes para se levantar do leito, devendo, porém, conservar-se no quarto, até que recuperasse algumas forças.

A Marqueza e as duas filhas tinham ido repouzar. Ficaram com elle Damião de Castra e Manuel Bento.

—Isto não pode ir longe, Damião de Castro! Hão-de afinal conseguir o que desejam!

«Vê lá tu, que tanto te amarguravas com as *minhas crueldades*...

—Então, Sebastião de Carvalho, não estejas a lembrar acontecimentos que a ambos nos opprimem!

—Estou a lembral-os, para que tu repares na *piedade* e na *justiça* dos que passam por boas e virtuosas pessoas, e a toda a hora trazem na bocca o santo nome de Deus.

«Vê lá que differença! O *impio*, o homem de *cabellos no coração*... era implacavel para os soberbos fidalgos, que lhe queriam tirar o poder, matando-lhe o rei... Tirar-lhe o poder, deprimir o throno, levantar contra a civilisação os estupidos privilegios... com que haviam opprimido Portugal.

E interrompeu-se como para tomar alento. Tinham-no cançado aquellas palavras lentamente proferidas.

—Bem vês que te faz mal recordar essas coisas e falar d'ellas.

(*) «Sendo este o meu presente estado (escrevia o Marquez) te ordeno positivamente, com auctoridade de pae e com affecto de amigo, que de nenhum modo consintas no pensamento de pedir licença para me vir assistir, por que, primeiro de que a triste assistencia que me podias aqui fazer, deve estar o das tuas honrosas obrigações no serviço dos nossos augustissimos amos e clementissimos senhores, por que não deves abandonar e deixar ao desamparo esta abandonada e perseguida casa em occasião tão critica como a presente.»

—Engano ten. A voz cança... mas a alma está cá dentro a gritar amargurada... e essa, ainda não cançou... mas receio muito que m'a enfraqueçam, como o corpo se enfraqueceu.

«Isto agora, meu santo... é um desafogo, que até me faz bem.

«Eu era contra a nobreza arrogante e oppressôra... era contra a Companhia, que se oppunha a todas as reformas... e se tornára aqui... omnipotente.

«Mas luctavamos... lucta de vida ou de morte, sem tregnas... elles pelo Portugal ignorante e escarnecido... que trazia aos hombros... a roupêta da Companhia; eu... pelo Portugal de uma nova civilisação... em pé deante da arrogancia estrangeira... mais alta a bandeira... que fôra assombro do mundo... não a outra, que elles queriam estendida ás portas de S. Roque... em guisa de tapête!

«Mas vês... agora não! Não ha com quem luctar!

«Os odios veem contra mim a frio, premeditadamente... movidos sómente pelo sentimento da vingança... Só por ella contra o inimigo que já não póde batalhar... contra o ministro que já não tem poder... contra o octogenario enfermo... que nem já tem forças para dar resposta a quantas calumnias... elles estão inventando, tantas!

«Todos elles para um só... e n'estes requintes de infernal perversidade que estás vendo!

«Mas os «piedosos varões» são elles, e o impio de abominavel coração... era eu!

—Deus terá piedade de ti.

—Mas esta tortura a que elles me sujeitam, dia e noite... esta immensa tortura moral... é muito peor que a outra do corpo!... Antes o pôtro e a polé... alguns minutos de horrorosas dôres... e esta dura ha tres mezes!

E a reprimir soluços que o afogavam, escondeu entre as mãos o rosto desfigurado!

Acercaram-se d'elle carinhosamente os dois velhos amigos.

—Sebastião de Carvalho!— murmurou supplice o velhinho Damião de Castro.

«Tu não és como os outros homens. Tem resignação; pede mais um esforço a tua admiravel energia.

—Quebrou-se... quebraram-n'a trinta annos de luctas e de amarguras... as amarguras d'estes dois annos ainda mais... immensamente mais que os trabalhos... de vinte e sete annos!

—Deus se compadecerá de ti, e hão de fazer-te justiça no mundo os que virem depois de nós.

—Nem talvez esses... Nem esses!

Chegaram então Jorge Gustavo e Ruy de Noronha. O Manuel Bento saíu.

Damião de Castro sentiu um immenso allivio. Era natural que tomasse outro rumo aquella mortificadôra conversa.

E tomou. Depois de uns affectuosos cumprimentos, Jorge Gustavo esteve falando baixo com o Marquez, cujo semblante ligeiramente se desannuveou. Trazia-lhe enternecidas palavras de Helena.

Entretanto, Damião de Castro segredou o que quer que fosse a Ruy de Noronha.

Trouxeram uma carta para o Marquez. Era do bispo D. Francisco de Lemos, reitor da Universidade.

O Marquez pediu a Ruy de Noronha que lh a lesse.

—Esse é dos que me não esquecem, nem voltam as costas!—disse o Marquez como commentario da carta affabilissima de D. Francisco de Lemos.

«Nem sei como ainda o não perseguiram!...

—Talvez receiem não encontrar outro, que dignamente o substitúa na reitoria da Universidade.

—Diz bem... e oxalá que D. Francisco de Lemos... possa defendel-a... e defender-se d'esses... que vão arrastando a nação para traz.

—Oxalá, sr. Marquez—volveu-lhe Ruy de Noronha—mas temo bem que não possa. Sei por uma carta que esta manhã recebi de Coimbra que as coisas por lá não vão correndo bem, e que, apezar dos esforços de D. Francisco de Lemos, a Universidade decae a olhos vistos.

—São capazes de a metter... outra vez... nas mãos dos jesuitas.

—Sob a tutela oppressora do Santo Officio é que ella já está.

—Quê?!... Então o Santo Officio voltou... ao seu antigo predominio?

—Não queima, não mata, mas persegue-

e encarcéra. Em Coimbra está seguindo o odioso caminho de outros tempos. Por denuncia de impiedade foi preso e processado pela Inquisição o sabio professor José Anastacio da Cunha. (*)

—José Anastacio da Cunha! Porquê?

—Por que ha dez annos, na praça de Valença, convivia muito com officiaes inglezes protestantes, e porque, segundo a denuncia, comia carne em dias prohibidos, lia livros estrangeiros contra a religião e era tido e havido por hereje, impio e libertino!

«E dizem-me que ha outras pessoas presas e processadas pela Inquisição, por iguaes *delictos* e identicas denuncias! (**)

—Como isso vae!

—E protegidos em Lisboa os devassos que andam pelos conventos das monjas e pelas ladainhas da côrte!

—Triste! Immensamente triste!

* * *

O dr. Antonio José Pereira viéra despedir-se do Marquez. Ia partir para Coimbra.

—Dr. fale-me desassombradamente—pediu-lhe o Marquez na sua voz muito sumida e cançada.

«Tenho filhos... negocios de minha casa a regular... e preciso de me ir... prevenindo.

«Apezar de muito... velho... e muitissimo doente, ainda terei... coragem... para ouvir a verdade.

«Supponho que esta... minha enfermidade não tem cura... que a morte não tardará...

«Não me deixe illusões... peço-lhe que me diga... o seu parecer.

O medico olhou para os amigos dilectos do Marquez e parecia hesitar.

—Dr. não tenha receio por mim...

—O estado de v. ex.ª exige muitos cuidados, mas os soffrimentos moraes são decerto os mais graves e para elles é que eu não tenho remedios.

—Nem eu, Dr.!

—Mas se v. ex.ª procurar resignar-se...

—Quando me accusam de... ladrão... quando me querem enterrar vivo... n'uma sepultura... de lama!

—Calumnias mais tarde ou mais cedo se desfazem. Despreze-as v. ex.ª, que tem grandeza para as poder desprezar. Precisa de tranquillidade.

—Preciso, mas não m'a concedem.

—Quero crêr que o juiz interrogante ha de ter em attenção o estado de v. ex.ª, e que os interrogatorios não proseguirão, pelo menos, durante algum tempo.

—Não creio, Dr. Deram ao juiz a commissão de me torturar... ha de ir até ao fim.

«Não lhe quero... tomar mais tempo. Mil vezes... obrigado, Dr.

«Conte a D. Francisco de Lemos... como vão matando aqui... lentamente... este odiado velho... que alguns serviços prestou a sua terra!

E os olhos afogaram-se-lhe em lagrimas.

—Sr. Marquez!—disse o dr. Pereira indo para elle.

Bateram então mansamente á porta do quarto. Ruy de Noronha foi abrir. Era o Manuel Bento.

—Chegaram agora os juizes!—disse elle a meia voz, profundamente consternado.

—Os juizes para quê?!—perguntou baixo Ruy de Noronha.

—Pelos modos para lhe fazerem mais perguntas! Querem acabar de o matar!

—Que é isso, Manuel Bento?—perguntou o Marquez.

—Vinha dizer que tinham chegado os

(*) «A disciplina da Universidade volvia á incuria ante-pombalina, calando em despreso os exames preparatorios para os cursos superiores, tornados a exigir por carta regia de 26 de maio de 1778. Porem, para avaliar o estado dos espiritos, basta o relatar com a crua eloquencia dos documentos a perseguição do lente José Anastacio da Cunha, uma das maiores glorias da Universidade e da nação portugueza no seculo XVIII.

O processo de José Anastacio da Cunha começou a ser organisado sobre as denuncias apanhadas a varios presos pela Inquisição de Coimbra no começo do anno de 1778».

(*Historia da Universidade de Coimbra*, pelo sr. Theophilo Braga, tomo III, pag. 606 e 607).

(**) Em janeiro de 1775 foi tambem processado o tenente de artilheria do Porto, José Leandro Mihani da Cruz, e preso *por culpas de libertinismo* na Inquisição de Coimbra.

No mesmo mez e anno foi egualmente processado por culpas identicas o soldado de artilheria José Madorra Monteiro.

juizes... Naturalmente para saberem de v.ª ex.ª

—Para mais perguntas... é que ha de ser.

«Sabem que estou melhor... que me levantei... Aqui tem, Dr.... a tranquillidade que me concedem!

—Mas no estado em que v. ex.ª está é impossivel, absolutamente impossivel!—disse o medico energicamente.

—Assim é que eu estou melhor... para perder o animo... e acabam elles a commissão.

—Sr. Marquez—disse Ruy de Noronha—dê-me v. ex.ª licença que lhes vá falar.

—Não... não... Isto ha de ir até ao fim...

«Hontem veiu aqui... o desembargador Monteiro... e disse-me que em outro interrogatario... se terminava a diligencia.

—Sr. Marquez. tenho eu o direito e o dever de ir informar, na minha qualidade de medico assistente, que v. ex.ª não póde ir para os interrogatorios, sem grave risco...

—Deixe, Dr... Talvez eu sinta animo para ir... só com a idéa... de que será este o ultimo.

—Mas na propria Inquisição, na casa das torturas, ha um cirurgião assistente, para evitar que se dêem tratos aos réus que estejam enfermos ou tenham perdido as forças!

—Dr., esta tortura é differente! Já para lá tenho ido em braços... irei hoje...

«Elles teem pressa... e eu tambem.

E a muito custo se poz de pé.

—Ah! que piedosas... são essas pessoas de bom coração!—exclamou o Marquez encostando-se ao leito!

E murmurou:

—Vamos, marquez de Pombal!... assim o quer a régia clemencia!

—Sebastião de Carvalho!—disse muito junto d'elle, quasi em segredo, Damião de Castro. Não vás.

—Sãs capazes de dizer... que me finjo... mais doente... por ter medo de ir!

A Marqueza entrou arquejante, os olhos cheios de lagrimas.

—Chegaram os juizes!

—Já sabia. Tranquillise-se.

—Disse-lhes que não podia ir, e não póde. Responderam-me desalmadamente que tinham hoje recebido ordens terminantes da côrte para acabar immediatamente os interrogatorios.

—Acredito—respondeu o Marquez, sentando-se outra vez, como extenuado.

«Acredito... a côrte ha de estar... com pressa de lêr... o que eu disse... na fórma porque elles... o dictam e escrevem.

—Suppliquei que tivessem dó, e replicaram-me que seria o ultimo interrogatorio, e de pouca demora.

«Mas nem assim póde ser, nem assim!

—Vou, Marqueza. Estou melhor... Sinto-me com mais forças... Vae vêr como eu vou.

«E' o ultimo!... o ultimo!... Que allivio!

«Quanto mais depressa... melhor.

—Por amor de Deus!—supplicou a Marqueza a chorar.

E reparando no medico, disse, soluçando:

—Doutor, diga-lhe que este sacrificio lhe vae fazer muito mal. Diga-lh'o. E aos juizes tambem; hão de attendel-o.

—Isso queria eu ir dizer-lhes, sr.ª Marqueza, mas...

—Pedi-lhe eu... para não ir. Leonor... encarecidamente lhe rogo que não insista.

«Manuel Bento, chama os creados... para me ajudarem.

—Estamos nós aqui!—disse Jorge Gustavo, indicando Ruy de Noronha.

E acercaram-se os dois, profundamente commovidos.

—Então, vamos lá—disse o Marquez, amparando-se áquelles dedicadissimos amigos.

«Marqueza, não se mortifique... E' o ultimo!

Levaram-no os dois carinhosamente.

O dr. Pereira afastou se para o lado da porta, dolorosamente impressionado.

Damião de Castro estava como n'um spasmo de magua; o Manuel Bento chorava.

—Oh! divina Mãe de Jesus, tende piedade d'elle!—soluçava a Marqueza, de joelhos ante o pequeno oratorio do quarto.

* * *

Como os anteriores, aquelle interrogatorio de 15 de janeiro de 1780 foi feito á porta cerrada.

Nas perguntas ia o dr. França resumindo todos os pontos importantes tratados nos interrogatorios anteriores, fazendo o exame de certas declarações e a controversia d'outras que lhe pareciam contradictorias.

O duro e rancoroso interrogante apertava o Marquez em arguciosos quesitos, em ciladas de argumentação, em minucias de datas e de factos, com uma implacavel e estonteadôra insistencia.

Pombal ia respondendo lentamente, com repetidos intervallos, n'uma voz fatigada que já não repercutia indignações, antes, de quando em quando, parecia gemer immensas maguas.

E o cerebro a esvair-se-lhe, as datas e a noção das cousas a baralharem-se-lhe confusamente na memoria semi-apagada, a voz a sumir-se-lhe nos labios e a alma a gritar-lhe lá dentro, em allucinações de desespero, que ia perder ali toda a superioridade mantida nos interrogatorios anteriores, em tres mezes de supplicio, e comprometter o proprio futuro dos filhos, dando ensejo a que o podessem incriminar!

Levado para o interrogatorio

Os rebates do perigo que estava correndo mais ainda lhe perturbavam e amorteciam o animo.

Tinha no rosto uns tons de lividez, em que mais sobresaiam as manchas denunciadoras da horrivel enfermidade: os labios estavam brancos, resequidos, o olhar quebrado e vago.

E o juiz a enleal-o cada vez mais nas suas perguntas, nas suas instancias.

nos seus estratagemas de argumentador, como o verdugo enleia nas cordas do pôtro e vae apertando desalmadamente o padecente que é preciso constranger a confessar a accusação.

Sentia a victima a fraquejar; aquelle seria o interrogatorio fundamental, aquella a batalha decisiva; redobrava os seus implacaveis esforços.

No corredor, a poucos passos da porta fechada, esperavam Jorge Gustavo e Ruy de Noronha, Damião de Castro ficára acompanhando a Marqueza. O Manuel Bento estava ao fundo do corredor, como assombrado.

—Que demora! Que demora! — dizia baixo Jorge Gustavo.

—E' monstruoso isto! — commentava indignado Ruy de Noronha.

«Que longo interrogatorio! Faltaram á sua promessa! Mentiram aquelles verdugos!

—Fizemos mal em consentir!

—Querem ver se arrancam ao seu amortecido animo algumas humilhadoras palavras!

«Pois se a demora se prolonga, abro a porta, e vou atirar pela janella fóra esse desalmado juiz, que tem sido o carrasco do glorioso velho.

—Ruy de Noronha!—observou-lhe Jorge Gustavo. Diriam que fôra combinada essa violencia contra a real justiça e perderia o Marquez, perdendo-se tambem a si.

«E' preciso esperar resignadamente.

* * *

O Marquez não podia mais. Nublava-se-lhe a memoria n'uma estonteadóra confusão de datas e de acontecimentos, como no cérebro de um louco. As suffocações eram mais violentas, sentia que ia perder o alento, e, se tal succedesse, ainda haviam de sujeital-o a outro interrogatorio!

Teve mêdo. Lembrou-se dos filhos.

Ergueu-se então lentamente, a tremer. Borbulhava-lhe na fronte um suor frio como de lancinante agonia, e de olhos baixos, porque os tinha rasos de lagrimas, disse sumidamente, apoiando-se á meza dos juizes.

—Confesso... que por esta minha debilidade... terei incorrido... em faltas de memoria... mas.... confirmo.... as minhas respostas anteriores.

«Trabalhei..... quanto podia..... para a gloria do meu rei.... e para a grandeza da.... minha patria.

E baixando muito a voz, cada vez mais tremula e arrastada, accrescentou:

«Peço... humildemente... perdão, a sua magestade a rainha, das faltas... que houvesse commettido... mas... a ella sómente... e espero obtel-o da sua clemencia.

E deixando-se cair pesadamente na cadeira, encerrou n'um soluço aquella atormentadora declaração.

Tinham fulgurações de infernal triumpho os olhares dos dois juizes, cruzando-se no mesmo impulso de intimo jubilo. Emfim o *Homem* dobrára-se!

—Queira escrever brevemente estas ultimas declarações do sr. Marquez — disse alto o juiz França para o outro. S. ex.ª está visivelmente incommodado e tem de assignar o auto.

«O mais depressa que seja possivel.

E logo accrescentou em voz baixa para o collega:

—Só a confissão dos erros de memoria e a supplica de clemencia para as suas faltas.

O desembargador Monteiro escreveu rapidamente. Leram ao Marquez o auto d'aquelle interrogatorio.

—Disse mais... disse mais ahi... no fim.

—Está escripto o essencial— respondeu friamente o juiz França. Queira assignar.

O Marquez assignou. A mão estava insubmissa e tremente, como se nunca tivesse escripto aquelle nome tamanho na historia de um seculo!

Para saber o que foi este ultimo interrogatorio não é preciso ler os autos nem folhear as chronicas e as memorias do tempo. Basta reparar n'aquella assignatura. Nenhuma outra assim em todos os autos, e o Marquez assignára dezenas d'elles!

E' muito mais do que a irregular e tremida calligraphia de um velho de oitenta annos; é a torturada lettra de um vencido. Esta ali a symbolisação graphica d'essa colossal angustia, que ninguem soube ainda descrever!

O juiz França abriu a porta para chamar quem viesse buscar o Marquez.

—Acabou a tortura?—perguntou Ruy de Noronha torvamente.

—Acabou o ultimo interrogatorio do sr. Marquez—respondeu seccamente o juiz.

Entraram Jorge Gustavo e Noronha. O Manuel Bento ficou immovel no corredor, muito afogueado, n'uma estranha hesitação, como se não soubesse andar.

—Ajudem-me a sair d'aqui!—supplicou o Marquez, relanceando um olhar de horror para o processo, aberto ainda diante de si.

Levaram-n'o os dois carinhosamente, nos braços.

—Perdôem-me... meus amigos!—vinha soluçando o Marquez. Fraquejei!... ah! mas foi a ultima tortura!... Não podia mais!... Não podia!

De subito sentiu-se no corredor o baque de um corpo.

O Manuel Bento caíra desamparado no chão.

XI

HORA FINAL

Mendanha, o do *Libello Famoso*, não intentára nova acção contra o Marquez.

Dos interrogatorios feitos em Pombal sabia-se apenas que o governo da rainha mandára submetter o respectivo processo á apreciação de uma junta de sete desembargadores, entre os quaes se incluiam os dois que tinham ido ouvir o famoso desterrado!

Dizia-se á bocca pequena que o parecer dos membros da junta manifestava importantes divergencias de opinião. (*)

Contava-se que os desembargadores Pereira de Castro, Gomes Ferreira e França eram de opinião que o processo feito fosse considerado apenas um principio de diligencia, e por decreto se mandasse abrir devassa e se declarasse que, pelos interrogatorios effectuados, pelos papeis apprehendidos ao Marquez e pelas proprias accusações do decreto de 3 de setembro de 1779, se mostrava o antigo ministro réu convicto de graves delictos.

O desembargador Vasconcellos e Sousa entendia que se devia pôr de parte qualquer deliberação fundada nas diligencias já intentadas, e expedir um decreto mandando proceder a outras e a uma devassa em forma.

Mas os desembargadores Emaús e Monteiro eram de parecer que sobre o processo de diligencias particulares se sentenciasse já camarariamente, e depois se procedesse a devassa ácerca de outros delictos de que o Marquez era accusado.

E nada mais se tornou a saber, apezar das impaciencias de certa gente da côrte.

(*) O parecer foi formulado no ministerio do reino a 22 de maio de 1780.

O governo hesitava. Aquelle reu fôra o ministro omnipotente do pae da rainha e tinha um nome que enchia a Europa. O patibulo para elle havia de ser tão grande, que a propria sombra passasse para além da fronteira, e tão alto, que ficasse ao nivel do throno, antigo pedestal do seu extincto poder.

* * *

Nas suas constantes instancias para que lhes fosse concedido um processo de plena rehabilitação, a familia Tavora obtivéra emfim que a rainha outorgasse revista de graça especialissima contra a sentença proferida em 12 de janeiro de 1759.

Constituiu-se uma junta ou tribunal especial, que era presidido pelos ministros.

A nobreza ficou envaidecida com esta conquista, mas o tribunal não correspondeu ás jubilosas esperanças dos Tavoras. As sessões foram-se tornando raras e os juizes pouco assiduos. Em 1781 nenhuma resolução haviam ainda tomado!

Explicavam-se estas delongas por attrictos e embaraços com que nem os ministros nem os juizes tinham contado.

Os jesuitas insistiam por que o tribunal da revisão apreciasse tambem as accusações de instigação ao regicidio e cumplicidade n'elle, com que a sentença de 1759 fulminára alguns dos seus confrades, e o Marquez de Alorna instava energicamente pela rehabilitação do marquez de Gouveia, o desventurado filho do duque de Aveiro, e por que ao infamado primogenito do regicida fosse restituida a casa opulentissima que havia sido confiscada em 1759.

Proclamar, ao mesmo tempo, a innocencia dos Tavoras, do duque d'Aveiro e dos

jesuitas, seus presumidos instigadores, o mesmo seria que arrojar uma formidavel condemnação por crueldade iniqua contra a memoria de el-rei, em sentença firmada pela propria filha.

Os ministros e os juizes tiveram mêdo da sua propria obra.

Redobraram então junto da rainha as instancias dos Tavoras, e a pobre soberana cujo espirito andava já annuviado por doutrinas fanaticas e exagerados escrupulos de religião, começou a sentir-se atormentada de remorsos, ante aquellas tamanhas delongas.

Um dia appareceu muito pallida, muito opprimida, os olhos cançados de chorar (*) Andavam com ella os escrupulos, naturalmente exacerbados pelo seu novo confessor. Apparecia-lhe em sonhos horriveis a figura do pae, tal como a representaram em bronze no Terreiro do Paço, altiva, colossal, mas já esbrazeada entre as labaredas do Purgatorio, como estatua sinistra de um rei que a divina justiça condemnára!

Em impaciencias de terror infantil, primeiros rebates fugidios de uma loucura que havia de tortural-a muitos annos depois, D. Maria I resolveu exigir ao tribunal uma consulta immediata, inadiavel.

Era isto em 7 d'abril d'aquelle anno de 1781.

Quiz el-rei, e tentaram os ministros dissuadil-a de tão arrebatada e insensata resolução, mas a ninguem quiz ceder aquella senhora, em tantas outras occasiões hesitante e quasi ingenuamente irresoluta! Lembrava-se do horroroso sonho e via o pae com o arcaboiço de bronze a escandecer-se nas chammas da divina justiça! Pareceu-lhe que poderia livral-o do Purgatorio com uma sentença revisòra do processo dos Tavoras.

Mandaram-se chamar os juizes ao paço da Ajuda e ali os intimou a propria rainha a que immediatamente e sem interrupções fossem discutir definitivamente o processo de 1759 e dessem parecer no processo de revisão de que haviam sido encarregados.

Era uma desvairada violencia, mas os juizes submetteram-se humildemente. Alguns estavam já acostumados a dobrar se á imperiosa vontade dos que tudo podiam. Annos antes haviam sido os servos togados e os aulicos subservientes de Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal.

Installado em uma sala da Ajuda, o tribunal levou toda a noite n'aquella tarefa imposta por um régio capricho.

Sobre a madrugada e depois de escriptos os largos fundamentos, que mais parecem uma apologia dos Tavoras do que o accordão de um tribunal, os juizes votaram a decisão, em que confirmavam o crime de regicidio quanto ao duque de Aveiro e aos seus cumplices José Polycarpo de Azevedo, Antonio e Manuel Alvares Ferreira, e declaravam sem culpa os Tavoras e o conde de Athouguia.

Recebeu a rainha o parecer do tribunal com manifesta expressão de contentamento.

A 23 de maio de 1781 redigia-se na Ajuda a sentença que revogava a de 1759, quanto aos Tavoras e ao Athouguia e os proclamava innocentes e illibados da culpa infamante, restituindo aos seus herdeiros e representantes os bens e honras de que haviam sido despojados.

Mas o marquez de Alorna clamava alto pela innocencia e pelos direitos do primogenito do duque de Aveiro, mas os jesuitas protestavam contra a omissão da sentença revisoria, que os deixava sob o peso das accusações de 1759, mas o desembargador procurador da corôa, Antonio Pereira Ramos, punha embargos áquella rehabilitação dos Tavoras, talvez, para acceder a clandestinas instancias do proprio governo, que d'este modo se escapava das graves e immediatas difficuldades que não soubéra prevêr, e o processo revisorio com a respectiva sentença foi para o limbo dos papeis inuteis.

Deixavam de pé a sentença de 12 de janeiro de 1759!

* * *

O Marquez sentia consideraveis melho-

(*) Na sua *Historia politica e militar de Portugal*, Latino Coelho refere-se largamente a estes escrupulos da rainha e cita em seu abono uma obra italiana d'aquella epoca, assim intitulada: *Vita di Sebastiano Giuseppe de Carvalho e Melo, marchese di Pombal, conte di Oeyras, segretario di stato, primo ministro del rè di Portogallo, D. Giuseppe primo.*

O facto vem affirmado a pag. 211 do tomo V d'esta obra, segundo a citação do immortal escriptor.

ras, graças a um processo de tratamento que lhe fôra prescripto pelo italiano Lorenzzo Guaglia, cirurgião-mór de cavallaria ao serviço de Portugal.

Parecia inaccessivel á morte aquelle velho de oitenta e dois annos!

—Se for possivel obter licença para o sr. Marquez mudar de ares—dizia o cirurgião italiano a D. Leonor Ernestina—se deixarem que vá fazer uso das aguas das Caldas da Rainha, creio bem que o veremos completamente restabelecido.

—Já escrevi ao bispo de Coimbra pedindo-lhe de emprestimo uma casa da mitra em S. Martinho e ainda espero que, na sua piedade, sua magestade a rainha conceda licença para o Marquez sair d'aqui. Encarregarei meu filho mais velho de renovar as suas instancias junto da rainha, e peço a Deus fervorosamente que mova em nosso favor a régia clemencia.

—Não tenha o sr. Marquez novas maguas, porque foi o soffrimento moral que o poz ás portas da morte, e a sua excepcional constituição triumphará de tantas inquietadoras enfermidades.

—E depois de Deus, a vossa mercê o devemos.

«Mas ando com muito receio dos inimigos que o Marquez tem na côrte! Não o esquecem, não lhe perdôam!

—Mas a rainha hesitará em ser cruel contra quem tanta cousa util fez ao seu paiz. (*)

—Os maus conselheiros... os maus conselheiros... d'esses é que eu tenho medo!... Mas ahi vem o Marquez; mudêmos de conversa.

Pombal andava ainda lentamente, muito encostado á bengala, mas não parecia o mesmo que tinhamos visto no ultimo interrogatorio. Transluziam-lhe as melhoras no rosto, quasi sem manchas; o olhar era mais firme, o parecer menos sombrio.

Vinha com Damião de Castro.

—Marqueza—disse jovialmente—se isto assim vae e me deixam mudar de desterro por algum tempo, ainda sou capaz de remoçar para desespero dos meus inconsolaveis inimigos.

«Sr. Lourenço Guaglia, digo-lhe que os tacs caldos de vibora que me receitou são detestaveis para tomar, mas de miraculosos effeitos n'esta minha doença!

E a sorrir accrescentou:

—Aqui o meu dilecto amigo Damião de Castro é que lhes tomou tal nojo, que nem sequer a pedido meu os quiz provar!

«Mas o caso é que me sinto outro, e pouco me importam os remoques dos nescios da côrte a proposito dos meus caldos.

«Foi um milagre seu esta cura!... Assim me podesse tambem curar aquelle meu pobre Manuel Bento!

—Quanto a esse, sr. Marquez, entendo que nada mais se lhe póde fazer. O ataque foi violento e a paralysia é irremediavel. Ha de acabar assim.

—Não imagina com que funda magua, com que immensa dôr d'alma o vejo n'aquelle misero estado! O mais antigo dos meus raros amigos!

«E por minha causa, tanto se affligiu por mim n'aquella noite infernal do ultimo interrogatorio!

«Mas, ainda assim, tenho-lhe notado algumas melhoras. Já diz umas palavras e já consegue levantar um pouco os braços.

—E é tudo quanto se tem podido conseguir. As pernas, essas ficaram como mortas.

—O meu pobre Manuel Bento! Lê-se-lhe nos olhos a alegria com que me vê e todo se enternece com os afagos, como se fosse uma criança!

«Está agora mais contente com a sua grande cadeira de rodas, para dar alguns passeios.

«Venha commigo, sr. Guaglia. Vamos vel-o; ainda hoje não fui fazer-lhe a visita do costume.

—Completamente ás ordens de v. ex.ª!

A Marqueza foi ter com as filhas e os tres dirigiram-se para o quarto do Manuel Bento.

Lá estava já na sua cadeira de rodas; a cabeça muito inclinada para um lado, o olhar parado e vago, a bocca um pouco

(*) Lorenzzo Guaglia dizia, por outras palavras o que o seu compatriota Nicolau Pagliarini, o que fôra despedido da impressão régia, escrevêra de Roma, ao dr. Ciera, ácerca do Marquez.

Egli ha fatto—escrevia Pagliarini—*tante cose bone al Portogallo, che meriterebbe pietà.*

(2 de junho de 1781.—*Gabinete da abertura*).

torcida, os braços cruzados sobre o ventre.

—Ora viva o meu querido Manuel Bento! —disse o Marquez entrando. O meu grande amigo!

Os olhos do paralytico volveram-se lentamente para o amo, cheios de alegria e de lagrimas.

—Sr. Marquez! — ronquejou confusamente.

—Tambem ha de melhorar; não hei de ser só eu.

«E cá está já repimpado na sua grande cadeira para ir dar um passeio.

E apertou commovidamente a mão que o Manuel Bento a muito custo levantara como para enxugar os olhos.

—Então, Manuel Bento! Se te affliges, não volto cá!

—Não... senhor—volveu o paralytico sumidamente, fazendo um esgare para articular aquellas duas palavras.

O cirurgião esteve a examinal-o attentamente e disse depois em segredo ao Marquez:

—Não passará d'isto, até que lhe dê outro que o mate.

D'ali a instantes, o Marquez despediu-se do lealissimo servo, dizendo-lhe:

—Logo, o sr. Manuel Bento ha de ir fazer-me uma visita ao escriptorio. O João ha de leval-o para lá n'essa cadeira que parece uma sége.

* * *

Era quasi nos fins de agosto d'aquelle anno de 1781.

Os ministros e os juizes da côrte não encontravam nos interrogatorios sólidos fundamentos para condemnar o Marquez, sem arrojar um pregão de infamia sobre as cinzas de D. José.

—E' de mau agoiro este silencio!—pensava o Marquez. Nem a deliberação da rainha a respeito dos interrogatorios nem a sua licença para eu poder ir ás Caldas!

«E é para recear que intentem vingar-se em mim da inutilidade do processo revisorio. Os Tavoras hão de se ter mexido.

«Tambem estou a estranhar a falta de carta de Henrique!

Referia-se ao filho mais velho, conde de Oeiras.

Eram 11 horas da manhã. A Marqueza fôra á egreja do convento de Santo Antonio pagar uma promessa que fizera pelas melhoras do marido. Damião de Castro acompanhára-a.

O Marquez estava na casa do escriptorio e livraria. O creado João tinha vindo trazer o Manuel Bento para a visita do costume.

Pombal poz-se a dizer coisas affectuosas que enterneciam o paralytico. O João ficara fóra da porta á espera.

Subitamente, o creado entrou e disse:

—Sr. Marquez, esta ali o meirinho do concelho, que traz um papel para v. ex.ª

—O meirinho! Um papel para mim? Que entre.

—Sr. Marquez—disse o meirinho cumprimentando-o respeitosamente.

—Que deseja?

—Venho de mando do sr. juiz entregar esta carta de officio para v. ex.ª

—Dê cá—volveu-lhe o Marquez, sobresaltado. Fica entregue... Mas deixe vêr se tem resposta.

E abriu a carta de officio. Empallideceu muito. O juiz remettia-lhe a copia de um decreto que fôra promulgado em 16 de agosto.

—Póde retirar-se; não tem resposta.

—Com licença de v. ex.ª—disse o meirinho saindo.

O Manuel Bento, que tinha estado com os olhos pasmados no meirinho, fitava-os agora attentamente no amo com uma grande expressão de anciedade.

Muito perturbado, Pombal completamente se esqueceu do paralytico e poz-se a lêr para si este inesperado decreto:

«Por justos motivos que me foram presentes, julguei não convir ao meu real serviço que n'elle continuasse o marquez de Pombal no exercicio de secretario de estado dos negocios do reino, ordenando-lhe que saisse da minha côrte e fizesse a sua assistencia na villa de Pombal, não esperando que, depois d'esta demonstração, se atrevesse, com affectada e frivola occasião de formar uma contrariedade com um pleito civil que se movia, a fazer uma apologia do seu passado ministerio, a qual fui servida desapprovar pelo meu real decreto de 3 de setembro de 1779, e mandando-o ouvir e interrogar sobre varios casos que contra elle resultavam, não só se não exonerou d'elles, mas até antes, com

as suas respostas e differentes averiguações a que mandei proceder, se qualificaram e aggravaram mais as suas culpas; o que, sendo tudo visto por uma junta de ministros, a que me pareceu encarregar este negocio, foi vencido por elles que o dito marquez de Pombal era reu e merecedor de exemplar castigo; a que porém não mandei proceder, attendendo ás graves molestias e decrepita idade em que se acha...

—Magnanima clemencia concedida em nome da rainha por esses vilissimos pygmeus que mentem e me affrontam!—exclamou o Marquez, cada vez mais pallido e mais tremulo.

O Manuel Bento não desfitava do amo o seu olhar dolente e lacrimoso. Agitou as mãos e fez um esforço labial como se quizesse dizer alguma coisa, mas apenas lhe saíram hesitantes, torturadas, sumidas, estas duas palavras, que o amo não podia ouvir.

—Sr... Marquez!

Pombal já tinha reatado a leitura d'este seguimento do decreto:... «lembrando-me mais da clemencia do que da justiça, e tambem porque o dito marquez me pediu perdão, detestando o temerario excesso que commettêra...

—Mentem em nome da rainha!—exclamou interrompendo-se outra vez. Das faltas que tivesse commettido é que eu pedi perdão e nenhuma assignalei. Para me esbofetearem com o perdão, não era preciso calumniar a minha fraqueza!

E continuou a lêr: «pelo que sou servida perdoar-lhe as penas corporaes, que lhe deveriam ser impostas, ordenando se conserve da côrte na distancia de vinte leguas, emquanto por mim lhe não fôr determinado o contrario; deixando, porém, illesos e salvos os direitos e justas pretenções que possa ter a minha corôa e fazenda, e egualmente os que devem ter alguns dos meus vassallos, para que em juizos competentes possam conseguir o ser indemnisados das perdas, damnos e interesses em que o dito Marquez os tiver prejudicado...

E depois de uma brevissima interrupção, levou as mãos á garganta, como se alguma cousa o estivesse suffocando, e continuou a lêr: «porque a minha real intenção é só perdoar-lhe a pena afflictiva da satisfação da justiça, e não a satisfatoria das partes e do meu patrimonio real, podendo as mesmas partes e os meus procuradores régios usar dos meios que forem legitimamente competentes contra a casa do referido Marquez, assim em sua vida como depois da sua morte.»

E, sem acabar de lêr o fecho d'aquelle decreto, que vinha datado do palacio de Queluz, arrojou-o de si convulsivamente.

—Rejeito o ignobil perdão! Não tinham fundamentos para uma sentença e mandam-me este vilissimo decreto! Perdôam-me a pena afflictiva por piedade pela minha velhice enferma! Mentem! Até n'isto hypocritas!

«Não me levam ao patibulo porque têem mêdo.

«Mêdo, sim! Para a minha memoria ha um tribunal supremo que se chama a Europa.

«Eu não sou o duque de Aveiro, nem os Tavoras, nem o Malagrida..... Eu sou o marquez de Pombal. Faz differença!

E n'esta crise de exasperado orgulho, em que falára alto, turbado de colera, não reparára no rosto do Manuel Bento, dolorosamente contrahido.

Mas ouvin umas palavras rouquejadas, inintelligiveis, e reparou então n'aquelle angustiado amigo, com os olhos pregados n'elle e as lagrimas a escorrerem-lhe do rosto, como para revelarem o muito que a bocca lhe não podia dizer.

O Marquez foi para elle affectuosamente.

—Manuel Bento! Choras por mim!

E com ternura de irmão, o grande e glorioso Pombal enxugou o rosto d'aquelle amigo obscuro e inexcedivelmente dedicado.

* * *

Aquelle decreto abalára-o profundamente. E, todavia, o Marquez desbaratava as suas derradeiras forças escrevendo uma nova defeza, que se intitulava—*Petição de recurso, feita á serenissima rainha D. Marial.*

Tinham-se-lhe acalmado as indignações com que lêra o insolito decreto. Era preciso justificar-se, por causa dos filhos. Estava sobre elles uma terrivel ameaça n'estas palavras firmadas pela rainha: *podendo as mesmas partes e os meus procuradores*

régios usar dos meios que forem legitimamente competentes contra a casa do referido Marquez, assim em sua vida, como depois da sua morte.

—E' preciso defendel-os!—dizia comsigo como para incitar-se áquella fatigante tarefa com que ja não podia.

«Por qualquer conluio e embuste dos meus inimigos os podem reduzir a miseria.... principalmente quando já os não poder proteger nem sequer a sombra do que eu fui.

* * *

Ruy de Noronha tornára a Lisboa por causa do Marquez. Alcançou apenas saber que nada por então se intentava contra o glorioso desterrado e que não seria impossivel que a rainha lhe concedesse licença para ir ás Caldas.

Entre varias informações que trouxéra ao Marquez avultavam duas, que o encheram de estranheza.

—Entrou a dôr e o lucto nos paços reaes.

—Apezar de tantas injustiças contra mim, sinceramente deploro os infortunios que affligem a rainha.

«Podia chamar-lhes castigo de Deus, mas nunca affrontei Deus, attribuindo-lhe vinganças por conta dos homens.

—E como se as maguas de familia não bastassem para opprimir o espirito da rainha, por tantas causas quasi desvairado, houve contra ella uma tentativa de regicidio!

—Contra a rainha?!

—Contra ella, no paço, em audiencia, e por um padre da extincta companhia de Jesus!

—E' espantoso! E na sua bocca não creio que seja um embuste.

—De que eu seria incapaz, sr. Marquez. Ouvi que o padre jesuita Manuel da Rocha Cardoso, alcunhado o *Cardeal*, foi preso no paço, quando em audiencia arrebatadamente se encaminhou para a rainha em attitude ameaçadôra.

«A sr.ª D. Maria I descobrira as coronhas de umas pistolas, que o padre trazia debaixo da batina, e, quasi louca de pavor, gritou contra elle.

«Prenderam-no e effectivamente lhe encontraram duas pistolas carregadas.

«Seria um desesperado ou um louco? Não o sei dizer a v. ex.ª O que eu sei é que este caso se conta com assombro em toda a cidade e que, a instancias do alto clero e do Nuncio, segundo se diz, a rainha perdoou ao padre, limitando-se a mandal-o desterrado para a Italia (*)

—Não me surprehende nem me regosija. Aconselharam a rainha a perdoar ao jesuita e perdoou-lhe, provavelmente sem o mandar infamar como me fizeram a mim!

E logo que Ruy de Noronha se despediu, continuou a resumir documentos justificativos da riqueza da sua casa e dos actos do seu governo.

Era o seu derradeiro esforço. Entrára o anno de 1782. Em fevereiro, o cirurgião Lorenzzo Guaglia fôra a Pombal despedir-se do Marquez, ia partir para a Italia.

As enfermidades do desterrado aggravaram-se com espantosa rapidez.

Em fins de abril ja em todo o paiz se sabia que o Marquez estava perigosamente doente.

Havia quem suppozesse que a mudança de ares e o tratamento nas Caldas o poderiam salvar, mas a régia licença não chegava!

* * *

Era a 7 de maio. Notava-se extraordinario movimento na villa. De manhã chegára o bispo de Leiria e com elle o conde de Lumiares, que casualmente se achava n'aquella cidade.

De Lisboa viéra, havia alguns dias, o segundo conde de Oeiras.

O prelado de Leiria foi logo de manhã visitar o Marquez. Encontrou-o quasi moribundo, mas com o espirito em plena lucidez e o animo admiravelmente resignado. O Marquez conheceu-o perfeitamente e falou-lhe com demonstrações de estima (**)

Estavam chegando algumas pessoas im-

(*) Saiu a bordo do navio *Orion*. A tentativa do padre Cardoso deu-se nos fins de outubro de 1781. Vidé volume 6.º, pag. 41 da *Historia de Portugal*, por Pinheiro Chagas, publicada pela *Empreza Litteraria de Lisboa*).

(**) «No dia 7, fui vêr o Marquez de Pombal pelo ultimo perigo em que se achava; eu lhe falei, e elle me conheceu com demonstrações de estimar aquella visita» etc. (Carta do bispo de Leiria na collecção publicada por Biker).

portantes dos arredores da villa e da cidade de Coimbra.

Esperava-se que chegasse tambem o bispo-conde e citavam-se os nomes de alguns lentes da Universidade que viriam assistir aos ultimos momentos do grande Marquez e haviam mandado preparar hospedagem na villa.

A morte era tida por inevitavel e algumas coisas estavam já preparadas para esse previsto desenlace.

Ao cair da tarde, os sinos da villa tocavam os repiques de *Senhor fóra.*

Juntou-se muita gente no adró da egreja matriz.

—E' para o Marquez?—perguntavam os ultimos que iam chegando.

—E'. Pelos modos d'esta é que elle não escapa.

D'ali a instantes, ouvia-se a campainha da irmandade do Santissimo, e atraz do pallio a multidão cantava o *Bemdicto.*

No quarto do moribundo, a Marqueza e as filhas choravam silenciosamente; á cabeceira do leito, muito dobrado, mais branco do que os santos de marfim, o velhinho Damião de Castro; por detraz d'elle, esmorecido, o conde de Oeiras. A' porta, compungidos, Jorge Gustavo e Ruy de Noronha.

Muito desfigurado, o Marquez falava a espaços, lenta e sumidamente, de animo sereno, o espirito ainda cheio de luz.

Estava anoitecendo, quando foi sacramentado.

A' saída do acompanhamento ouviram-se gritos roufenhos, inintelligiveis.

Vinham do quarto do Manuel Bento. Ouviu-os Ruy de Noronha e correu para lá.

O paralytico agitava os braços e nos olhos cheios de lagrimas tinha uma expressão de indifinivel angustia.

—O que tem elle?—perguntou Noronha ao creado que estava ao pé da cadeira de rodas.

—Pelo que eu entendo, quer que o leve ao quarto do nosso amo.

—Sr... Marquez... vêl-o!—conseguiu roupuejar aquelle que fôra dedicadissimo companheiro de Sebastião de Carvalho.

—Pois sim—disse-lhe Noronha affectuosamente. Esteja socegado. Ha de ir vêl o. Depois.

«Agora o sr. Marquez está descançando.

«Ha de ir vêr o seu grande amigo, Manuel Bento.

E os olhos do paralytico volveram-se para Ruy de Noronha n'um movimento de supplica e n'um immenso desafogo de pranto.

Ao outro dia, quarta-feira 8, ainda de madrugada, o Marquez chamou D. Leonor Ernestina e disse-lhe muito baixo:

—Peço-lhe... que vá repousar... Eu agora... estou melhor... Vá, Leonor... Ficam os meus... amigos... E olhe... a hora é de perdão... Peço-lhe... Desejava que viessem... vêr-me... as pessoas... que sabe...

A Marqueza percebeu e deu-lhe o assentimento n'uma explosão de soluços.

—Bem haja... Leonor. Vá repousar... Sinto-me agora mais alliviado.

As filhas beijaram-lhe a mão e retiraram-se. A Marqueza saíu amparada pelo conde de Oeiras.

Pouco depois iam tambem descançar as outras pessoas da familia, que tinham velado toda a noite.

Jorge Gustavo falou baixo com o Marquez e saíu. Ficaram Damião de Castro e Ruy de Noronha.

—E tu... meu santo... não vaes descançar?

—Descançarei depois—respondeu amarguradamente Damião de Castro.

Estava a amanhecer quando o Coronel voltou trazendo Helena e Julia.

Foi uma despedida lancinante! Na alma do Marquez ainda resurgiu o sonho longinquo de Joanna Richter, evocado pela filha estremecida, e a celestial visão de Leonor de Riba d'Anta como que lhe enchia os olhos fitos n'aquella encantadora neta.

Depois, por entre a neblina das lagrimas, suppunha vel-as envoltas na luz branca do luar... a luz dos sonhos, a luz dos tumulos.

* * *

Estavam no quarto sómente Damião de Castro, Jorge Gustavo e Ruy de Noronha.

—Isto... está proximo—disse o Marquez, ainda em pleno uso da razão.

«Meus amigos... dos maiores... falta aqui um... Manuel Bento... Olhem por elle.

«Damião de Castro... peço perdão a Deus

dos meus peccados... como homem... Do que fiz... como ministro... nenhum perdão tenho de pedir...aos homens... Os odios... irão ter commigo... Defendei-me... Adeus... Acaba-se isto... (*)

E o seu espirito, até então lucidissimo, começou a desvairar n'um breve delirio.

Jorge Gustavo correu a prevenir o conde de Oeiras.

—Isso está feito—murmurou o Marquez. Cuidar dos vivos... enterrar os mortos... Satisfação... soberba Inglaterra... Ninguem se dobra á Hespanha... Logar-tenente d'el-rei... As minhas escolas... as minhas fabricas... Agora Portugal... vaes a vela... Os corvos!... os corvos!... Azas tamanhas!... as roupêtas d'elles!... Filhos! Filhos!... Defendei-me!... Os meus coveiros!... além... além... prisioneiro d'elles!

—Jesus!—exclamou Damião de Castro, pondo as mãos—dae-lhe a luz da vossa infinita misicordia!

Tinha expirado um dos maiores homens de estado de todos os tempos, o maior que ainda tivéra Portugal.

Minutos depois chegava da côrte um official de dragões com uma carta de officio para o Marquez.

Era a licença para ir ás Caldas.

Na sua immensa consternação, o conde de Oeiras não a poude ler. Foi Ruy de Noronha quem a leu.

—Chega tarde a régia clemencia!—disse Noronha para o official. O sr. Marquez de Pombal já morreu.

Ao entardecer, os sinos da villa dobravam lugubremente.

Casa onde morreu o Marquez

(*) A morte foi felicissima pelo conhecimento que d'ella teve, com juizo claro e acções catholicas.» (Carta do bispo de Leiria, anteriormente citada.)

«Antes de expirar pediu perdão a Deus pelos muitos peccados que tinha commettido como homem, declarando, ao mesmo tempo, que não tinha que o pedir por culpas commettidas voluntariamente como ministro, havendo-o acompanhado d'esta sorte até os derradeiros instantes da sua vida a vaidade do seu governo.» (Carta do dr. Ribeiro dos Santos, transcripta pelo sr. Theophilo Braga a pag. 668, 669 e 670 do vol. III da sua *Historia da Universidade de Coimbra*).

XII

ıS FUNERAES

No dia immediato, o lente de anatomia da Universidade, chegado na vespera, procedia á dissecção do cadaver para o embalsamar (*)

Assistia Ruy de Noronha, impondo aquelle sacrificio á sua profunda magua.

—Que extraordinaria grandeza de coração!—observou o lente de anatomia.

—Tamanho, que ahi couberam, com os odios de tantas luctas sem tregnas, o amor da familia e o amor da patria, na mesma excepcional grandeza!

E Ruy de Noronha volveu um olhar de commovido assombro para aquelle enorme coração, inerte, sangrento, inutil.

—Dr., pulsou ahi dentro a mais energica paixão de patriota que ainda viu o nosso tempo. Represou-se ahi dentro um mar de ambições, em que havia ondas de luz, e um mar de amarguras, que tinha ondas de lagrimas!

Passaram minutos de absoluto silencio.

—O cerebro é tambem fóra do commum! —notou o lente. (**)

—Como o seu genio, como o seu nome, como a sua obra. Assim era preciso que fosse, para contêr o plano gigantesco do engrandecimento de uma nacionalidade.

Concluida a longa operação, vieram amortalhal-o com o habito de cavalleiro e commendador da Ordem de Christo.

Fizeram-lhe do quarto camara ardente e ali o tiveram até ao dia 11, em que foi transferido para a sala principal, ornada de lucto.

Iam muitas pessôas vêl-o. A sala funeraria estava franqueada ao povo. Velevam o féretro os seus raras e devotados amigos.

A gente das aldeias visinhas entrava cheia de ingenua curiosidade e de supersticioso assombro, e ficava-se pasmada a olhar para aquelle grande morto, que mandára mais do que o rei e cujo nome enchêra o paiz do espanto e de temor.

—Aquillo é que foi um *Homem!*—disse á frente d'um grupo de visitantes um velho bem trajado.

—Até parece agora maior!—observou uma mulher.

—Dizem que deixou no testamento uma grande esmola de doze moios de trigo para a pobreza—accrescentou outra mulher.

—Doze moios em cada um anno—explicou outra. (*)

—E' como quem diz p'ra riba de setecentos alqueires!... Pãozinho p'ra muita gente desgraçada cá da villa!

(*) «Vinte e quatro horas depois de expirar, principiou o Professor de Anatomia da Universidade de Coimbra a dissecção preparatoria para se lhe embalsamar o corpo;... (Carta já citada do Dr. Ribeiro dos Santos).

(**) «Principiou-se a embalsamar na tarde de quinta-feira, achando-se-lhe junto ás entranhas um folle com 58 pedras triangulares de côr parda, que as vi contar, maiores que grãos de milho; e no collo da bexiga algumas outras da mesma côr, mas mais pequenas; alguma agua na cabeça, bastantes miolos, o coração de extraordinaria grandeza e todas as mais partes do seu corpo sem queixa alguma.» (Carta do bispo de Leiria, já anteriormente citada.)

O coração media *palmo e meio*, segundo a affirmação do Dr. José Correia Picanço, que foi quem embalsamou o Marquez.

(*) «Deixou doze moios de trigo para se repartirem annualmente pelos pobres de Pombal... (Carta do dr. Ribeiro dos Santos, já citada).

—Não volta cá outro assim! —disse alguem dolorosamente, a chorar.

Era o *Casaca*. O pobre homem saíra de Lisboa a toda a pressa, logo que lá corrêra a noticia de que o Marquez estava em perigo de vida; mas só póde chegar a Pombal no dia seguinte ao da morte do grande homem.

A' bocca da noite entraram umas mulheres embiocadas. Ajoelharam e estiveram rezando. Ninguem lhes viu o rosto.

Uma d'ellas murmurára antes de se erguer:

—Senhor Jesus, perdoae-lhe vós, como eu lhe perdóo.

A' saida, Jorge Gustavo e Ruy de Noronha foram ao seu encontro e disseram-lhes breves palavras em voz baixa.

Eram Helena e Julia, com as duas irmãs de Jorge Gustavo.

A que murmurára aquellas palavras de perdão era *Soror Branca*, a freira doente que estava a ares na quinta, essa que fôra o primeiro amor e a derradeira visão de José Maria de Tavora.

* * *

Já tinha chegado o bispo-conde D. Francisco de Lemos e com elle alguns lentes da Universidade.

Estavam em Pombal musicos e cantores de egreja, que tinham vindo de Coimbra e de Leiria. Padres, vieram alguns d'aquellas duas cidades e muitos das freguezias mais proximas da villa.

Estamos em 12 de maio. E' um domingo. E' difficil transitar pelas ruas de Pombal, tanta é a multidão que vem assistir aos funeraes do famoso desterrado. (*)

De todos os lados, o sussurro caracteristico dos grandes ajuntamentos.

E' noite. A multidão espera impaciente. Noite de primavera, lucida e quente. Começam a accender as tochas defronte da casa do Marquez.

Pelas 10 horas, poz-se o cortejo a caminho da egreja de S. Antonio dos Capuchos. (**).

Leva a chave do caixão o Dom Prior de Guimarães; pegam ás argolas, por turnos, os lentes da Universidade e algumas pessoas das mais importantes da villa.

O povo não sabe dizer o que sente, mas percebe que levam ali *alguem* extraordinario, que fez falta.

—Vae com uma linda noite!—observou uma velhita.

—Este havia de cá poder voltar!—disse um rustico.

A' porta da egreja, o féretro foi recebido pelo bispo D. Francisco de Lemos.

A egreja estava sumptuosamente armada de lucto. A eça era opulenta. Contava-se que o bispo D. Francisco de Lemos quizéra fazer toda a despeza dos funeraes, em homenagem ao glorioso amigo, que não pudéra esquecer (*)

Começaram os officios. A' mesma hora, no quarto do Manuel Bento, o santo Damião de Castro soluçava a reza dos mortos ao pé do pobre paralytico, a quem uma apoplexia fulminára.

O Manuel Bento ouvira os gritos doloridos da Marqueza e das filhas, depois os passos dos homens que desciam com o caixão, aquelle ruido inconfundivel de quando levam um morto de casa. Comprehendeu tudo, o sangue refluiu-lhe á cabeça, e a morte apiedou-se d'elle.

* * *

Na segunda-feira cantou missa o Dom Prior de Guimarães e seguiram-se cinco responsos.

De tarde, officiou *Vesperas*, *Matinas* e *Laudes* o bispo de Coimbra, e, conforme a opinião do prelado de Leiria, *com bom côro e boa musica de Coimbra e Leiria* (**).

No dia 14, officiou de pontificat o bispo D. Francisco de Lemos.

Subiu ao pulpito o monge benedictino fr. Joaquim de Santa Clara, doutor da faculdade de theologia, e começou um sermão, que foi notabilissimo, eloquente e desassombradamente justo.

Entraram então na egreja Jorge Gustavo e Ruy de Noronha, que vinham de casa da Marqueza.

(*) «O concurso de povo que acudiu de todos os lados visinhos foi tão grande, que excedia o numero de seis mil pessoas.» (Carta já citada do dr. Ribeiro dos Santos.)

(**) «No domingo, ás 10 horas da noite, foi conduzido o corpo em andas.» (Carta do bispo de Leiria de 14 de maio, publicada por Biker.)

(*) «Todo o gasto é seu, e com a maior grandeza, e não o fará com dez mil cruzados.» (*Ibidem.*)

(**) Carta de 14 de maio, já citada.

Do pulpito, apontando o cadaver, n'um movimento de commovida e justiceira eloquencia, o monge benedictino clamava, sem que o intimidassem os odios da côrte contra o gigantesco desterrado:

—«O marquez de Pombal é morto: o sabio, o laborioso, o intrepido ministro, o homem extraordinario, que a Providencia tinha tirado dos seus thesouros para combater contra as desgraças do seu seculo; o marquez de Pombal é morto!

«Mas a profundidade dos seus conhecimentos, a extensão da sua alma, a lembrança dos seus longos trabalhos, a imagem sempre presente dos seus grandes serviços, a utilidade e a felicidade publica, puderam fazer parar a rapidez dos seus annos, pondo-os, como em deposito, no seio d'essa gloria incorruptivel, que o fará immortal em todas as edades». (*)

Quando fr. Joaquim de Santa Clara desceu do pulpito, Jorge Gustavo e Ruy de Noronha foram cumprimental-o e beijaram-lhe as mãos enternecidamente.

Ao outro dia distribuiam-se pelos pobres os pannos de lucto com que fôra ornada a egreja.

Entre os mendigos, appareceu o velho de rosto queimado. Levou tambem um quinhão d'aquella dadiva luctuosa.

Alguem estranhou que o horroroso mendigo recebesse o pedaço do panno funerario com uma contracção dos labios, que ninguem poderia perceber se era para reprimir um sorriso de escarneo, se para disfarçar um gesto de dó. (**)

Para o tumulo do Marquez se escreveu um epitaphio em latim, que era attribuido por uns ao bispo D. Francisco de Lemos, e por outros a fr. Joaquim de Santa Clara.

Volvidos alguns dias, e antes de partirem para Lisboa, foram á egreja de Santo Antonio, em piedosa romagem, Helena e Julia, acompanhadas de Jorge Gustavo e Ruy de Noronha.

Estiveram a orar; depois foram ver o tumulo provisorio do grande Marquez.

Ruy de Noronha ia-lhes fazendo a traducção do epitaphio, que ellas ouviam commovidamente.

AQUI JAZ.
SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO.
MARQUEZ DE POMBAL.
MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO.
DE D. JOSÉ PRIMEIRO.
REI DE PORTUGAL.
O QUAL REEDIFICOU LISBOA.
ANIMOU A AGRICULTURA.
ESTABELECEU AS FABRICAS.
RESTAUROU AS SCIEMCIAS.
REPRIMIO O VICIO.
PREMIOU A VIRTUDE.
DESMASCAROU A HYPOCRISIA.
DESTERROU O FANATISMO.
REGULOU O ERARIO REGIO.
FEZ RESPEITADA A SOBERANA AUCTORIDADE
CHEIO DE GLORIA.
COROADO DE LOUROS.
OPPRIMIDO PELA CALUMNIA.
LOUVADO PELAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS.
COMO RICHELIEU.
SUBLIME NOS PROJECTOS.
IGUAL A SULLY.
NA VIDA E NA MORTE.
GRANDE NA PROSPERIDADE.
SUPERIOR NA ADVERSIDADE.
COMO PHILOSOPHO.
COMO HEROE.
COMO CHRISTÃO.
PASSOU PARA A ETERNIDADE.
AOS 83 DA SUA EDADE.
E 27 DA SUA ADMINISTRAÇÃO.
ANNO DE 1782.

Helena e Julia choravam.

(*) Este sermão foi impresso vinte e nove annos depois no Rio de Janeiro, sem o nome do auctor. Aquelle trecho vem reproduzido na collecção de Biker, á qual nos temos referido.

(**) Entre as diversissimas tradições que por ahi correm ácerca da vida mysteriosa de José Polycarpo de Azevedo, um dos que deram os tiros em el-rei D. José, ha uma em que se figura o regicida vivendo da mendicidade e acabando a final como criado em um moinho do sitio da Fervença, entre Mira e Cantanhede.

Dizem que só á hora da morte confessára quem era.

EPILOGO

Corrêra em Lisboa que o Marquez havia ido umas exequias magestaticas. Morderam-se de raiva os odientos pygmeus.

O ministro do reino, visconde de Villa Nova da Cerveira, mandou proceder a uma devassa, em que este assombroso caso se apurasse. Honras magestaticas nos funeraes d'aquelle desterrado, que se tornava cada vez maior, dia a dia mais lembrado, inaccessivel na historia aos odios da côrte, ao rancôr das sacristias, aos decretos da Ajuda! Era escandaloso! (*)

Apurou-se a verdade. O funeral fôra uma apotheose.

O bispo D. Francisco de Lemos caíu ainda mais das graças da côrte; fr. Joaquim de Santa Clara foi desterrado para o convento de Tibães, (**) e do tumulo provisorio foi apagado o epitaphio encomiastico! (***)

Era até aonde podiam chegar as unhas dos corvos contra o gigante morto!

(*) Vidé *Historia da Universidade de Coimbra* pelo sr. Theophilo Braga, tomo III, pag. 671.

(**) «Quando Fr. Joaquim de Santa Clara foi eleito arcebispo de Evora, a Curia Romana exigiu-lhe a retractação de algumas proposições implicitas n'esse discurso (o das exequias do Marquez), o que elle não fez por insinuação do governo.» (Na obra acima citada, pag. 669, nota final.)

(***) «Tendo lido attentamente as ultimas paginas d'estas Memorias, não deve o leitor surprehender-se sabendo que o governo, perseguindo a memoria do fallecido ministro, com o mesmo espirito de vingança com que lhe amargurou os ultimos annos da sua vida, mandou apagar do seu tumulo o epitaphio que acabamos de vêr.» (John Smith, *Memorias do Marquez de Pombal*, pag. 335 da traducção portugueza.)

* * *

Jorge Gustavo e Ruy de Noronha mudaram para Lisboa, trazendo comsigo o santo velhinho Damião de Castro, que a morte lhes levou poucos mezes depois.

Foram com elle, immaculado evangelista, as bençãos e as lagrimas de Helena e Julia, as suas adoraveis enfermeiras.

Portugal completava uma deploravel marcha de retirada, como um exercito, ao qual subitamente houvesse faltado o invicto generalissimo, arbitro da victoria e da força, chefe que ninguem mais sabia egualar, e a quem mais ninguem podia succeder.

Encheram-se mais os conventos e a breve praso esmoreciam as escolas e iam-se fechando as fabricas. Estava em terra a obra do Marquez. Portugal já não era um povo resurgido na civilisação, nem uma potencia politica imposta ao respeito da Europa. Estendia-se de bruços aos pés da Curia, volvia-se outra vez em feitoria dos mercantões inglezes, dobrava-se humilhado ás fanfarronadas do hespanhol e submettia-se á vaidade escarninha do francez!

Perdia o seu destino historico a entoar ladainhas e sabia ler muito melhor que os *Luziadas* a *Cartilha* do padre Ignacio!

Podia ser crente e viril como fôra o santo Condestavel, ou como os seus indomitos cruzados, corações cheios de fé, almas excepcionaes consagradas ao sonho da patria; mas tinham feito d'elle, afinal, um ridiculo *Tartufo!*

Nas suas tempestades de luz e nas suas saturnaes de sangue, a *Revolução* vinha encontral-o no ultimo posto da Europa

culta, ignorante, mesquinho, mais fraco do que nunca!

Governavam os *piedosos varões* e a nação caía! Destruiram em dez annos a obra colossal que levára o dobro do tempo a edificar!

E o *impio*, o *tigre sanguinario*, o *ladrão*, dormia o somno interminavel no seu esquecido tumulo de Pombal!

* * *

A Europa agitava-se n'uma convulsão enorme. Vibrava no mundo, a tiros de canhão, a epopeia napoleonica.

As aguias do primeiro Bonaparte esvoaçavam triumphantes sobre os campos de batalha; os batalhões francezes cruzavam a Europa, formidaveis, ovantes, destruidores como legiões antigas, e o soberbo *Corso* erguia os seus marechaes no throno dos reis e dava-lhes por manto a bandeira das nações vencidas.

N'aquella conjunctura estonteadora, perdida a tradição pombalina, a diplomacia portugueza andou de rojo pelas chancellarias de Paris, de Madrid, de Londres!

Mas o soldado resgatou a obra humilhadôra do diplomata. A alma antiga resurgio, o sangue fez o seu dever; a patria defendeu-se, venceu, additou uma grande pagina de heroicidades á sua longa e prodigiosa historia.

Foi na terceira invasão franceza (1810). Fizéra-se um deserto deante do invasor; a lucta era sem treguas. Enfurecidos pela resistencia, os soldados de Massena passavam assoladores como as terriveis hordas medievaes.

As populações indefezas andavam a monte, escondidas pelos algares das serranias, esparsas pelas charnecas distantes, asyladas no recesso dos pinhaes.

Velhos, creanças, mulheres, gente inutil para a guerra! Os válidos, os que podiam bater-se, esses eram soldados, milicianos, guerrilheiros. A nação estava em armas.

As *aguias* passavam, aguias rutilantes de Austerlitz e de Friedland, e as aldeias ficavam em chammas, os templos profanados, os tumulos revolvidos, e, como um rasto lugubre da marcha invasora, o sangue dos velhos assassinados e os cadaveres das mulheres violentadas!

Massena entrou em Pombal. A soldadesca indisciplinada e faminta sentia as impaciencias do saque. Estavam nas egrejas as maiores riquezas. Para o roubo, essas primeiro.

Mas a villa tinha um nome, que *alguem* tornára conhecido na Europa.

O quartel general estabelece-se em Santo Antonio dos Capuchos. O templo está aberto, as portas de par em par; a soldadesca fareja o saque.

Massena sabe entender o distico latino de um tumulo que avulta na egreja. Era o do marquez de Pombal.

Os *grandes homens* de 1782 tinham mandado apagar o epitaphio encomiastico. Outro ficára bem singelo, mas esse bastava, porque tinha o seu nome.

E o marechal, que não pudéra conter a soldadesca irreverente, que tantas obras primas mutilára, essa mesma soldadesca infrene que depois violou os tumulos de Alcobaça e da Batalha, mandava escrever no modestissimo sepulchro do odiado *Sebastião José* esta soberba homenagem de tres palavras:

Respectez ce tombeau.

Rotos completamente os laços da disciplina, abatidos, esfaimados, em farrapos os brilhantes uniformes, os francezes tornaram a passar em Pombal. Iam em retirada (1811).

Então os soldados vencidos, ou mãos de cá, aproveitando aquella hora de vandalismo e de latrocinio, abriram o tumulo do Marquez e espalharam pela egreja a ossada do gigante! (*)

A' frente das suas tropas o marechal Ney sustentava a retirada do exercito de Massena. Em Pombal trava combate com as avançadas do exercito anglo-portuguez.

As tropas de Ney retiram para a Redinha. As avançadas dos alliados perseguem-nas, e os seus feridos entram em Pombal.

A soldadesca enfurecida deixára parte da villa em chammas. E como a fumaceira

(*) «Uma vez foi perturbado o somno d'este grande homem, não para o honrar, mas para roubal-o! No dia seguinte áquelle em que Massena entrou em Pombal, alguns miseraveis entraram na egreja de Santo Antonio, despojaram das roupas o esqueleto do Marquez, da espada e das esporas, e dispersaram-lhe os ossos pela egreja.» (Francisco Luiz Gomes, *Le Marquis de Pombal*, t. pag. 360 e 361.)

d'aquelle incendio, se ia esfarrapando nos ares a lenda invicta do primeiro Bonaparte!

Um velho official portuguez, que está apenas levemente ferido, dirige-se ao hospital de sangue para receber o primeiro curativo e entra pouco depois na egreja de Santo Antonio. Vae com elle um moço tenente de infanteria, que na batalha do Bussaco praticára assombros de valor.

O velho official foi direito ao tumulo que fôra violado. Parece que ficou dolorosamente surprehendido, porque se tornou muito pallido e recuou alguns passos, apoiando-se ao moço official.

—Selvageria infame!—exclamou de olhos fitos na ossada esparsa e nos apodrecidos farrapos, derradeiro espolio d'aquelle tumulo.

«Filho, ajuda-me!—disse para o tenente.

E foram juntando piedosamente e depondo no tumulo os restos do homem extraordinario que ali repousára.

—Filho, n'este craneo viveu, luminoso e grande, o pensamento de uma patria portugueza, forte e prospera, esta santa e gloriosa patria pela qual tu e eu nos fizemos soldados!

* * *

Tinha chegado á villa o marechal Wellington, commandante em chefe do exercito portuguez e inglez.

O marechal entrou na egreja de Santo Antonio e perguntou pelo tumulo do *grande Marquez*.

Indicaram-lh'o. O inglez abeirou-se do sarcophago e verberou a ignobil profanação. Depois, apontando a ossada, disse a meia voz para o seu chefe do estado maior:

—Foi ainda maior do que Pitt!

Era a mais alta homenagem que o orgulho de um inglez podia prestar áquelle glorioso extincto. (*)

Vibram fora os clarins e as cornetas, rufam os tambores. Estava tocando a unir. Na Redinha travava-se um violento combate. Era preciso avançar.

Os dois officiaes portuguezes sáem rapidamente da egreja.

—Pae, dê-me a sua benção!—disse o moço tenente para o official mais velho, coronel de um dos muitos regimentos de milicias que andavam em campanha com o exercito de primeira linha.

«O meu regimento vae marchar.

—João, por tua mãe e por mim, que Deus te abençôe e vá comtigo. E pela santa bandeira, filho, por esta nossa terra de tamanha historia, a tua espada e o teu sangue, como no Bussaco.

—Pae, como no Bussaco!

—João, adeus! Eu irei tambem com o meu regimento.

—Se as vicissitudes da guerra... se não puder voltar... um beijo para a minha adorada mãe.

E abraçaram-se enternecidamente. O velho chama-se Ruy de Noronha; o filho é o primogenito d'aquella encantadora Julia que se parecêra com Leonor de Riba d'Anta.

A mãe ainda vivia em Lisboa. O avô e a avó—Jorge Gustavo e Helena Richter—esses tinham já fallecido.

Ia em marcha o regimento de João de Noronha, as bayonetas a faiscarem ao sol e a fluctuar nos ares a bandeira esburacada no Bussaco.

E de olhos fitos no regimento, a sumir-se ao longe, Ruy de Noronha murmurava:

—Alma e sangue como antigamente! E ainda é o que nos salva!

(*) Eu não sei, Senhores, entre dois factos de que ainda hontem colhi a noticia, a qual d'elles dê mais valor: não sei qual é mais expressivo e forte. Se o grande homem do seculo (Wellington) que poude fazer embainhar a victoriosa espada do maior Capitão que a historia moderna conta e talvez a antiga, depondo o louvavel orgulho nacional e cheio de respeito deante das cinzas do illustre Marquez de Pombal, dizendo com intima convicção: «Este foi maior do que Pitt,» ou se o bravo Capitão (Massena), que invadiu a nossa terra com inimiga força, repassado de consideração pelo merito, escrevendo com a ponta da espada hostil sobre aquella campa: «Respeitae este tumulo.» (Conego J. M. da Silva Ferrão de Carvalho Martens—*Oração funebre na trasladação dos restos mortaes* do Ill.mo e Ex.mo Sr. Sebastião José de Carvalho e Mello, etc., 1856—pag. 30.)

*

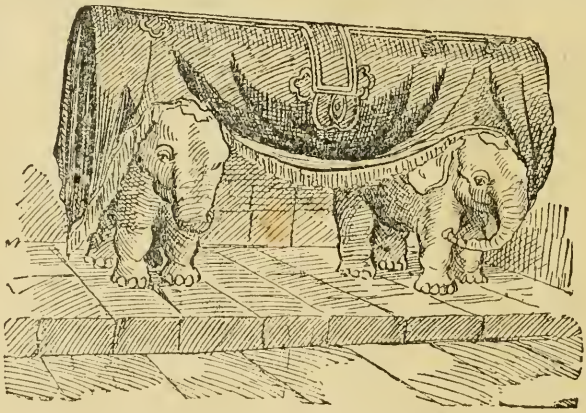
William Pitt é o mais brilhante ministro que tem tido a Inglaterra e um dos mais extraordinarios homens de estado que ainda teve a Europa.

* * *

Foi de altivas glorias para nós, portuguezes, aquella guerra contra o soberbo *Corso*. Tivemos auxiliares estranhos, mas tambem contra as ambições napoleonicas se confederaram alliadas a Russia, a Austria, a Prussia, a Italia e a Suecia. Eram inglezes os dirigentes das nossas tropas, mas os soldados que démos para a sanguinolosa lucta egualaram-se aos mais brilhantes que ainda tivera a Europa, na insuspeita opinião dos proprios vencidos.

A alma e o sangue fizeram o seu dever.

Ruy de Noronha morreu á frente dos seus milicianas em um combate na fronteira. O filho, esse, esteve na batalha de Albuera com a brigada épica de portuguezes, que ali assegurou a victoria dos exercitos alliados; depois na porfiada batalha dos Arapiles e na outra formidavel de Victoria. Foi dos mais destemidos na batalha dos Pyreneus: entrou em França com o glorioso exercito da terra portugueza; peleou nas sangrentas batalhas de Nivelle e Nive e Orthez e cahiu morto á bayonetada na batalha de Tolosa, a 10 de abril de 1814.



Antigo tumulo do Marquez na egreja das Mercês

Estava em farrapos a lenda napoleonica, mas esta santa epopèa da independencia custára-nos o sangue de quinze mil soldados, mortos ou feridos em tantas campanhas victoriosas!

* * *

Em 1833 a effigie do prodigioso morto foi restituida ao monumento da *Praça do Commercio*. Era a reivindicação de uma apotheose que mãos obscuras de pygmeus haviam profanado torpemente. (*)

Vinte e trez annos depois, (1856) as ossadas do Marquez eram solemnemente trasladadas de Pombal para a egreja das Mercês. Tardía homenagem!

Em 1882 celebrou-se calorosamente o primeiro centenario da morte do extraor-

(*) «Este militar (Bartholomeu da Costa) e o criado desceram a sepultura com o segredo; porém o sobrinho, que foi depois official de engenheiros, acompanhando n'esta qualidade o marechal, hoje duque de Saldanha, a Montevideu, quando foi tomar o commando de uma divisão militar em 1817, pareceu-lhe que era inutil guardar por mais tempo o segredo. Por conseguinte descreveu com tanta certeza e exactidão o esconderijo da effigie, que o Marechal viu que podia, quando regressasse a Portugal, descobrir o thesouro que tanto tempo estivera occulto. Grandes acontecimentos politicos de que resultou a emigração e a guerra civil, obstaram a que o Marechal durante muito tempo, se certificasse da verdade do que referira o dito official. Finalmente, depois que foi collocada no throno D. Maria II, o Marechal fez o Duque de Bragança D. Pedro, sciente do caso. D. Pedro manifestou logo o desejo que tinha de que a effigie outra vez fosse posta no seu respectivo logar, e determinou que o dia designado para este effeito fosse o do seu anniversario natalicio.» (John Smith, *Memorias do Marquez de Pombal*, pag. 299 da traducção portugueza.)

E assim foi que, a instancias do brilhante Marechal que vencêra Artigas e Bourmont, salvára a liberdade no cêrco do Porto e a glorificára em Almoster, D. Pedro IV mandou publicar o seguinte decreto, em que de algum modo galardoava tambem Saldanha, neto illustre do Marquez.

«Sendo geralmente, reconhecido que o Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, fôra o Portuguez que mais honrou a Nação no seculo passado, que distincto pelos seus conhecimentos variados, firme apelo seu caracter, instruido pelas suas meditações e pelas suas viagens, e sobretudo dotado de um amor

dinario homem de estado. Ephemera justiça!

O odio antigo, esse nem morreu nem lhe perdôa!

Cravou-lhe as unhas na historia e cobriu-lhe o tumulo com uma roupêta, em guisa de panno funerario.

Na egreja para onde lhe trasladaram as cinzas, o *Marquez* é ainda um *desterrado*.

da Patria, de um zelo do bempublico, e de um interesse pelo decoro e independencia nacional, que sempre o levavam nobremente a promover o bem do seu paiz, e a naturalisar n'elle as vantagens da industria, da civilisação, do commercio e das artes; não é menos sabido que a inconstancia dos tempos, e o capricho dos homens pretenderam denegrir na Patria o conceito que nunca fóra d'ella foi disputado a tão illustre genio, e fizeram, com ingratidão incrivel, desapparecer a sua imagem do centro d'aquella mesma cidade, que elle tinha feito renascer das cinzas, para ser uma das mais bellas Capitaes da Europa.

«Tomando, pois, todos estes motivos na devida consideração, e Querendo ao mesmo tempo tributar ao grande homem a justiça que lhe e devida, e apagar os vestigios de uma ingratidão, de que a geração presente regeita a responsabilidade, e desapprova o erro: Hei por bem, em nome da Rainha, que a imagem em bronze do Marquez de Pombal, Sebastião José da Carvalho e Mello, que havia sido arrancada do pedestal da Estatua Equestre de meu Augusto Avô, de quem fóra tão leal servidor, e de quem tão zelosamente procurara sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar; e que por lembrança do dia, em que se praticou este acto de justiça, se lhe ajunte por baixo, em lettras de bronze, a inscripção seguinte: 12 de outubro de 1833.—Palacio das Necessidades, em 10 de outubro de 1833.—D. Pedro, Duque de Bragança.»

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE DOS CAPITULOS

SEGUNDA PARTE

A COMPANHIA DE JESUS

I — O Homem 5
II — O dia de Anno Bom 21
III — Continuando a lucta 35
IV — Os exercicios de Santo Ignacio 50
V — Em casa do Duque 64
VI — O primeiro filho 73
VII — A favorita de El-Rei 81
VIII — A emboscada 89
IX — Disfarces 109
X — Durante a doença do rei 120
XI — A caça aos regicidas 130
XII — O processo dos Tavoras 143
XIII — Perdão 155
XIV — Horrivel! 167
XV — Odio antigo 179
XVI — A expulsão dos Jesuitas 196
XVII — Pela barra fóra 213
XVIII — A soberba Inglaterra 226
XIX — O Nuncio expulso 244

TERCEIRA PARTE

DECREPITO!

I — No botequim do Casaca 265
II — A sua obra 280
III — A guerra imminente 301
IV — A morte do rei 314
V — A canalha 327
VI — Para longe da côrte 338
VII — Novas de Lisboa 347
VIII — O barão de Cormatin 358
IX — Longa tortura 373
X — Ultimo interrogatorio 386
XI — Hora final 394
XII — Os funeraes 402
Epilogo 405

INDICE DAS GRAVURAS

SEGUNDA PARTE

Paulo de Mendonça acercou-se do ministro 15
Helena e as irmãs de Jorge 25
Damião de Castro e Jorge Gustavo 30
O plano de Miguel Nogueira 45
Devoções 57
A Marqueza de Tavora (Em 1730) 59
O Manuel Alvares e a Mariannninha 65
O ministro inclinou-se para a pequenina 79
Desfecharam contra a sége 103
O Duque e Sebastião de Carvalho 117
A Marqueza avisando o filho 135
A Mariannninha perante o tribunal 145
A supplica 165
No cadafalso 171
Monge 177
Gaspar de Lemos 193
Marco do Chão Salgado 210
O velho creado 243
Miguel Nogueira 255

TERCEIRA PARTE

O estudante Noronha 272
O palacio do Marquez em Oeiras 287
Ante o cadaver do rei 325
Apedrejando o busto 336
Ultima despedida 346
A filha do Coronel 361
Levado para o interrogatorio 391
Casa onde morreu o Marquez 401
Antigo tumulo do Marquez na egreja das Mercês 408

ERRATA DO 1.º VOLUME

Por engano de paginação saiu com o n.º 233 a pagina que devia ter o n.º 231 e vice-versa. Só tarde se deu por este erro, e quando já não era possivel dar-lhe remedio.

ESCLARECIMENTOS

A segunda nota da 1.ª columna da pagina 158 d'este segundo volume não saiu como tinha sido emendada na segunda revisão.

Escrevêra-se que a altura maxima da serra da Arrabida era de 499 metros acima do nivel do mar. Depois substituiu-se este dizer pela altitude media, mas ficou ainda a expressão *acima do nivel do mar*, absolutamente desnecessaria.

*

* *

Jorge Gustavo é um nome romanesco. Houve um official subalterno que no 1.º de novembro de 1755 deu provas de heroica intrepidez no commando da guarda da Moeda — o facto é perfeitamente historico — mas o seu nome não era o que lhe démos no romance.

Neste ponto nos podêmos escudar com o precedente de Rebello da Silva no seu formoso romance — *A mocidade de D. João V*. Duas figuras historicas nos apparecem ali mascaradas com os nomes que o brilhantissimo escriptor lhes impoz.

Nem vale a pena citar mais precedentes. O velho e glorioso Dumas ia muito mais longe nas suas liberdades de romancista. Subordinava á ficção romanesca os factos capitaes da historia e transfigurava á luz do seu prodigioso talento as grandes individualidades resurgidas, para as erguer como figuras primaciaes dos seus admiraveis romances.

*

* *

Não indicamos alguns lapsos de revisão, por nos parecerem de minima importancia e de facil emenda no proprio decurso da leitura.

OBRAS DO AUCTOR

As possessões portuguezas — Um volume. (Edição esgotada).

A Torpeza. — Aproposito dramatico, escripto e representado depois do *Ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890 (Edição esgotada).

Victorias d'Africa — Um volume de 330 paginas, com estampas. (Edição esgotada).

A filha do regedor — Comedia em 3 actos, representada no theatro do Gymnasio.

Guerreiro e Monge — Romance historico. Um volume em formato grande com 170 paginas, 81 gravuras e 1 mappas.

A 2.ª edição está esgotada. Prepara-se a 3.ª, revista e ampliada, em typo e papel especial e com illustrações de alguns dos nossos mais notaveis artistas.

PARA PUBLICAR

A Consciencia — Drama em 4 actos, representado em Portugal e no Brazil.

O nariz de céra } Comedias em 3 actos, representadas no Gymnasio.
O Major. }

A propriedade d'este romance no Brazil pertence ao sr. Henrique Chaves, director da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

PQ
9261
C2394M3
1899
v.2

Campos, Antonio de
O marquez de Pombal

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY